dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

# JAMES POTTER
# E A TRAVESSIA DOS TITÃS

**George Norman Lippert**

Baseado nos personagens e universos de J. K. Rowling



Formatação/Conversão ePub: **Reliquia**

Traduzido para o português: **LLL**

Composta por:
Máfia dos Livros . - Brasil
Armada Tradutora - Brasil
LLL - Hispanoamérica e Espanha
HPImagens e PotterNews - Portugal



*James Potter e a Travessia dos Titãs* (a "Obra") é uma Fan Fiction da série Harry Potter e não foi criado pela autora original da história, J.K. Rowling, nem responde aos seus patrocinadores. Nos casos em que a marca registrada da série (os "Direitos do Autor") são usadas na Obra, tal uso é eventual e não contém propósitos de indicação de fonte. Estes tipos de marcas comerciais são e continuarão sendo propriedade da Sra. Rowling e seus agentes. Pela presente, o autor renuncia a qualquer interesse de ditos

Direitos de Propriedade. A obra criada por G. Norman Lippert © 2007, traduzida pela equipe LLL Divisão Luso-Brasileira © 2008.

# Como se sente o filho do mago mais famoso de todos os tempos?

James Potter acredita saber, porém quando começa sua própria aventura na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, descobre que é todo um desafio estar à altura da lenda do grande Harry Potter.

Como se não fosse suficiente ter de lidar com as autoridades da Escola de Magia Americana e com os misteriosos e corteses sonserinos, James e seus novos amigos, Ralf e Zane, descobrem um complô secreto que poderia levar o mundo mágico e trouxa a guerra total.

Agora, com a ajuda de Ted Lupin e sua turma de alegres causadores de alvoroço (os Malignos), James revela o terrível objetivo da “Conspiração Merlim”, correndo contra o tempo para deter uma

guerra que poderia transformar o mundo para sempre. Mas como poderia saber se seus esforços estão ajudando a causa ou facilitando os planos de seus inimigos? Antes de James sabê-lo, terá de aprender a diferença entre ser um herói e ser filho de um.

**Nota sobre a Edição Brasileira**

James Potter, filho de Harry Potter, corresponde a Tiago Potter nas edições traduzidas da série Harry Potter para o Brasil.

# SUMÁRIO


Prólogo
- CAPÍTULO 1 -
A Sombra de uma Lenda
- CAPÍTULO 2 -
A Chegada de Alma Aleron
- CAPÍTULO 3 -
O Fantasma e o Intruso
- CAPÍTULO 4 -
O Elemento Progressivo
- CAPÍTULO 5 -
O Livro de Austramaddux
- CAPÍTULO 6 -
O Encontro de Harry à Meia-Noite
- CAPÍTULO 7 -
Lealdade Quebrada
- CAPÍTULO 8 -
A Fortaleza da Gruta
- CAPÍTULO 9 -
O Debate da Traição
- CAPÍTULO 10 -
Férias no Largo Grimmauld
- CAPÍTULO 11 -
As Três Relíquias
- CAPÍTULO 12 -
Visum-Ineptio
- CAPÍTULO 13 -
A Revelação da Túnica
- CAPÍTULO 14 -
A Travessia dos Titãs
- CAPÍTULO 15 -

O Espião Trouxa
- CAPÍTULO 16 -
O Desastre do Cajado de Merlim
- CAPÍTULO 17 -
A Noite do Regresso
- CAPÍTULO 18 -
A Assembléia da Torre
- CAPÍTULO 19 -
Segredos Revelados
- CAPÍTULO 20 -
A História do Traidor
- CAPÍTULO 21 -
O Presente da Caixa Verde

*Portanto tenho uma cadeira alta de marfim para sentar-me, Quase como a cadeira de meu pai, a qual é um trono de marfim; Ali eu sento-me erguido e ereto, ali eu sento-me sozinho.*

- Christina Rossetti

# Prólogo

O Sr. Cinza assomou-se pela esquina e contemplou o corredor que se estendia para o tênue infinito, salpicado com balões flutuantes de luz prateada. Tinha percebido que os balões eram pântanos de fogo, encapsulados num encantamento de caracol temporário de forma que resultassem inextinguíveis. Ele nunca tinha ouvido falar de um pântano de fogo, e muito menos de um encantamento de caracol temporário, mas de igual modo o Sr. Cinza nunca tinha estado num lugar parecido com o Corredor dos Mistérios. Estremeceu.

- Não vejo ninguém - sussurrou para as duas silhuetas atrás dele. - Não há portas nem fechaduras, nada. Vocês acham que, talvez, eles estejam usando barreiras invisíveis ou algo do tipo?

- Não - respondeu gravemente uma voz. - Nos contaram exatamente onde estavam os dispositivos de segurança, certo? Esta seção está limpa. A sentinela é a única coisa que deveria nos preocupar. Se vocês não vêem nada, continuem.

O Sr. Cinza arrastou os pés.

- Eu sei o que nos foi dito, mas tenho um mau pressentimento, Bistle. Tenho um sexto sentido para estas coisas. Minha mãe sempre me disse isso.

- Não me chame de Bistle, seu estúpido sem noção - disse a voz grave, que pertencia a um estranho duende cinzento com camisa e calças pretas. - Quando estamos trabalhando sou o Sr. Amarelão. Estou me lixando para o seu sexto sentido. Você que é um grande covarde quando está num lugar desconhecido. Quanto mais cedo terminarmos, mais cedo iremos para a cabana comemorar.

A terceira figura, um homem alto e velho, com um comprido cavanhaque branco, caminhou e passou pelo

Sr. Amarelão e avançou com indiferença corredor abaixo, examinando as portas.
- Vê como o Sr. Rosa faz? - disse o Sr. Amarelão, seguindo-o de perto e olhando ao redor. - Sabe confiar em sua informação, ele sabe. Sem sentinela, sem problemas. Certo, Sr. Rosa?
O Sr. Cinza trilhou após o Sr. Amarelão, franzindo a testa amplamente e observando as misteriosas portas. Tinha centenas - talvez milhares - delas ao longo do interminável corredor. Nenhuma possuía nomes ou marcas de nenhum tipo. À frente, o Sr. Rosa podia ser ouvido contando suavemente pela respiração.
- Por que tenho que ser eu o Sr. Cinza? - disse o Sr. Cinza petulantemente. - Ninguém gosta de cinza. Nem é uma cor praticamente.
O duende o ignorou. Depois de vários minutos, o Sr. Rosa parou de andar. Os srs. Amarelão e Cinza detiveram-se atrás dele, olhando ao redor com as sobrancelhas franzidas.
- Este não pode ser o lugar, Sr. Rosa - disse o duende. - Não existem portas nesta seção. Tem certeza que contou direito?
- Eu contei direito - disse o Sr. Rosa. Olhou fixamente para o chão, e em seguida, arranhou uma seção de lajotas de mármore com seu pé. Havia uma lasca no canto de uma delas. O Sr. Rosa grunhiu e ajoelhou-se. Ele sondou o canto rompido com um dedo. Assentiu para si mesmo, depois enganchou o dedo no buraco e deu um puxão. Uma parte retangular do azulejado se ergueu, abrindo-se com o puxão do dedo do Sr. Rosa. Fez força e o bloco retangular do solo deslizou para cima, como uma longa gaveta vertical, erguendo-se com um barulho irritante até que tocou o teto. O bloco estremeceu. Era tão largo e alto quanto uma porta, e apenas alguns centímetros mais espesso. O Sr. Cinza olhou em volta e podia ver o interminável corredor do Salão dos Mistérios expandindo-se atrás dele.

- Como você sabia que estava aí? - exigiu o Sr. Amarelão, cruzando o olhar com o Sr. Rosa.
- Ela me disse - o Sr. Rosa respondeu, dando de ombros.
- Ela disse, não é? Há algo mais que você sabe e ainda não tenha nos contado?
- Só o suficiente para nos tirar daqui - replicou o Sr. Rosa. - Você é o especialista em fechaduras, o Sr. Cinza é a força bruta e eu sou o guia. Todos nós sabemos o que precisamos saber, nada mais.
- Certo, certo, eu me lembro - resmungou o duende. – Deixe-me continuar com isso, então, sim?
O Sr. Rosa ficou ao lado enquanto o Sr. Amarelão chegava mais perto da misteriosa laje de pedra. Estudou cuidadosamente, entortando os olhos e murmurando. Ele pôs uma de suas enormes orelhas contra a pedra e golpeou aqui e ali. Por último, procurou no bolso de sua camisa preta e pegou um complicado aparelho feito de dezenas de voltas de latão. Desdobrou uma e observou através dela a lousa de pedra.
- Dificilmente vale o esforço, realmente - murmurou. - É uma fechadura *homunculus*. Só se abre quando é apresentado um conjunto predefinido de circunstâncias. Pode ser que só se abra quando uma jovem ruiva cantar o hino nacional da Atlântida as três em ponto de uma quinta-feira. Ou quando a luz do sol é refletida em um espelho rachado no olho de uma cabra. Ou quando o Sr. Cinza vender um fantasma para uma salamandra roxa. Vi uns bons fatores *homunculus* em meus tempos, sim.
- Esta é boa, então? - perguntou o Sr. Cinza com otimismo.
O duende sorriu abertamente, mostrando uma grande quantidade de minúsculos dentes pontiagudos.
- É como diz o Sr. Rosa, não? Todos nós sabemos o que precisamos saber para completar o trabalho. - Procurou em outro bolso e puxou para fora um minúsculo frasco de cristal cheio de um pó vermelho. Cuidadosamente, o

duende abriu o frasco e derramou o conteúdo no chão ante a placa de pedra. O pó se remoinhou enquanto caía, de maneira que quando tocou o solo, formou um padrão regular não natural. O Sr. Cinza baixou os olhos e viu que tinha tomado a forma de uma mão esquelética com um dedo apontando para a placa.

O Sr. Amarelão sacou uma pequena ferramenta de latão e murmurou:

- *Acculumos*. - Um estreito feixe de luz verde brilhou saindo da extremidade do aparelho. O duende agachou e colocou cuidadosamente a ferramenta na mão óssea, de modo que a luz apontou no ângulo exato que apontava o dedo esquelético.

O Sr. Cinza ofegou e deu um passo para trás. Viu que a luz cuidadosamente disposta do instrumento do Sr. Amarelão, não tinha sido colocada de forma aleatória sobre a superfície áspera de pedra da placa. O jogo de luzes e sombras revelou uma gravura decorada de um esqueleto sorridente rodeado por uma dança de formas travessas. A mão direita do esqueleto estava estendida, formando algo parecido com a trava de uma porta. A mão esquerda faltava, e o Sr. Rosa estremeceu novamente, consciente de que essa mão era a formada pelo pó vermelho no chão.

- É uma dança macabra - disse o Sr. Amarelão estudando a gravura. - Uma dança da morte. Revelada com pó de sangue de dragão e luz de caverna. Sim, isso é bom, Cinza.

- Dá para abrir, então? - perguntou o Sr. Rosa ligeiramente.

- Nunca esteve trancada - respondeu o duende. - Simplesmente tínhamos que saber onde pegar. Sinta-se à vontade para fazer as honras, Sr. Rosa.

O homem alto e barbudo aproximou-se da laje, tomando o cuidado para não bloquear a luz verde. Estendeu a mão e fechou-a ao redor do punho esquelético estendido da gravura esquelética. Girou-o, produzindo

um estalo suave e chiante. A forma gravada da porta abriu-se para dentro, revelando um grande espaço escuro e um som de água que gotejava distante. Um ar frio saiu pela abertura, enchendo o corredor e fazendo ondular a camisa preta do Sr. Amarelão. O Sr. Cinza tremeu quando o suor em sua testa se esfriou.
- Aonde leva isso? Esse lugar nem sequer é aqui, se é que vocês me entendem.
- Claro que não é - respondeu laconicamente o Sr. Amarelão, que também estava claramente abalado. - É o depósito oculto. Falaram-nos dele, como todo o resto. Aí é onde está o cofre. Vamos agora, não temos muito tempo.
O Sr. Rosa os conduziu através da entrada da porta, agachando-se para passar por ela. Tornou-se evidente pelo cheiro e o eco de seus passos que estavam numa profunda caverna. O Sr. Rosa sacou sua varinha e a acendeu, mas isso revelou pouco mais que a brilhante e úmida rocha sob seus pés. A escuridão absorvia a luz, e o Sr. Cinza tinha a sensação de que se encontravam num lugar tão profundo que nunca tinha visto a luz do sol. Um frio rude e mofado pressionava suas peles, fazendo-os tremer depois do calor no corredor. O Sr. Cinza olhou para trás uma vez e pôde ver apenas a forma da porta que tinham deixado. Brilhava intensamente como uma coluna de luz prateada, como se fosse uma miragem.
- O...onde acham que estamos? - perguntou.
- Em um bolso de ar numa caverna abaixo do oceano Atlântico - respondeu o Sr. Rosa, ainda caminhando.
- Abaixo... - disse debilmente o Sr. Cinza, então engoliu em seco. - Tenho um mau pressentimento sobre isso. Realmente mau. Quero voltar, Bistle.
- Não me chame de Bistle, - disse o duende automaticamente.
- Em todo caso, o que há nesse cofre? - gemeu o Sr. Cinza. - Tomara que tenha muito valor. Não consigo

pensar em qualquer coisa pela qual valha a pena vir a um lugar como este.
- Você nunca se importou com isso. - disse o Sr. Amarelão de forma grosseira. - É mais do que você nunca sonhou. Nunca mais teremos de trabalhar assim novamente. Sem mais trapaças insignificantes nem assaltos à meia-noite. Uma vez que tivermos o cofre, estaremos feitos para sempre.
- Mas o que há nele? - insistiu o Sr. Cinza. - O que há dentro do cofre?
- Bem, vamos ter de esperar para ver, não é?
O Sr. Cinza parou de andar.
- Você não sabe, é?
O Sr. Amarelão cuspiu.
- Não importa o que seja, seu estúpido. Contaram-nos que era mais do que nunca poderíamos sonhar, não contaram? Tudo o que temos que fazer é roubar a caixa e dar os vinte por cento ao nosso informante interno. Não nos ajudariam a invadir o Ministério da Magia se não considerassem que sua parte vale a pena, não? Além disso, o Sr. Rosa sabe o que é. Por que você não pergunta para ele?
- Eu também não sei - disse o Sr. Rosa pensativamente.
Houve um longo momento de silêncio. O Sr. Cinza podia ouvir o constante gotejo da água ressoando na escuridão.
Finalmente o Sr. Amarelão falou:
- Você também não sabe?
O Sr. Rosa sacudiu sua cabeça lentamente, pouco visível à luz de sua própria varinha.
O duende franziu as sobrancelhas.
- Cada um de nós sabe o que precisa saber, não?
- Tudo o que precisamos saber é aonde ir - disse o Sr. Rosa. - Quando chegarmos lá, saberemos o que fazer.
O duende assentiu, lembrando-se.
- Tudo bem então. Vamos, Sr. Rosa. Você é nosso guia.
- Já chegamos - replicou o Sr. Rosa. - A partir daqui é

trabalho do Sr. Cinza. - Virou-se e fez brilhar sua varinha acima deles. Um rosto horrível e monstruoso apareceu na escuridão, iluminado com a débil luz prateada da varinha. Os joelhos do Sr. Cinza tremeram.
- É só uma estátua, seu tolo - grunhiu o Sr. Amarelão. - É a cabeça de dragão da qual nos falaram. Vamos, abra. Faça sua parte, Sr. Cinza.
- Odeio esse nome, - disse o Sr. Cinza, avançando rumo à cabeça de dragão. Era mais alta que ele, curiosamente formado pelas estalactites e estalagmites da parede da caverna. - Eu queria ser o Sr. Roxo. Eu gosto de Roxo.
Agachou-se e deslizou as mãos entre os escorregadios dentes da mandíbula superior do dragão. O Sr. Cinza possuía uma força incomum, mas erguer a mandíbula do dragão necessitou de cada grama de sua imponente energia. O suor deslizou por seu rosto e pescoço enquanto esforçava-se, mas a estátua não se movia. Finalmente, exatamente quando o Sr. Cinza tinha certeza de que seus músculos rasgariam e soltariam dos ossos, ouviu-se um som como de cristal destroçado e a mandíbula se soltou. As estalactites que formavam as dobradiças da mandíbula se quebraram. O Sr. Cinza levantou a mandíbula até ficar alta o bastante para que os outros dois a atravessassem.
- Depressa! - ordenou através dos dentes cerrados.
- Só não solte essa maldita coisa sobre nós - gemeu o Sr. Amarelão enquanto ele e o Sr. Rosa mergulhavam para o interior da mandíbula escancarada do dragão.
A passagem após a cabeça do dragão era baixa e quase perfeitamente redonda. Estalactites e estalagmites rodeavam o espaço como pilares suportando um teto plano e abobadado. O chão de pedra formava diferentes níveis que desciam para o centro, onde uma estranha forma se acomodava na escuridão.
- Isso não é um cofre - afirmou o Sr. Rosa, sem rodeios.
- Não - concordou o Sr. Amarelão. - Mas é a única coisa aqui, não é? Acha que nós dois podemos carregar?

O Sr. Rosa desceu os terraços, deixando o duende para trás. Eles estudaram o objeto por um momento e, em seguida, o Sr. Rosa colocou a sua varinha entre os dentes. Inclinou-se, agarrando o objeto, e fez um sinal com a cabeça para o duende agarrasse o outro lado. Era surpreendentemente leve, apesar de estar coberto de cálcio e outros minerais. De uma forma desajeitada, eles carregaram o objeto pelos terraços. A luz da varinha do Sr. Rosa balançava e sacudia, fazendo com que suas sombras saltassem freneticamente nas paredes sustentadas por pilares.

Finalmente, empurraram o objeto através da mandíbula aberta da estátua de cabeça de dragão. O Sr. Cinza suava abundantemente e seus joelhos tremiam. Quando viu que seus colegas tinham passado, soltou a mandíbula superior que se fechou subitamente e se estilhaçou, produzindo uma nuvem de pó arenoso e um barulho ensurdecedor. O Sr. Cinza caiu de costas sobre o chão de pedra da caverna, cansado pelo esforço.

- Então que é isso? - perguntou o Sr. Amarelão, ignorando a pesada respiração do Sr. Cinza. - Não parece valer uma fortuna.

- Eu nunca disse que valia uma fortuna - disse uma voz na escuridão por trás deles. - Simplesmente disse que era suficiente para que não tivessem que se preocupar durante o resto de suas vidas. Engraçado como uma frase como essa pode ter tantos significados, não?

O Sr. Amarelão virou-se, procurando a fonte da voz, mas o Sr. Rosa virou-se a volta lentamente, quase como se estivesse esperando. Uma figura se formou na escuridão. Estava vestida com roupas negras. O rosto estava escondido atrás de uma horrível máscara cintilante. Mais duas figuras vestidas de forma parecida surgiram da escuridão.

- Reconheço sua voz - disse o Sr. Rosa. - Eu deveria saber.

- Sim, - concordou a voz. - deveria saber, Sr. Fletcher,

mas não sabia. Seus anos de experiência não podem competir com sua inata cobiça. E agora é tarde demais.
- Espere - chorou Amarelão, atirando as mãos para o alto. - Tínhamos um acordo! Você não pode fazer isso! Tínhamos um trato!
- Sim, nós tínhamos, meu amigo duende. Muito obrigado por seus serviços. Aqui está seu pagamento.
Um lampejo de luz laranja emergiu de uma das figuras mascaradas, golpeando o Sr. Amarelão no rosto. Ele tropeçou e agarrou a garganta com força, deixando escapar sons de asfixia. Caiu para trás, ainda se retorcendo.
O Sr. Cinza ficou de pé, trêmulo.
- Isso não está certo. Você não deveria ter feito isso com Bistle. Ele só fez o que você pediu.
- E nós apenas estamos fazendo o que prometemos - disse gentilmente a voz por trás da máscara. Houve outro lampejo de luz laranja e o Sr. Cinza caiu pesadamente.
As três figuras mascaradas aproximaram-se, rodeando o Sr. Rosa. Ele os olhou desesperadamente.
- Pelo menos me digam o que é - ele disse. - Contem-me o que é esta coisa que fizeram nós conseguirmos para vocês, e por que nos mandou pegá-la em vez de vocês mesmos fazerem isso.
- Sua última pergunta, eu receio, não é da sua conta, Sr. Fletcher - disse a voz, girando ao seu redor. - É como dizem: se contássemos a você, teríamos que matá-lo. Se fizéssemos assim não estaríamos cumprindo nosso trato. Prometemos cuidar de você durante o resto de sua vida e temos a intenção de cumprir essa promessa. Pode ser que não seja uma grande vida, concedida, mas os mendigos não podem escolher.
Uma varinha apareceu, apontando para a cara do Sr. Rosa. Não tinha utilizado o nome Fletcher por anos. Desistiu dele quando desistiu de ser um vigarista. Tinha tentado duramente ser bom e honesto. Mas então o

tinham contatado para realizar este trabalho: um trabalho dentro do Ministério de Magia, um trabalho tão perfeito, com um pagamento tão grande, que simplesmente não era capaz de recusar. Naturalmente, decepcionaria a todos seus velhos amigos da Ordem, mas, de qualquer forma, a maioria deles já estava morta. Ninguém mais sequer sabia seu verdadeiro nome. Ou pelo menos isso pensava. Aparentemente, essas pessoas sabiam quem era ele o tempo todo. Usaramno, e agora iam se desfazer dele. De certa forma, isso se encaixava. Ele suspirou.
A voz continuou.
- Quanto à primeira pergunta, entretanto, espero que possamos responder. Parece justo. E depois de hoje, para quem iria contar? Você veio em busca de um cofre de riquezas porque é você um homem pequeno com objetivos pequenos. Nós não somos pequenos, Sr. Fletcher. Nossos objetivos são grandes. E graças a você e os seus parceiros, agora temos tudo o que precisamos para conseguir esses objetivos. Nossa meta é o poder, e o que vê aqui sãos os meios para este poder. O que vê aqui, Sr. Fletcher… é simplesmente o fim de seu mundo.
O desespero invadiu Mundungo Fletcher e ele caiu de joelhos. Quando o feixe de luz laranja o golpeou, sufocando-o, cobrindo-o de escuridão. Ele a recebeu com prazer. Ele a abraçou.

# - CAPÍTULO 1 -

# A Sombra de uma Lenda

James Potter movimentava-se vagarosamente pelo corredor do trem, olhando tão friamente quanto possível dentro de cada compartimento. Para quem estava dentro, ele provavelmente pareceria estar procurando por alguém, algum amigo ou um grupo de conhecidos com quem passar o tempo durante a viagem, e isso era intencional. A última coisa que James queria que todos soubessem era que, apesar da confiança que recentemente mostrara ao seu irmão mais novo, Alvo, na plataforma, ele estava nervoso. Seu estômago revirou e fez barulho como se ele tivesse dado uma mordida e meia em uma das vomitilhas de seus tios Rony e Jorge. Ele abriu a porta dobradiça no fim do vagão e passou cuidadosamente pela passagem para entrar no próximo. O primeiro compartimento

estava cheio de garotas. Elas conversavam animadas umas com as outras, já como melhores amigas, apesar do fato de que, provavelmente a maioria, havia acabado de se conhecer. Uma delas virou e o viu observando-as. Ele rapidamente desviou o olhar, fingindo estar olhando pela janela a estação apinhada de gente. Sentindo seu rosto corar, continuou o caminho pelo corredor. Se ao menos Rosa fosse um ano mais velha, ela estaria ali com ele. Ela era uma garota, mas era sua prima e haviam crescido juntos. Teria sido bom ter pelo menos um rosto familiar ali com ele.

Obviamente, Ted e Vitória também estavam no trem. Ted, um setimanista, havia sido tão rapidamente absorvido por um grupo de amigos e colegas de classe que mal teve tempo de acenar e piscar para James antes de desaparecer dentro de um compartimento lotado de onde saía uma batida de música de um novo rádio portátil. Vitória, cinco anos mais velha que ele, o convidara para sentar-se com ela durante a viagem, mas ele não era tão próximo dela como era de Rosa, e não lhe agradava a idéia de ouvi-la tagarelar com as quatro amigas no compartimento sobre *blushes* de pó de diabrete e feitiços para cabelos. Sendo parte *veela*, Vitória nunca tivera problemas para fazer amigos de ambos os sexos, rapidamente e sem esforço algum. Além do mais, alguma coisa em James dizia que ele precisava começar a se virar por conta própria, mesmo que esse pensamento o fizesse se sentir nervoso e sozinho.

Não é que ele estivesse nervoso por estar indo para Hogwarts, exatamente. Ele esperara por esse dia a maior parte de sua vida, desde quando era crescido o suficiente para entender o que era ser um bruxo, desde que sua mãe lhe contara sobre a escola que um dia ele freqüentaria, a escola secreta onde jovens bruxas e bruxos assistiam para aprender magia. Estava positivamente ansioso por sua primeira aula, por aprender a usar sua varinha nova em folha que

carregava orgulhosamente na mochila. Mais do que qualquer coisa, ele estava esperando pelo quadribol no campo de Hogwarts, montando sua primeira vassoura de verdade, fazendo os testes para o time, talvez, apenas talvez...

Mas era aí que sua excitação começava se tornar a uma ansiedade gelada. Seu pai havia sido o apanhador da Grifinória, o mais novo do último século em Hogwarts. O máximo que ele, James, podia esperar era que alcançasse aquele recorde. Era isso que todos esperariam dele, o filho primogênito de um herói famoso. Ele se lembrava da história, contada a ele dezenas de vezes (embora nunca por seu próprio pai) de como o jovem Harry Potter ganhara seu primeiro pomo de ouro pulando virtualmente da vassoura, capturando a bolinha de ouro com a boca e quase a engolindo. Os que contavam a história sempre riam abertamente, com alegria e emoção, e se seu pai estivesse junto, sorriria com vergonha enquanto davam palmadas em suas costas. Quando James tinha quatro anos, encontrou aquele famoso pomo de ouro em uma caixa no fundo de um armário da sala de jantar. Sua mãe lhe contou que fora um presente do antigo diretor da escola para seu pai. As pequenas asas já não funcionavam, e a bolinha de ouro tinha uma pequena camada de poeira e manchas, mas James estava impressionado com ela. Era o primeiro pomo de ouro que ele via de perto. Pareceu-lhe ao mesmo tempo menor e mais largo do que imaginara, e o peso em sua mão o surpreendia. "*Esse é o famoso pomo de ouro*", James tinha pensado com admiração, "*aquele da história, capturado por meu pai*". Ele pediu ao seu pai se podia ficar com ele, guardado na caixa quando não estivesse brincando com ele, em seu quarto. Seu pai concordou fácil e alegremente, e James levou a caixa do fundo do armário para um espaço embaixo da cabeceira de sua cama, ao lado de sua vassoura de brinquedo. Ele

fazia como se aquele espaço fosse seu armário de quadribol. Ele ficava mais de uma hora fingindo sobrevoar o gramado de quadribol, perseguindo o pomo de ouro imaginário, no fim sempre o capturando em uma fantástica queda, pulando, exibindo o velho e descolorido pomo de seu pai para uma multidão de gritos imaginários.

Mas e se James não pudesse capturar o pomo, como seu pai havia feito? E se ele não fosse tão bom sobre a vassoura? Tio Rony dissera que pilotar uma vassoura estava no sangue dos Potter tão certo quantos dragões cuspiam fogo, mas e se James provasse que ele estava errado? E se ele fosse lento, desajeitado ou caísse? E se ele nem ao menos entrasse para o time? Para os outros primeiranistas, seria apenas um pequeno desapontamento. Mesmo com as regras alteradas para os admitirem, pouquíssimos primeiranistas haviam composto os times das casas. Para James, no entanto, significaria que ele não alcançava as expectativas. Já teria falhado em ser tão bom quanto o grande Harry Potter. E se ele não podia ao menos se igualar a seu pai em algo tão simples como o quadribol, como poderia esperar que se sobrepusesse à lenda do garoto que derrotara o basilisco, ganhara a Taça Tribruxo, reunira as Relíquias da Morte, e, ah sim, enterrara Voldy Mofado, o pior e mais perigoso bruxo das trevas de todos os tempos, para sempre?

O trem deu uma longa e barulhenta guinada. Lá fora, a voz do maquinista ordenava que as portas fossem fechadas. James parou no corredor, pego de repente por uma fria certeza de que o pior já havia acontecido, falhara miseravelmente mesmo antes de começar a tentar. Sentiu uma profunda e repentina pontada de saudade de casa e segurou as lágrimas, olhando rapidamente dentro do próximo compartimento. Havia dois garotos dentro, calados, ambos olhando pela janela enquanto a plataforma nove e três quartos ia

lentamente ficando para trás. James abriu a porta e entrou rapidamente, esperando ver sua família lá fora, sentindo uma enorme necessidade de olhá-los nos olhos uma última vez antes que fosse tarde demais. Seu próprio reflexo no vidro, iluminado pela forte luz do sol, borrava a visão da multidão lá fora. Havia muitas pessoas, ele nunca os encontraria no meio daquela aglomeração. Ainda assim, procurou desesperado naquela multidão. E então lá estavam eles. Estavam exatamente onde os deixara, um pequeno grupo de pessoas paradas do mesmo jeito, como pedras em uma correnteza. Eles não o viram, não sabiam em que parte do trem ele estava. Tio Gui e tia Fleur estavam acenando para alguma parte mais adiante no trem, aparentemente se despedindo de Vitória. Papai e mamãe sorriam saudosamente de algo no trem, olhando para as janelas. Alvo estava ao lado de papai, e Lílian segurava a mão de mamãe, silenciados pela gigante máquina vermelha quando ela começou a soltar baforadas de vapor, assobiou e partiu, ganhando velocidade. E então os olhos de mamãe encontraram James e o rosto dela se iluminou. Ela disse alguma coisa, e papai virou, olhou e encontrou-o também. Os dois acenaram, sorrindo orgulhosamente. Mamãe secou os olhos com uma das mãos, segurando a de Lílian com a outra e acenando. James não acenou de volta, mas observou-os e sentiu-se melhor de alguma forma. Eles foram ficando para trás como se estivessem em uma esteira rolante, mais rostos, mais mãos acenando e pessoas na multidão. James observou-os até sumirem atrás de uma parede ao fim da plataforma, então ele suspirou, jogou sua mochila no chão e largou-se em um banco.

Vários minutos passaram enquanto James pela janela via Londres sendo deixada para trás. A cidade se transformou em subúrbios lotados e áreas industriais, tudo parecendo ocupado e determinado sob a luz do sol

da manhã. Ele ficou imaginando, como fazia algumas vezes, como era a vida de uma pessoa não-mágica, e por um momento sentiu inveja deles, indo para suas não-mágicas e menos intimidantes (ou pelo menos assim ele achava) escolas e seus trabalhos. Por fim, voltou sua atenção para os dois garotos que dividiam seu compartimento. Um estava sentado do mesmo lado que ele, mais próximo da porta. Ele era grande, com uma cabeça quadrada, cabelos pretos e curtos. Ele folheava um livreto ilustrado chamado *"Fundamentos em Magia: O que os novos bruxos e bruxas precisam saber"*. James havia visto cópias desse livro sendo vendidas em uma pequena barraca na plataforma. Na capa, um simpático jovem bruxo em vestes de escola piscava enquanto conjurava uma série de objetos de dentro de um malão. Ele havia acabado de exibir uma grande árvore com cheeseburgueres como frutas quando o garoto dobrou a capa para trás e começou a ler um dos artigos. James olhou então para o garoto sentado à sua frente, que o olhava de um jeito descontraído, sorrindo.

- Eu tenho um gato. - disse ele inesperadamente.

James piscou e então reparou na caixa ao lado do garoto. Tinha uma rede pendurada como porta e um pequeno gato preto e branco podia ser visto dentro, espreguiçando-se e lambendo suas patas dianteiras. - Você não é alérgico a gatos, é? - ele perguntou seriamente.

- Ah, não. - James respondeu. - Acho que não. Minha família tem um cachorro, mas minha tia Hermione tem um grande e velho tapete de um gato. Nunca tive problemas com ele.

- Isso é bom. - o garoto respondeu casualmente. Ele tinha um sotaque americano que James achava um pouco irritante. - Minha mãe e meu pai são alérgicos então nós nunca pudemos ter um, mas eu gosto de gatos. Quando eu vi que poderia trazer um, soube que era o que eu queria. Este é Dedinhos. Ele tem dedos

extras, está vendo? Um a mais em cada pata. Não é particularmente mágico, eu acho, mas o torna interessante. O que você trouxe?
- Uma coruja. Está na família há alguns anos. Uma grande coruja de celeiro com muitas viagens nas costas. Eu queria um sapo, mas meu pai disse que um garoto deve começar a escola com uma coruja. Ele disse que não há outro animal tão útil para um primeiranista, mas eu acho que ele só queria que eu tivesse uma porque ele teve.
O garoto sorriu alegremente.
- Então seu pai é um bruxo também? O meu não é. Nem minha mãe. Sou o primeiro na família. Ficamos sabendo do mundo dos bruxos ano passado. Eu mal pude acreditar! Eu sempre achei que magia era o tipo de coisa que acontece nas festas de crianças. Caras com uma cartola preta tirando moedas da sua orelha. Coisas do tipo. Puxa! Você sempre soube que era bruxo?
- Basicamente. É difícil não perceber quando suas primeiras memórias são de seus avós chegando pela lareira na manhã de natal. - James respondeu, vendo os olhos do garoto arregalados. - É claro que nunca me pareceu estranho, sabe. Era normal, era minha vida.
O garoto assobiou com reconhecimento.
- Isso é espantoso e louco! Que sortudo você é! De qualquer forma, meu nome é Zane Walker. Sou dos Estados Unidos, se ainda não percebeu. Meu pai está trabalhando na Inglaterra este ano, porém. Ele trabalha com filmes, o que não é tão excitante quanto parece. Eu provavelmente irei para escola bruxa na América ano que vem, mas parece que é Hogwarts este ano, o que está bom para mim, apesar de que se me derem mais rim ou peixe no café da manhã acho que vou explodir. É bom conhecê-lo. - Ele terminou rapidamente, e cruzou o compartimento para apertar a mão de James com um gesto tão sincero e automático que James quase gargalhou. Ele balançou a mão de Zane alegremente,

aliviado por ter feito um amigo tão rápido.
- Estou feliz por conhecê-lo também, Zane. Meu nome é Potter, James Potter.
Zane sentou-se e olhou para James, inclinando a cabeça curiosamente.
- Potter, James Potter? - ele repetiu. James sentiu uma pequena e familiar onda de orgulho e satisfação. Ele estava acostumado a ser reconhecido, mesmo que fingisse não gostar disso sempre.
Zane meio que franziu a sobrancelha, meio que sorriu.
- Onde está o Q, 007?
James balbuciou.
- O quê?
- O quê? Ah, desculpe-me. - disse Zane, confuso. - Pensei que estivesse fazendo uma piada sobre James Bond. Difícil dizer, com esse sotaque.
- James quem? - disse James, sentindo que a conversa estava indo para um caminho que ele não conhecia. - Qual sotaque? Você é que tem sotaque!
- Seu último nome é Potter? - a pergunta veio do terceiro garoto no compartimento. Ele havia abaixado seu livro um pouco.
- Sim. James Potter.
- Potter! - Zane falou numa correta e ridícula tentativa de imitação do sotaque inglês.  - James Potter! - ele ergueu a mão fechada a frente do rosto, o dedo indicador apontando para o teto como uma pistola.
- Você é parente desse garoto Harry Potter? - disse o garoto maior, ignorando Zane.  - Li sobre ele aqui neste artigo, “Um resumo da história da magia”. Parece que ele era importante.
- Ele não é mais um garoto. - James riu. - Ele é meu pai. Ele parece bem menos importante quando você o vê comendo Cerealitos usando suas cuecas samba-canção toda manhã. - Tecnicamente não era verdade, mas sempre ajudava a fazer as pessoas pensarem que tinham um vislumbre do grande Harry Potter em um momento

íntimo. O garoto ergueu as sobrancelhas, franzindo ligeiramente a testa.
- Puxa! Legal! Diz aqui que ele derrotou o mais perigoso bruxo das trevas de todos os tempos. Um tal de, hã... - Ele olhou para o livro, procurando. - Está aqui em algum lugar. Vold-alguma-coisa.
- Sim, é verdade. - disse James. - Mas, sério, agora ele é apenas meu pai. Isso foi há muito tempo. - Mas o garoto havia voltado sua atenção a Zane.
- Você também é nascido trouxa? - ele perguntou. Zane pareceu desconsertado por um momento.
- O quê? Eu sou nascido o quê?
- Tem pais não bruxos. Como eu. - falou o garoto com seriedade. - Estou tentando aprender a linguagem. Meu pai diz que é importante aprender o básico imediatamente. Ele é trouxa, mas já leu *Hogwarts: uma história* de capa a capa. Ele me fez perguntas sobre tudo. Podem me perguntar alguma coisa. Qualquer coisa. - Ele encarou os dois.
James ergueu as sobrancelhas para Zane, que franziu a testa e balançou a cabeça.
- Hmm. Quanto é sete vezes quarenta e três?
O garoto alto rolou os olhos e abaixou-se no banco.
- Eu *quis dizer* sobre Hogwarts e o mundo dos bruxos.
- Eu tenho uma varinha nova. - disse Zane, esquecendo o garoto e mexendo em sua mochila. - É feita de bétula, com um fio de cauda de unicórnio ou uma coisa assim. Não consigo usá-la ainda. Não por falta de esforço, eu garanto. - Ele virou, sacudindo a varinha, que estava enrolada em um tecido amarelo.
- Sou Ralf, aliás. - disse o garoto maior, colocando o livreto de lado. - Ralf Deedle. Comprei minha varinha ontem. É feita de salgueiro, com um pêlo de bigode de iéti do Himalaia no centro.
James o encarou.
- Um o quê?
- Um pêlo de bigode de iéti do Himalaia. Bastante raro,

de acordo com o homem de quem eu comprei. Custou vinte galeões ao meu pai. O que equivale a um bom dinheiro, eu acho. - Ele estudou as expressões de Zane e James por um momento. - Er… por quê?
James ergueu as sobrancelhas.
- É que eu nunca havia ouvido sobre um iéti do Himalaia antes.
Ralf se mexeu no banco e se curvou seriamente.
- É claro! Você sabe o que eles são. Algumas pessoas os chamam de abomináveis homens das neves. Eu sempre achei que fossem imaginários, sabe. Mas, então, no meu aniversário eu e meu pai descobrimos que eu era um bruxo, e sempre achei que bruxos fossem imaginários, também! Bem, agora estou aprendendo sobre diversas coisas que eu acreditava que eram imaginárias e estão se revelando verdadeiras. - Ele pegou seu livreto novamente e folheou-o com uma mão, gesticulando vagamente com a outra.
- Só por curiosidade, - disse James cuidadosamente. - onde você comprou sua varinha?
Ralf sorriu.
- Hmm, bem, nós achamos que seria a parte mais difícil, não é? Digo, de onde eu vim, ou seja Surrey, não há vendedores de varinhas em cada esquina. Então nós viemos até a cidade cedo, e seguimos as direções para o tal Beco Diagonal. Nenhum problema!
Ali havia um homem na esquina com uma pequena barraca.
Zane observava Ralf com interesse.
- Uma pequena barraca. - James arriscou.
- Sim! Obviamente, ele não tinha as varinhas ali, expostas. Ele estava vendendo mapas. Papai comprou um e pediu direções para ver o melhor artesão de varinhas da cidade. Meu pai desenvolve programas de segurança. Para computadores. Eu mencionei já? De qualquer forma, ele perguntou pelo melhor artesão. Aconteceu que o homem era um mestre em varinhas.

Poucas são feitas por ano, mas ele as guarda especialmente para pessoas que realmente sabem o que estão procurando. Então papai comprou a melhor que ele tinha.
James tentava manter o rosto sério.
- A melhor que ele tinha. - ele disse.
- Sim. - Ralf confirmou. Ele remexeu sua mochila e tirou dela algo mais ou menos do tamanho de um rolo de macarrão, embrulhada em um papel marrom.
- A com o pêlo de iéti. - James confirmou.
Ralf o encarou de repente, a meio caminho de abrir o pacote que ele havia tirado de sua mochila.
- Sabe, soa um pouco tolo quando eu conto, não é? - ele perguntou um pouco descabido. - Ah, vagabundo.
Ele tirou o papel marrom. A varinha media aproximadamente quarenta e cinco centímetros e era tão grossa quanto um cabo de vassoura. A ponta havia sido descascada para ter destaque e pintada de verde. Todos a fitaram. Depois de um momento, Ralf olhou um pouco desesperado para James.
- Não é boa para qualquer tipo de mágica, é?
James balançou a cabeça.
- Bem, seria uma armadilha para vampiros, eu acho.
- É? - Ralf descontraiu-se.
Zane endireitou-se e apontou para a porta do compartimento.
- Vejam! Comida! James, você tem algum daquele dinheiro estranho dos bruxos? Estou com fome.
A velha bruxa que operava o carrinho de comidas olhou para o compartimento através da porta aberta.
Desejam alguma coisa, queridos?
Zane tinha pulado e estava olhando avidamente para a comida, examinando-a séria e criticamente. Ele olhou para James, esperançoso.
- Vamos, Potter, agora é sua chance de receber os nascidos-trouxas com uma pequena generosidade bruxa. Tudo o que eu tenho são dez dólares americanos. - Ele

se voltou para a bruxa. - Você não aceita as verdinhas, aceita?
Ela hesitou e olhou levemente assustada.
- As o quê? Com licença?
- Porcaria. Foi o que eu pensei. - Zane disse, agora balançando sua mão já levantada na direção de James.
James enfiou a mão no bolso da calça, confuso e impressionado com a audácia do garoto.
- Dinheiro bruxo não é igual a esse seu dinheiro comum, sabe. - ele disse de forma repreendedora, mas havia um tom de riso em sua voz.
Ralf olhou por cima de seu livreto novamente, vacilante.
- Ele disse 'merda'?
- Ooooh, olhem para isso! - Zane gritou, alegremente. - Bolos de caldeirão! E varinhas de alcaçuz! Vocês bruxos levam as metáforas realmente a sério. *Nós* bruxos, quero dizer.
James pagou a bruxa e Zane voltou correndo para o banco, abrindo uma caixa de varinhas de alcaçuz. Varinhas de diversas cores estavam dispostas em compartimentos de forma organizada. Zane tirou uma vermelha, brandiu-a e apontou para Ralf. Houve um estampido e uma chuva de delicadas flores púrpuras caiu sobre a parte da frente da camisa de Ralf. Ralf lançou um olhar para elas.
- Melhor do que eu já consegui com minha própria varinha. - disse Zane, mordendo a ponta da varinha com gosto.
James surpreendeu-se e ficou satisfeito em pensar que não estava mais nervoso, ou pelo menos não tanto quanto antes. Ele abriu uma caixa que continha um sapo de chocolate, o pegou no ar quando tinha acabado de saltar, e arrancou sua cabeça fora com uma mordida. Ele observou o fundo da caixa e viu o rosto de seu pai olhando de volta para ele. "Harry Potter, O menino que sobreviveu", dizia o título da figurinha. Ele pegou a figurinha e a entregou para Ralf.

- Tome. Um pequeno presente para o meu novo amigo nascido-trouxa. - ele disse, enquanto Ralf pegava a figurinha. Ralf mal notou o que era. Ele estava mastigando, segurando uma das delicadas flores púrpuras. - Não tenho certeza, - falou, olhando para a flor. - mas acho que são feitas de suspiro.

Depois da correria de excitação e ansiedade iniciais, e de fazer tumultuosas novas amizades, o resto do caminho pareceu consideravelmente mundano. James ora se via atuando como um guia turístico para seus dois novos amigos, ora tendo conversas explicativas sempre que o assunto era centrado no modo de vida dos trouxas. Achou incrível que eles tivessem gastado uma grande parte de suas vidas assistindo televisão. Quando não o faziam, parecia que eles e seus amigos jogavam, fingindo estar dirigindo carros de corrida, entrando em aventuras ou praticando esportes. James, claro, tinha ouvido falar da televisão e dos videogames, mas, tendo como maioria amigos bruxos, supôs que as crianças trouxas somente participavam de tais atividades quanto não havia absolutamente nada melhor para se fazer. Quando perguntou a Ralf por que ele tinha gastado tanto tempo jogando esportes na televisão ao invés de jogá-los na vida real, Ralf simplesmente revirou os olhos, exprimiu um muxoxo irritado, e olhou para Zane procurando por ajuda. Zane deu um tapinha nas costas de James e disse:

- James, cara, é uma coisa dos trouxas. Você não entenderia.

James, pelo contrário, fez o melhor que pôde para explicar sobre Hogwarts e o mundo mágico. Ele lhes

tinha contado sobre como o castelo era ilocalizável, ou seja, não poderia ser achado em nenhum mapa por alguém que já não soubesse sua localização. Descreveu as casas da escola e o sistema de pontos, os quais seus pais haviam lhe contado. Tentou ao máximo explicar o quadribol, o que pareceu deixá-los confusos e, de forma frustrante, sem entusiasmo. Zane tinha tido a idéia ridícula de que somente bruxas poderiam usar vassouras, aparentemente baseado em um filme chamado “O Mágico de Oz”. James tentou pacientemente lhe explicar que ambos os bruxos e bruxas poderiam usar vassouras, e que aquilo não era exatamente uma “coisa de garotas”. Zane, percebendo o constrangimento que a conversa estava causando, passou a insistir que todas as bruxas possuíam pele verde e verrugas no nariz, o que definitivamente piorou a situação.

Exatamente quando a noite começava a transformar o céu numa pálida cor violeta e a marcar a silhueta das árvores além dos vidros do trem, um garoto alto e mais velho, com cabelos louros organizadamente aparados, bateu na porta do compartimento, severo.

- Logo chegaremos à estação de Hogsmeade. - falou, num ar de ligeiro propósito.

- Vocês rapazes, vão querer colocar suas vestes escolares.

Zane franziu as sobrancelhas para o rapaz.

Nós vamos, é? - ele perguntou. - É quase sete horas. Você tem *certeza*? - disse, pronunciando as palavras com seu ridículo sotaque inglês. A fronte do garoto mais velho se tornou rígida.

- Meu nome é Estevan Metzker. Quintanista. Monitor. E você é...?

Zane levantou-se, estendendo sua mão para o rapaz numa imitação do gesto que tinha feito para James no início da viagem.

- Walker. Zane Walker. Prazer em conhecê-lo, senhor

Monitor.
Estevan deu uma olhada na mão oferecida, e decidiu apertá-la, com um visível e enorme esforço. Ele falou ao compartimento da forma mais abrangente possível.
- Um jantar será servido no Salão Principal assim que vocês chegarem aos terrenos da escola. As vestes escolares são obrigatórias. Pelo seu sotaque, senhor Walker, - falou, retirando sua mão e encarando Zane. - presumo que se vestir para o jantar é para você relativamente um novo conceito. Não tenho dúvidas de que logo você se acostumará. - ele olhou para James, deu uma piscadela, e então desapareceu pelo corredor.
- Não tenho dúvidas de que devo! - Zane disse, alegremente.
James ajudou Ralf e Zane a usarem de forma correta suas vestes. Ralf tinha colocado as suas ao avesso, fazendo-o parecer o padre mais jovem que James já tinha visto. Zane, apreciando o visual, virou as suas propositalmente, proclamando que se ainda não era a moda, logo se tornaria. Somente quando James insistiu que isso seria desrespeitoso para com a escola e professores que Zane concordou, relutantemente, em voltar suas vestes ao normal.
James tinha ouvido falar várias vezes e nos mínimos detalhes o que aconteceria quando chegassem. Sabia sobre a estação de Hogsmeade, e até mesmo tinha estado lá algumas vezes quando era bem mais jovem, embora não lembrasse de nada. Sabia sobre os barcos que os levariam através de um lago, e já tinha visto inúmeras imagens do castelo. Mesmo assim, descobriu que nada disso tinha o preparado por completo para o seu esplendor e majestade. Enquanto os barquinhos deslizavam pelo lago, desenhando trilhas no formato de “V”s na água opaca, James maravilhou-se de uma forma que talvez fosse até mesmo maior que a de seus acompanhantes, que tinham vindo sem nem mesmo saber o que esperar. Ele impressionou-se com a

completa grandeza do castelo, que parecia escalar o grande monte rochoso. Havia levantado pequenas torres de proteção, cada detalhe de suas estruturas iluminado de um lado pela aproximação azulada da noite, e do outro pelo sol poente, que se elevava num tom dourado. Uma galáxia de janelas pontilhava o castelo, um amarelo morno brilhando sobre os lados assombreados, reluzindo como fogo sob a luz do sol. A solidez e a sobrecarga de seu tamanho pareceram esmagar James com um temor satisfatório, indo direto em sua direção, cada vez mais baixo, até o seu próprio reflexo profundo no espelho do lago.

Entretanto, havia um detalhe que ele não tinha esperado. Na metade do caminho trilhado no lago, assim que o murmúrio das conversas tinha surgido novamente entre os novos estudantes e eles começaram a assobiarem animados e a chamar uns aos outros, James notou outro barco no lago. Diferentemente daqueles que levavam os alunos do primeiro ano, este não era iluminado por uma lanterna, e nem estava se aproximando do castelo. Assinalado pela luzes de Hogwarts, era maior que os outros barcos, mas suficientemente pequeno para quase se perder nas sombras turvas da beira do lago. Havia uma pessoa nele, esbelta e fina, com uma aparência aracnídea. James achou que se parecia com uma mulher. No momento em que iria se virar e esquecer a visão definitivamente ordinária, a figura olhou para ele, repentinamente, como se soubesse de sua curiosidade. Dentre a escuridão da noite, ele teve quase certeza de que seus olhares se tinham encontrado, e uma frieza totalmente inesperada tomou conta de seu corpo. Era realmente uma mulher. Sua pele era escura, seu rosto ossudo, rígido, com bochechas largas e um queixo pontudo. Um xale estava enrolado em sua cabeça de forma organizada, escondendo a maior parte de seu cabelo. O olhar em seu rosto enquanto assistia o garoto a espiando não era um

olhar amedrontado, tampouco irritado. Na verdade, seu rosto parecia não ter nenhuma expressão. E então ela desapareceu. James piscou, surpreso, antes de perceber, segundos depois, que ela não tinha realmente desaparecido: tinha simplesmente sido ocultada por uma barreira de junco e plantas enquanto os barcos avançavam. Ele balançou a cabeça, sorriu para si mesmo por ter se mostrado um aluno de primeiro ano tipicamente excitado, e então passou a contemplar a visão logo a sua frente.

Uma galera de primeiranistas adentrou o pátio tagarelando de forma apreciativa. James desviou-se e foi para o fundo do grupo quase inconscientemente, enquanto eles escalavam os degraus na direção do corredor iluminado. Lá estava o Sr. Filch, que James reconheceu pelo seu cabelo, a expressão carrancuda e pela gata, Madame Nor-r-ra, a qual ele aninhava nos braços. Lá estavam também as escadas enfeitiçadas, mesmo agora rangendo e chocando-se, formando novas posições para o deleite e temor dos novos estudantes.

E ali, finalmente, encontravam-se as portas do Salão Principal, seus painéis resplandecendo com brandura sob a luz dos candelabros. Enquanto os alunos se reuniam, o barulho da conversa diminuiu até o silêncio. Zane, lado a lado com Ralf, que era quase uma cabeça maior, virou-se e olhou para James sobre seus ombros, levantando as sobrancelhas e rindo.

As portas rangeram e abriram para dentro, luz e sons escapando por elas enquanto revelavam o Salão Principal com todo o seu esplendor. As quatro longas mesas das casas estavam cheias de estudantes, centenas de rostos sorrindo, gargalhando, tagarelando e se saltando alegres. James procurou por Ted, mas não pôde encontrá-lo no meio de tantas pessoas.

O professor alto e ligeiramente bobo que os tinha conduzido pelas portas virou-se e os encarou, sorrindo simpaticamente.

Bem-vindos a Hogwarts, primeiranistas! - ele falou sobrepondo-se ao barulho do Salão Principal. - Sou o Prof. Longbottom. Vocês serão diretamente selecionados para suas casas. Uma vez que isso seja feito, vocês encontrarão suas mesas e o jantar será servido. Por favor, sigam-me.

Ele virou esvoaçando suas vestes e prosseguiu rapidamente para o centro do Salão. Nervosos, os primeiranistas começaram a seguir, primeiro arrastando os pés, depois caminhando rapidamente, tentando alcançar o professor. James viu as cabeças de Ralf e Zane se inclinarem para trás, seus queixos apontando cada vez mais para o alto. Ele quase esquecera do teto encantado. Olhou para o alto, mas apenas um pouco, ele não queria demonstrar que estava *tão* impressionado. Quanto mais alto ele olhava, mais transparente o teto ficava, revelando uma impressionante representação do teto lá fora. Frias e frágeis estrelas reluziram como poeira de prata em um veludo de jóias, e à direita, bem em cima da mesa da Grifinória, a meia-lua podia ser vista, parecendo ao mesmo tempo louca e alegre.

- Ele disse que seu nome é *Longbottom*? - Zane perguntou a James pelo canto da boca.

- Sim. Neville Longbottom.

- Nossa! - Zane suspirou. - Vocês britânicos realmente precisam aprender algo sobre sutileza. Eu nem ao menos sei onde começar com um nome desses. - Ralf o silenciou ao que a multidão começou a se acalmar, observando os primeiranistas se enfileirarem à frente do salão.

James correu os olhos por toda a mesa que estava no estrado, tentando destacar os professores que já tinha ouvido falar. Lá estava o professor Slughorn, tão gordo e enfeitado quanto seu pai e sua mãe o haviam descrito. Slughorn, James relembrou, viera como professor temporário nos tempos de seus pais, aparentemente com relutância, e então simplesmente nunca mais fora

embora. Ao lado dele estava o fantasma do professor Binns, e então a professora Trelawney, piscando como uma coruja por trás de seus grandes óculos. Mais adiante na mesa, reconhecido pelo tamanho - James podia ver que ele sentava sobre uma pilha três enormes livros - estava o professor Flitwick. Vários outros rostos que James não reconhecia estavam dispersos por aí, professores que haviam chegado depois dos tempos de seus pais e eram então relativamente estranhos. Nenhum sinal de Hagrid, mas James sabia que ele estava com Grope e os gigantes outra vez, e não retornaria antes do dia seguinte. Finalmente, no centro da mesa, ficando de pé e levantando os braços, estava Minerva McGonagall, a diretora.

- Sejam bem-vindos os estudantes que retornaram, assim como os novos - ela disse com uma voz aguda, quase trêmula. - ao primeiro banquete deste novo ano na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. - Um incentivo alegre de reconhecimento veio dos alunos sentados atrás de James. Ele olhou por cima de seu ombro, examinando a multidão. Viu Ted sentado na mesa da Grifinória, assobiando com as mãos na boca, e rodeado por um grupo de alunos mais velhos que pareciam bonitos demais para ser verdade. James tentou sorrir para ele, mas Ted não percebeu.

Assim que as aclamações diminuíram, a professora McGonagall continuou.

- Estou feliz em ver que todos vocês estão animados por estarem aqui, assim como seus professores e funcionários da escola. Esperamos que este espírito mútuo de acordo e união para com as nossas finalidades, acompanhe-nos durante o ano letivo. - Ela observou a multidão, prestando maior atenção em alguns indivíduos. James ouviu murmúrios espalhados e o silêncio marcado pelas risadinhas de conspícua culpa.

- E agora, - a diretora continuou, virando-se para observar uma cadeira que foi colocada sobre o tablado

por dois estudantes mais velhos. James percebeu que um deles era Estevan Metzker, o monitor que eles haviam encontrado no trem. - Como manda nossa orgulhosa tradição na ocasião de nosso primeiro encontro, vamos testemunhar a seleção dos novos estudantes em suas respectivas casas. Primeiranistas, por favor, aproximem-se da plataforma. Irei chamar os nomes individualmente. Vocês irão se aproximar da plataforma e sentar…

James não ouviu o resto. Conhecia bem essa cerimônia, já que havia perguntado a seus pais sobre ela inúmeras vezes. Nos dias anteriores, esteve mais excitado sobre a cerimônia de Seleção do que sobre qualquer outra coisa. Ele tinha percebido agora que sua animação na realidade havia mascarado um medo terrível e dormente. O Chapéu Seletor era o primeiro teste que deveria enfrentar para provar que era o homem que seus pais esperavam que fosse, o homem que o mundo mágico já tinha começado a fazer pressuposições. Isso não o tinha incomodado até que ler um artigo no *Profeta Diário* semanas atrás. Tinha sido um pequeno artigo fofo e feliz do tipo “o que acontecerá com este e aquele”, e que ainda impregnava um temor frio e furtivo sobre James. O artigo resumiu o andamento da biografia de Harry Potter, agora casado com sua namorada da escola, Gina Weasley, e anunciou que James, o primogênito do casal, estava para ingressar em seu primeiro ano na escola de Hogwarts. James tinha ficado particularmente assustado com a última linha do texto. Ele poderia transcrevê-la palavra por palavra: *Nós do* Profeta Diário*, juntamente com o resto da comunidade bruxa, desejamos ao jovem senhor Potter o melhor em suas tentativas de satisfazer, e talvez até mesmo ultrapassar, as expectativas que qualquer um de nós poderia esperar do filho de uma figura tão amada e lendária.*

O que o Profeta Diário, ou o resto da comunidade bruxa iria pensar se o filho da tão amada e lendária figura se sentasse naquela cadeira e o Chapéu Seletor o

mandasse para outra casa que não fosse a Grifinória? Atrás, na Plataforma Nove e Meia, James tinha confidenciado seu grande medo ao pai.
- Não é mais mágico ser da Grifinória do que ser da Lufa-Lufa, da Corvinal, ou da Sonserina, James. - Harry Potter tinha dito, curvando-se e colocando a mão sobre o ombro do garoto. James tinha comprimido os lábios, sabendo que seu pai diria alguma coisa daquele tipo.
Isso te confortou quando você se preparava para sentar na cadeira e colocar aquele chapéu na cabeça? - ele tinha perguntado numa voz baixa e séria.
Seu pai não respondeu, apenas comprimiu os lábios, sorriu pesarosamente e balançou a cabeça.
- Mas eu estava desesperado, um garotinho superficial e desprezível naquele tempo, James, meu garoto. Tente não ser como seu pai, certo? Nós conhecemos grandes bruxos e bruxas de todas as casas. Ficarei orgulhoso e honrado de ter meu filho em qualquer uma delas.
James tinha acenado com a cabeça, mas não tinha funcionado. Sabia o que seu pai realmente queria... e esperava... apesar da conversa. James deveria ser um grifinório, assim como seus pais, como seus tios e tia, assim como todos os heróis lendários que ele ouvira falar desde que era um bebê, sempre retornando a Godrico Gryffindor, o maior de todos os fundadores de Hogwarts.
E mesmo agora, enquanto permanecia parado, observando o Chapéu Seletor que era segurado no alto pelos braços ossudos da diretora McGonagall, ele percebia que todos os seus medos e preocupações, de alguma forma, tinham ido embora. Havia tido uma idéia nas últimas horas. Agora, ela vinha totalmente completa em sua mente. Havia pressuposto, durante todo o tempo, que não tinha escolha a não ser competir com seu pai e tentar igualar seus grandiosos atos. O terrível medo subseqüente foi que não era apto para tal, que seria falho. Mas, e se houvesse outra opção? E se

simplesmente não tentasse?
James fitou a sua frente, sem realmente ver, enquanto os estudantes eram chamados para a cadeira e o chapéu era colocado sobre suas cabeças, quase escondendo seus olhos virados para cima e intensamente curiosos. Ele parecia uma estátua - uma estátua de um pequeno garoto com os cabelos rebeldes do pai, o nariz da mãe, e lábios expressivos. E se simplesmente não tentasse viver sob a gigante sombra de seu pai? Não que não fosse se sair bem do seu próprio jeito. Só seria um jeito diferente. Um jeito decididamente, *intencionalmente* diferente. E se começasse ali? Logo ali, na plataforma, no primeiro dia, sendo mandado para… bem, outra casa que não fosse a Grifinória. Seria tudo que importa. Menos…
- James Potter. - a voz da diretora resoou, com seu distintivo e enrolado “R” no seu último nome. Ele se assustou, olhando para ela como se tivesse esquecido que estava lá. Ela parecia ter cem metros de altura, em pé, na plataforma, seus braços de vareta segurando o Chapéu Seletor sobre a cadeira, formando uma sombra triangular. Quando ele ia se mover para subir os poucos degraus da plataforma, um barulho veio de trás dele. Aquilo o chocou e o preocupou por um momento. Ele estava, irracionalmente, com medo de que seus pensamentos tivessem escapado e o traído, e que o barulho era a mesa da Grifinória levantada, dando vaias. Mas não era o som de vaias. Era um som de aplauso, comportado e prolongado, como resposta à proclamação de seu nome. James se virou para a mesa da Grifinória, um sorriso de gratidão e felicidade já iluminando seu rosto. Mas não eram eles que aplaudiam. Eles estavam sentados, quase inexpressivos. A maioria das cabeças estava virada para a fonte do barulho. James seguiu seus olhares. Era a mesa da Sonserina.
James se sentiu preso ao chão. A mesa inteira estava olhando para ele com olhares satisfeitos, todos abertos,

contentes, aplaudindo. Uma das estudantes, uma garota alta e bastante atraente com cabelos negros e ondulados, e olhos largos e brilhantes, estava de pé. Ela aplaudia de forma calma, mas confiante, e sorria diretamente para James. Finalmente, as outras mesas se juntaram a eles, primeiro aos poucos, e então numa ovação longa e quase confusa.

- Sim, sim, obrigado. - a diretora McGonagall chamou, em meio aos aplausos. Isto é o bastante. Nós todos estamos realmente, er, felizes de termos o jovem senhor Potter aqui conosco este ano. Agora, por favor, voltem aos seus assentos... - James iniciou sua subida dos degraus enquanto o som de aplauso se extinguia. Assim que se virou e sentou na cadeira, ouviu a diretora murmurar, - ...para que nós possamos terminar isso e jantar antes do próximo equinócio. - James olhou para cima, mas somente viu o negro interior do Chapéu Seletor vindo em sua direção. Ele fechou os olhos com força e sentiu a fria suavidade do chapéu cobrir sua cabeça, escorregando sobre sua testa.

Instantaneamente, todos os outros sons cessaram. James estava na mente do chapéu, ou talvez fosse o contrário. O chapéu falou, mas não para James.

- Potter, James, sim, eu estava esperando por esse. O terceiro Potter que vem sob os meus tecidos. Sempre difíceis... - ele pensou consigo mesmo, como se apreciasse o desafio. - Coragem, sim, como sempre, mas coragem é algo comum nos jovens. Ainda assim, ótimos atributos grifinórios, como os que vieram antes.

O coração de James pulou. Lembrou-se dos pensamentos que teve enquanto esperava diante das plataformas, e tremeu. *Eu não tenho que jogar de acordo com as regras*, pensou. *Eu não tenho que ser um grifinório*. Ele pensou no aplauso, no rosto da bonita garota com longos cabelos negros e ondulados, em pé debaixo da bandeira verde e prata.

- Sonserina, ele acha! - o chapéu falou em sua cabeça,

levando em consideração. - Sim, também sempre essa possibilidade. Igual ao pai. Ele teria feito um grande sonserino, mas não havia determinação. Hum, esse aqui é bem incerto sobre si mesmo, e isso é novidade para um Potter. Falta de certeza não é um atributo da Grifinória, tampouco da Sonserina. Talvez a Lufa-Lufa seja boa para ele…

*A Lufa-Lufa não*, pensou James. Faces tomaram conta de sua mente: mamãe e papai, o tio Ron, a tia Hermione, todos os grifinórios. Então eles sumiram e ele viu a garota na mesa da Sonserina, sorrindo, aplaudindo. Ele ouviu a si mesmo pensando, como tinha feito há minutos atrás. *Eu posso me sair bem de um jeito diferente; um jeito* intencionalmente *diferente*…

A Lufa-Lufa não, hm? Você talvez esteja certo. Sim, eu vejo agora… Confuso você pode estar, mas incerto não. Meus instintos iniciais estavam corretos, como sempre. - E então, em voz alta, o Chapéu Seletor anunciou o nome de sua casa.

O chapéu foi retirado de sua cabeça, e James chegou a pensar ter ouvido o nome “Sonserina” ainda ecoando através das paredes, chegou a olhar com um repentino terror na direção da mesa verde e prata para vê-los aplaudindo, quando percebeu que era a mesa debaixo do leão carmesim que saltava e aplaudia. A mesa da Grifinória festejou aos berros, e James descobriu o quão mais ele havia gostado desse do que o educado aplauso que havia recebido anteriormente. Ele saltou da cadeira, desceu correndo os degraus, e foi envolvido pelas saudações. Mãos deram tapinhas em suas costas e foram estendidas para apertar a sua e cumprimentá-lo. Um assento perto da frente abriu-se para ele e uma voz falou em seus ouvidos, enquanto os festejos finalmente acalmavamse.

- Não duvidei em nenhum minuto, cara. - a voz sussurrou contente. James virouse para ver Ted lhe dar um aceno confiante e um tapa nas costas, antes de retornar ao seu

assento. Voltando-se para assistir o resto da Cerimônia de Seleção, James se sentiu tão repentina e perfeitamente feliz que achou que podia rachar ao meio. Não tinha que seguir exatamente os passos de seu pai, mas ele poderia começar a fazer coisas propositalmente diferentes amanhã. Agora, glorificava-se em pensar que seus pais ficariam orgulhosos ao saberem que, como eles, tinha ido para a Grifinória.

Quando o nome de Zane foi chamado, ele trotou sobre os degraus e se desmontou na cadeira, como se achasse que estava indo para uma montanha-russa. Ele riu enquanto a sombra do chapéu caía sobre ele, e mal o tinha feito, gritou "Corvinal!". Zane ergueu as sobrancelhas e balançou a cabeça para frente e para trás de um modo tão animadamente intrigante que houve um estrondo de risos da multidão mesmo enquanto os corvinais o saudavam e o chamavam para a sua mesa.

Os primeiranistas restantes fizeram o trajeto até as plataformas e as mesas completaram-se apreciavelmente. Ralf Deedle foi um dos últimos a escalar os degraus e sentar na cadeira. Ele pareceu encolher-se um pouco debaixo do chapéu durante um longo e surpreendente tempo. Então, com um floreio na voz, o chapéu anunciou, "Sonserina!".

James estava abalado. Ele tinha certeza de que ao menos um, senão dois de seus novos amigos iria sentar próximo a ele na mesa da Grifinória. Nenhum deles havia se juntado a ele, entretanto, e um deles, o que ele menos esperava, tinha ido para a Sonserina. Obvia e convenientemente, se esqueceu que ele mesmo quase havia se sentado lá. Mas Ralf? Um nascido-trouxa, se é que havia um? Ele se virou e viu Ralf sentando à mesa do outro lado do salão, levando tapinhas nas costas de seus novos colegas. A garota de olhos brilhantes e cabelos negros e ondulados estava sorrindo novamente, de modo satisfeito e convidativo. *Talvez a casa da*

*Sonserina tenha mudado*, pensou. *Seus pais mal iriam acreditar*.
Finalmente, a diretora McGonagall retirou o Chapéu Seletor.
- Primeiranistas, - chamou ela. - sua nova casa é seu lar, mas todos nós somos sua família. Vamos nos divertir com competições onde quer que a encontremos, mas nunca devemos nos esquecer onde nossa lealdade final reside. E agora, - ela empurrou seus óculos no nariz e dirigiu-se aos alunos olhando por cima deles. - Avisos. Como sempre, a Floresta Proibida está fora dos limites dos alunos, em qualquer instante. Por favor, tenham certeza de que isso não é uma mera preferência acadêmica. Os primeiranistas podem perguntar para qualquer aluno mais velho - exceto Sr. Ted Lupin e Sr. Noé Metzker, cujos conselhos você vai desejar evitar - o que eles podem esperar se estiverem determinados a ignorar essa regra.
James deixou que o resto dos avisos desse voltas em sua cabeça enquanto examinava os rostos da multidão. Vitória estava na mesa da Lufa-Lufa, onde se encontrava sentada, contente, sussurrando algo com outra garota. Zane, na mesa da Corvinal, tinha arrastado uma tigela de nozes para si e colocava toda a sua atenção nela. Do outro lado, Ralf encontrou o olhar de James e apontava, admirado, a si e aos seus colegas de casa, parecendo perguntar a James se estava tudo bem. James deu de ombros e acenou de forma não comprometedora.
- E agora um último assunto a tratar. - disse a diretora finalmente, acompanhada por algumas risadas escandalosas. - Alguns de vocês devem ter notado que há um lugar vazio na mesa de professores. Asseguro que terão um novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas, e que é, de fato, um unicamente qualificado e premiado perito na matéria. Ele chegará à tarde de amanhã, acompanhado de alguns professores, estudantes e associados, como parte de um intercâmbio

de magia entre a escola deles e a nossa. Espero todos vocês amanhã na entrada do castelo para a chegada de Alma Aleron e do Departamento de Administração da Magia dos Estados Unidos.
Sons de excitação e zombaria misturados irromperam pelo salão quando os estudantes começaram a conversar entre si sobre os novos eventos. James ouviu Ted dizer:
- O que um velho americano tem pra nos ensinar sobre as artes das trevas? Em que canal assisti-las? - Houve um coro de risadas. James se virou, procurando por Zane. Ele o encontrou e apontou para ele, dando de ombros. *Seu pessoal está vindo*, ele murmurou. Zane bateu uma mão no peito e saudou com a outra.
Em meio ao debate, o jantar apareceu nas longas mesas, e James, como todos os outros, mergulhou com fervor.

Era quase meia-noite quando James fazia o caminho para o retrato da Mulher Gorda que dava entrada para a sala comunal da Grifinória.
- Senha. - ela disse quase cantando. James parou de supetão, deixando sua mochila verde escorregar de seu ombro e cair no chão. Ninguém lhe dissera sobre senha alguma.
- Eu não sei a senha ainda. Sou um primeiranista. Sou um grifinório. - disse James.
- Você pode ser um grifinório, - disse a Mulher Gorda, olhando-o de cima para baixo com um olhar de paciência. - mas sem senha não entra.
- Talvez você possa me dar uma dica desta vez? - disse James, tentando sorrir de forma vitoriosa.
A Mulher Gorda o encarou, incrédula.
- Você parece não entender exatamente o significado da palavra “senha”, meu querido.

Houve uma movimentação na escada movediça ali perto. Ela apareceu e se fixou, recuando um pouco, no fim do corredor. Um grupo de estudantes mais velhos subiu no piso, rindo e fazendo gestos de silêncio uns aos outros. Ted estava entre eles.
- Teddy. - James chamou aliviado. - Eu preciso da senha. Uma pequena ajuda?
Ted viu James quando ele e os outros se aproximaram.
- *Genisolaris.* - disse ele e então adicionou para uma das garotas no grupo: - Rápido, Petra, e não deixe que o irmão do Noé veja você.
Ela confirmou e se foi, esbarrando em James quando o buraco do retrato se abriu, revelando o calor da lareira do salão comunal. James começou a segui-la quando Ted o segurou pelo ombro, virando-o e trazendo-o de volta ao chão.
- Meu querido James, você não acha que vamos deixá-lo ir para a cama tão cedo, acha? Existem tradições grifinórias que deve respeitar, pelas barbas de Merlim!
- O quê? - James gaguejou. - É meia-noite, você sabe disso, não é?
- Comumente conhecida no mundo dos trouxas como "A Hora das Bruxas". - disse Ted de forma adestrada. - Um nome impróprio, é claro, mas 'A Hora das Bruxas e Bruxos Pregando Peças no Mundo dos Trouxas' é um pouco grande demais para as pessoas se lembrarem. Nós gostamos de chamá-la, simplesmente, de 'Hora de Erguer *Foguetim*'
Ted levava James de volta às escadas, com mais três grifinórios.
- O quê? - James perguntou, tentando acompanhar.
- O garoto não sabe o que é o Foguetim. - disse Ted tristemente para o resto do grupo. - E o pai dele é o dono do famoso Mapa do Maroto. Imaginem como seria muito mais fácil se colocássemos nossas mãos *naquele* tipo de artefato. James deixe-me apresentá-lo aos *Malignos*. Um grupo que você sem dúvida desejará

entrar, dependendo de como as coisas forem hoje à noite, é claro. Ted parou, virou-se e estendeu o braço, indicando os três outros infratores.
- Meu número um, Noé Metzker, cuja única falha é sua relação burra com seu irmão quintanista monitor. - Noé curvou-se até a altura da cintura, sorrindo. - Nossa tesoureira, - Ted continuou. - se é que já cruzamos com alguma moeda, Sabrina Hildegard. - Uma garota simpática cheia de sardas e um palito de madeira prendendo seu cabelo vermelho e cheio cumprimentou James com um aceno de cabeça. - Nosso bode expiatório, de quem certos serviços podem sempre ser requisitados, jovem Damian Damascus. - Ted segurou o ombro de um garoto robusto com grandes óculos e uma cara de abóbora que fez careta e rosnou. - E, finalmente, meu álibi, meu complemento perfeito, a favorita de todos, inclusive dos professores, Srta. Petra Morganstern. - Ted indicou afetivamente a garota que acabava de voltar pelo buraco do retrato, trazendo algo pequeno em seu bolso. James notou que todos, exceto ele, haviam tirado as vestes e colocado *jeans* e camisetas escuras.
- Está tudo certo para a decolagem? - Ted perguntou assim que a garota se juntou a eles.
- Afirmativo. Todos os sistemas estão bem, capitão. - ela respondeu, e houve um riso contido de Damian. Todos se viraram e começaram a descer a escadaria, Ted levando James junto dele.
- Eu deveria ir me trocar ou alguma coisa? - ele perguntou, sua voz tremendo ao descer os degraus.
Ted lançou-lhe um olhar avaliativo.
- Não, acho que não vai ser necessário no seu caso. Relaxe, cara. Você vai dar uma mudada. Só para saber. Pule aqui. Você não vai querer pisar *naquele* degrau. Lembre-se. - James pulou, sua mochila balançando em seus ombros, sentindo-se de alguma forma afastado do entusiasmo do grupo, mais ainda por Ted estar segurando seu cotovelo. Ele caiu em um longo corredor

iluminado por tochas e tentou acompanhar os outros, tropeçando. No fim do corredor, o grupo encontrou mais três estudantes, todos parados embaixo da sombra da estátua de um bruxo gigante e corcunda usando um chapéu bastante alto.

- Boa noite, queridos Malignos. - Ted murmurou quando todos se juntaram embaixo da sombra da estátua. - Conheçam James, filho do meu padrinho, um cara chamado Harry Potter. - Ted disse, olhando os rostos dos três, demorando-se no terceiro rosto. - James, conheça nossa parte corvinal, Horácio, Gennifer, e o jovem *qualonomedele*. - ele se virou para Gennifer. - Qual é o nome dele? - indicando o garoto da ponta.

- Zane. - disse Gennifer, passando um braço pelos ombros do garoto menor, que sorriu e se deixou ser alegremente sacudido. - O conheci hoje à noite, mas ele tem alguma coisa que diz *Maligno* para mim. Acho que tem algo travesso em algum lugar de sua linhagem.

- Nós vamos jogar Caça ao Foguetim! - ele disse a James num murmúrio que se espalhou por todo o corredor. - Parece estranho, mas se vai nos tornar mais legais, bem, acho que devemos encarar! - James não sabia se Zane estava brincando, mas então percebeu que não importava.

- *Erga* o *Foguetim*. - Noé corrigiu.

James decidiu que era hora de se colocar na conversa.

- Então onde está esse Foguetim? E por que nós todos estamos apertados atrás de uma estátua?

- Esta não é só uma velha estátua. - disse Petra enquanto Ted se posicionava o mais distante possível da estátua e da parede, aparentemente procurando por algo. - Este é Lokimagus, o Eternamente Produtivo. Nós só aprendemos sobre sua história ano passado, e ela nos levou a uma incrível descoberta.

- Levou-*lhe*, você quer dizer. - disse Ted, sua voz abafada. Petra considerou e confirmou.

- Verdade. - ela concordou casualmente.
- No tempo do seu pai, - disse Noé enquanto Ted arranhava atrás da estátua. havia seis passagens para entrar e sair de Hogwarts. Mas isso foi antes da Batalha. Depois dela, muitas partes do castelo foram reconstruídas, e todas as antigas passagens secretas foram permanentemente fechadas. Coisa engraçada sobre um castelo mágico, porém. Simplesmente parece que novas passagens secretas nascem. Nós só encontramos duas, e por causa de Petra e nossos amigos corvinalinos. Esta estátua é uma delas. Está bem aqui em seu letreiro.

Noé apontou para as letras gravadas na base da estátua: *Igitur Qui Moveo, Qui et Movea*.
Ted fez um ronco de triunfo e houve um pequeno estalo.
- Vocês nunca vão imaginar onde estava desta vez. - disse ele, saindo de trás da estátua. Com um barulho de pedra se movendo, a estátua de Lokimagus de repente ergueu o máximo que sua coluna permitia, desceu cuidadosamente de sua base e atravessou o corredor, andando devagar com suas pernas compridas e arqueadas. Ele desapareceu pela porta à frente, que James notou ser um banheiro masculino.

- O que o letreiro significa? - James perguntou quando os Malignos começaram a se abaixar e passar rapidamente pela pequena porta atrás da base da estátua.
Noé sorriu e deu de ombros.
- *Quando você tem que ir, tem que ir.*
A porta levou a uma pequena escadaria com degraus arredondados. Os Malignos passaram ruidosamente pelos degraus, e então fizeram sinais de silêncio uns aos outros quando chegaram a uma porta. Ted abriu ligeiramente a porta, que rangeu um pouco, e espiou pela fresta. Um momento depois ele escancarou a porta e fez sinal para que os outros o seguissem.
A porta saía inexplicavelmente de um pequeno galpão perto do que James reconheceu ser o campo de

quadribol. O estádio parecia maior sob a luz do luar, frio e imponente no silêncio.
- A passagem só funciona em um caminho. - explicou Sabrina para James e Zane enquanto o grupo corria ligeiramente passando o campo de quadribol em direção às montanhas à frente. - Se você for até ela sem antes ter vindo pelo túnel do Lokimagus, você apenas se encontrará no galpão de equipamentos. Muito conveniente, pois assim, mesmo que sejamos pegos, ninguém poderá nos seguir de volta pelo túnel.
- Vocês *já* foram pegos? - James perguntou, respirando perto dela.
- Não, mas esta é a primeira vez que tentamos usá-lo. Nós apenas o descobrimos no final do último ano. Ela encolheu os ombros, como se quisesse dizer *nós veremos se vai dar certo, não é?*
A voz de Zane veio de trás de James, conversativa.
- E se a estátua do tal mágico voltar para seu lugar antes de nós voltarmos pelo buraco? - James estremeceu com a mudança de assunto, mas admirou sua lógica. Parecia uma questão valiosa a se fazer.
- Essa é definitivamente uma questão para um corvinal. - disse Noé tão quieto quanto pôde, mas ninguém respondeu.
Após dez minutos contornando a orla de um desordenado e enluarado gramado, o grupo pulou sobre um muro para um campo. Ted tirou sua varinha do bolso de trás enquanto se aproximava de um pátio com arbustos e árvores. James seguiu e viu que tinha um pequeno celeiro escondido entre a plantação. Era desajeitado e enterrado em vinhas.
- *Alohomora* - disse Ted, apontando sua varinha para o grande cadeado enferrujado pendurado na porta. Houve um lampejo de luz amarela. Saiu do cadeado, e então se transformou em um brilhante e fantasmagórico braço que se contorcia, preso ao buraco do cadeado. O braço acabou como um punho, o dedo indicador esticado no ar.

O dedo se balançou para lá e para cá negativamente por alguns segundos, e então sumiu.
- Feitiço protetor ainda funcionando, então. - Ted anunciou animadamente. Ele se virou para Petra, que veio em sua direção tirando alguma coisa de seu bolso. James viu que era uma chave enferrujada em forma de esqueleto.
- Foi idéia da Gennifer. - Horácio, o segundo corvinal, disse orgulhosamente. Embora eu quisesse que fosse algo diferente.
- Teria sido legal. - Zane concordou.
- Nós supomos que qualquer coisa mágica que tentasse entrar aqui não pensaria em usar algo tão entediante quanto uma chave. - Noé explicou. - Nós colocamos Feitiços de Desilusão para manter os trouxas afastados, mas eles não vêm aqui, de qualquer maneira. É abandonado.
Petra girou a chave e puxou o cadeado. As portas do velho celeiro moveram-se e abriram com um surpreendente silêncio.
- Portas barulhentas são para novatos. - Damian disse, orgulhosamente, erguendo a ponta do nariz.
James olhou para dentro. Havia algo grande nas sombras, seu volume tampando toda a parte de trás do celeiro. Ele mal conseguia visualizar sua forma.
- Maneiro! - Zane disse, animado, parecendo entender a situação. - Hora de Erguer o Foguetim! Você está certo, James. Não há nada igual a *isso* em *O Mágico de Oz*.
- O Mágico do quê? - Ted perguntou a James, pelos cantos da boca.
- É uma coisa de trouxas. - James respondeu. - Nós não entenderíamos.

Frank Tottington despertou repentinamente, certo de que ouvira algo no jardim. Ele estava imediatamente alerta e furioso, jogando sua coberta longe e colocando as pernas para fora da cama, como se estivesse esperando tal aborrecimento.

- Hã? - sua esposa gemeu, levantando a cabeça sonolenta.

- São aqueles pirralhos de merda no nosso jardim novamente. - Frank disse irritadamente, calçando seus chinelos xadrez. - Não te disse que eles estavam entrando aqui à noite, pisoteando minhas begônias e roubando meus tomates? Pirralhos! - cuspiu ele. Ele vestiu um roupão surrado que alcançava suas pernas enquanto descia as escadas e pegava de forma bruta sua espingarda da soleira da porta.

A porta rangeu ao abrir-se e bateu contra o muro exterior, Frank movimentandose de forma rápida.

- Tudo bem, seus vândalos! Larguem os tomates e vão para a luz, para que eu possa vê-los! - Ele levantou a arma com uma mão, apontando-a perigosamente para o céu polvilhado de estrelas.

Uma luz caiu sobre sua cabeça, iluminando-o com um raio branco que o cegava e que parecia zumbir fracamente. Frank congelou, sua arma ainda com o cano apontado para cima, na direção do raio de luz. Lentamente, Frank ergueu a cabeça, entortando os olhos, seu queixo barbudo produzindo uma longa sombra sobre a frente de sua roupa de dormir. Havia algo pairando sobre ele. Era difícil dizer seu tamanho. Era simplesmente uma figura negra e redonda, com luzes turvas pontilhando a beirada. Estava se virando devagar e parecia estar abaixando.

Frank arfou, vacilante, e quase deixou sua arma cair. Ele se recuperou e voltou rapidamente, sem tirar os olhos do objeto que zunia delicadamente. O objeto se abaixou de

forma lenta, como se tivesse sido amortecido pelo raio de luz, enquanto o zumbido aprofundado cessava, pulsando.
Frank estremeceu diante daquilo, seus joelhos tortos curvaram-se numa forma de encolhimento alerta. Ele mastigou sua dentadura, nervoso.
Então, num estouro de vapor e assobios, a forma de uma porta apareceu em um lado do objeto. Era delineada pela luz, que brilhou mais assim que a porta se abriu, formando uma pequena rampa. Uma figura estava parada, emoldurada na luz. Frank respirou e levantou sua arma, apoiando-a no ombro. Houve uma explosão de luz avermelhada e Frank pulou. Ele tentou apertar o gatilho, mas nada aconteceu. O gatilho havia mudado, transformando-se em um pequeno botão ao invés da confortante volta metálica. Ele olhou para a arma e a segurou em sua frente, chocado. Não era mais sua arma. Era um guarda-chuva pequeno e com um falso cabo de madeira. Ele nunca tinha visto aquilo antes. Percebendo que estava na presença de algo verdadeiramente sobrenatural, Frank largou o guarda-chuva e caiu de joelhos.
A figura na porta era pequena e magra. Sua pele era de um verde purpúreo, sua cabeçorra era quase monótona, com olhos grandes e amendoados que mal eram vistos no brilho da luz através do postigo aberto. Ela começou a andar pela rampa na direção de Frank, e seus passos pareceram incomumente cautelosos, quase desajeitados. Abaixou a cabeça levemente para passar pela porta, e então, repentinamente, a figura estacou na beirada da saída Avançou tropeçando, rodando os braços, prestes a se jogar em cima de Frank. Ele se arrastou desesperadamente para trás, horrorizado. A pequena figura tombou para frente, sua cabeça desproporcionalmente grande aproximando-se na direção de Frank, tampando sua visão.
Um momento antes, Frank perdeu a consciência de que

estava distraído somente pelo estranho fato de que a figura parecia estar usando claramente uma mochila comum, verde-escura, sobre os ombros. Frank fraquejou com um olhar de preocupada confusão em sua face.

James acordou na manhã seguinte com os olhos ofuscados. Abriu os olhos, bisbilhotando as formas nada familiares daquilo que o cercava. Estava numa cama em um quarto largo e circular com um teto baixo. A luz solar o atingia com júbilo, iluminando mais camas, cuja maior parte estava desarrumada e vazia. Lentamente, como corujas pousando num poleiro, ele se lembrou da noite passada: o Chapéu Seletor, quando estava parado em frente ao quadro da Mulher Gorda sem saber a senha da Grifinória, quando encontrou Ted e o resto dos Malignos. Sentou-se na cama de súbito, procurando por seu rosto. Tateou suas bochechas, sua testa, os olhos, e então suspirou, aliviado. Tudo parecia ter voltado ao normal. Alguma coisa caiu sobre a sua cama, perto dele: um jornal que James não reconheceu.
Estava aberto em um artigo com o título: MORADOR LOCAL INSISTE EM TER VISTO FOGUETES ROUBANDO SEUS TOMATES. James ergueu os olhos. Noé Metzker estava parado ao pé de sua cama, e com um olhar irônico em seu rosto. - Eles confundiram '*Foguetim*' outra vez. - disse ele.

# - CAPÍTULO 2 -

# A Chegada de Alma Aleron

Quando James vestiu-se e desceu para o Salão Principal para tomar café, já era quase dez horas. Menos que doze alunos podiam ser vistos movendo-se desconsolados dentre os detritos da correria de mais cedo naquela manhã. Na ponta da mesa da Sonserina, Zane sentou-se arqueado e olhando de canto para um raio de luz solar. Do outro lado dele estava Ralf, que viu James entrar e acenou para ele.

Enquanto James atravessava o Salão, quatro ou cinco elfos, cada um vestindo trapos de linho com o timbre de Hogwarts bordado neles, circularam as mesas, vagueando no que parecia, a princípio, ser uma trajetória aleatória. Ocasionalmente, um deles mergulhava abaixo de uma mesa, e então reaparecia momentos depois, despreocupadamente atirando um garfo perdido ou meio biscoito na bagunça sobre a mesa. Quando James passou por um dos elfos, este se

encolheu, levantou seus braços longos e esguios, e então os abaixou rapidamente. Os conteúdos da mesa à frente dele redemoinhavam juntos, como se tivessem sido pegos por um ciclone em miniatura. Com um grande barulho de louças e artigos de prata, as beiradas da toalha de mesa foram jogadas para cima e giraram em volta da pilha de restos do café-da-manhã, criando uma grande bolsa que os retinha e flutuava sobre a mesa de madeira polida. O elfo doméstico saltou do chão para um banco, e para cima da mesa, e então pulou, girando no ar e pousando suavemente no topo da bolsa flutuante. Ele agarrou o topo da bolsa, usando o nó como se fossem rédeas, e virou a bolsa, dirigindo-a como se fosse um carretel pelas gigantes portas de serviço, ao canto do Salão. James se abaixou quando a bolsa girou sobre sua cabeça.

- Ufa - murmurou Zane quando James se sentou perto dele e alcançou o último pedaço de torrada. - Esses garçonzinhos de vocês podem parecer esquisitos e encherem o saco, mas eles sabem como fazer uma boa xícara de café!

- Eles não são garçons, são elfos domésticos. Li sobre eles ontem - disse Ralf, mordendo alegremente metade de uma salsicha. A outra metade estava pendurada ao final de seu garfo. Ele o usou como indicador, apontando os elfos. - Eles trabalham lá embaixo. São como os elfos naquela história infantil. Os que vinham à noite e faziam todo o trabalho para o sapateiro.

- O quê? - Zane perguntou por cima de sua xícara de café.

- O cara que faz sapatos. Ele tinha todos aqueles sapatos feitos até a metade e jogados em volta dele, e estava quase desmaiando de tanto trabalho. Você conhece essa história, não? Então ele cai no sono, e no meio da noite todos esses pequenos elfos aparecem tirando rapidamente seus martelos e vão consertando todos os sapatos. O sapateiro acorda e *tcharam*, tudo está legal -

Ralf mordeu o resto da salsicha de seu garfo e mastigou-a, olhando em volta. - Mas eu nunca os imaginei vestindo fronhas.
- Ei, garoto-alienígena, vejo que seu rosto voltou ao normal - disse Zane, examinando o rosto de James minuciosamente.
- Já estava na hora, suponho - replicou James.
- Doeu quando a Sabrina te atingiu?
- Não - disse James. - Me senti estranho. *Realmente* estranho. Mas não doeu.
Voltou ao normal durante a noite.
- Ela deve ser uma artista. Você estava ótimo. Pés de pato e tudo mais.
- Do que vocês dois estão falando? - perguntou Ralf, olhando para os dois. Contaram-lhe tudo sobre a noite anterior, sobre erguer o Foguetim, e o fazendeiro que desmaiara quando James, o pequeno alienígena, tropeçara e caíra bem em cima dele.
- Eu estava me escondendo no canto do jardim, perto da cabana, e estava quase tendo uma hérnia, tentando não rir quando você o seguiu. Ataque dos Monstros Tolos de Marte! - ele se desfez em risadas, e depois de um tempo, James se juntou a ele.
- Onde eles conseguiram a espaçonave? - perguntou Ralf, contornado o humor.
- É só um punhado de arame e papel - disse Zane, engolindo o resto de seu café e pondo a xícara sobre a mesa. Ele ergueu seu braço e estalou seus dedos duas vezes. - Sabrina e Horácio fizeram a nave ano passado como parte de um carro alegórico para um desfile natalino em Hogsmeade. Costumava ser um caldeirão gigante. Agora, com a ajuda de um pouco de tinta e de um feitiço que Gennifer chamou de *Visum-ineptio,* é o Foguetim dos R.M.S.
Um elfo doméstico bem pequeno se aproximou de Zane, olhando-o com desdém.
- Você... er... estalou, jovem mestre? - A voz do elfo era

asperamente profunda, apesar do seu tamanho.
- Aqui está, companheiro - disse Zane, entregando a xícara vazia ao elfo - Bom trabalho. Continue assim. Isso é para você.
O elfo olhou para o pedaço de papel que Zane acabara de lhe entregar. Ele ergueu seus olhos novamente.
- Obrigado, jovem mestre. Hã, eh... Mais alguma coisa?
Zane acenou com a mão, dispensando-o.
- Não, obrigado. Vá dormir ou qualquer coisa. Você parece cansado.
O elfo olhou para Ralf e para James, que encolheu os ombros e tentou sorrir. Com um revirar de olhos difícil de perceber, o elfo enfiou a nota de cinco dólares em seus trapos e desapareceu embaixo da mesa.
Zane parecia pensativo.
- Posso me acostumar com isso.
- Eu não acho que você deveria dar gorjetas aos elfos - disse Ralf, incerto.
- Não vejo porque não - disse Zane levemente, esticando-se. - Meu pai dá gorjetas a todo mundo, quando está viajando. Ele diz que faz parte da economia local, e encoraja o bom serviço.
- E você não pode simplesmente dizer a um elfo que vá descansar - disse James, percebendo de repente o que acontecera logo antes.
- E por que diabos não?
- Porque é exatamente o que ele terá que fazer! - disse James, irritado. Ele estava pensando no elfo doméstico da família Potter, um triste e pequeno projeto de elfo, cuja melancolia só era equiparada com sua cruel determinação em fazer exatamente o que lhe era mandado. Não que James não gostasse de Monstro. Só que era necessário aprender precisamente *como* pedir as coisas a ele - Elfos domésticos tem que fazer tudo que seus mestres lhes pedem. É o tipo de seres que são. Ele provavelmente está voltando agora mesmo para seu armário, ou estante, ou seja lá onde ele dorme, e

tentando descobrir como vai conseguir dormir no meio da manhã - James balançou sua cabeça, e então percebeu que era engraçado. Tentou não sorrir, o que apenas piorou a situação. Zane percebeu e apontou em direção a ele.
- Há, há! Você também acha engraçado! - gargalhou ele.
- Não consigo imaginar que eles tenham que fazer tudo que *nós* pedimos - disse Ralf, com sua testa enrugada - Somos apenas estudantes. Nem somos donos do lugar, nem nada. E somos apenas primeiranistas.
- Você se lembra do nome do feitiço que Sabrina usou para fazer o Foguetim parecer um foguete? - James perguntou, virando-se para Zane, impressionado.
- Visum-ineptio - Zane respondeu, saboreando o som que produzia - Significa algo como "*enganador de olhos*". Se você trabalhar o latim, consegue meio que descobrir isso. Horácio diz que ajuda as pessoas a ver o que eles acham que vão ver.
James franziu as sobrancelhas.
- Então quando aquele feixe de luz surgiu do céu sobre aquele fazendeiro, ele tipo, *esperou* ver uma nave alienígena?
- Claro. *Todo mundo* sabe que um feixe de luz, à noite, no meio do nada, significa que os carinhas verdes estão chegando.
- Você é um cara estranho, Zane - disse Ralf de maneira depreciativa.
Só então James sentiu alguém posicionado atrás deles. Todos os três se viraram olhando para cima. Era a garota sonserina da noite anterior, a que havia liderado os aplausos para James antes da seleção. Ela o olhava com uma expressão vagamente indulgente e agradável. Estava rodeada por dois outros sonserinos; um garoto com feição elegante e bastante astuta, cujo sorriso exibia uma terrível arcada dentária, e outra garota que não estava sorrindo. O calor espalhou-se rapidamente pelas bochechas de James, quando se lembrou de que

estava sentado à mesa da Sonserina. Antes que pudesse pensar, apressou-se em se levantar, com um pedaço de torrada ainda para fora da boca.
- Não, não - disse a bela garota sonserina, erguendo sua mão a frente dele, parando-o quase como se usasse mágica. - Não se levante. Fico feliz em ver que você se sente confortável o suficiente para se sentar na mesa da Sonserina conosco. Estes são tempos bem diferentes daqueles do seu pai. Demasiadamente diferentes. Sr. Deedle, você seria gentil de me apresentar ao seu amigo?
Ralf tossiu, limpando a garganta, embaraçado.
- Ah, esse é meu amigo James Potter. E esse é o Zane. Esqueci o sobrenome dele. Foi mal - disse ele para Zane, que encolheu os ombros forçando o riso para Ralf, e saltou, ficando de pé e alcançando o outro lado da mesa para apertar a mão da garota Sonserina.
- Walker, Zane Walker. É um distinto e sincero prazer conhecê-la, senhorita...?
O sorriso da garota alargou-se um pouco e inclinou sua cabeça, ainda olhando para Ralf.
- Oh! - Ralf exclamou, meio que saltando - Sim, essa é, uhm, Tábita Corsica. Ela é monitora da Sonserina, uma sextanista, eu acho. Capitã do time de quadribol. E do grupo de debate. E... uhm... ela tem uma vassoura bem legal - tendo se esgotado de tudo que pôde pensar para dizer sobre ela, ele desmoronou, como se estivesse exausto.
Tábita finalmente aceitou a mão de Zane, segurando-a suavemente e soltando em seguida.
- Estou feliz em tê-lo conhecido oficialmente. Sr. Potter, ou posso chamá-lo de James? - disse a garota, virando-se para ele. Sua voz era como sinos prateados e veludo, ainda mais baixa do que a dele, porém especialmente bonita. Percebeu que ela havia lhe feito uma pergunta e se chacoalhou em resposta.
- Sim. Claro. James.

- E eu ficaria contente se me chamasse de Tábita - disse ela, sorrindo como se este gesto de familiaridade a agradasse imensamente. - Apenas gostaria de dizer, em nome de toda a casa da Sonserina, que estamos felizes em tê-lo entre nós, e esperamos sinceramente que quaisquer... - ela ergueu os olhos, considerando -... *preconceitos* remanescentes sejam deixados no passado, onde eles pertencem para sempre - E olhou para a esquerda e para a direita, para os dois Sonserinos que a acompanhavam - Nós todos não temos nada além do mais alto respeito e, sim, gratidão por você e seu pai. Podemos, eu espero, ser todos amigos?
O garoto à direita de Tábita continuou sorrindo para James, enquanto a menina à sua esquerda estudava um ponto na mesa em algum lugar entre eles, sem expressão alguma.
- C-claro. Amigos. Claro. - James gaguejou. O silêncio do resto do salão parecia algo enorme. Ele baixou sua voz de forma quase inaudível.
O sorriso de Tábita empolgou-se ainda mais. Seus olhos verdes cintilaram.
- E agora o deixaremos terminar o seu... er... café-da-manhã. Tom? Filia?
Os três se viraram imediatamente e se arrastaram pelo corredor.
- Com o que você acabou de concordar? - Ralf perguntou quando se levantavam e seguiam os Sonserinos a uma distância cuidadosa.
- Acho que o James aqui ou fez uma maravilhosa amiga ou uma inimiga sufocante - disse Zane, enquanto observava as vestes de Tábita drapejarem e chacoalharem quando ela virou o corredor - Eu não sei dizer com certeza com qual eu fico.
James estava pensando bastante. As coisas realmente tinham mudado desde a época de seu pai e sua mãe. Apenas não conseguia dizer direito se elas tinham mudado, na verdade, para melhor.

Os três passaram o resto da manhã explorando os terrenos da escola. Visitaram o campo de quadribol, o qual parecia consideravelmente diferente para Zane e James à luz resplandecente do sol do que na escuridão. Zane ficou boquiaberto quando viu um grupo de veteranos jogando uma partida de quadribol de três contra três. Os jogadores lançavam-se para dentro e fora da formação, mal deixando escapar um ao outro, bradando jogadas e palavrões ocasionais.

- Animal! - Zane proclamou alegremente quando um dos jogadores acertou um balaço na cabeça de um jogador do time adversário, fazendo com que ele girasse em volta da sua vassoura. - E *eu já* fui a uma partida de *futebol americano*.

Eles passaram pela cabana de Hagrid, que parecia vazia e escura, sem nenhuma fumaça saindo pela chaminé e com a porta firmemente fechada. Logo após, correram até Ted Lupin e Noé Metzker, que os guiaram para a orla da floresta proibida. Um salgueiro gigantesco e aparentemente antigo dominava a margem da clareira. Ted ergueu seu braço e deteve Ralf, que andava na direção à árvore.

- Perto o suficiente, parceiro - disse - Veja isso.

Ted soltou a abertura de uma grande sacola de roupas sujas que trouxera carregando às costas. Retirou da sacola um objeto parecido com um animal quadrúpede, com asas e bico. Estava coberto com recortes de papéis multicoloridos cujas cores moviam-se e flutuavam na brisa suave.

- Não! É uma *pinhata*[1]! - Zane exclamou - Na forma de... De... Espera... Não me fale... esfingeossauro!

- É um hipogrifo! - James disse, rindo.

- Gosto mais do nome dele - Ralf disse.

- Eu também - acrescentou Noé.

- Silêncio! - Ted disse, levantando sua mão. Ergueu a

pinhata com a outra, e então a jogou com toda a força que pôde na cortina de galhos pendurados no salgueiro. Ela desapareceu entre a folhagem densa, e por um momento nada mais aconteceu. Então, houve um ruído entre os galhos que se entortaram como se algo enorme estivesse se movendo por entre eles. De repente, a árvore explodiu em um movimento rápido de agitação do ar. Seus galhos se bateram violentamente, esbofeteando-se, rangendo e atritando-se. O barulho que faziam era como uma tempestade de vento concentrada. Após alguns segundos, a pinhata foi pega visivelmente nos galhos. A árvore a envolveu em dezenas de chicotes bravos e agitados, e então todos os galhos arrastaram-se de uma vez. Era como se a pinhata tivesse sido jogada em um liquidificador. Pedaços de papéis coloridos e doces bruxos explodiram quando o feitiço de escudo da pinhata se rompeu. Confete e doces temperaram o salgueiro e a clareira que o cercava. A árvore se moveu em aparente aborrecimento com a repentina bagunça colorida nos seus galhos, e então pareceu desistir, voltando a sua forma original.

Ted e Noé riram estardalhosamente.

- Contemplem a morte do esfingeossauro! - Noé proclamou. James ouvira sobre o Salgueiro Lutador, mas ainda estava impressionado tanto por sua violência quanto pela casualidade com que os outros grifinórios lidavam com isso. Zane e Ralf simplesmente ficaram parados, boquiabertos. Sem olhar, Ralf tirou um feijõezinho de todos os sabores de seu cabelo e o levou a boca. Ele mastigou pensativo por alguns momentos e então olhou para James - Tem gosto de taco! Maneiro!

James se separou do grupo mais tarde e subiu as escadas para a área externa da sala comunal da Grifinória.

- A senha - cantarolou a Mulher Gorda, quando ele se aproximou.

- *Genisolaris* - ele replicou, esperando que não tivesse

sido mudada ainda.
- Prossiga - a pintura respondeu, girando e abrindo a passagem.
O salão comunal estava vazio e a lareira estava fria. James subiu para o dormitório e foi direto para sua cama. Já sentia um caloroso sentimento de que pertencia àquele lugar, mesmo no seu vazio de meio dia. As camas estavam impecavelmente arrumadas. Nobby, a coruja enorme e marrom de James, estava dormindo em sua gaiola com sua cabeça encaixada embaixo de sua asa. O garoto se jogou em sua cama, puxou um pergaminho e uma pena e começou a escrever, tomando cuidado para não espirrar tinta nos cobertores.

*Querida mãe e querido pai,*

*Cheguei ontem à noite sem nenhum problema. Até agora fiz alguns amigos legais. Ralf acabou por se tornar um sonserino, o que eu nunca poderia imaginar. Zane está na Corvinal, e é tão louco quanto o tio Jorge. Eles são ambos nascidos-trouxas, então estou aprendendo muito, embora as aulas ainda nem tenham começado. Com a ajuda deles, Estudo dos Trouxas deve ser moleza. Teddy nos mostrou o Salgueiro Lutador, mas não nos aproximamos demais, mãe. Há alguns novos professores aqui. Vi o Neville ontem, mas não tive a chance de dar a ele suas lembranças. Ah! E uma delegação de bruxos americanos vai chegar mais tarde! Deve ser interessante, já que o Zane é de lá também. É uma longa história. Conto mais depois.*

*Seu filho,*
*James*

*P.S.: Sou um GRIFINÓRIO!*

James sorriu orgulhosamente enquanto dobrava e selava a carta. Ele andou ponderando como anunciar a seus pais em que casa entrada (E a todo o resto do pessoal, também, já que eles saberiam através de seus pais), e acabara decidindo que seria melhor apenas dizer de uma vez. Qualquer outra coisa teria parecido ou casual demais, ou desnecessariamente grandioso.
- Ei, Nobby - sussurrou James. A ave meio que ergueu a cabeça, revelando um enorme olho alaranjado. - Tenho uma mensagem para você entregar. Que tal um ótimo vôo até em casa, hum?
Nobby se estirou, embaraçou suas penas de modo que parecessem o dobro do tamanho por um momento, e então esticou uma perna; James abriu a gaiola de Nobby e prendeu a carta. A coruja se moveu cuidadosamente até a janela, abriu as asas, encurvou-se, e então lançou-se facilmente para  a luz resplandecente do dia além da janela. James, sentindo quase absurdamente feliz, observou Nobby até parecer uma mancha no azul distante entre os cumes da montanha. Assobiando, James virou-se e correu ruidosamente escadas abaixo.
Ele almoçou na mesa da Grifinória no Salão Principal e depois se encontrou com Ralf e Zane quando o resto da escola começou a se reunir no pátio principal. Uma pequena orquestra de estudantes reunira-se para cantar o hino nacional americano durante a chegada da delegação dos Estados Unidos. A cacofonia enquanto eles afinavam seus instrumentos era ensurdecedora. Zane comentou com convicção que era a primeira vez que ouvia a “Bandeira Estrelada” tocada em gaita de fole e acordeão. Estudantes corriam de um lado para o outro e se juntavam, enchendo o pátio. Finalmente, o professor Longbottom e outro professor que James ainda não conhecia começaram a se mover pela multidão, pressionando os alunos contra as paredes em arranjos ordenados. James, Zane e Ralf se encontraram perto dos grandes portões de entrada, esperando pela chegada

dos americanos com crescente expectativa. James se lembrou das histórias que ouvira de seus pais sobre a chegada das delegações de Beauxbatons e Durmstrang quando o Torneio Tribruxo havia sido realizado em Hogwarts: os cavalos gigantescos e a carruagem voadora de um, e o misterioso galeão submarino do outro. Ele não pôde evitar imaginar como os americanos chegariam.

A multidão reunida observou e esperou, as vozes se acalmaram. A orquestra dos estudantes esperava de pé em uma tribuna alinhada, com seus instrumentos a postos, vislumbrando com a luz solar da tarde. A diretora McGonagall e o resto dos professores olhavam para o céu, dispostos junto à entrada que conduzia ao saguão principal.

Finalmente, alguém apontou e vozes gritaram. Todos os olhos se viraram, tensos. James deu uma olhada pelo portão dourado, até os picos das montanhas distantes. Um ponto separou-se, aumentando conforme se aproximava. Enquanto observava, viu dois outros pontos se tornarem visíveis, seguindo o primeiro de perto. Sons tomaram o pátio, aparentemente vindos dos objetos que se aproximavam. James olhou para Zane, que encolheu os braços, obviamente impressionado. O som um rugido baixo, aumentando de volume rapidamente. Os objetos deviam estar se movendo em uma velocidade realmente alta, pois já estavam descendo e tomando forma conforme chegavam mais próximos do lugar. O som se tornou mais baixo, vibrante, uma batida como de asas de insetos gigantescos. James assistiu-os diminuir a velocidade apreciavelmente, reduzindo para encontrar suas sombras no gramado do pátio.

- Legal! - Zane gritou por cima do barulho. - São carros!

James ouvira sobre seu avô Weasley e seu Ford Anglia encantado, usado por seu pai e o tio Rony para voar até Hogwarts uma vez, onde tinha arrumado refúgio na Floresta Proibida e nunca mais foi visto. Estes não eram

como aquele, não mesmo. Uma diferença era que, ao contrário do Ford que James vira em fotos, aqueles carros eram brilhantes e imaculados, com acentos de cromo lançando reflexos de luz solar por todo o pátio. Outra diferença que produzia suspiros de apreciação dos Hogwartianos boquiabertos eram as asas que se desdobravam a partir do meio da parte traseira de cada carro. Eram exatamente como asas de insetos gigantes, batendo barulhentamente, capturando a luz do sol em um leque borrado de cores do arco-íris.

- É um Dodge Hornet! - Zane disse, apontando para o primeiro carro enquanto este pousava. Suas rodas dianteiras tocaram o chão primeiro e giraram levemente para frente, enquanto o resto do carro arranjou-se atrás delas logo depois. Tinha duas portas e era de uma cor amarela feroz, com longas asas de vespas. O segundo, de acordo com Zane - que parecia ser um perito no assunto - era um Stuntz Dragonfly. Era verdegarrafa, baixo e longo, com pára-choques baixos, e canos de cromo enroscando-se a partir do seu capô estreito. Suas asas também eram longas e estreitas, fazendo um profundo e pulsante zumbido que James podia sentir em seu peito. Finalmente o último pousou, e James não precisava que Zane dissesse qual era aquele. Até mesmo ele sabia o que era um Fusca. Seu corpo volumoso sacudiu para frente e para trás quando o carro vermelho-fogo desceu, suas asas curtas e grossas tamborilando debaixo de outras duas asas externas imóveis que se desdobravam a partir da traseira do caso, exatamente como um besouro. Ele se acomodou sobre suas rodas como se fosse um trem de pouso, e as asas pararam de tamborilar, dobrando-se delicadamente e desaparecendo entre as asas paradas, que se fecharam sobre elas.

Os Hogwartianos explodiram em uma animação divertida e grandiosa, no mesmo momento em que a orquestra começou a tocar o hino. Atrás de James, uma

voz feminina chatova, zombou por cima do barulho:
- Americanos e suas máquinas.
Zane se virou para ela.
- A última é alemã. Achei que vocês saberiam disso - ele sorriu abertamente para ela e se virou, aproveitando os aplausos.
As portas dos carros se abriram enquanto a banda da escola tocava o hino, e os americanos começaram a aparecer. Três bruxos adultos vestindo-se identicamente foram os primeiros a sair, um de cada carro. Eles vestiam capas verde-acinzentado na altura das coxas, vestes pretas sobre uma gola branca e calças cinza e largas, que terminavam pouco acima de suas meias e sapatos pretos e brilhantes. Eles ficaram parados por meio minuto, pestanejando e franzindo a testa para todos, como se analisassem a multidão. Aparentemente satisfeitos com o nível de segurança do pátio, os homens saíram da frente das portas de cada veículo e assumiram posições de guarda perto deles. James podia ver um pouco do interior do carro mais próximo, o Besouro, e não estava surpreso pelo interior suntuoso e desproporcionalmente largo. Figuras moviam-se dentro dele, e então a visão foi bloqueada e eles começaram a saltar do carro.
O número de pessoas que emergiram dos carros surpreendeu até mesmo James, que já acampara em cabanas bruxas em várias ocasiões, e sabia o quão flexível os espaços bruxos podiam ser. Carregadores com capas vinho produziram carrinhos saíram de cada veículo, retirando pequenos carrinhos de carga e descarregando incontáveis malas e bolsas neles, formando pilhas. Jovens bruxos e bruxas em trajes surpreendentemente casuais, alguns usando até mesmo calças jeans e óculos de sol, começaram a encher o centro do pátio. Adultos com aparência de oficiais bruxos os seguiram, com suas leves capas cinza e túnicas cor-de-carvão os identificando como membros do

Departamento Americano de Administração Mágica. Eles moveram-se sorridentes com suas mãos erguidas na direção da entrada, onde a diretora McGonagall e os funcionários estavam descendo para encontrá-los.
Os últimos a surgir dos carros também eram adultos, embora sua variedade de roupas e idades indicasse que não eram nem dos departamentos oficiais tampouco estudantes. James deduziu que fossem os professores de *Alma Aleron*, a escola de magia e bruxaria Americana. Pareciam ser um para cada carro. O mais próximo, descendo do Fusca, era tão corpulento quanto um barril, tinha cabelos acinzentados e longos, partidos para emoldurar um rosto agradável e fechado. Ele usava óculos retangulares minúsculos e sorria com um ar de vaga e arrogante benevolência para com os Hogwartianos. James viu que algo parecia familiar naquele homem, mas não conseguiu relembrar o quê. James se virou, procurando pelo segundo professor, e o encontrou emergindo do Stuntz Dragonfly. Era bem alto e de cabelos brancos, com um rosto longo, sério e severo, e estudava a multidão, com suas sobrancelhas escuras arqueadas no meio de sua testa como um par de lagartas. Um carregador apareceu próximo a ele levando uma maleta preta de couro. Sem olhar, o professor alcançou as alças da maleta, com uma grande mão de articulações protuberantes, e moveu-se para adiante, aproximandose da entrada como um navio de velas içadas.
- Acabei de tornar minha decisão de ano novo em evitar ter aulas com aquele cara - Zane disse seriamente, e Ralf e James acenaram em concordância.
James localizou a terceira professora de Alma Aleron quando ela estava se deslocando autoritária e lentamente para fora do Dodge Hornet. Ela ficou de pé e se levantou até sua altura máxima, virando seu rosto vagarosamente, de forma a analisar cada face na multidão. James arfou, e sem pensar, mergulhou para

trás do corpo volumoso de Ralf quando o olhar dela moveu-se pela multidão. Cuidadosamente, cutucou o ombro de Ralf.
- O que você está fazendo? - Ralf perguntou, esticando-se para ver James fora do seu campo de visão.
James entortou os olhos através da multidão acima do ombro de Ralf. A mulher não estava olhando para ele. Ela não parecia estar olhando para nada, precisamente, apesar da expressão examinadora em seu rosto.
- Aquela mulher alta logo ali. Com o xale amarrado abaixo da cabeça. Eu a vi na outra noite, no lago!
Zane ficou nas pontas dos pés.
- Aquela ali que parece como uma cigana?
- É - James disse de repente se sentindo bobo. A mulher com o xale parecia bem mais velha do que ele se lembrava. Seus olhos eram cinza maçante, seu rosto sombrio era ossudo e marcado. O carregador entregou a ela uma larga bengala de madeira que foi aceita com um aceno de sua cabeça. Ela começou a andar através do pátio cheio lentamente, batendo a bengala à sua frente, reconhecendo seu caminho.
- Me parece que ela é cega, como o famoso morcego - Zane disse duvidosamente - Talvez tivesse sido um jacaré que você viu no lago, ao invés dela. Seria um erro plausível.
- Vocês, caras, sabem quem é aquele outro professor? - Ralf interferiu de repente, com a voz baixa e apavorada, indicando o homem robusto de óculos retangulares. - Ele é...! Ele é...! Ele é a de cinco... Não! Espere, ele é a de cinqüenta...! - balbuciou ele.
Zane olhou para a entrada, franzindo a testa.
- Aquele carinha com os óculos iguais os do John Lennon e com um colarinho esquisito e amarrotado?
- Sim! - Ralf respondeu excitado, acenando para Zane como que tentando tirar o nome do homem de sua cabeça - Aquele é... é... ah! Quem se importa. Ele é dinheiro!

- Que surpreendente ouvir você dizer isso, Ralf - Zane disse, dando tapinhas nas costas de Ralf.
Então, a professora McGonagall tocou sua varinha na garganta e falou, aumentando sua voz de modo ecoasse pelo pátio.
- Estudantes, professores e funcionários de Hogwarts, por favor, juntem-se a mim nas boas-vindas para os representantes de Alma Aleron e do Departamento de Administração Mágica Americano.
Outra explosão de aplausos preencheu o pátio. Alguém na orquestra de alunos, confundindo o anúncio com um sinal, começou a tocar o hino americano novamente. Três ou quatro músicos se juntaram a ele, tentando acompanhá-lo rapidamente, antes de serem silenciados pelo aceno de mãos furioso do professor Flitwick.
- Estimados visitantes de Hogwarts - a diretora continuou acenando para os recém-chegados. - Obrigada por se juntarem a nós. Todos nós aguardamos um ano de aprendizado mútuo e troca de cultura com tantos leais e antigos aliados como nossos amigos dos Estados Unidos. E agora, representantes de Alma Aleron, poderiam fazer a gentileza de se aproximar para que possamos apresentá-los para seus novos pupilos?
James presumiu que o professor alto e com feições rígidas fosse o líder, mas não. O homem robusto com os óculos retangulares aproximou-se da entrada e saudou galantemente a diretora. Ele dirigiu-se ao público sem usar sua varinha, sua voz clara e tenor, com habilidade de longo alcance, como se já ele já fosse acostumado a falar em público.
- Estudantes de Hogwarts, professores e amigos, muito obrigado por tão calorosa saudação. Não esperávamos nada menos, embora eu assegure que não exigimos nada tão grandioso - ele sorriu e piscou para a multidão. - Estamos honrados em participar da sua escola este ano, e asseguro a vocês que o aprendizado virá de ambas as direções. Eu poderia, neste ponto, ficar aqui em pé ao

sol e presenteá-los com infindas anedotas impressionantes de variadas semelhanças e diferenças entre os mundos mágicos dos Europeus e dos Americanos, e eu prometo que tal crítica seria, claro, interminável… - novamente o sorriso e o sentimento de uma piada interna e mútua - Mas como eu sei que os estudantes de minha delegação estão ansiosos para se livrar de nossa administração o mais rápido possível para aproveitar a tarde, posso apenas presumir que o mesmo acontece com os amigos de Hogwarts. Assim, vou apenas fornecer as introduções necessárias para que vocês saibam quem dará aula de que, e então liberarei todos para suas atividades.
- Eu já gostei desse cara - James ouviu Ted falar de algum lugar atrás dele.
- Sem uma ordem particular - o mago gorducho disse em um tom alto - apresento-lhes o Sr. Teodoro Hirshall Jackson, Prof. de Tecnomancia e Magia Aplicada. Ele é também um general de três estrelas da Milícia Livre de Salem-Dirgus, então eu aconselho vocês todos a chamarem-no de “mestre” o máximo de vezes possíveis quando se dirigirem a ele.
A expressão do professor Jackson era impassiva e rígida, como se já tivesse se tornado impenetrável às brincadeiras de seu companheiro. Ele fez uma saudação lenta e graciosa, seu queixo erguido e seus olhos escuros pairando em algum lugar na multidão.
- Próxima a ele - o professor corpulento continuou gesticulando com um braço. - a professora de Adivinhação, Encantamentos Avançados e Parapsicologia Remota, Desdemona Delacroix. Ela também faz uma sopa de hibisco mais que, er... *assustadoramente* deliciosa, muito embora vocês se considerarão sortudos se forem, de fato, permitidos a prová-la.
A mulher sombria com o xale sobre seu cabelo sorriu para o homem que falava, e o sorriso a transformou de uma velha esquelética para algo que lembrava uma

dessecada mas agradavelmente perversa avó. Ela se virou e seus olhos cegos percorreram, sem foco, a multidão, enrugando-se quando sorria. James se perguntava como podia ter pensado que aquela mulher cega, de visão turva, fosse a mesma que vira fitando-o na escuridão do lago na noite anterior. Além disso, ela acabara de chegar, ele pensou. Ela não poderia ter estado lá na noite anterior.
- E finalmente - o professor corpulento disse - último e provavelmente menos importante, permita-me apresentar eu mesmo. Seu novo Prof. de Defesa Contra as Artes das Trevas, líder do grupo de debate da Alma Aleron, e extra-oficial, mas propenso competidor de xadrez de bruxo, Benjamin Amadeo Franklyn, a seu dispor. - ele fez uma reverência profunda, com os braços abertos e seus cabelos cinza pendurados.
- Era isso que eu estava tentando lembrar! - Ralf sussurrou de modo grosseiro. – Ele está no seu dinheiro, seu estúpido! - ele acotovelou Zane nas costas, quase desequilibrando o garoto.

Minutos depois, James, Zane e Ralf estavam subindo as escadas para o salão comunal da Corvinal.
- Benjamin Franklyn? - Zane repetiu, sem acreditar - Ele não pode ser o Ben Franklyn original. Ele teria... - ele pensou por um momento, franzindo as sobrancelhas - Bom, eu não sei quantos anos ele teria, mas seria bem, bem velho. Incrivelmente velho.
Mais velho até que a McGonagall. Não tem como.
Ralf ofegou, tentando acompanhar.
- Estou falando, acho que esses tais bruxos , *nós* bruxos, têm seus jeitos de ficar por aí por um longo tempo. Não é tão surpreendente quando você pensa sobre isso. Ben Franklyn quase parece um bruxo quando você lê sobre ele nos livros de história trouxa.

Quero dizer, o cara pegou eletricidade com uma chave amarrada em uma pipa.
James estava pensativo.
- Eu lembro de minha tia Hermione me contando sobre um velho bruxo sobre o qual eles aprenderam no primeiro ano. Nicolau Flamel ou algo assim. Ele fez um tipo de pedra que o fez viver para sempre, ou perto disso. Claro, era o tipo de coisa que parece sempre cair nas mãos erradas, então, no final das contas, ele a destruiu e acabou morrendo como todo mundo. Ainda assim, acho que há provavelmente muitos jeitos de bruxos e bruxas prolongarem sua vida por um longo tempo, mesmo sem a pedra do Flamel.
- Talvez você devesse pegar o autógrafo dele em um dos seus cenzinhos - Ralf disse a Zane.
- Eu não tenho milhares. Dei meus últimos cinco para aquele elfo porteiro lá embaixo. Era tudo que eu tinha.
- Ele não era um porteiro! - James tentou novamente convencer Zane.
- É? Pois ele segurou a porta para nós - Zane disse tranqüilamente.
- Ralf o jogou para trás quando ele a empurrou. Ele não estava tentando abrir *para* nós!
- Bom, estou sem dinheiro de qualquer forma. Apenas espero que a qualidade do serviço não sofra.
Zane parou na porta da sala comunal da Corvinal. A águia na porta disse em uma força alta e tremida.
- Qual o significado do chapéu no domínio mágico?
Ah, droga, essas eram para ser as fáceis - Zane reclamou.
- Tem certeza que está tudo bem irmos lá dentro? - Ralf perguntou, arrastando seus pés - Quais são as regras sobre ficar em salões comunais que não são o seu?
- Não há regras para isso, que eu saiba - respondeu James - Eu só acho que as pessoas não fazem isso com freqüência - Isso não pareceu aliviar a mente de Ralf. Ele olhou para os lados do corredor nervosamente.

- O chapéu... O chapéu... - murmurava Zane, encarando seus sapatos - Chapéu, chapéu, chapéu. Um coelho tirado do chapéu. Você tira coisas de chapéus. É provavelmente uma metáfora ou algo assim. Você usa um chapéu na sua cabeça... Seu cérebro está na sua cabeça, embaixo do chapéu. Hummm...
Ele estalou os dedos e olhou para a águia na porta.
- Você não pode tirar nada de um chapéu que você já não tenha posto na sua cabeça?
- Errado, mas perto o suficiente - a águia replicou. A porta produziu um ruído e se escancarou.
- Uau! - James disse, seguindo Zane para dentro da sala comunal - E seus pais são trouxas?
- Bem, como eu disse, meu pai faz filmes, e minha mãe tem uma percepção extra de tudo que tento esconder dela, então deduzo que sou estranhamente preparado para o mundo mágico - Zane disse gesticulando com a mão - Então esse é o salão comunal da Corvinal. Nenhuma luz elétrica ou máquina de coca-cola à vista. Mas nós temos uma estátua bem maneira, e uma lareira falante. Vi meu pai nela ontem à noite. Ele está se adaptando com tudo isso um pouco bem demais, se quer saber.
Zane os guiou pelos aposentos da Corvinal, aparentemente inventando detalhes quando não os conhecia. Ralf e Zane tentaram ensinar James a jogar *gin rummy,* um tipo de jogo de cartas*,* com um baralho trouxa, mas James não ficou interessado nas cartas do Rei, Rainha e Valete já que eles não atacavam um ao outro. Quando se entediaram, Ralf os levou para a sala comunal da Sonserina, guiando-os por um labirinto de passagens escuras, iluminadas por tochas. Pararam em uma porta larga que dominava o final de um corredor. No meio da porta estava a escultura de metal de uma cobra enrolada, sua cabeça triangular se sobressaindo ameaçadoramente, boquiaberta.
- Isso aí - murmurou Ralf. Ergueu sua manga, revelando

um novo anel em sua mão direita. O anel possuía uma grande esmeralda verde, com a forma de um olho com pupila em fenda. Ralf o pressionou cuidadosamente dentro do encaixe de um dos olhos da cobra. O outro encaixe veio à vida, emitindo um brilho verde.
- Quem pede passssagem? - disse a cabeça da cobra em uma voz fina, quase um assobio.
- Eu. Ralf Deedle. Sonserina, primeiranista.
O olho verde deu uma rápida olhada em James e Zane.
- E essssses?
Meus amigos. Eu, eh, respondo por eles.
O olho brilhante estudou Zane e James por um tempo desconfortavelmente longo, e finalmente se apagou. Uma série de complicados ruídos, tiques e estrondos foram emitidos da parte interna da porta, a qual se abriu pesadamente.
Os aposentos da Sonserina ocupavam um gótico e enorme espaço cavado abaixo do lago. Janelas de vidros grossos e manchados no teto acima davam para a profundidade do lago, fazendo a luz solar filtrada tremeluzir em verde nos retratos de vidro de Salazar Slytherin e seus descendentes. Até mesmo Ralf parecia excitado ao mostrar tudo para eles. Apenas poucos outros alunos estavam na sala comunal, jogados nos móveis com uma indolência extravagante. Eles seguiram Zane e James com os olhos, sorrindo criticamente, mas aparentemente sem malícia. Ralf rigorosamente resmungou cumprimentos.
Os dormitórios da Sonserina pareciam para James como um lugar onde dormiria um capitão de navio pirata com muito bom gosto e cheio de saúde. O aposento era grande, com um chão submerso e teto baixo com lanternas em forma de cabeças de gárgulas. As camas enormes eram de mogno com grandes pilhares retangulares em cada canto. O símbolo da Sonserina estava em cortinas no final de cada cama. Os três garotos subiram na cama de Ralf, imaculadamente feita.

- Esses caras pegam pesado - Ralf admitiu em voz baixa, indicando os donos das outras camas - Para falar a verdade, sinto como se esse não fosse o meu lugar. Gosto mais do dormitório da Corvinal.
- Eu não sei - disse Zane, olhando em volta com admiração - Eles com certeza têm um ótimo gosto para decoração. Apesar do que deve ser difícil dormir com todos esses animais empalhados nas paredes. Aquele ali é um dragão?
- É - Ralf respondeu, com a voz tensa e forçada - Esses caras trazem eles de casa.
Eles têm família que realmente vão caçar dragões.
James franziu as sobrancelhas.
- Eu achei que caçar dragões fosse ilegal.
- Sim - sussurrou Ralf severamente - Esse é o ponto, não? As famílias desses garotos têm reservas de caça, onde eles podem ir e simplesmente atirar em qualquer coisa! Aquilo ali é um esqueleto de unicórnio. Ainda tem o chifre nele, embora digam que não é o verdadeiro. O verdadeiro chifre é valioso demais em uso mágico para deixarem aí, pendurado na parede. E aquele negócio pendurado atrás da cama do Tom é a cabeça de um elfo doméstico! Eles os colocam na parede quando eles os abatem. E juro que ele olha para mim às vezes! - Ralf estremeceu, e pareceu ter decidido que já dissera demais. Pressionou sua boca em uma pequena linha e olhou de James para Zane, e de volta.
- É, é bastante assustador - James admitiu decidido a não contar a Ralf nenhuma das coisas que ouvira sobre como algumas das famílias dos sonserinos viviam - Ainda assim, acho que é mais para aparecer.
O que é aquilo? - Zane disse de repente, apontando para frente na cama - Aquilo é um *videogame* portátil? É sim! E você tem o transmissor sem fio para competições em tempo real e tudo mais! - ele começou a explorar dentro de uma bolsa de esportista ao fim da cama de Ralf, retirando uma pequena caixa preta do tamanho e forma

de um baralho de cartas como o que usaram mais cedo. Este tinha uma pequena tela localizada na frente, com um arranjo de botões de controle abaixo dela - Que jogos você tem para ele? Você tem o *Mestre Armagedom Três*?
- Não! - Ralf respondeu rispidamente, tomando a pequena máquina de Zane - E não deixe ninguém mais ver isso! Eles zoam desse tipo de coisa!
Zane estava incrédulo.
- O que? Por quê?
- Como eu vou saber? Qual é o problema dos bruxos com as coisas eletrônicas? - Ralf adicionou a pergunta para James, que franziu a testa e resmungou.
- Sei lá. Geralmente, não precisamos disso. Coisas eletrônicas, como computadores e telefones, são coisas de trouxas. Nós fazemos o que precisamos com magia, acho que seja por isso.
Ralf estava chacoalhando sua cabeça.
- Não é como esses caras agem. Falaram como se eu tivesse trago algo nojento para escola comigo. Disseram que se quisesse ser um verdadeiro sonserino, tinha que abandonar minhas máquinas e tudo que é magia artificial.
- Magia artificial? - Zane perguntou, olhando rapidamente para James.
- Sim - ele suspirou - É isso que algumas famílias de bruxos acham sobre máquinas e aparelhos eletrônicos dos trouxas. Dizem que essas coisas são apenas imitações baratas do que os bruxos fazem. Pensam que qualquer bruxo que use máquinas trouxas é traidor da sua descendência mágica ou algo assim.
- É. É mais ou menos o que eles me disseram - concordou Ralf - São tipo, *obcecados* por isso! Escondi minhas coisas de imediato. Imagino que vou dar tudo para o papai no próximo feriado.
Zane emitiu um assobio baixo.
- Aposto que seus tipos de bruxos ortodoxos não gostaram de ver os meus camaradas pousando hoje

naqueles trambolhos de ferro andante. Você não pode arrumar algo mais “maquinal” do que uma Dodge Hornet.
James levou isso em consideração.
- Sim, eles podem não gostar muito disso, mas há uma diferença entre a eletrônica e economizar tempo. Eles pensam nos carros como um punhado de engrenagens e pistões. Eles não são considerados tão falsa magia quanto essas coisas desnecessárias e complicadas. São os computadores e coisas assim que eles odeiam mesmo.
- Pois é - Ralf respirou fundo, olhando para o seu *videogame* portátil e então o colocando de volta em sua bolsa. Ele suspirou - Vamos sair daqui. O jantar é logo mais e estou faminto.
Você não enche nunca, Ralf? - Zane perguntou quando saltaram da cama.
- Tenho ossos grandes - Ralf disse automaticamente, como se já tivesse dito muitas vezes antes. - É um problema glandular. Cale a boca.
- Só estava perguntando - Zane disse, erguendo as mãos
- Francamente, por aqui, eu gosto da idéia de ter um amigo que é do tamanho de uma caçamba de lixo.
No jantar, os três sentaram juntos na mesa da Grifinória. James estava um pouco preocupado com isso até que Ted apareceu e bateu Zane nas costas com afeição.
- Nosso pequeno corvinalino. Como vai a vida na segunda melhor casa do campus? - após isso, James percebeu que Zane e Ralf não eram os únicos estudantes a sentar nas mesas de outras casas.
Após o jantar, discutiram os horários dos dias seguintes. Zane se juntaria a James para a aula de Tecnomancia com o professor Jackson, e Ralf estaria com James em Defesa Contra as Artes das Trevas. Os garotos exploraram a biblioteca, rodeando a Seção Restrita até que a bibliotecária os expulsou com um severo aviso. Finalmente, deram boa noite um ao outro e tomaram caminhos diferentes.

- Vejo você amanhã com o Prof. Cara de Pedra! - Zane, que tinha uma predisposição única de dar apelidos para professores, bradou enquanto subia a escadaria para a sala comunal da Corvinal.
Adentrando seu próprio salão comunal, James viu Ted sentado no sofá com seus braços erguidos casualmente em volta de Petra. Sabrina e Damian estavam em uma mesa próxima, discutindo baixo sobre alguns papéis espalhados na mesa entre eles.
- Pronto para as aulas amanhã, Júnior? - bradou Ted quando James se juntou a ele.
- É. Acho que sim.
- Você vai se sair bem - Ted disse, de modo tranqüilizador. - O primeiro ano é mais práticas manuais com a varinha e teoria. Espere até você chegar ao quarto ano e pegar a Prof. Trelawney.
- Pelo menos nós conseguimos diminuir o tempo com a Trelawney com aquele novo saco de ossos dos Estados Unidos - disse Petra.
James ergueu as sobrancelhas.
- O que você quer dizer?
Ted respondeu:
- Parece que elas vão dividir as aulas. Ano passado foram Trelawney e Firenze, o centauro, mas ele se foi este ano, se mudou de volta para aquele vale de centauros na Enseada Cinza. Então este ano é a Trelawney com a rainha do vodu, Madame Delacroix.
- Imagino que elas serão as melhores amigas - Damian anunciou filosoficamente - Como duas ervilhas em uma vagem. Como casca de ovo de dragão salpicada e seiva de mandrágora.
James pestanejou, mas antes que pudesse perguntar o que Damian queria dizer, Ted chacoalhou sua cabeça, sorrindo maldosamente.
Use sua imaginação, parceiro.
Alguns minutos depois, James afastou-se do grupo e subiu para o dormitório. Sentia uma mistura agradável

de nervosismo e excitação com relação ao dia seguinte. Por um momento, apenas ficou parado de pé no quarto iluminado pela luz da lua, imerso na honra de estar ali, de ser um grifinório, e de começar seus estudos. Ele teve uma momentânea e estonteante sensação das aventuras e desafios que enfrentaria nos anos seguintes, e naquele momento, desejava seguir em frente e enfrentá-los todos de uma vez.

Noé apareceu saindo de dentro do banheiro minúsculo. Ele olhou para James antes de se lançar em sua calma.

- Todos nos sentimos assim, às vezes - ele disse, como se tivesse lido os pensamentos de James. - Espere até amanhã à noite, e você voltará ao normal. Uma boa dose de aulas e tarefas faz isso com os melhores de nós - e soprou a vela ao lado de sua cama.

[1]Referências culturais: Pinhata (ou *piñata* via espanhol) trata-se de uma brincadeira, que, normalmente, se dedica às crianças, contudo pode ser jogado por adolescentes e até adultos. Consiste em uma panela, recheada de doces, totalmente coberta por papel crepon, suspensa no ar a uma altura média de dois metros, onde o participante, vendado, tenta quebra-la com um bastão e, conseqüentemente, liberar os doces. No Brasil, se restringe à Região Nordeste, mais precisamente nos estados da Paraíba e Pernambuco, sob o nome de “quebra-panela” ou “quebra-pote”.

# - CAPÍTULO 3 -

# O Fantasma e o Intruso

James acordou cedo. O dormitório achava-se silencioso, exceto pelo ressonar dos seus companheiros grifinórios e o ronco assobiador de Noé a algumas camas de distância. A iluminação no dormitório era apenas matizes rosa pérola da noite anterior. James tentou voltar a adormecer, mas a sua mente estava cheia dos desconhecimentos que certamente iria experimentar nas próximas doze horas. Alguns minutos depois, lançou os seus pés para fora da cama e começou a se vestir.

Os corredores de Hogwarts, apesar de relativamente vazios e silenciosos, pareciam inquietos numa maneira diferente àquela hora da manhã. Um frescor de orvalho

e sombras madrugadoras preenchiam os espaços, mas havia uma ponta de agitação despercebida atrás de portas demarcadas e degraus estreitos. Enquanto James atravessava os corredores e passava por salas de aula vazias, as quais em breve estariam repletas de atividades, encontrou algumas pistas de qual seria a atividade dos elfos domésticos que sucederia nas horas matinais: um balde e um esfregão, ainda gotejando, encostados à porta de um banheiro; o aroma de pão assando e o bater de panelas e frigideiras flutuavam por um pequeno vão de escadas; uma fila de janelas com tapeçarias cuidadosamente abertas num convite à brisa.
James perambulou até o Salão Principal, mas encontrou-o vazio e tranqüilo, o teto emitindo um brilho rosa pálido à medida que o céu lá fora ia absorvendo a luz do amanhecer. James pestanejou e voltou a olhar. Algo se movia entre as vigas semitransparentes. Uma figura cinzenta esvoaçou, cantarolando uma pequena canção irritante. James a observava, tentando entender do que se tratava. Parecia uma silhueta humana, pequena e gorda, com uma alegre expressão de concentração. Contra todas as possibilidades, a figura parecia balançar cuidadosamente pequenos objetos nas arestas de algumas das vigas. James percebeu que esses objetos estavam diretamente acima das mesas das casas, agrupados a intervalos e balançando tão delicadamente que cairiam com a menor brisa.
- *Sniff*! - chorou a figura repentinamente, fazendo James saltar. Ele o viu. Ele precipitou-se sobre James tão rapidamente que ele quase deixou cair os seus livros. - Quem espia o espião enquanto ele planeja seus passatempos matinais?! - cantou, com aborrecimento e contentamento gravados na voz.
- Ah - disse James, com um suspiro. - Eu sei quem você é. Meus pais me falaram de você. Pirraça.
- Sei quem você é, pequeno diabrete! - anunciou Pirraça alegremente, girando ao redor de James - O pequeno

garoto James Potter. Ooooh! Dando uma escapada logo de manhã, ao contrário do papai! Aquele preferia a noite! Está à procura de um lugar para o café-da-manhã? Ah, que pena, os elfinhos ainda estão preparando nas masmorras. Nesse horário, Hogwarts pertence ao Pirraça aqui. Ao invés disso, que tal um feijõezinho balístico peruviano?
Pirraça lançou um braço em direção ao rosto de James. Os pequenos objetos que enchiam sua mão pareciam feijões secos e verdes.
- Não! Obrigado! Eu... Eu vou andando - James apontou o polegar por cima do ombro e começou a recuar.
- Tem certeza? Mmm! Feijões, feijões, o fruto musical! - Pirraça dispensou James e girou de volta às vigas. - Quantos mais plantar, mais crescerá! Pequenos feijões no suco de abóbora do pequeno Potter, talvez! - disse com uma gargalhada desagradável.
James afastou-se até estar a uma boa distância de Pirraça. Após alguns minutos achava-se num grande terraço com pilares e visão panorâmica para os terrenos da escola. Um nevoeiro erguia-se do lago numa grande nuvem dourada que brilhava ao sol. James debruçou-se sobre um parapeito, respirando a felicidade e entusiasmo de começar o seu primeiro dia.
Algo se moveu na tranqüilidade. James observava. Fora na orla da floresta, perto da cabana de Hagrid. Talvez Hagrid tivesse voltado. James analisou a cabana. Ainda não se via fumaça alguma na chaminé. O jardim estava descuidado e excessivamente crescido. James ergueu o cenho ligeiramente. Porque razão Hagrid ainda não voltara? Ele sabia que o meio-gigante tinha uma notória queda por animais e monstros, e preocupava-se, juntamente com os seus pais, que esse fosse, no final das contas, a causa de sua destruição. Talvez a aliança com os gigantes tivesse se quebrado. Talvez tivessem atacado Hagrid e Grope, ou, de alguma maneira, feito deles prisioneiros. Talvez...

O movimento chamou a atenção de James novamente. Exatamente atrás da lenha próxima à cabana de Hagrid houve um lampejo colorido e um estalo. James olhou atentamente, inclinando-se o tanto quanto pôde na balaustrada do terraço. E ali estava outra vez. Uma cabeça espreitando por cima da pilha de lenha. À distância, James apenas conseguia perceber que se tratava de um homem, com mais ou menos a idade do seu pai. Seu rosto parecia estudar os terrenos, e então o homem levantou-se lentamente e ergueu a máquina fotográfica. Houve outro lampejo quando o homem tirou outra fotografia do castelo.

James estava prestes a ir em busca de alguém a quem pudesse contar sobre aquela estranha visão, um professor ou mesmo um elfo doméstico, quando algo passou por ele voando. James saltou, deixando cair os livros de vez. A figura era pálida, semitransparente e não falava. Passou rapidamente por ele e desceu para os terrenos, em direção ao fotógrafo. A forma fantasmagórica era quase indistinta à luz do sol, mas o homem a viu se aproximar, como se já estivesse esperando que ela o fizesse. O homem soltou um guincho abafado de medo, mas não fugiu, apesar de aparentemente grande parte dele querer fazê-lo. Apressadamente, ergueu novamente a máquina fotográfica e tirou mais umas fotos da figura, enquanto esta se aproximava cada vez mais. Finalmente, no momento em que a figura se preparava para cair sobre ele, girou sobre os calcanhares e correu de forma desajeitada de volta à floresta, desaparecendo no negrume. O fantasma se deteve na orla da floresta tal como um cão no limite da sua correia. Fitou o interior da floresta, e então sossegadamente, começou a mover-se para trás e para frente. Após um minuto, virou-se e começou a regressar ao castelo. À medida que o James observava, de alguma maneira, parecia adquirir uma forma mais sólida. Quando retornou ao terreno sob o

terraço, tinha o aspecto de um jovem homem. O homem fantasmagórico andava com passos duros, ainda que um pouco desanimado, com a cabeça baixa. Então, olhou para cima, viu James e parou. Houve um longo momento de perfeita inércia, no qual o homem olhava para James, o rosto transparente sem qualquer expressão. Então, sem aviso, a figura evaporou-se rápida e completamente. James fitava o local onde a figura desaparecera. Ele sabia que não imaginara. Os fantasmas faziam parte de Hogwarts, tanto quanto as varinhas e os retratos que se moviam. Somente no dia anterior, vira o fantasma da Corvinal, a Dama Cinzenta, descendo um corredor, parecendo um pouco taciturna. Estava ansioso para conhecer o fantasma da Grifinória, Nick Quase Sem Cabeça, pois não conhecia esse fantasma. Obviamente, os seus pais não poderiam ter contado cada pequeno detalhe da vida em Hogwarts. Grande parte dela era novidade para ele. Mesmo assim, não conseguia tirar da cabeça a imagem do fantasma, bem como a do homem com a máquina fotográfica, espiando e tirando fotos. Poderia ele ser dos tablóides do mundo mágico? Sem dúvida, não era do *Pasquim*. James conhecia as pessoas por trás dessa publicação, e sabia que elas não estariam nem um pouco interessadas na vida matinal em Hogwarts. Pelo contrário, havia imensas publicações mágicas que estavam sempre interessadas nos supostos “podres” segredinhos de Hogwarts, do Ministério, ou mesmo do pai de James.

Assim que retornou à sala comunal, onde esperava encontrar Ted ou um dos Malignos antes do café-da-manhã, James lembrou-se que ainda não havia dado os cumprimentos de seus pais ao professor Longbottom. Determinado a fazê-lo durante o café-da-manhã, poderia aproveitar para perguntar a Neville sobre o fantasma e sobre homem com a máquina fotográfica.

No entanto, não havia sinal de Neville no Salão Principal. As mesas compridas estavam agora apinhadas

de estudantes em suas vestes escolares.
- Você quer dizer que viu um homem tirando fotos lá fora nos terrenos? - perguntou Ralf, comendo uma torrada - O que tem de mal nisso?
- Estou mais interessado no fantasma - disse Zane determinadamente - Me pergunto como ele morreu. Será que os fantasmas só retornam quando são mortos de uma maneira ruim?
James encolheu os ombros.
- Não sei. Pergunte a um veterano. Ou então, quanto a isso, pergunte ao Nick quando o vir.
- O Nick Quase Sem Cabeça? - perguntou Sabrina do fundo da mesa.
- Sim. Sabe onde ele está? Temos uma pergunta para fazer a ele.
- Foi embora - respondeu Sabrina, abanando a cabeça, fazendo agitar a pena espetada no seu cabelo - Não está conosco desde o nosso primeiro ano. Conseguiu finalmente entrar no clube Caça Sem Cabeça depois de todos estes anos. Fizemos uma festa, e depois ele partiu. Nunca mais voltou. Devia ser a única coisa que o impedia de seguir em frente. Bom para ele. Mas mesmo assim...
- O Clube...? - duvidou Ralf, como se não estivesse certo de querer obter resposta.
- Nunca mais voltou? - repetiu James - Mas ele era o fantasma da Grifinória! E agora quem é o nosso fantasma?
Sabrina abanou a cabeça de novo.
- No momento não temos nenhum. Alguns de nós pensávamos que fosse o velho Dumbledore, mas sem sorte.
- Mas... - disse James, sem saber como continuar. Todas as Casas tinham um fantasma, certo? Pensou na forma enevoada que se tornara um jovem homem no gramado da frente.
Correio! - exclamou Zane. Todos olharam para cima,

enquanto as corujas desciam através das janelas altas. O ar estava agora preenchido por batimentos de asas e o som de cartas e pacotes sendo arremessados.
Os olhos de James arregalaram-se ao lembrar do estranho projeto matinal de Pirraça. Antes que pudesse dizer alguma coisa, ouviu-se o primeiro grande estampido e o grito surpreso e furioso de uma garota. Ela levantou-se de uma mesa próxima, as vestes salpicadas de amarelo.
- Os meus ovos explodiram! - exclamou ela.
Houve uma erupção de diversos estampidos por todo o Salão quando as corujas embateram nas vigas. Zane percorreu o Salão com o olhar, tentando ver o que estava acontecendo.
- Hora de ir, companheiros! - chamou James, tentando não rir. Quando acabou de falar, um feijão balístico peruviano caiu de uma viga por cima deles e aterrissou dentro de um copo meio cheio, fazendo-a explodir com um ruidoso estampido. O suco irrompeu do copo como lava num minúsculo vulcão. Enquanto James, Zane e Ralf escapavam do caos, Pirraça rodopiava e mergulhava no Salão Principal, rindo alegremente e cantando a sua música do fruto musical.

A aula de Tecnomancia era lecionada em uma das menores salas do primeiro andar. Tinha apenas uma janela imediatamente atrás da mesa do professor, e os raios de sol da manhã incidiam diretamente sobre a mesa, fazendo a cabeça do Prof. Jackson parecer uma coroa de luz dourada. Ele inclinava-se sobre a mesa, escrevendo num pergaminho com uma pena, no momento em que Zane e James chegaram. Eles encontraram assentos no silêncio desconfortável da sala, tentando não quebrá-lo com o arrastar das cadeiras.

Lentamente, a sala se preencheu, poucos se atreviam a falar, até que o único som audível era o arrastar da pena do professor. Finalmente, ele consultou o relógio de mesa e levantou-se, suavizando a frente de sua longa túnica negra.

- Bem-vindos alunos. O meu nome, como já devem saber, é Teodoro Jackson. Este ano vou iniciar para vocês o estudo da Tecnomancia. Dou muita importância à leitura, mas também à audição. Os dois serão feitos nas minhas aulas. - A sua voz era calma e calculada, mais refinada do que James pensara que fosse. O seu cabelo cinza aço era penteado de forma caprichosamente militar, as suas sobrancelhas negras e grossas formavam uma linha tão reta, que parecia uma régua na testa.

Foi dito a vocês - continuou Jackson, começando a mover-se lentamente pela sala - que não existem perguntas estúpidas. Não tenho dúvida que isso foi dito a vocês. As perguntas são, supostamente, sinais de uma mente curiosa - parou, observando-os criticamente. - Em minha opinião, pelo contrário, as perguntas são o mero sinal de um aluno que não está prestando atenção.

Zane virou-se por cima do ombro para James. Este o fitou, depois olhou para o seu pergaminho. Zane já havia desenhado uma simples, mas extraordinária caricatura do professor.

James abafou uma gargalhada, tanto em relação ao desenho quanto à audácia de Zane.

Jackson continuou.

- Prestem atenção nas aulas. Façam anotações. Leiam os textos assinalados. Se o fizerem, não terão necessidade de fazer perguntas. Lembro a vocês, eu não proíbo as perguntas. Estou apenas avisando que considerem quaisquer pergunta que me obrigue a repetir. Se não o fizer, vou elogiá-los. Se o fizer, eu... - fez uma pausa, permitindo que seu olhar percorresse toda a sala - *lembrarei* vocês desta conversa. - Jackson completara o seu circuito pela sala. Virou-se para o quadro de giz ao

lado da janela. Tirou a varinha da bainha na sua manga e agitou-a em direção ao quadro - Quem, peço, pode de me dizer o que estuda a Tecnomancia? - No quadro aparecia agora uma palavra escrita com uma letra curva, cuidada e ligeiramente inclinada. Houve uma longa e constrangedora pausa. Finalmente, uma garota ergueu a mão. Jackson apontou para ela. - Diga senhorita, er... Perdoe-me, aprenderei os nomes de vocês com o tempo. Gallows, não é?
- Mestre, - disse a garota em voz baixa, aparentemente pensando no conselho dado por Franklyn no dia anterior
- A Tecnomancia é, creio eu, o estudo da ciência da magia?
- Pertence à Corvinal, Srta. Gallows? - perguntou Jackson observando-a. Ela assentiu. - Cinco pontos para Corvinal, embora, eu não aprove o termo “crer” nas minhas aulas. A crença e o conhecimento têm pouco, se é que têm, em comum. Nestas aulas iremos aplicar o conhecimento. Ciência. Fatos. Se você quer crenças, a aula de Madame Delacroix começará convenientemente ao fundo do corredor, daqui à uma hora - Apontou para a porta, e pela primeira vez havia algo parecido com humor no seu rosto de pedra. Alguns alunos atreveram-se a sorrir ou mesmo a rir baixinho. Jackson virou-se apontando a varinha ao quadro novamente.
- O estudo da ciência da magia, sim. É um comum e infeliz mal-entendido que a magia é uma atividade mística ou contranatural. Aqueles que crêem - e aqui eu uso o termo “crêem” intencionalmente - aqueles que acreditam que a magia é apenas mística estão também dispostos a acreditar em coisas como o destino, a sorte, e a equipe de quadribol americana. Resumindo, causas perdidas sem quaisquer provas empíricas que as suportem. - Mais risos surgiram na sala. Obviamente o Prof. Jackson não era o que parecera à primeira vista.
A magia - continuou, enquanto o quadro-negro começava escrevinhar as suas anotações - não, eu repito, *não*

quebra nenhuma das leis naturais da ciência. A magia *explora* essas leis utilizando métodos muito específicos e criativos. Sr. Walker - Zane saltou da cadeira, desviando o olhar do desenho no qual havia trabalhado enquanto os outros tomavam notas. Jackson ainda estava de frente para o quadro, de costas para Zane.

- Preciso de um voluntário, Sr. Walker. Posso pedir o seu pergaminho? - não era um pedido. Enquanto falava, ele agitou a varinha e o pergaminho de Zane flutuou à frente da sala. Jackson apanhou-o com uma mão. Virou-se, segurando-o firmemente, mas sem olhar para ele. A turma olhava silenciosamente para a razoável caricatura de Jackson que Zane desenhara. Zane começou a afundar-se no assento, como se quisesse derreter para baixo da mesa.

- É apenas magia que faz um desenho de um mago verdadeiro ganhar vida? - perguntou Jackson. Ao falar o desenho no pergaminho moveu-se. A sua expressão mudou de severidade estática para uma raiva humorística de história em quadrinhos. A perspectiva alargou-se, e agora havia uma mesa à frente do boneco de Jackson. Uma minúscula versão de Zane surgiu sentada à mesa. A caricatura de Jackson puxou um quadro e nele desenhou riscas vermelhas até formar as letras “N.P.F.” no topo. O desenho de Zane caiu de joelhos, suplicando à caricatura de Jackson, que abanava a cabeça imperativamente. O desenho de Zane começou a chorar, a sua boca em mágoa parecia um grande bumerangue, enquanto que lágrimas cômicas brotavam dos seus olhos.

Enquanto toda a turma irrompia em gargalhadas, Jackson virou a cabeça e finalmente olhou para o pergaminho em sua mão. Esboçou um pequeno, mas genuíno sorriso.

- Infelizmente, Sr. Walker, acabou de perder cinco pontos de sua Casa, anulando os cinco anteriormente ganhos pela Srta. Gallows. Assim é a vida.

Recomeçou a passear pela sala, colocando o desenho novamente sobre mesa de Zane.
- Não, a magia não é, como já foi, apenas uma palavra mágica. Na realidade, o verdadeiro bruxo aprende a imprimir a sua própria personalidade no papel utilizando meios *para além* de uma pena. Nada de anormal ocorre. Ocorre apenas um diferente meio de expressão. A magia explora as leis naturais, mas não as quebra. Por outras palavras, a magia não é contranatural, mas sim *sobre*natural. Ou seja, é *além* da natureza, mas não está fora dela. Outro exemplo.  Sr.... Huum...
Jackson apontou para um garoto a seu lado, que se recostou subitamente na cadeira, olhando para o dedo apontado para ele.
- Murdock, mestre. - disse o garoto.
- Murdock. Está na idade para aparatação. Estou certo?
- Ah. Sim, senhor - respondeu Murdock, parecendo aliviado.
Importa-se de nos descrever a aparatação, por favor?
Murdock pareceu perplexo.
- É bastante simples, não é? Quer dizer, é questão apenas de arranjarmos um bom e sólido local em nossa mente, fechamos os olhos, e fazemos acontecer. E *bang*, estamos lá.
- *Bang*? Você diz assim? - perguntou Jackson, com uma expressão vaga.
Murdock ruborizou-se
- Bem. Sim, mais ou menos. Aparecemos lá. Sem mais nem menos.
- Então é instantâneo, o senhor diria.
- Sim, acho que diria isso.
Jackson franziu a testa.
- Acha?
Murdock estava extremamente envergonhado, olhando para os colegas à sua volta, em busca de ajuda.
- Er, não. Quer dizer, sim. Decididamente. Instantaneamente. Como você disse.

- Como *você* disse, Sr. Murdock - corrigiu Jackson delicadamente. Movia-se novamente retornando para frente da sala. Enquanto passava tocou no ombro de outro aluno - Senhorita?
- Sabrina Hildegard, mestre - respondeu Sabrina tão clara e educadamente quanto pôde.
- Podia ter a gentileza de nos fazer um pequeno favor, Srta. Hildegard? Precisamos de duas ampulhetas de dez segundos da sala de poções do Prof. Slughorn.
Creio que segunda porta à esquerda. Obrigado.
Sabrina saiu apressadamente enquanto Jackson encarava a sala.
- Sr. Murdock, tem alguma idéia do que acontece quando você aparata?
Murdock parecia ter percebido que a alternativa mais segura era a completa ignorância. Balançou firmemente a cabeça. Jackson pareceu aceitar.
- Vamos analisar deste modo. Quem sabe me dizer o que acontece aos objetos desaparatados?
Desta vez foi Petra Morganstern que levantou a mão.
- Mestre. Os objetos desaparatados não vão para lado algum, o que é o mesmo que dizer, que vão para todo o lado.
Jackson assentiu com a cabeça.
- Uma resposta de livro, senhorita. Mas vazia. A matéria não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, nem estar em todo o lado e em lado nenhum. Vou poupar o meu tempo não questionando mais a ignorância desta turma. Esta é a parte em que eu falo e vocês escutam.
Por toda a sala, penas foram mergulhadas e postas em posição. Jackson recomeçou a andar.
A matéria, como sabem até agora, é feita inteiramente de nada. Átomos reunidos no espaço, formando uma forma que, da nossa perspectiva avantajada, parece sólida. Este castiçal - estendeu a mão ao castiçal de metal que se encontrava em sua mesa - parece-nos ser um único e sólido objeto, mas efetivamente, é formado

por trilhões de minúsculos átomos com distância suficiente entre eles para criarem forma e peso para a nossa desajeitada visão. Quando o fazemos desaparecer - Jackson agitou a varinha fazendo o castiçal desaparecer com um baixo estampido - Não estamos movendo o candelabro, nem o destruindo, nem mesmo obrigamos a matéria a comprimi-lo até este deixar de existir. Estamos?
Os olhos cortantes de Jackson perscrutaram a sala, saltando de rosto em rosto, à medida que os alunos paravam de escrever esperando que o professor continuasse.
- Não. Em vez disso, alteramos a distribuição do espaço entre esses átomos - disse eloqüentemente. - Expandimos o espaço entre eles talvez mil vezes, talvez um milhão de vezes. A multiplicação destes espaços aumenta o castiçal até um ponto de dimensões quase planetárias. O resultado, é que podemos realmente passar através dele, através dos espaços entre os seus átomos, sem sequer percebermos. Em suma, o castiçal ainda está aqui. Foi simplesmente tão expandido, tão esticado até a um nível quase efêmero, e tornou-se assim fisicamente insubstancial. Está, em efeito, por todo lugar, e em lugar nenhum.
Sabrina retornou com as ampulhetas, colocando-os em cima da mesa de Jackson.
- Ah, obrigado Srta. Hildegard. Murdock.
Murdock deu outro salto, que causou um burburinho entre a turma.
- Mestre.
- Não tenha medo, meu corajoso amigo. Gostaria que fizesse uma tarefa que eu espero que ache muito simples. Gostaria que desaparatasse para nós.
Murdock ficou chocado.
- Desaparatar? Mas... mas ninguém pode desaparatar nos territórios da escola, mestre.
- É verdade. Uma curiosa e meramente simbólica

proibição, mas no fim das contas, não deixa de ser uma proibição. Felizmente para nós, consegui uma permissão educacional temporária que lhe permitirá, Sr. Murdock, desaparatar aqui - Jackson deslocou-se até ao canto frontal da sala e apontou para o chão. - Aqui - Murdock ficou paralisado e balançava ligeiramente enquanto pensava na tarefa que o professor lhe pedira.
- Quer dizer que quer que eu desaparate desta sala… para esta sala?
- De onde está, para cá. Este canto, mais especificamente. Não previa que fosse tão difícil assim. Exceto, que eu gostaria que você o fizesse carregando isso. - Jackson pegou numa das pequenas ampulhetas que Sabrina trouxera.
- Vire-a precisamente antes de desaparatar. Entendido?
Murdock assentiu aliviado.
Sem problema, mestre. Consigo fazer isso de olhos vendados.
- Não acho que isso seja necessário - disse Jackson, dando-lhe a ampulheta.
Voltou à frente da sala, e pegou na segunda ampulheta.
- No três, Sr. Murdock. Um… Dois… Três!
Murdock e Jackson viraram ambas as ampulhetas. Um segundo depois, Murdock sumiu com um forte estalo. Todos os olhares se concentraram no canto da frente. Jackson segurava a ampulheta, vendo a areia deslizar silenciosamente pelo vidro. Ele cantarolou um pouquinho. Debruçou-se ligeiramente sobre a mesa. E então, preguiçosamente, virou-se e olhou para o canto frontal da sala. Com um segundo estalo, Murdock reapareceu. Com um movimento extraordinariamente rápido, Jackson tiroulhe a ampulheta da mão e pôs, junto à dele, no centro da sua mesa. Recuou, analisando as duas ampulhetas. A areia da ampulheta de Jackson estava igualmente repartida entre os bulbos. A de Murdock ainda estava praticamente toda no topo.
- Receio, Sr. Murdock, - afirmou Jackson, sem retirar os

olhos das ampulhetas - que a sua hipótese se tenha provado falsa. Volte ao seu lugar, e obrigado. - Jackson olhou fixamente a turma e apontou para as ampulhetas - Uma diferença de quatro segundos, com alguns décimos a mais ou a menos. Parece que, afinal, a aparatação não é instantânea. Mas, - e esta é a parte interessante - *é,* na realidade, para o aparatador. O que a Tecnomancia pode-nos dizer sobre isto? Essa é uma pergunta retórica. Eu irei responder.
Jackson recomeçou a andar de um lado para o outro, enquanto novas palavras apareciam no quadro. Por toda a sala, os alunos debruçaram-se sobre os pergaminhos.
- A aparatação utiliza à mesma metodologia dos objetos desaparecidos. O aparatador amplia os espaços entre os seus átomos, expandindo-os até a um ponto em que se tornam fisicamente insubstanciais, invisíveis, imensuráveis, efetivamente, em qualquer lugar. Alcançando a onipresença, o aparatador *reduz* automaticamente os espaços entre os seus átomos, mas com um novo ponto central determinado pelo ponto de referência mental imediatamente antes da desaparatação. Um bruxo em Londres, mentaliza o Campo de Ebbet, e desaparata - ao fazê-lo, atinge a onipresença - e então reaparata com um novo ponto sólido no Campo de Ebbet. É essencial que o bruxo mentalize o destino antes da desaparatação. Alguém consegue me dizer, através da Tecnomancia, por quê?
Silêncio. Então a garota chamada Gallows levantou a mão novamente.
- Porque o processo de aparatação é instantâneo para o feiticeiro?
- Crédito parcial, senhorita - disse Jackson, perto da amabilidade - Dependendo das distâncias, a aparatação leva tempo, como já vimos, e o tempo não é, relativamente falando, flexível. Não, a razão pela qual o bruxo deve fixar o seu destino antes de desaparatar é que, enquanto está no estado de onipresença, a sua

mente está num perfeito estado de hibernação. O tempo que demora a Aparecer não é instantâneo, mas como a mente do bruxo está congelada durante este processo, parece ser. Já que o bruxo não consegue pensar nem sentir durante o processo de aparatação, um bruxo que não tenha em mente o seu destino antes de desaparatar… não Reaparatará novamente.
Jackson franziu as sobrancelhas e perscrutou a sala, procurando sinais de que os alunos tivessem compreendido a lição. Após alguns segundos, uma mão foi erguida lentamente. Era Murdock. O seu rosto contraído, aparentemente lutando por organizar estes radicais conceitos em sua mente. A sobrancelha negra e grossa de Jackson voltou a se erguer.
- Sim, Sr. Murdock?
- Tenho uma dúvida. Desculpe. Onde... - tossiu, clareando a voz e lambendo os lábios - Onde fica o Campo de Ebbet?

James encontrou-se com Zane e Ralf depois do almoço, quando os três desfrutavam de um curto tempo livre. Com demasiado tempo para irem logo para as próximas aulas, mas também não o suficiente para se dirigirem às suas salas comunais, esforçavam-se absurdamente para andar pelos corredores lotados perto do pátio, tentando sair do caminho da multidão de alunos, e discutir as aulas da manhã.
- Eu digo a você, o Cara de Pedra tem um efeito estranho qualquer na passagem do tempo! - contou Zane a Ralf apaixonadamente - Eu juro que, a certa altura, vi o relógio andar para trás.
- Bom, eu gostei do meu professor. O Prof. Flitwick. Já o viram por aí? - disse Ralf, mudando de assunto intencionalmente.

Zane conseguiu ser dissuadido.
- O homem tem olhos debaixo da peruca ou assim. Quem é que iria pensar que uma escola de feitiçaria seria tão estranha?
- O Prof. Flitwick ensina os feitiços básicos e os movimentos de varinha, não é? - perguntou James a Ralf.
- Sim. Foi mesmo excelente. Quer dizer, uma coisa é ler sobre fazer magia, mas vê-la acontecer é outra. Ele fez a sua cadeira levitar, com livros e tudo!
- Livros? - perguntou Zane.
- Sim, aquela pilha de livros que ele tem em cima da cadeira para poder ver por cima da mesa. Deve pesar uns cem quilos. Ele levitou a cadeira com os livros em cima, usando só a varinha.
- E como você se saiu? - perguntou Zane. James encolheu-se, pensando na ridícula varinha de Ralf.
- Nada mal - respondeu Ralf.
Houve uma pausa quando Zane e James pararam para olhar para ele.
- É sério. Nada mal mesmo - repetiu Ralf - Quer dizer, não estávamos propriamente levitando cadeiras ou qualquer coisa do tipo. Eram só penas. O Flitwick nos disse que não esperava que conseguíssemos à primeira vez. Mesmo assim, saí-me tão bem quanto os outros - Ralf parecia pensativo - Talvez até um pouco melhor. O Flitwick parecia muito contente comigo. Disse que eu tinha talento.
- Você levitou uma pena com aquele núcleo maluco de bigode de Homem das Neves? - perguntou Zane incrédulo.
Ralf olhou-o com desagrado.
- Sim. Para sua informação, o Flitwick diz que a varinha é uma mera ferramenta. É o feiticeiro que faz a magia. Talvez eu tenha simplesmente talento. Já tinha ocorrido a você, Senhor Perito-Repentino-Em-Varinhas?
- Certo, desculpa - murmurou Zane - Mas não não aponte esse tronco louco de boneco de neve para mim. Quero

manter o mesmo número de pernas e braços.
- Esquece isso - reconfortou-o James quando recomeçaram a andar - O Flitwick tem razão. O que importa de onde vem a varinha? Conseguiu mesmo levitar a pena?
Ralf sorriu com orgulho.
- Até ao teto. Ainda está lá em cima. Ficou presa numa das vigas.
- Boa. - acenou James apreciativamente.
Um garoto mais velho com uma gravata verde esbarrou em James, empurrando-o do caminho para a relva do pátio. Empurrara igualmente Ralf, mas este era tão alto e largo quanto ele. O fez apenas balançar, mas não o moveu do lugar.
- Desculpa - murmurou Ralf para o rapaz, quando este parou e o mirou furioso.
- Vejam por onde andam, primeiranistas - resmungou o rapaz, olhando de James para Ralf - E talvez devesse ter mais cuidado com as companhias, Deedle - E foi-se embora sem esperar resposta.
- *Esta* é a atitude sonserina da qual me falou no trem. - disse Zane - Acabou o "espero que sejamos todos amigos".
- Aquele era o Trent - disse Ralf com ar taciturno, vendo o rapaz afastar-se - Foi ele que disse que o meu *videogame* portátil era um insulto ao sangue bruxo. Embora eu não esperasse que ele o pedisse emprestado.
James não prestava atenção. Estava distraído com outra coisa, algo que o rapaz usava.
- O que dizia o distintivo dele?
- Ah, agora todos os usam. - respondeu Ralf - A Tábita Corsica estava distribuindo de manhã na sala comunal. Aqui... - Ralf vasculhou suas vestes e retirou outro distintivo. - Esqueci de pôr o meu.
James observou o distintivo. No fundo azul-escuro, em letras brancas podia-se ler "*Bruxaria Progressiva Contra a História Falsa*". Uma cruz vermelha aparecia

repetidamente sobre as palavras "*História Falsa*", e depois se desvanecia.
- Nem todos dizem isso - disse Ralf, voltando a guardar o distintivo - Alguns dizem "Questione aos Vitoriosos". Outros tinham grandes citações que não faziam o mínimo sentido para mim. O que é um auror?
Zane se pronunciou.
- O meu pai foi chamado uma vez à recruta de aurores. Mas foi-se embora porque tinha umas filmagens na Nova Zelândia. Ele diz que se os aurores fossem mais bem pagos talvez a Justiça melhorasse.
Ralf fitou-o desnorteado. James suspirou.
- Os aurores - disse ele, lenta e cuidadosamente - são um grupo de bruxos que procuram e capturam bruxos das trevas. São como uma polícia mágica, creio eu. O meu pai é um auror.
- Chefe do Departamento de Aurores, você quer dizer - disse uma voz de um grupo vizinho. Tábita Corsica era a porta-voz do grupo, observando James, enquanto percorriam o pátio - Perdoe a minha interrupção. – O restante dos membros do grupo fitava James com sorrisos indecifráveis. Todos usavam os distintivos azuis.
- Sim - respondeu James, em tom alto, mas um tanto incerto - Ele é.
- O seu pai é chefe dos policiais da magia? - perguntou Zane, olhando dos partidários sonserinos para James.
James entristeceu-se e assentiu com a cabeça. Lera outro dos distintivos. Dizia: "*Diga Não à Política de Medo dos Aurores; Diga Sim à Liberdade de Expressão Mágica*". James não compreendeu o seu significado, mas tinha um mau pressentimento.
Zane virou-se de repente e deu um toque com o cotovelo em Ralf.
- É melhor pôr esse distintivo, companheiro, ou os seus amiguinhos de Casa vão pensar que você é a favor da História Falsa e do Aurores Imperialistas, ou algo assim.

James pestanejou, percebendo-se finalmente o que Ralf dissera há um minuto atrás.
- Você disse que o seu colega pegou emprestada aquela sua coisa, o *videogame* portátil?
Ralf sorriu forçadamente.
- Bem, talvez não tenha sido ele. Mas alguém o fez. Não que muitos soubessem dele. A não ser que andassem falando pelas minhas costas. Tudo o que sei é que dei pela falta dele logo depois de mostrar aos meus colegas. Suponho que tivessem apenas livrando a sala comunal de qualquer tipo de magia falsificada - suspirou.
James não conseguia afastar a estranha sensação que sentia na barriga. Girava em torno daquela atitude antipática dos sonserinos, e seus distintivos. E agora, um deles roubara o estranho jogo trouxa de Ralf. Por quê?
Estavam quase passando pela vitrine dos troféus de Hogwarts quando Zane, que havia se adiantado, parou e os chamou:
- Ei, fichas de inscrição para os clubes. Vamos fazer algo extracurricular - inclinou-se, examinando uma folha em particular - *Leia as Runas! Preveja o seu futuro e o dos seus amigos! Aprenda a Linguagem das Estrelas*. Blá, blá. *O Clube de Astronomia. Reuniões às terças-feiras às onze horas na torre oeste*. Isso me cheira a desculpa para ficar de pé até tarde. Estou dentro - agarrou a pena que estava presa a uma prateleira por um fio, mergulhou-a teatralmente e escreveu o seu nome na ficha.
James e Ralf viram-se pegados com ele. Ralf inclinou-se para ler as fichas de inscrição em voz alta.
- Grupos de Debate, Clube de Xadrez de Bruxo, times de quadribol das Casas.
- O quê? Onde? - perguntou Zane, ainda segurando a pena como se a quisesse espetar em alguma coisa. Encontrou a ficha para as provas dos times de quadribol da Corvinal e começou a escrever o seu nome - Só tenho de estar em cima de uma daquelas vassouras. O que

acha de minhas chances, James?
James tomou-lhe a pena, agitando a cabeça alegremente.
- Tudo é possível. O meu pai foi apanhador da Grifinória no seu primeiro ano. O mais novo apanhador da história do time. É a razão, em parte, pela qual eles mudaram as regras. Os primeiranistas normalmente não entravam nos times. Agora é autorizado, mas é muito, muito difícil - James assinou ao fim da ficha do time de quadribol da Grifinória. As provas, leu, eram no dia seguinte após as aulas.
- Ralf, não vai se inscrever no time dos sonserinos? Vamos! Todos os seus amigos vão! - incentivou Zane, olhando maliciosamente para o garoto mais maior.
- Não, nunca fui muito bom em esportes.
- Você? - bradou Zane, atirando um braço sobre o ombro de Ralf - Você é uma parede de tijolo. Só tem de ficar em frente do aro e a defesa está assegurada! Eles só têm de arranjar uma vassoura que agüente você.
- Cala a boca! - exclamou Ralf, livrando-se do braço de Zane, mas sorrindo, corado. - Na verdade, estava pensando em me inscrever no grupo de debate. A Tábita diz que eu seria bom nisso.
James pestanejou.
- A Tábita Corsica disse para você se inscrever no grupo de debate dos sonserinos?
- Na realidade - disse Zane, observando as fichas de inscrição dos grupos de debate - os grupos de debate não são divididos pelas Casas. São grupos aleatórios A e B. Vejam, pessoas de todas as Casas podem ficar no mesmo grupo. Aqui estão até alguns dos visitantes de Alma Aleron.
- Porque não arrisca se inscrever, Ralf? - perguntou James. Era óbvio que Ralf queria.
- Não sei...
- Ah, olha, a Petra está no grupo A - disse Zane, começando a assinar a folha.
James ergueu o cenho.

- Você vai para a os grupos de debate só porque a Petra Morganstern também está?
- Consegue pensar em um motivo melhor?
- Sabe - disse James, rindo - Acho que a Petra anda saindo com o Teddy.
- Meu pai diz que as garotas não sabem se gostam de sorvete até terem provado todos os sabores - disse Zane sabiamente, colocando a pena no seu local original.
Ralf franziu a sobrancelha.
- O que isso quer dizer?
- Significa que o Zane aqui acha que consegue afastar o Teddy por sua habilidade no departamento de romance - gozou James. Ambos estavam admirados e preocupados pela falta de inibição de Zane.
- Quer dizer - afirmou Zane - que a Petra não saberá o que deseja num homem até ter conhecido o maior número de homens possível. Vou pensar apenas nos seus melhores interesses.
Ralf estudou Zane por um momento.
- Tem noção que você só tem onze anos, certo?
James não se moveu quando Zane e Ralf recomeçaram a andar. Uma fotografia dentro da vitrine dos troféus atraíra a sua atenção. Debruçou-se, colocando as mãos em forma de concha em volta do rosto, bloqueando o reflexo do sol. Era uma fotografia em preto e branco, movendo-se, tal como todas as fotografias ali faziam. Era o seu pai, mais jovem, mais magro, o seu cabelo rebelde e revolto caído sobre a tão famosa cicatriz. Sorria desconfortavelmente para a máquina fotográfica, movendo os olhos, como se estivesse evitando o contacto visual com alguém ou algo fora da visão da máquina. Ao lado da foto emoldurada estava um grande troféu de prata com uma espécie de cristal azul que emitia uma luz viva e serpeante. James leu a placa por baixo do troféu.

## A Taça Tribruxo

**Obtida em conjunto por Harry Potter e Cedrico Diggory, alunos de Hogwarts das Casas da Grifinória e Lufa-Lufa, respectivamente, por vencerem o Torneio Tribruxo, realizado nestes territórios com a cooperação dos representantes do Instituto de Durmstrang e Academia de Magia de Beauxbatons.**

Havia mais coisas, mas James não leu. Ele conhecia a história. O nome de Harry Potter fora tido como o de um participante fraudulento, tendo sido inscrito na competição por um bruxo das trevas chamado Crouch, o qual levara Harry e Diggory através de uma Chave de Portal ao covil de Voldemort, resultando no retorno do maquiavélico bruxo à sua forma corpórea. Não admirava que o seu pai estivesse desconfortável na fotografia. Não tinha sequer a idade legal para participar no torneio, e tornara-se o dispensável quarto participante numa competição de três. Estava rodeado de pessoas que suspeitavam que tivesse feito fraude, ou pior, magia negra.

James virou-se para a foto do outro lado da taça, a de Diggory. O seu sorriso era genuíno e caloroso, comparado ao do seu pai. James nunca vira uma foto de Diggory, não obstante, este lhe parecia estranhamente familiar. Ele sabia da história de Diggory, sabia que morrera ao lado do seu pai, no cemitério para onde tinham sido enviados, morto por ordem de Voldemort. O seu pai raramente falava sobre aquela noite, e James compreendia o porquê, ou pelo menos imaginava compreender.

Ele suspirou, e então correu para alcançar Zane e Ralf.

Mais tarde naquele dia, James fora ao dormitório buscar os livros para a aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, e encontrou Nobby à sua espera, arranhando o parapeito da janela impacientemente. James agarrou o

pergaminho enrolado na perna de Nobby e o leu.

*Querido James,*

*O seu pai e eu estamos felizes por saber que você está bem instalado, como já sabíamos que estaria. Seu tio Rony mandou felicidades por você ter se tornado um grifinório, e todos nós também. Mal posso esperar para saber como correram para você as primeiras aulas do ano. Além disso, espero que sejamos os primeiros a informar, o seu pai foi convidado para ir a Hogwarts para uma reunião com os bruxos americanos a respeito da segurança internacional e outros assuntos de "interesse mútuo". Vou ficar em casa com a Lílian e o Alvo, mas seu pai está ansioso para ver você na próxima semana. Veja se come mais do que apenas pastéis e empadas, lave suas roupas pelo menos uma vez por semana (Estou brincando. Não, não estou).*

*Com amor,*
*Beijos,*
*Mamãe.*

James dobrou a carta dentro do livro que trazia nos braços e desceu as escadas correndo. Saber que iria ver o pai dentro de uma semana despertava nele um turbilhão de sentimentos. Claro que estava entusiasmado por vê-lo e lhe apresentar os seus novos amigos. Mesmo assim, temia que a sua visita fizesse recair sobre ele a sombra do seu famoso pai. Estava agradecido por Zane e Ralf serem de descendência trouxa, pois assim eram relativamente ignorantes em relação aos feitos do seu lendário pai. Quando se juntou à multidão que enchia a sala de Defesa Contra as Artes das Trevas, James viu outro distintivo na veste de um sonserino: *"Bruxos Progressivos Contra Discriminação*

*Mágica”* lia-se. Sentiu uma estranha sensação de afundamento, e então notou o papel preso com um clipe junto à porta: *“Harry Potter na Conferência da Magia Internacional”* anunciava o cabeçalho. Por baixo, em letra menor podia-se ler: *“Auror Chefe Reúne-se Com Representantes dos Estados Unidos Durante Cerimônia em Hogwarts. Questões de*
*Segurança Estão na Ordem do Dia.”* Preso ao jornal, de maneira a tapar a imagem de um Harry Potter adulto e sorridente, achava-se outro dos distintivos azuis, com a mensagem “Questione aos Vitoriosos”.
- Vamos lá - encorajou Ralf, juntando-se a James - Iremos nos atrasar.
Enquanto atravessavam a sala apinhada e encontravam dois lugares à frente, Ralf inclinou-se sobre o ouvido de James.
- Era o seu pai no artigo do jornal?
James achou que Ralf não tinha visto. Virou-se para Ralf, enquanto se sentavam
- Sim. Acabei de receber uma carta de minha mãe me contando. Ele chega no início da próxima semana. É uma grande reunião com os americanos, eu acho.
Ralf não disse nada, mas parecia desconfortável.
- Já sabia disso, não? - segredou James enquanto o silêncio se espalhava pela sala.
- Não - murmurou Ralf - pelo menos, não especificamente. Os meus colegas de Casa andaram falando de um tipo qualquer de protesto. Parece que está relacionado ao seu pai.
James ficou olhando para Ralf, ligeiramente boquiaberto. Então era isso que a Tábita Corsica e os seus amiguinhos estavam preparando, por trás daqueles discursos e sorrisos amigáveis. Pelo visto, as táticas dos sonserinos haviam mudado, mas não o seu propósito. James pressionou os lábios e virou-se para frente da sala enquanto o professor Franklyn se aproximava da mesa principal. O professor Jackson o acompanhava,

carregando a sua mala de couro preto e conversando num tom baixo.
- Saudações, estudantes - saudou-os Franklyn secamente - Sei que alguns de vocês já conhecem o Prof. Jackson. Por favor, perdoem o meu pequeno atraso. - Jackson olhou os alunos sentados por cima do ombro, a seu rosto rígido como granito. O apelido dado por Zane ao professor assentava-se agora perfeitamente, pensou James. Franklyn virou-se de costas para Jackson e falou com uma voz silenciadora. Jackson parecia descontente com as palavras de Franklyn. Pousou a mala no chão a seu lado, livrando as mãos.
James olhou para a mala que estava a um ou dois metros do local onde ele estava na primeira fila. Jackson nunca era visto sem a sua mala, que guardava com muito cuidado. James tentou não ouvir a conversa entre os dois professores, que obviamente era para ser secreta. Evidentemente, isso a fez parecer mais intrigante. Conseguiu ouvir as palavras “gruta” e “Merlim”. Então, uma terceira voz atravessou a sala.
- Professor Jackson. - chamou, não era uma voz alta, mas soou com um poder inexplicável. James virou-se para ver quem estava falando. Madame Delacroix estava à porta da sala, o seu olhar vago flutuando por cima das cabeças dos alunos sentados. - Achei que gostaria de saber que a sua aula está à espera. Você é sempre tão… - pareceu procurar no ar a melhor palavra - *rigoroso* e insistente com a pontualidade. - A sua voz arrastada tinha de um sotaque um tanto francês e um tanto sul-americano. Sorriu vagamente, então deu meia-volta, a sua bengala batendo ao chão, e desapareceu pelo corredor.
A cara de Jackson estava agora mais rija que o normal ao olhar para a porta agora vazia. Olhou penetrantemente para Franklyn, e depois baixou o olhar, procurando a sua mala. Deteve-se de supetão antes de chegar até ela, e James não conseguiu deixar de olhar para os pés do professor. Aparentemente a mala de

couro preto abrira-se quando ele a pousara. Ninguém parecia ter notado exceto James e o professor Jackson. Jackson apanhou-a lentamente, e fechou-a com um pequeno estalido. James teve uma pequena visão do seu interior. Parecia ser forrada com um tecido escuro e rico. Jackson ergueu-se, e ao fazê-lo, olhou para James, a sua face rígida com ar severo. James tentou desviar o olhar, mas era tarde demais. Jackson sabia que ele vira, mesmo que não soubesse o que estava lá dentro.

Sem dar nenhuma palavra, Jackson afastou-se da passagem, movendo-se com seu andar caraterístico que se assemelhava a um velho barco de combate, e foi em direção ao corredor sem olhar para trás.

- Obrigado pela paciência. - agradeceu Franklyn, ajeitando os óculos - Bemvindos à Defesa Contra as Artes das Trevas. Por agora, a maioria de vocês já sabe o meu nome, e presumo que muitos de vocês também conhecem um pouco da minha história. Para esclarecer desde já as perguntas óbvias: Sim, sou *aquele* Benjamin Franklyn. Mas não, não fui eu que inventei a eletricidade para os trouxas, apenas lhes dei um empurrãozinho na direção certa. E sim, fiz parte do Congresso Continental Americano, embora, por razões óbvias, não fui um dos assinantes da Declaração da Independência. Àquela altura usava duas maneiras de soletrar o meu nome, apenas uma era conhecida no mundo trouxa, o que me facilitava saber quais cartas abrir primeiro. Sim, eu tenho noção de que meu rosto ilustra as notas americanas de cem dólares. Não, ao contrário do mito popular, eu não ando por aí com maços de notas de cem para autografar aos admiradores. Sim, eu já sou um velhote, e sim, isso foi conseguido graças aos meios da magia, embora confesse que esses meios são muito mais terrenos do que muitos esperam. E por último, não, não sou imortal. Sou um homem muito, muito velho que envelheceu bem, com algumas ajudinhas. Isso responde às questões mais óbvias? - terminou Franklyn com um

grande e irônico sorriso, sondando a sala cheia. Houve um murmúrio de consentimento.
- Excelente. Mãos à obra então. E, por favor - continuou Franklyn abrindo um grosso livro sobre a escrivaninha - Vamos evitar qualquer uma das piadas do “são sempre os Benjamins”. Elas não eram engraçadas duzentos anos atrás e são menos engraçadas agora, obrigado.

Atravessando os terrenos em direção ao Salão Principal para o jantar, James e Ralf passaram pela cabana de Hagrid e notaram a espiral de fumaça que saía da chaminé. James alegrou-se, pediu a Ralf que o seguisse, e correu para a porta da frente.
- James! - gritou Hagrid, abrindo a porta. Atirou os braços sobre o rapaz, ocultando-o totalmente. Ralf arregalou os olhos e recuou, fitando Hagrid de alto a baixo - É tão bom ter um Potter de novo na escola. Como estão os seus pais, e o pequeno Alvo e a Lílian?
- Estão todos ótimos, Hagrid. Por onde tem andado?
Hagrid saiu, fechando a porta atrás de si. Eles seguiram-no à medida que ele atravessava os terrenos em direção ao castelo.
- Nas montanhas. Numa reunião com os gigantes. Eu e o Grope vamos todos os anos, sabe? Espalhando boa vontade e tentando manter todos honestos, enfim. Ficamos um pouco mais este ano, porque o pequeno Grope encontrou uma namorada. Quem é esse seu amigo, James?
James, momentaneamente distraído pela idéia de Grope, o meio-irmão gigante de Hagrid, realizando rituais de acasalamento com uma giganta da montanha, esquecera-se completamente de Ralf.
- Ah! Este é o meu amigo Ralf Deedle. É do primeiro ano, assim como eu. Hagrid, está dizendo que o Grope está

apaixonado?
Hagrid ficou vagamente nebuloso.
- Ah, é bonito ver o meu irmão junto com a sua amiga. Eles estão tão felizes quanto um casal de hipogrifos num galinheiro. Os relacionamentos entre os gigantes são coisas muito delicadas, sabem?
Ralf estava tendo algumas dificuldades em acompanhar a conversa.
- O Grope, seu irmão, é um gigante?
- Bom, claro - disse Hagrid em tom jovial - É um dos pequenos. Dezesseis pés ou até menos. Deviam ter visto a amiga dele. É da tribo dos Habitantes de Crista, tinha mais sete metros. Não faz meu tipo de mulher, claro, mas o Grope ficou apaixonado por ela. Também não é surpresa, na realidade, já que o primeiro passo do namoro entre dois gigantes é *bater* no companheiro com um grande tronco de uma árvore. Ela o nocauteou por boa parte do dia. Depois disso ele ficou com aquele olhar de cachorrinho perdido.
James tinha medo de perguntar, e suspeitava de já saber a resposta.
- O Grope trouxe a namorada com ele?
Hagrid olhava para o vazio.
- Bem, claro que trouxe. Esta é a casa dele agora, não é? Ela vai ser uma boa esposa. Ela construiu uma pequena cabana nas colinas atrás da floresta. O Grope está lá agora, ajudando-a a se instalar, espero.
James tentou imaginar Grope ajudando “instalar” uma giganta de sete metros de altura, mas a sua imaginação exausta desligou-se. Abanou a cabeça, na tentativa de apagá-la.
- Ouvi dizer que seu pai vem a uma reunião aqui na próxima semana, James. - disse Hagrid, enquanto entravam pelas sombras dos portões principais - Tendo uma reunião mental com os esnobes do outro lado do charco, é?
James ficou confuso pela terminologia de Hagrid.

- Se você diz assim.
- Ah, vai ser tão bom tomar um chá com o seu pai, tal como nos velhos tempos. Só que sem todo aquele segredo e aventura. Já contei sobre quando seu pai, Rony e Hermione ajudaram o meu Norberto a fugir?
- Só umas cem vezes, Hagrid. - sorriu James, puxando as portas do Salão Principal - Mas não se preocupe, é sempre diferente cada vez que ouço.
Mais tarde, quando o jantar estava prestes a acabar, James foi falar com Hagrid num lugar que ele achava que poderiam ter uma conversa mais privada.
- Hagrid, posso fazer, tipo, uma pergunta oficial?
- Claro que sim. Não posso garantir que saberei a resposta, mas darei o meu melhor.
James olhou em volta e viu Ralf sentado ao fundo da mesa da Sonserina com o grupo de Tábita Corsica. Ela falava com um tom sério, o seu rosto bonito iluminado pela luz das velas e pela luz penetrante do teto escuro.
- As pessoas podem ser, como se diz, selecionadas erradamente? É possível que o Chapéu se engane e coloque alguém na Casa errada?
Hagrid sentou-se pesadamente num banco próximo, fazendo-o chiar consideravelmente.
- Bem, não posso dizer como se já tivesse acontecido antes. - disse - Algumas pessoas podem não gostar da Casa para a qual foram selecionadas, mas isso não quer dizer que não seja a Casa para eles. Está preocupado com o quê, James?
- Ah, não sou eu. - disse James em tom preocupado, desviando o olhar de Ralf, como se este o afetasse - Perguntei apenas por perguntar. Andava pensando nisso.
Hagrid sorriu indefinidamente e deu uma palmadinha nas costas de James, fazendo-o tropeçar num degrau.
- Você é igual ao seu pai. Sempre preocupado com os outros quando deveria olhar para si mesmo e vigiar o passo. Isso irá lhe meter em confusão se não for cuidadoso, assim como aconteceu com o Harry. - Hagrid

deu uma risada, emitindo um som parecido com pedras perdidas numa correnteza. Aquela idéia parecia trazer a Hagrid lembranças calorosas - Nãã, o Chapéu Seletor sabe o que faz, penso eu. Tudo se resolverá. Só tem de dar tempo ao tempo.

Mas à medida que James retornava para sua mesa, fazendo contato visual com Ralf por um momento enquanto passava os sonserinos, ele pensava.

# - CAPÍTULO 4 -

# O Elemento Progressivo

James Potter sentou-se em sua cama, sufocando um grito. Escutou muito atentamente, espiando através da escuridão do dormitório. Ao seu ao redor tudo o que ouvia eram os pequenos sons dos grifinórios adormecidos. Ted se contorceu e roncou resmungando em seu sonho. James conteve a respiração. Acordou alguns minutos antes com o som de seu próprio nome em seus ouvidos. Tinha sido como uma voz num sonho, distante e sussurrante, soprada sobre a fumaça de um longo túnel escuro. Tinha acabado de convencer-se de que tinha, de fato, sido um sonho e tinha voltado a

tentar dormir quando o ouviu de novo. Parecia vir das próprias paredes, um som longínquo, ainda que próximo dele, como um coro de sussurros pronunciando seu nome.
Muito silenciosamente, James saiu com cautela de sua cama e colocou seu roupão de banho. O chão de pedra estava frio sob seus pés quando se levantou e escutou, inclinando a cabeça. Virou-se lentamente, e quando olhou para a porta, a figura que estava ali se moveu. Ele não tinha visto aparecer, simplesmente estava ali, flutuando, onde um momento antes havia escuridão. James sobressaltou-se e retrocedeu até sua cama, quase caindo de costas sobre ela. Então reconheceu a figura fantasmagórica. Era a mesma figura branca etérea que tinha visto perseguir o intruso nos terrenos da escola, a forma fantasmagórica que parecia um jovem quando voltava para o castelo. Na escuridão da entrada, a figura parecia muito mais brilhante do que parecera de manhã à luz do sol. Era etérea e cambiante, apenas com a mera sugestão de sua forma humana.
Falou de novo, sem se mover.
*James Potter.*
Depois se virou e desceu rapidamente as escadas.
James hesitou um segundo, depois se envolveu mais firmemente em seu roupão e seguiu a figura, com os pés descalços golpeando ligeiramente os degraus de pedra.
Chegou ao deserto salão comunal exatamente a tempo de ver a forma fantasmagórica deslizar-se através do buraco do retrato, passando pela parte detrás do retrato da Mulher Gorda. James apressou-se em segui-la. Esperava que a Mulher Gorda o repreendesse por acordá-la para passar, mas estava profundamente adormecida em sua moldura quando a fechou gentilmente. Estava roncando baixa e elegantemente, e James se perguntou se a figura fantasmagórica teria lançado-lhe um encantamento de sono.
Os corredores estavam silenciosos e escuros, sendo já

tarde da noite. A prateada luz da lua se filtrava através de poucas janelas. Ocorreu a James que deveria ter levado sua varinha. Não podia fazer muito com ela ainda, mas conhecia o feitiço básico de iluminação.
Várias voltas depois, James estava a ponto de desistir. Nem sequer estava seguro se sabia o caminho de volta ao salão comunal de Grifinória. O corredor em no qual se encontrava era alto e estreito, sem janelas e com uma única tocha incandescente próximo ao arco pelo qual tinha entrado. Portas fechadas revestiam o corredor em ambos os lados, feitas de madeira e reforçadas com barras de ferro. Atrás de uma delas, uma baforada de vento noturno fez com que algo rangesse baixa e longamente, como o gemido de um gigante adormecido.
Passou lentamente pelo corredor, a tocha fazendo com que sua sombra se estendesse depois dele, pestanejando tremulamente na escuridão.
- Olá? - disse calmamente, com sua voz rouca, um pouco mais que um sussurro. - Ainda está aí? Não consigo ver você.
Não houve resposta. O corredor estava cada vez mais frio. James deteve-se, olhando de esguelha desesperado para as sombras, e então se virou. Algo tremeluziu pelo corredor a centímetros de seu rosto e então ele saltou. A forma pálida fluiu através de uma das portas, e James viu que essa porta não estava completamente fechada. A luz da lua se filtrava no espaço que se podia ver através da fenda.
Tremendo, James empurrou a porta e esta se abriu com um chiado. Quase imediatamente, a porta travou com algo, produzindo um ruído de raspagem. Havia pedaços de ferro no chão, próximo a algo longo e negro com um gancho na extremidade. Era uma alavanca. James chutou-a para o lado e empurrou a porta para abri-la mais, adentrando.
O cômodo era grande e empoeirado, com escrivaninhas e cadeiras quebradas espalhadas desordenadamente,

aparentemente enviadas para conserto, porém há muito esquecidas. O teto inclinava-se para baixo na parede detrás, onde quatro janelas brilhavam com a luz da lua. A janela mais afastada da direita estava quebrada. O cristal reluzia no chão e uma das vidraças pendia tortamente como a asa quebrada de um morcego**.** A figura fantasmagórica estava de pé ali, olhando o cristal estilhaçado, e então se virou para olhar James por cima do ombro. Tinha voltado a assumir sua forma humana, e James ofegou quando viu o semblante do jovem. Então, duas coisas ocorreram simultaneamente. A figura fantasmagórica evaporou-se num fiapo de fumaça prateado, e houve um estrondo e um rangido do lado de fora do corredor.

James saltou e deu a volta pelo local, espiando pela porta. Não viu nada, mas ainda se podia ouvir um rangido ressonante na escuridão. James apoiou-se contra o interior da porta, com o coração palpitando tão forte que podia ver fracos lampejos verdes em sua visão periférica. Percorreu o local com o olhar, mas estava completamente escuro e vazio exceto pela mobília desordenada e a janela quebrada. O homem fantasmagórico se fora. James inspirou profundamente, depois deu a volta e saiu furtivamente para o corredor.

Ouviu-se outro pequeno rangido. James podia dizer que o som tinha sido mais baixo no corredor, na escuridão. Ressoava como se chegasse de outro lugar. Novamente, James recriminou-se por ter esquecido sua varinha. Caminhou na ponta dos pés pela escuridão. Depois do que pareceu um século, encontrou outra porta aberta. Aferrou o marco da porta e adentrou.

Reconheceu vagamente o depósito de estoque de poções. Havia um homem dentro. Estava vestido com calças e camisa pretas. James o reconheceu como o mesmo homem que tinha visto pela manhã anterior, à orla da Floresta Proibida, tirando fotografias. Estava de pé sobre um banco, examinando as estantes com uma

pequena lanterna de bolso. No chão junto ao banco jaziam os restos de dois pequenos frascos. Enquanto James observava, o homem colocou a lanterninha entre os dentes e procurou às cegas outra jarra no alto da estante, procurando um apoio precário na estante oposta com a mão livre.

- *Heritah Herung* - leu para si mesmo ao redor da lanterna, erguendo o pescoço para dirigir a luz sobre a jarra - Que-que diabos é is-isso? - Sua voz era baixa, um sussurro pressionado.

De repente o homem olhou para a porta. Seus olhos se encontraram com os de James, e durante um longo momento, nenhum dos dois se moveu. James estava seguro de que o homem o atacaria. Obviamente era um intruso e James o tinha visto. Tentou fazer com que seus pés virassem e corressem, mas parecia ter algum tipo de desconexão entre seu cérebro e seus membros inferiores. Ficou ali de pé olhando, agarrando a alvenaria da entrada como se pretendesse pular. Então o homem fez a última coisa que James esperava. Virou e fugiu.

O homem tinha ido antes que James percebesse isso. A cortina da parte detrás do depósito ainda balançava por onde o homem tinha atravessado. Para grande surpresa de James, ele se pôs a perseguir ao homem. O depósito de poções levava à própria classe de Poções. Longas e altas mesas no meio da escuridão, as cadeiras recolhidas abaixo delas. James deteve-se e inclinou o pescoço. Ressoavam passos além do corredor. Seus próprios pés estalaram sobre o chão de pedra quando James esquivou as mesas e saiu pelo corredor, seguindo ao homem.

O homem estava hesitando em um ponto onde dois corredores se cruzavam. Olhou desesperadamente para trás e para frente, então ergueu os olhos e viu James se aproximar. O homem deixou escapar o mesmo grito agudo que James ouvira quando tinha sido perseguido pelo fantasma. Escorregou sobre as pedras, seus pés

pareciam correr em três direções ao mesmo tempo, então os controlou e correu tontamente pelo corredor mais amplo. James sabia agora onde estava. O homem sairia para vestíbulo das escadas móveis. Enquanto James pensava nisso, ouviu outro pequeno grito de surpresa ressoando até ele. Ele sorriu enquanto corria.

James parou em um corrimão e debruçou-se sobre ele, intencionalmente fitando a escuridão dos andares debaixo. A princípio, o chiar sutil das escadas era o único som e então ouviu o rangido dos sapatos do homem. Ali estava ele segurando-se ao corrimão como se corresse risco de vida e tropeçando em uma escadaria que girava pesadamente. James hesitou por um momento, depois fez algo que sempre quisera fazer, mas nunca tinha tido a ousadia de tentar: subiu o corrimão da escada mais próxima, segurou-se com força e então se soltou.

Os grossos corrimãos de madeira, polidos por gerações de elfos domésticos, brilhantes como vidro, eram como colunas de gelo abaixo de James. Ele saiu disparado pelo corrimão abaixo, erguendo a cabeça sobre o ombro para ver aonde ia. Seu cabelo, que estava escorrido pelo suor minutos antes, sacudia-se sobre sua cabeça enquanto o ar o açoitava ao passar. Quando se aproximou do nível mais baixo, agarrou-se novamente ao corrimão com ambas as mãos e pés, reduzindo a velocidade, e depois saltou. Olhou ao redor, procurando ao homem, e o encontrou, subindo com dificuldade outro patamar, um andar abaixo.

O pai de James falara das escadas móveis, tendo explicado o segredo para andar por elas. James avaliou o labirinto móvel, e escolheu outra escada exatamente quando esta começava a girar. Lançou-se sobre o corrimão e soltou-se, deslizando-se por ele como se estivesse engordurado. A um lado estava o abismo oscilante de escadas giratórias. James apertou os dentes e virou-se para olhar para trás novamente. O homem

estava agora alcançando o patamar abaixo. Cambaleou desorientado, enquanto afastava-se das escadas, e então ergueu os olhos exatamente quando James se lançava sobre ele.
Golpeou ao homem a toda velocidade, reagindo a ele e estatelando-se nas lajes do patamar. O homem gritou pela terceira vez, desta vez de frustração e surpresa, quando a força da colisão o derrubou completamente. Houve um estampido penetrante, seguido de uma chuva de cristal tilintante. James revirou e cobriu o rosto instintivamente. Quando o silêncio retornou novamente, James espiou através dos dedos. Havia uma silhueta de um homem enorme e robusto no buraco da janela de vitral que estava ao chão do patamar. Através dela, os galhos longos e negros das árvores que oscilavam na brisa noturna, arranhando amavelmente o céu salpicado de estrelas.
- O que está acontecendo aí? - disse de repente uma voz áspera, vibrando de raiva. James engatinhou até pôr-se em pé, tomando cuidado para não pisar em nenhum dos vidros quebrados com os pés descalços. Cautelosamente, avançou tão perto quanto pôde do buraco e tentou enxergar abaixo. Era difícil dizer o quanto a janela era alta. Não havia barulho na noite, exceto pelo sussurro do vento nas copas das árvores.
Madame Nor-r-ra, a gata, apareceu numa escada próxima, seus olhos alaranjados vislumbravam maliciosos enquanto lançava seu olhar para a janela, para a vidraça quebrada, e depois para James. O Sr. Filch a seguia, ofegando e xingando enquanto subia.
- Oh - disse com sua voz gotejando sarcasmo. - O menino Potter. Por que, ah, por que não me surpreende?

- O que você estava pensando, Potter, perseguindo um

indivíduo não-
identificado sozinho pelo castelo à noite? - A diretora McGonagall estava de pé atrás de sua escrivaninha, apoiando sobre esta os dois braços, severamente. Seus olhos mostravam-se incrédulos, e seu rosto carrancudo.
- Eu... - começou James, mas ela ergueu uma mão, impedindo-o.
- Não responda. Não tenho paciência para isso esta manhã. - ela suspirou e endireitou-se, erguendo os óculos e beliscando a ponte de seu nariz - Já escutei suficientes explicações Potter através dos anos para conhecê-las bem.
Filch estava ali perto, o sobressair de seu queixo e o brilho de seus olhos mostravam o prazer por ter capturado o último Potter problemático tão rapidamente. Madame Nor-r-ra ronronava entre seus braços como uma pequena e peluda máquina.
James arriscou uma olhada para o escritório da diretora. O aposento ainda estava escuro com as sombras precoces da manhã. Os retratos de todos os diretores anteriores adormeciam em suas molduras. James pôde apenas ver o retrato do homônimo de seu irmão, Alvo Dumbledore. Dumbledore estava sentado, com o queixo sobre o peito e o chapéu baixo sobre os ombros. Seus lábios moviam-se enquanto roncava silenciosamente. McGonagall sentou-se em sua cadeira.
- Senhor Potter, você, entre todos, não pode me dizer que não estava consciente de que há regras contra os estudantes que vaguem pela escola à noite.
- Não - disse James rapidamente - Er, sim, conheço as regras. Mas o fantasma... - McGonagall ergue a mão novamente.
- Sim, o fantasma, eu sei. - tudo, exceto suas palavras reais, expressava dúvida sobre essa parte da história - Mas Sr. Potter, entenda que, inclusive, se aparece um fantasma no dormitório de um estudante, isso não quer dizer que o estudante tenha passaporte livre para

quebrar qualquer regra que julgue temporariamente inconveniente.
O Sr. Filch removeu-se, parecendo decidir que este era o momento para expressar seu ponto de vista.
- Ele destruiu a janela de Heracles, diretora. Um objeto de cristal sem preço. Não encontraremos um que o substitua, eu apostarei. - zombou de James assim que terminou.
- Janelas são uma coisa, Sr. Filch - disse McGonagall, sem olhá-lo - Mas intrusos nos terrenos da escola são outra bem diferente. Presumo que já realizou uma inspeção em tudo, começando pela parte exterior da janela de Heracles?
- Sim, senhora, e não encontramos nada. O Jardim da Rosa Vênus está logo abaixo dessa janela. Havia um pouco de desordem, estilhaços de vidro por toda parte, mas nenhum sinal de intruso. Só temos a palavra deste garoto de que houve tal intruso, diretora.
- Sim - replicou McGonagall - E infelizmente, neste caso, é a palavra na qual tenho de confiar. Obviamente alguém atravessou essa janela, a não ser que sugira que o próprio Sr. Potter passou através dela.
Filch apertou os dentes e olhou enfurecido para James como se desejasse intensamente sugerir tal possibilidade.
- Mas ele estava no depósito de poções, senhora! - insistiu James - Ele quebrou alguns frascos! Ainda devem estar lá. E quebrou uma janela não tão longe dali. Eu o vi. O fantasma me levou até ali.
- Sr. Potter, acredito que tenha visto alguém, mas as probabilidades de que essa pessoa realmente tenha entrado na escola pelo lado de fora são extremamente pequenas. Você é consciente de que Hogwarts está protegida pelas melhores medidas de segurança e Feitiços Anti-magia disponíveis? Nenhuma bruxa ou bruxo, apesar de suas habilidades, tem possibilidade de ultrapassar estas paredes a não ser que deva estar aqui.

- É exatamente isso, senhora - disse James ansiosamente - Não acredito que tenha sido um bruxo. Acredito que tenha sido um trouxa!
Ele esperou suspiros de surpresa da diretora e Filch, mas não houve nenhum. A diretora simplesmente o olhou, com expressão imutável. Filch olhava dela para James e voltava, então deixou escapar sua respiração num risinho asqueroso.
- Temos de reconhecer, diretora. Eles voltam um pouco mais criativos a cada ano.
- James - disse McGonagall, com voz mais suave - A natureza irrastreável da escola, assim como os inumeráveis Feitiços de Desilusão que cobrem os terrenos, fazem verdadeiramente impossível que qualquer trouxa, por mais persistente que seja, encontre sequer o caminho para entrar aqui. Você sabe disso, não é?
James suspirou e tentou não revirar os olhos.
- Sim. Mas isso não muda o que vi. Era um trouxa, senhora. Usava uma alavanca.
E uma lanterna. Não uma varinha.
McGonagall observou seu rosto por um longo momento, e depois ficou séria.
- Bem, Sr. Potter, se tem razão, então temos nas mãos uma situação que certamente é necessário reparar. Deve confiar que nós cuidaremos da questão. No entanto, enquanto ainda há a questão do desrespeito ao toque de recolher, assim como a janela danificada. Sobre essas circunstâncias, não o culparei da última, mas ainda deve enfrentar as conseqüências do primeiro. Terá duas horas de castigo com o Sr. Filch neste sábado à noite.
- Mas... - começou James, então a mão de Filch descansou pesadamente sobre seu ombro.
- Eu cuidarei do garoto, diretora - grunhiu - Não é tarde demais para salvá-los quando você os pega cedo. Não é assim, jovenzinho?
- Potter - disse McGonagall, aparentemente mudando

para outros assuntos - Leve o Sr. Filch ao armário de Poções e à janela danificada, certo? Vamos deixar as coisas limpas antes das aulas, se pudermos. Bom dia, cavalheiros.
James levantou-se miseravelmente e Filch o guiou até porta com sua mão enorme e cheia de calos sobre seu ombro.
- Vamos, meu garoto. Temos uma travessura para corrigir, não é mesmo?
Enquanto saía, James viu que um dos retratos dos diretores não estava dormindo. Os olhos desse diretor eram negros, como o cabelo escorrido que emoldurava seu rosto pálido. Severo Snape estudava James friamente, apenas seus olhos se moviam seguindoos enquanto Filch marchava com ele pelo aposento.

Tina Curry, a professora de Estudos dos Trouxas, conduzia a classe energicamente pela grama. O dia que havia começado tão alegre agora estava se tornando cinzento e tempestuoso. Rajadas de vento surgiam e agitavam as beiras da capa esportiva da professora Curry e as redes que Hagrid estava tentando pendurar sobre a moldura de madeira que havia acabado de armar.
- Bom trabalho, Hagrid - gritou Curry enquanto aproximava-se, com a classe trotando para alcançar seu passo - Firme como um celeiro, atrevo-me a dizer.
Hagrid ergueu os olhos, perdendo o controle sobre a rede enquanto a fazia e fazendo esforço para agarrá-la.
- Obrigado, Sra. Curry. Não foi o que poderia se chamar um desafio. Está à altura, claro, o que é mais difícil.
A construção de Hagrid era uma simples armação de madeira, mais ou menos retangular. Havia outra

armação à distância, a rede pendendo tensa e balançando-se com a brisa.
- Curry é nova este ano, se não adivinhou - comentou Ted para James quando se agruparam - Ela possui algumas idéias loucas sobre como ensinar sobre os trouxas. Isso faz com que um companheiro se arrependa de querer assistir essa aula até o fim do último ano.
- Como se esta roupa não fosse suficientemente ruim - disse Damian azedamente, olhando para suas calças curtas e suas meias.
Toda quinta-feira, a classe de Estudos Trouxas requeria que os alunos vestissem calça curta, sapatos esportivos e um dos suéteres de Hogwarts de qualquer uma das duas cores. Metade da classe usava vinho, a outra metade dourado.
- Você não aparentaria, eh, interessante, Damian, se tivesse algumas meias brancas - disse Sabrina tão diplomaticamente quanto podia.
Damian lançou-lhe um olhar de *diga-me-algo-que-eu-não-saiba*.
- Obrigada, docinho. Da próxima vez, direi à minha mãe para que faça compras na Sears e na porcaria da Roe-mart.
Zane não se preocupou em corrigir Damian. Sorria uma animação bem irritante, obviamente mais confortável com a roupa do que o resto.
- Tenho um bom pressentimento sobre isso. A brisa vai arejar alguns de seus vampiros. Ânimo.
Damian curvou um polegar para Zane.
-Por que ele está *nesta* classe?
-Ele tem razão, Damian - disse Ted de bom humor - Porque vocês não sacodem as velhas asas de morcego?
- Bem, classe - gritou Curry, batendo palmas para chamar a atenção - Vamos organizar, certo? Formem duas fileiras, por favor. Vinho aqui, dourado ali. Isso, muito bem.
Enquanto as fileiras se formavam, a Prof. Curry

materializou uma grande cesta abaixo de seu braço. Ela passeou-se até o início da fila em vinho.
- Mostrem as varinhas - gritou. Cada estudante sacou sua varinha e segurou-as prontamente, alguns primeiranistas olharam em volta para ver se estavam segurando-as corretamente. James viu que Zane moveu-se sorrateiramente para onde estava Ted e depois passou a varinha da mão direita à esquerda.
- Excelente - disse Curry, oferecendo a cesta - Aqui dentro, então, por favor. - ela começou a passear ao longo da fileira, observando os estudantes deixavam cair suas varinhas na cesta à contragosto. Houve um gemido em massa entre os estudantes reunidos - Todos são capazes de distinguir sua varinha, espero. Vamos! Se vamos aprender algo sobre o mundo trouxa, devemos saber como pensam os não-mágicos. Isso significa, claro, nada de varinhas. Obrigado, Sr. Metzker. Sr. Lupin. Srta. Hildegard. E você, Sr. McMillan. Obrigado. Agora. Já está todo mundo?
Um barulho sem entusiasmado de assentimento veio dos alunos.
- *Upa, upa*, estudantes - gorjeou Curry enquanto deixava a cesta de varinhas próximo à armação de Hagrid. - Vocês estão insinuando que são tão dependentes da magia que não são capazes de jogar um simples, muito simples, jogo? - examinou os estudantes, o nariz afiado apontando ligeiramente para cima - Espero que não. Mas antes de começar, vamos ter um pequeno debate sobre por que é importante para nós estudar os modos e costumes do mundo trouxa. Alguém?
James evitou os olhos de Curry enquanto ela olhava de estudante para estudante. Havia silêncio exceto pelo soprar do vento nas árvores próximas e o ondear das bandeiras sobre o castelo.
- Aprendemos sobre os trouxas para não esquecer o fato de que, apesar de nossas inumeráveis diferenças, todos somos humanos. - disse Curry sucinta e enfaticamente. -

Quando esquecemos nossas semelhanças essenciais, esquecemos como nos darmos bem, e isso não leva senão aos preconceitos, à discriminação, e finalmente, ao conflito. - ela permitiu que o eco de suas palavras diminuísse, e depois pigarreou. - Além disso, a natureza não-mágica de nossos amigos trouxas forçou-os a ser inventivos em formas que o mundo mágico nunca conseguiu. O resultado, estudantes, são jogos tão simples e elegantes que não requerem cabo de vassoura, nem pomos encantados, nem balaços voadores. A única necessidade são duas redes - ela indicou as novas armações de Hagrid com um aceno do braço esquerdo, enquanto segurava algo mais com o outro - e uma simples bola.
- Excelente - disse Zane ironicamente, olhando para a bola na mão erguida de Curry. - Venho a uma escola de magia para aprender a jogar *futsal*.
- Por aqui chamamos de *futebol* - disse Damian azedamente.
- Sra. Curry - disse uma agradável voz feminina. James procurou quem falava. Tábita Corsica estava de pé próximo do fim da fileira oposta, toda encolhida em seu suéter dourado. Usava uma capa preta esportiva sobre ele, atada caprichosamente em sua garganta. Um grupo de outros sonserinos estava na fileira junto a ela, o desgosto estava claro em seus rostos. - Por que é necessário, exatamente, que aprendamos a jogar um, eh, esporte trouxa? Não seria suficiente ler sobre a história trouxa e seu estilo de vida? Apesar de tudo, mesmo se desejassem, bruxos não estão permitidos a competir em competições esportivas trouxas, de acordo com a Lei Internacional da Magia. Estou certa?
- Certamente, Srta. Corsica - respondeu Curry rapidamente - E não tem idéia de por que será?
Tábita ergueu as sobrancelhas e sorriu cortesamente.
- Estou segura de que não, senhora.
- A resposta à sua pergunta reside nela mesma, Srta.

Corsica - disse Curry afastando-se de Tábita - Alguém mais?
Um garoto, ao que James reconheceu como um lufano do terceiro ano ergueu a mão.
- Senhora? Creio que é porque os magos acabariam com o equilíbrio da competição se utilizassem magia.
Curry fez gestos para que ele continuasse coma resposta.
- Prossiga, Sr. Terrel.
- Bem, minha mãe trabalha no Ministério e diz que há leis internacionais para evitar que os magos utilizem magia para ganhar eventos esportivos trouxas ou loterias ou concursos e coisas assim. Se os bruxos participarem de um esporte trouxa e utilizarem qualquer magia, poderiam correr em círculos ao redor de qualquer trouxa, não é?
- Está falando do Departamento Internacional para a Prevenção de Vantagem Injusta, Sr. Terrel, e está, mais ou menos, correto. - Curry deixou cair a bola aos seus pés e chutou-a ligeiramente. A bola rolou grama a alguma distância. - Para ser honesta, não é correto dizer que a bruxas e bruxos são proibidos de competir em esportes trouxas. Há concessões para pessoas de herança mágica que desejem competir. No entanto, devem estar de acordo em submeter-se a certos feitiços que, executados por eles com a ajuda de oficiais mágicos, temporariamente anulam suas habilidades mágicas. Se não for assim - a Prof. Curry sacou sua própria varinha do bolso interno de sua capa e apontou para a bola. - *Velocito Expendum* - trinou. Guardou a varinha e andou em direção à bola. Chutou-a de forma imprevisível, e de maneira imediata. A bola praticamente saiu em disparada de seu pé. Atravessou velozmente a grama e golpeou a rede de gol com um sonoro golpe, acertando rede para fora como se a bola tivesse sido disparada por um canhão.
- Bem, aí está. - disse Curry, voltando a virar-se para a

fileira dupla de estudantes - O Programa de Esportes Mago-Trouxa é, como podem imaginar, suficientemente desagradável que nenhum bruxo participa deles. Isso não quer dizer, no entanto, que muitos bruxos não tentem esquivar as leis a cada ano, afetando a imparcialidade do mundo esportivo trouxa.

- Sra. Curry - disse Tábita de novo, levantando a mão - É verdade então que o Ministério, e a comunidade internacional mágica, crêem que os trouxas são incapazes de competir com as habilidades do mundo mágico, e que bruxos devem ser entorpecidos para ser considerados em termos de igualdade?

Pela primeira vez, a professora Curry pareceu bastante desconcertada.

- Srta. Corsica, essa dificilmente é a discussão para esta classe. Se desejar discutir as maquinações políticas do Ministério...

-Desculpe-me, Sra. Curry - disse Tábita, sorrindo de modo apaziguador. - Era só curiosidade. Esta é uma classe dedicada ao estudo dos trouxas, achei que poderíamos propor-nos discutir a óbvia falta de respeito que mostrou a comunidade mágica com o mundo trouxa ao assumir que são demasiado débeis para confrontar nossa existência.

Por favor, perdoe minha interrupção e continue.

Curry olhou a Tábita, obviamente fumegando, mas o dano já estava feito.

James ouviu sussurros por todas as partes; viu os olhares de esguelha e os assentimentos em acordo.

Notou que os estudantes sonserinos ainda carregavam suas insígnias azuis “Questione aos Vitoriosos”, levando-as presas a seus suéteres dourados.

- Sim - disse Curry cortante - Bem, então. Vamos começar?

Durante os quarenta minutos seguintes, conduziu-os por dribles e técnicas de manipulação da bola. James estava pouco entusiasmado a princípio, mas começou a receber

com entusiasmo a natureza simples do esporte. Além de proibir as varinhas, o futebol aparentemente exigia que os jogadores não usassem sequer as mãos. A simples tolice disso divertiu e intrigou a James. Poucos dos estudantes eram bons no esporte, o que lhes permitia ficar sem medo de se saírem mal. Zane, claro, havia jogado futebol antes, ainda que reclamasse não ser muito hábil nisso. De fato, James notou que Zane não parecia muito melhor correndo pelo campo com a bola que qualquer outro. Enquanto James observava, Zane enredou os pés ao redor da bola e caiu sobre ela. A bola saiu disparada debaixo dele e Zane simplesmente ficou calmo, olhando para as nuvens que passavam com um olhar sinistro no rosto.

Tábita Corsica e seus sonserinos estavam de pé num montão desdenhoso a um canto do campo improvisado, uma das bolas de futebol jazia desamparada entre ela, na grama. Não faziam nenhuma tentativa de praticar dribles e Curry parecia ter-se rendido a eles, passando o tempo perto do gol, onde os estudantes faziam turnos para disparar à rede.

James descobriu que estava se divertindo. Fincou os tornozelos na grama, olhou a bola que jazia vinte pés adiante, e foi sobre ela. Cronometrou seus passos cuidadosamente, plantou o pé esquerdo próximo da bola e a chutou fortemente com o direito. O golpe que fez ao abandonar seu pé foi surpreendentemente satisfatório. A bola navegou através de um arco suave e atravessou os braços da professora Curry, que era o goleiro. Houve uma pancada forte e uma chicotada quando a bola golpeou a rede.

- Muito bem, Sr. Potter - gritou Curry, respirando com dificuldade. Seu cabelo bagunçou-se e caiu em cachos soltos ao redor do rosto magro. Ela ergueu as mangas das vestes e inclinou-se para recuperar a bola. - Muito bem, de fato.

James sorriu a despeito de si mesmo enquanto trotava

até o final da fila.
- O preferido da professora - resmungou Zane enquanto James passava.
- Ótimo pé, Potter - disse Ted quando a classe finalmente se dirigia de volta ao castelo - Temos que trabalhar para pôr isso de qualquer modo na rotina do *Foguetim*. Sabrina! Acho que podemos fazer algo com isso. Alienígenas que chutam com força do planeta Golaço ou algo do tipo. Entende?
- Sim, sim - gritou Sabrina, saudando enquanto entravam pelo portão do castelo - A propósito, capitão, há manchas de gramas em suas nádegas. Bom trabalho.

Após o almoço, James e Zane uniram-se a Ralf na biblioteca para um período de estudo. Enquanto tiravam seus livros da mochila e os estendiam sobre uma mesa curva, Ralf parecia inclusive mais melancólico que o habitual.
- O que houve, Ralf? - disse Zane, tentando manter a voz baixa para não atrair a atenção do Prof. Slughorn, que estava monitorando a biblioteca naquele período. - Seus colegas sonserinos disseram a você que suas roupas de baixo não são suficientemente mágicas ou algo do tipo?
- Me meti em problemas esta manhã com o Prof. Slughorn.
- Isso parece contagioso - disse James - Eu passei a manhã no escritório de McGonagall cumprindo um castigo.
- McGonagall? - exclamaram Ralf e Zane ao mesmo tempo - Você primeiro, então, James. McGonagall supera a Slughorn - disse Ralf. James falou sobre o fantasma da noite anterior, dele tê-lo conduzido até o intruso trouxa e

a perseguição que se seguiu.
- Foi você? - perguntou Ralf incredulamente - Todos nós vimos a janela quebrada no caminho para tomar o café-da-manhã. Filch estava cobrindo-a com lonas e murmurando baixo. Parecia querer que perguntássemos a respeito para assim poder vociferar e delirar um pouco.
- Quem você acha que era? - Zane escorou a James.
- Não sei. Tudo o que sei é que era o mesmo cara que vi se esconder pelo bosque outro dia. E acho que é um trouxa.
- E? - disse Zane, encolhendo os ombros - Eu sou um trouxa. Ralf é um trouxa.
- Não, vocês não são. São nascidos trouxas, mas ambos são bruxos. Este cara é só um velho trouxa. Ainda que, segundo McGonagall, isso é impossível. Nenhum trouxa pode ultrapassar os Feitiços de Desilusão da escola.
- Por que não? O que acontece? - perguntou Ralf.
- Bem, por uma coisa, como eu disse no trem, Hogwarts é inatingível. Não está em nenhum mapa. Além disso, nenhum trouxa ouviu falar dela. E inclusive se ocorrer a alguns trouxas simplesmente vagarem pelos terrenos, os feitiços de desilusão vão guiálo para os lados, de forma que nem sequer saberiam que passaram perto de nós. Se tentassem atravessar os feitiços de desilusão, simplesmente se desorientariam e duvidariam de si mesmos. Suas bússolas enlouqueceriam e terminariam dando a volta sem sabê-lo. Simplesmente não se pode abrir passo por estes tipos de feitiços de desilusão. Tudo consiste em desviar qualquer um que se suponha que não deva entrar, e fazê-los crer que o desvio foi idéia sua.
Zane franziu o cenho.
- Então nenhum de nós pode entrar?
- Bem, todos somos basicamente Guardiões do Segredo, não? - disse James, que então teve que explicar a idéia de ser um guardião secreto, como só um guardião

secreto podia encontrar o lugar secreto ou conduzir outros até ele - Claro, tudo é um tanto menos seguro com tantos de nós. Por isso, há leis, inclusive, para que pais trouxas de estudantes não contem a alguém.
- Sim, meus pais tiveram que assinar uma espécie de acordo de confidencialidade antes que eu viesse - disse Zane, como se a mesma idéia fosse a maior coisa que já ouvira - Dizia que a nenhum “trouxa privilegiado” como meus pais estava permitido falar com nenhum outro trouxa de Hogwarts ou da comunidade mágica. Se fizessem, o contrato se reverteria e suas línguas se enrolariam até que alguém do Ministério viesse desfazer o feitiço. Excelente.
- Sim - disse James - Teddy me falou de uma menina nascida trouxa que ele namorava em seu terceiro ano. Seus pais mencionaram acidentalmente Hogwarts numa ceia e seus anfitriões chamaram aos paramédicos trouxas porque os dois sofreram algum tipo de estranho ataque ao mesmo tempo. O Ministério teve que modificar a memória de todo mundo. Foi uma confusão, mas bastante divertido.
- Genial - disse Ralf muito seriamente - Ei, eu deveria utilizar um desses feitiços de desilusão em minha bolsa. Eu me pouparia de alguns problemas.
Zane virou-se para ele.
- Então, o que aconteceu Ralfinho? Em que tipo de problema você se meteu agora?
- Não fui eu! - protestou Ralf, e depois baixou a voz, olhando para a escrivaninha principal. Slughorn estava reclinado atrás dele, examinando um livro enorme através de um par de diminutos óculos e bebendo algo espumoso de uma xícara de aspecto arenoso. Ralf fez uma careta e suspirou - Slughorn encontrou meu *videogame* esta manhã. Disse que eu tinha deixado no salão comunal. Foi muito diplomático a respeito, mas me disse que devia ser muito cuidadoso com coisas como essas. Disse que provavelmente o melhor fosse que

deixasse meus “brinquedos trouxas” em casa.
James franziu a testa.
- Eu achava que você tinha dito que tinha desaparecido fazia alguns dias.
Ralf começou a animar-se.
- E foi! Isso é o que queria dizer! Eu não o deixei na sala comunal! Estou a ponto de atirar essa coisa estúpida no banheiro! Alguém o pegou de minha bolsa e o deixou ali para que Slughorn o encontrasse. Odeio a esses sujeitos!
- A voz de Ralf baixou até um áspero sussurro. Olhou em volta rapidamente, como se esperasse que seus companheiros de Casa aparecessem de repente por trás das estantes de livros mais próximas.
Zane parecia pensativo.
- Não sabe quem pegou?
- Não - disse Ralf com sarcasmo. - Estou bastante certo sobre isso.
- Está com ele aí?
- Sim - disse Ralf, um pouco desanimado. - Não vou perdê-lo de vista até que eu possa me livrar dele. Não funciona muito bem por aqui de qualquer maneira. Há muita magia no ar ou algo do tipo - ele retirou o videogame de sua mochila e passou a Zane por baixo da mesa.
James observou como Zane acionava os botões velozmente e a tela ganhava vida.
- Se alguém ver você com essa coisa - murmurou Ralf. - é sua. Feliz Natal!
Zane pressionava os botões com fluidez, fazendo com que a tela cintilasse e rodasse.
- Só estou comprovando se a última pessoa que jogou fez um perfil.
- O que é um perfil? - perguntou James, inclinando-se para ver a tela. Zane acenou com a mão sem erguer os olhos.
- Não olhe. Slughorn vai notar. Ralf conte ao Sr. Mago aqui o que é um perfil.

- É só uma forma de guardar uma pista de seu jogo - sussurrou Ralf - Antes de jogar, cria-se um perfil, com um nome e coisas, normalmente algo inventado. Então, tudo o que se faz no jogo fica gravado nesse perfil. Quando voltar depois e carregar o perfil, pode continuar de onde parou.
- Você é 'o Ralfidilo'? - perguntou Zane, ainda manejando o *videogame*.
- Nem sequer vou responder a isso - disse Ralf sem rodeios.
- Então aqui estamos. - disse Zane, passando um dedo pela tela. - O nome "Austramaddux" significa algo para você?
- Não - disse Ralf, alçando as sobrancelhas. - Há um perfil com esse nome?
- Aqui mesmo. Criado por volta da meia-noite de anteontem. Nenhuma informação e nenhum jogo em processo.
James piscou.
- Nenhum jogo em processo?
- Nenhum - disse Zane, desligando o aparelho e voltando a passar para Ralf por baixo da mesa. - Bastante tempo ligado, mas sem jogo, na verdade. Provavelmente não conseguiu compreender que o botão D acima e o botão esquerdo eram para super ataque. Novatos.
James revirou os olhos.
- Então, o que isso quer dizer? Quem é *Austra-Sei-Lá-O-Que*?
- É só um nome inventado, como já disse - disse Ralf, enfiando o *videogame* no fundo de sua mochila - Não significa nada, certo?
Ralf disse este último a Zane, que estava sentado do outro lado da mesa com aspecto quase comicamente pensativo. Estava com a cabeça inclinada, a testa franzida, e um dos cantos de sua boca apertado, mordiscando a bochecha. Após um momento sacudiu a cabeça.

- Não sei. É familiar. Parece-me que alguém mencionou o nome, mas não consigo lembrar.
- Bem... Tudo o que sei – disse Ralf, apoiando o queixo nas mãos. - é que vou me livrar dessa coisa com meu pai nas férias. Lamento por isso.
- Sr. Potter - Uma voz próxima ressoou repentinamente. Os três saltaram. Era o Prof. Slughorn. Havia se aproximado da mesa e de repente estava posicionado atrás da cadeira de James. - Esperava me encontrar com você. Alegro-me muito de vê-lo, rapaz.
Realmente muito.
James forçou um sorriso quando Slughorn lhe palmeou as costas.
- Obrigado, senhor.
- Sabe que conheço seu pai. Eu o conheci quando ele era estudante aqui e não o famoso auror que é agora, claro. - Slughorn assentiu sabiamente, dando uma piscadela, como se Harry Potter não tivesse sido, de fato, enormemente famoso inclusive antes de ser chefe de aurores. - Ele deve ter me mencionado, sem dúvida. Éramos muito unidos naquele tempo. Claro, perdi notícias dele nos anos seguintes, eu ensinando, vagabundeando por aí, transformando-me num velho, e ele casando-se, desenvolvendo sua ilustre carreira e fazendo bons jovenzinhos como você mesmo. - Slughorn deu um soco brincalhão no ombro de James - Desejo me encontrar com ele durante sua visita na próxima semana. Vai dizer pra ele me procurar, não é?
- Sim, senhor - disse James, esfregando o ombro.
- Bem, bem. Vou deixá-los para que estudem, jovenzinhos. Continuem, eh, meninos - disse Slughorn, olhando para Ralf e Zane aparentemente sem reconhecê-los, apesar do fato de que Ralf tinha falado com ele naquela mesma manhã.
- Ah, hã, professor Slughorn? Eu poderia fazer uma pergunta? - era Zane.
Slughorn olhou para trás, com as sobrancelhas erguidas.

- Sobre o que, eh, Senhor...?
Walker, senhor. Estou em sua primeira turma de Poções, creio. Você mencionou nela alguém chamado Austramaddux?
- Ah, sim, Sr. Walker. Quarta-feira pela tarde, não foi? Agora lembro - Slughorn olhou distraidamente para o escritório principal. - Sim, não realmente relacionado com poções, mas seu nome surgiu. Austramaddux foi um historiador e vidente do passado distante. Seus escritos são considerados, bem, apócrifos no melhor dos casos. Creio que eu estava contando alguma piada, Sr. Walker.
- Ah. Bem, obrigado, senhor - exclamou Zane.
- Não há problema, rapaz - reconfortou-lhe Slughorn, percorrendo a biblioteca com eu olhar. - E agora devo voltar a minhas obrigações. Não se distraiam mais.
- É muita coincidência - sussurrou Ralf, apoiando-se sobre a escrivaninha enquanto Slughorn se afastava.
- Na realidade não - raciocinou Zane - ele mencionou Austramaddux na aula como uma piada. Agora lembro. Parecia uma referência a uma fonte que não é de total confiança ou é um pouco louco. É como se nos referíssemos a um tablóide ou à teoria de uma conspiração ou algo assim. Slughorn é o chefe da Casa da Sonserina, assim ele provavelmente utiliza as mesmas referências entre vocês. Eles saberiam. Por isso quem pegou seu *videogame* conhecia o nome.
- Acho que sim.  - disse Ralf duvidosamente.
- Mas por quê? - perguntou James - Por que utilizar um nome que significa “não confie em mim, sou um pirado”?
- Quem sabe que tolices espreitam nos corações dos sonserinos? - disse Zane depreciativamente.
- Simplesmente não tem sentido - insistiu James - Os sonserinos normalmente dão muita importância à imagem. Eles adoram essas capas e adagas, as cabeças de dragão e as senhas secretas. Simplesmente não me ocorre por que um deles utilizaria um nome que seu

próprio diretor de Casa considera uma piada.
- Seja como for, - disse Ralf - tenho deveres a fazer, se não se importam...
Passaram a meia hora seguinte trabalhando em seus deveres. Quando chegou o momento de se recolherem, Zane virou-se para James.
- As provas de quadribol são esta tarde, não é?
- A minha sim. A sua também?
Zane assentiu.
- Parece que dividiremos o campo. Boa sorte, companheiro. - Zane apertou a mão de James.
James sentiu-se surpreendentemente comovido.
- Obrigado! Você também.
- Claro, você vai arrasar lá. - disse Zane frivolamente - Eu terei sorte se me manter sobre a vassoura. Há quanto tempo você voa?
- Só voei uma vez numa vassoura de brinquedo quando era pequeno - disse James As leis costumavam ser bastante imprecisas sobre as vassouras. Havia restrições de altura e distância, mas qualquer um de qualquer idade podia pegar uma enquanto tivesse cuidado de não se deixar ver por nenhum trouxa. Então, mais ou menos no tempo quando meu pai conseguiu seu diploma honorário de Hogwarts, alguns adolescentes se embebedaram com uísque de fogo e tentaram jogar quadribol em Trafalgar Square. Desde então, as leis ficaram mais severas. Agora, é quase como conseguir uma licença de motorista trouxa. Temos que ter lições de vôo e conseguir um certificado antes de poder voar legalmente. Algumas famílias mágicas ainda deixam a seus filhos subir em uma vassoura no pátio e essas coisas, um pouco de prática. Mas sendo meu pai auror...
- Seus pais eram dois grandes jogadores de quadribol, verdade? - perguntou Zane, dando cotoveladas em James e sorrindo - Mesmo que você não distingua a extremidade de uma vassoura, será um perigo com uma quando estiver no campo.

Metaforicamente falando, claro.
James sorriu desconfortável.
Eles dirigiram-se a suas classes. James não podia evitar o nervosismo. Quase tinha esquecido as provas de quadribol. O conhecimento de que estaria lá em poucas horas, com uma das vassouras da equipe pela primeira vez e tentando ser um dos poucos primeiranistas a fazer parte da equipe da Grifinória fazia-lhe sentir vagamente enjoado. Pensou no pomo de ouro com o qual tinha crescido jogando, o famoso primeiro pomo de seu famoso pai. Voltando atrás, nunca tinha duvidado de seu futuro. Pela maneira como o tio Rony falava sobre isso, era quase direito de nascimento de James estar no time de quadribol da Grifinória em seu primeiro ano e James nunca o tinha questionado. Mas agora que era iminente, estava com medo. Todos os medos que havia sentido durante a cerimônia de seleção retornaram. Mas isso acabara bem, ele lembrou. Estivera tão preocupado com isso, que quase tinha falado para que o Chapéu Seletor o pusesse na Sonserina com Ralf, e agora sabia o grande erro que tinha cometido. O segredo era relaxar. O quadribol, como ser um grifinório, estava em seu sangue. Só tinha que deixar que acontecesse e não se preocupar.
No horário do jantar, teve de admitir que seu plano não estava funcionando. Mal conseguia comer.
- Está bem, Potter - assentiu Noé, vendo o prato intocado de James - Quanto menos você comer, menos terá para vomitar quando estiver no ar. Claro, alguns vêem um pequeno vômito com boa mira como uma ótima técnica defensiva. Você teve a primeira aula de vassouras com o Prof. Ridcully, não teve?
James curvou-se e revirou os olhos.
- Não, ainda não. A primeira aula é a segunda-feira.
Noé pareceu sério por um momento e depois deu de ombros.
- Eh, você se sairá bem. É fácil pilotar uma vassoura.

Inclina-se para frente para avançar, impulso para trás para parar. Incline-se e gire em círculos. Fácil.
Sim - concordou Ted - E toda essa chuva e o vento lá fora fazem ficar mais fácil.
Você, provavelmente, não será capaz sequer de ver o chão, com o nevoeiro. Mais fácil que confiar nas tripas.
- Desde que consiga mantê-las dentro - gritou alguém mais debaixo na mesa. Houve um coro de risadas. James abaixou a cabeça sobre os braços cruzados.

O campo de quadribol estava encharcado e enlameado. A chuva caía em grandes extensões, golpeando o terreno e criando um denso nevoeiro que encharcou James até a pele no primeiro minuto. Justino Kennely, o capitão da Grifinória, conduzia a seu grupo até o campo, gritando algo sobre o firme rugido da chuva.
- No quadribol a chuva não conta - urrou - Algumas das melhores partidas de quadribol aconteceram em tempos como este ou muito pior. A Copa de Quadribol de oitenta e quatro celebrou-se com um tufão na costa de Japão, como sabem. Os apanhadores de ambas as equipes voaram mais de sessenta milhas perseguindo o pomo com ventos com força de furacão. Essa chuva é pouca coisa em comparação. O tempo perfeito para os testes.
Kennely se deteve e virou no centro do campo, a chuva escorria pela ponta de seu nariz e queixo. Havia um grande baú de quadribol a seus pés, assim como uma fileira de vassouras ordenadas sobre a grama úmida. James viu que a maioria das vassouras eram Nimbus 2000; servíveis, mas modelos bastante obsoletos. Foi um pequeno alívio. Se tivessem pedido para voar numa

Thunderstreak nova, estava seguro de que acabaria a trezentas milhas de distância. No lado oposto do campo, James viu o time da Corvinal se reunindo. Não pôde reconhecer nenhum pela chuva e o nevoeiro.
- Certo, então - gritou Kennely - Primeiranistas, vocês primeiro. Disseram-me que alguns de vocês ainda não tiveram sua primeira aula de vassoura, mas graças às novas normas e os desencargos de responsabilidade que todos assinaram antes de vir à escola, não há razão para que não possam subir e provar. Vamos ver o que podem fazer antes de tentar alguma coisa com o resto do time. Não se preocupem com formações ou façanhas, vamos apenas ver se conseguem tomar ar e navegar pelo campo sem colidirem uns com os outros.
James sentiu seu estômago afundar. Esperava passar algum tempo observando os veteranos praticarem. Agora que estava a ponto de subir em sua primeira vassoura, desejou ter prestado mais atenção em como os jogadores manejavam nos jogos que tinha visto, em vez de se concentrar nas façanhas espetaculares e os golpes de balaços desalinhados. Os outros primeiranistas já estavam se adiantando, escolhendo a vassoura e estendendo a mão para convocá-las. James se forçou a se unir a eles.
Deteve-se próximo de uma vassoura e a observou. Pela primeira vez, a coisa não pareceu mais do que um pedaço de madeira com uma escova ao final em vez de um preciso aparelho voador. A chuva gotejava das cerdas encharcadas. James estendeu a mão sobre ela.
-Suba! - disse. Sua voz pareceu diminuta e tola. Nada aconteceu. Engoliu algo que parecia um pedaço de mármore endurecido em sua garganta. - Suba! - gritou novamente. A vassoura oscilou e depois voltou a cair na grama com um golpe surdo. Olhou ao redor para ver os outros primeiranistas. Nenhum parecia estar tendo muita sorte. Só um havia conseguido levantar sua vassoura. Os veteranos se juntavam em volta

observando com diversão, dando cotoveladas uns nos outros. Noé cruzou o olhar de James e ergueu o polegar no ar, assentindo encorajadamente.
- Suba! - gritou James novamente, reunindo tanta autoridade quanto podia. A vassoura oscilou para cima novamente e James a pegou antes que voltasse a cair. *Perto o bastante*, pensou. Soltou um enorme suspiro, depois passou uma perna sobre a vassoura.
Esta flutuava insegura abaixo dele, mal suportando seu próprio peso.
Algo passou por ele.
- Posição de partida! - gritou Ted sobre a chuva quando uma garota primeiranista chamada Baptiste se lançou para frente, balançando-se ligeiramente. Dois outros primeiranistas deram impulso. Um deles deslizou para o lado e ficou pendurado na extremidade de sua vassoura. Eles seguraram-se por um segundo ou dois, depois seus dedos escorregaram da vassoura úmida e caíram ao chão. Houve um rugido de risadas amigáveis.
- Ao menos você decolou Klein! - gritou alguém.
James apertou os lábios. Segurando a vassoura tão forte que suas articulações ficaram brancas, tomou impulso. A vassoura oscilou para cima e James viu a grama deslizar abaixo dele, então começou a descer de novo. Seus pés patinaram e cambaleou, tentando subir novamente. A vassoura curvou para o alto e ganhou velocidade, mas James não parecia ser capaz de manter a altura. Estava roçando a grama novamente, salpicando talos e água enlameada. Uivos de ânimo estouraram atrás dele. Concentrouse furiosamente, contendo a respiração e tomando impulso enquanto a vassoura ondulava em direção aos corvinalinos, que viraram-se para olhar. *Suba*, pensou desesperadamente, *suba, suba, suba!* Ele lembrou-se do conselho de Noé no jantar: *Inclina-se para frente para avançar, impulso para trás para parar*. Compreendeu que estava estendendo a vassoura, tentando erguê-la, mas não era assim, era?

Tinha que se inclinar para frente. Mas ele se inclinava para frente, o senso comum lhe dizia que simplesmente se enterraria no chão. Os corvinalinos começaram a se afastar enquanto ele se aproximava, tentando sair de seu caminho. Todos estavam gritando conselhos e advertências. Nada fazia sentido para James. Finalmente, desesperado, James abandonou sua própria lógica, alçou os pés e inclinou-se para frente o tanto quanto pôde.

A sensação de velocidade foi surpreendente quando a vassoura disparou desimpedida. A névoa e chuva golpearam o rosto de James e a grama abaixo dele se converteu num borrão verde. Mas não estava subindo, simplesmente estava voando ao longo do solo. Ouviu gritos e exclamações quando passou entre os corvinais. Eles afastaram-se e saltaram para fora de seu caminho. Ainda estava ganhando velocidade quando se inclinou para frente.

À frente dele, os pilares da arquibancada enchiam a visão, alarmantemente próximas. James tentou inclinar-se, virar para o lado. Sentiu-se virando, mas não o suficiente. *Suba*, pensou furiosamente, precisava *subir*! Finalmente, na falta de uma idéia melhor, inclinou-se para trás, dando um puxão na vassoura tão forte quanto pôde. A vassoura respondeu instantaneamente, e com uma força doentia inclinou-se num ângulo vertical exorbitante. As arquibancadas passaram voando. Fileiras de assentos e estandartes tremeluziam ao passar, e então deram lugar a um céu enorme e cinzento.

O movimento pareceu se deter, apesar do ar e a chuva que passavam zumbindo ao seu lado. James arriscou olhar para trás. O campo de quadribol parecia um selo de correios, se encolhendo e tornando-se mais borrado atrás de um aglomerado de nuvens e névoa. James ofegou, inalando vento e chuva, o pânico aferrando-lhe como gigantescas garras. Ainda estava subindo.

Grandes acúmulos de nuvens cinza passavam zumbindo, esbofeteando-o com surpreendente escuridão e frio. James empurrou novamente a vassoura para baixo, apertando os dentes e gritando de terror.
Sentiu a vassoura cair desagradavelmente, quase o arremessando fora. Não parecia ter conseguido mais que uma mudança drástica de altitude. James havia perdido todo sentido da direção. Estava rodeado de chuva e densas nuvens. Pela primeira vez, entrar no time de quadribol da Grifinória parecia muito menos importante que simplesmente voltar a pôr ambos os pés na terra, onde quer que fosse. Não podia calcular o quão rápido ia ou em que direção. O vento e a névoa lhe arranhavam o rosto, fazendo com que seus olhos lacrimejassem.
De repente, havia outras formas por perto. Elas se lançavam sobre ele saindo das nuvens. Ouviu gritos e chamados distantes por seu nome. Uma das formas se inclinou para ele e James se surpreendeu ao ver a Zane sobre uma vassoura, com o rosto pálido como giz e o cabelo loiro açoitando violentamente ao redor do rosto. Fazia movimentos para James enquanto o cercava, mas James não conseguia compreender seus gestos.
- Siga-me! - gritou Zane por cima o vento enquanto passava a seu lado.
As demais figuras se enfocaram quando se centraram em James. Ele avistou Ted e Gennifer, a corvinalina.
Moviam-se em formação ao redor dele. Ted gritava instruções, mas ele não conseguia discernir. Concentrou-se em inclinar a vassoura na direção na que Zane estava voando. As nuvens passaram zumbindo novamente como trens de carga, e James perdeu os outros de vista. Houve um golpe de ar frio e então o solo se precipitou abaixo de James oscilando com enorme finalidade. O campo de quadribol estava se erguendo para encontrá-lo, sua grama bem aparada parecia bastante severa e imperdoável. Zane ainda

estava à frente de James, mas estava se atirando para trás, diminuindo a velocidade, gesticulando violentamente com uma mão. James se atirou para trás em sua própria vassoura, tentando igualar-se a Zane, mas a força do vento ao passar se opunha a ele. Lutou contra ela, virando, forçando a vassoura para que subisse, de modo que ela se movesse abaixo dele. E então suas mãos molhadas pela chuva escorregaram, tateou às cegas e caiu para trás, agarrando a vassoura desesperadamente somente com as pernas. Estava girando com selvageria e o fim estava próximo. James sentiu a força de Zane passar por ele, seus gritos diminuindo com terrível velocidade. O chão girava pela sua cabeça, estendendo-se para abraçar-lo e James ouviu seu som, um enorme e baixo rugido, tornando-se mais e mais alto até que...

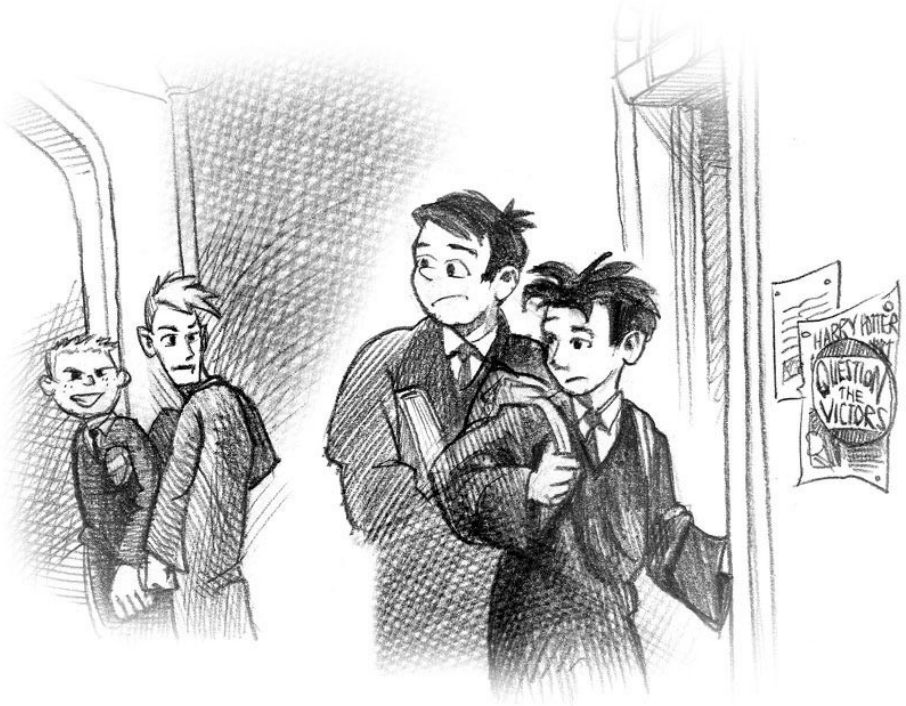
Houve um terrível solavanco. James fechou os olhos com força, tentando não ouvir o barulho de seu corpo golpeando o solo. Não houve barulho. Arriscou a abrir os olhos um pouco e então olhou em volta com alívio e surpresa. Ele pendia a meio metro do centro do campo de quadribol, ainda montado em sua vassoura, mas não sustentado por ela. Zane, Ted e Gennifer voavam a seu ao redor, olhando-o estupidamente. Então Ted virou-se. James seguiu seus olhos.

Ralf estava de pé à beira do campo, com as vestes encharcadas e coladas ao corpo, uma sombrinha abandonada jazia à beira da arquibancada. Cada músculo do corpo de Ralf parecia tenso, cansado, enquanto sustentava sua ridícula e enorme varinha, apontada para James. Tremia visivelmente. A chuva caía por seu rosto, emaranhando seu cabelo em sua testa.

- Tenho que manter isso erguido? - disse entre os dentes apertados - Ou já posso baixar?

# - CAPÍTULO 5 -

# O Livro de Austramaddux




Não pense como se isso fosse uma falha infeliz numa vassoura. - disse Zane, depois de todos se sentarem no salão comunal da Corvinal. - Pense nisso como dando uma chance ao Ralfinho aqui de parecer positivamente brilhante!

James permaneceu calado. Sentou-se depressivo ao final do sofá, a cabeça deprimentemente apoiada sobre a mão.

- De qualquer forma, se eu não tivesse saltado em minha vassoura e ido atrás de você, não acho que eu seria capaz de compreender isso de jeito algum. Realmente foi apenas uma questão de não pensar sobre isso.

- Que troço espetacular lá fora, Walker. - disse um estudante veterano enquanto passava pelo sofá,

desmanchando o cabelo úmido de Zane.
- Sim. - disse outro estudante pelo salão. - Normalmente os testes de aptidão para os primeiranistas são apenas risos. Com você conseguimos os risos e as habilidades.
Houve uma rodada de aplausos espalhafatosos. Zane sorriu, absorvendo tudo.
- É sério, mas - disse Ralf que estava sentado ao chão, de costas para o fogo. - como
você fez aquilo? Voar deve ser bastante difícil para um mestre.
- Sinceramente, não sei. - disse Zane. - Vi James indo em direção à estratosfera e apenas fui atrás dele. Eu mal sabia ainda o que estava fazendo até o último instante, quando percebi que estava mergulhando de nariz em direção ao campo. Parei no último segundo, exatamente quando o homem-torpedo aqui passou por mim, e imaginei, “Olhem pra mim! Estou voando!” Talvez fossem todos aqueles jogos de corrida e simuladores de vôo que cresci jogando com meu pai. A sensação daquilo tudo apenas fez sentido para mim.
Repentinamente, Zane pareceu perceber que aquela conversa não estava levantando muito o humor de James.
- Mas o bastante para mim e minha vassoura. E quanto a você, Ralfinho?
Ralf pestanejou pensativo, então apanhou sua varinha de dentro de sua capa úmida. Era exatamente enorme e ridícula como sempre fora, ainda com a ponta entalhada e pintada de verde visgo, mas ninguém mais ria disso.
- Não sei. É como você disse, não? Apenas não pensei. Vi James caindo e pensei na pena, na sala de Flitwick. O que sei depois é que apontei minha varinha para ele gritando...
Muitos estudantes, inclusive Zane, abaixaram-se repentinamente e bradaram assim que Ralf fez um rápido movimento à sua frente. Ralf sorriu timidamente.
- Acalmem-se. Eu não ia dizer aquilo.

- Ralf, você é o real negócio, companheiro. - disse Zane, recuperando-se. - Você foi de flutuar uma pena em uma classe para um corpo humano, sabe? Meus garotos têm talento.
James remexeu-se.
- Se vocês dois estão satisfeito parabenizando-se a si mesmos, vou procurar uma caverna e viver dentro dela pelo resto do ano.
- Ei, aposto que a namorada do Grope tem quarto na gruta dela. - disse Ralf.
Zane fitou Ralf, boquiaberto.
- Quê? - disse Ralf. - Eu pouparei tempo a ele.
- Ele está brincando. - disse Zane, olhando de relance para James. - Primeiro, eu não poderia contar.
- Parabéns por formar o time. - disse James em tom baixo, levantando-se e recolhendo sua capa de um gancho próximo ao fogo.
- Ei, sério. - disse Zane embaraçosamente. - Desculpe pela forma como as coisas funcionaram. Eu não sabia que era tão importante para você. É sério.
James permaneceu de pé por vários segundos, olhando fixamente para o fogo. A expressão pesarosa de Zane acertou-o profundamente. Seu coração doía. Seu rosto ardia e seus olhos queimavam. Ele pestanejou e distanciou o olhar.
- Não era importante para mim - disse. - Era muito, muito importante. Quando a porta fechou atrás de James, ouviu Ralf dizer:
- Então, para quem isso era importante?
James caminhava lentamente, cabisbaixo. Suas roupas permaneciam úmidas e seu corpo doía pelo solavanco de Ralf tê-lo levitado ao fim de seu longo mergulho, mas mal notava essas coisas. Tinha falhado. Após a vitória de ter se tornado um grifinório, tinha prudentemente acreditado que aquele jogo de quadribol daria certo.
Ao invés disso, tinha acabado parecendo um completo idiota na frente de ambos os grifinórios e corvinalinos.

Longe das performances aeróbicas que seu pai lendariamente realizara, James tinha sido resgatado de matar a si mesmo. Não existia sobrevivência para esse tipo de falha. Nunca se redimiria. Ninguém estava zombando dele agora, ao menos não à sua frente, mas o que diriam no próximo ano quando ele se apresentasse para os testes novamente? Não poderia nem mesmo suportar pensar nisso.
Como contaria ao seu pai? Seu pai, que viria no início do próximo ano para vê-lo e ouvir sobre suas façanhas. Ele entenderia, é claro. Diria a James que o quadribol não importava, que a coisa mais importante para ele era ser ele mesmo e se divertir. Até mesmo tencionava isso. E ainda, sabendo que não fez James se sentir nem um pouco melhor.
Apesar de tudo, Zane entrou para o time da Corvinal. James sentiu uma punhalada amarga de ciúmes por isso. Sentiu-se imediatamente arrependido por isso, mas não fez o ciúme se afastar. Zane era nascido trouxa e americano, ainda por cima! quadribol devia ser um confuso mistério para ele, e James devia ser o voador nato, o herói do resgate. Não havia outro jeito. Como as coisas poderiam ter saído totalmente erradas tão rapidamente?
Quando alcançou a sala comunal da Grifinória, esgueirou-se pelo canto do salão, evitando os olhares daqueles que estavam reunidos ali, sorrindo com os amigos, ouvindo música, discutindo as tarefas de casa, e espreguiçando-se no sofá.  Abaixado, subiu as escadas e entrou no dormitório, o qual estava escuro e silencioso. Nos tempos de seu pai, os dormitórios eram separados por ano. Agora James estava feliz em dividir o quarto com alguns veteranos. Normalmente, eles traziam a tranqüilidade de que se podia sobreviver àquilo tudo. Necessitava de um pouco desta tranqüilidade agora, ou que alguém, no mínimo, notasse sua infelicidade e a tornasse válida. Suspirou profundamente no aposento

vazio.
James tomou banho no pequeno banheiro, trocou de roupa, então se sentou em sua cama, olhando a noite afora. Nobby o observava de sua gaiola próxima à janela, estalando o bico de vez em quando, querendo sair e encontrar um rato ou dois, mas James não o notou. A chuva finalmente parou. As nuvens foram desmanchando-se, revelando uma enorme lua prateada. James observou-a por um bom tempo, sem saber pelo que estava esperando, sem nem mesmo saber que estava esperando. No fim, o que estava esperando não aconteceu. Ninguém subiu as escadas. Ouviu as vozes lá embaixo. Era uma noite de sexta-feira. Ninguém mais ia cedo para a cama. Sentiu-se completamente sozinho e desolado. Deslizou para baixo das cobertas e, dali, olhou fixamente para a lua.
Por fim, adormeceu.
James passou o resto do fim de semana andando melancolicamente pela sala comunal da Grifinória. Sabia que nem Ralf ou Zane poderiam adentrar a sala comunal sem a senha, e não estava com humor para vê-los ou qualquer outra pessoa. Leu os capítulos do dever de casa designado e praticou com a varinha. Estava particularmente irritado em descobrir que não conseguiria praticar com a pena para fazer algo mais do que andar pateticamente ao redor da mesa. Vinte minutos depois, ficou exasperado, rosnou uma palavra que sua mãe não sabia que ele conhecia, e atirou violentamente sua varinha sobre a mesa. O objeto lançou um jorro de faíscas roxas, como se estivesse surpresa com a explosão de James.
A detenção no sábado à noite com Argo Filch chegou. James achava-se seguindo Filch pelos corredores com um balde e uma enorme esfregão de cerda rija. De vez em quando, Filch pararia e, sem virar, apontaria para uma mancha no chão, na parede, ou para um detalhe em uma estátua. James olharia e ali estaria alguma pichação

ou um remendo de um comprido e pisado chiclete. James suspiraria, mergulharia a escova, e começaria a esfregar com ambas as mãos. Filch ameaçou James como se fosse pessoalmente responsável por cada bocado de deformação que limpava. Enquanto James trabalhava, Filch resmungava e ficava com raiva, lamentando pelos melhores tipos de punições que fora permitido aplicar no passado. Pelo horário, foi permitido a James retornar aos seus aposentos, seus dedos estavam frios, vermelhos e doloridos, e cheiravam ao sabão sujo e repulsivo de Filch.

No domingo à tarde, James saiu para caminhar pelos terrenos e se encontrou com Ted e Petra, que estavam sentados confortavelmente sobre um cobertor, aparentemente resolvendo diagramas estelares em folhas de pergaminho.

- Agora com aquela aula compartilhada de Adivinhação com a Trelawney e Madame Delacroix, temos um verdadeiro dever de casa. - Ted reclamou. - Costumávamos apenas olhar algumas xícaras de chá e inventar predições sombrias e desastrosas. Na verdade, até que era divertido.

Petra estava encostada em uma árvore, com mapas desordenados e gráficos sobre o colo, comparando-os a um enorme livro de constelações aberto sobre o cobertor.

- Ao contrário de Trelawney, Delacroix parece ter a curiosa e arcaica noção de que astrologia é uma ciência verdadeira. - disse ela, balançando a cabeça com desgosto. - Como se um monte de rochas rolantes pelo espaço soubessem alguma coisa sobre meu futuro e além de mim.

Ted disse a James para não se afastar e impedi-los de fazer mais coisas. Sentindo que ele não estava interrompendo nada pessoal, e que nem Ted ou Petra falariam do desastroso teste de quadribol de James, este caiu pesadamente sobre o cobertor e fitou o livro de

gráficos estelares. Desenhos preto e branco de planetas, adornados com nomes e ilustrações de criaturas místicas, agrupadas e estendidas de forma moderada nas páginas, suas órbitas desenhadas como elipses vermelhas.
- O *Foguetim* pertence a qual desses planetas? - perguntou James com desdém**.** Petra virou a página.
- Hã, hã, hã.
James retornou às páginas enormes do livro de constelações lentamente, examinando os planetas movendo e outros símbolos astrológicos mundanos.
- Então, como a Prof. Trelawney e Madame Delacroix se entendem? - perguntou James depois de um minuto. Ele lembrou-se que Damian dissera que havia desavenças entre elas.
- Óleo e água. - Ted respondeu. - Trelawney tenta ser amável, mas ela obviamente odeia a rainha do vodu. Da parte de Delacroix, ela não finge gostar da Trelawney. Elas são de duas diferentes escolas de pensamento, em cada sentido da palavra.
- Acho o ensino da Trelawney melhor. - resmungou Petra, rabiscando uma nota em seu pergaminho.
- Todos sabem o que você acha, querida. - acalmou-se Ted. Ele virou-se para James. - Petra gosta da Trelawney porque ela sabe, em seu coração, que a adivinhação é apenas um conjunto de variáveis casuais que você usa para ordenar seu próprio pensamento. Trelawney acha tudo místico, claro, mas ela ainda sabe que tudo é apenas um monte de subjetivos totalmente confusos. Petra é uma garota de fatos, então ela gosta que mesmo a Trelawney leve todo esse troço a sério, ela não tenta fazer isso, sabe, inflexível.
Petra suspirou e fechou seu livro.
- Adivinhação não é ciência. É psicologia. Ao menos Trelawney põe isso na prática, se não na fé. Delacroix...
Ela atirou o livro sobre a pilha próxima, revirando os olhos.

- Temos um teste esta semana. - disse Ted lamentavelmente. - Um verdadeiro teste de Adivinhação. É sobre algum evento astrológico maluco que está acontecendo depois deste ano. As linhas dos planetas, ou seja lá o que for.
James pareceu intrigado.
- As linhas dos planetas?
- *Alinhamento* dos planetas. - disse Petra pacientemente. - Na verdade, isso é um grande acontecimento. Isso acontece apenas uma vez a cada poucos cem anos. *Isso* é ciência. Saber que criaturas místicas tolas cada planeta representa, que eram um deus para um bando de primitivos insignificantes, e o que isso significa para "os harmônicos da matriz da precognição astrológica", isso não é.
Ted olhou para James e franziu as sobrancelhas.
- Algum dia, eu farei Petra revelar seus verdadeiros sentimentos a respeito disso.
Petra acertou-o na cabeça com um de seus maiores mapas estelares.
Mais tarde, no jantar, James viu Zane e Ralf sentados juntos à mesa da Corvinal. Viu Zane olhar por cima uma vez, e ficou feliz por ele não ter vindo falar com ele. Sabia que isso era extremamente mesquinho de sua parte, mas ainda estava cheio do ciúme e da vergonha de seu constrangimento. Comeu rapidamente, e então saiu do Salão Principal, sem certeza para onde iria.
O anoitecer estava agradável e calmo enquanto o sol desaparecia atrás das montanhas. James explorou o perímetro dos terrenos, ouvindo a canção dos grilos e atirando pedras no lago. Foi bater à porta da cabana de Hagrid, mas havia um bilhete na porta, com letras enormes e desajeitadas escritas. Dizia que Hagrid estava na floresta até segunda pela manhã. Passando o tempo com Grope e sua garota giganta, imaginou James. Estava começando a ficar escuro. James virou-se e retornou desanimado em direção ao castelo.

Estava a caminho da sala comunal quando decidiu fazer um desvio. Estava curioso sobre algo.
A vitrine de troféus estava iluminada por uma série de lanternas, de modo que as taças, placas e estátuas brilhavam com esplendor. James se aproximou lentamente, olhando para as várias fotos de times de quadribol de décadas passadas, os uniformes fora de moda, mas o sorriso e expressões de vigorosa invencibilidade eternamente imutável**.** Havia troféus de ouro e bronze, pomos antigos, balaços presos com cintos de couro, mas ainda agitando-se ligeiramente enquanto ele passava.
Próximo do fim, James parou e olhou para a vitrine do Torneio Tribuxo. Seu pai tinha o mesmo sorriso incômodo, parecendo jovem de uma maneira impossível e indisciplinado. James inclinou-se e olhou para a foto do outro lado da Taça Tribruxo, uma foto de Cedrico Diggory. O garoto era bonito, sem malícia e no rosto a mesma expressão que James tinha visto nas antigas fotos dos times de quadribol, aquela expressão confiante de juventude perpétua e confiança ininterrupta. James analisou a foto. A expressão era o que o tinha impedido de fazer as conexões que tinha visto pela primeira vez na foto.
- Foi você, não foi? - James sussurrou para a fotografia. Não era realmente uma pergunta.
O garoto na foto sorria inclinando a cabeça ligeiramente, como se concordasse.
James não esperava uma resposta, mas, assim que se endireitou, algo mudou na plaqueta abaixo da Taça Tribruxo. As palavras gravadas na placa de prata sumiram, em seguida, após um momento, novas palavras vieram à tona. Elas soletraram lenta e silenciosamente.
*James Potter*
*Filho de Harry*
Um tremor desceu pelas costas de James.
Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Sim. - sussurrou.
As palavras voltaram a desaparecer. Vários segundos se passaram, então mais palavras apareceram.
*Quanto tempo se passou?*
James não entendeu a questão de primeira. Balançou a cabeça ligeiramente.
- D-Desculpe. Quanto tempo se passou desde o quê?
As letras retrocederam e escreveram novamente, de forma lenta, como se levassem grande esforço.
*Desde que morri.*
James engoliu em seco.
- Não sei, exatamente. Dezessete ou dezoito anos, acho.
As letras sumiram lentamente. Nenhuma se formou novamente por quase um minuto. Então:
*O tempo é tão estranho aqui*
*Parece mais longo*
*Mais curto*
James não sabia o que dizer. Um sentimento de grande solidão e tristeza deslizou pelo corredor, preenchendo o espaço e James em si, como uma nuvem calma.
- Meu... - a voz de James ficou presa. Ele pigarreou, engoliu em seco, e tentou novamente. - Meu pai e minha mãe, Gina, que costumava ser uma Weasley... Eles falavam sobre você. Às vezes. Eles... Eles se lembravam de você. Gostavam de você. As letras definharam, trazendo à superfície:
*Gina e Harry*
*Sempre soube*
*Havia algo ali*
O fantasma de Cedrico parecia estar sumindo, escapando do ar do corredor. As letras sumiram lentamente. James queria perguntar mais, tencionava perguntar sobre o intruso trouxa, como ele estava entrando no castelo, mas agora isso não parecia importante. Apenas queria dizer algo para reduzir a nuvem de tristeza que sentiu com a presença de Cedrico, mas não conseguia pensar em nada. Então, as

letras apareceram mais uma vez, soletrando fraca e lentamente.
*Eles estão felizes?*
James leu a pergunta, considerando-a. Fez um gesto afirmativo.
- Sim, Cedrico. Eles estão. Nós estamos.
As letras evaporaram tão logo quanto James falou, e houve algo como um suspiro à sua volta, longo e, por alguma razão, exausto. Quando acabou, James olhou de relance pelo corredor. Poderia dizer que estava só novamente. Quando olhou de volta para a placa abaixo da Taça Tribruxo, a placa havia retomado seu estado normal coberta por palavras gravadas e elaboradas. James tremeu e se abraçou, então se virou e começou a andar de volta para o corredor principal. O fantasma havia finalmente falado, era Cedrico Diggory.
*Estamos felizes,* James pensou. Assim que subiu os degraus da sala comunal, percebeu que era verdade. Sentiu-se um pouco tolo pela maneira como andava durante toda a semana, remexendo sua inveja e sentimento de falha como um ensopado. Naquele momento, nada disso parecia importante. Estava feliz por estar ali, em Hogwarts, com novos amigos, desafios e aventuras sem fim à sua frente. Correu pelo caminho do buraco do retrato, querendo naquele momento nada mais do que passar as últimas horas de sua primeira semana em Hogwarts se divertindo, sorrindo, esquecendo a tolice do completo desastre no quadribol. Percebeu, relutantemente, que, em algum nível, isso era mesmo um pouco engraçado.
Quando adentrou a sala comunal, parou e olhou em volta. Ralf e Zane estavam ali, sentados com o resto dos Malignos ao redor da mesa próxima à janela. Todos ergueram os olhos.
- Ali está nosso pequeno alienígena. - disse Zane alegremente. - Estávamos tentando transformar suas habilidades de segurar uma vassoura em rotina. O que

acha de um trote alienígena como o incidente em Roswell**?** Ralf está com a varinha pronta para apanhá-lo.
Ralf agitou sua varinha e sorriu timidamente. James revirou os olhos e foi-se reunir a eles.

James acordou tarde na segunda de manhã. Ele correu para o Salão Principal na esperança de obter um pedaço de torrada antes da aula de Transfiguração e encontrar Ralf e Zane, que estavam chegando.
- Sem tempo, companheiro. - disse Ralf fisgando o braço de James e virando-o. - Não pode chegar atrasado para a primeira aula. McGonagall é quem ensina e ouvi coisas bem ruins sobre o que ela faz a estudantes atrasados.
James suspirou e saiu trotando pelo corredor barulhento e cheio.
- Espero que ela também não faça coisas terríveis a estudantes cujos estômagos ronquem durante a aula.
Zane passou algo para a mão de James enquanto andavam.
- Dê uma olhada nisso quando puder. Já mostrei a Ralf e ele ficou louco, não foi? Eu marquei a página para você.
Era um livro grosso e enlameado. A capa era revestida por um tecido puído que provavelmente fora vermelho uma vez. As páginas estavam amareladas, ameaçando caírem da encadernação em nacos.
- O que é isso? - disse James, incapaz de ler o título gravado em relevo, o qual estava fantasmagoricamente indistinto pelo tempo. - Entre Jackson e Flitwick, já tenho leitura suficiente até o próximo trimestre.
-Você vai se interessar por ele, acredite. Esse é o *Livro de Histórias Paralelas, Volume Sete.* - disse Zane. - Consegui na biblioteca da Corvinal. Apenas leia a parte que marquei.
- A Corvinal tem uma biblioteca particular? - perguntou

Ralf lutando para retirar seu livro da mochila abarrotada.
- Vocês sonserinos não tem cabeças de dragão em suas paredes? - encolheu os ombros. - Certo. Cada um com o seu.
Assim que se enfileiraram em direção à classe de Transfiguração, passaram por um grupo de estudantes posicionados ao lado da porta. Muitos deles usavam os distintivos “Questione aos Vitoriosos”. Mais e mais estudantes pareciam estar usando-os enquanto os dias se passavam. Letreiros em alguns dos quadros de avisos identificavam os distintivos como a marca de um clube chamado “Elemento Progressivo”. James estava consternado em ver que de todos os estudantes que usavam eram sonserinos.
- Seu pai está vindo, Potter? - um veterano chamou, sorrindo tortamente. - Vindo ter um pequeno encontro com os amiguinhos dos Estados Unidos?
James parou e olhou para o interlocutor.
- Sim, ele está vindo hoje. - disse ele, as bochechas corando. - Mas não sei o que você que dizer com “amiguinhos”. Ele nunca se encontrou com os americanos antes. Talvez você devesse ler mais antes abrir a boca.
- Ah, nós lemos, acredite. - o garoto respondeu, o sorriso desaparecendo. - Mais do que você e seu pai gostariam que lêssemos, tenho certeza. Gente da sua laia não pode esconder a verdade para sempre.
- Esconder a verdade? - disse James, a raiva sobrepondo-se à sua prudência. - O que isso quer dizer?
- Leia os distintivos, Potter. Você sabe exatamente do que estamos falando. - disse o garoto, erguendo a mochila e imprevisivelmente descendo o corredor com os amigos. - E se não sabe, você é mais estúpido do que parece ser. - ele deu as costas a James.
James pestanejou entre a raiva e o espanto.
- O que foi tudo isso?

Ralf suspirou.
- Vamos, vamos pegar um assento. Eu contarei a você, embora eu mesmo não entenda muito disso.
Mas não tiveram tempo de discutir o assunto antes da aula. A diretora McGonagall, que havia ensinado Transfiguração aos pais de James, ainda ensinava a disciplina, e aparentemente com o mesmo grau de vivacidade profissional. Ela explicou movimentos e comandos básicos da varinha, demonstrando-os ao transformar um livro em um sanduíche de peixe. Até mesmo pediu a um dos alunos, um garoto chamado de Carson, que comesse uma parte do sanduíche. Logo depois, ela transformou o sanduíche de volta em livro e o mostrou à classe ainda perfurado pela marcas de mordidas feitas por Carson. Houve sons de admiração e espanto. Carson olhou para as mordidas e pressionou a mão no estômago, um olhar de profunda apreensão no rosto. Próximo do fim da aula, McGonagall instruiu os alunos a apresentarem suas varinhas e praticar os movimentos e comandos em uma banana, a qual eles deviam tentar transfigurar em um pêssego.
- *Persica Alteramus,* com ênfase somente na primeira sílaba. Não esperem obter muito progresso em sua primeira vez. - ela gritou por cima do barulho das tentativas dos alunos. - Até mesmo se produzirem uma banana com mínima insinuação de pêssego, consideraremos isso um progresso por hoje. Tome cuidado, Srta. Majaris! Apenas movimentos circulares, por favor!
Zane fitava furiosamente sua banana e fazia movimentos rápidos com a varinha sobre ela.
- *Persica Alteramus!* - não houve mudança aparente. Pressionou os lábios novamente. - Vamos ver você tentar, James.
Encolhendo os ombros, James ergueu a varinha e fez um movimento, proferindo o feitiço. A banana se debateu, mas permaneceu decididamente uma banana.

- Talvez eles estão se transformando por dentro. - disse Zane, esperançoso. - Talvez devêssemos descascá-la e ver se todos os pêsseguinhos estão dentro, não?

James pensou a respeito, e então sacudiu a cabeça.

Ambos tentaram novamente.

Ralf observava.

- Mais movimento de pulso. Vocês parecem estar dirigindo jatos.

- Tão fácil criticar, difícil realizar. - disse Zane entre duas tentativas. - Vamos ver o que pode fazer, Ralfidilo.

Ralf pareceu relutante em tentar. Segurava a varinha entre os dedos, mantendo-a sobre a borda da mesa.

- Vamos, Ralf. - disse James. - Até agora, você é bastante excelente em manusear a varinha. Está preocupado com o quê?

- Nada. - disse Ralf, um pouco na defensiva. - Eu não sei.

- Ratos! - disse Zane, abaixando o braço que estava com a varinha e agarrando a banana com o outro. Deixou cair sua varinha sobre a mesa e apontou a banana para ela. - Talvez eu tenha mais sorte fazendo desse jeito, não acham?

James e Ralf o fitaram. Ele revirou os olhos

- Ora, vamos, Ralf. Faça com o pêssego. Você sabe que é capaz. O que está esperando?

Ralf fez careta, então suspirou e ergueu sua enorme varinha. Ele executou um ligeiro movimento com ela e disse o feitiço de forma monótona, quase como se estivesse tentando fazer errado. Houve um lampejo e um ruído como um nódulo de pinha explodindo em uma lareira. O resto da classe ouviu o barulho e lançou os olhos sobre Ralf. Uma baforada de fumaça carregada demorou-se sobre a mesa à frente de Ralf, que havia se afastado, os olhos arregalados e preocupados. Assim que a fumaça se dissipou, James se inclinou. A banana de Ralf ainda jazia ali, completamente intocada.

- Bem, - disse Zane no silêncio repentino. - isso foi um enorme...

Um barulho suave e baixo veio da banana de Ralf. A casca se dividiu lentamente e começou a se separar, abrindo como uma flor amarela e polpuda. Houve suspiros prolongados vindos dos estudantes quando uma gavinha verde cresceu do centro da casca da banana. A gavinha parecia cheirar o ar enquanto crescia, torcendo-se e se estendendo como uma videira. A gavinha começou a se endireitar enquanto se erguia, movendo-se sinuosamente da mesa com um movimento gracioso e contorcido. Mais gavinhas brotaram da banana. Elas se espalharam pela superfície em uma explosão de moldes, encontravam as bordas da mesa e se enroscavam, apertando-se firmemente. Ramos começaram a se separar do rebento principal enquanto esse se alargava, tornando-se mais espessos e claros, até tornarem-se uma madeira amarelada e cinzenta.  A folhagem brotou dos ramos em repentinas explosões, crescendo dos rebentos tenros até preencher de folhas em poucos segundos. Finalmente, quando a árvore atingiu uma altura de quase quatro pés, houve uma série de estampidos suaves. Meia dúzia de pêssegos germinou das extremidades dos ramos inferiores, sobrecarregando-os. Cada um indistinto, rechonchudo e novo em folha.

James desvio o olhar da árvore e olhou em volta do aposento. Todos os olhos mantinham-se sobre o perfeito pé de pêssego que Ralf conjurara, bocas caíam em espanto, e as varinhas permaneciam congeladas nas mãos, em meio movimento.

A diretora McGonagall fitou a árvore atentamente, a boca franzida de completa surpresa. A movimentação retornou ao aposento. Todos expiraram e aplausos espontâneos e respeitosos irromperam.

- Ele é meu! - bradou Zane, posicionando-se e atirando um braço em volta do ombro de Ralf. - Eu o vi primeiro.

Ralf afastou os olhos da árvore, olhou para Zane e sorriu de forma bastante inexpressiva. Mas James relembrou a expressão do rosto de Ralf quando a árvore estava

crescendo. Ele não estava sorrindo.
Momentos depois, no corredor, Zane falou com a boca cheia de pêssego.
- Falando sério, Ralf. Você está me assustando um pouco. A magia que você está fazendo é algo sério. Qual é o segredo?
Ralf mostrou seu sorriso inseguro e preocupado novamente.
- Bem, na verdade...
James olhou para Ralf.
- O quê? Conte Ralf!
- Tudo bem. - disse ele puxando-os para dentro de um aposento com janela. - Mas é apenas uma suposição, certo?
James e Zane acenaram que sim, entusiasmados, fazendo gestos para que Ralf continuasse.
- Estive praticando muito com alguns dos outros sonserinos à noite, sabe? - explicou Ralf. - Apenas as coisas básicas. Eles me ensinaram algumas coisas. Feitiços de Desarmar e alguns truques e travessuras, coisas para aplicar no inimigo.
- Que inimigos você já arranjou, Ralf? - perguntou Zane, incredulamente, lambendo o suco de pêssego de seus dedos.
Ralf bateu as mãos impacientemente.
- Você sabe, apenas inimigos medianos. É apenas a maneira como os caras de minha Casa conversam. De qualquer forma, eles dizem que sou mais que mediano. Acham realmente que não sou uma simples criança trouxa obsoleta que obteve alguns genes mágicos casuais. Acham que, talvez, um dos meus pais descende de alguma grande família bruxa e apenas não se sabe disso.
- Parece uma coisa um tanto grande para não se saber, não é? - disse James, cheio de dúvidas. - Quero dizer, você disse que seu pai fazia coisas para computadores trouxas, não foi?

- Bom, sim. - disse Ralf sem interesse e baixou a voz. - Mas minha mãe... Não contei a vocês que ela morreu, contei? Não. - respondeu para si mesmo. - Claro que não. Bem, ela morreu quando eu era bem pequeno. Nunca cheguei a conhecê-la. E daí se ela era uma bruxa? Quero dizer, e se ela pertenceu a uma das grandes famílias bruxas de sangue-puro e nem mesmo meu pai sabia disso? Acontece, sabe. Bruxos apaixonam-se por trouxas e, durante toda a vida, não conseguem contar seu segredo. Sangues-puros não gostam disso, acho, mas ainda... - ele seguiu a pista e olhou para Zane e James.
- Bem, - disse James lentamente. - certo. Acho que é possível. Coisas estranhas têm acontecido.
Zane ergueu as sobrancelhas, considerando.
- Explicaria muito, não é? Talvez você seja um príncipe ou algo do tipo. Talvez você seja um herdeiro de riquezas fabulosas, poder e outras coisas.
Ralf fez careta e saiu do aposento.
- Não vamos nos precipitar. É apenas uma suposição, como eu disse.
James andou com Zane e Ralf até o horário de sua próxima aula. Nenhum dos outros dois tinha aula de Herbologia com ele, então disse que o veria àquela tarde e saiu para os terrenos em direção às estufas.
O professor Longbottom cumprimentou James pelo nome assim que ele entrou, sorrindo calorosamente. James sempre gostara de Neville, ainda que ele fosse mais tranqüilo e atencioso que seu pai ou tio Rony. James conhecia a história de como Neville batalhara em seu último ano de escola, quando Voldemort tomara posse do Ministério e Hogwarts estava sobre seu controle. No final, Neville fora o único a cortar fora a cabeça da enorme cobra, Nagini, o último elo de Voldemort com a imortalidade. No entanto, era difícil imaginar o professor desolado e desajeitado fazendo tais coisas enquanto arrumava vasos e plantadores à mesa em frente à sala de aula da estufa.

- Herbologia é... - começou Neville, gesticulando e golpeando um dos vasos menores. Ele interrompeu a si mesmo, endireitando o vaso rapidamente, derramando terra em seus papéis. Ele ergueu os olhos e sorriu de maneira aflita. - Herbologia é o estudo das... Bem, ervas, claro. Como vocês podem ver.
Ele inclinou a cabeça para toda a estufa, a qual estava cheia de milhares de plantas e árvores, todas crescendo em aturdida variedade de recipientes. James achou que o Prof. Longbottom, provavelmente, estava um tanto interessado em examinar o pé de pêssego recentemente crescido sobre a mesa da classe de Transfiguração.
- Ervas são as raízes, eh, por assim dizer, de muitas das mais fundamentais práticas de magia. Poções, medicina, fabricação de varinhas, e até mesmo feitiços, todos contam com a essencial cultivação e processamento de plantas mágicas. Nesta aula iremos estudar os diversos usos de alguns de nossos recursos vegetais mais importantes, da humilde bubóturebas à rara *Mimbulus mimbletonia.*
Pelo canto do olho, James viu algo se movendo. Uma planta estava estendendo uma vinha ao longo do peitoril da janela próxima a uma garota primeiranista que rabiscava furiosamente os nomes que Neville listava. A vinha soltou-se do peitoril da janela, batendo de leve às costas da garota, então se enroscou em seu brinco. Os olhos da garota se arregalaram, e deixou cair sua pena, assim que a vinha começou a puxá-la.
- Ei, ei, ei! - chorou ela, afastando-se para o lado de sua cadeira e lançando uma mão à orelha. Neville olhou em volta e saltou em direção a ela.
- Sim, agarre a vinha, Srta. Patonia! Isso mesmo! - ele a alcançou e começou cuidadosamente a tirar a vinha de sua orelha.  A vinha torceu-se lentamente enquanto ele a soltava.  - Você descobriu nossa *Larcenous ligulous*, ou melhor, ela descobriu você. Desculpe-me por não alertá-la antes que se sentasse. Ela foi criada por piratas há

muitos anos atrás, deve-se a isso sua atração inata por objetos cintilantes, os quais ela usa para aumentar a luz solar para propósitos de fotossíntese. Está quase extinta, depois de ter sido sistematicamente caçada e queimada durante a Purificação.
Neville encontrou a base da planta e enroscou a vinha metodicamente ao seu redor enterrando suas pontas no alto de um arco de diamante.
Patonia esfregou sua orelha e olhou fixamente para a vinha como se quisesse fazer algo para queimá-la por conta própria.
Neville voltou à frente da mesa e começou a conversar com a classe ao longo dos vasos de plantas que organizara ali. James bocejou. O calor da estufa estava fazendo-o ficar um tanto sonolento. Na tentativa de ficar acordado, James esticou-se para pegar seu pergaminho e pena de dentro da mochila. Sua mão bateu contra o livro que Zane lhe dera. Ele puxou-o para fora, junto a seus pergaminhos, e colocou sobre o colo.
Quando se certificou de que Neville, de repente, mergulhara fundo o bastante em falar a respeito de seu assunto favorito, James abriu o livro onde Zane havia marcado. Seu interesse foi imediatamente provocado pelo título no alto da página: *Feodre Austramaddux*. Ele se inclinou sobre o livro e começou a ler rapidamente.

*"Defensor da Precognição Reversa, ou a arte de registrar história através da adivinhação contra-cronológica, o vidente e historiador Austramaddux permanece conhecido na bruxaria moderna principalmente pelos seus fantásticos relatos dos últimos dias de Merlino Ambrósio, lendário feiticeiro e fundador da Ordem de Merlim. O relato de Austramaddux, o qual está registrado por completo em seu famoso* Historia Inverça do Mondo Máxico *(ver capítulo doze) concorda com seu conhecimento sobre Merlino no final da carreira como um regente mágico especial para os reis*

*da Europa. Tendo crescido desencantado com a corrupção do mundo mágico enquanto este se tornava 'infectado' pela influência do crescimento dos reinos não-mágicos, Merlim anunciou seu plano para 'largar o reino mundano'. Mais adiante, reivindicou que retornaria à sociedade de homens, séculos ou até milênios mais tarde quando a balança entre os mundos mágico e não-mágicos estivesse mais, como Austramaddux colocou, 'maduro para suas mãos'. Estas predições foram a fonte de várias tramas e conspirações no século desde então, normalmente encabeçadas por aqueles de tendência revolucionária, que acreditavam que o retorno de Merlim facilitaria seus planos de dominar e subjugar o mundo não-mágico por meio de política ou guerra total e indiscutível."*

James parou de ler. Sua mente corria enquanto considerava as implicações do que acabara de ler. Conheceu Merlim sua vida inteira, da mesma forma como crianças trouxas conheciam Papai Noel: não como uma figura histórica, mas como um tipo de personagem mítico de cartum. Nunca ocorrera a James duvidar que Merlim fora uma pessoa real, mas também nunca lhe ocorrera perguntar-se que tipo de pessoa Merlim devia ter sido. Suas únicas referências eram ditados tolos com os quais crescera, como "Pelas barbas de Merlim!" ou "Pelas calças de Merlim!", dos quais nenhum dava a entender muito sobre o personagem do grande feiticeiro e, de acordo com Austramaddux, Merlim tinha sido um tipo de conselheiro para os reis e líderes trouxas. Era possível que, nos tempos de Merlim bruxos viviam livremente no mundo trouxa, sem leis de sigilo, sem se esconderem, sem Feitiços de Desilusão? Se sim, o que Merlim quisera dizer que o mundo bruxo tivera sido "infectado" pelos trouxas? Mais ainda, o que significava dizer pela assustadora predição de que ele retornaria quando o mundo estivesse "maduro suas mãos"? Não

era de se admirar que bruxos das trevas através da história tentassem fazer as predições de Merlim se tornar realidade, para trazer de volta o feiticeiro ao mundo de alguma forma. Bruxos das trevas sempre procuraram governar o mundo trouxa e, aparentemente, havia alguns fundamentos para acreditar que Merlim, o maior e mais poderoso bruxo de todos os tempos, ajudaria a ocasionar isso.

Um pensamento repentino ocorreu a James, os olhos se arregalaram. Ouvira o nome de Austramaddux, pela primeira vez, através de um perfil feito por um sonserino. A Sonserina sempre fora a Casa dos bruxos das trevas que tencionavam dominar o mundo trouxa. E se a menção enigmática de Austramaddux não fosse apenas uma coincidência insignificante? E se o sonserino que fizera o perfil fizesse parte de uma trama para facilitar o predito retorno de Merlino Ambrósio, que lideraria uma guerra final contra o mundo trouxa?

James fechou o livro lentamente e cerrou os dentes. Por alguma razão, no momento em que pensou nisso, parecia completamente verdade. Aquilo explicaria porque um sonserino usaria um nome que até mesmo o diretor de sua Casa imaginava ser uma piada. O sonserino sabia que não era, e breve seria vitorioso em uma trama que provaria isso. O coração de James bateu forte quando sentou-se e pensou furiosamente. Para quem poderia contar? Para Zane e Ralf, claro. Eles já deviam ter pensado naquilo. Seu pai? James decidiu que não. Pelo menos não ainda. Ele tinha idade suficiente para saber que a maioria dos adultos não acreditaria em tal história vinda de uma criança, mesmo que esta fornecesse fotografias que servissem de prova.

James não sabia exatamente o que poderia fazer para impedir tal complô, mas sabia o que tinha de fazer depois. Tinha de descobrir que sonserino pegara o *videogame* portátil de Ralf. Ele tinha de encontrar o sonserino que usara o nome de Austramaddux.

Com isso em mente, James saiu em disparada da estufa no momento em a aula terminara, esquecendo-se inteiramente que aquela era a noite em que seu pai, Harry Potter, estava vindo para encontrar-se com os americanos.

Enquanto James corria pelos terrenos, ficou a par do barulho de uma multidão. Ele atrasou o passo, escutando. Brados e cantos mesclavam-se aos balbucios de vozes roucas e excitadas. Assim que espreitou-se pelo canto do pátio, o barulho tornou-se mais alto. Uma multidão de estudantes estava no pátio, reunindo-se em todas as direções bem na hora que James observava. A maioria estava simplesmente curiosa em ver o porquê da agitação, mas havia um grupo muito ativo ao centro, marchando, entoando lemas, alguns segurando letreiros e faixas enormes pintadas à mão.

James viu uma das faixas quando se aproximou da multidão, e seu coração afundou. Estava escrito: “*Fim ao Fascismo dos Aurores do Ministério!”.* Outro letreiro ondulava preguiçosamente em direção ao céu: ‘*Diga a VERDADE, Harry Potter!*

James andou ao redor do grupo, tentando permanecer discreto. Próximo aos degraus do Salão Principal, Tábita Corsica estava sendo entrevistada por uma mulher de olho de gato com óculos roxos espalhafatosos e uma expressão muito atenta. Com uma inquietude crescente, James reconheceu Rita Skeeter, repórter guia investigativa do Profeta Diário, e uma das pessoas menos queridas por seu pai.

Assim que ele passou, Tábita o viu de relance, deu de ombros ligeiramente e sorriu, como se dissesse *desculpa*

*por isso, mas há tempos difíceis e todos fazem o que devem...*

Exatamente quando James estava para subir os degraus para o Salão Principal, a diretora apareceu, andando decididamente a passos largos à luz do sol com uma expressão feroz no rosto. Ela posicionou sua varinha em sua garganta e falou do degrau mais alto, a voz ecoando por todo o pátio, cortando o barulho da multidão.

- Não perguntarei o significado disto, assim como acho isso desapontadoramente óbvio. - disse ela severamente, e James, que conhecera Minerva McGonagall de uma maneira periférica pela maior parte de sua vida, imaginou que nunca a tinha visto tão enraivecida.

O rosto dela estava mortalmente pálido, com um vermelho lívido no alto das bochechas. A voz, ainda ecoando pelo pátio, estava controlada, mas tão convicta quanto o aço.

- Longe de mim disso impedi-los do direito de manter qualquer fundação doentia e noções absurdas que muitos de vocês têm buscado, mas deixe-me assegurá-los, sem importar no que devem escolher acreditar, que não é a política desta escola permitir que estudantes insultem estimados visitantes.

Os letreiros foram baixados, mas não completamente.

James viu que Rita Skeeter fitava a diretora com um olhar de faminta excitação no rosto, a Pena de Repetição Rápida rabiscando ferozmente em um bloco de pergaminho. McGonagall suspirou, reunindo a compostura.

- Há meios próprios para expressão de discordância, como todos sabem. Esta... *Exibição*... Não é necessária, nem apropriada. Portanto, espero que todos vocês se dispersem imediatamente com o conhecimento que certamente mais... - ela olhou fixamente para Rita Skeeter. - consideram relevante.

- Senhora diretora. - uma voz chamou, e James não precisou se virar para saber que se tratava de Tábita

Corsica. Houve um silêncio significativo enquanto o pátio inteiro prendia a respiração.
James podia ouvir a pena de Rita Skeeter rabiscar avidamente.
McGonagall parou, estudando Tábita de forma significativa.
- Sim, Srta. Corsica?
- Eu não poderia mais concordar com você, senhora. - disse Corsica suavemente, sua bonita voz ecoando pelo pátio. - E de minha própria parte, espero que todos nós possamos escolher lutar por essas questões de uma forma mais razoável, como você sugeriu. Isso pode ser proposto como assunto do primeiro Debate Escolar? Isso nos permitiria abordar essa questão sensível respeitosa e minuciosamente, da maneira que estou certa que você concorda que isso merece.
A mandíbula de McGonagall estava como ferro enquanto olhava para Corsica. A pausa foi tão longa que Tábita olhou para longe. Lançou um olhar para o pátio, sua compostura vacilando levemente. A Pena de Repetição Rápida havia acompanhado os procedimentos. Ela pairava no ar sobre o pergaminho, esperando.
- Aprecio sua sugestão, Srta. Corsica. - disse McGonagall, categoricamente. - mas essa não é a hora, nem o lugar para discutir o calendário do grupo de debates, como você com certeza imagina. E agora - ela lançou criticamente o seu olhar ao pátio. - eu considero esse assunto encerrado. Qualquer um que desejar continuar essa discussão pode fazê-lo muito mais confortavelmente na privacidade de suas salas. Aconselho vocês a se dispersarem agora, antes que eu mande o Sr. Filch fazer um recenseamento.
A multidão começou a se dispersar. McGonagall avistou James e sua expressão mudou.
- Venha, Potter. - disse ela, gesticulando impacientemente. James subiu os degraus e a seguiu para dentro do Salão. McGonagall murmurava

zangadamente, as vestes de tecido de lã xadrez cortando o ar enquanto entrava em um corredor lateral.
Ela parecia esperar que James a seguisse, então ele o fez.
- Ridículos propagandistas provocadores de arruaça. - enfureceu-se, ainda direcionando James para o que ele reconheceu como a sala dos funcionários. - James, lamento por você ter de testemunhar isso. Lamento mais ainda que tantos rumores asquerosos tenham encontrado apoio dentro dessas paredes.
McGonagall virou-se e abriu a porta sem reduzir o passo. James achou-se entrando em um grande aposento cheio de sofás e cadeiras, mesinhas e estantes de livros, tudo arrumado casualmente em volta de uma enorme lareira de mármore.
E ali, posicionado para cumprimentá-lo, com um sorriso tortuoso, estava o seu pai. James sorriu e correu, passando por McGonagall.
- James, - disse Harry Potter satisfeito, puxando o garoto para um forte abraço e desmanchando seu cabelo. - meu garoto. Estou tão feliz por vê-lo, filho. Como vai a escola?
James deu de ombros, sorrindo alegremente, mas se sentindo repentinamente tímido.
Havia muitas outras pessoas presentes que ele não reconheceu, todas olhando para ele, ali, com seu pai.
- Vocês conhecem meu filho, James. - disse Harry, comprimindo os ombros de James. - James, estes são alguns representantes do Ministério que vieram comigo. Lembra de Tito Hardcastle, não? E estes são o Sr. Recreant e a Sra. Sacarhina. Ambos trabalham para o Departamento de Relações Internacionais.
James apertou-lhes as mãos, respeitosamente. Lembrou-se de Tito quando olhou para ele, embora não o tivesse visto por um longo tempo. Hardcastle, um dos aurores liderados por seu pai, era gorducho e estúpido, com uma cabeça quadrada e rija, e feições indispostas. O Sr.

Recreant alto e magro, vestido de forma bastante meticulosa em vestes listradas e um chapéu-coco preto**.** O aperto de mão de Hardcastle foi rápido e frouxo, tal como segurar uma estrela-do-mar morta. A Sra. Sacarhina, contudo, não apertou as mãos. Ela deu um largo sorriso para James e agachou-se à altura dele, examinando-o de cima a baixo.
- Vejo tanto de seus pais em você, jovenzinho. - disse ela, inclinando a cabeça e atingindo uma educação conspiradora. - Tanta promessa e potencial. Espero que se junte a nós esta noite.
Em resposta, James ergueu os olhos para seu pai. Harry sorriu e pôs ambas as mãos sobre os ombros de James.
- Iremos jantar hoje à noite com os Alma Aleron. Quer vir conosco? Aparentemente teremos uma verdadeira comida americana, o que poderia significar qualquer coisa de hambúrguer, ah, bem, xisbúrguer, até onde sei.
- Sem dúvida! – disse James, sorrindo. Harry Potter sorriu de volta e pestanejou.
- Mas primeiro, - disse ele, dirigindo-se ao resto do grupo. - iremos nos encontrar com nossos amigos de Alma Aleron para ver algumas de suas propriedades mágicas. Vamos encontrá-los nos próximos dez minutos, e pedi que outros se reunissem a nós também. Vamos?
- Receio que não me juntarei a vocês. - disse McGonagall rapidamente. - Parece que precisarei vigiar certos elementos da ralé estudantil durante a excursão de vocês, Sr. Potter. Desculpe-me.
- Entendido, Minerva. - disse Harry. Sempre soava estranho pra James quando seu pai chamava a diretora pelo primeiro nome, mas ela parecia esperar isso. - Faça o que deve fazer, mas não se preocupe em reprimir cada pequeno acesso de raiva. Quase não vale o esforço.
- Não tenho certeza se concordo com você sobre isso, Harry, mas, apesar de tudo, suponho que eu não seria capaz de manter a perfeita ordem. Vejo você esta noite, então.

- Com isso, a diretora, ainda furiosa, virou-se e deixou o aposento bruscamente.
- Vamos, então? - indagou a Sra. Sacarhina.
O grupo começou a se deslocar em direção a uma porta do lado oposto do aposento. Enquanto caminhavam, Harry inclinou-se em direção ao seu filho e sussurrou:
- Estou por feliz por estar vindo conosco. Sacarhina e Recreant não são exatamente as companhias de viagem mais agradáveis, mas Percy insistiu que eu os trouxesse. Temo que toda essa questão se torne política.
James inclinou a cabeça em gesto afirmativo, sem saber o que aquilo significava, mas feliz por ser, como sempre, convidativo à confiança de seu pai.
- Então, como vocês viajaram?
- Rede de Flu. - respondeu Harry - Não queria fazer qualquer outra entrada mais visível que o necessário. Minerva nos alertou a respeito das manifestações públicas que o E. P. está planejando.
Isso levou James a perceber que seu pai estava falando do Elemento Progressivo.
- Ela sabe sobre esse pessoal? - ele perguntou surpreso.
Seu pai levou um dedo aos lábios, fazendo um gesto ligeiramente afirmativo em direção à Sacarhina e Recreant, que estavam em frente a eles, conversando em voz baixa enquanto caminhavam.
- Depois. - Harry gesticulou com os lábios.
Após algumas curvas, o Sr. Recreant abriu uma enorme porta e saiu para a luz solar, os demais o seguiam. Desceram uma larga escadaria de pedra a qual ia em direção a uma área gramada orlada pela Floresta Proibida de um lado e uma parede baixa de pedra do outro. Neville Longbottom e o Prof. Slughorn estavam parados próximos à parede, conversando.
Ambos ergueram os olhos enquanto o grupo se aproximava.
- Olá, Harry! - disse Neville, sorrindo e indo em direção ao encontro dele. - Obrigado por convidar a mim e a

Slughorn para isso. Estou curioso a respeito desde que os americanos chegaram.
- Harry Potter, enquanto vivo e respiro. - disse Slughorn calorosamente, segurando a mão de Harry com as suas. - Realmente muito bom você ter pedido para virmos. Você sabe que sempre estou interessado em novos avanços na comunidade mágica internacional.
Harry guiou o grupo em direção a um portão na parede de pedras. Ele abriu-se até uma trilha alinhada que serpenteava em direção ao lago.
- Não me agradeçam, nenhum de vocês. Apenas trouxe vocês para que pudessem fazer todas as perguntas inteligentes e compreender o que eles nos mostrarem.
Slughorn riu com indulgência, mas Neville apenas sorriu.
James percebeu que seu pai estava, provavelmente, contando, no mínimo, parte da verdade, e apenas Neville sabia disso.
O grupo se aproximou de uma enorme tenda de lona armada em uma elevação baixa que dava para a água. Uma bandeira americana pendia frouxa em um dos mastros da tenda, sobre uma bandeira do timbre de Alma Aleron. Um par de estudantes americanos estava conversando por perto. Um deles avistou o grupo e os reconheceu com um breve aceno. Ele chamou em direção à tenda:
- Professor Franklyn!
Depois de um momento, Franklyn emergiu da lateral da tenda, enxugando as mãos em um grande tecido.
- Ah, saudações, visitantes! - disse ele cordialmente. - Muito obrigado por virem.
Harry apertou a mão esticada de Franklyn. Estava visível que eles já haviam se encontrado antes e combinado a reunião. Harry virou-se e apresentou a todos, finalizando com James.
- Claro, claro. - disse Franklyn radiante para James. - O jovem Potter está em minha classe. Como está hoje,

James?
- Ótimo, senhor. - respondeu James, sorrindo.
- Como deveria estar em um dia ótimo como este. - disse Franklyn sério, afirmando com aprovação com um aceno de cabeça. - E agora que os gracejos terminaram, sigam-me, meus amigos. Harry, você estava interessado em ver os meios pelos quais cuidamos de nossos veículos, certo?
- Exatamente. - disse Harry - Não estive aqui para ver a chegada de vocês, claro, mas ouvi falar de seus interessantes veículos voadores. Estou muito curioso para vê-los, assim como a facilidade de armazenagem de vocês. Ouvi muitas especulações sobre isso, embora eu admita entender pouco.
- Nossa Garagem Trans-Dimensional, sim. Temo que, virtualmente, nenhum de nós entende disso. - disse Franklyn duvidosamente. - De fato, se não fosse nosso especialista, Teodoro Jackson, nenhum de nós teria a mais fraca idéia de como mantê-los. Falando nele, ele pediu desculpas por não estar aqui para nossa excursão. Ele se juntará a nós esta noite e ficará muito feliz de discutir isso com vocês, então, teriam alguma pergunta para ele?
- Estou certo que sim. - disse Tito Hardcastle em sua voz baixa e grave.
James seguiu seu pai em direção à lateral aberta da tenda e quase tropeçou no próprio pé quando olhou para dentro. A tenda era bastante grande, suportada por complicadas vigas de madeira e armações. Todos os três veículos voadores de Alma Aleron estavam estacionados ali dentro, deixando espaço suficiente para pôr em ordem arranjos de caixas de ferramentas, equipamentos de manutenção, partes adicionais e muitos homens com roupas de serviço que se deslocavam atarefadamente entre os veículos. Contudo, a coisa mais estranha sobre a tenda era que a parte dos fundos que estava faltando.
Onde James estava certo de que teria visto a parede de lona estendida que vira do lado de fora era,

simplesmente, ar aberto, fornecendo uma paisagem que não era, definitivamente, os terrenos de Hogwarts.
Construções alinhadas feitas de tijolo vermelho e árvores imensas e chifrudas poderiam ser vistas à distância, além da parede dos fundos sumida da tenda. Mais estranho ainda, a iluminação da paisagem era completamente diferente do brilho de meio-dia do sol nos terrenos de Hogwarts. Do outro lado da tenda, a paisagem era iluminada por uma luz rosa pálido, e as nuvens enormes e fofas à distância eram tingidas com dourado. As árvores e a grama pareciam reluzir, como se cobertas por orvalho da manhã. Um dos operários acenou para Franklyn, então se virou e andou até a estranha visão, esfregando as mãos em seu macacão.
- Bem vindos a um dos poucos mundos das construções trans-dimensionais! - disse Franklyn, gesticulando orgulhosamente - Nossa garagem, a qual está simultaneamente aqui e ali, em residência temporária nos terrenos de Hogwarts e em sua localização permanente no quadrângulo leste da Universidade de Alma Aleron, Filadélfia, Pensilvânia, Estados Unidos.
- Grande fantasma de Golgamete. - disse Slughorn, lentamente dando um passo à frente. - Li sobre essas coisas, mas nunca pensei que viveria para ver. Isso é naturalmente uma anomalia temporal? Ou é instrumentada por Feitiços de Transferência Quântica?
- Essa é a razão de eu ter convidado você, professor. - disse Harry, sorrindo e examinando o interior da tenda.
- Primeiro, - disse Franklyn, andando entre o Dodge Hornet e o Fusca Volkswagen para dar espaço ao grupo. - Esta é uma das três conhecidas bolhas da pluralidade dimensional. O que eu disse significa que esta tenda existe dentro de uma ponte dimensional, permitindo que ela se estenda sobre dois lugares simultaneamente. Assim, podemos ver um lado do tempo ao meio-dia dos terrenos de Hogwarts - ele fez um gesto para fora da parte aberta da tenda, através da qual haviam entrado -

o que vocês podem pensar como sendo o nosso lado da bolha trans-dimensional. E do outro lado, - ele esticou uma das mãos em direção à paisagem um tanto escura vista magicamente pelo fundo da tenda - o amanhecer do quadrângulo da Universidade de Aleron, o outro lado da bolha. Conheçam o Sr. Pedro Graham, nosso mecânico chefe.
Um homem esticou-se do capô do Stutz Dragonfly. Ele sorriu e acenou.
- É bom conhecê-los, senhorita e senhores. Por assim dizer.
- Igualmente. - Neville, que estava mais próximo, disse ligeiramente.
- O Sr. Graham e seus homens estão todos na metade americana da bolha. - explicou Franklyn. - Vendo como eles são especificamente treinados para trabalhar em nossa frota, achamos melhor deixá-los tomar cuidado e fazer manutenção até mesmo quando viajamos. Contudo, como vocês devem pensar, eles não estão, tecnicamente, aqui.
Para mostrar isso, Franklyn foi até um dos operários que estava agachado próximo ao Hornet. A mão de Franklyn atravessou o homem como se este fosse fumaça. O homem pareceu não ter notado.
- Então, - disse Harry franzindo a testa ligeiramente. - eles podem nos ouvir, e nos ver, e nós podemos vê-los e ouvi-los também, mas eles ainda estão lá, na América, e nós ainda estamos aqui, em Hogwarts. Portanto, não podemos tocá-los?
- Precisamente. - disse Franklyn.
James falou sem hesitação.
- Então, como podemos tocar os carros e como, então, seus mecânicos podem estar nos Estados Unidos?
- Excelente pergunta, meu rapaz! - disse Slughorn, dando tapinhas nas costas de James.
- Realmente, é. - disse Franklyn - É aí onde as coisas ficam um pouco, eh, quânticas. A resposta simples é que

estes carros, diferente de nós, são multidimensionais. Todos vocês já ouviram, espero, a teoria de que há mais dimensões além das quatro com as quais estamos familiarizados, sim?
Houve acenos de concordância. James não ouvira nada sobre tal teoria, mas, apesar disso, achou que entendia a idéia.
Franklyn continuou.
- A teoria afirma que existem dimensões extras, desconhecidas por qualquer de nossos sentidos, mas reais. Eficazmente, o Prof. Jackson criou um feitiço que possibilita a esses veículos fazer uso destas dimensões, permitindo-os existir simultaneamente em dois lugares em qualquer hora que estejam dentro das paredes desta garagem. Enquanto estiverem estacionados aqui, cruzam a bolha dimensional e existem em ambos os lugares de uma vez.
- Extraordinário. - disse Slughorn, correndo a mão ao longo do pára-choque do Hornet. - Então, eficazmente, seu grupo pode prestar serviço de manutenção aos veículos não importa para onde viagem, e vocês se dão ao luxo de ter uma visão de casa, mesmo que não possam ter acesso a ela.
- Verdade - concordou Franklyn. - Certamente, isso é uma grande vantagem e um toque de conforto.
Neville estava interessado nos carros em si.
- Eles são, na verdade, criaturas mecanizadas ou são máquinas enfeitiçadas?
James perdeu o interesse assim que Franklyn lançou-se numa explicação detalhada dos carros alados. Andando pelo outro lado da tenda, olhou para os terrenos da escola americana. O sol havia acabado de surgir sobre o telhado da construção de tijolo vermelho próxima, lançando seus raios de luz rosados até uma torre de relógio. Lá eram apenas seis horas da manhã. Que coisa totalmente estranha e maravilhosa, pensou James.
Numa tentativa, ergueu sua mão, curioso para ver se

poderia sentir o frescor do ar da manhã naquele outro lugar. Teve uma sensação estranha e dormente na ponta dos dedos, e então eles roçaram a lona invisível. Estava certo o bastante que não poderia atravessar ou até mesmo sentir o ar do lugar.
- É tão ruim que você não possa passar, amigo. - disse uma voz.
James ergueu os olhos. O mecânico chefe estava inclinado contra o pára-choque do Fusca, sorrindo.
- Já está quase na hora do café da manhã e hoje é dia de omelete com cogumelo.
James sorriu.
- Parece ótimo! Aqui já está na hora do almoço.
- Professor Franklyn, - James ouviu a voz do Sr. Recreant dizer um tanto alta. - como esta estrutura, eh, age de acordo com a proibição da Coalizão Mágica Internacional em magia não-aprovada ou das trevas? Sendo praticamente uma delas, pareceria difícil estabelecer um registro seguro.
- Ah, verdade. - concordou Franklyn, olhando firmemente para o Sr. Recreant. - Somos afortunados o bastante por não termos qualquer problema até agora, portanto temos sido mais ou menos percebidos pela Coalizão. Em todo caso, seria difícil de provar a ameaça de algum perigo. Até mesmo uma falha total no feitiço trans-dimensional do Prof. Jackson poderia significar, na pior das hipóteses, que teríamos que pegar um táxi para casa ao invés de nossos queridos carros.
- Perdoe-me. - interrompeu a Sra. Sacarhina, simulando um sorriso bastante flexível. - Um o quê?
- Desculpe, senhora. - disse Franklyn. - Um táxi. Um carro trouxa alugado. Eu estava sendo um tanto ridículo, claro.
Sacarhina sorriu um sorriso apertado.
- Ah, sim, claro. Costumo esquecer o fascínio dos bruxos americanos pela maquinaria trouxa. Não consigo imaginar como isso escapou de minha atenção.

Franklyn pareceu desatento ao sarcasmo dela.
- Bem, não falarei para meus compatriotas, mas admito que aprecio mexer em algo que não conheço bem. Parte de minha apreciação pela garagem é que ela me permite supervisionar a manutenção de minha frota. Nunca canso de compreender como as coisas funcionam e tentar fazê-las funcionar apenas um pouco melhor.
- Mm-hum. - Sacarhina fez um gesto afirmativo, lançando um olhar para os carros que estavam ali.
Um dos mecânicos tocou um fio sob o capô do Stutz Dragonfly e houve um jorro de faíscas azuis. Com um guincho e um solavanco, as longas asas do carro se estenderam batendo no ar várias vezes antes de emitir um ruído agudo para hesitar novamente. Neville teve de esquivar-se rapidamente para trás para evitar ser acertado por elas.
- Ótimos reflexos, Neville - disse Harry. - Foi quase um caso de “Mosca esmaga homem”.
Neville olhou para Harry e sorriu reprimido.
Hardcastle pigarreou.
- Temos de ir, senhora, senhores.
- Claro. - Harry concordou. - Sr. Franklyn?
Franklyn ergueu uma mão.
- Insisto que me chame de Ben. Tenho trezentos ou quatrocentos anos de idade, dê ou tire, e sendo chamado de “senhor” apenas me lembra disso. Poderia fazer isso?
- Claro, Ben. Aguardo ansiosamente para vê-lo no jantar hoje à noite. Muito obrigado por nos mostrar sua extraordinária garagem.
- Um prazer - disse Franklyn, irradiando orgulho. - Tenho uma interessantíssima impressora em casa e que eu adoraria te mostrar quando vier nos visitar na NorteAmérica. Vou até mesmo mostrar o sino que ajudei a lançar durante a fundação de nosso país, mas a coisa que emitia a sirene está quebrada e não me deixarão consertá-la.
- Não dê ouvidos a ele. - Graham, o mecânico, disse atrás

deles. - Ou ele fará vocês acreditarem que foi ele que forjou o cobre para a Estátua da Liberdade.
Houve uma gargalhada pelo resto do grupo.
Franklyn fez careta, e então fez sinal para que Harry e o grupo continuassem.
- Hoje à noite, meus amigos. Tragam seus apetites. E talvez um competente Feitiço de Congelamento. Deduzo que Madame Delacroix está supervisionando a *gororoba*.

# - CAPÍTULO 6 -

# O Encontro de Harry à Meia-Noite

James apressou-se para voltar à sala comunal da Grifinória após as aulas, despindo as vestes da escola enquanto subia correndo as escadas. Vestiu um casaco e uma capa de noite, achatando o seu cabelo com a água do lavatório, olhou-se criticamente no espelho e depois voltou a descer rapidamente as escadas de dois em dois degraus para se encontrar com o seu pai.
Harry estava à espera com Neville junto ao retrato de Sir Cadogan.
- Um disputante animado foi aquele - dizia Cadogan, apoiado despreocupadamente contra a moldura do seu quadro e ondulando a sua espada ilustrativamente. Estava falando com Neville, que parecia extremamente

incômodo. - Eu vi tudo, claro. Aconteceu aqui mesmo. Bollox Humphreys era o seu nome, e lutou como um homem possuído. Perdeu, claro, mas foi nobre como mil reis. A maior parte dos seus intestinos espalhou-se aí mesmo, onde você está, e a sua espada ainda balançava com mais força do que um trasgo montanhês. Galante homem. Galante!
- Ah, James, aí está você - disse Neville ruidosamente enquanto James se aproximava. Harry e Sir Cadogan ergueram os olhos. Harry sorriu, olhando o seu filho de cima a baixo.
- A sua mãe ficará feliz em saber que você está usando essa capa.
- Na verdade, esta é a primeira vez que a tiro do baú - admitiu James sorrindo timidamente.
Harry assentiu com a cabeça.
- E voltará direto ao baú depois desta noite, não é?
- Garantido.
- Bom homem - reconheceu Harry. James começou a caminhar junto ao seu pai enquanto se dirigiam às escadas.
- Esperem! - gritou Cadogan, embrulhando a sua espada e saltando para o meio do seu quadro. - Nunca vos falei da batalha dos Magos Vermelhos? O massacre mais sangrento que estas paredes já viram! Ocorreu justamente ao pé dessas escadas! Para a próxima, então. Coragem!
- Quem é aquele? - perguntou James, olhando por cima do ombro.
- Acabará conhecendo-o - disse Neville. - Desfrute da ignorância enquanto pode.
Enquanto caminhavam, James ouviu o seu pai contar a Neville os recentes acontecimentos que se passavam no Ministério. Houvera uma captura de vários indivíduos envolvidos numa operação de falsificação de Chaves de Portal. Mais trasgos foram vistos nas proximidades e o Ministério estava enviando patrulhas de modo a evitar

que os problemáticos idiotas se aventurassem em território trouxa. O novo ministro, Loquácio Knapp, estava preparando-se para dar um discurso acerca de expandir o comércio das comunidades mágicas da Ásia, o que incluiria o levantamento da proibição de tapetes voadores e de algo chamado “óculos escuros”.
- Em outras palavras, - disse Harry, suspirando - as coisas vão mais ou menos como sempre. Alguns tumultos aqui e ali, pequenas conspirações e conflitos. Política e papelada.
- O que você quer dizer - disse Neville, sorrindo dissimuladamente. - é que essa tranqüilidade pode ser bastante enfadonha para um auror.
Harry sorriu.
- Suponho que tenha razão. Devia estar agradecido de que o meu trabalho não seja mais interessante, não é? Pelo menos passo a maior parte das noites em casa com a Gina, a Lílian e o Alvo - baixou o olhar até James. - E ter uma missão de embaixador como a de agora me permite a oportunidade de ver o meu garoto durante em sua primeira semana em Hogwarts.
- Percebi que até agora ele só esteve uma vez no escritório da McGonagall - comentou Neville suavemente.
- Ah? - disse Harry, ainda olhando James - E qual é a razão disso?
Neville arqueou as sobrancelhas para James como se dissesse *“você tem a palavra”.*
- Eu... ah... quebrei uma janela.
O sorriso de Harry ficou um pouco tenso nas margens.
- Estou ansioso para ouvir a história completa - disse pensativamente.
James sentiu o olhar de seu pai como se fosse um jogo de pesos diminutos.
Alcançaram uma porta dupla que estava bem aberta. Odores deliciosos vagavam até o corredor.
- Aqui estamos nós - disse Neville, afastando-se para o

lado para permitir que Harry e James entrassem primeiro - Os aposentos dos americanos durante a sua estadia. Atribuímos a eles a maior parte da torre sudoeste. Foi disposta temporalmente com uma área recreativa, uma sala comunal, cozinha e outras coisas para suprir as suas necessidades.
- Parece ótimo - disse Harry, examinando o espaço. A sala comunal era, de fato, bastante pequena, com paredes circulares, tetos altos e redondos, uma lareira de pedra e apenas duas janelas muito altas e estreitas.
Os americanos, porém, tinham estado muito ocupados. Havia tapetes de pele de urso no chão e tapeçarias de cores vibrantes penduradas nas paredes e colocadas sobre a escada de pedra que rodeava o quarto. Uma estante de livros de três andares estava repleta de gigantescos volumes, a maior parte acessível apenas através de uma escada com rodas de aspecto desprendido. O detalhe mais surpreendente, porém, era uma impressionante e complexa armação de engrenagens de latão, articulações, e lentes espelhadas que pairavam do teto, preenchendo a câmara superior do aposento e mexendo-se muito lentamente. James ergueu os olhos para ver, deleitado e assombrado. Produzia uns guinchos e estalidos muito leves enquanto se movia.
- Você descobriu o meu Aparelho de Acumulação de Luz Solar, meu rapaz - disse Ben Franklyn, saindo de um grande arco por baixo das escadas em caracol - Uma das minhas necessidades absolutas sempre que viajo durante longos períodos, apesar de ser embaraçoso para empacotar, e as calibrações quando volto a montá-las novamente é simplesmente um terror.
- É maravilhoso - disse Neville, também erguendo os olhos até à rede de espelho e rodas que giravam lentamente - O que é que faz?
- Deixem-me demonstrar. - disse Franklyn ansiosamente. - Funciona melhor em plena luz do dia,

obviamente, mas até as estrelas e a lua de uma noite brilhante podem proporcionar luz adequada. Uma noite como esta deve resultar satisfatória. Deixe-me ver…
Ele se deslocou até uma maltratada cadeira de couro de respaldo alto, colocandose nela cuidadosamente e depois consultou um gráfico na parede.
- Três de setembro, sim. A lua está na quarta casa, deixe-me ver… aproximadamente às sete e quinze. Júpiter está se aproximando do trajeto final de… mmm…hmm…
Enquanto Franklyn murmurava, tirou a sua varinha e começou a assinalar com ela partes do aparelho. Começaram a girar engrenagens enquanto partes do aparelho vinham à vida. Partes da armadura desdobraram-se enquanto outros rodavam sobre si mesmos, deixando espaço. Os espelhos começaram a deslizar-se, colocando-se por trás de grupos giratórios de lentes, o que os aumentava. Mecanismos estalaram e puseram-se em marcha. O aparelho inteiro pareceu dançar lentamente sobre si mesmo enquanto Franklyn o dirigia com a sua varinha, aparentemente fazendo cálculos de cabeça enquanto prosseguia. E enquanto se movia, algo começou a formar-se dentro dele. Rostos fantasmagóricos de luz cor-de-rosa começaram a aparecer entre os espelhos, magros como lápis, manchas de pó transformando-se em fogos diminutos. Havia dúzias de feixes de luz, brilhando crescentemente, dando voltas no lugar e finalmente formando um complicado traço geométrico. Então, no centro do traço, cintilaram formas. James girou sobre si mesmo, observando encantado como diminutos planetas coligados se formavam com a luz colorida. Giravam e orbitavam, traçando fracos arcos atrás deles. Duas grandes formas condensaram-se no mesmo centro, e James os reconheceu como o sol e a lua. O sol era uma bola de luz rosa, a sua coroa estendia-se até vários metros de distância. A lua, menor, mas mais sólida, era

como uma goles prateada, igualmente dividida entre o seu lado luminoso e escuro, girando lentamente. A constelação inteira entrelaçava-se e girava majestosamente, iluminando dramaticamente o aparelho de latão e desdobrando maravilhosos padrões de luz por todo o aposento.
- Não há nada tão saudável como a luz natural - disse Franklyn. - Capturada aqui, através das janelas, e depois condensada dentro de uma rede cuidadosamente calibrada de espelhos e lentes, como podem ver aqui. Excelente para a vista, o sangue e a saúde de qualquer um em geral, obviamente.
- Este é o segredo da sua longevidade? - perguntou Harry, quase sem fôlego.
- Oh, certamente é uma pequena parte dele - disse Franklyn sem dar-lhe importância - Na maioria das vezes, é só que prefiro ler à noite. Sem dúvida é muito mais divertido do que uma tocha. - Captou o olhar de James e piscou o olho.
O professor Jackson apareceu na passagem arcada. James o viu olhar fixamente para Franklyn no desdobramento da luz no alto, com um olhar de desdém cansado no rosto.
- O jantar, como já disse, está servido. Vamos para a sala de jantar ou devo trazer o jantar para cá?
Juntamente a Harry, James, Neville e os representantes do Ministério, a maior parte dos professores de Hogwarts estava presente, incluindo a professora Curry. Para consternação de James, Curry contou a Harry tudo sobre as habilidades de James no campo de futebol, assegurando-lhe que iria se ocupar de ver que essas habilidades seriam desenvolvidas em toda a sua amplitude.
Contrariamente às suspeitas do seu pai, a comida foi notavelmente diversa e apetitosa.  A gororoba de Madame Delacroix foi o prato inicial. Ela mesma o levou à mesa, de alguma forma sem derramar uma gota que

fosse apesar da sua cegueira. Mais curioso ainda, dirigiu a colher com a sua varinha, uma irregular e longa varinha de mau aspecto, servindo uma porção em cada tigela da mesa enquanto que ela olhava para o teto e cantarolava de uma forma bastante desconcertante. A gororoba estava realmente temperada, com grandes bocados de camarão e salsicha, mas James gostou. Logo chegaram pães fresquinhos e certa variedade de manteigas, incluindo uma substância castanha e pegajosa que Jackson identificou como sendo manteiga de maçã. James provou-a cautelosamente por cima de um pedaço de pão e depois estendeu um gigantesco grude sobre o que restava do seu pão.
O prato principal foi costeletas de cordeiro com geléia de menta. James não considerava isso comida tipicamente americana e comentou.
- Não existe a comida americana, James - disse Jackson. - A nossa cozinha, tal como a nossa gente, é simplesmente a soma total das variadas culturas dos países de onde vimos.
- Isso não é totalmente verdade - interveio Franklyn. - Tenho bastante certeza de que podemos alegar direitos incontestáveis às asas de búfalo temperadas.
- Vamos ter isso esta noite? - perguntou James esperançosamente.
- Minhas desculpas - disse Franklyn. - É bastante difícil conseguir os ingredientes para tais coisas a não ser que possua as capacidades vodu únicas de Madame Delacroix.
- É assim? - inquiriu Neville, servindo-se de mais geléia de menta. - E que habilidades são essas, madame?
Madame Delacroix se recompôs, depois de ter lançado ao Prof. Franklyn um olhar cego, fatigado e frio.
- É um velho, não sabe do que fala. Apenas conheço fontes com as quais ele não está familiarizado, está mais interessado nas suas máquinas e nos seus trastes.
Franklyn sorriu. Pela primeira vez, pareceu frio.

- Madame Delacroix está sendo modesta. Ela é, como podem já saber, uma das mais importantes peritas do nosso país em Fisio-aparição Remota. Sabe o que é isso, James?
James não tinha a mínima idéia, embora algo no olhar leitoso de Madame Delacroix fizesse com que se sentisse relutante em dizer sim. Finalmente, James negou com um gesto de cabeça. Antes que Franklyn pudesse explicar, porém, Harry falou:
- Significa que a senhora tem, digamos, diferentes meios de sair por aí.
- “Diferentes meios” é uma forma de se dizer - riu Franklyn abafadamente. James sentiu-se intranqüilo ouvindo esse riso. Havia algo malicioso nele. Notou que Franklyn estava esvaziando o que possivelmente fosse a sua terceira taça de vinho. - Pense nisso, James. Fisio-aparição Remota. Consegue imaginar? Quer dizer que esta pobre velha cega da Madame Delacroix pode se projetar, enviar uma versão de si mesma a amplo mundo, recolher coisas, e inclusive trazê-las de volta. E a beleza do fato, é que a versão de si mesma que ela pode projetar não é pobre, nem velha, nem cega. Não é assim, madame?
Delacroix olhava cegamente a um ponto sobre o ombro de Franklyn, o rosto era uma máscara sombria de cólera. Então sorriu, e como James tinha visto no dia da chegada dos americanos, o sorriso transformou o rosto dela.
- Oh, querido Prof. Franklyn, conta tais histórias - disse, e o seu estranho sotaque baio pareceu até mais acentuado do que o normal. - As minhas habilidades nunca foram tão grandes como disse, e são muito menores agora que sou a velha que vêem em sua frente. Se pudesse projetar tal visão, não penso que iria me ocorrer deixar que alguém me visse como realmente sou.
A tensão no quarto se quebrou e houve risos. Franklyn

sorriu um pouco tensamente, mas deixou que o momento passasse.
Após a sobremesa, Harry, James e o resto dos Hogwartianos retiraram-se novamente para a sala comunal, onde o Aparelho de Acumulação de Luz Solar de Franklyn tinha reproduzido uma condensada e brilhante versão da Via Láctea. Iluminava a sala com um brilho prateado tão forte que James pensou que quase podia senti-lo na pele. Jackson ofereceu aos adultos um coquetel após do jantar, em taças diminutas. Neville apenas os tocou. A Sra. Sacarhina e o Sr. Recreant beberam pequenos goles e mostraram sorrisos bastante tensos. Harry, depois de segurá-lo a contraluz para ver através do líquido âmbar, bebeu-o de um só gole. Fechou os olhos e sacudiu a cabeça, depois olhou inquisitivamente para Jackson, incapaz de falar.
- Só um pouco do mais fino licor de Tenessi, com algo de lagarto de fogo. - explicou Jackson.
Finalmente, Harry agradeceu aos americanos e desejou as boas noites.
Regressando os seus passos pelos corredores escurecidos, Harry caminhou com a mão sobre o ombro de James.
- Quer ficar comigo nos aposentos de hóspedes, James? - perguntou. - Não posso garantir que eu possa ver você depois dessa noite. Estarei ocupado todo o dia de amanhã, em reunião com os americanos, evitando que os nossos amigos do Departamento de Relações Internacionais provoquem um “incidente internacional” por eles mesmos, e depois volto para casa outra vez. O que me diz?
- Claro! - concordou James instantaneamente - Onde fica?
Harry sorriu.
- Veja isso - disse em silêncio, detendo-se no meio do corredor. Deu a volta e passeou ociosamente, contemplando pensativamente o teto escuro - Preciso...

de um quarto realmente legal com um par de camas para que o meu garoto e eu durmamos esta noite.
James olhava para o seu pai enigmaticamente. Vários segundos se passaram enquanto Harry continuava passeando para frente e para trás. Parecia estar à espera de alguma coisa, James estava quase perguntando o que estava acontecendo, quando ouviu um som repentino. Um roçar débil e um retumbar que veio da parede que estava atrás dele. Virou-se a tempo de ver a pedra alterar-se e se substituir, formando uma enorme porta que não estava ali um momento antes. Harry baixou o olhar para o seu filho, sorrindo sabiamente, depois estendeu o braço e abriu a porta.
Dentro havia um grande apartamento, completo com um jogo de beliches com dossel, pôsteres de Gryffindor nas paredes, um armário que continha o baú de Harry e a vestes escolares de James, e um banheiro totalmente equipado. James atravessou a porta, abrindo e fechando a boca sem palavras.
- A Sala Precisa - explicou Harry, deixando-se cair sobre um sofá baixo e acolchoado. - Não consigo acreditar que nunca tenha falado dela pra você.
James estava pronto para ir para a cama, mas o seu pai simplesmente mudou de roupa e vestiu uma calça *jeans*, um suéter de malha e refrescou-se na bacia.
- Tenho que sair por um momento - disse a James. - Depois do jantar de hoje, o Prof. Franklyn me pediu para encontrá-lo em particular. Queria algum tempo para discutir umas poucas coisas fora das reuniões oficiais de amanhã. – Havia alguma coisa na forma como Harry disse que indicou a James que o seu pai preferia uma conversa privada a uma reunião oficial de qualquer modo. - Não deve demorar muito, e estarei exatamente no corredor abaixo, nos aposentos dos americanos. Tomamos o café-damanhã juntos?
James assentiu felizmente. Ainda não se obrigara a contar ao pai a sua falha abismal no campo de quadribol,

e alegrava-se de adiá-la tanto como fosse possível.
Quando Harry saiu, James estendeu-se no beliche de cima, pensando nos acontecimentos da noite. Lembrou-se da súbita mesquinharia de Franklyn, o que o surpreendeu. Era uma mudança de caráter quase tão grande como o da rainha do vodu, Madame Delacroix, quando sorria. Pensar em Madame Delacroix fez lembrar a James a forma como tinha servido a gororoba, às cegas, manuseando a colher com a sua assustadora varinha negra, sem nunca derramar uma gota.
James compreendeu que simplesmente estava demasiado agitado para dormir. Desceu do beliche e rondou pelo quarto intranqüilo. O baú do seu pai estava aberto no fundo do armário. James olhou para dentro vagarosamente, então se deteve e olhou com mais atenção. Soube o que era logo quando a viu, mas ficou surpreendido pelo pai tê-la trazido com ele. Que uso poderia ter ali?, James ponderou. Finalmente, enfiou a mão no baú e retirou a Capa da Invisibilidade do seu pai, que se desdobrou facilmente.
Quantas vezes o jovem Harry Potter explorara os terrenos de Hogwarts a salvo, oculto por baixo daquela capa? James ouvira suficientes histórias do seu pai, tio Rony e tia Hermione, para saber que esta era uma oportunidade que não devia deixar passar. Mas aonde ir?
Pensou por um momento e depois sorriu com um longo e malicioso sorriso. Deslizou a capa sobre a cabeça, assim como estava habituado a fazer nas raras ocasiões em que Harry o deixava brincar com ela. James sumiu
Um momento depois, a Sala Precisa pareceu se abrir sozinha, agitando-se lentamente sobre as suas enormes dobradiças. Após uma pausa, fechou-se de novo, cuidadosa e silenciosamente.
Com a ponta dos pés, dirigiu-se aos aposentos dos representantes de Alma Aleron.

Correra apenas meio corredor quando houve um ligeiro movimento. Madame Nor-r-ra, a horrível gata de Filch, havia cruzado velozmente o corredor que intersectava com o outro corredor vinte passos à frente. James se deteve, contendo o fôlego no peito.

- Já não devia estar morta, sua velha amostra de tapete infestado de ratazanas? – sussurrou para si mesmo, maldizendo a sua sorte. Então algo pior, a voz de Filch chegou ecoando corredor abaixo.

- Isso, querida - ele disse com a voz melodiosa. - Não deixes escapar essas pequenas bestas. Dê-lhes uma lição que faça com que os seus pequenos bigodes de rato tremam de medo. - A sombra de Filch cruzou o chão do cruzamento, ondulando a mão enquanto se aproximava.

James sabia que estava invisível, mas não conseguiu evitar a sensação de que devia se esmagar contra a parede.

Avançou furtivamente por um espaço estreito entre uma porta e uma armadura, na tentativa de manter a respiração superficial e silenciosa. Espiou pelo joelho da armadura.

Filch atravessava a intersecção, andando um tanto instável.

- Encontrou um esconderijo, não é, linda? - perguntou à invisível Madame Nor-rra. Pôs a mão no seu casaco e retirou um frasco prateado. Tomou um gole, limpou a boca com a manga e voltou a enroscar a tampa. - Ali estão, estão vindo por aqui novamente, querida. Vamos, vamos.

Dois ratos correram pelo cruzamento, saltando e esquivando enquanto os pés de Filch se aproximavam. Madame Nor-r-ra lançou-se ao ataque, caindo sobre

eles, mas os ratos escaparam correndo rapidamente ao longo da parede até onde James estava oculto. Madame Nor-r-ra os seguiu, grunhindo. Para grande inquietação de James, os ratos correram para trás da armadura e passaram por baixo da Capa da Invisibilidade. As suas frias e pequenas patas correram sobre os pés descalços de James, depois se detiveram entre os seus pés, farejando o ar como se pressentissem um lugar oculto. James tentou empurrá-los para fora da capa com os pés, mas se negavam a ir embora.

Madame Nor-r-ra andava atentamente pelo corredor, os bigodes sacudindo. Encolheu-se ao longo da base da armadura, com uma pata estendida, depois saltou em volta, parando a centímetros da beira da Capa da Invisibilidade. Olhou à volta, os seus olhos cintilavam, pressentindo que os ratos estavam próximos, mas sem vê-los.

- Não me diga que esses estúpidos animais conseguiram superar você, querida. - disse Filch arrastando-se pelo corredor em direção a eles.

James observava Madame Nor-r-ra. A gata já havia encontrado a Capa da Invisibilidade antes, anos antes. James conhecia as histórias, ouvira da boca da tia Hermione e tio Rony. Talvez se lembrasse do seu cheiro. Ou talvez estivesse sentindo o próprio James, o seu calor ou o odor ou a batida do seu coração. Ela ergueu os olhos, semicerrando-os, como se soubesse que ele estava ali e estivesse tentando vê-lo esforçadamente.

- Não seja má perdedora, minha querida Madame Nor-r-ra - disse Filch, ainda se aproximando. Estava quase suficientemente perto para tocar James inadvertidamente no caso de estender o braço. - Se eles escaparam, irão falar de você aos seus amigos roedores. É uma vitória se ver por esse lado.

Madame Nor-r-ra se aproximou. Os ratos entre os pés de James estavam ficando nervosos. Tentavam se esconder um por baixo do outro, escorrendo-se mais

atrás entre os pés de James. Madame Nor-r-ra ergueu uma pata. Para o horror de James, roçou a beira da Capa da Invisibilidade. Ela silvou.
Os ratos, ouvindo o silvo, entraram em pânico. Saíram correndo de debaixo da capa, passando diretamente entre as patas da Madame Nor-r-ra. Esta saltou quando os viu, inclinando-se para observá-los fugindo corredor abaixo. Filch riu asperamente.
- Assustaram você, linda! Nunca teria imaginado. Ali vão eles! Atrás deles, vai!
Mas Madame Nor-r-ra quase deu a volta em direção a James, com os seus malvados olhos alaranjados semicerrados, as suas pupilas abertas verticalmente. Ergueu a pata novamente.
- Vai, Madame Nor-r-ra, vai! - disse Filch, o seu humor começava a azedar-se. Empurrou-a com o pé, mandando-a longe de James e para os ratos, que tinham desaparecido pelo corredor. O pé de Filch agarrou a borda do manto, afastando-a dos pés de James. Este pôde sentir o ar frio nos pés.
Madame Nor-r-ra olhou para James de novo e sussurrou outra vez. No entanto, Filch estava demasiado absorto para notá-lo.
- Eles foram por ali, sua velha cega. Nunca teria imaginado que um par de estúpidos animais iria fazer você saltar. Vamos, vamos. Há sempre mais deles perto das cozinhas - Ele andou a passos lentos entre as sombras do corredor e finalmente Madame Nor-r-ra foi atrás dele, dando por vezes umas olhadelas irritadas para trás.
No momento em que dobraram o canto, James expirou tremulamente, acalmou-se e depois continuou corredor abaixo, correndo agilmente e sentindo-se extremamente afortunado.
Quando alcançou a porta dos aposentos dos americanos, estava fechada e aferrolhada. Na escuridão, James era capaz de ouvir as vozes do seu pai

e Franklyn do lado de dentro, mas eram silenciosas e incompreensíveis. Estava quase desistindo e dirigindo-se escadas abaixo, pensando que talvez encontrasse o fantasma de Cedrico outra vez ou até o intruso trouxa, quando as vozes de dentro ficaram mais altas. O ferrolho abriu e James afastou-se do caminho, esquecendo por um momento que estava oculto sob a capa. Pressionou-se contra a parede no lado oposto do corredor logo quando a porta se abriu. Franklyn saiu primeiro, falando em silêncio. Harry estava atrás dele, fechando a porta com o sigilo praticado de qualquer bom auror. *"Pratica ser silencioso quando não precisar"*, dissera Harry ao filho em muitas ocasiões, *"e não precisarás pensar nisso quando precisar".*

- Acho que é mais seguro andar por aí durante uma conversa privada - dizia Franklyn. - Até os nossos aposentos são suscetíveis a escutas por parte daqueles cuja filosofia difere da minha. Pelo menos desse modo nenhuma orelha indesejada consegue ouvir a nossa conversa inteira.

- É curioso - disse Harry. - Passei tanto tempo escapando por estes salões e corredores quando era estudante que até sendo adulto me é difícil evitar o instinto de espreitar e esconder, pelo medo de poder ser apanhado e conseguir um castigo.

Os dois homens começaram a caminhar lentamente, aparentemente passeando sem nenhuma direção em particular. James seguiu-os a uma distância segura, estando atento para não respirar demasiado forte ou ir contra qualquer uma das estátuas ou armaduras alinhadas contra as paredes.

- As coisas não mudaram muito, sabe - disse Franklyn. - Agora, contudo, temos coisas piores do que uma detenção para nos preocuparmos.

- Não sei - disse Harry, e James conseguiu ouvir o sorriso irônico na sua voz - tive alguns castigos bastante horríveis.

- Mmm - murmurou Franklyn sem se comprometer. - A história das nossas duas escolas inclui algumas personagens desagradáveis e desnecessariamente horríveis. Sua Sra. Umbridge, o nosso Prof. Magnussen. O seu Voldemort, o nosso… bom, na verdade, não temos ninguém na nossa história que possa ser comparado a ele. Certamente, foi uma terrível ameaça para todos nós enquanto viveu. O nosso dever é nos assegurar de que tais coisas não voltem a acontecer.
- Assumo que este encontro, então, é uma oportunidade de comparar notas acerca de tais ameaças? Fora de arquivo, por assim dizer? - perguntou Harry seriamente. Franklyn deu um suspiro.
- Uma pessoa nunca tem suficientes amigos ou suficientes fontes, Sr. Potter. Eu não sou auror, e não tenho nenhuma autoridade real ou jurisdição policial nem sequer no meu próprio país. Apenas sou um velho professor. Os velhos professores, porém, são subestimados com freqüência, como sem dúvida sabe. Os velhos professores vêem bastante.
- Tem a sua própria versão do Elemento Progressivo na Alma Aleron?
- Oh, mais do que isso, infelizmente. Para a maior parte dos estudantes e até dos professores, os fatos de Voldemort e dos seus Comensais da Morte estão abertos a conjecturas. É incrível o pouco tempo que deve passar antes que certo tipo de mentalidade sinta que é seguro dar uma volta à história.
- O Elemento Progressivo sabe que tem que ser muito cuidadoso por aqui - disse Harry em voz baixa. - Ainda estão vivas demasiadas pessoas que recordam, em primeira mão, de Voldemort e as suas atrocidades. Pessoas suficientes ainda lembram de familiares e amigos perdidos, mortos nas mãos dos Comensais da Morte. Ainda assim, o atraente de desafiar o estado atual, seja lá o que isso possa ser, é forte na juventude. É natural, mas tipicamente de vida curta. A História o

dirá, tal como dizem.
- A história é lixo - disse Franklyn enojado. - Eu devia sabê-lo. Vivi durante uma boa parte dela, e posso dizer, certamente, que algumas vezes, de fato, há muitos intervalos entre o recolhido e o que realmente ocorreu.
- Espero que isso seja a exceção e não a regra - declarou Harry.
Franklyn suspirou e dobrou um canto do rosto.
- Eu suponho. A questão é, contudo, que as exceções fornecem aos agitadores como o Elemento Progressivo a munição de que necessitam para desafiar qualquer informação histórica que desejem. A história de Voldemort e da sua ascensão ao poder, como sabemos, não encaixa nos planos deles. Por isso, cuidadosamente a atacam, plantando a semente da dúvida entre mentes tão pouco profundas como para acreditar em tais distorções.
- Soa - disse Harry, mantendo a voz baixa e cortês - como se tivesse uma idéia bastante clara de qual são os planos deles.
- Com certeza sim, e o senhor também, Sr. Potter. Os planos não mudaram em mil anos, não é?
- Não, não mudaram.
- Harry Potter, - Franklyn deteve-se na obscuridade do corredor, olhando Harry no rosto - inclusive agora, uma considerável minoria no meu país acredita que Lorde Tom Riddle, como eles preferem chamá-lo, foi injustamente demonizado por aqueles que o derrotaram. Eles preferem acreditar que Voldemort era um herói revolucionário, um pensador livre, cujas crenças eram simplesmente demasiadas para que a tradicional classe governante as tolerasse. Acham que foi destruído porque ameaçava melhorar as coisas, não piorá-las, mas que os ricos e poderosos resistem inclusive a uma mudança para o bem.
James, de pé a vários passos de distância, oculto debaixo da capa, conseguiu ver a mandíbula do seu pai

ficar tensa enquanto Franklyn falava. Mas quando Harry respondeu, a sua voz permaneceu tranqüila e cortês.
- Sabe que isso são mentiras e distorções, presumo.
- Claro - disse Franklyn, ondulando uma mão desdenhosamente, quase furiosamente. - Mas a questão é que são mentiras *atrativas* para certo tipo de pessoas. Aqueles que predicam estas distorções sabem como apelar às emoções da população.
Eles acreditam que a verdade é um arame a dobrar à sua vontade. Os seus planos é que nos preocupam.
Harry permaneceu rígido e imóvel.
- E os planos, você acredita, é a dominação do mundo trouxa?
Franklyn gargalhou de forma bastante desagradável e James pensou no nojento riso do professor durante o jantar, quando discutia os poderes da Madame Delacroix.
- Não contarão isso. Não, nestes dias eles são astutos. Reclamam ser exatamente o oposto. O seu grito de união é a igualdade absoluta entre os mundos trouxa e mágico. Total divulgação, a abolição de todas as leis de sigilo e da não competição. Pregam que qualquer outra coisa é injusta para os trouxas, um insulto a eles.
Harry assentiu sombriamente.
- Tal como vemos aqui. Com certeza, é uma faca de dois gumes. Prejuízo e igualdade numa só mensagem.
- Certamente - concordou Franklyn, reassumindo o seu passeio pelo corredor. - Na América, estamos vendo o ressurgir de histórias sobre bruxos capturados por cientistas trouxas, torturados para descobrir o segredo da sua magia.
- Um retrocesso aos antigos julgamentos de Salém? - perguntou Harry.
Franklyn riu, e desta vez não havia qualquer malícia nele.
- Dificilmente. Aqueles eram os bons velhos tempos.

Claro, as bruxas foram submetidas a julgamentos e montes delas arderam, mas como sabe, nenhuma bruxa que se preze se deixaria ferir por uma fogueira trouxa. Ela ficava entre as chamas e gritava durante um bom tempo, apenas para dar aos trouxas um bom espetáculo, e depois se transportava da fogueira até a sua própria lareira. Essa foi a origem da Rede Flu, evidentemente. Não, atualmente as histórias de bruxas e feiticeiros capturados e sistematicamente torturados são pura mentira. Contudo, isso não tem importância para os fiéis. A cultura do medo e do prejuízo funciona mão a mão com a sua missão de "igualdade". A transparência total, reclamam, irá trazer a paz e a liberdade. Continuar com o programa de sigilo, por outro lado, só pode trazer mais ataques sobre a sociedade mágica pela parte do crescente e invasivo mundo trouxa.
Harry deteve-se ao pé de uma janela.
- E uma vez que consigam o seu objetivo de total transparência com o mundo trouxa...?
- Bom, apenas há um único resultado para isso, não é? - respondeu Franklyn.
O rosto de Harry estava pensativo à luz do luar.
- Trouxas e bruxos iriam descender em competições e ciúmes, como ocorreu há eternidades. Os bruxos das trevas iriam se assegurar disso. Começaria como pequenos desafios e acessos de raiva. Leis seriam aprovadas, obrigando a um tratamento igualitário, mas essas leis se transformariam na base para novas discussões. Os bruxos exigiriam ser colocados em estruturas de poder trouxa, tudo em nome da "igualdade". Uma vez aí, fariam pressão para conseguir um maior controle, mais poder. Iriam vencer os líderes trouxas, utilizando promessas e mentiras onde pudessem, ameaçando e pondo a maldição Imperius onde não pudessem. Finalmente, a ordem decairia. Inevitavelmente, haveria uma guerra total. - A voz de Harry ficara suave, considerando. Virou-se para

Franklyn, que estava observando-o com o rosto tranqüilo, porém temeroso. - E isso é o que querem, não é? Guerra com o mundo trouxa.
- Isso é o que sempre quiseram - concordou Franklyn. - A luta nunca se detém.
Apenas tem diferentes capítulos.
- Quem está envolvido? - perguntou Harry simplesmente.
Franklyn suspirou novamente, de forma profunda, e esfregou os olhos.
- Não é tão simples. É praticamente impossível dizer quem são os instigadores e quem são os seguidores. Porém, há alguns indivíduos aos quais seria instrutivo observar de perto.
- Madame Delacroix.
Franklyn ergueu os olhos, estudando o rosto de Harry. Ele assentiu.
- E o Prof. Jackson.
James ofegou e depois apertou a mão sobre a boca. O seu pai e o professor Franklyn estavam de pé muito quietos. James tinha a certeza de que o tinham ouvido. Então, Harry falou de novo.
- Mais alguém?
Franklyn abanou a cabeça lentamente.
- Claro. Mas então teria de vigiar todos e tudo. É como uma infestação de baratas nas paredes. Pode vigiar as fendas ou queimar a casa. Escolha o que quiser.
James retrocedeu com muito cuidado, então, quando teve a certeza de que estava fora do alcance da audição, virou-se e regressou os seus passos aos aposentos dos americanos. O seu coração palpitava tão pesadamente que tivera a certeza de que o pai ou o Prof. Franklyn iriam ouvi-lo.
Sabia que o assim chamado Elemento Progressivo não era bom, mas agora ainda sabia que deviam ser eles os que estavam planejando o retorno de Merlino Ambrósio, acreditando que ele iria ajudá-los a conseguir o seu falso objetivo de igualdade, que conduziria

inevitavelmente à guerra. Merlim tinha dito que regressaria quando o equilíbrio entre trouxas e bruxos estivesse *“maduro para as suas mãos”*. O que mais poderia significar isso? Não ficara surpreendido de que Madame Delacroix pudesse estar envolvida em tal conspiração. Mas o professor Jackson? James tinha chegado a simpatizar com o professor, apesar do seu severo exterior. Era difícil imaginar que Jackson pudesse estar planejando em segredo a dominação do mundo trouxa. Franklyn tinha que estar enganado.

James correu passando ligeiramente pelos aposentos dos americanos, à procura da porta do quarto de hóspedes no qual ele e o seu pai estavam hospedados. Com uma súbita facada de medo, lembrou-se de que a porta desaparecera quando ele saíra. Era uma sala mágica, no fim de contas. Como poderia voltar? Tinha que estar dentro da sala, aparentemente adormecido, quando o seu pai retornasse. Parou no corredor, sem estar sequer seguro de qual fora a parede onde aparecera a porta. Olhou em volta sem esperança, incapaz de evitar procurar alguma pista sutil ou indício de onde poderia estar escondida a porta. O que dissera o pai? A Sala Precisa? Desta vez, lembrara-se da sua varinha. Retirou-a e agitou a mão, tirando-a de debaixo da capa, revelando-a.

- Uh - ele começou, sussurrando asperamente e assinalando à parede com a varinha. - Sala Precisa... abra?

Não aconteceu nada, obviamente. E então James ouviu um ruído. Os seus sentidos tinham-se tornado quase dolorosamente agudos enquanto o seu corpo ficava cheio de adrenalina. Ele escutou, os olhos arregalados. Vozes. Franklyn e o seu pai já estavam voltando. Deviam ter começado a viagem de regresso quase no mesmo momento exato que James, mas um pouco mais lento. Ouviu-os a conversar em vozes baixas, provavelmente enquanto estavam de pé junto à porta dos aposentos de

Franklyn. O seu pai regressaria a qualquer momento.
James pensou furiosamente. O que é que tinha feito o seu pai para abrir a porta? Apenas tinha estado ali de pé, não, um momento, à espera, e então *bang*, ali estava a porta? Não, lembrou-se James, antes tinha falado. E tinha passeado um pouco. James evocou a noite na sua memória, tentando recordar o que dissera o seu pai, mas estava demasiado nervoso.
Uma luz floresceu no final do corredor. Aproximavam-se passos. James olhou corredor abaixo freneticamente. O seu pai estava se aproximando, com a varinha iluminada, mas baixa, com a cabeça abaixada. James lembrou-se de que tinha a sua própria varinha empunhada, o braço fora da capa. Enfiou-o dentro tão rápida e silenciosamente quanto pôde, arrumando a capa de modo que o cobrisse completamente. Era inútil. O seu pai entraria no quarto e perceberia que James não estava. Talvez pudesse segui-lo e reclamar que tinha ido ao seu quarto buscar um livro do qual precisava? Quase que gemeu em voz alta.
Harry Potter se deteve no corredor. Ergueu a varinha e olhou para a parede.
- Preciso entrar no quarto onde meu filho dorme - disse.
Nada aconteceu. Harry não pareceu ficar surpreendido.
- Hmm... - disse, aparentemente para si mesmo - Pergunto-me porque é que a porta não abre. Suponho - olhou em volta erguendo as sobrancelhas e sorrindo ligeiramente. - que é porque o meu filho não está dormindo na Sala Precisa, mas que está aqui de pé no corredor comigo, por baixo da minha Capa da Invisibilidade, tentando-se tão dificilmente lembrar com que diabos é que se abre a porta. Não é verdade, James?
James deixou escapar um suspiro e tirou a Capa da Invisibilidade.
- Você sabia durante o tempo todo, não é?
- Percebi quando ouvi seu suspiro lá embaixo. Não tive

certeza até o truque com a porta. Vamos, entremos - riu Harry Potter cansadamente. Passeou três vezes, enunciou as palavras que abriram a Sala Precisa e entraram.
Quando ambos estavam nas suas respectivas camas, James no beliche de cima, vendo o escuro teto, Harry falou:
- Não tem de seguir os meus passos, James. Espero que saiba disso.
A mandíbula de James ficou tensa, não estava preparado para responder a isso. Escutou e esperou.
- Estava lá em baixo esta noite, por isso ouviu o Prof. Franklyn - disse Harry finalmente. - Há uma parte do que ele disse da qual que quero que se lembre. Há sempre conspirações e revoluções em andamento. A batalha é sempre a mesma, só que com diferentes capítulos. A sua missão não é salvar o mundo, filho. E mesmo quando o faz, ele volta a pôr-se em perigo uma e outra vez. É a natureza das coisas.
Harry fez uma pausa e James o ouviu rir calmamente.
- Sei o que você está sentindo. Lembro-me do grande peso da responsabilidade e da intoxicante emoção de achar que eu era o escolhido que iria deter o mal, que iria vencer a guerra, a batalha pelo derradeiro bem. Era a luta de todos. Todos fizeram sacrifícios. E houve aqueles que sacrificaram muito mais do que eu. Não é dever de um só homem salvar o mundo. E sem dúvida, não é o dever de um rapaz que não consegue ainda sequer imaginar como abrir a Sala Precisa.
James ouviu movimento no beliche de baixo. O seu pai pôs-se de pé, a sua cabeça ergueu-se para ver James no beliche superior. Na escuridão, James não pôde adivinhar a sua expressão, mas a conhecia. O pai irradiava um sorriso ladeado e sábio. O seu pai sabia tudo. O seu pai era o Harry Potter.
- O que está pensando, filho?
James respirou profundamente. Queria contar ao pai

tudo o que vira e ouvira. Tinha-o na ponta da língua, tudo acerca do intruso trouxa e do fantasma de Cedrico Diggory, e do segredo de Austramaddux, do plano do regresso de Merlim e o seu uso para iniciar uma guerra definitiva contra os trouxas. Mas no fim, decidiu que não. Sorriu para seu pai.

- Eu sei, pai. Não se preocupe comigo. Se decidir salvar o mundo sozinho, envio um recado a você e à mamãe, pode ser?

Harry sorriu abertamente e agitou a cabeça, sem acreditar realmente, mas sabendo que não servia de nada pressionar mais. Voltou a ocupar o beliche de baixo.

Cinco minutos depois, James falou na obscuridade.

- Eh, pai, há alguma possibilidade de me deixar ficar com Capa da Invisibilidade este ano da escola?

- Absolutamente nenhuma, meu filho. Absolutamente nenhuma - disse Harry deixando-se dormir. James ouviu-o a dar a volta. Uns minutos depois, ambos estavam adormecidos.

Quando James e Harry Potter entraram no Salão Principal na manhã seguinte, James sentiu a mudança de humor no salão. Estava habituado à reação da comunidade mágica onde quer que fosse que saísse com o seu pai, mas esta foi diferente. Em vez de virar-se para eles, James teve a sensação de que as pessoas olhavam intencionalmente em outra direção. As conversas cessaram. Havia uma estranha sensação de pessoas vendo-os de lado, ou a virar-se para vê-los quando passavam por eles. James sentiu uma onda de raiva. Quem essas pessoas pensavam que eram? Grande

parte deles tratava-se de ótimos bruxos, de pais trabalhadores que sempre tinham apoiado Harry Potter, primeiramente conhecido como “o menino que sobreviveu”, e então como o jovem que ajudara Voldemort a decair, e finalmente como o homem que era Chefe dos Aurores. Agora, só porque alguns agitadores tinham pintado umas faixas e espalhado uns estúpidos rumores, tinham medo de olhá-lo diretamente.

Enquanto pensava nisso, porém, viu que estava enganado. Quando Harry e James se sentaram ao fim da mesa dos grifinórios (James tinha implorado ao seu pai que não o obrigasse a se sentar à mesa dos professores sobre o estrado), houve uns quantos sorrisos e cumprimentos de coração. Ted viu Harry, gritou de alegria, e correu ao longo da mesa, dando a Harry um complicado apertão de mãos que envolvia um monte de choques de punhos, mãos agitadas e finalmente, uma saudação que era em parte um abraço e em parte uma sacudidela.

Harry despencou sobre o banco, rindo.

- Teddy, um dia desses vai derrubar a si mesmo.

- Este é meu padrinho, pessoal - disse Ted, como se estivesse a apresentar Harry a toda o salão. - Ainda não conhece Noé, Harry? É um Maligno, tal como a Petra e eu.

Harry apertou a mão de Noé.

- Acho que nos conhecemos no ano passado no Campeonato de Quadribol, não é?

- Claro - disse Noé. - Foi o jogo onde Teddy marcou o ponto vencedor para o time adversário. Como poderia esquecer?

- Tecnicamente, foi uma assistência - disse Ted meticulosamente. - O que acontece é que bati na goles do time deles através da baliza por acidente. Estava apontando para o banco da imprensa.

- Lamento interromper, mas se importam se eu e o James tomarmos um pouco o café-da-manhã? - Harry acenou

em direção à mesa.
- Claro - respondeu Ted generosamente. - E se algum desses infelizes der algum problema, conte-me. Esta tarde há quadribol e guardamos rancores. - Percorreu o salão sombriamente com o olhar, depois sorriu e foi-se embora.
- Diria para não se preocupar, mas isso acabaria lhe tirando a diversão, não é verdade? - disse Harry, observando Ted partir. James sorriu. Ambos começaram a encher os seus pratos das fumegantes travessas ao longo da mesa.
Quando começaram a comer, James alegrou-se em ver Ralf e Zane entrarem. Ele os cumprimentou entusiasmadamente.
- Eh, pai, estes são os meus amigos, Zane e Ralf - disse James quando se sentaram no banco, um em cada lado. - Zane é o louro, Ralf é a parede de tijolos.
- Encantado em conhecê-los, Zane, Ralf - disse Harry. - O James falou-me muito bem de vocês.
- Li sobre o senhor - disse Ralf, olhando fixamente a Harry. - Realmente fez aquelas coisas todas?
Harry riu.
- Diretamente à questão, hã? - disse, erguendo uma sobrancelha sobre James. - A maior parte sim, provavelmente seja verdade. Contudo, se tivesse estado ali, teria achado menos heróico nesse momento. Na maioria das vezes, os meus amigos e eu apenas tentávamos evitar que nos enfeitiçassem, devorassem ou amaldiçoassem.
Zane parecia incomumente calado.
- Ei, o que houve? - disse James, acotovelando-o. - É um pouco novo em você ter complexo de ídolo com o grande Harry Potter.
Zane fez uma careta e tirou uma cópia do *Profeta Diário* da sua mochila.
- Isto cheira mesmo mal – disse, suspirando e deixando o jornal aberto em cima da mesa. - Mas vocês iam vê-lo

mais cedo ou mais tarde.
James inclinou-se e o viu. *"DEMONSTRAÇÃO ANTI-AUROR EM HOGWARTS OFUSCA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL"*, lia-se no cabeçalho principal. Abaixo, em letra menor: *"A visita de Potter provoca um amplo protesto escolar para que a comunidade mágica reavalie as políticas dos aurores".* James sentiu as bochechas ficarem vermelhas de fúria. Antes que pudesse responder, no entanto, o seu pai colocou uma mão em seu ombro.
- Hmmm - disse Harry suavemente. - Isto soa a Rita Skeeter por todos os lados.
Zane franziu o cenho para Harry, depois voltou a olhar para o jornal.
- Consegue dizer quem escreveu isso só pelo cabeçalho?
- Não - riu Harry, afastando o jornal e lançando-se em direção a um pedaço de torrada francesa. - O seu nome está ao pé do cabeçalho. Ainda assim, sim, é a sua típica linha de tolices. Dificilmente importa. O mundo terá esquecido isto na próxima semana.
James estava lendo o primeiro parágrafo, com o cenho franzido furiosamente.
- Diz que a maior parte da escola estava lá, protestando e gritando. É um completo lixo! Eu vi, e se havia mais de cem pessoas ali, beijarei um *explosivim*! Além disso, quase todos estavam lá apenas para saber o que estava acontecendo! Havia apenas quinze ou vinte pessoas com os cartazes e os lemas!
Harry suspirou.
- É só uma história, James. Não é para ser precisa, é para vender jornais.
- Mas como pode deixar que digam essas coisas? É perigoso! O Prof. Franklyn...
O olhar que Harry lhe dirigiu o impediu de falar mais. Após um segundo, a expressão de Harry se suavizou.
- Sei o que preocupa você James, e não o culpo. Mas há formas de lidar com estas coisas, e uma delas é *não*

discutir com pessoas como Rita Skeeter.
- Parece a McGonagall falando - disse James, baixando os olhos e atacando um pedaço de salsicha.
- Eu deveria - respondeu Harry rapidamente - Ela me ensinou. E acho que é diretora McGonagall para você.
James se dedicou ao seu prato com mau-humor durante um bom tempo. Então, não querendo olhar mais para ele, dobrou o jornal rudemente e o tirou de vista.
- Então hoje à tarde, primeiro jogo de quadribol da temporada, eh? - perguntou Harry, ondeando o seu garfo em direção aos três jovens em geral.
- Corvinal contra Grifinória! - anunciou Zane - O meu primeiro jogo! Mal posso esperar.
James ergueu os olhos e viu o seu pai sorrir para Zane.
- Então está no time da Corvinal! Isso é ótimo. Se conseguir acabar suficientemente cedo, planejo assistir ao jogo. Estou ansioso para vê-lo voar. Em que posição joga?
- Batedor - disse Zane, fingindo bater num balaço com o seu garfo.
- Ele é bastante bom, Sr. Potter - disse Ralf ansiosamente. - Eu o vi voando na sua primeira vez. Quase fez uma cratera no meio do campo, mas retrocedeu no último segundo.
- Isso requer um sério controle - reconheceu Harry, estudando Zane. - Teve aulas de vassoura?
- Nenhuma! - gritou Ralf, como se fosse o agente de relações públicas de Zane. - O que é bastante incrível, não é?
James olhou para Ralf, com o rosto sombrio, tentando captar o seu olhar e adverti-lo sobre o tema, mas já era demasiado tarde.
- Provavelmente não teria imaginado como fazê-lo - disse Ralf. - se não tivesse ido atrás de James quando ele executou seu ataque-foguetão-fora-de-controle. - Ralf contorceu-se no banco, simulando com gestos o vôo inaugural de James na vassoura.

- Mas o senhor irá apoiar a Grifinória, claro! - interrompeu Zane de repente, colocando a palma da mão na frente de Ralf e empurrando-o para trás.
Harry olhou em volta da mesa, mastigando um pedaço de torrada, com um olhar interrogativo no rosto.
- Er, bom, sim. Com certeza - admitiu ele, ainda olhando de um garoto a outro.
- Sim, bom, pode ser. Compreendo completamente - disse Zane rapidamente, abanando as sobrancelhas na direção de Ralf que estava sentado e parecia um pouco desconcertado. - Ser leal à sua Casa e tudo o mais. Opa. Olha a hora. Vamos, Ralfidilo.
Hora de ir para a aula.
- Tenho a primeira hora livre - protestou Ralf - E ainda não tomei o café-damanhã.
- Vamos, imbecil! - insistiu Zane, dando a volta à mesa e agarrando o cotovelo de Ralf. Zane dificilmente teria conseguido mexer Ralf, mas Ralf se permitiu ser arrastado.
- O que é? - disse Ralf ruidosamente, franzindo o cenho perante o olhar significativo que Zane lhe lançava. - O que foi que eu fiz? Disse alguma coisa que não devia…? - Ele se deteve. As suas sobrancelhas se ergueram e se virou para James, com um aspecto mortificado. - Oh. Ah. - disse enquanto Zane o empurrava para a porta.
Quando dobraram o canto, James ouviu Ralf dizer. - Sou um completo idiota, não é?
James suspirou.
- Então, sim, sou horrível no quadribol. Lamento por isso.
Harry estudou o seu filho.
- Bastante mal, é?
James assentiu com a cabeça.
- Eu sei - disse. - Não é para tanto. É apenas quadribol. Sempre há o próximo ano. Não tenho que fazê-lo só porque você fez. Eu sei, eu sei. Não precisa dizer.
Harry continuou a olhar para James, a mandíbula se

movia ligeiramente, como se estivesse pensando. Finalmente, encostou-se e pegou seu suco de abóbora.
- Bem, é uma carga a menos nas minhas costas, então. Parece como se já tivesse feito o meu trabalho.
James ergueu os olhos para o pai. Harry devolveu enquanto bebia um gole longo e lento do seu copo. Parecia estar sorrindo e ocultando o sorriso atrás do copo. James tentou não rir. *É sério*, disse a si mesmo. *Não é divertido. É quadribol.* Perante esse pensamento, a sua compostura se quebrou ligeiramente. Sorriu e depois tentou cobrir o sorriso com uma mão, o que apenas fez piorar a situação.
Harry baixou o seu copo e sorrindo. Agitou lentamente a cabeça.
- Realmente tem andado preocupado por isso, não é, James?
O sorriso de James hesitou novamente. Ele engoliu em seco.
- Sim, pai. Claro. Quer dizer, é quadribol. É o seu esporte e o do vovô também. Sou James Potter. Eu devia ser excelente em cima de uma vassoura. Não um perigo para mim mesmo e para todos os que estão à minha volta.
Harry inclinou-se para frente, baixando o copo e olhando para James nos olhos.
- E ainda poderia ser excelente na vassoura, James. Pelas barbas de Merlim, filho, é sua primeira semana e nem sequer teve ainda a sua primeira aula de vassoura, não é? Nos meus tempos, nem sequer teria sido permitido praticar com a vassoura sem aulas, e muito menos tentar entrar nos times das Casas.
- Mesmo assim, - interrompeu James. - você teria sido excelente.
- A questão não é essa, filho. Está tão preocupado em igualar o mito que supostamente fui que nem sequer está dando a si próprio uma oportunidade para ser até melhor. Derrota a si próprio mesmo antes de sequer

começar. Não percebe? Ninguém pode competir com uma lenda. Até *eu* mesmo gostaria de ser a metade do feiticeiro que as histórias fizeram de mim. Cada dia me vejo no espelho e digo a mim mesmo que não tenho que tentar tão forçosamente ser o famoso Harry Potter, que apenas tenho que relaxar e me permitir ser o seu pai, o marido da sua mãe, e o melhor auror que eu possa ser, o que por vezes não parece ser tão bom, na verdade. Tem de que deixar de pensar em si próprio como sendo o filho do Harry Potter... - Harry fez uma pausa, vendo que James realmente o ouvia, talvez pela primeira vez. Sorriu um pouco novamente. -... e me dar oportunidade de pensar em mim mesmo como sendo simplesmente o pai do James Potter, em vez disso. Porque de todas as coisas que fiz na minha vida, você, Alvo e Lílian são as três coisas das quais mais tenho orgulho. Entendeu?

James sorriu novamente, um sorriso ladeado. Ele não sabia, mas era o mesmo sorriso que com tanta freqüência via no rosto do pai.

- Totalmente, pai. Tentarei. Mas é difícil.

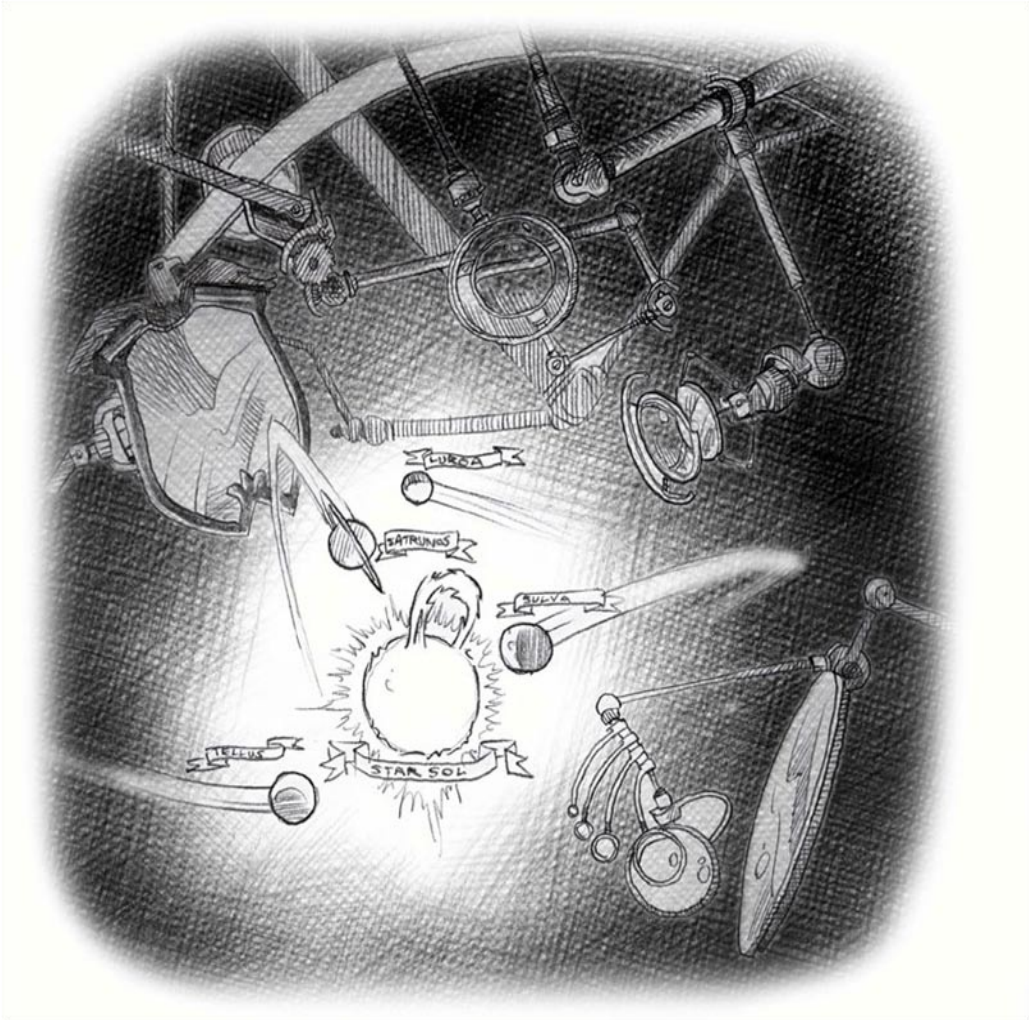
Harry assentiu mostrando a sua compreensão e encostou-se. Depois de um momento disse:

- Você sempre fui tão previsível?

Agora foi a vez de James sorrir sabiamente.

- Claro, pai. Mamãe e você, ambos. “Você não vai sair vestido assim, vai?” - Harry riu ruidosamente perante a imitação de Gina. James continuou. - “Lá fora está frio, ponha um suéter! Não diga essa palavra na frente da sua avó! Pára de brincar com os gnomos do jardim ou os seus polegares ficarão verdes!”.

Harry ainda estava rindo e limpando os olhos quando se despediu, prometendo que iriam se encontrar aquela tarde no jogo de quadribol.


LUNA
SATURNUS
JUPITER
TELLUS
STAR SOL

# - CAPÍTULO 7 -

# Lealdade Quebrada

A primeira aula de James, ironicamente, foi Fundamentos em Vassoura. O professor era um homem enorme e gorducho chamado Cabriel Ridcully. Ele usava uma capa de esporte castanho amarelada sobre sua túnica oficial de quadribol, que expunha os seus antebraços enormes e bizarros.

- Bom dia, primeiranistas! - ele berrou, e James adivinhou que Cabe Ridcully era um daqueles grandes madrugadores. - Bem-vindos a aula de Fundamentos em Vassoura. Muitos de vocês já me conhecem, tendo-me visto no quadribol, torneios, enfim. Nós iremos investir este ano na familiarização em fundamentos de vôo. Acredito em um estudo muito prático, então estaremos pulando diretamente dentro da essência do manuseio e controle da vassoura. Todos examinem suas vassouras, por favor.

James andava temendo voltar a subir uma vassoura, mas como a classe prosseguiu, conscientizou-se que,

com a orientação própria, era hábil para adquirir manejo de sua vassoura, levitar e suportá-la, e ter o controle de sua altitude e velocidade em várias pequenas formações. Compreendeu que tinha variações sutis às que respondia a vassoura, baseadas na velocidade e inclinação. Se a vassoura simplesmente pairava, inclinar para frente o cabo da vassoura indicava seguir adiante, enquanto o puxão indicava seguir para trás. Uma vez que a vassoura moviase, contudo, aqueles mesmos controles começavam a controlar também a altura. Mais rápido a vassoura se movia, e a postura de James controlou a altitude em vez da velocidade. Achar a diferença perfeita entre um controle de velocidade e um controle de altitude dependeria inteiramente da velocidade do cabo da vassoura em qualquer situação. James sentiu pânico, pois o mais leve erro causaria inclusive a perda do menor grau do controle que já tinha aprendido, e começou a entender por que tinha sido tão terrível durante os testes de quadribol.

Por mais que lhe comprazesse sua própria tentativa de controle sobre a vassoura, ainda sentia uma pontada de inveja quando via Zane manejar sua vassoura em elaborados círculos verticais e inclinações sem esforço.

- Evitemos fazer alarde, Sr. Walker - gritou Ridcully com repreensão, e James não pôde evitar sentir uma onda de mesquinha satisfação - Guarde-o para o jogo desta tarde, certo?

O corpo inteiro de Ralf estava tenso enquanto lutava para permanecer sobre sua vassoura. Conseguira flutuar a mais ou menos um metro do solo e parecia estar emperrado ali.

- Como consigo fazer isso voar assim? - perguntou, observando Zane.

James sacudiu sua cabeça.

- Eu apenas me preocuparia em estar sentado

corretamente se fosse você, Ralf.
As aulas do resto da manhã foram muito menos interessantes, com Feitiços e Runas Antigas. Durante o almoço, James narrou a Ralf e Zane os acontecimentos da noite anterior. Falou sobre o Aparelho de Acumulação de Luz Solar de Franklyn, e a conversa no jantar sobre os poderes da rainha do vodu, Madame Delacroix. Finalmente, explicou a conversa que tinha ouvido entre seu pai e o professor Franklyn, e como esta se encaixava na história de Austramaddux sobre o desejado regresso de Merlim.
- Então - disse Zane, entrecerrando os olhos e olhando pensativamente para a parede que estava atrás da cabeça de James. - Entendo que seu pai tem uma capa... que faz que qualquer que a leve seja invisível.
James gemeu, exasperado.
- Sim! Ainda que essa não seja, precisamente, a questão.
- Fale por você. Quero dizer, esqueça dos raios-X. Pensem no que um cara faria com uma Capa da Invisibilidade. É resistente ao vapor, certo?
James revirou os olhos.
- Não acho que o bruxo que passasse sua vida criando o mais perfeito artefato de invisibilidade do mundo o fizesse para espiar o banheiro das garotas.
- Mas você não sabe, não é? - disse Zane, impávido.
Ralf mastigava lentamente, pensando.
- Então Franklyn disse a seu pai que havia bruxos nos Estados Unidos que apóiam algo parecido com o Elemento Progressivo? Igualdade trouxa e bruxa e coisa do tipo?
James assentiu.
- Sim, mas isso é apenas uma farsa, não? Quero dizer, desde quando os sonserinos desejam algo bom para o mundo trouxa? Todas as velhas casas de sanguepuro da Sonserina sempre quiseram sair em público, mas apenas para tomar o mundo trouxa e controlá-lo. Acham que os trouxas são uma espécie inferior, não igual.

Ralf parecia estranhamente preocupado.
- Bem, talvez. Eu não sei. No entanto a maioria das pessoas no pátio no outro dia não eram sequer sonserinos. Você olhou?
Na realidade James não o tinha feito.
- Isso não importa, realmente. Foram os sonserinos que começaram todo o assunto, com os lemas do Elemento Progressivo e as insígnias e tudo mais. Você mesmo disse, Ralf. Tábita Corsica estava oferecendo as insígnias a todos os sonserinos. Ela está por trás de tudo.
- Não acho que ela esteja por trás de tudo, como você pensa, - disse Ralf - com toda essa coisa de *trazer-Merlim-de-volta-da-morte*. Ela só acha que deveríamos ser justos com todo mundo, trouxas e bruxos, por igual. Não está tentado começar uma guerra ou alguma estupidez semelhante. Quero dizer, realmente não parece justo que não possamos trabalhar no mundo trouxa, certo? Ou competir em jogos e esportes trouxas? Só porque temos a magia de nosso lado isso não nos torna excluídos.
- Você soa como um deles. - disse James furiosamente
- E daí? - disse Ralf repentinamente, seu rosto ficando vermelho. - Sou um deles, se não percebeu. E não gosto da forma como está falando de minha Casa. As coisas são muito diferentes agora do que eram quando seu pai esteve aqui. Se tanto se preocupa com a verdade e a história, deveria estar totalmente a favor de debater a questão. Talvez Tábita tenha razão sobre você.
James recostou-se, com sua boca escancarada.
Ralf baixou os olhos.
- Ela quer que eu esteja no primeiro debate escolar com a equipe A. Suponho que conhece o tema. Eles chamam de 'Reavaliação das Presunções sobre o Passado, Verdade ou Conspiração?'
- E você vai estar na equipe com eles, então? Você vai defender que meu pai e seus comparsas inventaram toda a história de Voldemort apenas para assustar as pessoas

e manter o mundo mágico em segredo?
Ralf parecia infeliz.
- Ninguém acha que seu pai inventou, mas... - não parecia saber como terminar a frase.
- Bem! - gritou James, erguendo os braços - Ótimo argumento, então! Estou sem palavras! Tábita certamente tem um bom parceiro em você, não é?
- Talvez seu pai não estivesse no lado correto, afinal! - disse Ralf acalorado. - Nunca lhe ocorreu pensar? Quero dizer, claro, pessoas morreram. Foi uma guerra. Mas porque quando seu lado matava pessoas era o triunfo do bem, e quando o outro lado o fazia era uma atrocidade maligna? Os vitoriosos escrevem os livros de história, você já sabe. Talvez a verdade de todo o assunto fosse distorcida. Como você sabe? Você nem sequer tinha nascido ainda.
James atirou seu garfo sobre a mesa.
- Conheço meu pai! - gritou. - Ele não matou ninguém! Estava do lado certo porque meu pai é um homem bom! Voldemort era um monstro sanguinário que só ansiava poder e estava disposto a matar a qualquer que um que se colocasse em seu caminho, inclusive seus amigos! Pode ser que você queira lembrar, já que você parece estar escolhendo o lado de pessoas como ele!
Ralf olhou fixamente para James e engoliu em seco. James sabia, em alguma pequena e distante parte de sua mente, o que estava acontecendo. Ralf era um nascido trouxa, tudo aquilo que ele sabia de Voldemort e Harry Potter tinha lido nas duas últimas semanas. Além disso, Ralf estava sendo alimentado por seus colegas de casa, com quem estava desesperado para se enturmar. Ainda assim, estava furioso até o ponto de querer golpeá-lo, principalmente porque não se atrevia a golpear a nenhum dos sonserinos que eram diretamente responsáveis pelas maliciosas e egoístas mentiras sobre seu pai.
James afastou os olhos primeiro. Ouviu Ralf recolher

seus livros e sua mochila.
- Bom - disse Zane tentativamente. - Verei vocês se quiserem que nos reunamos depois do jogo esta tarde para tomar umas cervejas amanteigadas com os Malignos, mas talvez é melhor deixar a proposta para outra ocasião, não?
Nem Ralf tampouco James falaram. Após um momento, Ralf afastou-se.
- Você foi bastante grosso com ele, sabe - afirmou Zane claramente.
- Eu? - exclamou James.
- Antes de você se defender, - disse Zane, erguendo a mão num gesto conciliador - só deixe-me dizer que tem razão. Claro que é tudo um montão de lixo. Mas ele é o Ralf. Só está tentado se encaixar, você sabe.
- Não - disse James de forma direta. - Não quando 'se encaixar' significa sair contando um montão de mentiras sobre meu pai.
- Ele não sabe que são mentiras - disse Zane razoavelmente. - Só é um garoto que ouve tudo isso pela primeira vez. Quer acreditar em você, mas também quer se ajustar em sua Casa. Infelizmente para ele, todos eles são um bando de lunáticos sedentos de poder.
James sentiu-se ligeiramente animado. Sabia que Zane tinha razão, mas mesmo assim não podia lamentar realmente seu acesso de raiva contra Ralf.
- Então? Você é um cara que ouve tudo isso pela primeira vez também. Por que não está correndo para se unir ao Elemento Progressivo e cantando lemas?
- Porque felizmente para você - disse Zane, passando um braço ao redor do pescoço de James. - Fui selecionado para a Corvinal e todos eles odeiam o velho Voldy tanto quanto vocês grifinórios. Por outro lado, - pareceu ligeiramente desejoso - acontece que considero Petra Morganstern, em todos os sentidos, mais bela que Tábita Corsica.
James afastou a Zane com o cotovelo, suspirando.

Ambos foram à biblioteca para um período de estudo. Cnossos Shert, o professor de Runas Antigas, estava monitorando o período, os óculos grossos e seus longos e magros membros dentro das vestes verdes o faziam parecer uma louva-deus sentado detrás da escrivaninha principal da biblioteca.
Zane estava copiando teoremas de Aritmancia, franzindo o cenho enquanto os resolvia. James, não querendo pertubá-lo, mas igualmente desinteressado em se embarcar em suas tarefas, sacou a cópia de *O Profeta Diário* de sua mochila, onde o tinha enfiado durante o café da manhã. Olhou o artigo novamente, apertando os lábios com desgosto. Próximo da parte inferior da capa, James estava aborrecido em ver uma foto de Tábita Corsica. Tinha a aparência de sempre: razoável, pensativa e cortês. '*Monitora de Hogwarts Discute sobre os Movimentos Progressistas no Campus*' dizia o título próximo. Ciente de que não era aconselhável ler, James se fixou a esmo num par de linhas no meio do artigo.

> "*Claro que minha Casa não tenciona perturbar a harmonia da escola com estas discussões, mas respeitamos aos membros de outras Casas quando expressam suas preocupações". Explicou a Srta. Corsica, com os olhos cheios de pesar pelos acontecimentos do dia, mas obviamente reconhecendo a validade das motivações de seus colegas estudantes. "Apesar da relutância da diretora deixar clara a lista de debates, estou confiante que seremos permitidos seguir adiante com nosso plano de promover uma discussão sobre as práticas e políticas dos aurores, e as presunções nas que estes se baseiam, no âmbito de um debate aberto e livre".*
> *A Srta. Corsica, uma estudante sonserina quintanista, é também capitã de seu time de*

*quadribol. "Tenho uma vassoura elaborada por artesãos trouxas," explica timidamente, "Eles não tinham nem idéia sobre as propriedades mágicas da madeira, e claro, tive que registrá-la na escola como artefato trouxa. Mas mesmo assim, achei que seria agradável experimentar algo fabricado por nossos amigos trouxas. Além disso, é uma das vassouras mais rápidas do campo", acrescenta, mordendo o lábio modestamente, "mas acho que isso é crédito tanto das mãos que de quem a fez como dos feitiços que se infundiram à madeira".*

James pegou o jornal e o ergueu furiosamente, golpeando-o depois contra a mesa e ganhando um ruidoso pigarro do professor Shert.
Olhou fixamente sem ver a parte de trás do jornal. Como podia alguém crer em estupidez tão obviamente inventada? Tábita Corsica e sua vassoura especial feita por trouxas eram somente o glacê do bolo, e ela sabia. Quando James a tinha visto no pátio, Tábita estava fazendo a entrevista com Rita Skeeter. James recordava a cara ansiosa de Skeeter e sua pena dançando sobre o pergaminho. Mulher estúpida e ingênua, pensou James. Ainda assim, aparentemente ela estava sendo sincera consigo mesma e seus leitores. Haviam contado a James sobre primeiro encontro de seu pai com Skeeter, durante o Torneio Tribruxo. Tia Hermione tinha averiguado o segredo de Rita Skeeter, que era um animago não registrado, e sua forma animal era um besouro. Ao final, Hermione capturara Skeeter em sua forma de escaravelho, evitando, durante um tempo, que continuasse seu assalto à verdade por meio de seus artigos no *Profeta Diário*. Esta manhã, no entanto, Harry tinha dito a James que havia formas de lutar pela verdade que não incluíam discutir com gente como Rita Skeeter. Francamente, James preferia os métodos de tia Hermione aos que seu pai reclamava preferir nesses

dias.
Enquanto ruminava, os olhos de James vagaram distraídos sobre as manchetes e fotos da parte posterior do jornal. Porém, subitamente, uma manchete captou sua atenção. Inclinou-se sobre ela, com a testa franzida.

**Invasão ao Ministério Permanece um Mistério**

LONDRES: *O arrombamento da sede do Ministério da Magia na semana passada deixa aurores e oficiais igualmente desnorteados, enquanto questões ainda pairam sobre os motivos dos ladrões e a possibilidade de cúmplices internos. Como informado por este órgão de notícias na semana passada, três indivíduos de formação duvidosa foram presos na manhã de segunda-feira, 31 de agosto, relacionados a uma invasão e furto de vários departamentos do Ministério da Magia. Os três supostos invasores, dois humanos e um duende foram encontrados durante uma busca pelos arredores horas após o assalto ser descoberto.*
*Dado que os indivíduos estavam sob a Azaração Trava-Língua, deixando-os impossibilitados de responder a qualquer interrogatório, os três foram enviados sob vigilância ao Hospital St. Mungos para Doenças e Acidentes Mágicos. Uma pesquisa nos departamentos saqueados, que incluía o Departamento de Cooperação Internacional em Magia, o Escritório de Conversão Cambial, e o Departamento de Mistérios, no entanto, revelou que aparentemente não havia dinheiro ou objetos desaparecidos. As acusações criminais foram subseqüentemente reduzidas à destruição de propriedade e infração, e a história, curiosamente, tinha sido descartada até a semana passada, quando se soube que nenhuma contra maldição ou*

*azaração tivera qualquer efeito sobre acusados enfeitiçados pela Azaração TravaLíngua.*

*“Essas maldições notavelmente poderosas envolvem um alto grau de magia negra”, disse o Doutor Horácio Flack, chefe do Departamento de Contra Maldições do Hospital St. Mungos. “Se não formos capazes libertar esses homens da maldição até este fim de semana, temo que os feitiços podem se tornar permanentes”.*

*Como resultado disto, um dos acusados, identificado por este repórter como o duende, um tal de Sr. Fikklis Bistle de Sussex, começou a responder aos contra malefícios durante fim de semana. “Está produzindo sons e grunhidos, aproximando-se bastante das autênticas palavras”, relatou uma de suas enfermeiras, que pediu para permanecer no anonimato. Pouco após amanhecer desta manhã, no entanto, o Sr. Bistle foi encontrado morto em seu quarto, aparentemente vítima de uma medicação não receitada. Isto dá amplo campo para especulações, e deu como resultado uma nova investigação sobre a invasão.*

*Corina Greene, encarregada de investigar o caso, disse: “Agora estamos principalmente preocupados em determinar como, exatamente, estes três indivíduos foram capazes de entrar nos escritórios do Ministério. Eles são pessoas desonestas insignificantes, nenhum tinha tentado algo desta magnitude no passado. Não podemos descartar a provável ajuda exterior, nem sequer um cúmplice no Ministério. A morte do Sr. Bistle, no entanto, ainda que suspeita, deu-se como um acidente. Só podemos estar agradecidos”, acrescentou Sra. Greene, “de que os ladrões aparentemente fracassaram em seus esforços, vendo que nada desapareceu”.*

- Vamos - sussurrou Zane, sobressaltando James em meio sua leitura. - Quero sair cedo para praticar um tempo com a vassoura. Você quer vir? Pode ser que um Potter me dê sorte.
James decidiu que seria agradável engolir seu orgulho e acompanhar a Zane. Inclusive pensou que poderia praticar um pouco, também. Dobrou o jornal outra vez e o enfiou na mochila.
- Acha que você pode me mostrar como fazer aquela parada repentina e aquele giro que eu vi na aula de Fundamentos de hoje? - perguntou James a Zane enquanto subiam as escadas para trocarem de roupa.
- Claro, parceiro - concordou Zane confiadamente. - Mas não mostre a Ralf até que possa manter a vassoura abaixo dele enquanto ainda está flutuando.
James sentiu uma pontada desagradável ante a menção do nome de Ralf, mas deixou de lado. Minutos depois, já vestidos com calças *jeans* e camisetas, os dois correram exultantes para a luz do sol da tarde, dirigindo-se ao campo de quadribol.

James passou a tarde no campo com Zane, praticando um pouco com a vassoura, mas principalmente observando os times da Corvinal e Grifinória se aquecerem.
Quando Zane se uniu ao seu time para se alimentar rápido de algo e pôr o uniforme, James acompanhou Ted e os grifinórios de volta à sala comunal até que se trocaram e desceram para o jantar. A atmosfera diante do primeiro jogo da temporada estava sempre carregada de excitação. O Salão Principal estava alvoroçado com chacotas animadas, gritos e os estalidos

inoportunos dos hinos das Casas. Durante a sobremesa, Noé, Ted, Petra e Sabrina, todos vestidos com seus suéteres de quadribol, alinharam-se diante da mesa da Grifinória, com os braços entrelaçados e sorrindo como se estivessem prestes a realizar a apresentação de uma canção. Em uníssono, eles sapatearam no chão de pedra, ganhando a atenção do aposento, então se lançaram a dançar uma dança irlandesa rudemente coreografada, mas muito entusiástica, cantando uma canção que Damian escrevera para eles mais cedo:

*Ohhh, nós grifinórios gostamos de fazer piadas e nos divertir,*
*Mas o campo de quadribol nós vamos invadir,*
*E esperamos que os Corvinais saibam que estão acabados,*
*Quando o time do leão como uma tonelada esmagá-los,*
*Ohhh, o jogo pode ser duro e os corpos se endurecer,*
*E vocês, encontrar seu Apanhador lançado no pântano vão poder,*
*Mas nós os Grifinórios com nossa boa vontade não somos escassos, Assim lhes avisaremos antes de chutá-los nos...*

As últimas palavras ficaram afogadas pela mistura de rugidos e gritos dos Grifinórios e as vaias e silvos dos Corvinais. Os Malignos fizeram uma profunda reverência, sorrindo, obviamente satisfeitos consigo mesmos, e se uniram a seus colegas de time enquanto saíam correndo para o campo de quadribol para os preparativos finais.
O primeiro e o último jogo da temporada de quadribol, como James sabia, sempre tinham muita assistência. No final do ano, ao final do torneio, todos sabiam que independentemente dos times que jogassem, seriam jogos emocionantes. No início do ano, no entanto, as pessoas estavam animadas e esperançosas com as

equipes de suas Casas. A maioria das partidas possuía as arquibancadas cheias de estudantes e professores, enfeitados com as cores de seu time e hasteando bandeiras e estandartes. Quando James entrou no campo, encantou-se em ver e ouvir o entusiasmado da animada multidão. Os alunos uivavam e gritavam uns aos outros enquanto ocupavam seus assentos. Os professores, na maioria das vezes, sentavam-se no alto das seções dedicadas a suas Casas. Quando subiu as escadas da seção grifinória, James viu seu pai sentado próximo à cabine de imprensa, ladeado pelos funcionários do Ministério à direita e a delegação de Alma Aleron à esquerda. Harry avistou James e o cumprimentou, sorrindo amplamente. Quando James lhe alcançou, Harry orquestrou uma complicada redistribuição de assentos, já que somente liberar um assento para James requereu que quase todo o grupo se movesse. James murmurou desculpas, mas, na realidade, não se importou de ver o olhar de desgosto no rosto da Srta. Sacarhina, mascarada por seu onipresente sorriso flexível.

- Como estava dizendo, sim, temos quadribol nos Estados Unidos - disse o Prof. Franklyn a Harry, sua voz viajava por cima do rugido maçante da multidão que se reunia. - mas por alguma razão não é tão popular nos esportes como o aerotênis, o lamabol ou a gladiassoura. Nossa Copa Mundial mostra algumas promessas neste ano, no entanto, ou isso foi o que me disseram. Eu tendo a permanecer ser cético.

James olhou para os americanos, sentindo curiosidade por ver quem estava presente e o que pareciam pensar da torcida até ali. Madame Delacroix estava sentada ao final da fila, seu rosto mostrava-se inexpressivo e tinha as mãos estreitamente entrelaçadas sobre seu colo parecendo uma desagradável massa marrom de nós. O professor Jackson olhou para James e assentiu numa saudação. James viu que sua maleta negra de couro,

com seu inexplicável peso, estava colocada entre seus pés, seguramente fechada desta vez. O professor Franklyn estava vestido com o que parecia ser sua veste de gala, com um alto colarinho branco e uma gravata com rufos na garganta, e seus óculos quadrados que captavam a luz alegremente enquanto olhava para as arquibancadas em volta.
- Onde está Ralf? - perguntou Harry a James. - Pensava que veria ele com você esta tarde.
James deu de ombros sem se comprometer, evitando o olhar de seu pai.
- Ah! Aqui estamos. - Anunciou Franklyn, sentando-se erguido e esticando o pescoço para ver.
A equipe grifinória saiu em alta velocidade pelo largo portão na base de sua arquibancada, suas capas vermelhas ondulando após cada um deles como uma bandeira.
- O Esquadrão Grifinório, liderado por seu capitão Justino Kennely, é o primeiro a sair em campo. - A voz de Damian Damascus ressonou firmemente da cabine de imprensa.
A equipe tomou uma formação vertical em espiral que se estreitava enquanto se erguia, e depois forçavam suas vassouras para uma parada enquanto os jogadores formavam uma enorme letra G bem na frente da seção grifinória das arquibancadas. Depois, a forma dissolveu-se quando os jogadores romperam a formação, esquivando-se ao redor de outros numa vertiginosa rajada de acrobacias aéreas, e formando a letra P. Todos os jogadores, sentados bem erguidos sobre suas vassouras, olharam para Harry e James e cumprimentaram, sorrindo amplamente. A arquibancada grifinória aplaudiu frenética e ruidosamente, e James, vendo as dúzias de rostos sorridentes e berradores, virou-se para ver a reação de Harry. Ele acenou e assentiu bruscamente, levantando-se pela metade para receber a ovação.

- Daria pra pensar que a Rainha estava aqui presente - James ouviu Harry resmungar enquanto voltava a se sentar.
- E agora vêm os Corvinais! - gritou Damian, sua voz ressoou pelo campo. - Liderados pela capitã Gennifer Tellus, revigorada pela vitória do torneio do ano passado.
A equipe da Corvinal explodiu desde arquibancadas do lado oposto como se fossem fogos de artifício, voando em uma direção diferente, cruzando-se uns com outros e passando uma goles com uma velocidade que desafiava o olho humano. Após vários segundos movendo em espiral com selvageria e aparentemente a esmo ao redor das arquibancadas, os corvinalinos confluíram simultaneamente no centro do campo, fazendo uma súbita parada, e girando com suas vassouras para encarar a multidão em todas as direções. Cada jogador ergueu o braço direito, e Gennifer, no centro, sustentou a goles sobre a cabeça. Houve uma gritaria selvagem na arquibancada da Corvinal, e aclamações de apreço e respeito dos demais. Finalmente, Gennifer e Justino voaram até tomar posições no centro do campo, acenando cumprimentos enquanto as equipes colocavam-se em formação atrás de seus capitães. Abaixo eles, de pé na marca do centro do campo com seu roupão oficial, Cabriel Ridcully sustentava a goles sob seu braço, com o pé descansando sobre um baú.
- Quero ver um jogo limpo. - gritou aos jogadores. - Capitães, prontos? Jogadores em formação? Eeeeee..... - ergueu a goles em sua enorme palma, com o braço estendido. - Goles em jogo!
Ridcully lançou a goles para cima e simultaneamente levantou o pé do baú de quadribol. O baú abriu-se repentinamente, libertando os dois balaços e o pomo. As quatro bolas lançaram-se para o alto, misturando-se com os jogadores quando estes entraram em

movimento. As arquibancadas explodiram com vivas e gritos desaforados.
James lembrou de procurar Zane entre os corvinalinos. Seu cabelo loiro não era difícil de distinguir contra o azul marinho de sua capa. Passou por uma aglomeração de jogadores, executando um firme giro surpreendentemente apertado, depois se inclinou precariamente e golpeou um balaço quando este vagava ao redor do grupo. O balaço errou seu alvo, mas apenas porque Noé se agachou e girou no momento exato. A multidão rugiu em uma mistura de deleite e decepção.
O calor da tarde de verão estava extraordinariamente intenso. O sol ameaçador abatia os jogadores e espectadores por igual. No terreno, ambos os times tinham uma zona atribuída para equipe de apoio, cada uma ao final do campo. Cada área continha uma dúzia de enormes baldes cheios de água. Ocasionalmente, um jogador executaria um sinal com a varinha, alertando a equipe de apoio. Um membro da equipe de apoio utilizaria sua varinha para levitar a água para fora de um dos baldes, de maneira que a água flutuasse a dez metros sobre o campo como uma bolha sólida e bamboleante. Então, apenas quando o jogador se colocava em posição, outro membro da equipe de apoio apontaria sua varinha até a bola de água, fazendo-la explodir numa nuvem de gotículas exatamente quando o jogador a atravessava voando. A multidão ria deleitada a cada vez que um jogador emergia do nevoeiro carregado de arco-íris, sacudindo a água do cabelo e unindo-se novamente à briga, felizmente refrescado.
A Grifinória tomava cedo a liderança da partida, mas a Corvinal começou a recuperar terreno de forma estável quando a tarde já avançava. O sol estava se pondo quando a Corvinal alcançou a Grifinória, e a partida impôs o tom febril e excitado que somente os jogos muito competitivos podem sustentar. James observava os apanhadores, tentando captar um vislumbre do

elusivo pomo, mas não conseguia ver sinal da pequena bola dourada. Então, apenas quando afastou o olhar, houve um lampejo de luz sobre algo na arquibancada da Lufa-Lufa. James semicerrou os olhos, e ali estava o pomo entrando e saindo dentre os estandartes. O apanhador da Corvinal já havia visto. James gritou para Noé, o apanhador grifinório, saltando sobre os pés e apontando. Noé girou sobre sua vassoura, procurando loucamente. Ele viu o pomo exatamente quando este descia o ângulo, diretamente para a disputa de jogadores voadores circundantes e batedores descontrolados.

O apanhador da Corvinal disparou quando o pomo passou por ele a toda velocidade. Quase caiu de sua vassoura, girando e lançando-se em um mergulho curvo e estreito e dobrando-se de volta à partida. Ted, um dos batedores grifinórios, apontou um balaço para o apanhador corvinalino, fazendo com que o garoto se agachasse e esquivasse, mas sem desviá-lo de seu curso. Noé aproximava-se do outro lado do campo, agachando-se e ziguezagueando freneticamente através dos outros jogadores. O resto da multidão captou o que estava acontecendo. Como um, os espectadores se puseram de pé em um salto, gritando e vociferando. E então, exatamente no cume da ação, James viu algo que o distraiu completamente do jogo pela primeira vez desde que havia começado.

O intruso trouxa estava lá embaixo, no campo, de pé exatamente ao lado da área de descanso da Corvinal. James mal podia acreditar no que estava vendo, mas o homem estava simplesmente ali de pé, vestindo a capa descartada de um dos membros da equipe de apoio, observando o jogo com uma expressão de absoluto temor e desconcerto. Ele segurava algo à frente dos olhos, e James reconheceu vagamente como algum tipo de câmera portátil trouxa. Estava filmando a partida! James afastou olhar do intruso e olhou para seu pai, que

estava de pé ao lado dele, gritando alegremente ante o final do jogo. James puxou com força as vestes de Harry e gritou para ele.
- Pai! Pai! Há alguém ali embaixo! - Apontou freneticamente, tentando indicar o campo de quadribol através da multidão de arquibancadas e espectadores.
Harry olhou para James, ainda sorrindo, tentando ouvi-lo.
- O quê? - gritou, inclinando-se para James.
- Ali embaixo! - gritou James, ainda apontando. - Ele não deveria estar ali! É um trouxa! Já o vi antes!
O rosto de Harry mudou instantaneamente. O sorriso desapareceu. Colocou-se totalmente de pé e examinou o campo. James voltou a olhar para baixo também, procurando o intruso trouxa. Estava seguro de ele teria sumido, fazendo-o parecer um tolo, mas o homem ainda estava ali, olhando a disputa acima. Havia baixado a câmera, viu James. O objeto estava seguro em sua mão direita. James olhou mais atenciosamente e viu que o homem tinha uma bandagem na parte superior do braço, e pequenas tirinhas em dois lugares do rosto. Ele se machucara quando fora lançado pela janela de vitral, mas aparentemente não o suficiente para evitar que voltasse.
Harry passou aos empurros pela delegação americana, desculpando-se educadamente, mas de forma firme, dirigindo-se para as escadas. James o seguiu, trotando para manter o passo. Juntos, percorreram os degraus de dois em dois, descendo ao nível do campo. James notou que seu pai estava agora completamente em modo auror, sem pensar, preparado, deixando que o instinto tomasse o controle. Não tinha sensação de pânico, nem preocupação, nem fúria, somente um propósito decidido e impossível de ser detido. Harry alcançou o campo com James em seus calcanhares exatamente quando o jogo terminava.
Houve uma estrondosa ovação e, de repente, havia

pessoas correndo pelo campo. As equipes de apoio saíam recolhendo os baldes vazios. Os jogadores começavam a aterrissar, caindo dispersos sobre o campo. Cabe Ridcully se aproximava a grandes passos até a linha central utilizando sua varinha para convocar as bolas do jogo. Sem recuar, Harry caminhava com determinação para a extremidade do campo onde ele e James haviam visto o estranho homem, mas agora que estavam no campo já não podiam vê-lo. Havia muitas pessoas movendo-se em volta, muito barulho e confusão. James sabia que havia centenas de maneiras mediante as quais o homem já podia ter escapado, desaparecendo entre as crescentes sombras das colinas e bosques para além do campo.

Harry não deixou de se mover até que se posicionou no ponto onde haviam visto o homem. Virou-se lentamente, captando a visão de onde havia estado a perspectiva do homem.

- Ali - Apontou. James olhou e viu que seu pai estava apontando para base de uma das arquibancadas, para a porta que conduzia ao vestiário da Corvinal. - Ou ali. Ou lá - disse Harry, falando parcialmente com James e parcialmente consigo mesmo, apontando primeiro ao caminho que refletia entre as arquibancadas da Lufa-Lufa e Sonserina e depois para o galpão de equipamento. - Provavelmente, ele não escolheria o galpão, já que saberia que não teria forma de escapar de lá. No melhor dos casos serviria como esconderijo, e parecia que ele estava fugindo, não se escondendo. A saída das arquibancadas o levaria para mais longe. Não, ele escolheria aquele caminho então. Só se passaram dois minutos. James?

James ergueu os olhos arregalados para seu pai.

- Sim?

- Conte à diretora o que vimos e faça com que Tito se encontre comigo na entrada daquele caminho em cinco minutos. Não corra. Não sabemos o que está a

acontecendo e não há necessidade de causar qualquer motivo para alarme ainda. Só ande rápido e conte o que eu disse a você. Entendido?

James assentiu energicamente, e depois voltou pelo caminho por onde ele e seu pai tinham vindo, lembrando a si mesmo de não correr. Enquanto subia os degraus, pressionado pela multidão que saía, sem saber sequer ainda quem ganhara o jogo, compreendeu o quão absolutamente satisfeito estava por seu pai ter acreditado nele. Em alguma pequena parte de sua mente, James estivera preocupando que seu pai duvidasse dele, talvez até desprezasse suas preocupações. Mas contara com a esperança de que seu pai o conhecesse melhor que isso, de que confiaria nele. E isso tinha sido precisamente o que tinha feito, havia descido ao campo para investigar o desconhecido sem nenhuma pergunta e sem hesitações. Claro, assim era como trabalhavam os aurores. Investigar primeiro, depois fazer perguntas se solicitadas. Mesmo assim, James ficara extremamente satisfeito de que seu pai tivesse confiado o suficiente nele para ir atrás do homem se baseando apenas em sua palavra.

Apesar de seu alívio ante a resposta de seu pai, no entanto, James estava seriamente decepcionado pelo homem ter escapado tão facilmente. De algum modo, sabia que Harry e Tito não encontrariam nenhum sinal do homem, nem nenhuma pista de onde ele teria ido. Então, James estaria de volta de onde começara, com nada a não ser o vislumbre de uma pessoa desconhecida no campo de quadribol para sustentar sua história.

Pensando nisso, finalmente alcançou Tito Hardcastle e o resto do grupo. Quando repassou a mensagem de Harry, Tito desculpou-se com uma palavra e se dirigiu rapidamente para as escadas, com a mão no bolso para manter dentro sua varinha. McGonagall e os oficiais do Ministério escutaram a explicação de James sobre

homem ao qual Harry e ele haviam visto no campo, a diretora com um olhar de severa atenção, a Srta. Sacarhina e o Sr. Recreant com olhares de franca perplexidade.
- Você diz que havia algum tipo de câmera, caro rapaz? - perguntou Sacarhina suavemente.
- Sim, já as vi antes. Fazem filmes. Ele estava filmando o jogo.
Sacarhina olhou para Recreant com uma estranha expressão que James tomou por incredulidade. Não o surpreendia, e realmente não se importava. Estava mais preocupado que McGonagall acreditasse nele. Esteve a ponto de dizer que era o mesmo homem que acidentalmente lançara pela janela, mas algo na expressão do rosto de Sacarhina fez com que decidisse esperar que estivessem a sós.
No caminho de volta à descida dos degraus, ladeado por McGonagall, os funcionários do Ministério, e os professores de Alma Aleron, James finalmente inteirouse do resultado. A Corvinal ganhara o jogo. James sentiu-se incomodado e humilhado, mas reconfortado por saber que, ao menos, era provável que Zane estivesse tendo um bom anoitecer.

Quando alcançaram o caminho que conduzia de volta ao castelo, a diretora McGonagall se separou dos outros.
- Professores e convidados, por favor, sintam-se livres de voltar ao castelo por conta própria. Prefiro resolver esta situação pessoalmente - afirmou veementemente e virou-se para atravessar o campo.
James a seguiu apressadamente. Quando a alcançou, ela baixou o olhar para ele.
- Suponho que seria inútil dizer que isso não é assunto para um estudante primeiranista - disse, aparentemente

escolhendo, contra seu bom senso, não enviar a James de volta para o castelo. - Sendo seu pai o auror responsável, provavelmente ele pediria para que você estivesse aqui, não menos. Alguém se pergunta como ele é capaz de manter a cabeça no lugar sem a Srta. Granger para fazê-lo.

James demorou um momento compreender que a "Senhorita Granger" era a tia Hermione, cujo sobrenome era agora Weasley. Não pôde evitar sorrir ante a idéia de que a diretora ainda pensava em seu pai, sua tia e seu tio como jovenzinhos problemáticos, ainda que geralmente agradáveis.

Quando alcançaram o caminho que cortava entre as arquibancadas da Sonserina e Lufa-Lufa, Harry e Tito já haviam retornado de sua exploração superficial da zona. McGonagall falou primeiro.

- Algum sinal do intruso?

- Nada até agora - disse Hardcastle bruscamente. - Muito seco para pegadas e muito escuro para captar seu rastro sem uma equipe ou um cão.

- Sra. Diretora - disse Harry, e James pôde ver que seu pai estava ainda em modo auror. - Temos sua permissão para realizar uma busca mais exaustiva da zona? Precisaríamos da ajuda de um pequeno grupo de sua escolha.

- Você acha que esse indivíduo é uma ameaça? - perguntou a diretora a Harry antes de responder.

Harry estendeu as mãos e encolheu os ombros.

- Não há nenhuma maneira de saber sem mais informação. Mas sei que o homem que eu vi era muito velho para ser um estudante, não o reconheci como membro do pessoal ou da equipe de professores. Levava a capa de um membro da equipe de apoio como tentativa de disfarce, assim como indubitavelmente se escondia de alguém, ou de todo mundo. E James diz que já o tinha visto antes nos terrenos.

Todos olharam para James.

- Foi dele que falei outro dia, senhora - explicou James, dirigindo-se à diretora. - Tenho certeza disso. Ele tinha vendas no braço e rosto. Acho que ele se machucou quando eu o chutei pela janela.
- Sabia que seria uma história interessante - murmurou Harry, contendo um sorriso.
- Mas certamente, Sr. Potter, Sr. Hardcastle, - disse McGonagall, olhando para os adultos. - compreendem que não há forma concebível de que alguém possa ter atravessado o perímetro protetor da escola. Qualquer um que tenham simplesmente visto deve ter sido dada permissão para estar nos terrenos, caso contrário...
- Tem razão, Minerva - disse Harry. - Mas o indivíduo o que vi não atuava como se achasse que estava autorizado estar aqui. Portanto, a pergunta é, se a ele foi permitido entrar, quem lhe deu permissão, e como? Essas são questões que gostaria muito de responder, mas nossa única esperança de isso acontecer reside em que comecemos uma busca pelos terrenos imediatamente.
McGonagall encontrou os olhos de Harry, assentindo relutantemente, e logo mais segura.
- Claro. De quem você precisa?
- Hagrid, para começar. Ninguém conhece esses terrenos como ele, e, claro, Trifino. Gostaria que nos dividíssemos em três equipes: Hagrid com Trifino e eu mesmo dirigindo uma equipe ao interior da Floresta Proibida, e Tito dirigindo outra equipe ao redor do perímetro do lago. Precisamos de mais olhos para procurar indícios. Que pena que Neville está fora esta noite.
- Poderíamos convocá-lo de volta - comentou Hardcastle.
Harry sacudiu a cabeça.
- Não acho que seja necessário. Procuramos um único indivíduo, possivelmente um trouxa. Tudo o que precisamos é de um par de pessoas que saiba como seguir um rastro. Que tal Teddy Lupin e você, James?

James tentou não parecer muito satisfeito, mas uma pontada de orgulho o transpassou. Assentiu para seu pai com a cabeça com o que esperava que parecesse presteza e confiança, em vez de frívola excitação.
- A escola possui algum hipogrifo no momento, senhora? - retumbou a voz de Tito. - Uma vista desde o céu é o que precisamos aqui. Se o homem esteve antes nos terrenos, deve estar acampando por perto.
- Não, nenhum neste momento, Sr. Hardcastle. Temos testrálios, é claro.
Harry negou com um aceno de cabeça.
- Muito leves. Os testrálios só podem levar a uma pessoa, e ninguém tão pesado como Tito ou eu. Hagrid partiria um exatamente ao meio.
James estava pensando com ardor.
- Quanto de altura tem de ser?
Hardcastle olhou de soslaio para James.
- Mais alto que a altura de um homem é realmente o que importa. Alto o bastante para ter uma vista de pássaro do chão, mas baixo o bastante para poder estudá-lo. Você tem alguma idéia? Fale logo, filho!
- Que tal gigantes? - disse James após uma pausa. Preocupava-se que fosse uma idéia estúpida. Pior, temia perder o respeito que seu pai tinha mostrado ao convidá-lo para participar da busca. - Tem o Grope, que é tão alto como algumas árvores, e sua nova namorada. Hagrid diz que ela é inclusive maior.
Hardcastle olhou para Harry com uma expressão ilegível. Harry pareceu considerar.
- Quão rápido você acha que Hagrid pode chegar aqui? - perguntou, dirigindo a pergunta para a diretora.
- Isso é, sem dúvida, algo que vale a pena perguntar - disse ela, um pouco maliciosamente. - Já que eu não tinha nem idéia de que agora tínhamos dois gigantes vivendo entre nós. Irei solicitar seus serviços a Hagrid pessoalmente. - Ela virou-se para James. - Vá e traga ao Sr. Lupin, e não conte a ninguém o que você trama.

Ambos vocês se encontrarão com seu pai na cabana de Hagrid com capa e varinha dentro de quinze minutos. Precisarei voltar ao castelo para me ocupar de nossos convidados.
- E James, - disse Harry, mostrando aquele sorriso torcido. - *agora* você pode correr.

James estava sem fôlego quando alcançou a sala comunal. Encontrou Ted ainda com seu suéter de quadribol, atordoado com vários outros jogadores a um canto.
- Teddy, venha aqui! - chamou James, pegando respiração. - Não temos muito tempo.
- Isso não é maneira de entrar em um lugar - disse Sabrina, virando-se para ver James por cima do respaldo do sofá. - Alguém poderia ter a inconfundível impressão de que você está tramando algo.
- Eu estou. Nós estamos - disse James, inclinando-se para frente, com as mãos nos joelhos. - Mas não posso contar agora. Não tenho permissão. Depois. Mas querem que você venha, Teddy. Temos que estar na cabana de Hagrid em cinco minutos. Com varinha e capa.
Ted levantou-se de um salto, aparentemente feliz de esquecer a primeira derrota da temporada e sempre pronto para acompanhar uma aventura.
- Bem, todos nós sabíamos que este dia chegaria. Finalmente minhas habilidades únicas e intuitivas estão sendo reconhecidas. Vou presenteá-los com a história de nossa aventura, supondo que vivamos para contá-la. Você primeiro, James.
Ted enfiou a varinha no bolso e pendurou a capa sobre ombro. Enquanto ambos os garotos saíam pelo buraco do retrato, James ainda ofegando, Ted empertigado e a

mandíbula apertada, Sabrina os chamou.
- Tragam mais cerveja de manteiga quando voltarem, oh, poderosos guerreiros.
No caminho pela sacada, James ficou consternado ao ver Zane acenar para eles da escadaria. Ele fez um desvio para alcançá-los.
- Ei, Teddy, grande jogo!
Ted grunhiu, aborrecido por lembrarem-no daquilo.
- Aonde vão? - perguntou Zane, trotando para manter o passo de James e Ted.
- À aventura e ao perigo mortal, creio - replicou Ted. - Você quer vir?
- Sim! Qual é o plano?
- Não! - exclamou James. - Sinto muito. Não devo contar a ninguém sobre isso a não ser Teddy. Meu pai disse...
As sobrancelhas de Zane ergueram-se rapidamente.
- Seu pai? Ótimo! Assuntos sérios de aurores! Vamos, não pode ir e ter aventuras estilo Harry Potter sem seu parceiro Zane, certo?
James parou no meio do saguão principal, exasperado.
- Tudo bem! Você pode nos acompanhar, mas se papai disser que você tem de voltar, você o faz e fique calado. Certo?
- Uhuu! - gritou Zane, correndo à frente deles enquanto desciam os degraus até o pátio. - Vamos, caras. A aventura espera e coisas realmente bárbaras aguardam!
Harry e Tito Hardcastle estavam posicionados ao lado da cabana de Hagrid com as varinhas acendidas quando os três garotos chegaram.
- Obrigado por vir, Teddy - disse Harry com o rosto impassível. - e Zane, também, a quem não esperava exatamente.
- Eu pedi que ele viesse, Harry - disse Ted, assumindo uma expressão grave. - É novato, mas é esperto. Pensei que poderia servir, dependendo do que você esteja planejando.
Ted estudou Zane criticamente. Zane apagou o sorriso

de seu rosto e tentou parecer sério, sem muito êxito. Harry estudou a ambos.
- Precisamos de olhos, principalmente. Já que Zane tem tantos como o resto de nós, suponho que está qualificado. Vamos esperar que Minerva não averigue que levei outro estudante primeiranista à floresta ou pensará muito em uma maneira de nos dar uma detenção. James não contou o que estamos fazendo esta noite?
Ted negou com um aceno de cabeça.
- Nenhuma palavra. Apenas disse que era ultra-secreto, muito, muito secreto.
Harry olhou de soslaio para James.
- A diretora disse para que não dissesse nada, filho.
- Eu não disse! - protestou James, lançando uma olhar para Ted. - Apenas disse que não estava autorizado a contar a ninguém o que estávamos fazendo!
- A melhor forma de fazer que as pessoas suspeitem, James, é dizer a elas que não perguntem - Mas Harry não parecia irritado. De fato, parecia um pouco entretido. - Não importa, no entanto. Acabaremos e voltaremos ao castelo antes que sues amigos Malignos montem um esquadrão de reconhecimento. Certo, Teddy?
- Provavelmente, eles se enfiaram em suas camas bem na hora que falamos, padrinho - disse Ted com exatidão.
Harry revirou os olhos.
James começava a estar ciente de um estrondo maçante sob os pés. Momento depois, ouviu o latido distante de Trifino, o mastim de Hagrid, que tinha substituído a seu querido caça-javalis, Canino. Todos os presentes se voltaram para a floresta quando o retumbar sob seus pés se converteu num batimento rítmico. Após um minuto, formas enormes agigantaram-se na escuridão, avançando entre as árvores, suas pisadas sacudindo o solo. Trifino estava cercado pelas pernas dos gigantes, aparentemente destemido do fato de que podia acabar

esmagado se um deles o pisasse acidentalmente. Ele ladrou excitadamente, sua forma normalmente imponente se tornava reduzida pelas enormes e desajeitadas figuras. Hagrid os seguia, gritando ocasionalmente para que Trifino se calasse, mas sem autêntica convicção.
- Grope foi fácil de convencer - gritou Hagrid, saindo da floresta. - Sempre está disposto a ajudar. Ele possui um grande coração de ouro, sim. Cada vez fala melhor, também. Sua namorada, no entanto... - baixou a voz enquanto aproximava-se de Harry, fingindo a postura própria de uma confidência, que James considerou tão sutil como um espírito agourento em uma caixa de fósforos. - Não está tão acostumada a estar com gente como Grope. Também não gostou de ser acordada. Ela ajudará contanto que peguemos leve com ela.
James lembrou-se que aquele era o mesmo Hagrid que criara *explosivins* por diversão, e que persistia em pensar que a caraterística principal dos dragões era seu encanto. Qualquer advertência vinda de Hagrid sobre o temperamento de uma criatura era, portanto, definitivamente algo que valia a pena ouvir. Todos se viraram para cumprimentar aos gigantes quando emergiram dentre as árvores. Grope chegou primeiro, piscando e sorrindo à luz das varinhas. Acenou com uma mão do tamanho de um piano para Harry.
- Ulá, Harry, - a voz de Grope era profunda e lenta. James teve a impressão de que formar palavras não era muito o seu forte. - Como Hermani... Her..mine... nin?
Harry tentou poupar Grope do esforço.
- Hermione está bem, Grope. Ela diria um alô se soubesse que eu veria você.
Isso parecia mais do que a mente de Grope podia processar.
Ulá, Hermiii...meee....
Continuou lutando com o nome de Hermione até que a giganta emergiu com hesitação da floresta atrás dele.

James esticou o pescoço, sentindo um involuntário arrepio de medo descer por sua espinha dorsal. A giganta era tão alta que teve que separar a copa das árvores para sair da floresta, esmagando e rompendo galhos. A luz das varinhas apenas alcançava seu peito, que estava mais ou menos à mesma altura que a cabeça de Grope. Sua cabeça era somente uma forma sombria se movendo sobre as copas das árvores, recortada contra o céu estrelado. Movia-se mais lentamente que Grope, pesadamente, seus grandes pés caindo sobre o solo como pedras de moinho, sacudindo as folhas das árvores próximas a cada passo.
- Aqui se acaba a discrição - comentou Hardcastle, erguendo os olhos para a monstruosa figura.
- Harry, Tito, James, Zane e Teddy - gritou Hagrid muito lentamente. - esta é Prechka. Prechka, estes são amigos.
Prechka agachou-se lentamente de forma que sua cabeça pairasse sobre o ombro de Grope. Soltou um rosnado baixo e interrogativo que James pensou que realmente tinha feito tamborilar as janelas da cabana de Hagrid. Harry ergueu sua varinha acendida sobre a cabeça e sorriu.
- Prechka, Grope, obrigado aos dois por vir e nos ajudar. Não os tomaremos por muito tempo, espero. Hagrid explicou o que estamos pedindo a vocês esta noite, certo?
Grope animou-se em falar.
- Harry procura homem escondido. Grope e Prechka ajudam.
- Excelente - disse Harry, virando-se para se dirigir ao grupo. - Hagrid, pegue o Trifino e faça com que fareje o caminho. Veja se ele capta algo que conduza à floresta ou pelo lago. Se assim, envie um sinal vermelho. Teddy, você virá comigo e com Prechka à floresta. Zane, James, vocês se juntarão a Tito e Grope procurando pelo perímetro do lago. Procuramos tanto um rastro como ao próprio intruso, então atentem para galhos quebrados,

distúrbios inferiores e folhas removidas, e qualquer coisa relacionada a humanos como pedaços de roupa, lixo, papéis, ou qualquer coisa desse tipo. Estão todos prontos?

- A quem estamos procurando, Harry? - perguntou Ted.

Harry já estava se aproximando lentamente de Prechka.

- Vamos saber quando encontrarmos, não?

# - CAPÍTULO 8 -

# A Fortaleza da Gruta

Zane, James e Hardcastle subiram às costas de Grope quando o gigante se pôs de cócoras.
James e Zane escalaram sobre um ombro, segurando a esfarrapada e maltrapilha camisa de Grope como apoio. Hardcastle, aparentemente ignorando o quão ridículo isso podia parecer, sentou-se de pernas abertas sobre a nuca de Grope, como uma criança sendo levado por seu pai. Sustentou a varinha no alto, estendendo uma auréola de luz sobre o chão ao redor deles, e depois

direcionou Grope em direção ao lago. Quando saíram, Harry e Ted ainda procuravam a melhor maneira para subir os ombros de Prechka.
- Precisamos uma escada, não acha? - gritou Ted.
Façamos com que ela se incline, com as mãos sobre o chão. - gritou Harry, fazendo sinais à giganta, que se ajoelhou, mas se distraiu com o jardim de Hagrid. Arrancou um maço de abóboras, com raízes e tudo, e começou a entulhar na boca.
- Está bem, está bem. - gritava Hagrid de modo tranqüilizante. - Só incline-se um pouco. Vamos lá. Oh!
Houve um rangido de madeira triturada quando Prechka se apoiou sobre a carroça de Hagrid, reduzindo-a em farpas.
Hagrid deu umas tapinhas no gigantesco cotovelo, agitando a cabeça.
- Bem, ao menos você pode subir agora, Harry. Use essa parte daí como degrau. Vamos.
Prechka estava sendo persuadida para que ficasse ereta novamente, Harry e Ted encarapitados em seus ombros, quando Grope adentrou a selva que cobria o lado oeste do lago e a toda a visão dos terrenos de Hogwarts sumiu atrás de árvores densas e troncudas.
Grope era surpreendentemente gentil, virando-se e agachando-se para evitar ramos que poderiam bater na carga que levava. James podia sentir o peso das pegadas de Grope pressionando o solo, mas não experimentou as sacudidas e espancamentos que tinha esperado sentir montando sobre as costas de um gigante. Hardcastle dirigia Grope tranqüilamente, sentado quase ao lado da orelha do gigante. Ele os conduzia num ordenado ziguezague, aproximando-se do lago, e depois girando de volta para a selva abundante novamente. Seu progresso era lento e o movimento de Grope ao caminhar começava a deixar James sonolento. Ele se agitou para despertar, estudando o solo a procura dos sinais que seu pai descrevera. Numa tentativa de

permanecer desperto, explicou a Hardcastle e Zane como vira o homem no campo de quadribol. Falou sobre a câmera, e descreveu as outras duas vezes que já havia visto o homem nos terrenos.
- Você já viu essa pessoa três vezes, então? - perguntou Hardcastle, com a voz gravemente monótona.
- Sim. - assentiu James.
- Mas exceto seu pai hoje à noite, ninguém mais o viu em absoluto?
James sentiu-se irritado pelo comentário, mas respondeu diretamente.
- Não. Ninguém.
Permaneceram em silêncio por um momento. James supunha que tinham percorrido aproximadamente um terço do perímetro. Captava lampejos do castelo erguendo-se sobre o lago cada vez que se aproximavam da orla. Os bosques pareciam irritantemente imaculados e normais. Ouviam-se grilos zumbindo e rangendo, enchendo o ar da noite com seus estranhos coros. Para toda parte para onde James olhava, vaga-lumes ponteavam as sombras e se ocupavam de suas atividades noturnas. Não havia sinal de que ninguém tivesse atravessado aquele bosque, e muito menos recentemente.
Pare, Grope. - disse Hardcastle de repentinamente, com voz tensa. Grope parou obedientemente e permaneceu quieto. Sua enorme cabeça virou lentamente quando olhou em volta. James espreitou-se pela enorme e suja orelha de Grope, tentando ver o que Hardcastle estava olhando ou ouvindo. Passou-se meio minuto. James sabia que não podia falar. Então, em algum lugar próximo, ouviu-se um áspero som evasivo. Algo se arrastava, invisível, através das folhas caídas e se detinha novamente. Um ramo rangeu, como se tivesse sido pisado. O coração de James estava de repente palpitando. No entanto, nem Grope nem Hardcastle se moveram. James viu que Hardcastle movia a cabeça

ligeiramente, tentando especificar a direção do som.
Ouviu-se de novo, desta vez mais perto, mas ainda invisível. Estava à frente deles, atrás de uma elevação baixa na mata na lateral do caminho deles. James não pôde evitar pensar que havia algo claramente desumano no som evasivo. Era, de certa forma, muito desenfreado. O cabelo da base de sua nuca se eriçou.
Hardcastle deu uma ligeira palmada na parte de trás da cabeça de Grope e apontou para chão, inclinando-se de modo que Grope pudesse ver sua mão. James sentiu o gigante se abaixar, e se surpreendeu novamente pela lenta gracilidade do movimento. As folhas em seus pés rangeram ligeiramente apenas quando Grope pôs as mãos no chão. Hardcastle deslizou silenciosamente pelas costas de Grope. Seus olhos estavam fixos na elevação adiante.
- Fiquem com...
Foi interrompido pelo barulho do movimento evasivo novamente. Estava muito mais perto desta vez, e agora James viu movimento. Folhas mortas espalharam-se pelo ar quando uma forma grande e sombria correu pela elevação, movendo-se com horrível velocidade. Movimentava-se entre os troncos das árvores, atravessando arbustos. Parecia ter muitas pernas, e tinha uma estranha incandescência azulada que emanava de sua parte dianteira. Tremeluzia freneticamente quando a coisa se movia. Hardcastle saltou à frente de Grope quando a coisa se aproximou. Preparou sua varinha com a prática economia de movimentos de um auror treinado, enviando um Feitiço Estuporante vermelho nos galhos e folhas danificadas. A criatura mudou de rumo, passando por eles e indo para uma depressão. O cintilante brilho azul marcava seu progresso enquanto esquivava lenhas mortas, fugindo mais profundamente para o interior da floresta.
- Fiquem com Grope, os dois. - rosnou Hardcastle, indo atrás da criatura às pressas. - Grope, se alguma outra

coisa que não seja eu a eu voltar, esmague-a. - Ele movia-se com surpreendente agilidade para seu tamanho. Em quinze segundos, nem ele nem a criatura em fuga podiam ser vistos ou ouvidos. Os dois garotos saltaram dos ombros de Grope para olhar a depressão.
- O que foi *isso*? - perguntou Zane sem fôlego.
James sacudiu sua cabeça.
Nem sequer estou certo de querer sabê-lo. Definitivamente não era o cara que estamos procurando.
- Fico feliz por isso.  - disse Zane com convicção.
Eles observaram a depressão pela qual Hardcastle e a criatura haviam desaparecido. O incessante coro de insetos e o lampejo dos vaga-lumes encheram a floresta novamente, parecendo negar que nada incomum estivesse acontecendo. Não havia nenhum ruído ou movimento da depressão.
- Quanto tempo ele vai perseguir aquela coisa? - perguntou finalmente Zane.
James encolheu os ombros.
- Até que a pegue, suponho.
- Ou que ela pegue a ele. - adicionou Zane, estremecendo-se. - Sabe, estava me sentindo muito melhor a respeito disso quando estava nos ombros do cara enorme.
- Boa idéia. - concordou James, virando-se. - Ei, Grope, que tal...?
Ele se deteve. Grope não estava ali. Zane e James olharam em volta durante vários segundos, ambos muito atônitos e amedrontados para dizer qualquer coisa.
- Ali! - disse Zane subitamente, apontando com um dedo em direção ao lago. James olhou. Grope estava desaparecendo por uma gigantesca pedra coberta de musgo, agachando-se lentamente.
- Vamos! Não vamos perdê-lo de vista!
Ambos os garotos correram rapidamente atrás do gigante, engatinhando sobre as enormes árvores caídas e deslizando pelas rochas cobertas de folhas.

Contornaram a rocha do tamanho de uma casa por onde haviam visto Grope passar. Grope estava agora inclusive mais longe, agachando-se sob uma árvore morta inclinada.
- Onde ele está indo? - gritou Zane exasperado.
- Grope! - gritou James, hesitando em gritar mais alto temendo atrair mais alguma criatura horrível e furtiva. A noite tornou-se turva. Pesadas nuvens escureciam a lua, reduzindo os bosques a um emaranhado de sombras cinzentas. - Grope, volte! O que você está fazendo?
Por vários minutos, Zane e James seguiram o rastro de Grope, esforçando-se para passarem por leitos de riachos e sobre troncos de árvores que o gigante atravessava com um passo. Finalmente, alcançaram-no próximo da margem do lago, onde um grupo de pequenas ilhas arborizadas obscurecia a visão através da água. O ar cheirava a umidade e musgo e estava repleto de insetos que zumbiam. Grope estava de pé sob uma árvore nodosa, extraindo metodicamente nozes dos ramos e deixando-as cair em sua boca, com casca e tudo. Ele as triturava audivelmente enquanto os garotos se aproximaram ofegando.
- Grope! - gritou Zane, lutando para recobrar a respiração - O que você está fazendo?
Grope olhou para baixo ao som da voz de Zane, com expressão embaraçosa.
Grope faminto. - respondeu. - Grope cheira comida. Grope come e espera. Homenzinho volta.
- Grope, estamos perdidos agora! Tito nem sequer sabe onde estamos! - disse James, tentando controlar sua fúria. Grope o olhou fixamente, ainda triturando nozes, sua expressão demonstrava um humilde desconcerto.
- Não importa. - disse Zane. - Vamos deixá-lo mastigar algumas nozes, depois vamos fazer com que nos leve de volta para onde viemos. - Ele deixou-se cair sobre uma rocha próxima e examinou os arranhões e machucados feitos durante a perseguição. James fez uma careta

aborrecida. Sabia que era inútil discutir com o gigante.
- Tudo bem! - disse sintetizadamente. - Grope, apenas nos leve de volta quando terminar. Entendido?
Grope grunhiu em concordância, atirando um dos galhos da enorme árvore para ele de modo que este rangeu ameaçadoramente.
James vagou desconsolado para a margem da água, empurrando ramos e arbustos para um lado. Ali, o lago parecia mais com um riacho, com apenas um estreito fio de água enlameada entre a costa e uma das pantanosas ilhas. A ilha era selvagem, coberta de arbustos densos e árvores. Tinha o aspecto de um lugar que esteve abaixo da água no mínimo parte do ano. A sete metros de distância, um grupo de árvores havia caído da ilha. James supôs que haviam sido arrancados de suas aquosas raízes por uma tempestade recente. A cena era notavelmente feia e apocalíptica no meio da noite escura.
James acabara de decidir voltar, preocupado que Hardcastle estivesse procurando por ele, quando a lua apareceu. Assim que a luz prateada espalhou-se pelos bosques, James se deteve, um calafrio lento e animado o agitou da cabeça aos pés. Os grilos caíram repentinamente em completo silêncio. James sentia-se enraizado no lugar, congelado exceto pelos olhos, que percorriam os bosques circundantes. O silêncio dos grilos não era a única mudança. Os muitos e contínuos lampejos dos vaga-lumes haviam cessado também. A floresta havia ficado completa e repentinamente imóvel à luz da lua.
- James? - voz de Zane veio à tona, tentativa no súbito e opressivo silêncio. - Isso é... Sabe... Normal? - Ele se uniu a James à orla do lago. - E o que está acontecendo com *esse* lugar?
James olhou para Zane.
- Que lugar? - seguiu os olhos de Zane, e então ofegou.
A ilha que estava situada exatamente afastada da costa

mudara. James poderia dizer que nenhuma parte individual da ilha estava exatamente diferente. O que minutos antes pareciam árvores e arbustos totalmente a esmo, agora, à luz prateada da lua, parecia mais uma antiga estrutura oculta. Notava-se a inquestionável sugestão de pilares e portas, contrafortes e gárgulas, todos cobertos pela vegetação natural da ilha como se fosse uma espécie de complicada ilusão de ótica.

- Não gosto do aspecto disso. - disse Zane enfaticamente, em uma voz baixa.

James olhou para além. O grupo de árvores que caíra sobre a água, conectando a ilha à costa, havia mudado também. James podia ver que havia uma ordem nelas. Duas caídas de modo que formassem aquilo que obviamente era uma ponte. A ponte era inclusive estilizada, modelada para parecer uma cabeça de um gigantesco dragão. Uma rocha acastanhada que se destacava entre as raízes arrancadas servia como olho. Mais duas árvores, meio desmoronadas, formavam a mandíbula superior, projetando-se sobre a ponte como para se comer a qualquer um que tentasse atravessá-la.

James caminhou cuidadosamente em direção à ponte.

- Ei, você não está indo lá, está? - disse Zane. - Isso não parece uma idéia saudável para mim.

- Vamos. - disse James, sem olhar para trás. - Você disse que queria aventura e experiências realmente selvagens.

- Bem, na verdade acho que só desejava essas coisas em doses muito pequenas. Já tive o suficiente com esse monstro que vimos, se não se importa.

James esquivou um afloramento de arbustos e árvores delgadas e encontrou-se posicionado na boca da ponte. De perto, era inclusive mais perfeito. Havia corrimãos formados por bétulas caídas, macias e fáceis de agarrar, e as duas árvores que formavam a base da ponte estavam tão próximas, com vinhas e folhas comprimidas entre elas, que formavam uma superfície fácil de caminhar.

- Ótimo, fique aqui. - disse James sem realmente culpar Zane por sua relutância.
De qualquer forma, o mistério era estranhamente atrativo para James. Pisou a ponte.
- Ahh, Deus! - gemeu Zane, seguindo.
Do lado da ilha, um complicado desenvolvimento de vinhas e arvorezinhas havia formado um conjunto de altos portais ornados. Além dele havia sombra impenetrável. Assim que James se aproximou mais, podia ver que as vinhas formavam um padrão reconhecível ao longo dos portais.
- Acho que diz algo. - disse, sua voz foi quase um sussurro. - Olhe. É um poema, ou uma runa ou alguma outra coisa.
Logo que foi capaz de decifrar a primeira palavra, o resto apareceu à vista, como se tivesse treinado seus olhos para ver. Ele se deteve e leu em voz alta:

*Quando pela luz da Sulva resplandecer*
*Encontrei a Fortaleza da Gruta;*
*Antes que a noite do tempo vingue*
*Despertou de seu lânguido sonho.*
*Ao retorno da afligida aurora*
*Sem nenhuma relíquia perdida;*
*Passada uma vida, um novo eão,*
*O Vestíbulo da Travessia dos Titãs*

Algo no poema fez James estremecer.
- O que isso significa? - perguntou Zane quando leu pela segunda vez.
James encolheu os ombros.
- *Sulva* é uma palavra antiga para a “lua”. Isso eu sei. Acho que a primeira parte significa que você só pode encontrar este lugar quando a lua brilha sobre ele. Isso deve ser verdade, porque quando o vi pela primeira vez na escuridão, parecia apenas uma velha ilha horrível. Então isso deve ser a Fortaleza da Gruta, seja lá o que

isso for.
Zane se inclinou.
- E sobre esta parte? “*Ao retorno da afligida aurora”*. Dá a impressão de que devêssemos voltar quando o sol aparecer novamente, não é? Soa bastante bem pra mim.
Ignorando Zane, James fechou as mãos em volta do portal e deu-lhe um forte puxão. Eles se agitaram rudemente, mas não saíram do lugar. A ação pareceu disparar uma reação proveniente da ilha. Um súbito som furtivo surgiu sob os pés dos garotos. James olhou para baixo, e então saltou para trás quando gavinhas de vinhas espinhosas cresceram da parte debaixo da ponte. As vinhas retorceram-se pelo portal, entrelaçandose, emitindo som como jornal ao se queimar. Os espinhos eram de uma feia cor púrpura, como se pudessem conter algum tipo de veneno. Eles tornavam-se maiores enquanto James observava. Após um minuto, os portais estavam completamente cobertos por eles, obscurecendo as palavras do poema. O ruído de crescimento cessou.
- Bem, isso tranqüiliza as coisas. - disse Zane de forma estranhamente alta. Estava posicionado atrás de James, retrocedendo lentamente. - Acho que este lugar quer que o deixemos em paz, não é?
- Quero testar outra coisa. - disse James, sacando sua varinha de debaixo da capa. Sem realmente pensar, apontou a varinha para o portal. - *Alohomora*.
Houve um lampejo de luz dourada, e desta vez, o resultado foi imediato e poderoso. Os portais repeliram o feitiço, devolvendo uma rajada de faíscas, e a ilha inteira pareceu estremecer, ameaçadoramente. Produziu-se um som, como de milhares de pessoas aspirando, e então uma voz, uma voz completamente desumana e pantanosa, falou.
- Fora... *Daqui*!
James retrocedeu cambaleante ante a veemência da resposta, tropeçando em Zane e caindo ambos ao chão

da ponte. A ponte estremeceu sob eles, e então James viu que as portas estavam se elevando, inclinando-se sobre eles. As árvores superiores, as que pareciam formar a mandíbula superior da cabeça de dragão da ponte, estavam baixando, aproximando-se ameaçadoramente, os ramos rompidos se assemelhavam cada vez mais a dentes.

- Fora... *Daqui!* - disse outra vez a ilha. A voz soava como se formada por milhões de vozes diminutas, sussurrantes e irritantes, falando em uníssono.

O solo da ponte se entortou, separando-se da costa. As mandíbulas superiores rangeram e começaram a desmoronar, prontas para devorar aos dois garotos. Eles engatinharam para trás, tropeçando loucamente um sobre o outro, e caíram à orla coberta de ervas daninhas ervas exatamente quando a ponte se soltava. As gigantescas mandíbulas estalaram e rangeram ferozmente. Ramos rompidos e pedaços de casca de árvore explodiram da forma retorcida, crivando James e Zane enquanto escapavam, com as mãos deslizando nas folhas mortas e folhas de pinheiro.

O terreno retumbou sobre eles. Raízes começaram a brotar da terra, rompendo-a. James sentiu a orla se desintegrar abaixo dele. Seus pés escorregaram para dentro de um buraco inesperado e ele tirou-os com um puxão, evitando por pouco uma suja raiz que se contorceu para fora para pegá-los. Ele esforçou-se para alcançar a orla que desmoronava, mas esta se afundava abaixo dele, arrastando-o de volta à beira da água. A superfície do lago enturvou, girando até formar um escoadouro. Os pés dos garotos salpicavam na lama, e esta os sugava, puxando-os. Zane tratava de agarrar a orla enquanto eram puxados lentamente para a água espumada. James procurava por apoio, mas nada parecia sólido. Inclusive as raízes reveladas pela terra que esfarelava se soltavam e escorregavam em suas mãos, cobertas por um horrível lodo que se desprendia em

camadas.
Então, repentinamente, Grope apareceu. Deixou-se cair de joelhos, agarrando um tronco de uma árvore próxima com uma mão e estendendo a outra para Zane, que estava mais perto. Ele arrancou o garoto da escuridão e o colocou subitamente em seu ombro. Zane agarrou-se em um apoio na camisa de Grope enquanto o gigante agachava-se para resgatar James, que estava quase submerso nas águas que fustigavam. Uma raiz horrível e peluda serpenteou pela água e se enroscou em volta do tornozelo de James, puxando-o de volta. Ficou ali pendurado, entre a garra de Grope e a horrenda raiz, e estava seguro de que seria partido ao meio pela força. A raiz escorregou pela perna de sua calça e arrancou o sapato. James a viu como se retorcia avidamente ao redor de seu sapato e o puxava para baixo da superfície.
Grope tentava se manter de pé, mas raízes brotavam à sua volta. Enormes tentáculos de madeira envolviam suas pernas. Vinhas verdes cresciam com a velocidade de um relâmpago sobre os tentáculos mais grossos, pregando-se no tecido de suas calças com minúsculas raízes que pareciam fios. Grope rosnou e puxou com força, rasgando suas calças e arrancando as raízes mais ainda da terra, mas sua força combinada era demais. Elas puxaram-no até fazê-lo voltar a se ajoelhar, e depois se lançaram para cima, circundando sua cintura, subindo por suas costas e ombros. As vinhas abatiam-se sobre James e Zane, ameaçando puxá-los. Grope rugiu novamente quando uma das vinhas verdes enroscou-se ao redor de seu pescoço, forçando-o a baixar-se mais, puxando-o para o escoadouro.
Exatamente quando James começava a escorregar do ombro de Grope, puxado de volta para o solo por uma dúzia de musculosas vinhas, de repente, uma luz chocante preencheu o ar. Era uma luz vibrante verde dourado, e estava acompanhada por um zumbido baixo. As vinhas e raízes recuaram ante a luz. Soltaram-se,

repelidas por ela, mas terrivelmente relutantes em abandonar sua presa. Ondas de luz caiam sobre elas, e a cada onda liberada emaranhava o aglomerado de vinhas menores e caía morta, e as raízes maiores recuaram, sugadas novamente para dentro da terra com um asqueroso barulho de gargarejo.
Grope, James e Zane quase caíram, meio rastejando pela orla até que encontrassem terra firme. Ali desmoronaram, ofegando e tentando levantar, entre folhas mortas e galhos quebrados.
Quando James girou e se colocou de joelhos, havia uma figura próxima, brilhando debilmente com a mesma luz verde dourada que havia repelido as vinhas. James podia ver através da figura, ainda que o que viu era ao mesmo tempo alumiado e refratado, visto como se viam as coisas através de uma gota de chuva. A figura parecia uma mulher, muito alta e muito magra, usando um vestido verde escuro que caía diretamente de seus quadris e, aparentemente, atravessava o chão. Seu cabelo verde esbranquiçado se espalhava e escorria ao redor de sua cabeça como uma coroa. Era bela, mas seu rosto estava sério.
- James Potter, Zane Walker, Grope, filho da terra, vocês estão em perigo aqui. Vocês devem deixar este bosque. No momento, nenhum humano está a salvo sob este dossel.
James se esforçou para pôr-se de pé.
- Quem é você? O que foi aquilo?
- Sou uma dríade, um espírito do bosque. Consegui silenciar a Voz da Ilha, mas não serei capaz de segurar isso por muito tempo. Ela se torna cada vez mais impaciente a cada dia.
- Um espírito do bosque? - perguntou Zane enquanto Grope o ajudava a colocarse de pé de forma rude. - Os bosques têm um fantasma?
- Sou uma dríade, uma árvore-espírito, o espírito de uma única árvore. Todas as árvores do bosque têm espíritos,

mas têm estado adormecidos por muitas gerações, penetradas na terra, quase desaparecendo. Até agora. As náiades e as dríades foram despertadas, embora não saibamos a razão. Aqueles poucos humanos que uma vez se comunicaram com as árvores morreram e foram esquecidos. Nosso tempo passou.
Apesar de convocados.
- Quem convocou vocês? - perguntou James.
- Não fomos capazes de saber, apesar de nossos maiores esforços. Há desarmonia entre nós. Muitas árvores recordam somente da serra de um homem, não sua replantação. São velhas e estão furiosas, desejando somente prejudicar ao mundo dos homens. Elas estão excedidas. Vocês experimentaram sua fúria, ainda que não como elas queriam.
- O que você quer dizer com ‘elas estão excedidas’? - perguntou Zane, dando meio passo adiante, olhando de soslaio a beleza da dríade. - É esse lugar? A ilha? O... O Vestíbulo da Travessia dos Titãs?
- O tempo do homem é curto sobre a terra, mas nós árvores vemos os anos passarem como se fossem dias. As estrelas estão imóveis para vocês, mas nós observamos e estudamos os céus como uma dança. - disse a dríade, sua voz se tornando suave, quase sonhadora. - Desde nosso despertar, a dança das estrelas tornou-se horrenda, mostrando milhares de destinos tenebrosos para o mundo dos homens, todos balançando no equilíbrio dos próximos dias. Apenas um possível destino sustenta o bem. O resto está carregado de derramamento de sangue e perda. Grande aflição. Tempos escuros, cheios de guerra e avareza, poderosos tiranos, famintos de terror. Muito estarão determinados no fechar deste círculo. Nós, povo das árvores, podemos apenas observar, por agora, mas aquelas de nós que permanecerem fiéis à memória da harmonia entre nosso mundo e o mundo dos homens, quando chegar o momento, nós ajudaremos como pudermos.

James estava quase hipnotizado pela voz da dríade, mas sentiu uma sensação crescente de desamparo e frustração em suas palavras.
- Mas você disse que há uma oportunidade de evitar essa guerra. O que podemos fazer? Como podemos fazer que o único destino bom ocorra?
O rosto da dríade se suavizou. Seus grandes e líquidos olhos sorriam tristemente.
- Não há nenhuma maneira de prever o caminho de uma única ação. Poderia ser que o que o que já estão fazendo seja o que trará a paz. Também poderia ser que as muitas coisas que você faz pelo bem sejam as que resultarão na guerra. Você deve fazer o que sabe fazer, mas somente com uma mente limpa.
Zane arriscou uma risada ridícula.
- Isso ajuda muito, sensei.
- No tecido do destino há perigos maiores dos que você conhece, James Potter. - disse a dríade, deslizando para próximo de James de modo que sua luz brincou pelo rosto dele. - O inimigo de seu pai, e todos aqueles que o amavam, morreu. Mas seu sangue palpita dentro de um coração diferente. O sangue de seu maior inimigo ainda vive.
James sentiu que seus joelhos se afrouxavam.
- Vol... Voldemort? - sussurrou.
A dríade assentiu, aparentemente não indisposta a pronunciar o nome.
- Seu plano preferido foi frustrado para sempre por seu pai. Mas era infinitamente astuto. Preparou um segundo plano. Um sucessor, uma linhagem de sangue. O coração dessa linhagem bate hoje, neste momento, a não mais que uma milha de distância.
Os lábios de James tremiam.
- Quem? - perguntou com uma voz quase audível. - Quem é?
Mas a dríade já estava agitando a cabeça tristemente.
- Estamos impedidas de saber. Não de fora, mas de

dentro. Aquelas árvores que examinaram bem trabalham contra nós, obscurecem nossa visão, mantém muitas de nós adormecidas. Apenas podemos saber que esse coração está aqui, não mais. Você deve ser cauteloso, James Potter. A batalha de seu pai terminou. A sua começa.
A dríade estava se esvaindo. Seus olhos se fecharam bem na hora que era levada pelo nada, já parecia adormecida.
Ouviu-se um gemido rangente, depois um respingar da ilha.
- Bem. - disse Zane com alegria maníaca. - O que me diz de pularmos de volta ao ombro de nosso parceiro gigante e fazer desse lugar uma memória antes que ele faça o mesmo a nós?
Os três se encontraram com Tito Hardcastle antes de estarem a meio caminho de volta ao ponto de partida. Seu rosto parecia tempestuoso, mas tudo o que disse foi:
- Estão todos seguros?
- Seguros o bastante. - gritou Zane de cima dos ombros de Grope. - Mas deixe-me dizer que tivemos uma experiência estranha.
Grope agachou-se para permitir que Hardcastle subisse em suas costas.
- Então chega para todos, não é? - grunhiu Hardcastle.
Zane estendeu a mão, tentando ajudar Hardcastle a subir e quase conseguiu cair de seu lugar em invés disso.
- A propósito, o que era a coisa que você estava perseguindo? - disse, ofegando.
- Uma aranha. Um dos parentes do velho Aragogue, sem dúvida. Mantiveram-se tranqüilos nas duas últimas décadas, mas um tinha saído e achou um brinquedinho. Hardcastle ergueu algo no alto, e James viu que era a pequena videocâmara que o intruso estava utilizando no campo de quadribol. - Ainda funcionava quando alcancei o animal, a pequena tela estava toda iluminada.

Quebrou-se quando, eh, eu despachei a besta. Ao menos teve uma última e boa refeição.
James estremeceu-se involuntariamente enquanto Grope começava a abrir caminho entre os bosques.
- Realmente acha que... Ela devorou o cara?
Hardcastle imobilizou a mandíbula.
- O círculo da vida, James. Estritamente falando, no entanto, as aranhas não comem pessoas. Apenas sugam a seiva. Forma horrível de morrer, mas ao menos não dará mais problemas.
James não falou, mas tinha o pressentimento de que os reais problemas apenas estavam apenas começando.

Na quarta-feira pela manhã, James sentia-se indolente e irritado quando entrou no Salão Principal para o café da manhã. Era uma manhã totalmente monótona, com um céu baixo e contundido preenchendo a porção alta do Salão e uma fina neblina manchando as janelas. Ralf e Zane estavam sentados à mesa da Sonserina, Zane soprando seu tradicional café matutino e Ralf atacando uma laranja com uma faca de manteiga, cortando-a para descascá-la. Não pareciam estar falando muito. Zane não era tipicamente uma pessoa madrugadora, e estivera fora até tão tarde quanto James estivera. Nem Zane nem Ralf ergueram os olhos, e James alegrou-se. Ainda estava irritado e enojado com Ralf. Abaixo disso, no entanto, estava triste e magoado pela traição do garoto. Tentava não sentir ressentimento de Zane por se sentar com Ralf, mas estava demasiado cansado para fazer muito esforço, e o humor da manhã não estava ajudando.
James caminhou até a mesa da Grifinória, olhando para o estrado enquanto andava. Nem seu pai nem Tito

Hardcastle estavam à vista. James acreditava que, apesar do quão tarde haviam se deitado na noite anterior, já haviam levantando e feito sua refeição logo depois do amanhecer e já estavam prontos para suas tarefas matinais. O pensamento de que o dia de seu pai e Tito já estava a caminho, provavelmente cheio de reuniões excitantes e intrigas sigilosas, enquanto ele estava apenas tendo desjejum naquele momento a caminho de aulas e tarefas escolares obscuras, encheu-o de melancolia. Encontrou um assento rodeado por alegres grifinórios tagarelas, sentou-se, e começou a comer metodicamente, sem ânimo.

Na noite anterior, James ficara de pé com Tito Hardcastle, seu pai e a diretora McGonagall por quase duas horas após retornarem do perímetro do lago. Tito enviara um sinal com a varinha logo que alcançaram o castelo, convocando Harry, Ted, Prechka e a Hagrid de volta de sua procura. Quando todos estavam reunidos novamente ao lado da cabana de Hagrid, a diretora dispensou a Grope e Prechka, agradecendo formalmente a ambos pela ajuda e oferecendo um barril de cerveja amanteigada por seus esforços. Após isso, o grupo convergiu para dentro da cabana de Hagrid, reunira-se ao redor de uma mesa gigantesca e dura, bebendo o chá de Hagrid, o qual estava suspeitosamente turvo e acastanhado e provaram-no de forma vagamente medicinal, e evitando alguns biscoitos bastante envelhecidos.

Hardcastle falou primeiro. Explicou a todos os presentes como primeiro ouvira a aranha, e então a perseguiu, deixando James e Zane sob a proteção de Grope. Harry moveu-se em seu assento, mas refreou qualquer comentário. Afinal, havia sido ele quem pedira a James que se juntasse à expedição, e concordado, embora relutantemente, a companhia de Zane. A diretora lançou um olhar longo e penetrante para Harry quando vira Zane entrar na cabana. McGonagall se virou para

Hardcastle, perguntando como ele conseguira matar a aranha.
Os olhos miúdos e brilhantes de Hardcastle cintilaram um pouco quando disse:
- A melhor forma de matar a uma aranha que não cabe debaixo sua bota é arrancar-lhe as pernas. A primeira foi a mais difícil. Depois disso, fica cada vez mais fácil.
Hagrid passou uma mão pelo rosto.
- Pobre velho Aragogue. Se vivesse para ver a seu filhote se tornar selvagem, teria matado-o. O pobre só estava fazendo o que fazem as aranhas. Não podem culpá-lo.
- A aranha tinha a câmera do intruso. - disse Harry, olhando para o objeto quebrado sobre a mesa. As lentes estavam estilhaçadas e a pequena tela traseira estava rachada. - Então sabemos que o homem escapou pelos bosques do lago.
- Um modo repugnante para se morrer, quem quer que ele tenha sido. - disse McGonagall.
A expressão de Harry não mudou.
- Não sabemos ao certo se a aranha o pegou.
- Parece improvável que a coisa pedisse a ele a câmera emprestada para fazer filmes caseiros de suas crianças, não é mesmo? - retumbou Hardcastle. - As aranhas não são do tipo educado. São do tipo faminto.
Harry assentiu, ponderando.
- Provavelmente tem razão, Tito. Ainda assim, sempre existe a possibilidade de que o intruso deixasse cair a câmera e a aranha simplesmente a encontrasse. Não fará mal incrementar a segurança durante um tempo, Minerva. Ainda não sabemos como esta pessoa entrou, ou quem era. Até que nos informemos mais, temos de supor que há a um risco de violação existente.
- Eu estou particularmente interessada em saber como esta câmera pôde funcionar dentro dos terrenos. - fungou a diretora, olhando com dureza ao aparelho sobre a mesa. - É bem sabido que equipamento trouxa deste tipo não funciona no ambiente mágico da escola.

- Sem dúvida, senhora diretora, - retumbou a voz de Hardcastle. - mas se entende muito pouco a respeito. Os trouxas são infinitamente inventivos com suas ferramentas. O que uma vez foi verdadeiro pode ser que já não o seja. E todos nós sabemos que os feitiços protetores erguidos ao redor dos terrenos desde a Batalha não são tão perfeitos como aqueles mantidos pelo velho Dumbledore, que Deus descanse sua alma.
James pensou no *videogame* portátil de Ralf, mas decidiu não mencioná-lo. A videocâmara quebrada era toda a prova que precisavam de que, ao menos, alguns aparelhos modernos funcionavam nos terrenos da escola.
Finalmente, a atenção voltou-se para James e Zane. James explicou como Grope se afastara à procura de comida, e como os dois garotos o perseguiram, encontrando-o ao lado do lago e a pantanosa ilha. Zane interveio na conversa, então, descrevendo a misteriosa ilha e a ponte. Encobriu cuidadosamente a parte em que James tentara abrir os portais utilizando a magia, e James ficou feliz por isso. Parecia uma estupidez no mesmo momento em que o fez, e se arrependia disso. Mesmo assim, naquele momento, sentira como algo natural. Eles revezaram contando sobre a cabeça de dragão encantada da ponte que tentou devorá-los, e então o ataque das vinhas que quase os tinha empurrou para o escoadouro. Finalmente, James explicou a história do espírito da árvore.
- Náiades e dríades? - exclamou Hagrid com incredulidade. James e Zane se detiveram, piscando para ele. Hagrid continuou: - Bem, não são reais, são? São apenas histórias e mitos. Não são? - Dirigiu a última pergunta aos adultos presentes.
- Os bosques do lago são só uma extensão da Floresta Proibida. - disse Harry. - Se há um lugar onde coisas como as náiades e dríades podem existir, é lá. Ainda assim, se é verdade, não são vistas durante centenas de

anos. Evidentemente, pensávamos nelas como um mito.
- O que você quer dizer ‘se é verdade’? - perguntou James, um pouco mais alto do que pretendia. - Nós a vimos.  Ela falou conosco.
- Seu pai comporta-se como um auror, James. - disse McGonagall de forma apaziguadora. - Todas as possibilidades devem ser consideradas. Todos estavam sob grande tensão. Não é que não acreditamos em vocês. Simplesmente devemos determinar a explicação mais provável para o que vocês viram.
- Pois para *mim*, a explicação mais provável é que ela era o que disse que era. - resmungou James sob sua respiração.
Propositalmente, não contara a seu pai nem a nenhum dos outros adultos a última coisa que a dríade dissera, a parte sobre sucessor, o sangue do inimigo batendo em outro coração. Parte de sua relutância devia-se à lembrança das histórias de seu pai de como o mundo mágico tratara a ele, Harry Potter, quando saíra do labirinto do Torneio Tribuxo com a história sobre o retorno de Voldemort, como duvidaram dele e desacreditaram. Outro motivo era que seu pai nem sequer estava disposto a crer na parte sobre a dríade. Se ele duvidava disso, como poderia aceitar que a dríade previra o retorno de um novo tipo de Voldemort, através de um herdeiro, uma linhagem sangüínea? Mas o que fez James finalmente decidir não contar fora a lembrança das últimas palavras da dríade: *A batalha de seu pai terminou. A sua começa.*
A conversa seguira de forma monótona conforme todos os detalhes eram descritos e discutidos, e James crescentemente se entediava. Queria voltar para o castelo para que pudesse dormir, mas não mais que isso, queria tempo para pensar sobre o que a dríade dissera. Queria averiguar para o que servia a ilha, o que significava o poema no portal. Tentava lembrá-lo, desejando ardentemente escrevê-lo enquanto ainda

estava fresco em sua mente. Estava seguro, de certo modo, de que tudo se encaixava com a história de Austramaddux e a trama secreta dos sonserinos para trazer Merlim de volta e iniciar uma guerra final com o mundo trouxa. Nem sequer se perguntava mais se isso era verdade. *Tinha* que ser verdade, e estava disposto a evitá-la.

Finalmente, os adultos terminaram de falar. Decidiram que a misteriosa ilha, enquanto obviamente perigosa, era precisamente um dos muitos perigos misteriosos e inexplicáveis que faziam proibida a Floresta Proibida. A principal preocupação ainda era descobrir como o intruso entrara, e se assegurar de que ninguém mais era capaz de repetir isso. Com essa decisão, a reunião terminou.

A diretora McGonagall acompanhara James, Zane e Ted de volta para o castelo, instruindo-os para que fizessem o possível para manter os acontecimentos da noite em segredo.

- Especialmente você, Sr. Lupin. - disse severamente. - A última coisa que precisamos é você e sua turma de baderneiros correndo pelos bosques no meio da noite tentando imitar as experiências do Sr. Potter e Sr. Walker.

Felizmente, Ted sabia o bastante para não tentar negar a possibilidade de algo semelhante. Simplesmente assentiu com a cabeça e disse:  - Sim, senhora.

James apenas viu seu pai uma vez mais durante sua visita, e isso depois das aulas do fim da tarde, exatamente quando Harry, Tito e os funcionários do Ministério se preparavam para partir. Neville voltara a Hogwarts àquela tarde, e acompanhou a James ao

escritório da diretora para despedir-se de Harry e dos outros. O grupo planejava viajar através da Rede de Flu, como haviam chegado, e haviam escolhido a lareira da diretora para partir já que era a mais segura. Se parecia estranho a Neville que o escritório pertencia agora à sua antiga professora, a quem conhecera como *professora* McGonagall, ao invés de Alvo Dumbledore, ele não demonstrava. Mas fez uma pausa durante um momento ante o retrato do diretor anterior.

- Ele está fora outra vez? - perguntou a Harry.

- Acho que ele geralmente só dorme aqui. Há retratos de Dumbledore por todas as partes. - suspirou Harry. - Sem mencionar todos seus velhos cartões de Sapos de Chocolate. Ainda aparece nelas algumas vezes só por diversão. Guardo a minha em minha carteira, só para garantir. - Ele sacou sua carteira e mostrou um cartão velho dela. O espaço do retrato estava vazio. Harry sorriu a Neville enquanto a guardava de volta.

Neville aproximou-se do grupo reunido ao redor da lareira. Harry agachou-se ao lado de James.

- Eu queria agradecê-lo, James.

James escondeu o orgulho que se flutuava em seu rosto.

- Só estávamos fazendo o que você pediu que fizéssemos.

- Não quero dizer exatamente por ter vindo conosco e nos ajudar a descobrir o que estava acontecendo. - Disse Harry, pondo uma mão sobre o ombro de James. - Quero dizer por avistar o intruso no campo e apontá-lo para mim. E por estar alerta o suficientemente para vê-lo as outras vezes. Você possui bons olhos e uma mente alerta, filho. Não deveria estar surpreso, e não estou.

James sorriu amplamente.

- Obrigado, papai.

- De qualquer forma, não esqueça sobre o que conversamos na outra noite.

Lembra?

James lembrava.

- Nada de salvar o mundo sozinho.

*Contarei, pelo menos, com a ajuda de Zane*, pensou, mas não o disse, *e talvez também de Teddy, agora que Ralf me abandonou*.
Harry abraçou o filho, e James retribuiu. Sorriram um para o outro, Harry com as mãos sobre os ombros de James, e se endireitou, conduzindo James para a lareira.
- Diga à mamãe que estou me comportando bem e que estou comendo meus legumes. - instruiu James ao pai.
- E você está? - perguntou Harry, arqueando uma sobrancelha.
- Bem, sim e não. - disse James, um pouco desconfortável quando todos o olharam.
- Faça que seja verdade e digo a ela. - disse Harry, tirando os óculos e enfiando-os dentro de sua veste.
Momentos depois, o aposento ficou vazio exceto por James, a diretora McGonagall e Neville.
- Professor Longbotton, - disse a diretora. - suspeito que será melhor que o informe sobre tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas.
- Você se refere ao intruso no campus, senhora? - perguntou Neville.
A diretora pareceu notavelmente surpreendida.
- Entendo. Talvez simplesmente você possa me repetir, então. Conte-me o que você já ouviu, professor.
- Simplesmente isso, senhora. Corre o rumor entre os estudantes de que um homem foi visto ou capturado no campo de quadribol ontem. A teoria comum é que era um representante da comunidade de jogos de azar que ou reportava ou influenciava na partida. Puro disparate, claro, mas suponho que será melhor deixar que as línguas se remexam e inchem com uma história tão ridícula em vez de negar qualquer coisa.
- O Sr. Potter certamente, concordaria com você. - disse a diretora sutilmente. - Embora, já que necessitarei de seus serviços para incrementar a segurança dos terrenos, deveria explicar com precisão o que aconteceu. James, você não se importa esperar um

momento, certo? Não deterei ao professor por muito tempo, e depois ele acompanhará você de volta ao corredor. - Sem esperar resposta, ela virou-se para Neville, iniciando uma detalhada descrição da noite anterior.

James conhecia toda a história, claro, mas ainda assim pretendeu esperar próximo da porta, tão longe da conversa quanto fosse possível. Era incômoda e vagamente irritante. Sentia-se um tanto proprietário do intruso, tendo sido o primeiro a vê-lo, e tendo sido o que o apontara no campo de quadribol. Era como adultos a negar algo que uma criança diz, então, quando se provava que era verdade, tomavam totalmente o controle e descartavam ao menino. Compreendia que esta era outra razão pela qual não falara a nenhum adulto a respeito de suas suspeitas relacionadas ao complô sonserino sobre Merlim. Agora se sentia inclusive mais confiante de que devia manter o segredo, ao menos até que pudesse provar algo substancial.

James cruzou os braços e ficou incerto perto da porta, virando-se para olhar Neville, que estava sentado em frente à mesa da diretora, e McGonagall, que media os passos ligeiramente atrás enquanto falava.

- O que você está tramando, Potter? - uma voz baixa disse lentamente atrás de James, fazendo-o saltar. Ele virou-se inesperadamente, os olhos arregalados. A voz o cortou antes que pudesse responder. - Não pergunte quem sou e não desperdiça o tempo com um monte de mentiras sem propósito. *Você* sabe exatamente quem eu sou. E *eu* sei, ainda melhor que seu próprio pai, que você está *tramando* algo.

Era, naturalmente, o retrato de Severo Snape. Os olhos negros sondavam James friamente, a boca curvava-se para baixo num desdém conhecido.

- Eu... - começou James, e então se deteve, sentindo muito fortemente que se mentisse, o retrato saberia. - Não vou contar.

- Uma resposta mais honesta que qualquer daquelas que dava seu pai, ao menos. - disse Snape lentamente, mantendo a voz suficientemente baixa para não atrair a atenção de McGonagall ou Neville. - Uma pena que não esteja vivo ainda para ser diretor ou encontraria maneiras de arrancar a história de você de um modo... ou de outro.
- Bem, - sussurrou James, sentindo-se um pouco mais corajoso agora que o choque passara. - suponho que é uma sorte que já não seja mais o diretor, então. - Pensou que seria melhor dizer isso do que *é uma sorte que você esteja morto*. O pai de James tinha um grande respeito por Severo Snape. Inclusive tinha posto Severo como o nome do meio em Alvo.
- Não tente se fazer de esperto comigo, Potter. - disse o retrato, mas mais cansado do que furiosamente. - Você, diferente de seu pai, sabe suficientemente bem que fui um devotado aliado de Alvo Dumbledore e tão responsável da queda de Voldemort como ele. Seu pai acreditava que dependia inteiramente dele ganhar todas as batalhas. Era estúpido e destrutivo. Não pense que não vi aquele mesmo olhar em *seus* olhos há nem cinco minutos atrás.
James não conseguia pensar em nada para dizer. Apenas encontrou os olhos negros do retrato e franziu as sobrancelhas com teimosia.
Snape suspirou teatralmente.
- Siga seu caminho, então. Tal Potter, tal filho. Nunca aprendendo as lições do passado. Mas você saiba disto: estarei observando você, como fiz com seu pai. Se sua *inominável* suspeita é, contra toda probabilidade, precisa, tenha certeza que trabalharei pelo mesmo objetivo que você. Tente, Potter, não cometer os mesmos erros que seu pai. Tente não deixar que outros paguem as conseqüências de sua arrogância.
A última frase acertou James até o âmago. Supôs que Snape abandonaria a moldura de seu retrato após uma

salva como aquela, confiante de ter tido a última palavra, mas não o fez. Ele continuou, com o mesmo olhar penetrante no rosto, lendo James como um livro aberto. Ainda assim, não havia nada especificamente malicioso naquele olhar, apesar das palavras pungentes.
- Sim. - James finalmente encontrou sua voz. - Bem, lembrarei disso. - Era uma resposta penosa e ele sabia. Afinal de tudo, tinha onze anos apenas.
- James? - disse Neville atrás dele. James virou-se e olhou para o professor - Aparentemente você teve uma noite emocionante ontem. Estou curioso sobre as vinhas que atacaram vocês. Talvez você pudesse me contar algo mais sobre elas em alguma ocasião, certo?
- Claro - disse James, sentia os lábios entorpecidos. Quando se virou para a porta novamente, seguindo Neville afora, o retrato de Snape ainda estava ocupado. Os olhos o seguiram misteriosamente enquanto deixava o aposento.

# - CAPÍTULO 9 -

# O Debate da Traição

Zane continuava a se exceder no quadribol, e  a medida em que James se familiarizava com a rotina da escola o tempo parecia passar quase sem que ele notasse.
James continuava a sentir uma incômoda mistura de emoções com o sucesso de Zane. Ele ainda sentia a punhalada de ciúmes quando ouvia a multidão vibrar por um dos balaços bem arremessados de Zane, mas ele não poderia evitar sorrir pelo quanto o garoto adorava o esporte, o quanto ele se deleitava em cada partida, no trabalho de equipe e na amizade. Além disso, James estava ficando progressivamente confiante a respeito de suas próprias habilidades na vassoura. Ele praticava com Zane no campo de quadribol muitas vezes ao anoitecer, pedindo Zane que lhe ensinasse truques e técnicas. Zane, de sua parte, sempre se mostrava entusiasmado e

disposto, dizendo a James que este, definitivamente, faria parte do time da Grifinória no próximo ano.
- Então terei de parar de praticar com você e de dar vantagem, sabe. - disse Zane, voando próximo a James e gritando por cima rugido do ar. - Seria como confraternizar com o inimigo. - Como sempre, James não podia dizer se Zane estava brincando ou não.
James estava se divertindo em se tornar mais confiante sobre a vassoura, mas também estava surpreso em descobrir que adorava futebol. Tina Curry dividira toda a sua classe em times e organizou uma tabela de jogos casuais para que jogassem um contra o outro. Muitos estudantes compreenderam a conceitos essenciais do jogo e sendo competidores de coração, trabalharam para que houvesse partidas interessantes. Ocasionalmente um estudante esqueceria a natureza não-mágica do esporte e seria visto procurando freneticamente suas varinhas nos bolsos ou simplesmente apontando para a bola e gritando algo como *"Accio bola!"*, resultando na completa interrupção da partida enquanto todos riam. Uma vez, uma lufa-lufana simplesmente agarrara a bola em ambas as mãos, esquecendo-se das regras básicas do jogo, e a levou pelo campo como se estivesse jogando rúgbi. James descobriu, um tanto relutantemente, que a avaliação da Prof. Curry quanto às suas habilidades havia se tornado bastante precisa. Ele era natural. Consegui controlar a bola facilmente com as dicas de seus treinadores e ziguezagueava para cima e para baixo no campo. Seu nível de controle da bola era considerado o melhor entre os novos jogadores, e estava em segundo na lista de goleadores, somente superado pela sétimanista Sabrina Hildegard, que, como Zane, era nascida trouxa e diferente de Zane, jogara em ligas trouxas quando era mais nova.
James e Ralf, contudo, mal se falavam. A raiva e o ressentimento inicial de James diminuiu para uma teimosa indiferença. Alguma pequena parte dele sabia

que deveria perdoar Ralf, e até mesmo desculpar-se por gritar com ele naquele dia no Salão Principal. Ele sabia que se tivesse mantido a calma, Ralf provavelmente teria percebido o erro de ficar do lado de seus colegas sonserinos. Em vez disso, Ralf parecia sentir que era sua obrigação apoiar os sonserinos e o Elemento Progressivo tão seriamente quanto pudesse. Se não fosse pelo fato de que até mesmo o apoio de Ralf ser um tanto apático e triste, James acharia mais fácil ficar zangado com ele. Ralf usava os distintivos azuis e freqüentava as reuniões do debate na biblioteca, mas ele o fazia com uma atitude de tão persistente obrigação que isso parecia fazer mais mal do que bem. Se qualquer um dos sonserinos de fato falasse com ele, este erguia a cabeça e respondia com um ímpeto maníaco, então desinflava assim que eles desviavam a atenção. Machucava um pouco a James ver aquilo, mas não o suficiente para fazê-lo mudar sua atitude em relação a Ralf.

À noite em seu quarto ou a um canto da biblioteca, James estudava o poema que ele e Zane haviam visto no portal da Fortaleza da Gruta. Com a ajuda de Zane, anotou o poema memorizado e estava confiante que era preciso. Ainda assim, não conseguia entender muito. Tudo o que sabia com toda certeza era que as primeiras duas linhas se referiam ao fato de que a Fortaleza da Gruta apenas poderia ser encontrada à luz do luar. O restante era confuso. Ele continuou fixado sobre a linha onde se lia *Despertou de seu lânguido sonho,* perguntando-se isso se referia a Merlim. Mas Merlim não estava adormecido, estava?

- É como se ele fosse *Rip Van Winkle*[1]. - sussurrou Zane um dia na biblioteca. - Tirando uma soneca algumas centenas de anos sob uma árvore em algum lugar. - Zane tivera de explicar o conto de fadas de Rip Van Winkle e James o levou em consideração. Por ouvir as conversas de seu pai com outros aurores, ele sabia que muito da mitologia trouxa provinha de longos e distantes

encontros com bruxos. Histórias de sabedoria bruxa progrediram nos contos de fada trouxas, tornando-se estilizados ou alterados, e cresceram nas lendas e mitos. Talvez, James meditou, esta história sobre o dorminhoco que despertava centenas de anos depois, fosse uma imitação trouxa da história de Merlim. Entretanto, de modo algum isso levava James ou Zane próximos de compreender como possivelmente Merlim poderia retornar após tantos séculos, nem oferecia pista alguma sobre quem poderia estar envolvido em tal conspiração.

À noite, quando estava indo dormir, James freqüentemente se encontrava em seus pensamentos, retornando, estranhamente o bastante, para sua conversa com o quadro de Severo Snape, o qual dissera que estaria observando James, mas este não conseguia imaginar como. Havia somente um quadro de Snape nos terrenos de Hogwarts, até onde sabia, e estava no escritório da diretora. Como possivelmente Snape poderia estar vigiando James? Snape fora um bruxo poderoso, e um gênio em poções, segundo seu pai e sua mãe, mas como qualquer dessas coisas permitiria seu quadro ver pelo castelo? No entanto, James não duvidava de Snape. Se Snape disse que estaria observando-o, James estava seguro de que, de uma maneira ou de outra, era verdade. Foi somente duas semanas depois de dar voltas na cabeça sobre a conversa que tivera com Snape que James se deu conta da parte mais chocante sobre o assunto. Para Snape, diferente de James e do resto do mundo bruxo, isso era uma conclusão previsível de que James era exatamente como seu pai. *Tal pai, tal filho*, dissera ele, com desdém. Ironicamente, de qualquer forma, para Snape, se não para alguém mais, isso não era precisamente uma boa coisa.

Enquanto as folhas na Floresta Proibida começavam a se assentar nas cores marrom e amarela de outono, o azul do Elemento Progressivo aumentava pelos cartazes e

faixas para o primeiro debate com toda a escola. Como Ralf previra, o tema era *Reavaliação das suposições do passado: Verdade ou Conspiração.* Como se as palavras em si não fosse suficiente, o lado direito de cada faixa e cartaz comportava o desenho de um relâmpago que estava encantado para ser substituído por um ponto de interrogação a cada segundo. Zane, que, de acordo com Petra, era bastante bom em debater, disse a James que a comissão de debate escolar discutira durante bastante tempo sobre o assunto do primeiro evento. Tábita Corsica não estava na comissão de debate, mas sua colega, Filia Goyle, estava.

- Então, no fim - Zane relatara a James. - o grupo de debate resultou em um grande exemplo de democracia em ação: *eles* discutiram a noite inteira, então *ela* decidiu. - Ele sacudiu os ombros cansadamente.

A visão das placas e faixas e, especialmente, do relâmpago inequívoco, fez o sangue de James borbulhar. Vendo Ralf em uma escada terminando de pendurar uma das faixas exatamente do lado de fora da porta da classe de Tecnomancia era mais do que ele poderia suportar.

- Estou surpreso por você alcançar tão alto, Ralf - disse James, a fúria empurrando as palavras para fora. - Com mão de Tábita Corsica tão bem colocada em seu traseiro.

Zane, que estivera andando ao lado de James, suspirou e entrou na sala de aula. Ralf não havia notado James até que este falasse. Ele olhou para baixo, a expressão surpresa e ofendida.

- Que é que isso supostamente quer dizer? - reclamou ele.

- Quer dizer, eu pensaria agora, que você estaria cansado de ser a pequeno fantoche primeiranista dela. - James já se arrependia de ter dito qualquer coisa. O sofrimento sincero no rosto de Ralf o envergonhou.

Ralf aprendera seu mantra muito bem, apesar de tudo.

- As pessoas de sua laia são os controladores de fantoche, depredando os temores daqueles com mente

fraca para manter a demagogia do preconceito e injustiça. - Disse ele, mas sem muita convicção. James revirou os olhos e andou para dentro da sala de aula.
O professor Jackson estava ausente de seu assento usual atrás da escrivaninha de professor. James sentou-se ao lado de Zane na fileira frontal. Assim que se sentou, fez questão de contar piadas e rir com alguns grifinórios próximos, sabendo que Ralf estava observando pela entrada. O prazer que isso proporcionou a ele era vazio e rude, mas, apesar de tudo, era um prazer.
Finalmente, o aposento silenciou. James ergueu os olhos e viu o professor Jackson entrando, carregando algo sob o braço. O objeto era volumoso, achatado, e estava envolto por um tecido.
- Bom dia, turma. - disse ele em sua maneira usual e brusca. - Suas composições da última semana estão com suas notas sobre minha escrivaninha. Sr. Murdock, poderia distribuí-las, por favor? No geral, não estou terrivelmente desapontado, embora eu pense que a maioria de vocês possa estar aliviada de que, geralmente, Hogwarts não qualifique na curva.
Jackson cuidadosamente pôs seu pacote sobre a escrivaninha. Assim que desenrolou o tecido em volta, James conseguiu que se tratava de uma pilha de três pinturas particularmente pequenas. Pensou na pintura de Severo Snape e sua atenção despertou.
- Hoje é um dia para se tomar notas, posso assegurá-los. - Disse Jackson de forma ameaçadora. Ele organizou os quadros em uma fila diante da prateleira do quadro negro. A primeira pintura era de um homem magro com óculos do tamanho de olhos de coruja e uma cabeça quase completamente calva. Ele piscou em direção à classe, a expressão alerta e ligeiramente nervosa, como se esperasse que alguém, a qualquer momento, pulasse e gritasse *Buu!* para ele. A pintura seguinte estava vazia, mas exceto por um fundo de madeira bastante monótono. O último mostrava um palhaço

suficientemente apavorante de rosto pálido com um enorme e assustador sorriso vermelho pintado sobre a boca. O palhaço olhou de esguelha para a turma de forma estúpida e sacudiu um pequeno bastão com uma bola na extremidade. A bola, James notou com um calafrio, era uma versão diminuta da própria cabeça do palhaço, sorrindo ainda mais anormal.

Murdock finalizou a entrega dos papéis de todos e deslizou de volta ao seu assento. James olhou para sua composição. À frente, na perfeita letra corrida e inclinada para a esquerda de Jackson, estavam as palavras: *Morno, mas uma linha divisória convincente. Precisa trabalhar mais a gramática.*

- Como sempre, perguntas sobre suas notas devem ser submetidas a mim por escrito. Mais discussões serão feitas, quando necessárias, durante o tempo em que eu estiver em meu escritório, presumindo que nenhum de vocês lembre onde fique meu escritório. E agora, vamos prosseguir. - Jackson passeou lentamente ao longo da fileira de pinturas, gesticulando vagamente para elas. - Como muitos de vocês recordarão, em nossa primeira aula tivemos uma curta discussão liderada pelo Sr. Walker - ele tentou enxergar por baixo de suas espessas sobrancelhas em direção a Zane - a respeito da natureza da arte mágica. Expliquei que a intenção dos artistas é infiltrada na tela através de um processo mágico e psico-cinético, o que permite à arte assumir um aspecto superficial de movimento e atitude. O resultado é uma pintura que se move e imita a vida ao capricho do artista. Hoje, examinaremos um tipo diferente de arte, um que representa a vida de uma maneira inteiramente diferente.

Penas rabiscaram fervorosamente, enquanto a turma se esforçava para acompanhar o monólogo de Jackson. Como de costume, ele andava compassadamente enquanto falava.

- A arte da pintura mágica acontece de duas formas. A

primeira é simplesmente uma versão mais extravagante daquela que ilustrei em aula, que é a criação de uma imagem puramente imaginaria baseada na imaginação do artista. É diferente da arte trouxa apenas na medida em que as versões mágicas podem se mover e expressar emoções, baseada na intenção, e apenas dentro dos limites imaginativos, do artista. Nosso amigo, o Sr. Biggles aqui, é um exemplo. - Jackson gesticulou em direção à pintura do palhaço. - O Sr. Biggles, com gratidão, nunca existiu fora da imaginação do artista que o pintou. - O palhaço reagiu à atenção, inclinando-se na moldura, agitando os dedos de uma mão enluvada e o bastão na outra. A cabeça em miniatura do palhaço na extremidade do bastão mostrou a língua e cruzou os olhos. Jackson olhou furioso para a coisa por um momento, e então suspirou e começou a andar novamente.

- O segundo tipo de pintura mágica é muito mais preciso. Requer avançado conhecimento de feitiços e pinturas mescladas a poções para recriar um indivíduo ou criatura viva. O nome que a Tecnomancia dá a este tipo de pintura é *imago aetaspeculum,* o que significa... alguém pode me dizer?

Petra ergueu a mão e Jackson acenou para que continuasse.

- Quer dizer, eu acho, algo como uma imagem viva em um espelho, senhor?

Jackson considerou a resposta.

- Quase, Srta. Morganstern. Cinco pontos para a Grifinória pelo esforço. A definição mais precisa do termo é “uma pintura mágica que captura uma impressão viva do indivíduo que representa, mas confinada dentro do *aetas,* ou tempo, da vida do próprio sujeito”. O resultado é um retrato que, enquanto não contém a essência viva do sujeito, reflete cada caraterística intelectual e emocional do sujeito. Dessa forma, o retrato não é capaz de aprender nem evoluir

além da morte do sujeito, mas retém exatamente a personalidade do sujeito enquanto estritamente definida pelo tempo de vida dele ou dela. Temos aqui o Sr. Cornélio, por exemplo.
Jackson agora indicava o retrato do homem magro e bastante nervoso. Yarrow hesitou ligeiramente ao gesto de Jackson. O Sr. Biggles saltou freneticamente em sua moldura, ciumento pela atenção.
- Sr. Yarrow, quando você morreu? - perguntou Jackson, passando próximo ao retrato enquanto voltava a andar novamente pelo aposento.
A voz do retrato era fina como seu dono, com um tom agudo e nasal.
- Vinte de setembro, mil novecentos e quarenta e nove. Tinha sessenta e sete anos e três meses, arredondando, claro.
- E qual, como se eu precisasse perguntar, era a sua profissão?
- Fui tesoureiro da escola de Hogwarts durante trinta e dois anos. - Fungou o retrato.
Jackson virou-se para olhar a pintura.
- E o que você faz agora?
O retrato piscou nervosamente.
- Como?
- Digo, com todo esse tempo que agora você tem disponível. Faz muito tempo desde mil novecentos e quarenta e nove. O que você faz consigo mesmo, Sr. Yarrow? Desenvolveu algum passatempo?
Yarrow pareceu mastigar os lábios, obviamente assombrado e preocupado com a questão.
- Eu... Passatempos? Nenhum. Eu... Sempre gostei de números. Tendo a pensar sobre meu trabalho. Era o que sempre fazia quando não estava calculando os livros.
Pensava sobre os orçamentos, os números, e os calculava em minha cabeça.
Jackson manteve contato ocular com a pintura.
- Ainda pensa nos números? Passa seu tempo calculando

os livros de orçamento da escola como fazia em mil novecentos e quarenta e nove?
Os olhos de Yarrow reviraram para frente e para trás, observando a turma. Parecia sentir que estavam lhe armando uma armadilha de alguma forma.
- Eh... Sim. Sim, eu penso. É apenas o que faço, entende. O que sempre fiz. Não vejo razão para parar. Sou o tesoureiro, sabe. Bem, *era,* claro. O tesoureiro.
- Muito obrigado, Sr. Yarrow. Você esclareceu precisamente meu ponto. - disse Jackson, retomando seu circuito pela classe.
- Sempre feliz em ser útil. - disse Yarrow um pouco duramente.
Jackson dirigiu-se à classe novamente.
- O retrato do Sr. Yarrow, como alguns de vocês provavelmente sabem, normalmente está pendurado no corredor exatamente do lado de fora do escritório da diretora, juntamente a muitos outros antigos funcionários da escola e do corpo docente. Temos, contudo, o segundo retrato do Sr. Yarrow, um que normalmente está pendurado na casa de sua família. O segundo retrato, como podem adivinhar, é este aqui, ao centro.
Sr, Yarrow, por favor? - Jackson gesticulou em direção ao retrato vazio no centro.
Yarrow ergueu as sobrancelhas.
- Hum? Ah. Sim, claro.
Ele se moveu, colocou-se de pé, sacudiu alguns resquícios inexistentes de algodão de suas vestes elegantes, e então saiu cuidadosamente da moldura do retrato. Durante alguns segundos, ambos os quadros permaneceram vazios, então Yarrow apareceu no centro do retrato. Nesse estava usando roupas ligeiramente diferentes, e quando se sentou, posicionou-se em um ângulo, exibindo a protuberância de seu nariz no perfil.
- Obrigado novamente, Sr. Yarrow. - disse Jackson, inclinando-se contra sua escrivaninha e cruzando os

braços. - Embora haja exceções, tipicamente, um retrato apenas somente entra em atividade após a morte do sujeito. A Tecnomancia não consegue explicar porque isso acontece, salvo que parece responder à Lei da Conservação de Personalidades. Em outras palavras, um Sr. Cornélio em qualquer dado momento, falando de maneira cósmica, é suficiente. - Houve um murmúrio de risos suprimidos. Yarrow franziu as sobrancelhas enquanto Jackson continuava. - Um outro fator que entra em jogo uma vez que o sujeito está morto é a interatividade entre os retratos. Se há mais de um retrato de um indivíduo, eles tornam-se conectados, compartilhando um sujeito em comum. O resultado é um retrato *mútuo* que consegue manobrar de acordo com sua vontade entre suas molduras. Por exemplo, o Sr. Yarrow consegue nos visitar em Hogwarts, e então retornar para o retrato em sua casa quando desejar.

James se esforçava para escrever todos os comentários de Jackson, sabendo que o professor era famoso por criar testes de perguntas que exigiam o mínimo detalhe de uma aula. Contudo, ele estava distraído dessa tarefa, pensando no retrato de Severo Snape. James arriscou erguendo a mão.

Jackson o avistou e suas sobrancelhas ergueram-se ligeiramente.

- Alguma pergunta, Sr. Potter?

- Sim, senhor. Um retrato pode chegar a abandonar suas próprias molduras?

Pode, talvez, ir para uma pintura diferente?

Jackson estudou James por um momento, as sobrancelhas ainda erguidas.

- Excelente pergunta, Sr. Potter. Vamos descobrir, não? Sr. Yarrow, posso solicitar seus serviços mais uma vez?

Yarrow tentava manter a postura em seu segundo retrato, o qual era estudioso e pensativo, aparentando estar ligeiramente ausente. Seus olhos deslizaram para o lado, fitando Jackson.

- Suponho que sim. Como mais posso ajudar?
- Está ciente da pintura do bastante odioso Sr. Biggle na moldura próxima a você?
O Sr. Biggle reagiu à menção de seu nome fingindo um grande choque e desconfiança. Ele cobriu a boca com uma mão e piscou. A cabeça do palhaço em miniatura à ponta do bastão arregalou os olhos e assobiou. Yarrow suspirou.
- Sim, estou ciente disso.
- Poderia fazer a gentileza de adentrar a pintura por um momento, sim?
Yarrow virou-se para Jackson, os olhos aquosos ampliados por trás dos óculos.
- Mesmo que fosse possível, não creio que gostaria de estar em tal companhia.
Desculpe.
Jackson assentiu, fechando os olhos respeitosamente.
- Agradeço, eu não o culpo, Sr. Yarrow. Não, como podemos ver. Então, enquanto uma grande quantidade de magia é necessária para criar o *imago aetaspeculum,* este não é definido para permitir a um retrato adentrar a pintura de um sujeito puramente imaginário. Isso seria, de certa maneira, como você tentar se forçar pela ilustração de uma porta. Por outro lado, Sr. Biggles? - O palhaço saltou com entusiasmo à menção de seu nome mais uma vez, então olhou para Jackson com uma caricatura de intensa atenção. Jackson estendeu um braço em direção à moldura central. - Por favor, junte-se ao Sr. Yarrow em seu retrato, importa-se?
Cornélio Yarrow pareceu chocado, depois horrorizado, quando o palhaço saltou para fora da própria pintura e adentrou a sua. O Sr. Biggles aterrissou atrás da cadeira do Sr. Yarrow, agarrando-a à força e quase expulsando Yarrow do assento. Yarrow balbuciou quando Biggles se inclinou pondo sua cabeça sobre seu ombro esquerdo, e a cabeça diminuta do palhaço em miniatura sobre o direito, assobiando na orelha do homem.

- Professor Jackson! - exclamou Yarrow, a voz elevando-se consideravelmente e tremendo à beira do inaudível. - Exijo que você retire isso... essa imaginação febril de meu quadro, imediatamente!
A classe irrompeu em gargalhadas quando o palhaço saltou por cima do ombro do Sr. Yarrow e aterrissou em seu colo, atirando ambos os braços em volta do pescoço magro do homem. A cabeça diminuta do bastão do palhaço beijava Yarrow repetidamente no nariz.
- Sr. Biggles, - disse Jackson em voz alta. - é o suficiente. Por favor, retorne ao seu quadro.
O palhaço parecia indisposto a obedecer. Ergueu-se do colo do Sr. Biggle e escondeu-se elaboradamente detrás da cadeira do homem. Biggles espiava por cima do ombro esquerdo de Yarrow, a cabeça diminuta pelo esquerdo. Yarrow virou-se e golpeou o palhaço meticulosamente, como se fosse uma aranha pela qual estava averso a tocar, mas ansioso para exterminar. Jackson apresentou sua varinha - castanheira de trinta centímetros - de sua manga e apontou-a cuidadosamente para a moldura vazia do palhaço.
- Eu poderia alterar seu meio ambiente enquanto você está ausente, Sr. Biggles. Você precisará retornar para ela no final das contas. Preferiria encontrá-la repleta de algumas urtigas?
O palhaço franziu o cenho petulantemente por baixo da maquiagem e se colocou de pé. Aborrecido, saltou para fora do quadro de Yarrow e retornou ao seu.
- Uma regra geral muito simples. - disse Jackson, observando o palhaço lançar para ele um olhar extremamente asqueroso. - Uma personalidade unidimensional pode se unir ao ambiente de uma personalidade bidimensional, mas não ao contrário. Retratos são confinados em suas próprias molduras, enquanto sujeitos imaginários podem se mover livremente dentro e através de qualquer outra pintura que esteja ao derredor. Isso responde a sua pergunta, Sr.

Potter?
- Sim, senhor. - respondeu James, então disse depressa. - Mais uma coisa. Um retrato pode aparecer em mais de uma de suas molduras ao mesmo tempo?
Jackson sorriu para James simultaneamente franzindo o cenho.
- Sua curiosidade sobre o assunto não conhece limites, é o que parece, Sr. Potter. Na realidade, isso é possível, embora seja raro. No caso dos grandes bruxos, cujos retratos foram duplicados demasiadas vezes, é sabido que há alguma divisão de personalidade, permitindo que o sujeito apareça em várias molduras ao mesmo tempo. Esse é o caso de Alvo Dumbledore, como deve achar. Este fenômeno é extremamente difícil de medir, obviamente, depende inteiramente da habilidade dos bruxos que está no retrato. Isso é tudo, Sr. Potter?
- Professor Jackson? - disse uma voz diferente. James virou-se para ver Filia Goyle logo atrás, a mão erguida.
- Sim, Srta. Goyle. - disse Jackson, suspirando.
- Se entendo corretamente, o retrato conhece tudo o que o sujeito sabia, não é?
- Creio que isso seja evidente, Srta. Goyle. A pintura reflete a personalidade, conhecimento e experiências do sujeito. Nem mais, nem menos.
- Então, um retrato pode tornar alguém imortal? - perguntou Filia. O rosto dela, como sempre, estava estóico e impassível.
- Temo que você esta confundindo o que *parece* ser com o que *é*, Srta. Goyle, - disse Jackson, olhando Filia atentamente. - e isso é um erro terrível para uma bruxa cometer. Muito da magia e muito da vida em geral, devo adicionar, é relacionado, antes de qualquer coisa, à ilusão. A habilidade de separar a ilusão da realidade é um dos fundamentos básicos da Tecnomancia. Não, um retrato é meramente uma representação do sujeito que uma vez viveu, não mais vivo do que sua própria sombra quando cai sobre o chão. Não há maneira de acreditar

que isso prolongue a vida de um sujeito morto. Apesar das aparências, o retrato de um bruxo ainda é simplesmente uma pintura sobre a tela.
Assim que Jackson terminou de falar, ele virou-se em direção à pintura do Sr. Biggles. Com um ligeiro movimento, apontou sua varinha para a pintura, sem sequer olhá-la. Um jato de líquido claro e amarelado jorrou da extremidade da varinha e respingou sobre a tela. Instantaneamente, dissolveu a pintura. O Sr. Biggles parou de se movimentar enquanto sua imagem embaçava, então escorreu livremente pela tela. O cheiro inconfundível de terebintina encheu o aposento. A classe ficou mortalmente quieta.
O professor Jackson caminhou lentamente por trás de sua escrivaninha.
- Eu me imaginava um artista quando era jovem. - disse ele, estudando a ponta da varinha enquanto se virava. - O Sr. Biggles, horrendo como era, foi um de meus melhores trabalhos. Podem supor com liberdade que tipo de circunstância de vida puderam me conduzir a criar tal coisa, como eu mesmo esqueci. Pensei que tivesse esquecido o Sr. Biggles também, até encontrá-lo no fundo de um baú enquanto me preparava para minha viagem. Eu pensei - disse ele, dando uma olhada para a sujeira da moldura que gotejava sobre o chão. - que este seria um fim apropriado para ele.
Jackson se sentou, cuidadosamente pousando sua varinha no papel absorvente à sua frente.
- E agora, turma, que verdade da Tecnomancia podemos retirar do que acabei de explanar?
Ninguém se moveu. Então, uma mão ergue-se lentamente.
Jackson inclinou a cabeça.
- Sr. Murdock?
Murdock pigarreou.
- Não tente ser um artista se você supostamente pode ser um professo de Tecnomancia?

- Isso não é exatamente o que eu tinha em mente, Sr. Murdock, porém é uma verdade indiscutível, certamente. Não, a verdade que explanei é que, enquanto um bruxo pinta, um retrato ou outra coisa, na verdade está simplesmente pintando sobre a tela. - O olhar de Jackson percorreu a classe, até finalmente pousar em James. - Somente o artista original pode destruir sua pintura. Ninguém ou nada mais. A tela pode ser partida, a moldura destruída, e os suportes cortados, mas a pintura resistirá. Continuará a representar seu sujeito, não importa o que aconteça, mesmo em centenas de pedaços. Apenas o artista original pode destruir essa conexão, e uma vez que o faça, é destruída para sempre.
Quando a classe foi dispensada, James não pôde evitar atrasar o passo quando passou pela pintura destruída do Sr. Biggles. O rosto do palhaço era nada mais do que uma mancha cinza lamacenta no centro da tela. Tinta escorria da base da moldura, enlameando a bandeja do quadro negro, e gotejando para o chão, formando uma poça de branco e vermelho. James estremeceu, então continuou a andar. Imaginou que nunca olharia novamente uma pintura bruxa da mesma maneira. Enquanto caminhava para a próxima aula, passou por um quadro de muitos bruxos reunidos em torno de um globo gigantesco. Ironicamente, James notou que um dos bruxos, um homem sério de bigode preto e óculos, estava observando-o atentamente. James se deteve e se inclinou. O olhar do bruxo tornou-se mais rijo, os olhos penetrantes.
- Você não tem nada com o que se preocupar. - disse James serenamente. - Eu nem mesmo sei como se desenha. Arte é o departamento de Zane.
A pintura do bruxo fez careta para ele, irritada, como se James tivesse entendido tudo errado. Ele emitiu um barulho estranho e apontou na direção pela qual James vinha caminhando, como se dissesse *ande, você não tem nada para ver aqui.*

James retomou os passos para a aula de Feitiços, meditando vagarosamente sobre o bruxo na pintura. Parecia familiar, mas James não conseguia se lembrar. No momento em que adentrou a classe de Flitwick, James já havia esquecido a pintura do pequeno bruxo e seu olhar penetrante.

O dia do famoso primeiro debate escolar chegou e James se surpreendeu ao ver quantas pessoas estavam planejando assistir. Ele achava que debates eram tipicamente pequenos assuntos monótonos assistidos somente pelos grupos em si, alguns professores, e um punhado de estudantes com mente mais acadêmica. Durante o almoço naquela sexta-feira, de qualquer forma, o debate gerou o tipo de tensão tempestuosa que acompanhava certas partidas de quadribol. A única coisa que parecia estar esquecida, contudo, eram os ataques entre os partidários. Graças às faixas e placas cuidadosamente formuladas anunciando o debate, a população estudantil estava igualmente dividida entre duas visões de mundo que, aparentemente, não eram compatíveis em nível algum. O resultado foi uma tensão tétrica que preencheu os silêncios onde zombarias e insultos poderiam estar de outra forma. James não estava seriamente considerando assistir ao debate. Agora, contudo, percebeu que o resultado do evento provavelmente afetaria toda a cultura de Hogwarts. Por esta razão, sentiu-se na obrigação de ir, até mesmo por uma crescente curiosidade. Além disso, se Zane iria debater frente a uma grande porção da população escolar, parcialmente à defesa de Harry Potter, James sabia que seria importante que ele estivesse lá para mostrar seu apoio.

Após o jantar, James juntou-se a Ted e ao resto dos Malignos enquanto caminhavam em direção ao evento, juntamente com os demais estudantes.
O debate aconteceria no Anfiteatro, onde apresentações e concertos eram costumeiramente realizados. James nunca estivera no Anfiteatro antes. A área de assentos ao ar livre, entalhada na vertente atrás da torre leste, decrescia em terraços escarpados até um imenso palco. Enquanto James caminhava pelo arco abarrotado que se abria sobre a última fila de distribuição de assentos, percebeu que o palco abaixo estava quase vazio. Uma cadeira de espaldar alto de aparência oficial estava colocada na parte posterior central do palco, ladeada por dois pódios e duas longas mesas, com cadeiras arrumadas logo atrás. O professor Flitwick estava no palco, guiando um globo fosforescente no ar com sua varinha, colocando-o entre vários outros que brilhavam no palco em localizações estratégicas. A cabine da orquestra havia sido coberta com uma grande plataforma de madeira, e então arrumada com uma mesa de biblioteca e seis cadeiras. Zane explicara que os juízes sentariam ali. O barulho da multidão de estudantes era uma tagarelice abafada, quase perdida nos ruídos normais da tarde que emanavam das colinas turvas e a floresta próxima. Ted, Sabrina e Damian lideravam o caminho em uma fila a meio caminho da região central, juntando-se a um grupo de outros grifinórios. Noé já estava ali. Ele acenou para James assim que eles tomaram seus assentos.
- Saudação Maligna. - disse Noé, representando, com uma cara séria, uma complicada série de gestos manuais que envolviam a saudação tradicional com a mão na testa, o punho erguido, o sacudir de ambos os cotovelos que parecia um pouco com a dança de uma galinha, e finalizava com as duas mãos enquadrando o rosto, os dedos mínimos e polegares estendidos, aparentemente imitando as orelhas de um pequeno demônio.

Ted assentiu, respondendo apenas com um gesto de orelha demoníaca, o qual aparentemente era o sinal de resposta.
- Nossos amigos da GW cumpriram nosso pedido?
Noé assentiu.
- Fizemos um pequeno teste esta tarde sob circunstancias controladas. Parece até melhor do que eu esperava. E, - ele adicionou, sorrindo. - eles concederam seus serviços de graça. Jorge enviou um bilhete com o pacote, pedindo apenas que contássemos a ele exatamente como isso funciona.
Ted sorriu com bastante falta de humor.
- Daremos a eles um relatório completo de qualquer jeito.
James cutucou Ted.
- O que está acontecendo?
- James, meu garoto, - disse Ted, mapeando a multidão. - você sabe o que o termo “negação plausível” significa?
James sacudiu a cabeça.
- Não.
- Pergunte ao seu amigo, Zane. Foi inventado pelos americanos. Vamos apenas dizer que, às vezes, é melhor não saber de nada até após o fato em si.
James deu de ombros, achando que estava sentado perto da ação para saber, provavelmente antes que alguém mais, o que o os Malignos estavam tramando. Alguém próximo possuía um pequeno rádio sintonizado na Rede de Rádio Bruxa. A voz diminuta do locutor emitia um som distante, formando parte do ruído de fundo, até James ouvir a frase “Anfiteatro lotado”. Ele lançou seu olhar sobre os grupos amontoados próximo do palco, e então viu o que estava procurando. Um homem alto, usando um chapéu-coco púrpuro estava falando para a ponta de sua varinha. O ritmo de seu discurso lançava pequenas baforadas de fumaça da extremidade de sua varinha, fazendo com que formas de palavras surgissem enquanto flutuavam pelo ar. Em uma mesinha próxima

ao homem estava uma máquina que parecia algo como um toca-discos fora de moda com um enorme funil. As formas de palavras insubstanciais eram sugadas pelo funil imediatamente após saírem da varinha do homem. James nunca presenciara uma magia de transmissão em ação. Ele lia as palavras que o bruxo pronunciava um segundo após serem transmitidas para o rádio próximo.

- O curioso e o contencioso parecem ter se unido igualmente em rebanhos para o acontecimento de hoje à noite - disse o locutor - ilustrando o avançado debate sobre o atual mundo bruxo, tanto a diretriz ministerial e as práticas dos aurores se questionam com respeito à recente história da magia. Esta noite, através desta transmissão especial de *Notícias Mágicas da Atualidade*, veremos o que um dos mais afamados centros de aprendizagem mágica deste país pensa a respeito desses assuntos. Sou seu anfitrião, Myron Madrigal, falando em favor do patrocinador desta noite, *Polimento de Varinhas e Realçadores de Encantos Wymnot*: os melhores feitiços provêm de uma varinha Wymnot. Estaremos de volta para os comentários de abertura após esta importante mensagem.

O locutor girou um dedo em direção a um assistente, que cobriu o funil com um enorme êmbolo, então pôs uma gravação no dispositivo. Um comercial do *Polimento de Varinhas Wymnot* começou a tocar no rádio próximo. James estava preocupado pelo debate ser transmitido para mundo bruxo à solta, mas então decidiu que era melhor do que tê-lo analisado e relatado aos poucos por alguém como Rita Skeeter. Ao menos dessa forma, todos os argumentos poderiam ser ouvidos em sua plenitude. Apenas poderia esperar que Zane, Petra e seu grupo argumentassem bem contra Tábita Corsica e sua tramada agenda de dúvidas e meias verdades.

Exatamente quando o comercial de rádio terminou, Benjamin Franklyn aproximou-se do lado esquerdo do pódio sobre o palco. No rádio, a voz locutor falou em um

tom calmo.
- Em um ousado giro dos acontecimentos, o chanceler da escola de magia americana, Alma Aleron, a Benjamin Amadeo Franklyn foi pedido que celebrasse o debate de hoje à noite. Ele aproxima-se do pódio.
- Boa noite, amigos, estudantes e visitantes. - disse Franklyn, abrindo mão de sua varinha e elevando sua voz clara de tenor. - Bem-vindos ao debate inaugural estudantil de Hogwarts. Meu nome é Benjamin Franklyn, e estou honrado de ter sido escolhido para apresentar os grupos de hoje à noite. Sem mais atrasos, os Grupos A e B poderiam tomar seus lugares ao palco?
Um grupo de dez pessoas se colocou de pé na fila frontal. O grupo se dividiu, metade subindo para o lado direito e metade para o esquerdo. Eles se colocaram sobre as cadeiras atrás das duas mesas enquanto Franklyn os apresentava. O Grupo A era formado por Zane, Petra, Jennifer Tellus, um lufa-lufano chamado André Haubert, e um estudante de Alma Aleron chamado Geraldo Jones. O Grupo B, não de maneira surpreendente, era formado em sua maioria por estudantes quintanistas a setimanistas das Sonserina, incluindo Tábita Corsica, sua amiga, Tom Squallus, e dois outros, Urze Flack e Nolan Beetlebrick. A quinta pessoa à mesa, e o único mais jovem do que quinze anos, era Ralf. Ele sentou-se em sua cadeira tão rígido quanto uma estátua, fitando Franklyn como se estivesse hipnotizado.
- O debate de hoje à noite - Franklyn continuou, ajustando seus óculos quadrados. - como pode ser presumido pelos espectadores e pela imprensa, trata de temas opressivos e de largo alcance. Fora dito que divergir é a maior expressão de liberdade, e que o debate e o discurso são o combustível para que uma população honrada mantenha um governo justo. Estas são as suposições básicas que nos define, e esta noite veremos isso em ação. Vamos assumir uma atitude de

respeito e razão, sem levar em consideração nossas próprias opiniões, a fim de que o que ocorra aqui esta noite seja em benefício da escola e de todos que passaram por seus muros. Não importa o resultado - Franklyn se virou nesse momento, reconhecendo os dois grupos de debate sentados em cada lado - vamos sair daqui como entramos: amigos, colegas de turma, e bruxos companheiros.

Houve uma rodada de aplausos os quais, James pensou, soavam mais superficiais do que apreciativos. Franklyn retirou um papel de dentro das vestes e o examinou.

- Como foi determinado mais cedo nesta tarde por sorteio, - gritou em uma voz oficial. - o Grupo B é o primeiro a iniciar as declarações de abertura. Srta. Tábita Corsica, acredito, os representará. Srta. Corsica.

Franklyn afastou-se do pódio, tomando assento na cadeira de espaldar alto na parte de trás do centro do palco. Tábita aproximou-se do pódio esquerdo, as mãos vazias. Ele sorriu maravilhosamente para a multidão, parecendo se dirigir a cada pessoa individualmente.

- Amigos e colegas de turma, professores e membros da imprensa, eu posso ser ousada em começar a apontar que as observações de nosso estimado Prof. Franklyn, de fato, representa o mesmo coração do erro que sustenta nossa discussão esta noite?

A multidão reagiu com algo parecido com uma arfada coletiva ou suspiro de antecipação. Tábita aproveitou o momento para virar-se e sorrir em direção a Benjamin Franklyn.

- Com desculpas e respeito, professor.

Franklyn parecia completamente imperturbável. Ergueu uma mão para ela, com palma aberta, e assentiu. *Prossiga*, o gesto parecia dizer.

- Obviamente, decência e respeito devem ser uma regra durante um discurso como esse. - disse Tábita, retornando sua atenção para os espectadores. - Neste respeito, não poderíamos concordar mais com o

professor. Não, o erro está ma última sentença do Prof. Franklyn. Ele nos encoraja, mais que tudo, a lembrar que somos todos, no fim, companheiros bruxos. Amigos, este é o fundamento básico de nossa identidade? Se sim, então afirmo que somos os piores dos tiranos, a mais suja categoria de invejosos. Porque não somos, abaixo das varinhas e feitiços, mais humanos que bruxos? Permitir que sejamos antes de tudo definidos por nossa magia é negar a humanidade que compartilhamos em comum com o mundo não-bruxo. Pior é alegar, por omissão, ao resto da humanidade uma posição social mais baixa e menos importante que a nossa. Agora, não relaciono tais preconceitos ao Prof. Franklyn em particular. Tais preconceitos estão impregnados nos métodos e formas da política mágica atual como magia em uma vassoura. Não é a crença inata do mundo mágico que a humanidade trouxa é inferior à nossa, mas é o infeliz e inevitável resultado das atuais políticas ministeriais.

“Nosso argumento esta noite é que as suposições da classe dirigente conduziram a este preconceito. Estas afirmações possuem três vertentes. A primeira é que a Lei do Sigilo é um meio de proteção necessário contra um mundo trouxa supostamente incapaz de dividir nossa existência. Enquanto talvez necessária em uma época do passado, nós mantemos a Lei do Sigilo que agora é obsoleta, resultando apenas em uma sociedade segregada que nega injustamente os benefícios que os mundos mágico e trouxa poderiam obter um do outro”.

“A segunda suposição é que a história prova que a idéia de um congresso entre o mundo mágico e trouxa apenas pode resultar em guerra. Argumentaremos que essa declaração tem sido vastamente orquestrada baseando-se em uma série de incidentes históricos isolados não conectados que, por si mesmos foram desafortunados, mas relativamente importantes. O espectro do bruxo malvado todo-poderoso que busca dominar o mundo foi

colocado a lado do preconceito da debilidade mental do mundo trouxa, incapaz de aceitar a existência da sociedade mágica. Estas ameaças, nós insistimos, foram cultivadas pela classe mágica dirigente para manter uma cultura de medo, e dessa forma fortificando sua própria agenda de poder e controle".
"E na suposição final, desejamos questionar a existência da tão chamada arte das 'trevas'. Argumentaremos que a arte das 'trevas' é simplesmente uma forma complexa, ainda que às vezes perigosa, de magia, apenas considerada maligna porque geralmente era utilizada por aqueles que uma vez se opuseram à atual classe mágica dirigente. 'Trevas' é, em resumo, uma invenção do Departamento de Aurores, utilizada para justificar o sufoco de qualquer indivíduo ou grupo pelo qual a classe dirigente se sentisse ameaçada".
"Nós insistimos que essas três declarações formam os fundamentos das políticas de preconceito contra o mundo trouxa. Nosso objetivo é igualdade, e nada menos, para o mundo dos trouxas, como também para nós mesmos. Antes de tudo, antes de sermos bruxos, trouxa ou mágico, somos em primeiro lugar e principalmente... humanos".
Com isso, Tábita virou-se e caminhou de volta ao seu assento à mesa do Grupo B. Houve um momento de silêncio aterrador, então, para a consternação de James, a multidão irrompeu em aplausos. James olhou ao redor. Nem todos estavam aplaudindo, mas ao menos a metade, o fazia com um vigor sombrio.
- ... carregada de apoio dos estudantes reunidos, - ouvia-se a voz no rádio dizer. - enquanto a Srta. Corsica, o retrato da compostura e segurança, toma seu assento. A Srta. Petra Morganstern, capitã do Grupo A, agora se aproxima do púlpito...
Petra arrumou uma pequena pilha de notas sobre o pódio enquanto os ânimos morriam. Ela ergueu os olhos, sem sorrir.

- Senhoras e cavalheiros, companheiros de classe, meus cumprimentos. - disse ela, a voz precisa e ressonante. - Os membros do Grupo B declaram que há três pontos para seus argumentos, as “três suposições”. O Grupo A argumentará que há, na realidade, apenas uma “suposição” válida para o debate desta noite, sendo os outros argumentos completamente dependentes desta. Esta “suposição” é a noção de que a história, como uma ciência e um estudo, não é confiável. O Grupo B precisa nos convencer de que essa história, ao invés de ser confiável, é uma completa invenção, criada por idéias excêntricas e manipulações deliberadas de um pequeno grupo bruxos dirigentes inacreditavelmente poderosos. Tais indivíduos dirigentes devem ser poderosos sem dúvida, porque a história que supostamente inventaram está, de fato, ainda na memória de muitos daqueles ainda vivos hoje. Nossos pais e avós, professores, e sim, nossos líderes. Eles estavam lá quando esta história supostamente inventada ocorreu, nesses terrenos em que estamos.

“Usando a lógica do grupo B, a Batalha de Hogwarts tampouco nunca aconteceu ou ocorreu de maneira tão diferente tal que é completamente sem significado. Se assim é, então podemos então argumentar as suas outras “suposições”, como por exemplo, a afirmação que a Lei do Sigilo não é necessária e que a Magia das Trevas é uma invenção do Departamento de Aurores. Se, contudo, o registro histórico da ascensão do Lorde das Trevas e sua busca sangrenta pelo poder e domínio sobre o mundo trouxa são mostrados como precisos, o resto das afirmações do Grupo B decaem também. Assim, gastaremos todas as nossas energias apenas nesse argumento, com nossas desculpas ao Grupo B.

Houve outro de carregado silêncio, precipitado pela menção do Lorde das Trevas, então uma outra explosão de aplausos, igual à explosão anterior, mas repleta de gritaria e assobios.

- Uma curta, mas eficaz declaração de abertura pela Srta. Morganstern, - disse a voz do locutor. James viu o homem com chapéu-coco púrpuro e leu suas palavras enquanto fluíam de sua varinha para o funil transmissor. Aparentemente centrada em um ponto como resposta às três afirmações da Srta. Corsica. Este promete ser um diálogo direto e estimulante, damas e cavalheiros.

Durante os próximos quarenta minutos, os membros de cada grupo tomariam o pódio, oferecendo argumentos e contra-argumentos, todos cronometrados e celebrados pelo Prof. Franklyn. Aos telespectadores foi instruído que cessassem os aplausos, mas isso se tinha provado ser impossível de evitar. Mais uma rodada de aplausos foi ouvida para o argumento de um grupo, isso pareceu animar aos defensores do ponto de vista oposto para encorajar seu próprio lado também. A noite desceu sobre o Anfiteatro, em trevas ameaçadoras, com apenas uma pequena lua em forma de foice baixa no horizonte. Lanternas encantadas flutuavam sobre as escadarias e passagens, deixando a área de assentos nas sombras. O palco incandescia ao centro, iluminado como ao meiodia pela luz produzida pelos globos flutuantes fosforescentes do Prof. Flitwick. Zane contra-argumentava com Urze Flack, debatendo a afirmação de que os registros históricos sempre foram alterados pelos vitoriosos.

- Sou dos Estados Unidos, sabe. - disse Zane, dirigindo-se a Urze Flack do outro lado do palco. - Se sua declaração é verdadeira, é algo extraordinário sobre o que aprendi sobre o terrível passado de meu país, desde nosso tratamento aos índios americanos à caça às bruxas de Salém até aos tempos de escravidão. Se os vitoriosos constroem nossas histórias, como saberei se mesmo Thomas Jefferson uma vez possuiu escravos?

Benjamin Franklyn recuou quanto a isso, então assentiu lentamente, em incentivo. Os partidários do Grupo A aplaudiram de forma barulhenta.

Finalmente, sem resultados claros, os capitães de ambos

os grupos aproximaramse do pódio para os argumentos finais. Tábita Corsica ainda era quem iniciava.
- Aprecio - começou ela, olhando fixamente para Petra. - que minha oponente neste debate provou seu ponto de vista para restringir a discussão para este único e central dogma: de que a recente história do mundo bruxo foi aprimorada e moldada para instigar o terror de algum inimigo lendário e monstruoso. Para ser específico, eles levantaram continuamente a imagem do "Lorde das Trevas", como preferem chamá-lo. Se a Srta. Morganstern deseja evadir as outras facetas válidas da discussão desta noite, eu concordarei. Se, como parece, ela está desejando debater os detalhes da única figura sobre quem todos os outros detalhes giram em torno, vamos discutir o comportamento do Lorde Tom Riddle.
Suspiros distintos de surpresa e temor regaram a multidão à menção do nome de Voldemort. Até mesmo para Tábita Corsica, pensou James, trazer à tona o assunto Tom Riddle parecia um terrível risco, mesmo se ele fosse, de fato, o coração do assunto.
- "O Lorde das Trevas", como o Departamento de Aurores gosta de chamar Tom Riddle, - disse Tábita Corsica na calma escuridão. - foi realmente um poderoso bruxo, e talvez inclusive um desencaminhado. Exaltado demais, pode ter sido. Mas o que, realmente, sabemos ao certo sobre seus planos e métodos? A Srta. Morganstern simplesmente dirá que ele era maligno. Ele era um bruxo das "trevas", ela dirá, que desejava somente poder e morte. Mas na realidade existem pessoas assim? Talvez em revistas em quadrinhos. E na mente daqueles que geram medo. Mas existe alguém, na realidade, absoluta e irredimivelmente maligno? Não, sugiro que talvez Tom Riddle foi um bruxo desencaminhado, mas que possuía boas intenções cujo desejo pela igualdade entre trouxas e bruxos foi simplesmente uma noção demasiada radical para a classe mágica dirigente. Fizeram uma campanha muito cuidadosa de meias verdades e completas

mentiras, todas planejadas para desacreditar as idéias de Riddle e demonizar seus seguidores, os quais os meios de comunicação controlados pelo Ministério batizaram de “Comensais da Morte”. Apesar disso, as reformas de Riddle finalmente ganharam apoio suficiente para assumir o controle do Ministério durante um curto tempo. Somente após um cruel e sangrento enfrentamento de velhos poderes derrotaram Riddle e seus reformistas, assassinando Tom Riddle no processo e difamando o que ele apoiava tão cruelmente quanto puderam.

Assim que Tábita Corsica falou, um grunhido se propagou pela multidão reunida. O grunhido cresceu entre os gritos isolados de escândalo e demandas de “*Deixem-na falar!*”. Finalmente, da mesma forma que ela finalizou, a multidão irrompeu em um frenesi agitado que James achou assustador. Ele olhou em torno. Muitos estudantes haviam se colocado de pé e estavam gritando através das mãos em concha. Muitos subiram em seus assentos, batendo pesadamente com os pés e sacudindo os punhos. James não conseguia distinguir quem, entre a multidão, estava gritando a favor ou contra Tábita.

A essa altura do distúrbio, James teve a vaga sensação de que Ted Lupin e Noé Metzker estavam se agrupando em volta de algo. Repentinamente, houve uma explosão de luz ofuscante entre eles, o que os converteu em silhuetas recortadas. O raio de luz ascendeu, preenchendo o Anfiteatro com seu brilho. E por volta de três quilômetros de altura, a esfera de luz explodiu em milhares de luzes diminutas. A multidão aquietouse, estupefata, cada olho inclinado para o alto. As luzes diminutas flutuaram juntas, formando figuras. Houve um suspiro coletivo quando as luzes formaram a gigantesca imagem da lendária Marca Negra: um crânio com uma cobra contorcendo-se para fora da boca. Então, quase instantaneamente, a imagem foi subjugada pela figura de um moldado raio de luz. O raio parecia atacar o

crânio, o qual mordeu a cobra ao meio. A metade frontal da cobra girou morta, seus os olhos transformando-se em pequenas cruzes, e então o crânio partiu-se ao meio. O raio sumiu enquanto um letreiro disparou para fora do crânio partido:

*Você vai rir até por o crânio para fora*
*GEMIALIDADES WEASLEY*
*Localizada no Beco Diagonal e em Hogsmeade!*
*Encomendas são nossa especialidade!*

Houve um longo e silencioso momento de completo atordoamento enquanto todos fitavam as letras brilhantes. Então elas se afastaram e caíram, chovendo agradavelmente no Anfiteatro. Houve uma risada dissimulada em algum lugar.
- Bem, - disse o professor Franklyn, tendo se colocado de pé e se movido até o centro do palco. - isso foi, devo admitir, uma oportuna, e de certa forma estarrecedora, diversão. - Houve algumas risadas dispersas e envergonhadas. Lentamente, as pessoas começaram a retomar seus assentos. James virou-se em direção a Ted e Noé, que estavam entortando os olhos e parecendo extremamente confusos, cegos pelo pedido especial de fogos de artifício dos Irmãos Weasley.
- Malditos Weasley. Fizeram disso um serviço público de anúncio. - resmungou Ted.
Noé encolheu os ombros.
- Acho que é por isso que foram de graça.
- Damas e cavalheiros, - continuou Franklyn. - este realmente é um assunto que desperta muita paixão entre muitos de nós, mas não devemos nos deixar levar. A Srta Corsica fez algumas declarações que são, para muitos de nós, muito difíceis de ouvir. Contudo, este é um debate, e de onde eu vim, - disse ele com grande ênfase. - calamos um debate simplesmente porque um argumento nos incomoda. Espero que possamos completar essa

discussão com dignidade. De qualquer forma, estou certo de que a diretora concordará comigo que prolongar argumentos finais serão o único refúgio. Srta. Morganstern, acredito que seja sua vez.
Franklyn retomou seu assento, e James teve o pressentimento de que ele estava mais furioso do que fingia. Petra permaneceu parada atrás do pódio durante vários segundos, olhando para baixo. Finalmente, ergueu os olhos, obviamente abalada.
- Admito que não sei por onde começar em resposta à hipótese francamente incrível da Srta. Corsica. O Lorde das Trevas não foi meramente mal porque isso era conveniente para aqueles que estavam no poder chamá-lo assim. Ele utilizava métodos repulsivos para ganhar e manter o poder. Ele era conhecido por usar livremente, e por instruir seus seguidores a usar, todas as três Maldições Imperdoáveis. O Lorde Voldemort não estava mais interessado na igualdade trouxa do que... do que... - ela se deteve, titubeando. James pressionou seus lábios furiosamente. Sentia muito por ela.
Havia tantas mentiras a rebater. Qualquer deslize seria considerado como se ela estivesse relutante em admitir aquelas verdades.
- Srta. Morganstern, - disse Tábita, a voz suplicante. - você possui alguma base para essas afirmações, ou simplesmente está repetindo as coisas que foram contadas a você?
Petra examinou Tábita, o rosto pálido e furioso.
- Somente a totalidade da história registrada e as memórias vivas daqueles que experimentaram aquilo em primeira mão. - expeliu ela. - E cabe a você, sugiro, fornecer provas para suas declarações de que Lorde Voldemort não foi tudo o que os registros aceitos nos diz que ele foi.
- Já que menciona isso, - disse Tábita sem percalços. - acredito que há indivíduos aqui esta noite que testemunharam em primeira mão a Batalha de

Hogwarts. Podemos esclarecer as coisas agora mesmo, se desejarmos, entrevistando-os em pessoa. Isso não é uma sala de audiência, de qualquer forma, então simplesmente irei perguntar o seguinte: Alguém presente pode, alguém que estava na Batalha, negar que o próprio Lorde Tom Riddle declarou, de forma que todos pudessem ouvir, que ele deplorava a perda de qualquer vida na batalha? Alguém pode negar que ele implorou a seus inimigos para se reunir com seus líderes pessoalmente, de modo que aquela violência pudesse ter sido evitada?

Tábita espreitou os presentes. Houve perfeito silêncio exceto pelos zumbidos dos grilos e o rangido do vento nas árvores da Floresta Proibida.

- Não, ninguém pode negar isso porque é a verdade. - disse ela, quase com delicadeza. - Muitos morreram, obviamente. Mas é trivial que muitos morreram mais do que Lorde Tom Riddle desejava. Tudo porque aqueles que se opunham a ele não conseguiam tolerar que ele fosse conhecido como outra coisa a não ser um assassino louco.

Petra recuperou a compostura. Ela falava agora, clara e firmemente.

- E é a ação de um amante da paz procurar e matar pessoalmente a família de um bebê, e tentar matar o bebê também?

- Você fala de Harry Potter, então? - disse Tábita, sem perder um compasso. - O homem que, ironicamente, que por acaso é o Chefe do Departamento de Aurores?

- Você nega que isso seja verdade, então?

- Eu não nego nada. Simplesmente questiono e desafio. Sugiro apenas que a verdade é algo muito mais complexa do que nos é permitido acreditar. Exponho que as alegações de assassinatos a sangue frio e ataques a crianças, todas as quais são bastante e convenientemente improváveis, encaixam-se muito bem na doutrina de medo que nos governa durante esses

vinte anos.
- Como você ousa? - James ouviu sua própria voz antes que ele percebesse o que tencionava falar. Estava de pé, apontando para Tábita Corsica, tremendo em cólera. - Como ousa chamar meu pai de mentiroso? Aquele monstro matou os pais dele! Meus avós são *mortos* por causa dele, e você se coloca aí e nos diz que isso é algum tipo de história inventada! Como ousa? - Sua voz se rompeu.
- Sinto muito. - disse Tábita, e seu rosto era, na realidade, um retrato de compaixão. - Sei que você acredita que isso é verdade, James.
O professor Franklyn se colocou de pé e se adiantava, mas James gritou novamente antes que Franklyn pudesse falar.
- Meu pai matou seu grande herói! - gritou ele, os olhos borrados com lágrimas de fúria - Aquele monstro tentou matar meu pai duas vezes, a segunda vez porque meu pai mesmo se entregou a ele. Seu grande *salvador* era um *monstro*, e meu pai finalmente o derrotou!
- Seu pai, - disse Tábita, sua voz elevando-se e tornando-se austera. - Era um bruxo medíocre com um grande departamento de relações públicas. Se não fosse pelo fato dele ter sido rodeado por grandes bruxos todo tempo, nem conheceríamos seu nome hoje.
Com isso, a multidão explodiu novamente, ataques de ódio e gritos preencheram o espaço como um caldeirão. Houve uma confusão sobre o palco. James olhou e viu que Ralf, que nem sequer havia falado, levantou-se de um salto, derrubando sua cadeira. Tábita virou-se e olhou para ele, e ele encontrou os olhos dela por um segundo. *Sente-se,* balbuciou ela, os olhos lívidos. Ralf devolveu o olhar, então se virou decidido e abandonou o palco. James viu, e mesmo no centro de sua angústia e medo naquela quase baderna, seu coração se alegrou.
Não havia sentido em continuar com o debate. A diretora McGonagall se uniu ao professor Jackson sobre

o palco e ambos dispararam chamas vermelhas de suas varinhas, restaurando a ordem no Anfiteatro. Sem preâmbulo, a diretora instruiu todos os estudantes a retornarem imediatamente a suas salas comunais. O rosto dela estava inflexível e muito pálido. Enquanto a multidão murmurava e lamentava, concentrandose na entrada arcada de volta ao castelo, James avistou Ralf abrindo caminho na multidão em direção a ele. Moveu-se para o lado até o garoto enorme alcançá-lo.

- Não posso mais fazer isso. - disse Ralf a James, sua voz baixa e seus olhos abatidos. - Sinto muito por ela ter dito aquelas coisas terríveis e estúpidas. Você pode continuar me odiando se quiser. Mas não posso continuar com todo esse lixo de Elemento Progressivo. Não sei nada a respeito dele, na verdade, exceto que é trabalhoso demais ser tão... tão *político*.

James não pode evitar sorrir.

- Ralf, você é um cavalheiro. Eu não odeio você. Eu deveria me desculpar com você.

- Bom, vamos nos desculpar depois, certo? - disse Ralf, tomando seu caminho em direção à passagem arcada com James seguindo seu rastro. - Agora, eu só quero dar o fora daqui. Tábita Corsica está me perfurando com os olhos desde que deixei o palco.

Além disso, Zane diz que Teddy nos convidou para ir à sala comunal de vocês. Ele quer festejar por ter vencido um membro do Grupo B.

- Isso não vai incomodar você? - perguntou James.

- Nada. - respondeu Ralf, encolhendo os ombros. - Vale a pena. Os grifinórios possuem os melhores aperitivos.

[1]Referências culturais: Rip Van Winkle trata-se do personagem de uma narrativa curta criada por Washington Irving em seu livro *The Sketch Book* (O Livro de Esboços). Nele, Rip Van Winkle é um homem que, fugindo de sua esposa má, corre até uma floresta e, após muitas aventuras, põe-se a descansar debaixo de uma árvore umbrosa e adormece. Vinte anos depois acorda e decide regressar a sua vila. Ele coloca-se imediatamente em

dificuldades quando ovaciona George III, não sabendo que, entretanto, tinhase realizado a Revolução Americana e que já não se devia mais saudar a Monarquia. A perspectiva do conto refere-se também àquelas pessoas que dormem por muito tempo ou não se dão conta de que certas coisas mudaram.

# - CAPÍTULO 10 -

# Férias no Largo Grimmauld

Na segunda-feira seguinte, James, Zane e Ralf ficaram de pé do lado de fora da porta da classe de Transfiguração Avançada da diretora McGonagall até que o último de seus alunos saísse e ela estivesse reunindo suas coisas.

- Entrem, entrem. - disse ela para os três garotos sem erguer os olhos - Parem de se esconderem aí do lado de fora como abutres. Como posso ajudá-los?

- Senhora diretora, - começou James hesitantemente. - queremos conversar com você sobre o debate.

- Você quer? Agora? - perguntou ela, erguendo os olhos para James durante um momento, e então pondo sua bolsa sobre o ombro. - Que nada! Não consigo imaginar

a razão. Quanto mais breve esquecermos todo aquele fiasco, melhor.
Os garotos se dispersaram para seguir a diretora enquanto ela caminhava em direção à porta.
- Mas ninguém o está esquecendo, senhora. - disse James rapidamente. - Foi do que todos falaram durante toda semana. As pessoas estão realmente muito agitadas por isso. Ontem quase aconteceu uma briga no pátio, quando Mustrum Jewel ouviu Révis McMillan chamar Tábita Corsica de mentirosa ridícula. Se o Prof. Longbottom não estivesse por perto, Mustrum provavelmente teria acabado com Révis.
- Aqui é uma escola, Sr, Potter, e uma escola é, em sua mais simples forma, um lugar onde jovens se reúnem. Jovens são, ocasionalmente, propensos a ter disputas. Isso é o porquê, dentre outras razões, de Hogwarts empregar o Sr. Filch.
- Não era uma disputa, senhora. - disse Ralf, seguindo a diretora pelo corredor afora. - Eles estavam realmente malucos. Loucos imbecis, se você sabe o que quero dizer. As pessoas estão perdendo o controle com essa coisa toda.
- Então, como o Sr. Potter diz, sorte que o Prof. Longbottom estava por perto. Não consigo ver, precisamente, qual é o seu problema.
Zane trotava para acompanhar os passos largos da diretora.
- Bem, o negócio é, só estávamos nos perguntando porquê você está deixando tudo isso acontecer? Digo, você estava lá quando a Batalha aconteceu. Você sabe como esse tal de Voldemort era. Você poderia dizer a todos como aconteceu e pôr Tábita Corsica no lugar dela, simples como você quiser.
McGonagall se deteve repentinamente, fazendo os garotos tropeçarem para pararem próximos a ela.
- Devo perguntar, o que vocês três desejariam que eu fizesse? - disse ela, baixando a voz e olhando para cada

um. - A verdade sobre o Lorde das Trevas e seus seguidores tem sido conhecimento comum durante trinta anos, desde que ele assassinou seus avós, Sr. Potter. Vocês acham que eu repetindo isso mais uma vez irá dissipar toda a multidão de revisionistas que existe hoje, não somente dentro desta escola, mas por todo o mundo bruxo? Hum? - Os olhos dela eram como lascas de diamante quando os fitava. James percebeu que ela, de fato, ainda mais agitada com o debate do que eles. - E suponham que eu convoque a Srta. Corsica para minha sala e a proíba de disseminar todas essas mentiras e distorções. Vocês acham que este "Elemento Progressivo" deles irá simplesmente desistir? E quanto tempo vocês acham que passaria antes de estarmos lendo um artigo no *Profeta Diário* sobre como a administração de Hogwarts está trabalhando com o Departamento de Aurores para sufocar "o livre intercâmbio de idéias nos terrenos da escola"?

James estava impressionado. Ele presumira que a diretora estava cedendo ao desejo de Tábita Corsica por alguma razão, permitindo, durante um tempo, que continuasse sua farsa. Simplesmente não lhe ocorrera a ela que McGonagall pudesse, de fato, ser capaz de falar sobre o problema sem torná-lo pior.

- Então que fazemos, senhora? - perguntou James.

- Nós? - disse McGonagall, erguendo suas sobrancelhas. - Meu caro, James, eu admito que você me impressiona. Apesar do que você acredita, o futuro do mundo bruxo, de fato, não descansa sobre o seu ombro e de seus amigos. - Ela viu a expressão aborrecida no rosto dele, e então ela lançou a ele um dos seus raros sorrisos. Ela inclinou-se um pouco para falar mais conspiradora, dirigindo-se a todos os três garotos. - A memória revivida do Lorde das Trevas não é uma preocupação demasiadamente grande para aqueles que uma vez encararam a coisa viva. Isso é um capricho na mente de uma população instável, e por mais irritante que possa

ser, passará. Por enquanto o que vocês podem fazer é assistir às suas aulas, fazer suas tarefas escolares, e continuar a serem os garotos perspicazes e de bom ânimo que vocês obviamente são. E se alguém ao redor tentar dizer que Tom Riddle foi um homem melhor que Harry Potter, vocês tem minha permissão, inclusive minha instrução, de transfigurar os sucos de abóbora desses indivíduos em água pestilenta. - Ela olhou seriamente para os três garotos, um por um. - Apenas digam a eles que aconselhei vocês a praticarem esse feitiço em particular. Entenderam?
Zane e Ralf sorriram um para o outro. James suspirou. McGonagall assentiu de forma curta, endireitou-se e continuou o seu caminho rapidamente. Após cinco passos, ela virou-se novamente.
- Ah, e garotos?
- Sim, senhora? - disse Zane.
- Dois toques rápidos e a palavra **“***nargulamonias***”.** Ênfase na primeira e terceira sílaba.
- Sim, senhora! - respondeu Zane novamente, sorrindo.

O ano escolar transcorreu através de outono, aproximando-se das férias de inverno. O campo de futebol tornou-se um tapete de folhas, que eram pisadas e esvoaçavam sob os pés dos times da professora Curry, de Estudo dos Trouxas. O torneio não oficial de futebol finalizou com o time de James vencendo. O próprio James marcou o gol de vitória, seu terceiro do dia, contra o goleiro Horácio Birch, o Maligno da Corvinal. O time se juntou ao seu redor, saltando e gritando como se tivessem acabado de conquistar a Taça das Casas. De fato, o time da casa vencedora recebeu a recompensa de cem pontos da professora Curry, sendo este o melhor

prêmio que ela poderia oferecer. O time circundou James, arremessando-o em seus ombros e carregando-o para o pátio como se ele estivesse acabado de retornar da caça bem-sucedida de um dragão. Ele sorria tanto que suas bochechas ficaram vermelhas como beterraba no vento fresco de outono, e seu ânimo estava maior do que estivera todo o ano.

A rotina de aulas e tarefas escolares, as quais haviam sido assombrosas durante as primeiras semanas, tornaram-se tediosas e previsíveis. O professor Jackson designou intermináveis e aterradoras composições e realizava inocentes exames surpresa para a classe a cada poucas semanas. Zane contava a James e Ralf histórias divertidas de confrontos entre a professora Trelawney e Madame Delacroix durante à terça-feira no Clube de Constelações, o qual, como a aula de Adivinhação, ambas as professoras compartilhavam. No campo de quadribol, James continuava a avançar em suas habilidades na vassoura como a ajuda de Ted e Zane até ele começar a sentir cuidadosamente confiante que poderia, de fato, fazer parte do time da Grifinória no próximo ano. Começou a imaginar quão valioso seria se destacar nos testes de aptidão do próximo ano e fazer com que todos esquecessem suas tentativas de primeiro ano. Zane, por sua vez, continuava a voar consideravelmente bem para a Corvinal. Baseando-se em seus únicos antecedentes trouxas, inventou um movimento o qual chamou de “zunindo a torre”, no qual ele atirava um balaço em torno da cabine de imprensa, deixando-o reunir velocidade enquanto circulava de volta, e então o encontrando do outro lado, golpeando-o novamente para adicionar mais velocidade e um pouco de direção. Utilizando esse truque, conseguira derrubar completamente dois jogadores de suas vassouras, enviando-os para algumas arrependidas visitas na ala hospitalar.

A vida de Ralf na Sonserina tornara-se dura durante um

tempo. Tábita nunca falara, de fato, com ele a respeito de sua deserção do palco de debate ou de seu abandono das reuniões do Elemento Progressivo. James e Zane concluíram que ele havia deixado de ser útil para ela quando voltou a ser amigo de James. Finalmente, os sonserinos veteranos simplesmente esqueceram de James, com a exceção de alguns olhares indiferentes e comentários nocivos na sala comunal da Sonserina. Então, de maneira surpreendente, Ralf começou a ser amigo de alguns sonserinos primeiranistas e segundanistas. Diferente dos que usavam os distintivos azuis, nenhum deles parecia ter todo aquele interesse no amplo mundo das políticas e causas. Sem dúvida, havia uma espécie de astúcia suspeita inclusa nos sonserinos quintanistas, mas dois deles pareciam genuinamente gostar de Ralf, e inclusive James teve de admitir que eram engraçados, de uma maneira duplamente entusiasmada.

Defesa Contra as Artes das Trevas tornou-se a aula favorita de James, Zane e Ralf. O professor Franklyn lecionava uma aula demasiadamente prática, com histórias excitantes e exemplos reais extraídos de suas próprias longas e admiráveis aventuras. James, sem surpreender ninguém, era um ótimo duelista. Ele admitiu, com um sorriso tímido, que havia aprendido muitas técnicas defensivas com seu pai. Ninguém, contudo, incluindo James, estava disposto a enfrentar Ralf em um duelo. As habilidades da varinha extraordinariamente errante de Ralf quando se tratava de lançar feitiços defensivos. A primeira vez que duelara, tentara um simples *expelliarmus* em Vitória. Ele sacudiu sua varinha, de maneira um pouco selvagem, e um raio azul irrompeu da extremidade, chamuscando o cabelo de Vitória de modo que uma tira áspera e calva correu diretamente através do alto de sua cabeça. Ela tapeou com a mão, em seguida seus olhos quase ejetaram das órbitas. Ela gritou enraivecida e teve de

ser impedida de saltar em Ralf por três estudantes, que eram três vezes seu tamanho. Ralf se afastou, desculpando-se abundantemente, sua varinha ainda soltando fumaça.
Somente uma vez, em uma noite na sala comunal da Corvinal, alguém teve a ousadia de mencionar o debate a James, Zane e Ralf. Eles estavam finalizando seus deveres escolares quando um enorme quartanista chamado Gregório Templeton sentouse à mesa em frente a eles.
- Ei, vocês estavam naquele debate, não? - disse ele, indicando Zane e Ralf.
- Sim, Gregório. - disse Zane, enfiando seus livros na mochila. Sua voz denunciando sua antipatia pelo garoto.
- Você era aquele que estava na mesa com Corsica, certo? - disse Gregório, virando-se para Ralf.
- É. Sim, - disse Ralf. - mas...
- Diga que ela está certa, sim? Li um livro que conta tudo sobre a coisa toda. Chama-se *A Trama Dumbledore* que diz tudo como o velho e aquele Harry Potter inventaram tudo, do começo ao fim. Sabiam que eles inventaram toda a história sobre Riddle e as Horcruxes na noite em que o velho morreu? Inclusive alguns dizem que foi o próprio Harry Potter que o matou, uma vez que concluíram tudo.
James se esforçou para controlar seu temperamento. Ele olhou de maneira igualitária para Gregório.
- E você sabe quem eu sou?
Zane encarava com dureza para a garrafa que Gregório segurava.
- Ei, - perguntou com forçada casualidade, sacando sua varinha às escondidas. - o que você está bebendo?
Noventa segundos depois, James, Zane e Ralf se dispersaram enquanto Gregório cuspia água pestilenta por toda a mesa da sala comunal.
- Praticando! - gritou Zane, abaixando-se por baixo dos braços estirados de Gregório. - Eu juro! Eu devia

praticar aquela transfiguração! Sua bebida estava justamente no caminho! Pergunte a McGonagall!
Os três garotos escaparam com êxito do aposento, gargalhando barulhentamente na confusão que se sucedia.

Próximo do feriado de Natal, James estava pronto para um descanso. Após o almoço em seu último dia de aula, James subiu para o dormitório da Grifinória para arrumar suas malas. O céu lá fora estava fresco e cinzento, fazendo-o desejar a lareira magnífica que continha o Largo Grimmauld, número doze, e um dos chocolates quentes demasiadamente complicados de Monstro, o qual consistia, na última contagem, em quatorze ingredientes sem nome, incluindo, ele se assegurou, de pelo menos uma pitada de chocolate autêntico.
- Ei, James, - a voz de Ralf chamou das escadas. - está aí em cima?
- Sim! Suba, Ralf!
- Obrigado. - ofegou Ralf, subindo os degraus. - Subi com Petra depois do almoço. Ela disse que você estaria arrumando as malas. Suponho que todos estão entusiasmados para ir.
- Sim! Todos irão à antiga sede para as férias este ano. Os tios Jorge e Rony, as tias Hermione e Fleur, Teddy e sua avó, Vitória, inclusive Luna Lovegood, que você não conhece, mas você ficaria entusiasmado com ela. Ela é a adulta mais esquisita que já encontrei, mas de uma boa maneira. Na maioria das vezes. De qualquer forma, o vovô e a vovó não estarão lá. Eles estão visitando Carlinhos e todo mundo em Praga este ano.
Ainda assim, acho que Neville estará lá. Digo, o Prof.

Longbottom.
Ralf assentiu de mau-humor, fitando o baú de James.
- Parece ótimo. Sim, bem, espero que você tenha um feliz Natal e tudo mais, então.
James parou de arrumar suas coisas, lembrando-se que o pai de Ralf estava viajando a negócios durante as férias.
- Ah, sim. Então o que você fará, Ralf? Passará o Natal com seus pais ou outra coisa?
- Hum? - disse Ralf, erguendo os olhos. - Ah. Nada. Parece que ficarei rodando por aqui durante as férias. Zane não partirá até a próxima semana, então ao menos o terei para andar por aí durante a semana. Depois disso... bem, eu verei o que farei comigo mesmo. - ele suspirou.
- Ralf, - disse James atirando um par de meias despareadas em seu baú. - você quer vir e passar o Natal comigo e minha família?
Ralf tentou parecer surpreso.
- O quê? Não, não, eu nunca iria querer atrapalhar a reunião de sua grande família, sabe... Eu não poderia. Não...
James franziu o cenho.
- Ralf, seu estúpido, se você não vier para casa comigo, irei pessoalmente lançar transfigurações aleatórias em você com sua própria varinha. Que tal isso, então?
- Bem, não precisa ficar agressivo por causa disso! - exclamou Ralf, então seu rosto quebrou-se em um sorriso. - Seus pais não se importarão?
- Não. Pra falar a verdade, com todas as pessoas que entrarão e sairão daquele lugar, não tenho certeza se eles vão ao menos notar.
Ralf revirou os olhos.
- Estou me referindo sobre eu ter estado no... sabe, do lado errado do debate e tudo mais.
- Eles escutaram pelo rádio, Ralf.
- Eu sei!
- E você nunca disse uma palavra.

Ralf abriu a boca, e então fechou. Pensou durante um momento. Finalmente, ele sorriu e caiu subitamente sobre a cama de Ted.
- Ah, certo. Então você diz que Vitória estará lá?
- Não venha com idéias. Ela é parte *veela*, você sabe. Ela lança mau-olhado em qualquer cara que chegue três metros dela.
- Eu apenas queria tentar que ela me perdoasse. Você sabe, sobre o incidente ocorrido na aula de D. C. A. T.
James fechou seu baú.
- Ralf, camarada, quanto menos falar a respeito, melhor.

Na manhã seguinte, havia poucas pessoas no café da manhã. Uma grossa camada de orvalho havia caído mais cedo desenhando folhas de samambaia nos cantos das janelas e fornecendo visões além de um branco fantasmagórico. James e Ralf chegaram ao mesmo tempo e encontraram Zane na mesa da Corvinal.
- Você é um cara de sorte, Ralf. - disse Zane irritadamente, aconchegando-se em torno de sua xícara de café. - Estou me matando para ver como é um Natal mágico.
- Para falar a verdade, - disse James, servindo-se de suco de abóbora. - duvido que seja como você imagina.
- Talvez você esteja certo. Inclusive nos melhores momentos, eu devo admitir, parece um pouco com o Dia das Bruxas por aqui.
- Ei, Ralf, - disse James, acotovelando o garoto maior. - espere até você ver nosso tradicional desfile Natalino de vampiros! Teremos pirulitos recheados com morcego para comer e beberemos chocolate quente de crânios de elfo!
Ralf pestanejou. Zane pareceu irritado e revirou os

olhos.
- Está bem, sim, seu engraçadinho.
- Vamos lá - disse Ralf, finalmente entendendo a piada. - Você terá um ótimo Natal com sua família. Ao menos você verá seus pais.
- Sim, claro. Um vôo de oito horas de volta aos Estados Unidos com minha irmã, Greer, incomodando-me o tempo inteiro sobre a vida naquela escola de magia maluca.
Ela ficará desapontada em saber que a única maneira pela qual posso atacar as coisas com minha varinha é golpeá-las com ela.
- De maneira alguma somos permitidos a praticar magia fora de Hogwarts. - disse Ralf de forma instrutiva.
Zane o ignorou.
- E então o Natal com meus pais e todos os meus primos em Ohio. Vocês não têm idéia de que tipo de loucura isso sempre foi.
James não conseguiu evitar perguntar.
- Como assim?
- Imagine toda a cena do Natal tradicional americano, pintada ao estilo Norman Rockwell, certo? - disse Zane, erguendo os braços como se emoldurasse um quadro. – Abrindo presentes, trinchando peru, e cânticos próximos à árvore de Natal. Entenderam? - James e Ralf assentiram, tentando não sorrir da expressão séria de Zane.
- Tudo bem. - Zane continuou. - Agora imagine *hinkypunks* ao invés de pessoas. Vocês conseguem pegar a idéia.
James explodiu em risos. Ralf, como de costume, apenas pestanejou e olhou para frente e para trás entre os outros dois garotos.
- Isso é fantástico! - assoviou James.
Zane sorriu relutantemente.
- Sim, bem, é bastante engraçado, eu acho. Os gritos e arranhões, todos esses pedaços diminutos de presente

voando por todos os lados, aterrissando na lareira e quase queimando o local completamente.
- O que é um *hinkypunk*?
- Pergunte ao Hagrid na próxima aula de Trato das Criaturas Mágicas. - disse James, ainda rindo. - Tudo fará sentido.
Mais tarde àquela manhã, Ralf e James se despediram de Zane, então arrastaram seus baús até o pátio. Ted e Vitória já estavam lá, sentados nos seus baús no alto da escada, dispostos contra os terrenos estranhamente silenciosos e cobertos de gelo. O cabelo de Vitória crescera novamente graças a Madame Curio na ala hospitalar, mas o novo cabelo estava diferente o bastante na textura e cor para ser notável. Como resultado, Vitória tivera de usar uma incrível variedade de chapéis os quais, de fato, aprimoravam sua aparência, mas ela reclamava a respeito deles a cada oportunidade. Hoje, ela usava uma pequena boina de pele, inclinada atrevidamente sobre sua sobrancelha esquerda. Ela olhou friamente para Ralf quando este deixou cair seu baú sobre a escada. Alguns minutos depois, Hagrid chegou dirigindo uma carruagem. Ralf ficou boquiaberto quando viu que nada aparente estava puxando a carruagem.
- Vocês não verão isso até o próximo ano. - disse Hagrid para James e Ralf. Ele puxou com força o breque, desceu, e começou a arremessar as malas facilmente na parte traseira da carruagem. - Então tenham certeza de agirem surpresos quando os virem no próximo ano, certo?
- Ah, Hagrid, - disse Vitória arrogantemente. - se essas *coissas terrríveis* são *tão* feias quanto mamãe me diz, estou feliz por não vê-las, de *qualquerr* forma. - ela ergueu uma mão e Ted a pegou, ajudando-a bastante necessariamente a entrar na carruagem.
Havia alguns outros estudantes comprimidos dentro da carruagem, todos partindo para as férias de modo

similar. Hagrid os conduziu até a estação de Hogsmeade, onde embarcaram no Expresso de Hogwarts novamente. O trem estava muito mais vazio do que estivera na viagem de chegada. Os quatro encontraram um compartimento quase ao fundo, então se acomodaram para a longa viagem.
- Então, Hogsmeade é um povoado bruxo? - perguntou Ralf para Ted.
- Exatamente. Lar do Três Vassouras e Dedosdemel. Os melhores torrões de barata do mundo. Muitas outras lojas também. Você poderá ir a Hogsmeade nos finais de semana a partir do terceiro ano.
Ralf pareceu pensativo, o que significava que sua sobrancelha descia enquanto seu lábio inferior saltava, espremendo seu rosto inteiro em direção ao nariz.
- Então como os bruxos mantêm os trouxas longe dos povoados mágicos? Quero dizer, não há nenhum caminho ou algo parecido?
- Pergunta trapaceira, companheiro. - disse Ted, sentando-se e relaxando os ombros em seu assento e retirando seus sapatos.
Vitória enrugou o nariz.
- Mantenha esses pés imundos longe de mim, Sr. Lupin.
Ted a ignorou, esticando as pernas através do compartimento e descansando os pés no assento oposto.
- Estou na aula de Tecnomancia Aplicada Avançada do velho Cara de Pedra este semestre, e tudo o que posso dizer é que lugares como Hogsmeade não são exatamente escondidos porque os trouxas não conseguem encontrar um caminho de entrada. É tudo quântica. Se Petra estivesse aqui, ela poderia explicar melhor.
James estava curioso.
- O que é “quântica”?
Ted deu de ombros.
- É uma piada na T.A.A. Quando em dúvida, apenas diga “quântica”. - ele suspirou resignadamente, reunindo

seus pensamentos. - Tudo bem, imagine que há lugares na terra que são como um buraco no espaço remendado com goma, sim? Você não pode dizer que parte alguma seja diferente da parte superior, mas talvez um pouco estufada ou algo assim. Então, digamos, que aparece um bruxo que realmente conhece sua quântica. Ele diz, “Oh, aqui é um lugar onde podemos erguer um maravilhoso povoado bruxo”. Então o que ele faz é conjurar uma espécie de grande peso mágico, mas que é realmente muito diminuto, certo? E o peso se deixa cair dentro da parte da realidade de goma e desce, desce, desce. Certo. Então o peso perfura a realidade de goma até passar para dentro de outra dimensão, criando um cano na forma do espaçotempo.
- Espera. - disse Ralf, franzindo as sobrancelhas em concentração. - O que é espaço-tempo?
- Não importa. - disse Ted, acenando sem interesse. - Não importa. É tudo quântica. Ninguém compreende tanto de cabeças de pergaminhos rabugentas como o Prof. Jackson. Seja como for, há este cano no espaço-tempo onde o peso cai na realidade de goma. Os trouxas, reparem, podem operar apenas na superfície da realidade. Eles não vêem onde o cano está imerso dentro de seu novo espaço dimensional. Para eles, nem mesmo está lá. De qualquer forma, nós bruxos podemos apenas seguir o cano por baixo do espaço principal, se soubermos o que olhar e compartilhar o segredo. Assim construímos lugares como Hogsmeade.
- Então Hogsmeade está abaixo de algum tipo de vale em forma de cano. - disse Ralf de maneira experimental.
- Não. - disse Ted sentando-se torto novamente. - Isso é apenas uma metáfora. A paisagem parece exatamente a mesma, mas de forma dimensional, sai pelo outro lado do espaço-tempo, onde os trouxas não podem ir. Muitos lugares bruxos foram construídos dessa maneira. Nós criamos criaturas mágicas em reservas quânticas. Todas as cordilheiras onde os gigantes vivem são enterradas

em quântica, fora dos mapas trouxas. Funciona semelhante à irrastreabilidade. Simples como isso.
- Simples como o quê? - perguntou Ralf, frustrado.
Ted suspirou.
- Olhe, companheiro, é como os torrões de barata na Dedosdemel**.** Você não precisa entender como se faz. Apenas precisa comê-los.
Ralf desmoronou.
- Não tenho certeza de que posso fazer um dos dois.
- Esse cara é um verdadeiro barril de risadas, não é? - Ted perguntou a James.
- Então se os trouxas não podem entrar, - James replicou.
- como aquele trouxa adentrou os terrenos da escola?
- Ah, sim. - disse Ted, inclinando-se para trás novamente.
- O misterioso intruso do quadribol. É isso que andam dizendo agora? Que ele era um trouxa?
James esquecera-se de que nem tudo que ele sabia a respeito do intruso era de conhecimento comum. Ele recordava agora o que Neville dissera sobre os rumores espantosos envolvendo o misterioso homem no campo de quadribol.
- Sim, - ele disse, tentando parecer indiferente. - Ouvi dizer que pode ter sido um trouxa. Eu só queria saber como um trouxa poderia entrar, com tudo isso sobre, sabe, quântica.
- Na realidade, - disse Ted, entortando os olhos para ver o lustroso dia fora da janela. - Acho que até mesmo trouxas poderiam entrar se estiverem acompanhados por um bruxo ou conduzido de alguma forma. Não é que eles *não podem* entrar, exatamente. Apenas é que, até onde seus sentidos sabem, os espaços nem mesmo existem. De qualquer forma, se um bruxo os conduzir e passarem através do que seus sentidos estão dizendo... obviamente, seria possível, eu acho. Mas quem seria estúpido o bastante para fazer tal coisa?
James encolheu os ombros, e olhou para Ralf. O olhar no rosto de Ralf refletiu o que James estava pensando.

Estúpido ou não, alguém na verdade conduzira um trouxa para dentro dos terrenos de Hogwarts. Como ou por que isso fora organizado ainda era um mistério, mas James planejava fazer o seu melhor para descobrir.
Os quatro almoçaram sanduíches embalados em papel de cera, pegos das cozinhas de Hogwarts àquela manhã, e então caíram em um silêncio amistoso. O dia tornou-se rude e resplandecente, com o sol brilhando como um diamante sobre os campos e bosques. A geada derretera, deixando o terreno despido e cinzento. As árvores esqueléticas poliam o céu, posicionando-se sobre tapetes de folhas mortas. Ralf registrava e tirava um cochilo. Vitória movia-se por uma pilha de revistas, e logo saiu em busca de algumas amigas que suspeitava estarem em algum lugar a bordo. Ted ensinou James a jogar um jogo chamado *"Arranques e Brocas"*, o que envolvia usar as varinhas para levitar um pedaço de pergaminho dobrado para dentro de um gordo triângulo**.** De acordo com Ted, ambos os jogadores usavam suas varinhas – os arranques – para simultaneamente levitar o pergaminho dobrado – a broca – cada um tentando guiar o papel para dentro de sua área designada de gol, geralmente um círculo desenhado em um pedaço de pergaminho e colocado próximo do oponente. James melhorara bastante em levitação, mas não era comparado a Ted, que sabia exatamente como enfraquecer James, batendo de leve na broca fora de alcance e lançado-a até o gol com um estalo ressonante.
- Trata-se apenas de prática, James. - disse Ted. - Venho jogando isso desde os cinco anos. Tínhamos mais do que quatro pessoas em um time às vezes, e usávamos brocas tão grandes quanto o busto de Godrico Gryffindor na sala comunal. Sou pessoalmente responsável pelo fato da orelha esquerda dele ter sido colada de volta. Não conhecíamos o feitiço *Reparo*, e agora o preferimos daquele jeito.
Assim que o trem adentrou a plataforma nove e três

quartos, o pôr-do-sol começara a deixar o céu em uma cor lilás sonhadora. James, Ted e Ralf esperaram pela guinada brusca que indicava que o trem parara completamente, então se colocaram de pé, abriram caminho para a plataforma.
O carregador tomou seus bilhetes, e logo apresentou suas malas com um feitiço convocatório, retirando-as rudemente do compartimento de bagagens e fazendo-as cair pesadamente sobre os pés de seus respectivos donos. Vitória os alcançou quando estavam empilhando suas bagagens em um grande bagageiro.
- Vou escoltá-los até a antiga sede. - disse Ted com importância, erguendo-se a toda altura. - É perto o bastante, e seus pais estão demasiadamente ocupados hoje à noite, James, com todos os demais chegando, e Lílian e Alvo saindo da escola hoje também.
Eles se enfileiraram pelo o portal oculto que separava a plataforma nove e três quartos das plataformas trouxas da estação de King's Cross.
- Você não dirige, Teddy, - disse Vitória de forma repreendedora. - e dificilmente nós quatro caberemos em sua vassoura. O que você espera fazer?
- Suponho que você esteja certa, Vitória. - disse Ted, detendo-se ao centro da multidão e olhando em volta. Viajantes trouxas se moviam apressadamente aqui e ali, a maioria agasalhada em pesados casacos e chapéis. A multidão gigantesca reverberava com o som dos anúncios de trem e o ruído de canções gravadas de Natal. - Parece que estamos presos. - disse suavemente.
- Eu diria que é isso, de certa forma, é uma emergência, não?
- Teddy, não! - censurou Vitória quando Ted ergueu sua mão direita, a varinha erguida.
Houve um ruidoso estalo que ecoou por toda a multidão em volta, aparentemente inaudível aos trouxas. Uma forma gigantesca e púrpura atirou-se pelas portas emolduradas pelo gigantesco arco de cristal do início da

estação. Era, obviamente, o Nôitibus Andante. James sabia que ele apareceria assim que Ted fizera o sinal, mas ele nunca saberia que o Nôitibus poderia viajar fora dos trilhos. O enorme ônibus de três andares esquivou-se e se comprimiu entre a multidão distraída, nunca perdendo a velocidade até guinchar parando violentamente em frente a Ted. As portas se abriram e um homem em um uniforme elegante e púrpuro inclinou-se para fora.
- Bem-vindo ao Nôitibus Andante. - disse o homem, um tanto ofensivamente. - Transportes emergenciais para bruxos abandonados à sua sorte. Vocês sabem que estamos no meio da maldita estação de King's Cross, não sabem? É como se vocês não pudessem ao menos ter feito isso na entrada.
- Boa noite, Frank. - disse Ted levemente, içando a mala de Vitória para o motorista. - É a minha maldita perna outra vez. Velha ferida de quadribol. Sempre age nas piores horas.
- Velha ferida de quadribol é o último molar superior do meu avô! - resmungou Frank, empilhando as malas em uma prateleira exatamente na parte interna da porta. - Tente me dizer essa bobagem mais uma vez e vou cobrar de você um galeão por ser uma perturbação!
Ralf estava relutante em entrar no ônibus.
- Você disse que é perto? A sede? Talvez pudéssemos, sabe, ir andando?
- Nesse frio? - respondeu Ted energicamente.
- E com a maldita perna dele? - adicionou Frank de mau humor.
Ralf subiu e mal cruzou o solado quando as portas se fecharam.
- Esquina de Pâncras e São Chad, Ernesto. - disse Ted, agarrando uma maçaneta próxima.
O motorista assentiu, adotou uma expressão odiosa, segurou o volante como se tencionasse lutar contra ele, e então pisou no acelerador. Ralf, apesar do conselho de

James, esquecera-se de agarrar em algo. O Nôitibus Andante disparou para adiante, lançando-o para trás sobre uma das camas de latão que, estranhamente, parecia ocupar o nível mais baixo do ônibus ao invés de assentos.
- Hum? - murmurou o bruxo que estava dormindo sobre o qual Ralf aterrissou, erguendo sua cabeça do travesseiro. - Já chegamos ao Quarteirão Grósvenida?
O ônibus executou uma curva fechada inconcebivelmente apertada, circundando um grupo de turistas que estavam olhando as placas de saída, e então disparou através da multidão novamente, esquivando-se de homens de negócios e velhas senhoras como uma rajada de vento. O arco de cristal agigantou-se sobre eles, e James estava certo de que era impossível que o Nôitibus Andante passasse pelas entradas abertas, por maiores que fossem. Então, lembrou-se de que o ônibus, na verdade, havia entrado por aquelas portas. Ele se segurou. Sem diminuir a velocidade, o ônibus espremeu-se pela porta como um balão de água passando por uma toca de ratos, saindo para a rua abarrotada de pessoas e desviando-as loucamente.
- Ouvi dizer que teremos ganso no jantar desta noite! - gritou Ted para James enquanto o ônibus passava por um cruzamento abarrotado.
- Sim! - gritou James de volta. - Monstro insistiu em uma refeição completa em nossa primeira noite de volta!
- Preciso amar aquele animalzinho horrível! - gritou Ted com muito apreço. - Como está o Ralf?
James olhou em volta. Ralf ainda estava esparramado sobre a cama com o bruxo dormindo.
- Está tudo bem! - gritou ele, agarrando a cama com força com ambas as mãos. - Eu vomitei no gorro de dormir que me deram de recordação.
O Nôitibus Andante guinchou perto da esquina onde São Chad se encontrava com o Quarteirão Argila, e então emperrou para estacionar. De fato, a parada repentina

de movimento foi tão violenta quanto a corrida em si. O gigantesco ônibus púrpuro parou calma e precisamente, expulsando uma delicada nuvem de fumaça pelo escapamento. As portas se abriram e Ted, Vitória, James e Ralf saltaram para fora, este último um pouco zonzo. Frank, apesar do olhar irritado que lançou a Ted, amontoou suas bagagens cuidadosamente na calçada e desejou-lhes um feliz Natal. As portas se fecharam e um momento depois, o Nôitibus Andante saltou rua abaixo, correndo como um raio perto de um caminhão e realizando algo parecido com uma pirueta no cruzamento. Três segundos depois, sumiu.
- Funcionou tão bem quanto se podia esperar. - disse Ted animadamente, agarrando sua mala e a de Vitória pela alça e puxando-os com força em direção a uma fila ordenada de casas dilapidadas.
- Qual é o número? - disse Ralf, bafejando e arrastando sua mala imensa.
- Número doze. Exatamente aqui. - respondeu James. Estivera tantas vezes no velho quartel general que se esquecera que era invisível para a maioria das pessoas. Ralf deteve-se na base dos degraus, franzindo o cenho.
- Ah, sim. - disse James, virando-se. - Certo, Ralf. Você ainda não pode vê-lo, mas está exatamente aqui. O Largo Grimmauld número doze está exatamente entre os números onze e treze. Pertencia ao padrinho de meu pai, Sirius Black, mas ele passou como herança a meu pai. Era a sede da Ordem da Fênix, quando combatiam Voldemort. Eles esconderam com os melhores Feitiços de Segredo e Desilusão que os bruxos mais poderosos daquele tempo podiam conjurar. Era o local mais secreto da Ordem, até um Comensal da Morte ter seguido minha tia até aqui utilizando uma Aparatação Lateral. De qualquer forma, pertence oficialmente ao meu pai, mas não vivemos aqui na maior parte do tempo. Monstro a mantém quando não estamos aqui.
- Não entendi uma de cada três palavras do que você

disse, - disse Ralf, suspirando. - mas estou com frio. Como entramos?
James ergueu a mão pedindo a de Ralf. Ralf deu a mão a ele, e James o fez subir no primeiro degrau que conduzia ao número doze. Ralf tropeçou, recuperou o passo e ergueu os olhos, os quais se arregalaram e um sorriso de felicidade se espalhou pelo seu rosto. James não se lembrava de sua primeira visita à velha sede, mas sabia pela descrição das outras pessoas como a entrada se revelava na primeira vez que você chegava, como o número doze simplesmente empurrava os números onze e treze para o lado como alguém abrindo caminho na multidão. James não pode evitar sorrir em meio à surpresa de Ralf.
- Adoro ser um bruxo. - disse Ralf de forma significativa.
Quando James bateu a porta, sua mãe atravessou rapidamente o corredor, secando as mãos em uma toalha.
- James! - chorou ela, juntando-o em seus braços e quase erguendo o garoto do chão.
- Mãe. - disse James, envergonhado e satisfeito ao mesmo tempo. - Vamos, você vai derreter o sapo de chocolate no bolso de minha camisa.
- Você não está tão velho para dar um beijo em sua mãe depois de estar fora por quatro meses, sabe. - disse ela desaprovando-o.
- Você sabe como é. - exclamou Ted melancolicamente. - Em um momento, eles estão arrancando as amarras de seu avental, no outro, estão pedindo a vassoura emprestada para sair beijando alguma namoradinha. Onde *isso* vai parar?
A mãe de James sorriu, virando-se para Ted e abraçando-o também.
- Teddy, você nunca muda. Ou fica calado. Bem-vindo. E você também, Vitória. Chapéu adorável, a propósito.
Ralf gemeu, mas a mãe de James continuou antes que Vitória pudesse assinalar qualquer explicação.

- E você é Ralf, claro. Harry o mencionou, e claro, James me falou muito sobre você nas cartas. Meu nome é Gina. Ouvi dizer que você é bastante hábil com a varinha.
- Onde está o papai, a propósito? - perguntou James rapidamente, cortando Vitória novamente.
- Ele foi até Andrômeda depois do trabalho hoje. Estarão em casa a qualquer momento. Os demais estarão aqui amanhã.
- James! - duas vozes diminutas disseram em uníssono, acompanhadas de passos estrondosos. - Teddy! Vitória! - Lílian e Alvo empurraram passando por sua mãe.
- O que vocês trouxeram para nós? - pediu Alvo, parando de frente para James.
- Diretamente da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, - disse James fantasticamente. - eu trouxe a vocês... abraços! - ele agarrou Alvo em um abraço de urso. Alvo empurrou com esforço, simultaneamente irritado e sorrindo.
- Não! Eu queria alguns chicles baba-bola da senhora do carrinho do trem! Eu disse a você!
Ted agachou-se e abraçou Lílian.
- Eu trouxe algo que você vai adorar, minha querida.
- O que é? - perguntou ela, repentinamente tímida.
- Você terá de esperar até o Natal, certo? Sua mãe tem um grande estoque de comida para dragão, não tem?
- Teddy Lupin! - repreendeu Gina. - Não dê esperanças a ela, seu patife! Agora vamos, todos vocês. Monstro passou a tarde inteira no porão preparando o que ele chama de “serviço de chá apropriado e autêntico”. Mas não comam muito, ou não estarão com fome para o ganso que ele cozinhou, e ele ficará aborrecido a semana inteira.
Harry e a avó de Ted, Andrômeda Tonks, chegaram meia hora depois, e o resto da noite foi preenchido com muita comida, risadas alegres e postas em dia. Harry e Gina sequer ouviram o debate de Hogwarts, apesar do que James presumira. Contudo, Andrômeda Tonks ouvira, e

lançava intermináveis sarcasmos para Tábita e seu grupo. Felizmente, ela não tinha idéia de que Ralf também estivera no grupo, e Ralf estava feliz por ela continuar naquela ignorância.
- Não se preocupe. - murmurou Ted para Ralf por cima da sobremesa. - Se alguém disser alguma coisa, direi a ela que você era um espião. Ela adora espionagem, devido aos velhos tempos.
Monstro não mudara uma pitada. Fez uma profunda reverência diante de James, com uma mão no coração, e a outra largamente estendida.
- Mestre James, de volta de seu primeiro ano de ensino, sim. - disse ele em sua voz trêmula. - Monstro preparou os aposentos do Mestre exatamente da maneira que ele gosta. O Mestre e seu amigo se importariam com um sanduíche de agrião?
Como sempre, Monstro mantivera a casa em excepcional ordem, e inclusive tinha se dado ao trabalho de decorar a casa para as festividades. Infelizmente, o conceito de James de uma boa decoração era um pouco rústico, e o resultado teria divertido Zane de maneira interminável. As cabeças cortadas dos elfos domésticos anteriores, os quais ainda estavam pendurados no corredor como testamento dos originais donos sanguespuros da propriedade, foram cobertas com barbas falsas brancas e cônicas e chapéis verdes com sinos nas pontas.
- Monstro as enfeitiçou para cantar canções das festividades, sim, ele enfeitiçou. - disse Monstro a James e Ralf um pouco afobadamente. - Mas a senhora decidiu que isso talvez fosse um pouco... festivo demais. De qualquer maneira, Monstro gostou. - ele pareceu ansioso que lhe permitissem restabelecer as cabeças cantantes. James assegurou a Monstro que ele tivera uma idéia original e prodigiosa e que falaria com sua mãe a respeito. De fato, ele estava morbidamente curioso em ver e ouvir as cabeças em ação.
Lílian e Alvo seguiram James e Ralf a maior parte da

noite, implorando para ver o que os garotos poderiam fazer com suas recentes habilidades aprendidas.
- Vamos lá, James. - insistia Alvo. - Mostre-nos uma levitação! Levite Lílian!
- Não! - chorou Lílian. - Levite Alvo! Faça-o voar janela afora.
- Vocês dois sabem que não posso fazer magia uma vez que eu esteja fora do trem e oficialmente fora de Hogwarts. - disse James desgastadamente. - Eu me meterei em problemas.
- Papai é o Chefe dos Aurores, seu imbecil. Provavelmente você nem sequer receberá uma advertência.
- Isso é irresponsabilidade. - disse James seriamente. - Tornem-se mais velhos e saberão o que isso significa.
- Você não consegue fazer isso, não é? - zombou Alvo. - James não consegue fazer uma levitação! Você é um bruxo desprezível. Primeiro aborto na família Potter. Mamãe vai morrer de vergonha.
- Você continua sendo o mesmo Alvo-fofoqueiro de sempre, pequeno explosivim**.**
- Não me chame assim!
- Do quê? Explosivim ou Alvo-fofoqueiro? - sorriu James.
- Sabia que Alvofofoqueiro é seu verdadeiro nome? Está em sua certidão de nascimento. Eu vi.
- Alvo-fofoqueiro! - cantou Lílian, dançando em torno de seu irmão mais velho.
Alvo saltou em James, lutando com ele no chão.
Mais tarde, quando James e Ralf se dirigiam ao quarto de James para a noite, passaram por uma cortina que parecia cobrir uma parte da parede. Um resmungo sonolento saia detrás da cortina.
- É a velha Sra. Black. - explicou James. - Uma velha louca. Fica fora de si pelas pessoas profanaram a casa de seus pais toda vez que vê qualquer um de nós. O papai e Neville fizeram tudo o que puderam pensa para tirar a morcega velha da parede, mas ela está encravada

aí. Até consideraram remover a parte da parede que contém o quadro, mas é uma parede principal. Removê-la provavelmente faria o pavimento acima desmoronar sobre nós. Além disso, por estranho que pareça, Monstro é bastante ligado a ela, desde que ela foi sua antiga mestra. Então suponho que ela é parte da família para sempre.
Ralf espiou tentativamente por trás da cortina. Ele franziu o cenho.
- Ela está... assistindo televisão?
James deu de ombros.
- Descobrimos isso alguns anos atrás. Abrimos a porta da frente porque estávamos trazendo um novo sofá. Ela viu uma tela através da janela do outro lado da rua e se calou pela primeira vez em semanas. Então nós contratamos um artista bruxo para vir e pintar uma televisão no quadro. A morcega velha adora os programas de entrevista. Desde então, bem, ela ficou muito mais suportável.
Ralf deixou a cortina cair lentamente de volta sobre o quadro. Uma voz masculina atrás dela dizia:
- E quando você notou que o seu cachorro tinha síndrome de Tourette, Sra. Drakemont?
Monstro disponibilizara uma cama portátil para Ralf no quarto de James. Seu baú estava posto organizadamente ao final da cama, e havia uma pinha enlaçada em cada travesseiro, aparentemente a idéia que Monstro tinha de uma guloseima natalina.
- Este costumava ser o quarto do padrinho de meu pai. - disse James sonolento, uma vez que se instalaram.
- Legal. - murmurou Ralf. - Ele era um cara legal, não era? Ou era um louco como a bruxa velha no quadro?
- Um dos melhores caras que já existiu, segundo meu pai. Temos de falar sobre ele a você em alguma ocasião. Ele foi procurado por assassinato por mais de uma década.
Houve um minuto de silêncio, então a voz de Ralf falou

na escuridão.
- Vocês bruxos conseguem ser extremamente confusos, sabe?
James sorriu. Um minuto depois, ambos estavam adormecidos.

# - CAPÍTULO 11 -

# As Três Relíquias

Após a excitação da viagem e das chegadas, o feriado de Natal no Largo Grimmauld tornou-se bastante monótono. James apresentou Ralf a todos, e em um curto período de tempo, Ralf tornou-se simplesmente mais um dentre a multidão de amigos e familiares que comprimiam a casa. Na quarta-feira antes do Natal, tio Rony e tia Hermione chegaram, juntamente com seus filhos, Hugo e Rosa, seguidos imediatamente por tio Gui e tia Fleur, os pais de Vitória. James gostou de vê-los, e embora a casa estivesse começando a ultrapassar a capacidade, estava excitado por eles ficarem para o feriado.

- Isso é ótimo, a mamãe e o papai estão fora com o Carlinhos este ano. - comentou Rony, arrastando a sua bagagem e a de Hermione para os degraus em direção

ao quarto deles no terceiro andar. - Este lugar parece um tanto menor do que era quando éramos crianças.
- É apenas você que está maior, Rony. - desaprovou Hermione, acotovelando-o afetuosamente no estômago. - Pare de se queixar.
- Não estou me queixando. Ao menos temos um quarto. Se Percy estivesse aqui, ele dormiria com Monstro.
James e Ralf, juntamente com os irmãos e primos de James, passaram seus dias próximos ao fogo, jogando xadrez de bruxo com tio Rony ou perambulando pelas ruas próximas, realizando coisa de último instante e compra de Natal com Gina e tia Hermione. Fleur e Gui solicitaram a ajuda de James e Ralf para escolher e transportar uma árvore de Natal, a qual parecia simples e encantadoramente rechonchuda por fora, mas tomou dois terços do corredor principal quando a trouxeram.
- Parece uma vergonha fazer isso. - disse Gui, apresentando sua varinha e apontado-a para a árvore. - *Reducio!*
A árvore encolheu-se um terço, mas conseguiu manter sua densidade, de modo que acabou parecendo mais um arbusto de Natal do que uma árvore. Ralf, James, Rosa e Vitória passaram a maior parte do dia anterior à Véspera de Natal fazendo pipoca, decorando a árvore, e empacotando presentes. Àquela noite, Hermione convocou uma reunião com toda a casa com a atenção de levantar o ânimo de todos e celebrar o Natal. Nem Rony ou Harry, contudo, estavam particularmente felizes com a idéia.
- Dá um tempo, Hermione. - disse Harry, caindo em uma cadeira confortável próxima ao fogo. - Estivemos de pé o dia inteiro.
- Sim - interveio Rony, reforçando um pouco. - É apenas o início do feriado. Não tivemos ainda a chance de sentar, tivemos?
- Ronald Weasley, ponha seu chapéu e o botão de seu casaco. - replicou Hermione, atirando as coisas de Rony

sobre o colo dele. - Só conseguimos toda a família reunida uma vez por ano, se tiver sorte, e não deixarei você sentado sobre seu traseiro a noite inteira como se você estivesse em casa. Além disso, - ela adicionou, um pouco grosseira. - você disse no caminho para cá que pensou numa celebração engraçada.
- Isso foi antes de eu saber que você falava sério. - murmurou Rony, erguendo os pés e encolhendo-se em seu casaco.
- Você também. - Gina sorriu, agarrando a mão de Harry e puxando-o para fora da cadeira. - Você não pode passar todo o Natal relaxando porque quer. Hoje à noite, vamos nos divertir um pouco, você goste ou não.
Harry suspirou, mas permitiu que Gina colocasse seu casaco. Ela o socou alegremente no estômago e ele sorriu, pegando seu cachecol. Para o aparente aborrecimento de Rony e Harry, Gui estava ansioso para ir, ensaiando escalas musicais no corredor com a mão no peito. Fleur, vestida tão esplendidamente quanto sua filha, sorria adoravelmente para ele. Enquanto direcionavam-se à porta, James ouviu tio Rony murmurar para seu pai.
- Juro que ele age dessa forma tanto para nos irritar quanto para impressioná-la.
A noite tornara-se tão perfeita e idealmente natalina que James desejou saber se sua mãe e tia Hermione haviam enfeitiçado-a de algum modo. Flocos de neve enormes e silenciosos começaram a cair, abafando o som das cidades distantes e cobrindo as paredes e calçadas sujas com branco cintilante. Hermione repassou partituras musicais, e então organizou todos de modo que o mais jovem ficasse em frente ao mais velho e o mais alto ficasse atrás.
- Se mamãe não estivesse ainda por aí - disse Rony a Harry em voz baixa. - eu juraria que Hermione era a encarnação dela.
Durante as práticas de coro, Hermione ficou aborrecida

com Ted, que insistia em cantar variações cômicas das letras, para o grande prazer de Alvo e Hugo. Finalmente satisfeita, ela guiou o grupo pelas ruas em volta do Largo Grimmauld, tocando campainhas e dirigindo os coros. A maioria dos trouxas que atendia a suas portas se posicionava e escutava com o que parecia tenso divertimento em seus rostos. Uma vez, um homem com um enorme aparelho para surdez gritou para eles que não suportava qualquer tipo de caridade exceto a *Casa Hortênsia para Felinos Selvagens*, e então bateu a porta.
- McGonagall deve a ele um cartão de Natal, então. - disse Ted, mal perdendo o ritmo.
James acenou uma mão para Ralf antes que este pudesse perguntar.
- Animagos. Explicarei a você mais tarde.
A manhã de Natal chegou com um esplendor deslumbrante, o sol transformando a neve congelada nas janelas em pinturas que brilhavam profusamente. Ralf e James encontraram Alvo e Rosa no caminho das escadas descendo para o café-da-manhã.
- Não adianta. - disse Rosa tristemente. - A mamãe jura que vai usar o *Crucio* em qualquer um que tentar abrir um presente antes do café-da-manhã.
James pestanejou.
- Tia Hermione disse isso?
- Bom, - respondeu Alvo. - não nessas palavras. Mas ela fica realmente zangada toda vez que ela nos flagra usando um par de óculos raio-z nos presentes para ver o que dentro deles. Ela quase virou um dementador pra cima dele. Foi assustador!
- Tio Jorge está aqui? - James perguntou, descendo o resto das escadas e dirigindo-se para a cozinha. - Excelente!
- Sim, mas ele trouxe Cátia Bell com ele. - disse Alvo, pronunciando o nome com sua voz mais agradavelmente sarcástica. Alvo não desaprovava tanto Cátia Bell quanto desaprovava qualquer uma que ameaçasse alterar a vida

de solteiro travesso de Jorge Weasley.
Assim que James e Ralf viraram o canto para a velha cozinha, ouviram a voz de Jorge dizer:
- Esse é o tipo de publicidade que tem permitido o W triplo crescer em dois lugares e ter se transformado em líder de venda de logros, sabe. Você não pode recusar uma demonstração como essa em um evento transmitido por rádio como foi o debate.
Nisso consiste o espetáculo.
Cátia Bell, uma atraente mulher de cabelos longos e castanhos, mexeu sua xícara.
- Você deveria ouvir a maneira como Myron Madrigal descreveu isso pelo rádio. - disse ela, retendo um sorriso.
Ted fez cara feia, então sua curiosidade o superou.
- O que ele disse?
- Chamou de “exibição infantil de incrível mau gosto”. - disse Jorge orgulhosamente, erguendo seu copo de suco em um brinde.
- Isso é lindo! - sorriu Ted, tinindo seu copo ao de Jorge.
- James, que bom vê-lo! - disse Jorge, pousando seu suco sobre a mesa e dando tapinhas no assento próximo a ele.
- Sente-se e nos conte como a velha mãe alma está tratando você.
- Ótimo, - disse James, sentando-se e agarrando um pedaço de torrada. - Jorge, este é o meu amigo, Ralf.
- Ah, sabemos tudo sobre você, não? - disse Jorge, direcionando-se a Ralf e golpeando-o levemente ao lado do nariz. - Nosso homem de dentro, hã? Infiltrado debaixo da barriga viscosa da máquina de guerra da Sonserina. Espiando e sabotando pela esquerda e direita, sem dúvida.
Ralf virou os olhos para Ted.
- Eu não disse nada. - disse Ted com exatidão. - Acontece que mencionei a ele que você estava no Grupo B, e voltou quando pedimos nosso pequeno pacote surpresa. Ele compreendeu o resto sozinho quando descobriu que

você estava aqui.
Ralf contorceu-se.
- Bem, isso não é realmente verdade, sabe. Sou apenas uma criança.
- Nunca subestime o que uma criança pode fazer, Ralfinho. - disse Jorge seriamente.
- Isso mesmo. - concordou Cátia. - Jorge e seu irmão, Fred, causaram o maior alvoroço na história de Hogwarts durante o reinado de Umbridge,a Terrível.
- Como eu disse, nisso consiste o espetáculo.
- Com um pouco de vingança para completar. - disse Cátia, sorrindo.
- Como você ousa sugerir tal coisa?
Ralf e James trocaram olhares.
James, Ralf, Ted e Jorge foram os últimos à mesa do café-da-manhã. Os irmãos e primos mais novos os arrastaram da mesa, finalmente reunindo toda a casa para a abertura dos presentes.
- Você não fez como eu disse? - disse Jorge, enquanto Alvo o puxava para a sala de visitas. - Abrir os presentes no meio da noite e então embrulhar novamente com o feitiço *Reparo*?
- Eu *tentei*! - replicou Alvo seriamente. - Eu roubei a varinha de James e pratiquei em uma caixa de biscoitos. Não consegui fazer funcionar! Foi inútil. Mamãe quase me espancou.
- Você roubou minha varinha! - chorou James, disparando atrás de Alvo. - Eu mesmo espancarei você! Devolva!
Assoviando, Alvo saiu correndo com James ao encalço.
Houve mais gritos e trituração de papel, e James não pôde evitar pensar que o Natal no Largo Grimmauld não era muito diferente daquele que Zane descrevera com sua família nos Estados Unidos, com *hinkypunks* e tudo. Quando os Weasley e Potter mais novos abriram todos seus presentes e sumiram para se divertirem, o restante dos presentes foi aberto com um pouco mais de reserva.

Harry deu a Gina um novo caldeirão incomum, o qual ela desembrulhou e encarou-o bastante inexpressiva.
- É um Caldeirão Conjurador, - explicou ele, um pouco defensivamente. - faz o jantar num instante! Você apenas lança poucos ingredientes dentro a cada manhã, seja lá o que você tenha no armário. Não importa o que seja. O Caldeirão Conjurador compreende o melhor prato que dê para fazer com tais ingredientes, prepara, e cozinha durante o dia. Voltamos para casa e *voilá*, uma refeição misteriosa. Ideal para as mamães trabalhadoras.
- Ao menos é o que insinua na exibição de *Tristão's e Tupperworth*. - advertiu Rony, rindo. Harry o cutucou nas costas da cabeça.
Fleur fungou.
- De onde eu vim, é *considerrado* impróprio *parra* um homem comprar artigos de *culinárria* como presente.
- Isso porque de onde você, minha querida, - disse Gui gentilmente. - os homens são a maioria dos cozinheiros.
- Ah, abram logo o próximo. - disse Harry aborrecido.
O próximo presente de Gina veio a ser um par de brincos de pérolas marinhas, os quais tiveram muito mais êxito. Gina parecia simultaneamente enlouquecida e radiante por eles.
- Harry! Como você pagou por eles? Pérolas marinhas! Nunca esperava... - os olhos dela brilhavam enquanto piscava para conter as lágrimas.
- Apenas os coloque. - sorriu Harry. - Se isso faz você se sentir melhor de alguma forma, eles são falsos. Pérolas de *leprechaun*. Vieram como brinde juntamente com o Caldeirão Conjurador.
- Não, eles não são. - sorriu ela, e o beijou.
Rony presenteou Hermione com um frasco de perfume pequeno, mas aparentemente caro, chamado de Encantamento do Capricho, com o qual Hermione ficou muito satisfeita. Gina e Hermione haviam saído juntas para comprar ingressos para Harry e Rony da Copa Mundial de Quadribol.

- Sabíamos que vocês dois estão querendo ir há anos.- Explicou Hermione enquanto Harry e Rony parabenizavam um ao outro. - Mas vocês nunca pensaram em conseguir ingressos adiantados. Conseguimos oito no total, daí vocês podem levar as crianças, se quiserem. Eles adorariam. E suas esposas, claro, se desejarem. Isso cabe a vocês.
Mas Harry e Rony mergulharam em um debate sobre que times estariam na Copa e mal ouviram.
James abriu seu presente e ficou surpreso ao ver que seus pais lhe haviam dado uma nova vassoura.
- Uau! - respirou - Uma Thunderstreak! Mãe, pai, vocês me presentearam uma Thunderstreak?
- Bem, - disse Harry lentamente. - eu sabia que você tinha algum problema em montar uma vassoura, mas falei com seu amigo, Zane, e ele disse que você está adiantando-se bem. Imaginei que você gostaria de praticar em sua própria vassoura. Aquelas da escola são muito antigas. Lentas, incômodas, e o retoque é uma droga. Teste essa e acho que você perceberá a diferença imediatamente.
- Claro, se você não a quiser, - propôs Jorge. - você poderia sempre negociar com Teddy. Aquela Nimbus dele deve ser lenta como um verme-cego, mas é uma antiqualha de grande valor.

Ted atirou uma bola de papel amassado em Jorge, acertando-o bem no rosto.

James ficou um pouco triste por Ralf, que não tivera notícias do pai desde a mensagem de que estava viajando durante os feriados. Ralf deu de ombros, dizendo que seu pai provavelmente enviara seu presente de Natal para a escola. James e Ralf ficaram ambos surpresos quando Gina passou a Ralf um pequeno pacote embrulhado.
- Nada de mais, - sorriu Gina. - mas achamos que você podia gostar.
Ralf desembrulhou o pacote e olhou para ele. Tratava-se

de um livro muito manuseado e arruinado, as palavras na capa quase ilegíveis pelo tempo. Era chamado de *Estudos avançados no preparo de poções.*

- Pertenceu a um grande sonserino, como você será um dia, sem dúvida. - disse Harry melancolicamente. - Francamente, pensei tê-lo perdido, mas apareceu há algumas semanas atrás. Não sabia o que fazer com ele ate você vir para o feriado. Apenas fez sentido que ele deveria ser seu. Mas, não deixe o Prof. Slughorn vê-lo. Apenas use como... Referência.

Ralf apalpou cuidadosamente o livro. As margens estavam estufadas de anotações e desenhos feitos à mão.

- Quem escreveu todas essas coisas aqui?

- Na verdade, não importa. - disse Harry obscuramente. - Você não o conhece. Apenas tome conta, e seja cuidadoso como usará algumas das coisas que estão aí. Pode ser um pouco... Enganoso, às vezes. Ainda assim, apenas parece certo que deveria estar nas mãos de um bom sonserino. Feliz Natal, Ralf.

Ralf agradeceu a Harry e a Gina, um pouco embaraçado com os olhares que ele e o livro estavam recebendo. Ele percebeu que, misterioso como o livro era, aparentemente era significante. Ele o embrulhou em um pedaço de tecido que Gina deu a ele e o colocou no interior de seu baú.

James alegrou-se quando Neville e Luna chegaram àquela tarde. Ambos andavam vendo um ao outro durante os poucos meses passados, mas James ouvira sua mãe dizer a Andrômeda Tonks que isso não estava indo a lugar a algum. James não sabia como sua mãe sabia de tais coisas, mas nunca duvidou que ela estava certa. Pela parte de James, Neville e Luna pareciam um pouco irmãos para ser um casal.

Após o jantar, a Vovó Weasley apareceu na lareira para desejar feliz Natal a todos.

- Estamos passando um tempo maravilhoso aqui com

Carlinhos. - disse da lareira. - E Praga é simplesmente adorável. Acho que vocês garotos devem ter uma conversa com seu pai, de qualquer forma. Ele ficou um tanto apaixonado pela arquitetura trouxa aqui está falando em ficar por mais algumas semanas. Ele se tornou tão imprevisível agora que se aposentou do Ministério. Ah, é tão difícil ter vocês por um mundo como esse. Como eu poderia ficar de olho em meus netinhos?
- Então, como vão Carlinhos, Clara e as crianças, Molly? - perguntou Hermione, gentilmente mudando o tópico para assuntos mais agradáveis.
- Muito bem, embora Carlinhos insista em levar os pequenos Haroldo e Júlio para trabalhar com ele de vez em quando. Como estas pobres crianças podem resistir à visão de tais criaturas e não ter constantes pesadelos está simplesmente fora de meu alcance.
James, que conhecera seus primos mais novos, Haroldo e Júlio, há pouco tempo, sabia que eram provavelmente eles, de fato, que davam pesadelos aos dragões ao invés do contrário.
Mais tarde, quando a maioria começava a ir para suas camas, James e Ralf encontravam-se sentados próximo ao fogo com Luna Lovegood, que relatava a eles sua última expedição pelas Montanhas Highland em busca de *umgubulares*.
- Ainda sem identificação positiva, - disse ela. - mas descobri uma vasta rede de suas pegadas e resíduos. Sua dieta parece consistir quase inteiramente de elevermes e desmiofadas**,** então é muito fácil identificar seu estrume somente pelo cheiro. Algo como hortelã. Não é desagradável de modo algum.
- Umgubi... lores? - tentou Ralf.
- Perto o bastante. - disse Luna amavelmente, - são espécies de aves de rapina incapazes de voar, de longe relacionadas a hipogrifos e octocrodilos. Trouxe um molde das pegadas e um exemplo de excremento de um

de seus resíduos. Gostariam de ver?
- Luna, - disse James, inclinando-se em sua cadeira e baixando a voz. - podemos fazer uma pergunta sobre algo? Eu preferiria que ninguém mais saiba disso.
- Sou especialista em coisas que ninguém sabe. - disse Luna suavemente.
- Digo, quero manter isso mais ou menos em segredo.
Oh, - disse Luna, o rosto tranqüilo. James esperou, mas Luna meramente o observou, sorrindo educadamente. Luna, ele recordou, ocasionalmente possuía uma particular aproximação única para o diálogo. Ele decidiu avançar.
- Não é sobre umgubulares ou zonzóbulos ou algo do tipo. Na verdade, seria uma ótima pergunta para o seu pai, se ainda estivesse por aí, mas aposto que você sabe a resposta, também. O que você pode nos contar sobre... sobre Austramaddux e Merlino Ambrósio?
Luna era a única pessoa completamente inabalável que James conhecia. Ela simplesmente olhou para o fogo e disse:
- Ah, sim, não exatamente minha especialidade. Um passatempo para toda a vida de meu pai, de qualquer forma. Austramaddux foi o historiador que registrou os últimos dias de Merlino e sua promessa de retorno, claro. O assunto de muita especulação e intriga durante séculos, sabem.
- Sim, - disse James. - sabemos. Lemos sobre ele e a profecia de seu retorno. O que queremos saber é como isso poderia acontecer? O que faria isso?
Luna pareceu pensativa.
- É uma pena meu pai não estar aqui. Ele poderia falar sobre o assunto durante dias. Ele o fez, de fato, em um encontro de editores e locutores mágicos alternativos em Belfast. Fez um discurso sobre as implicações das conspirações de Merlino e suas plausibilidades hipotéticas, se me lembro. Isso prosseguiu por três dias e meio, até ele adormecer no palanque. Na verdade,

acho que ele já estava dormindo antes que alguém percebesse. Era um notório conversador sonâmbulo. Fez mais do que alguns de seus discursos em sua camisola. A maioria das pessoas imaginava que isso era excentricidade, mas acho que ele estava apenas muito sobrecarregado. - suspirou ela carinhosamente.
James sabia que não teria muito tempo antes que alguém mais, Jorge, ou pior, seu pai ou sua mãe, voltasse ao aposento.
- Luna, o que ele disse sobre isso? Ele achava que o retorno de Merlim era possível?
- Oh, certamente que sim. Tinha mil teorias a respeito. Esperava viver para ver o dia, de fato, embora até ele não estivesse tão certo de que quando Merlino retornasse, ele seria algo mais como o que chamaríamos de um bom bruxo. Escreveu uma série inteira de artigos em *O Pasquim* explicando as três relíquias e oferecendo mil galeões como recompensa para qualquer um com pistas validas para seus paradeiros.
James tentava não interromper Luna.
- O que são as três relíquias?
- Oh, - disse Luna, olhando para ele. - Imaginei que você havia lido sobre isso? Ralf se pronunciou.
Nós lemos, mas não dizia nada a respeito de qualquer relíquia. Apenas dizia que Merlim abandonaria o mundo dos homens e retornaria quando o tempo fosse oportuno para ele, ou algo do tipo.
- Ah, bem, esta é a chave, então, não é? - disse Luna calmamente. - As relíquias determinam quando o tempo for oportuno. Os três elementos requeridos de Merlim, seu trono, sua túnica e seu cajado. Ele os deixou a cargo de Austramaddux. De acordo com a profecia, uma vez que as relíquias estiverem reunidas novamente em um ligar chamado “A Travessia dos Titãs”, Merlino reaparecerá para reivindicá-las.
James arfou. *O Vestíbulo da Travessia dos Titãs*, pensou, lembrando-se da lenda gravada no portal da ilha secreta.

Sentiu seu coração sendo esmagado e estava certo de que Luna o ouviria de sua voz. Ele esforçou-se para parecer simplesmente curioso.
- Então o que se tornam as três relíquias?
- Ninguém sabe ao certo. - respondeu Luna levemente. - mas meu pai desenvolveu algumas teorias muito fortes. De acordo com lenda, a túnica cerimonial negra de Merlim era feita de tecido incorruptível, fazendo com que durasse eternamente. Foi supostamente utilizado como veda sobre o corpo de Críguel, o primeiro rei do mundo bruxo, na crença de que isso o preveniria da corrupção. Ai, ninguém sabe a localização da tumba de Críguel, seus Fiéis do Segredo foram enterrados dentro para assegurar sua discrição para sempre. - Ralf estremeceu e Luna continuou. - O trono de Merlim como um conselheiro para o reino dos trouxas foi passado de regime pra regime, sempre se mantendo pronto para o retorno do bruxo, até ser finalmente perdido nas neblinas do tempo. Alguns acreditam que foi recuperado por um rei bruxo no século dezesseis, e que está guardado hoje no Ministério da Magia, esquecido nas câmaras infinitas do Departamento de Mistérios. Finalmente, - disse Luna, estreitando os olhos como se consultasse sua memória. - a maior das três relíquias, seu cajado. Naqueles tempos, bruxos usavam cajados ao invés de varinhas, sabem. Longas varas, freqüentemente mais altas que o bruxo em si. O cajado de Merlim foi esculpido do tronco de uma rara madeira falante moldável. Dizem que ele ainda poderia fazer seu cajado falar com a voz da dríade que o concedeu. Austramaddux guardou o cajado consigo, afirmando ser seu único guardião até o dia do retorno de Merlim. Ele era, e dizem que o segredo da localização do cajado morreu com ele.
- Uau. - disse Ralf em voz baixa.
- Mas ainda, - disse James. - diz que alguém poderia reunir todas as relíquias novamente. Onde essa

Travessia dos Titãs poderia ser?
- Novamente, ninguém sabe. - Luna respondeu. - Austramaddux fala disso como se esperasse que seus leitores soubessem disso, como se fosse um lugar bem conhecido. Talvez fosse, mas está completamente perdido para nós agora.
- Mas seu pai acreditava que isso poderia trazer Merlim de volta? Ele achava que isso poderia acontecer? - incitou James.
Pela primeira vez, o rosto de Luna tornou-se sério. Ela olhou para James.
Meu pai acreditava bastante em uma ampla variedade de coisas, James, nem todas condizentes com a realidade. Ele acreditava no retorno de Merlino. Também acreditava no poder curativo das verrugas de narguilés, a fonte do hálito agradável, e a existência de uma civilização subterrânea inteira de criaturas meio-humanas que ele chamava de mordechins. Em outras palavras, só porque meu pai acreditava nessas coisas, isso dificilmente faz dessas coisas verdade.
- Sim, acho. - disse James, mas distraidamente.
Luna continuou.
- Nenhum bruxo já venceu a morte. Muitos a enganaram por algum tempo, usando artes que se estendem do criativo ao duvidoso até o mal absoluto. Mas nenhum único bruxo em toda a história experimentou a morte e retornou para falar sobre isso. É a lei da mortalidade. Uma vida, uma morte.
James cabeceou, mas já mal escutava. Sua mente estava vacilante. Finalmente, Gina apareceu e mandou ambos os garotos para a cama.
- Então, o que você acha? - perguntou Ralf enquanto passavam pelo retrato acortinado da velha Sra. Black e subiam as escadas. - Você ainda acha que existe uma grande conspiração de Merlim?
James acenou que sim.
- Definitivamente. Você lembra de nossa primeira aula

de Defesa Contra as Artes das Trevas? Quando o Prof. Jackson entrou para falar com o Prof. Franklyn sobre algo? Ambos estavam de pé, então a rainha do vodu entrou para dizer a Jackson que sua classe o esperava. Lembra?
- Sim, claro.
- Bem, sabe aquela maleta que Jackson carrega com ela para todos os lados? Dei uma olhada nela. Estava um pouco aberta e estava a pouca distância de mim. Dentro havia um grande pacote com algum tipo de roupa preta. Jackson me viu e me lançou um olhar que derreteria chumbo!
James abriu a porta do quarto e Ralf lançou-se em sua cama.
- E então? Não entendo.
- Você lembra o que eu disse a você sobre a noite em que me escondi sob a Capa da Invisibilidade e segui o papai e o Prof. Franklyn? Franklyn disse ao meu pai que ele deveria vigiar o Prof. Jackson. Disse que Jackson estava envolvido em todo o movimento de propaganda anti-auror. Não percebe?
Ralf franziu as sobrancelhas e pensou duramente.
- Não sei. Não consigo acreditar que o Prof. Jackson faria parte de uma trama para iniciar a guerra contra os trouxas. Ele é difícil, mas parece legal.
- Isso é o que penso, também, mas, Ralf, você sabe o que acho que é aquela coisa dentro da maleta? Acho que é uma das relíquias! A túnica de Merlim! Ele a mantém segura até que possa reunir o resto das relíquias.
Os olhos de Ralf arregalaram-se.
Não! - disse ele em um sussurro fraco. - Não pode ser! Quero dizer, o professor Jackson...!
- Isso não é tudo. - disse James, escavando sua mochila. - Dê uma olhada nisso. - ele puxou um *Profeta Diário* dobrado que Zane lhe dera, o único com a falsa história sobre a demonstração contra a visita de Harry Potter. - Isso esteve no fundo de minha bolsa o tempo inteiro.

Esqueci porque eu o guardava, mas dê uma olhada no artigo posterior. - James deu um tapinha no artigo sobre a invasão no Ministério da Magia e os ladrões estranhamente amaldiçoados que aparentemente haviam entrado para não roubar nada. Ralf leu lentamente, então ergueu os olhos arregalados para James.
- Diz que um dos lugares que invadiram foi o Departamento de Mistérios. - disse ele. - Você acha que esses caras procuravam pelo trono de Merlim?
- Talvez. - admitiu James, pensando esforçadamente. - Mas não acho que sim. Acho que foram contratados como uma diversão. Aí diz que nenhum deles tinha grandes antecedentes, não? Não poderiam ter entrado no Ministério por conta própria. Talvez era só uma distração, vasculhando as coisas em volta e devastando um pouco enquanto algum *outro* encontrava o trono e o tirava dali.
- Mas aí diz que nada foi roubado. - disse Ralf, lançando um olhar de volta ao artigo.
- Bem, eles não iriam admitir que o trono de Merlim foi pego, iriam? - retrucou James. - Digo, seria bastante inquietante admitir que um artigo de magia das trevas sumiu, com todas essas histórias de bruxos malvados tentando usar as relíquias para trazer Merlim de volta dos séculos passados. Por outro lado... - ele relembrou o que Luna dissera a eles. - se o trono estava guardado nas câmaras do Departamento de Mistérios desde o século dezesseis, talvez não soubessem mais que estava ali. Como saberiam que um item sumiu do lugar? Luna os chamou de “câmaras infinitas”, não?
- Então, - disse Ralf, ainda analisando o artigo de notícias. - alguém contrata esses três estúpidos para invadir e fazer uma bagunça, enquanto os reais ladrões se mandam com o trono de Merlim. Então os verdadeiros ladrões amaldiçoam esses caras para não serem capazes de falar, e os passa para trás para se

livrarem. Certo? Muito esperto. Mas ainda assim, onde você esconde algo como o trono de Merlim? Objetos poderosos de magia, especialmente os das trevas, não deixam um sinal bastante notável? Digo, seu pai e seus aurores captariam de algum modo, não?
- Sim, - James concordou duvidosamente. - eles o teriam colocado em algum lugar longe da civilização ou escondido sobre vários Feitiços de Desilusão e Feitiços do Segredo. Mais do que apenas velhos bruxos poderiam desfazer. Precisariam de um local totalmente protegido e absolutamente secreto, como... - ele se deteve, compreendendo. A boca do pulmão aberta e seus olhos arregalando-se mais e mais.
- O quê? - Ralf finalmente perguntou. James lançou um olhar para ele, e então lhe tomou o jornal. Ele o virou, examinando a página frontal.
É isso! - disse ele num sussurro ofegante. - Olhe! A invasão aconteceu na noite antes de chegarmos à escola! Você lembra quando estávamos nos barcos cruzando o lago pela primeira vez? Vi alguém em um barco próximo à margem do lago!
- Sim, - disse Ralf lentamente, estreitando os olhos. - eu acho. No dia seguinte, quando os americanos chegaram, você viu a velha Madame Delacroix e pensou que poderia ter sido ela. Imaginei que você estava enlouquecendo um pouco.
James o ignorou e continuou.
- Eu decidi que não poderia ser ela, porque a mulher que eu vi no lago era muito mais jovem. Mas a semelhança era assustadora. Mas, sabe o lugar onde vi aquele barco? Era o mesmo local onde eu e Zane encontramos a ilha! A Fortaleza da Gruta! Achei que *era* Madame Delacroix, apesar de tudo.
- Como? - perguntou Ralf simplesmente. - Ela não havia chegado até o dia seguinte.
James explicou a Ralf o que o professor Franklyn revelara sobre Madame Delacroix ao jantar nas

hospedagens de Alma Aleron.
- Era a aparição dela. - concluiu ele. - Ela se projetou para o lago, para aquele lugar na ilha, usando a habilidade que Franklyn nos contou. Não é de se estranhar que ela ficou maluca quando ele explicou que ela poderia projetar uma versão jovem de si mesma em qualquer lugar que quisesse!
Ralf pareceu desconfiado.
- Mas por quê? O que ela iria querer flutuando em um barco pelo lago?
- Não percebe? - exclamou James, tentando manter a voz baixa. - Seja lá quem roubou o trono de Merlim precisaria escondê-lo em algum lugar tão seguro e secreto que ninguém jamais percebesse. Que outro melhor lugar para esconder senão os terrenos de Hogwarts? Porque criar um super-poderoso esconderijo quando um já existe e você vai estar lá de qualquer forma? Madame Delacroix enviou seu espectro para a ilha aquela noite para entregar o trono roubado. Ela o escondeu justo nos terrenos de Hogwarts, ali na ilha. A Floresta Proibida já é tão repleta de magia que o trono provavelmente está perdido longe da percepção dos bruxos na escola. A Fortaleza da Gruta deve ser o esconderijo!
Ralf encarou James, mordendo os lábios e os olhos arregalados. Finalmente, ele disse:
- Uau, isso é tão horripilante que faz sentido. Então, você acha que ela está agindo com Jackson, então?
- De um jeito ou de outro, eles estão nessa, juntos. - afirmou James.
- Isso é nojento. - disse Ralf sem rodeios. - Eu estava realmente começando a gostar do Prof. Jackson. Mas, qual é a grande coisa, realmente? Digo, Luna disse que é impossível trazer Merlim de volta. Parecia pensar que aqueles que tentaram estavam certamente loucos. Uma vez louco, sempre morto. Porque não deixar Delacroix e Jackson com suas fantasias?

James não poderia desistir. Ele balançou a cabeça.
- Não sei quanto a Delacroix, mas o Prof. Jackson é mais esperto do que isso. Ele ensina Tecnomancia, não é? Ele não decairia por algum esquema louco se não soubesse que daria certo. Além disso, todo mundo continua falando como se Merlim tivesse morrido. Mas Austramaddux não disse que ele morreu, disse? Ele apenas deixou o mundo dos homens.
Ralf deu de ombros.
- Que seja. Para mim é bastante duvidoso. - ele caiu de costas na cama.
- Por favor, Ralf! - disse James, atirando o velho jornal nele. - Eles estão tentando trazer Merlim de volta para começarem uma guerra com os trouxas! Cabe a nós parar isso!
Ralf virou para o lado e franziu as sobrancelhas para James.
- O que você quer dizer? Seu pai é chefe dos aurores. Se você realmente está preocupado a respeito, conte a ele. É o trabalho dele deter coisas como essas, não é? De qualquer jeito, o que vamos fazer?
James ficou exasperado.
- Podemos tentar detê-los! Ninguém acreditará se contarmos agora. Nós mesmos podemos tentar capturar as relíquias. Se fizermos isso, então ao menos teremos uma prova!
Ralf continuou a encarar James. Após um minuto, ele falou.
- Você não acha que está levando isso um pouco a sério demais? Digo, entendo você querer seguir os passos de seu pai e tudo, tentando salvar o mundo e ser o herói...
- Cala a boca, Ralf. - disse James, repentinamente zangado. - Você não sabe do que está falando.
Ralf virou-se.
- Sim, você está certo. Desculpe. - James sabia que, depois da briga anterior entre eles, Ralf estava sensível a não dizer qualquer coisa demasiadamente

controvertida.
- Tudo bem. - James admitiu. - Sei por que você está dizendo isso. Mas agora é diferente. Realmente não estou tentando ser como o papai, certo? Talvez não haja maneira alguma de trazer Merlim de volta. Mas, esses sujeitos do Elemento Progressivo não possuem boas intenções. Se nós pudermos provar que eles estão tentando iniciar uma guerra, podemos ao menos encerrar suas atividades, não? Se nós pudermos fazer isso, acho que deveríamos. Você está comigo?
Ralf sorriu para James.
- Claro. Qual é a graça de ser um bruxo se não estamos em busca de salvar o mundo?
James revirou os olhos.
- Cale a boca e durma, Ralfidilo.
Mas James não conseguiria dormir, não por muito tempo. Ele pensou bastante sobre tudo o que aprendera aquela noite, as conexões que ele e Ralf construíram. Fazia tanto sentido. Tinha de ser verdade. E por mais que acreditasse em Luna, não poderia acreditar totalmente que era impossível trazer Merlim para o mundo de algum modo. Ele fora o maior bruxo existente, não? Ele tivera certeza de que era capaz de coisas que inclusive os mais poderosos bruxos desde então achavam impossíveis. James sentiu uma forte má vontade de desistir. Mas, parte dele fora atingida pela sugestão de que James estava simplesmente procurando por uma maneira de ser um herói, como seu pai. Não porque ele sabia que isso não fosse verdade, mas porque estava temeroso de que fosse. Finalmente, várias horas depois a casa mergulhou em silêncio, sentindo-se confuso e exausto, James adormeceu.

Durante o dia antes da viagem de volta à escola, James perambulava pelos aposentos superiores do Largo Grimmauld, entediado e impaciente. A última das visitas ficara para o dia anterior, e Ralf saíra com Ted e Vitória para ver os gabinetes de Harry no Ministério. James estivera lá várias vezes, mas sua razão principal para não acompanhá-los era que queria tempo para pensar. Após uma hora e meia deitado em sua cama e rabiscando notas insignificantes e ilustrações em folhas de pergaminho, desistira e subiu as escadas em direção ao quarto andar. Os andares superiores eram silenciosos e sonolentos, com partículas de poeira flutuando preguiçosamente dentro dos raios solares que jorravam pelas janelas congeladas. Todas as camas estavam arrumadas, a maioria das malas prontas. Todos deixariam o Largo Grimmauld nos próximos dias, reduzindo-o mais uma vez ao silêncio. Até Monstro fora induzido a acompanhar a família de volta para a casa principal em Arco de Mármore por alguns meses. A idade e tranqüilidade da casa pareciam preencher os aposentos, como névoa. James sentia-se como um fantasma.

Ele estava passando pela porta do quarto de seus pais quando se deteve. Recuou um passo e olhou para dentro. As cortinas estavam amplamente abertas e um feixe forçado de luz solar atravessava o ar, projetando a luz em formato de janela sobre o baú de Harry Potter. James lançou um olhar rápido para as escadas para se assegurar de que ninguém estava vindo, e então adentrou o quarto na ponta dos pés. O baú não estava completamente fechado. Nem sequer possuía fechadura. James ergueu a tampa lentamente, espiando. Ali, no mesmo local que estava da última vez, estava a Capa da Invisibilidade de seu pai. Estava dobrada com força, empacotada a um canto, quase coberta por uma pilha de meias. James olhou novamente para a entrada, já se sentindo culpado. Não deveria fazer aquilo, claro.

Absolutamente não. Quando seu pai descobrisse, haveria problemas. Mas por outro lado, talvez seu pai nem notaria. Harry Potter parecia carregar a capa legendária simplesmente pela força do hábito. Na verdade, James não conseguia relembrar da última vez que a havia usado. Parecia errado, de certo modo, que tal tesouro útil não estava sendo colocado em uso por alguém. James a alcançou e a tocou, então, sem pensar duas vezes, puxou a capa para fora. Estava quase para virar-se e correr de volta para seu quarto, quando algo mais dentro do baú chamou sua atenção. Segurou a respiração enquanto olhava, mal se permitindo acreditar no que estava vendo. Estava embrulhado debaixo da Capa da Invisibilidade, revelado apenas quando James retirou a capa. Poucas pessoas inclusive reconheceriam o que era. À primeira vista, tratava-se meramente de um pergaminho velho, dobrado muitas vezes. Como um mapa. James o levou em consideração. O que finalmente o fez se decidir foi o pensamento do que Ted Lupin poderia dizer se ele soubesse que James dera as costas àquela oportunidade excelente.

James pegou o Mapa do Maroto, segurando-o com força junto à Capa da Invisibilidade contra o peito, então cuidadosamente fechou o baú de seu pai. Correu escada abaixo e retornou ao seu quarto. No momento em que escondera seu contrabando no fundo de seu próprio baú, estava se sentindo ao mesmo tempo excitado e assustado em medidas iguais. Havia certeza de que receberia uma repreensão quando fosse descoberto, e não havia dúvida de que o *descobririam*. Porém, sabia que seu pai não seria capaz de negar que teria feito a mesma coisa se estivesse na mesma situação que James. Contava com isso para abrandar as coisas quando o tempo chegasse. Até lá, faria bom uso de ambos os itens. Ainda não sabia exatamente como, mas não havia dúvida de que, com a Capa da Invisibilidade *e* o Mapa do Maroto em sua posse, sentia-se muito melhor preparado

para enfrentar quaisquer aventuras que certamente viessem.

A viagem de volta à escola, como toda viagem pós-feriado, foi melancólica e tranqüila. De volta a Hogwarts na semana seguinte, James e Ralf relataram a Zane tudo o que Luna contara a eles e as conexões que subseqüentemente fizeram. James sentiu-se grato por Zane entender imediatamente as implicações.
- Talvez Madame Delacroix lançou a Maldição Imperius em Jackson? - perguntou ele em um tom baixo enquanto os três agachavam-se à mesa ao canto da biblioteca.
- Sim. - Ralf concordou. - Faz sentido. Ela poderia estar usando ele apenas como instrumento.
James sacudiu a cabeça.
- Papai diz que a Maldição Imperius é muito fácil de ser lançada, mas necessita de muita força de vontade para mantê-la durante um longo período de tempo. Todo um ano escolar é *muito* tempo. Além disso, um bruxo forte o bastante pode aprender como se livrar dela ou resistir completamente. Jackson é esperto demais para ser um alvo para algo como isso.
Ralf deu de ombros, e então se inclinou, baixando a voz enquanto um grupo de estudantes passava por eles.
- De qualquer jeito, ainda penso que a coisa toda é uma perda de tempo. Digo, bruxos vem tentando trazer Merlim de volta por séculos, não? E os melhores bruxos hoje vivos acreditam tudo é apenas um tipo de conto de fadas. O Prof. Franklyn disse na aula de D.C.A.T. que os melhores registros mostram que Merlim terminou se envolvendo com alguma coisa chamada “a Dama do Lago” que tomou seus poderes e o aprisionou. Poderia ser apenas uma parte da lenda, mas ainda assim,

supostamente ele morreu a mais ou menos doze séculos e foi enterrado como qualquer outro.
Zane, que sempre tendia à imaginação mórbida, arregalou os olhos.
- E se o plano for trazer ele de volta como Inferi? Talvez vão apenas erguer seu corpo como algum tipo de zumbi ou algo do tipo!
James revirou os olhos.
- Inferi são apenas cadáveres animados. Ninguém diria que alguém retornou à vida se apenas foi transformado em Inferi. É o mesmo que pegar o esqueleto de Merlim e usá-lo como fantoche.
Zane ergueu suas mãos e imitou uma boca com os dedos.
- Ei, caras. Sou Merlim. Acabei de voltar voando da morte, e cara, meus braços estão cansados?
James prendeu um riso.
- Tudo bem, agora seriamente, talvez toda a coisa sobre o retorno de Merlim seja apenas uma lenda maluca. Jackson e Delacroix e seja lá quem esteja trabalhando com eles no Elemento Progressivo acreditam nisso, e enquanto acreditam, continuarão assim. Mesmo que o plano de Merlim não funcione, simplesmente eles tramarão outro. De qualquer forma, se podemos provar o que eles estão tentando fazer...
- Podemos ao menos detê-los. - afirmou Ralf. - Certo? Desacreditá-los para o mundo bruxo?
- Sim. E se fizermos isso, eles vão precisar de muita habilidade para alcançar seus objetivos.
Zane levou seus dedos para trás da cabeça e recostou-se.
- Então parece que precisamos pôr nossas mãos naquelas relíquias. O trono está protegido demais para o alcançarmos, se estiver naquela ilha. Não sabemos ainda quem tem o cajado de Merlim ou se alguém mais sabe onde está. Resta-nos a túnica. Ao menos sabemos onde ela está, e até onde sabemos, a maleta de Jackson não

tentará tirar nossas pernas fora se a abrirmos.
Ralf pareceu desgostoso.
- Até onde sabemos.
- Precisamos ser capazes de pegá-la sem Jackson saber que sumiu. Se ele perceber, eles terão tempo de recuar e cobrir seus vestígios. - disse James, pensando com esforço. - Quero apenas que saibamos onde eles estão planejando reunir as relíquias. Temos de alcançá-los antes que tentem.
- E onde é essa Travessia dos Titãs? - adicionou Ralf.
- Tenho a impressão de que é a própria ilha. - respondeu James, erguendo as sobrancelhas.
Era a vez de Zane balançar a cabeça.
- Nãã. Não pode ser. O sinal no portal dizia que ali era a Fortaleza da Gruta. Na base, dizia algo sobre a Travessia dos Titãs, como se fosse algum outro lugar.
James vasculhou sua mochila, encontrando a folha de pergaminho em que ele e Zane reescreveram o poema do portal. Ele o estendeu entre eles. À luz do que Luna contara a eles, o poema fazia mais sentido. Eles o leram, juntamente com suas notas rabiscadas, mais uma vez.

*Quando pela luz da Sulva resplandecer* - sulva = lua.

*Encontrei a Fortaleza da Gruta*; - somente pode ser encontrada à luz lunar.

*Antes que a noite do tempo vingue* - tempo que vingue? Certa data?

*Despertou de seu lânguido sonho*. - Merlino; dormindo? Rip Van Winkle.

*Ao retorno da afligida aurora* - acontece à noite?

*Sem nenhuma relíquia perdida*; - as três relíquias! Reuni-las.

*Passada uma vida, um novo eão*, - uma vida do passado em um novo tempo; a origem da lenda?

*O Vestíbulo da Travessia dos Titãs* - Aqui? Aonde?

- Sim. - concordou James relutantemente. - Isso faz soar como se a Travessia dos Titãs fosse um lugar inteiramente diferente. Talvez a Fortaleza da Gruta se *transforme* na Travessia dos Titãs, de alguma forma?
Zane deu de ombros, não muito convencido.
- É.
- Não faz qualquer diferença, realmente. - disse Ralf após um minuto de meditação. - É apenas um poema antigo. Parte da lenda.
- Você não viu a ilha. - disse Zane com um estremecimento, então, virou-se para James. - Você acha que toda aquela Fortaleza da Gruta cresceu ali naquela ilha em resposta ao trono de Merlim estar lá?
- Poderia ser. - James afirmou. - Se a lenda é verdadeira ou não, aquela coisa deve possuir alguma magia séria nela. Provavelmente, Madame Delacroix adicionou suas próprias azarações e feitiços também.
- De qualquer jeito, - insistiu Ralf. - precisamos conseguir a túnica da maleta de Jackson. Alguma idéia?
Os três olharam um para o outro. Finalmente, James disse:
- Trabalharei em um plano. De qualquer forma, vamos precisar de alguma coisa para substituir a túnica.
- Você disse que era apenas um pedaço grande de tecido preto? - disse Ralf. - Podemos usar minha capa. Meu pai me deu um guarda-roupa bruxo completo quando estávamos no Beco Diagonal antes no início das aulas, e ao menos que eu tenha de ir ao casamento ou funeral de alguém, não posso imaginar quando precisarei daquela coisa. É maior do que minha coberta.
James considerou.

- Certo, acho que servirá como qualquer outra. Ainda que, - acrescentou, olhando seriamente para Ralf - eles possam investigar e isso levar até você.
Ralf ficou em silêncio por um momento, e então encolheu os ombros.
- Ah, bem. Já não me faltam inimigos. Um ou dois não podem machucar mais.
Considerando o calibre dos inimigos que Ralf poderia conseguir com tal plano, James pensou que poderiam realmente machucar, mas decidiu não dizer nada. Estava orgulhoso por Ralf se voluntariar, e sentiu que isso mostrava que Ralf tinha uma grande confiança em James. James esperava que ele fosse digno dela.

Pelo resto da semana, James possuía pouquíssimo tempo para pensar a respeito da maleta de Jackson e a túnica. Como se ele soubesse o que estavam tramando, o professor Jackson empilhou mais trabalhos de casa do que o normal, designando quase cinco capítulos e uma composição de quinhentas palavras sobre a Lei da Inércia Deslocada de Heitor. Ao mesmo tempo, o professor Franklyn planejara um exame prático para quinta à tarde, deixando apenas um dia para James, Zane e Ralf praticarem Feitiços de Desarmar e Bloqueio. Ralf foi forçado a praticar em um manequim. Após duas horas, ele finalmente obteve sucesso ao lançar o *Expelliarmus* sem queimar uma cratera no manequim encapado. Felizmente, o próprio Franklyn se propôs a ser o parceiro de duelo de Ralf durante a prática. Ralf, ligeiramente mais confiante de que Franklyn poderia desviar qualquer feitiço errante do que qualquer outro de seus colegas, conseguiu se concentrar um pouco mais no manuseio da varinha. Para a surpresa de todos, mais do que para si próprio, seu *Expelliarmus* realmente

obteve sucesso em arrancar a varinha de Franklyn de sua mão. A varinha oscilou no teto como uma flecha.
- Bem feito, Sr. Deedle. - disse Franklyn, um pouco fracamente, contemplando sua mão. - Sr. Potter, poderia, por gentileza, recuperar minha varinha? Há uma escada de mão próxima ao armário de suprimentos. Bom rapaz.
Assim que James e Ralf deixaram a aula prática de Defesa Contra as Artes das Trevas, James notou que mais uma vez estava sendo observado atentamente por um homem de bigode no quadro de bruxos reunidos em volta de um enorme globo. Durante as semanas passadas, começara a notar olhares similares vindo dos quadros por todos os corredores. Não de todos os quadros, de alguns, mas o suficiente para incomodar sua atenção. O gordo bruxo ao canto da mesa do quadro do envenenamento de Péracles parecia escutar intencionalmente enquanto ele, Ralf e Zane discutiam sobre a maleta de Jackson na biblioteca. Um cavaleiro na pintura da Batalha de Bourgenoigne andava a meio passo ao canto do quadro para observar James enquanto esse se perdia de vista dirigindo-se à aula de Estudo dos Trouxas. Talvez o mais estranho de tudo, era o retrato de um retrato no quadro da coroação do Rei Cícifo que estudava James sem vergonha da parede do Salão Principal enquanto ele e Zane tomavam o café da manhã.
James deteve-se em seu caminho para a sala comunal e aproximou-se do quadro dos bruxos reunidos ao redor do globo. O bruxo com o bigode escuro e óculos olhou para ele com uma expressão severa e ilegível.
- Que foi? - reclamou James. - Eu tenho mostarda em minha gravata ou algo do tipo?
A pintura da expressão do bruxo não mudou, e mais uma vez, James achou que havia algo incomodamente familiar nele.
- De alguma forma, conheço você. - disse ele. - Quem é você?

- Você está falando com um quadro. - apontou Ralf.
- Eu converso com um quadro cada dia que entro na sala comunal. - disse James sem se virar.
- Sim. - afirmou Ralf. - Ainda assim, parece um pouco estranho sair por aí e começar a conversar com as pinturas espalhadas pelos corredores.
- De onde eu conheço você? - perguntou James à pintura, aborrecido.
- Jovenzinho, - outro bruxo no quadro falou. - não estamos acostumados a este tom. Respeito e consideração, por favor. Somos mais velhos que você.
James o ignorou, ainda estudando o bruxo com bigode e óculos, que simplesmente devolvia o olhar em silêncio. Ocorreu a James que o bruxo apenas parecia familiar porque, de algum modo, parecia com o resto das pinturas que o observava. Mas obviamente era ridículo, não era? Havia o homem gordo calvo, e o bruxo magro no retrato do retrato que possuía uma barba espessa loura e enorme. Todos os quadros que viu que o observavam eram absolutamente diferentes. Alguns inclusive eram mulheres bastante feias. Mas, havia algo nos olhos e no aspecto do rosto. James agitou a cabeça. Sentia-se tão perto de compreender, apesar disso permanecer longe de seu alcance.
- Vamos. - disse Ralf finalmente, agarrando o braço de James. - Converse com os quadros mais tarde. Hoje a noite tem bife e rim.
Naquele fim de semana, James testou sua nova Thunderstreak no campo de quadribol. Era realmente uma experiência completamente diferente do que voar em qualquer uma das vassouras das casas. A Thunderstreak era notavelmente mais veloz, mas o mais importante, respondia às direções de James com uma precisão e facilidade que se limitava à precognição. James simplesmente pensava que talvez gostasse de mergulhar ou girar, e repentinamente, descobriu que isso estava acontecendo. Ted explicou, bastante

ofegante, que a Thunderstreak era equipada com uma opção chamada “Aprimoramento Extra-Gesticular”.
- Basicamente, - disse ele em uma voz respeitosa. - a vassoura pode ler a mente de seu dono, basta apenas o mais ligeiro toque para ir onde você quiser. Ela já sabe o que você quer, então no momento em que você pilotar, já está lá.
James ofereceu a Ted uma volta na vassoura, mas Ted agitou a cabeça tristemente.
- Ela está ligada a você. Você é o dono. Se alguém mais tentasse voar nela, não daria certo. Essa é uma desvantagem da opção A. E. G. Ou mais, se você estiver preocupado que alguém a roube.
- Queeero umaaaa! - disse Zane em voz baixa. - Quanto custa?
- Quanto você tem? - perguntou Ted.
Zane pensou por um instante.
- Desde que dei meus últimos cinco dólares para o elfo domésticos porteiro, eh, nada.
- Custa mais do que isso. - disse Ted acenando com a cabeça.
No caminho de volta ao castelo, Zane contou a James que tivera uma idéia sobre como trocar a túnica com a capa de Ralf.
- Encontre-me hoje à noite na sala comunal da Corvinal. - disse ele. - Diga a Ralf para que venha, também, quando você o ver. Encontrarei vocês na entrada ás nove.
Àquela noite, o salão comunal da Corvinal estava estranhamente vazio. Zane explicou que havia um torneio de xadrez de bruxo sendo realizado no Salão Principal.
- Horácio Birch está jogando com o Prof. Franklyn pelo titulo de maior campeão de xadrez do universo ou algo do tipo. Não é oficial, acho. De qualquer forma, todos estão lá embaixo torcendo para ele. Então algum de vocês já possui uma maneira de obter a túnica do

Jackson?
- Imaginei que você disse que tinha um plano - disse James.
- E tenho, mas é bastante arriscado. Pensei primeiro em escutar suas idéias, caso fossem melhores.
James balançou a cabeça. Ralf disse:
- Estive observando o Prof. Jackson. Ele nunca deixa aquela maleta fora de vista.
- Na verdade, - disse Zane, sentando-se em uma cadeira próxima ao fogo. – isso não é totalmente verdade.
Ralf e James sentaram-se ao sofá. James disse:
- Ralf está certo. Inclusive, ele a leva para as partidas de quadribol. Ele a coloca entre seus pés durante as refeições. Está com ela o tempo todo.
- Fica com ela o tempo inteiro. - concordou Zane. - mas há um momento onde ele não está exatamente de olho nela.
- Quê? - exclamou James. - Quando?
- Durante a aula de Tecnomancia. - respondeu Zane simplesmente. - Pense. O que ele faz durante toda a aula?
James considerou por um instante, então seus olhos arregalaram-se ligeiramente.
- Ele passeia.
- Bingo. - disse Zane, apontando para James. - Ele põe sua maleta no chão próximo à escrivaninha, cuidadosamente como sempre, então ele passeia. Circula pelo local dez vezes por aula, aposto. Eu observei. Leva por volta de um minuto para que ele complete todo o caminho no local, o que significa que por mais ou menos vinte segundos, ele retorna para perto da maleta.
- Espere. - intrometeu-se Ralf. - Você acha que deveríamos tentar fazer a troca logo no meio da aula?
Zane deu de ombros.
- Como eu disse, não é uma ótima idéia.
- Como? Há vinte pessoas na classe. Não podemos

envolver todos nisso.
- Não. - concordou James. - Filia Goyle está nessa aula. É amiga íntima de Tábita Corsica, e é possível, até provável, que estejam dentro da conspiração de Merlim. Inclusive, Filia pode saber o que há dentro daquela maleta. Ninguém mais pode saber o que estamos planejando.
- Não significa que é impossível. - disse Zane.
Ralf franziu a testa.
- Você acha que vamos conseguir abrir a maleta de Jackson, trocar as túnicas, e fechá-la novamente, tudo enquanto Jackson estiver de volta em vinte segundos, e sem ninguém mais na classe perceber?
- Hum. - fez James, erguendo a sobrancelha. - Talvez não precisamos *abrir* a maleta. E se encontrássemos outra maleta? Poderíamos pôr a capa de Ralf dentro e de alguma forma trocar as maletas enquanto Jackson está de volta.
Ralf permaneceu desconfiado.
- Jackson poderá perceber. Ele carrega aquela coisa com ele para qualquer lugar. Provavelmente ele memorizou cada arranhão ou gasto nela.
- Na verdade - disse Zane ponderando. - é uma maleta de couro de aparência bastante padrão. Vi outras exatamente como ela aqui mesmo em Hogwarts. Se pudéssemos encontrar alguma bastante próxima... - Zane repentinamente se surpreendeu e estalou os dedos.
- Horácio!
- Horácio? – pestanejou James. - Horácio Birch? O Maligno jogador de xadrez? O que ele tem a ver com isso?
Zane chacoalhou a cabeça excitadamente.
- Lembra do *Foguetim*? Horácio usou feitiço chamado *Visum-ineptio* para fazê-lo parecer um disco voador. Era um Feitiço Engana-Olhos! Ele disse que ele apenas faz as pessoas verem o que esperam ver. Se encontrarmos uma maleta que pareça com a de Jackson, e lançarmos

um *Visium-ineptio* sobre ela, aposto que seria o bastante para enganar muito bem o velho Cara de Pedra! Digo, ele nunca esperaria isso acontecer à sua maleta durante a aula, então o feitiço ajudará a ele ver a maleta falsa como sua.
Certo?
Ralf pensou a respeito e pareceu aliviado.
- É tão louco, que pode dar certo.
- Sim, - acrescentou James. - mas ainda assim, como faremos a troca das maletas durante a aula sem que ninguém mais perceba?
- Precisamos de uma distração. - disse Zane firmemente.
Ralf fez careta.
- Você assistiu muita televisão.
James ergueu as sobrancelhas, pensando na Capa da Invisibilidade.
- Sabem, - disse ele. - acho que tenho uma idéia. - ele contou a Zane e Ralf sobre ter encontrado a Capa da Invisibilidade e o Mapa do Maroto.
- Você os pegou do baú de seu pai! - sorriu Zane deleitado. - Seu pequeno cafajeste! Teddy vai querer beijá-lo!
- Ele não sabe, e quero manter em segredo, ao menos por agora. - disse James com severidade. - Mas o ponto é, acho que podemos usar a Capa da Invisibilidade para a troca sem ninguém saber. Porém, isso vai exigir muito de todos nós.
- Eu nem sou daquela classe. - disse Ralf.
James cabeceou.
- Eu sei. Que aula você tem nesse horário? A primeira, na quarta?
Ralf pensou.
- Hum. Aritmancia. Eca.
- Você pode perder uma?
- Acho que sim. Por quê?
James explicou seu plano. Zane começou a sorrir, mas Ralf parecia inconfortável.

- Eu sou um terrível mentiroso. Eles vão perceber imediatamente. - murmurou. - Zane não pode fazer minha parte? Ele é um mentiroso natural.
James balançou a cabeça.
- Ele está na classe comigo. Não seria bom.
- Você pode fazer isso, Ralf. - disse Zane de todo o coração. - O truque é 'olhá-los diretamente nos olhos e nunca piscar'. Ensinarei a você tudo o que sei. Faremos de você um grande mentiroso.
Naquela noite, quando James se preparava para dormir, pensou rapidamente sobre o plano. Agora que havia se permitido considerar a impossibilidade do retorno literal de Merlim, sentiu-se bastante tolo por ter estado tão certo disso. Obviamente, realmente era apenas uma ilusão maluca de bruxos ávidos por poder. Ainda assim, era evidente que Jackson e Delacroix, ao menos, acreditavam nisso o bastante para tentar. Se James, Ralf, e Zane conseguissem capturar a túnica de Merlim, seria prova suficiente para fazer com que seu pai e seus aurores investigassem a ilha da Fortaleza da Gruta. Encontrariam o trono de Merlim e a conspiração seria revelada. Estaria na página principal de notícias do *Profeta Diário*, e o Elemento Progressivo de Tábita Corsica, certamente parte do complô, seria revelado como uma campanha de mentiras e propaganda, tencionando apenas a guerra e domínio. Com essa imagem em sua cabeça, James teve a sensação repentina de determinação para fazer tudo o que pudesse para obter a túnica.
Enquanto avaliava o plano, contudo, tinha suas dúvidas. Certamente, era um esquema bastante complicado, com muitas variáveis. Muito dependeria inteiramente de pura sorte. Em um minuto, James tinha certeza que funcionaria perfeitamente, no próximo, estava certo de que seria um desastre e ele, Ralf e Zane seriam pegos. O que diriam? Jackson saberia que estavam cientes de seu plano. Seria isso suficiente para deter a conspiração?

James era, acima de tudo, o filho do Auror Chefe. James pensou que não. Se James e seus amigos fossem pegos tentando roubar a relíquia, Jackson saberia que ainda não contaram nada a Harry Potter. Jackson e seus co-conspiradores matariam para manterem seus planos em segredo? Ele mal conseguia acreditar nisso, mas por outro lado, James tinha certeza, provavelmente mais do que Zane ou Ralf, que os três poderiam ficar em grande perigo se o esquema falhasse.

Pela primeira vez, considerou contar tudo ao seu pai. Ele poderia enviar Nobby com uma carta, explicando tudo em que eles trabalharam até ali. Se o plano dos três de capturar a túnica desse certo, então teriam uma prova para dar respaldo à carta. Se falhassem e fossem pegos, ao menos alguém mais saberia sobre a conspiração de Merlim. Estava tão tarde para escrever a carta, mas ele retornou à segurança de que seria uma boa idéia, e decidiu que seria a primeira coisa a fazer pela manhã. Pensando nisso, adormeceu.

Na manhã seguinte, contudo, enquanto descia as escadas para o café da manhã, esqueceu tudo a respeito. Na luz de um novo dia e uma nova semana, sentiu-se perfeitamente confiante de que o plano deles funcionaria. Falhar era inconcebível. Estava tão animado por isso que mal notou o bruxo pálido no quadro da Assunção de São Mungo observando ele com atenção, erguendo a sobrancelha com o rosto inflexível.

# - CAPÍTULO 12 -

## *Visum-Ineptio*

A primeira dificuldade que James, Ralf e Zane enfrentaram para capturar a maleta de Jackson foi o simples fato de terem que encontrar uma suficientemente parecida para realizarem a troca. Era, como Zane havia mencionado, uma maleta de couro negro bastante simples, mais parecido com uma bolsa de médico do que com uma verdadeira maleta. Na noite de segunda-feira durante o jantar, estudaram-na cuidadosamente enquanto estava debaixo da mesa dos professores, entre as botas pretas do professor. Na parte superior, havia duas alças de madeira, um fecho metálico articulado, e sem dúvida estava bastante desgastada e usada. Sentiram-se desanimados ao descobrir que em um dos lados estava pregada uma

pequena placa de latão embaçada onde estava gravado “T. H. Jackson”. Embora na maioria dos aspectos parecesse um elemento de transporte absolutamente insignificante, os garotos logo descobriram que não era, de fato, fácil encontrar uma exatamente igual. Muitos estudantes e professores possuíam maletas e pastas, mas todas eram muito finas ou da cor errada, ou de um tamanho ou forma bastante diferentes. Já era terça-feira de madrugada, ainda não haviam encontrado uma maleta que pudessem usar para realizar a troca. Ralf sugeriu que teriam de esperar até a semana seguinte para fazer a troca, mas James insistiu que deviam continuar tentando.

- Não sabemos quando planejam reunir todas as relíquias. - explicou ele. - Se esperarmos demais, ele vão tentar fazer isso e então não teremos acesso a absolutamente nenhuma delas. Imaginarão que elas não funcionam e, portanto as esconderão ou destruirão.

Ralf e Zane concordaram, mas isto não os fez ficarem mais próximos de encontrar uma maleta apropriada para a troca. Então, na quarta-feira pela manhã, dia em que teriam aula de Tecnomancia, Ralf chegou à mesa do café da manhã com um brilho maníaco nos olhos. Deixou-se cair de frente para Zane e James e os olhou fixamente.

- Que foi? - perguntou James.

- Acho que encontrei uma maleta que podemos usar.

James ficou boquiaberto e Zane engoliu audivelmente o café que estava tomando.

- O quê? Aonde? - perguntou James em um sussurro áspero. Ele havia decidido que depois de tudo iam ter de esperar, o que o fazia sentir-se preocupado e aliviado ao mesmo tempo. Neste momento a adrenalina disparou em seu interior. Os olhos bastante arregalados do rosto pálido de Ralf indicavam que estava sentindo a mesma coisa.

- Conhece meu amigo Rufo Burton?

James assentiu.

- Sim, outro sonserina primeiranista. Um garoto com cabelo oleoso, não?
- Sim. Bem, ele coleciona pedras e coisas assim. Chama-se a si mesmo de “cão caçador de rochas”. Tem um montão de pedrinhas polidas colocadas em uma estante junto à sua cama: cristais, quartzos, safiras com formato de lua e tudo mais. Na última noite o ouvi falar delas durante quase uma hora. Enfim, obviamente, trouxe para escola todas as suas ferramentas de coletar pedras. Tem um pequeno martelo com forma de bico de um lado, um conjunto de pequenas lixas, escovas e muitas toalhinhas e substâncias para polir...
- Certo, certo, - disse Zane - entendemos perfeitamente. O cara é um especialista em ferramentas. Estou impressionado. Qual é o ponto?
- Bem, - disse Ralf, indiferente - ele carrega todas as suas ferramentas e equipamentos em uma maleta. Noite passada a tinha pegado e colocado sobre a cama...
- E é do tamanho e formato exatos? - acordou James.
Ralf assentiu, os olhos ainda arregalados.
- É quase perfeita. Até tem uma pequena placa em um dos lados! Tem o nome do fabricante nela, mas está no mesmo lugar em que está a pequena placa da maleta de Jackson. É de cor diferente, e as alças são de marfim, mas fora isso...
- Então como vamos consegui-la? - perguntou James desanimado.
- Já a consegui, - respondeu Ralf, parecendo bastante orgulhoso de si mesmo - Eu disse a ele que queria uma bolsa para levar meus livros e pergaminhos. Que minha mochila não dava a impressão de ser, sabe, tão *sonserina*. Ele disse que sabia exatamente o que eu queria dizer. Também disse que haviam dado a ele outra maleta de ferramentas nova no Natal, assim poderia me dar sua maleta velha. Por isso ele resolveu as diferenças: estava tirando tudo da velha para colocar na nova, que é maior e é revestida com uma dura pele de dragão.

Impermeável, ele disse. - Ralf estava começando a divagar.
- Ele simplesmente disse que você poderia ficar com ela? - perguntou Zane incrédulo.
- Sim! Tenho de dizer que isso me assustou um pouco. Quero dizer, não é um pouco demais... não sei...
- Um pouco coincidência demais - assentiu Zane.
Depois de pensar James se decidiu.
- Onde está a mala agora?
Ralf pareceu um pouco assustado.
- Eu a trouxe comigo, mas a escondi em um dos cubículos que estão debaixo das escadas. Não queria que ninguém me visse com ela aqui. Por precaução.
- Bem pensado. Vamos. - disse James, levantando-se.
- Mas vocês ainda querem fazer isso? - perguntou Ralf, seguindo-os contrariado - Digo, tínhamos decidido que íamos esperar até a próxima semana...
- Isso era só porque não tínhamos outra opção.
- Bem, - murmurou Ralf - sempre há opções. Quero dizer, não temos porque agir dessa forma, ou temos? Um de nós não poderia se esconder debaixo da Capa da Invisibilidade e fazer a troca quando Jackson não estiver olhando?
Zane negou com a cabeça:
- De jeito algum. Há muito pouco espaço lá dentro. Jackson toparia com você em uma de suas voltas. Se vamos fazer isso, esta é a única forma.
- Olha, acho que estamos *destinados* a fazer isso - disse James, virando-se para encarar Ralf e Zane, quando chegaram à entrada. - Se existe algo assim como o destino, então isso foi o que colocou a maleta em suas mãos noite passada, Ralf. Não podemos perder essa oportunidade. Seria como... como cuspir na cara do destino.
Ralf pestanejou, imaginando. Zane fez cara feia, pensativamente.
- Parece sério.

- Ainda estão comigo? - perguntou James.
Ambos os garotos assentiram.
A maleta estava no cubículo debaixo da escadaria principal, e era tão parecida com a de Jackson quanto Ralf havia descrito. Era de muito vermelha, e estava muito mais gasta por ter sido arrastada pelo chão e pelas pedras, mas era exatamente do mesmo tamanho e formato, com uma tranca metálica articulada no centro.
Ralf já havia colocado sua capa dentro, e quando James a abriu para conferir, tinha quase exatamente o mesmo aspecto que possuía o pano que havia na maleta de Jackson quando estava aberta outro dia na aula de Franklyn.
- Vamos levar ao banheiro dos meninos nos andares superiores. - disse James, enquanto descia a escada na frente dos outros dois - É exatamente debaixo da sala de Tecnomancia. Precisa de algo em particular, Zane?
- Só da minha varinha e meus apontamentos - respondeu Zane. Horácio Birch estivera mais do que disposto a explicar o feitiço *Visium-ineptio* para Zane, mas este não teve oportunidade de praticá-lo. Além disso, o feitiço só funcionaria - se é que funcionava - em uma pessoa que não soubesse que o feitiço fora usado. Logo, James, Ralf e Zane não sabiam se o feitiço estava funcionando. Só lhes restava ter confiança na habilidade de Zane até que se tivesse levado a cabo a troca e Jackson tivesse pegado a maleta falsa. Só então, de uma forma ou de outra, a efetividade do feitiço seria provada.
No banheiro dos meninos, James deixou cair subitamente a maleta na borda da pia. Zane procurou sua varinha e o pedaço de pergaminho dentro de sua mochila onde havia anotado a fórmula do feitiço *Visum-ineptio*. Ele entregou o pergaminho a Ralf.
- Segure bem alto para que eu possa ver - ele instruiu nervosamente. Quando apontou a varinha na direção da maleta sua mão tremia visivelmente. Depois de um momento baixou o braço novamente - Isso tudo é tão

ridículo. Ralf é o especialista em varinha. Ele não pode tentar?
- Horácio ensinou a você - disse James com impaciência - É tarde demais para ensinar os movimentos da varinha pra Ralf. Em quinze minutos teremos uma aula.
- Sim, - protestou Zane - mas o que acontece se não posso confirmar que funciona? Se Ralf se sair bem, *sabemos* que o resultado será suficientemente bom para enganar qualquer um.
- E se ele se sair mal, - insistiu James - nós passaremos a próxima hora arrancando pedacinhos de couro das paredes.
- Eu estou bem aqui, estão lembrados? - disse Ralf James o ignorou.
- Você tem de fazer isso, Zane. Você consegue. É só tentar.
Zane respirou fundo, e logo voltou a erguer a varinha, apontando para a maleta. Olhou o pergaminho que Ralf estava segurando. Depois, em voz baixa e clara disse:
- A luz imortal acelera o olho, inutilizando a compreensão. Discórdia, aliada do estúpido, faça da expectativa uma garantia.
Zane agitou a varinha realizando três pequenos círculos, e logo a tocou na maleta. Houve um estalido e da ponta da varinha emanou um anel difuso de luz. O anel cresceu deslizando sobre a maleta. Logo se tornou mais difuso até sumir. Zane soltou um grunhido.
- Funcionou? - perguntou Ralf.
Deve ter funcionado. - disse James - Obviamente, a mesma para nós, mas algo aconteceu, não? O feitiço deve estar funcionado.
- Espero que sim. - disse Zane - Vamos, temos de chegar à aula antes dos outros.
Correram pelo corredor, Zane e James em estado de alerta para ver se havia sinal do professor Jackson e Ralf levando a maleta falsa escondida em sua capa de inverno.

- Isso é uma estupidez - disse Ralf rangendo os dentes - Tenho um aspecto tão despreocupado quanto Grope usando saia.
James o fez se calar.
- Não importa, estamos chegando.
Detiveram-se diante da porta da classe de Tecnomancia. Zane espiou dentro da sala e então se virou para James e Ralf.
- Plano B. - disse em voz baixa - Tem gente aí dentro. Um aluno da Lufa-Lufa. Não me lembro do nome.
James se inclinou por uma fresta da porta. Era um garoto que reconhecia vagamente da classe de Estudos dos Trouxas. Seu nome era Terêncio e ergueu os olhos quando James estava olhando.
- Ei, Terêncio, - chamou James, sorrindo. Entrou na sala tranqüilamente. Atrás dele ouviu os sussurros de Ralf e Zane. Ele tentou abafar o som de suas vozes. - Como foi seu feriado? Viajou muito?
- Suponho que sim - murmurou Terêncio.
*Isto vai ser mais difícil do que eu esperava*, pensou James.
- Então, pra onde foi? Eu fui para Londres de trem. Vi a família e todo mundo.
Diverti-me muito. Você foi a algum lugar divertido?
Terêncio se remexeu em seu assento.
- Fui a Cork com minha mãe. Choveu na maior parte da viagem. Assisti a um concerto de flauta.
James assentiu de modo encorajador. Felizmente, Terêncio, que estava sentado a meio caminho da frente da classe, virou-se para James. Pelo canto do olho, James viu Zane próximo da mesa de Jackson, posicionando a maleta falsa. Terêncio começou a se voltar em direção à frente da classe.
- Um concerto de flauta? - disse James em voz alta - Legal!
Terêncio se virou para ele.
- Não, - disse - não foi.

Zane se pôs de pé, fazendo sinal para James de que tudo estava bem.
James o viu e suspirou aliviado.
- Ah... Bom. Sinto muito por isso. - disse, afastando-se de Terêncio - Bem, então está. Vemo-nos por aí.
Zane e James sentaram-se na primeira fila como haviam planejado. Era uma classe pequena e a mesa de Jackson estava somente a uns poucos centímetros de distância. James examinou a frente da sala, contente de ver que nada parecia ter sido alterado. Esperou até que entrassem mais alguns estudantes, rindo e conversando, e então sussurrou para Zane:
- Onde está?
- Está naquele cantinho próximo à lousa. Deixei a capa um pouco dobrada para que não fique pendurada quando a fizermos levitar. Só espero que o velho Cara de Pedra não tropece nela quando for se sentar atrás da mesa.
James olhou para o canto que Zane indicara. Era apenas uma cavidade superficial formada onde o armário próximo à porta estava embutido na parede. Era improvável que Jackson se aventurasse por ali, mas não era impossível.
- Pode ser que nem sequer ele vá para trás da mesa, não faz isso em todas as aulas. - sussurrou James.
Zane levantou e deixou cair seus ombros, em sinal de que deviam ter esperança.
Alguns minutos depois, o professor Jackson entrou na sala rapidamente e carregando sua maleta de coro como sempre. James e Zane não puderam evitar observar com atenção como ele deixava cair sua capa sobre a escrivaninha e colocava a maleta no costumeiro espaço no chão perto da mesma.
- Saudações, classe. - disse Jackson ligeiramente. - Acredito que todos tiveram férias muito instrutivas. A mim só cabe esperar que vocês não tenham esquecido tudo o que trabalhei tanto para incutir em suas cabeças

antes do período de descanso. O que me faz lembrar... Por favor, passem seus trabalhos para a esquerda e depois para frente. Sr. Walker, eu os coletarei de você uma vez que estiver com todos.
Zane assentiu, os olhos meio que saltando das órbitas. Tanto James quanto Zane tinham as varinhas guardadas dentro das mangas. Se Jackson notasse, simplesmente diria que estavam carregando-as daquela maneira em honra ao seu professor preferido de Tecnomancia, já que o próprio Jackson levava a sua em uma pequena costura dentro da manga. Por sorte, Jackson parecia um pouco distraído.
- Corrigirei seus trabalhos esta noite, como sempre. Entretanto, agora avaliarei com mais profundidade a compreensão que vocês acumularam a respeito da matéria. Sr. Hollis, faça-me o favor de nos agraciar com uma breve definição da Lei da Inércia Deslocada de Heitor.
Hollis, um corvinalino primeiranista de bochechas avermelhadas, pigarreou e começou a dar sua explicação. James mal o ouvia. Baixou os olhos até a maleta de Jackson, colocada tentadoramente a apenas uns centímetros de distância. James imaginou que provavelmente poderia chutá-la se quisesse. Seu coração batia forte e estava mergulhado na horrível e glacial certeza de que não existia nem a mínima possibilidade do plano funcionar. Havia sido ridiculamente idiota em pensar que poderiam realizar tal travessura bem debaixo do nariz pontudo do professor Jackson. E ainda assim, sabia que teriam de tentar. Sentia-se vagamente cheio de ansiedade.
Jackson começou a passear pela sala.
Muita falação desnecessária, Sr. Hollis, mas relativamente correto. Srta. Morganstern, poderia nos explicar um pouco a transferência de inércia entre objetos de diferentes densidades?
- Bem, diferentes densidades respondem a inércia

diferentemente, baseando-se na proximidade de seus átomos. - respondeu Petra - Uma bola de chumbo seria lançada em uma única direção. Uma bola de, digamos, malvavisco, simplesmente explodiria.
Jackson concordou.
- Existe algum equívoco tecnomantico nesta explicação? Alguém sabe? Srta.
Goyle?
Filia Goyle abaixou a mão.
- Um Feitiço de Retenção ligado ao Feitiço de Transferência Inerte manteria inclusive as substâncias de mais baixa densidade intatas, mestre. Isto gera a vantagem de os projéteis de baixa densidade viajar muito mais longe e mais rápido em um dado fator de inércia do que um projétil de maior densidade, como a bola de chumbo da Srta. Morganstern.
- Está certo, Srta. Goyle, mas não necessariamente vantajoso. - disse Jackson sorrindo sem humor. - Uma pluma continuará sendo inofensiva, mesmo que seja disparada por um canhão.
Perante essa observação a sala riu um pouco. Jackson começou seu segundo passeio pela sala. Então, repentinamente, Ralf apareceu na porta.
- Desculbem - disse em um tom de voz estranhamente gaguejante. Toda a classe se voltou para ele à exceção de James e Zane.
- Sindo muido, parrece que esdou com hemorragia nassal. - O nariz de Ralf estava realmente derramando sangue em uma proporção alarmante. Tinha um dedo debaixo do nariz, que estava coberto e lubrificado de sangue. Houve um coro de “Oohhs” e “aahhss” proveniente da classe, alguns divertidos e outros enojados.
Zane não perdeu tempo. Assim que ouviu Ralf e viu que Jackson havia se afastado indo em direção ao lado direito da classe, sacou a varinha da manga.
- *Wingardium Leviosa!* - sussurrou o mais baixo possível,

mas tão vigorosamente quanto conseguiu. A Capa da Invisibilidade se tornou visível no momento em que se ergueu, flutuando para longe da falsa maleta que estava no canto. Zane a sustentou ali, mas James tateava em busca de sua própria varinha. Atrás deles, ouviam Jackson falando com Ralf:
- Deus bendito, rapaz, fique quieto.
- Desgulbe. - gaguejou Ralf - Guería uma bastila bara a toze e em vez dizo devo ter comido uma das bastilas de Nugá Sangra-Nariz Weasley. Asso que deveria ir bara a enfremaria.
James apontou a varinha na direção da falsa maleta e sussurrou o feitiço de levitação. A maleta era muito mais pesada que qualquer coisa que James tivesse feito levitar antes, e nem nas melhores circunstâncias era muito bom em fazê-lo. A maleta deslizou pelo chão, arrastando por um de seus cantos. Ele moveu-a o mais próximo possível da maleta verdadeira, empurrando a verdadeira para um lado e parcialmente debaixo da mesa. Ele ofegou, e logo conteve a respiração. Atrás dele, os estudantes estavam rindo e fazendo barulhos de desgosto.
- Deus santo, você não precisa ir para a enfermaria. - disse Jackson, irritado - Apenas fique quieto e afaste o dedo.
Ralf começou a oscilar sobre os pés.
- Acho que sou hemofedino! - gritou. Isso havia sido idéia de Zane.
- Você não é hemofílico! - grunhiu Jackson - Agora, pela última vez fique quieto!
James agitava a varinha tentando mover a maleta verdadeira para que se esquivasse da falsa. Era imprescindível que a movesse até o canto e a escondesse debaixo da Capa da Invisibilidade que Zane ainda estava levitando. Não obstante, a verdadeira maleta estava presa embaixo de uma das extremidades da mesa. James se concentrou enormemente. A maleta levitou debaixo

da mesa, fazendo com que o canto da mesa se levantasse com ela. James fez uma careta, abaixando a varinha, e tanto a maleta quanto a mesa caiu ressonando no chão. Ninguém pareceu notar. Zane estava olhando James com uma expressão de terror nos olhos. James fez uma careta de desamparo. Desesperado, ocorreu a Zane fazer a Capa da Invisibilidade descer sobre o lugar onde estava a maleta verdadeira, presa debaixo da mesa. No entanto, de alguma maneira, a capa também havia ficado presa, fisgada por um porta-casaco que ficava próximo à lousa. Nada estava saindo como o planejado. Se alguém se virasse naquele exato momento, não haveria mais a menor chance de esconder os rastros do que haviam acabado de fazer. James não pôde resistir à vontade de dar uma olhada ao redor. O nariz de Ralf ainda estava sangrando. Jackson estava meio agachado diante dele, com uma mão no braço de Ralf, tentando afastar seu dedo do nariz, e a outra mantendo a varinha em posição. A classe inteira estava observando, evidenciando os diferentes níveis de diversão e repulsa.

- Diabos, garoto, você está armando uma confusão. Afaste o dedo, estou mandando! - exclamou Jackson.

James tentou liberar a maleta verdadeira fazendo oscilar para frente e para trás com a varinha. Estava suando e sentia escorregadia a mão que sustentava a varinha. Finalmente, a maleta se libertou exatamente quando James ouviu Jackson dizer:

- *Artemisae.*

- Oh! - disse Ralf, com um tom de voz desnecessariamente alto - Agora sim, está muito melhor.

- Eu poderia ter feito isso um minuto atrás se tivesse me escutado. - disse Jackson mal humorado, pondo a varinha de volta à manga. A cena havia terminado. Zane deu um último puxão em sua varinha. A Capa da Invisibilidade soltou-se do porta-casaco e caiu ao chão formando um monte, que imediatamente desapareceu. James não tinha mais tempo de esconder a maleta.

Sentiu que a classe estava se voltando em sua direção.
Por favor, vá se lavar, rapaz. - dizia Jackson, sua voz tornando-se mais alta enquanto se despedia de Ralf, e virava-se para frente do aposento. - Está com um aspecto espantoso. As pessoas pensarão que um quintípede tem atacado você. - Em voz baixa acrescentou - Nugá Sangra-Nariz...
Desesperado, James voltou a esconder a varinha na manga. Zane, em um ato de pura inspiração de último segundo, esticou as pernas para frente por debaixo da mesa, prendeu a maleta verdadeira entre seus tornozelos, e rapidamente a empurrou enfiando-a debaixo de sua carteira. James ouviu o barulho causado pelo esforço que Zane estava fazendo enquanto tentava entulhar a maleta debaixo da cadeira usando apenas os pés. Jackson parou ao lado de Zane e o aposento entrou em silêncio total.
James tentou não erguer os olhos. Tinha a alarmante sensação de que o professor estava olhando para ele. Finalmente, de forma desamparada, ergueu os olhos. Jackson indubitavelmente estava olhando-o por cima do nariz, movendo pensativamente os olhos entre Zane e James. James sentiu seu estômago dar um nó. Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Jackson continuou seu caminho para frente da sala.
- Sinceramente, - disse para a classe em geral - os extremos a que chegam alguns de vocês para escapar de uma aula. Podem impressionar inclusive alguém tão cínico como eu mesmo. De qualquer forma, onde estávamos? Ah, sim...
A aula continuou. James se recusava a olhar Jackson nos olhos. Sua única esperança era sair da sala o mais rápido possível. Não havia forma de recolher a maleta verdadeira nem a Capa da Invisibilidade enquanto Jackson permanecesse ali. No entanto, existia a possibilidade de que Jackson não tivesse visto sua maleta debaixo da cadeira de Zane. Tudo dependia,

obviamente, da efetividade do feitiço *Visum-ineptio* de Zane. James baixou os olhos em direção à maleta falsa, que estava sobre o chão aproximadamente no mesmo lugar em que havia estado a verdadeira. Aos seus olhos, parecia absolutamente falsa, a cor do couro diferente e na plaqueta de bronze se lia *“COURAÇARIA HIRAM & BLATTWOTT’S, BECO DIAGONAL, LONDRES”,* no lugar de
“T. H. Jackson”.
Evidentemente Jackson havia percebido algo. Mas se o feitiço funcionara, ainda existia uma leve possibilidade de que poderiam levar o plano em frente com êxito.
Finalmente a aula terminou. James se levantou de um salto, empurrando Zane para que fosse a sua frente. Zane lançou a ele um olhar de pura consternação, arremessando o olhar para a base de sua cadeira, mas James o empurrou para adiante, sacudindo a cabeça decididamente. As pessoas se apinhavam em direção a porta, e James e Zane, por terem sentado na primeira fila, viram-se presos atrás pela pequena multidão. James sentia pavor só de pensar em olhar para trás. Finalmente, a parede de ombros e mochilas se dispersou e James e Zane saíram precipitadamente para o corredor.
- O que vamos fazer? - sussurrou Zane freneticamente enquanto corriam devagar pelo corredor.
- Voltaremos mais tarde - disse James, esforçando-se para manter a voz baixa e tranqüila - Talvez ele não vai reparar nada. Ele estava guardando os trabalhos quando saímos. Se nós voltássemos por esse canto, poderíamos ver...
- Sr. Potter? - disse uma voz autoritária às costas deles - Sr. Walker?
Ambos os garotos detiveram seus passos. Viraram-se lentamente. O professor Jackson saia pela porta da sala de Tecnomancia.
- Acho que vocês dois deixaram algo em minha sala.

Vocês se importam de voltar para recolher?
Nenhum dos dois respondeu. Percorreram pesadamente o caminho pelo qual saíram. Jackson voltou a desaparecer dentro da sala e quando chegaram lá, estava esperando-os detrás de sua mesa.
- Aproximem-se, rapazes. - disse Jackson com um animado tom de voz. - Bem aí, em frente à mesa, se me fazem o favor.
Sobre a mesa em frente a Jackson estava tanto a maleta original quanto a falsa. Quando James e Zane se colocaram diante da mesa, Jackson voltou a falar, desta vez com voz baixa e fria:
- Não sei quem está contando a vocês histórias sobre o que eu levo na maleta, mas posso lhes assegurar que a tentativa de vocês não é a primeira nem a mais criativa para descobrir, com certeza. - James arqueou as sobrancelhas em surpresa, e Jackson assentiu - Sim, tenho ouvido os contos que alguns de meus alunos têm inventado. Histórias de horríveis bestas adormecidas, ou armas apocalípticas, ou portais para outras dimensões, cada uma mais terrível e impressionante que a anterior. De qualquer forma, deixe-me assegurar-lhes uma coisa, meus extremamente curiosos amiguinhos... - nesse momento Jackson se inclinou sobre a mesa, deixando o nariz a menos de trinta centímetros de distância do rosto dos rapazes. Baixou a voz ainda mais e falou muito claramente - aquilo mantenho oculto em minha maleta é muito, mas muito pior do que suas imaginações febris possam inventar. Não é uma piada. Não estou fazendo ameaças vãs. Se voltarem a tentar se intrometer em meus assuntos, é muito provável que *não vivam para se arrependerem*. Estou sendo perfeitamente claro?
James e Zane assentiram, emudecidos. Jackson continuou a fitá-los, respirando fortemente pelo nariz, obviamente furioso.
- Cinqüenta pontos a menos para Grifinória e cinqüenta pontos a menos para Corvinal. Eu os mandaria para

detenção se isso não fosse gerar perguntas sobre minha maleta que não desejo responder. Portanto, deixe-me concluir dizendo-lhes, meus jovens amigos que se vocês voltarem a sequer olhar para minha maleta outra vez, poderei chegar a optar por fazer suas vidas ficarem extremamente... *interessantes*. Por favor, lembrem-se disso. Agora - disse voltando a se erguer e abaixando os olhos - peguem este patético artifício e saiam.

Com evidente desgosto, Jackson empurrou sua maleta para eles com o dorso da mão. A maleta falsa permaneceu na frente dele. Apertou as alças de marfim com os dedos nodosos da mão direita e a levantou. Quando Jackson deu a volta na mesa, a placa de bronze de onde se lia *"COURAÇARIA HIRAM & BLATTWOTT'S, BECO DIAGONAL, LONDRES"* cintilou apagadamente. Nem James nem Zane podiam obrigar-se a tocar a maleta que tinham diante de seus olhos.

- Ouviram? - exigiu Jackson, erguendo a voz. - Peguem essa coisa e saiam!

- S-sim, senhor - gaguejou Zane, agarrando a maleta do professor e tirando-a da mesa. Ele e James se viraram e correram.

Três corredores depois, pararam de correr. Detiveram-se no meio de um corredor vazio e olharam a maleta que Jackson havia insistido que pegassem. Não havia dúvida. Era a maleta de couro preto do professor. E a placa reluzia claramente "T. H. Jackson". James começou a entender que, incrivelmente, de alguma forma haviam triunfado. Haviam capturado a túnica de Merlim.

- Foi o feitiço *Visum-ineptio.* - disse Zane ofegando, erguendo os olhos para James - Deve ter sido isso. Jackson sabia que estávamos tramando algo, mas não esperava isso!

James estava completamente desnorteado.

- Mas como? Ele tinha ambas as maletas bem na frente dele!

- Bem, na realidade, é bastante simples. Jackson

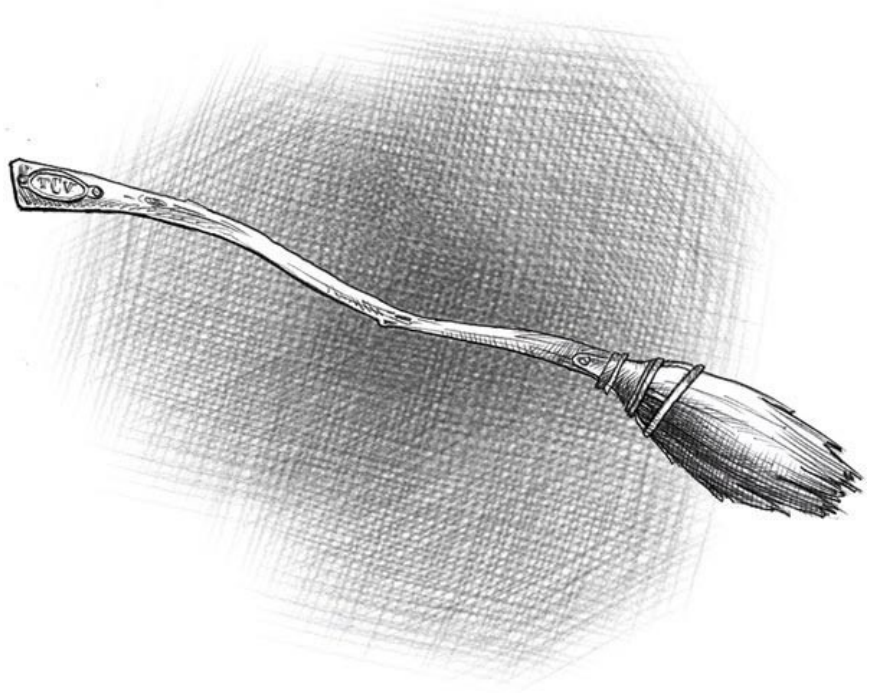
percebeu que estávamos tentando trocar as maletas, mas que ainda não havíamos feito. Encontrou a maleta que estava debaixo de minha cadeira e pensou que era a falsa. O feitiço *Visum-ineptio* que emanava da maleta falsa funcionou sobre *ambas* as maletas, fazendo-o ver o que esperava ver. Assim é como se mantivesse a ilusão de que a falsa era a verdadeira.
James compreendeu.
- O Feitiço Engana-Olhos se estendeu até a maleta *verdadeira*, fazendo parecer a falsa, a que Jackson esperava que fosse! É brilhante! - James deu tapinhas no ombro de Zane - Parabéns, seu estúpido! Eu duvidei de sua capacidade!
Zane parecia anormalmente humilde. Sorriu.
- Vamos, vamos encontrar o Ralf e nos assegurar de que ele está bem. Realmente acredita que ele tenha comido daquelas pastilhas de Nugá Sangra-Nariz?
- Foi você que disse que precisaríamos de uma distração.
James enfiou a maleta de Jackson em baixo de sua veste, colocando-a em baixo do braço, e os dois correram ao encontro de Ralf, parando somente o tempo necessário para recolher a Capa da Invisibilidade do chão da sala de aula vazia de Tecnomancia.
Cinco minutos depois, os três precipitavam-se na sala comunal da Grifinória para esconder a maleta de Jackson antes da aula seguinte. James a enterrou no fundo de seu baú, logo Zane sacou a varinha.
- Acabei de aprender este novo feitiço com a Gennifer, - explicou ele - é um tipo especial de Feitiço de Fechamento.
- Espera. - James deteve Zane antes que ele pudesse lançar o feitiço - Como eu voltarei a abri-lo?
- Ah, bem, para dizer a verdade, não sei. É o contra feitiço de *Alohomora*. Mas não acho que funcione contra o dono do malão. Só as outras pessoas. Os feitiços são de certo modo inteligentes, não é verdade?
- Aqui. - disse Ralf, atravessando o aposento. Abriu e

fechou a janela e logo se afastou - Teste no tranco da janela. De qualquer forma não precisará abri-la.Está fazendo um frio mortal lá fora.
Zane deu de ombros e logo apontou a janela com a varinha.
- *Colloportus.* - o tranco da janela se fechou em um estalo.
- Bem, funciona, tudo bem. - observou Ralf - Agora tente abri-la.
Zane, com a varinha ainda erguida, disse:
- *Alohomora.* - o tranco sacudiu uma vez, mas continuou fechado. Zane guardou a varinha - Tente você, James. É a sua janela, não?
James usou o mesmo feitiço sobre o tranco da janela. O tranco se abriu habilmente e a janela se escancarou.
- Viu? - disse Zane sorrindo - Os feitiços são inteligentes. Aposto que o velho Cara de Pedra poderia nos dizer como isso funciona, mas não vou perguntar a ele, asseguro a vocês.
James trancou o baú com a maleta de Jackson dentro e Zane conjurou o Feitiço de Fechamento sobre ele.
No caminho para a aula, Ralf perguntou:
- Ninguém irá notar que Jackson está carregando uma maleta diferente? Que irá acontecer se um dos professores comentar isso com ele?
- Isso não irá acontecer, Ralfidilo. - disse Zane confiante - Ele carrega aquela coisa faz tanto tempo que todo o mundo espera vê-lo com ela. Enquanto *esperarem* vê-lo com sua maleta na mão, o *Visum-ineptio* se assegurará que seja isso o que eles *estão* vendo. Nós seremos os únicos que veremos que está levando a velha maleta porta-pedras de seu amigo.
Ralf ainda parecia preocupado.
- O feitiço se desfará com o tempo? Ou funcionará enquanto as pessoas acharem que a maleta falsa é a verdadeira?
Nem James nem Zane sabiam a resposta para isso.

- Só nos resta esperar que dure o tempo suficiente. - disse James.

# - CAPÍTULO 13 -

# A Revelação da Túnica



No dormitório da Grifinória, parando apenas quando James notou uma mulher aquela noite após o jantar, os três garotos subiram novamente apressados para de olhar fixo do fundo da paisagem de um quadro onde algumas donzelas ordenhavam um par de vacas ridiculamente gorduchas. Ele repreendeu a mulher alta e feia, que estava vestida como uma freira, perguntando para o que ela estava olhando. Após um minuto, Zane e Ralf ficaram impacientes e cada um agarrou um dos cotovelos de James e arrastando-o para longe. No dormitório, agruparam-se em torno do baú de James enquanto este o destrancava e retirava a maleta de Jackson. Ele sentou-se à beira de sua cama e os três fitaram o objeto.

- Devemos abrir? - perguntou Ralf.

James assentiu.
- Temos de saber se temos a túnica, não é? Isso me deixou louco o dia inteiro. E se eu estivesse errado e a coisa que estiver dentro for apenas uma das roupas de Jackson? Não consigo evitar pensar que ele seja o tipo de pessoa que carrega uma maleta totalmente sem significado algum por aí apenas para fazer as pessoas ficarem falando sobre isso. Você deveria ter visto como ele estava esta manhã quando ele pensou que tinha pegado eu e Zane. Um louco!
Zane caiu sobre a cama;
- E se não pudermos nem mesmo abri-la?
- Não acho que deva ser assim já que caiu e abriu tão facilmente na aula de D.C.A.T outro dia. - justificou James.
Ralf levantou-se, dando espaço a James.
- Vamos em frente com isso, então. Tente abri-la.
James aproximou-se da maleta e experimentou abrir o fecho. Esperava que isso não funcionasse e estava preparado para tentar toda a gama de Feitiços de Destrancamento e Trancamento que os três conheciam. Ao invés disso, o fecho metálico na parte superior da maleta abriu-se facilmente. De fato, tão facilmente que James estava momentaneamente certo de que se abrira uma fração de segundo ante que ele o tivesse realmente tocado. Ele congelou, mas nenhum dos outros dois garotos pareceu perceber.
- Certo? - suspirou Ralf. Zane inclinou-se sobre a maleta. A boca da mesma abriu ligeiramente.
- Não consigo ver nada dentro. - disse Zane. - Está escuro demais. Abra logo essa coisa, James. É mais sua do que qualquer um de nós.
James tocou a maleta, agarrou as alças, e as usou para abri-la. Ele conseguia ver as dobras da roupa escura. Um cheiro vagamente mofado ficou suspenso no ar. James imaginou que cheirava como o interior de uma abóbora uma semana após o Dia das Bruxas. Então

estremeceu quando se lembrou que Luna dissera que a túnica uma vez fora usada para cobrir o corpo de um rei falecido.
A voz de Zane soou baixa e rouca.
- É isso? Não consigo ver o que é.
- Não faça isso. - advertiu Ralf, mas James já havia posto a mão dentro da maleta. Ele puxou a túnica para fora. O tecido se desdobrou facilmente, perfeitamente negra e limpa. Parecia ser enorme. Ralf se afastou quando James deixou a túnica espalhar-se no chão aos seus pés. A última parte saiu da maleta e James percebeu que estava segurando o capuz. Era um capuz enorme, com tranças douradas no colarinho.
Zane cabeceou, o rosto pálido e sério.
- É ela, sem dúvida. O que faremos com isso?
- Nada. - respondeu Ralf firmemente. - Ponha de volta na maleta, James. Essa coisa é assustadora. Consegue sentir a magia que ela contém, não consegue? Aposto que James lançou algum tipo de Feitiço Escudo ou algo do tipo na maleta para contê-la. Se não, alguém teria sentido. Vamos, guarde. Não quero tocá-la.
- Espere. - disse James vagamente. Ele conseguia sim sentir a magia da capa, exatamente como Ralf dissera, mas não parecia assustadora. Era poderosa, mas estranho. O cheiro da túnica mudara assim que James a puxou para fora. O que a princípio cheirava a algo estragado agora simplesmente cheirava a terra, como folhas caídas e musgo úmido, selvagem, até mesmo excitante. James tinha a mais incomum sensação segurando a túnica. Era como se pudesse sentir, nas profundezas de seu ser, o próprio ar no aposento, preenchendo o local como água, jorrando através das fendas na moldura da janela, frio, como um nevoeiro celeste. A sensação se expandiu e sentiu o vento movendo-se em torno da torre pequena onde residiam os dormitórios. Estava vivo, serpeando sobre o teto cônico, canalizando-se nas telhas faltantes e vigas expostas.

James lembrou ligeiramente de historias infantis onde Merlim era o mestre da natureza, como ele a sentia e a usava, e como a natureza obedecia a seus caprichos. James sabia que estava experimentando aquele poder de alguma forma, como se estivesse embutido no próprio tecido da túnica. A sensação cresceu e subiu em espiral. Agora James sentia as criaturas do anoitecer: os batimentos cardíacos tamborilantes dos ratos no sótão, mundo púrpuro como sangue dos morcegos na floresta, o sonho indistinto de um urso hibernando, e até mesmo a vida adormecida das árvores e da grama, suas raízes como mãos firmes na terra, unindo-se à vida ante a morte do inverno.

James sabia o que estava fazendo, mas não parecia estar controlando os próprios braços. Ergueu o capuz, colocando-o. A túnica deslizou sobre seus ombros, e no momento em que o capuz se assentou sobre sua cabeça, escondendo seus olhos, James ouviu os gritos amedrontados de advertência de Zane e Ralf. Eles estavam esvaindo, como se estivessem descendo por um túnel longo e silencioso. Sumiram.

Ele estava caminhando. Folhas rangiam sob seus pés, os quais estavam grandes e descalços, cheios de calos. Ele inspirou, preenchendo os pulmões, e seu peito se expandiu como um barril. Estava grande. Alto, com braços musculosos que sentia como jibóias enroscadas e suas pernas estavam tão grossas e robustas como troncos de árvores. A terra em volta estava silenciosa, mas viva. Ele sentia isso através das solas dos pés enquanto andava. A vitalidade da floresta corria dentro dele, fortalecendo-o. Mas havia menos vitalidade do que deveria ter. O mundo mudara, e ainda estava mudando. Estava sendo domado, perdendo sua imensidão e força feroz. Do mesmo modo, seu poder diminuía. Ainda era inigualável, mas havia pontos cegos em sua comunhão com a terra, e estes pontos cegos estavam crescendo, desligando-o pouco a pouco, reduzindo-o. O mundo dos

homens estava se expandindo, varrendo a terra, fracionando-a em parcelas e campos insignificantes, rompendo a polaridade mágica da terra selvagem. Isso o enfureceu. Movera-se entre os crescentes reinos dos homens, aconselhando e ajudando, sempre por um preço, mas não previra esse resultado. Seus irmãos e irmãs mágicos não eram de ajuda. Sua mágica era diferente da sua. Aquela que o fazia tão poderoso, que o conectava a terra, também estava se tornando sua única fraqueza. Enfurecido, ele caminhou. Enquanto passava, as árvores falavam com ele, mas até mesmo as vozes florestais das náiades e dríades se turvando. O eco era confuso e fraco, dividido.

À frente dele, revelada apenas à luz da lua, uma clareira se abriu, rodeada por uma depressão rochosa na terra. Desceu até o centro da depressão e ergueu os olhos. O céu cintilante da noite derramou-se sobre a clareira em forma de tigela, pintando tudo de branco-osso. Sua sombra uniu-se a ele, como se fosse meio-dia. Não havia mais lugar para ele nesse mundo. Ele abandonaria a sociedade dos homens. Mas retornaria quando as coisas estivessem diferentes, quando as circunstâncias mudassem, quando mundo estivesse novamente maduro para seu poder. Então redespertaria a terra, reviveria as árvores e seus espíritos, renovaria seus poderes, e com o delas o seu próprio. Não importava. Não podia permanecer mais nessa época.

Houve um ruído, um roçar de passos desajeitados nas proximidades. Havia alguém mais ali, na clareira: alguém que odiava, mas do qual precisava. Ele falou a esta pessoa, e quando o fez, o mundo começou a escurecer, a se esvair.

- Oriente aqueles que sucedem. Mantenha minhas vestimentas, meu trono e meu talismã prontos. Esperarei. Reúna-as novamente no Vestíbulo da Travessia dos Titãs quando o tempo de meu retorno chegar, e eu saberei. Escolhi você para salvaguardar

esta missão, Austramaddux, já que como meu último aprendiz, sua alma está em minhas mãos. Você está amarrado a esta tarefa até que ela se complete. Prometa a mim seu juramento.
Fora da escuridão decrescente, a voz falou apenas uma vez.
- É minha vontade e minha honra, Mestre.
Não houve resposta. Ele se fora. Suas vestes cairão ao chão, vazias. Seu cajado oscilou durante um momento, então caiu para frente e, antes que pudesse atingir o solo rochoso, foi pego por uma mão assustadoramente branca, a mão de Austramaddux. Então inclusive a cena desapareceu. A escuridão se comprimiu até definhar. O universo saltou, monstruoso e girando, e restou apenas esquecimento.
James forçou os olhos para abri-los e arfou. Seus pulmões pareciam esmagados como se tivesse passado vários minutos sem respirar. Mãos o agarraram, arrancando-lhe o capuz e tirando-lhe a túnica. A fraqueza caiu sobre James e ele começou a desmoronar. Zane e Ralf o pegaram desastradamente e arremessaram-no em sua cama.
- O que aconteceu? - perguntou James, ainda engolindo grandes quantidades de ar.
- Diga você! - disse Ralf, em tom alto e assustado.
Zane estava rudemente entulhando a túnica de volta na maleta.
- Você colocou essa coisa maluca e *puff!* Desapareceu. Não é o que eu chamaria de uma escolha sensata, sabe.
- Eu apaguei? - perguntou James, recuperando-se o bastante para se apoiar nos cotovelos.
Ralf se manifestou.
- Apagou nada! Você se levantou e desapareceu! *Puff!*
- Verdade. - assentiu Zane, vendo James com uma expressão surpresa. - Você sumiu durante três ou quatro minutos. Então *ele* apareceu. – Zane apontou para o canto atrás da cama de James com um aceno

preocupante. James se virou e ali estava a forma semitransparente de Cedrico Diggory. O fantasma olhou para ele, então sorriu e encolheu os ombros. Cedrico parecia um pouco mais sólido das últimas vezes que James o vira.
Zane continuou.
- Ele simplesmente atravessou a parede, como se tivesse vindo procurar você. O Ralf aqui gritou como... bem, eu iria dizer como se ele tivesse visto um fantasma, mas considerando que temos café da manhã com fantasmas na maioria das vezes e aula de História com um todas as terças, a expressão já não parece tão impressionante.
Ralf se pronunciou.
- Ele olhou para nós, e então para a maleta, e então ele, tipo, *perdeu a densidade.* A outra coisa que sabemos, é que você voltou, exatamente onde estava, parecendo tão branco quanto uma estátua.
James se virou de volta para o fantasma de Cedrico.
- O que você fez?
Cedrico abriu a boca para falar, tentativa e cuidadosamente. Sua voz infiltrou-se no aposento, como se proveniente de uma longa distância. James não conseguia dizer se estava escutando com os ouvidos ou com a mente.
*Você estava em perigo. Fui enviado. Eu vi o que estava acontecendo quando cheguei aqui.*
- O que foi aquilo? - perguntou James. Tinha uma lembrança turva da experiência em sua memória, mas sentia que relembraria mais quando a magia desaparecesse.
*Um Delimitador de Umbrais. Uma magia muito poderosa. Abre um portal dimensional, designado para transmitir uma mensagem ou segredo através de uma grande distância ou tempo. Porém sua força é negligente. Você foi quase engolido.*
James sabia que era verdade. Ele tinha sentido. No fim, a escuridão tornara-se extremamente intensa a ponto de

consumir, contínua. Ele engoliu o nodo que possuía na garganta e perguntou:
- Como eu voltei?
*Eu encontrei você*, disse Cedrico simplesmente. *Mergulhei no celestial, onde tenho passado bastante tempo desde minha morte. Você estava lá, mas estava distante. Estava partindo. Eu o persegui e voltei com você.*
- Cedrico, - disse James, sentindo estúpido por ter colocado a túnica, e horrorizado pelo o que quase acontecera. - obrigado por me trazer de volta.
*Eu devia isso a você. Devia isso a seu pai. Ele me trouxe de volta uma vez.*
- Ei! - disse James repentinamente, animando-se. - Você pode conversar agora!
Cedrico sorriu, e este foi o primeiro sorriso genuíno que James via no rosto fantasmagórico.
*Eu me sinto... diferente. Mais forte. Mais aqui... de alguma forma.*
- Espere. – disse Ralf, erguendo uma mão. – este é o fantasma de quem você nos falou, não é? Aquele que seguiu o intruso há alguns meses atrás?
Ah, sim. - disse James. - Zane e Ralf, este é Cedrico Diggory; Cedrico, estes são meus amigos. Então o que acha que está acontecendo com você? O que está fazendo você se sentir mais aqui.
Cedrico encolheu os ombros novamente.
*Pelo que parecia um longo tempo, sentia como se eu estivesse em algum tipo de sonho. Eu me movia pelo castelo, mas este estava vazio. Nunca tinha fome, sede ou frio e nunca precisava descansar. Eu sabia que estava morto, mas isso era tudo. Tudo era escuro e silencioso, e não parecia passar dias ou estações. Absolutamente nenhuma passagem do tempo. Então coisas começaram a acontecer.*
Cedrico virou-se e sentou sobre a cama, sem deixar marcas no coberto. James, que estava mais próximo,

poderia sentir um calafrio distinto emanando da forma de Cedrico. O fantasma continuou.
*Houve períodos em que eu me sentia mais ciente. Comecei a ver as pessoas nos corredores, mas eram como fumaça. Não conseguia ouvi-las. Percebi que esses períodos de atividade aconteciam nas horas do dia posteriores à hora da minha morte. A cada noite, sentia-me mais ciente. Notava o passar do tempo, pois isso era o que mais significava para mim, a sensação de transcurso de minutos e horas. Procurei por um relógio, o único que ficava exatamente do lado de fora do Salão Principal, e observei o tempo passar. Eu ficava mais ciente durante a noite, mas a cada manhã, começava a sumir. Então, certa manhã, exatamente quando eu estava evaporando, perdendo o contato, eu o vi.*
James endireitou-se.
- O intruso?
Cedrico assentiu.
*Eu sabia que ele não deveria estar ali, e de alguma forma eu sabia que seu tentasse, poderia fazê-lo me ver. Eu o assustei.*
Cedrico sorriu novamente, e James pensou que podia ver naquele sorriso o garoto forte e amigável que seu pai conhecera.
- Mas ele voltou. - disse James. O sorriso de Cedrico entristeceu-se em frustração.
*Sim, ele voltou. Eu o vi, e assustei-o novamente. Comecei a vigiá-lo nas manhãs. E então, certa noite, ele irrompeu por uma janela. Eu estava mais forte então, mas precisava que alguém mais soubesse que ele estava dentro do castelo. Então vim até você, James. Você tinha me visto, e eu sabia quem você era. Sabia que iria me ajudar.*
- Foi na noite que você quebrou o vitral da janela. - disse Zane, sorrindo. - Chutou o cara pela janela como se fosse Bruce Lee. Boa!
- Quem era ele? - perguntou James, mas Cedrico

simplesmente sacudiu a cabeça. Ele não sabia.
- Então, são quase sete horas da noite agora. - assinalou Ralf. - Como você está fazendo para vermos você? Não é a hora que você fica mais fraco?
Cedrico pareceu pensar a respeito.
*Estou me tornando mais sólido. Ainda sou simplesmente um fantasma, mas pareço estar me tornando meio que mais que um fantasma. Posso falar mais agora. E aquele tempo estranho em que não há nada está menos freqüente. Acho que é como os fantasmas são feitos.*
- Mas por quê? - James não pode evitar perguntar. - O que desencadeia a formação de um fantasma? Por que você simplesmente não, sabe, seguiu em frente?
Cedrico olhou atentamente para ele, e James sentiu que próprio Cedrico não sabia a resposta para aquela pergunta, ou ao menos, não tão claramente. Ele sacudiu a cabeça ligeiramente.
*Eu ainda não tinha acabado. Tinha tanto para viver. Aconteceu tão rápido e tão de repente... Apenas... não tinha acabado.*
Ralf pegou a mala do professor Jackson e atirou-a de volta no baú de James.
- Então onde você esteve quando sumiu, James? - disse ele, empoleirando-se ao fim da cama.
James respirou fundo, reunindo as memórias da estranha viagem. Descreveu o sentimento inicial de segurar a capa, como parecia permitir que ele sentisse o ar e o vento, e então os animais e as árvores. Então contou a eles sobre a visão que tivera, de estar dentro do corpo de Merlim, em seus próprios pensamentos. Ele estremeceu, lembrando-se da fúria e amargura, e a voz do servo, Austramaddux, que fez seu juramento para servir até a hora do acerto de contas. Ele recordava vividamente enquanto falava, finalizando ao descrever como a escuridão da noite e envolveu como um casulo, convertendo-se no nada.
Zane ouvia com intenso interesse.

- Faz sentido. - ele finalmente disse em uma voz baixa e temerosa.
- O quê? - perguntou James.
- Como Merlim fez isso. Não percebe? O próprio Prof. Jackson falou sobre isso em nosso primeiro dia de aula! - disse excitado. Seus olhos se arregalaram, movendo-se rapidamente de James para Ralf ao fantasma de Cedrico, que ainda estava sentado à beira da cama.
Ralf sacudiu a cabeça.
- Não entendo. Não tenho Tecnomancia esse ano.
- Merlim não morreu. - disse Zane enfaticamente. - Ele desaparatou!
James ficou confuso.
- Não faz sentido. Qualquer bruxo pode aparatar. O que há de tão especial nisso?
- Lembra do que Jackson nos disse no primeiro dia? Aparatação é instantânea para o bruxo que a faz, mesmo que leve pouco tempo para as partes do bruxo se quebrar e se reunirem novamente em um novo lugar. Se um bruxo *desaparatar* sem determinar seu ponto central, ele nunca vai *reaparatar* de maneira alguma, certo? Ele simplesmente fica preso no nada para sempre!
- Bem, claro. - concordou James, lembrando da aula, mas sem compreender.
Zane estava quase vibrando de excitação.
Merlim não desaparatou para um *lugar*. - disse ele de forma significativa. - Ele desaparatou para uma *época* e um *conjunto de circunstancias*!

Ralf e James estremeceram, considerando as implicações. Zane continuou.

- Ao final de sua visão, você disse que Merlim disse para Austramaddux manter as relíquias e observasse o tempo certo. Então quando o tempo chegasse, as relíquias seriam reunidas novamente no Vestíbulo da Travessia dos Titãs. Percebem? Merlim estava estipulando o momento e as circunstâncias para seu reaparecimento.

O que você descreveu ao final, James, era Merlim desaparatando no esquecimento. - Zane pausou, pensando duramente. - Todos esses séculos, ele simplesmente esteve suspenso no tempo, aprisionado em qualquer lugar, esperando pelas circunstâncias adequadas para sua reaparatação. Para ele, o tempo não passou absolutamente nada!
Ralf olhou para o baú ao fim da cama de James.
- Então é verdade. - disse ele. - Poderiam fazer isso. Eles realmente poderiam trazê-lo de volta.
- Não mais. - disse James, sorrindo melancolicamente. - Temos a túnica. Sem todas as relíquias, as circunstâncias não serão adequadas. Eles não podem fazer nada.
Assim que James ouviu a explicação de Zane, fez perfeito sentido, especialmente no contexto da visão do Delimitador de Umbrais. Repentinamente, a posse da túnica tornara-se ainda mais importante, e não pode evitar se maravilhar pela extraordinária série de circunstâncias afortunadas que tinham levado eles a obtê-la. Desde a maleta descoberta a tempo por Ralf, à notável efetividade do *Visum-ineptio* de Zane, James tinha a forte impressão de que ele, Zane e Ralf estavam sendo guiados em sua meta de frustrar a conspiração de Merlim. Mas quem estava ajudando-os?
- A propósito, - disse James ao fantasma de Cedrico, uma vez que Ralf e Zane haviam mergulhado em uma animada discussão sobre a desaparatação de Merlim. - você disse que foi enviado para me ajudar. Quem enviou você?
Cedrico se colocou de pé e começava a desvanecer, mas não muito. Ele sorriu para James e disse:
*Alguém que supostamente não devo mencionar, embora eu ache que você provavelmente possa adivinhar. Alguém que anda vigiando.*
*Snape*, pensou James. O retrato de Snape enviara Cedrico para ajudá-lo quando fora sugado para dentro

do Delimitador de Umbrais. Mas como ele soube? James pensou a respeito durante um longo tempo após Zane e Ralf retornarem aos seus próprios aposentos, e o resto dos grifinórios subir as escadas e caírem em suas camas. Contudo, nenhuma resposta veio naquela noite, e finalmente James adormeceu.

Nos dias seguintes, os três garotos retornaram as suas atividades escolares habituais em uma espécie de névoa triunfante. James deixou a maleta de Jackson, com a túnica dentro, trancada em seu baú e protegida com o Feitiço de Trancamento de Zane. Considerando a efetividade do *Visum-ineptio* na maleta falsa, não tinham sérias preocupações de que alguém estaria procurando pela verdadeira. Jackson continuava a carregar a velha maleta porta-rochas com o rótulo Hiram & Blattwott's para as aulas e refeições, sem indicação de que imaginava que qualquer coisa estava fora do normal. Além disso, ninguém lançava um segundo olhar ao objeto, já que haviam visto Jackson carregando a maleta com seu nome durante meses. Finalmente, no sábado à tarde, James, Ralf e Zane reuniram-se na sala comunal da Grifinória para discutir os próximos passos.

- Há somente duas perguntas, agora. - disse Zane, inclinando-se na mesa sobre a qual aparentemente faziam suas tarefas escolares. - Onde fica o Vestíbulo da Travessia dos Titãs? E onde está a terceira relíquia, o cajado de Merlim?

James assentiu.

- Estive pensando sobre a última. O trono está sob a guarda de Madame Delacroix. A túnica estava sob a guarda do Prof. Jackson. A terceira relíquia deve estar com um terceiro conspirador. Meu palpite é que seja

alguém que esteja aqui nos terrenos, uma pessoa interna. E se fosse o sonserino que usou o nome de Austramaddux no *videogame* portátil de Ralf? Eles deviam estar cientes da trama se usaram o nome, e se estão cientes disso, estão envolvidos.
- Mas quem? - perguntou Ralf. Não vi quem o pegou. Simplesmente sumiu. Além disso, o cajado de Merlim deveria ser bastante difícil de esconder, não? Se for tão grande quanto em sua visão, James, deve ter mais de um metro e oitenta de altura. Como se esconde um raio de vara desse tamanho?
James balançou a cabeça.
- Não faço a menor idéia. Mas ainda assim, cabe a você manter os olhos abertos, Ralf. Como Teddy disse, você é nosso infiltrado.
Ralf desmoronou. Zane rabiscou em um pedaço de pergaminho.
- E sobre a primeira pergunta? - disse ele sem erguer os olhos. - Onde fica o Vestíbulo da Travessia dos Titãs?
James e Ralf trocaram olhares inexpressivos.
- Mais uma vez, não tenho idéia. Mas acho que há uma terceira pergunta sobre a qual precisamos pensar a respeito, também.
- Como se as duas primeiras não fossem suficientemente difíceis. - murmurou
Ralf.
Zane ergueu os olhos e James viu que ele estava rabiscando o desenho do portal para a Fortaleza da Gruta.
Qual é a terceira pergunta?
- Por que eles não fizeram nada ainda? - sussurrou James. - Se acreditam que tem todas as três relíquias, por que ainda não foram nesse Vestíbulo, seja lá onde for, para chamar Merlim de volta de seus mil anos de aparatação?
Nenhum deles possuía qualquer resposta, mas concordavam que se tratava de uma questão importante.

Zane mostrou seu rabisco, revelando um borrão de notas e diagramas da aula de Aritmancia.
- Andei verificando a biblioteca da Corvinal, mas entre tarefas escolares, aulas, quadribol, debate e Clube de Constelações, dificilmente eu consigo dois minutos para outras coisas.
Ralf deixou cair a pena sobre mesa e se reclinou para trás, esticando-se.
- A propósito, como é? Você é o único que tem contato com a madame Delacroix. Como ela é?
- Como uma múmia cigana com pulso. - respondeu Zane.
- Ela e Trelawney deviam compartilhar o Clube de Constelações, assim como a aula de Adivinhação, mas optaram por ficar uma com cada ao invés de ensinarem juntas. De qualquer forma, é melhor já que meio que neutralizam uma a outra. Trelawney só nos faz desenhar símbolos astrológicos e olhar os planetas pelo telescópio para “averiguar o temperamento e comportamento dos irmãos planetários”.
James, que conhecia Sibila Trelawney como uma amiga de família distante, sorriu pela afetuosa impressão de Zane por ela. Zane continuou.
- Por outro lado, Delacroix nos faz esboçar mapas estelares e medir a cor da longitude de onda da luz das estrelas, calculando o exato momento de algum grande evento astronômico.
- Ah, sim. - lembrou James. - O alinhamento dos planetas. Petra e Teddy me falaram sobre isso. Eles têm Adivinhação com ela. Parece que a rainha do vodu é realmente fascinada nesse tipo de coisa.
- Ela é a anti-Trelawney, com certeza. Com ela, isso tudo é matemática e cálculos. Sabemos a data que acontecerá, mas ela quer para calcular o tempo exato até o último minuto. Um trabalho inútil, se quer saber minha opinião. Ela é um pouco excêntrica com isso.
- Ela é completamente excêntrica, se quer saber minha opinião. - declarou Ralf.

- Acho que ela pode estar nos observando. - disse James calmamente. - Às vezes a vejo olhando para mim.
Zane ergueu as sobrancelhas e indicou com os olhos.
- Ela é cega, se você se lembra. Ela não olha para nada, companheiro.
- Eu sei. - disse James, sem recuar. - Mas juro que ela sabe alguma coisa. Acho que ela possui maneiras de ver que não tem nada a ver com seus olhos.
- Não vamos nos assustar. - disse Ralf rapidamente. - Isso já é bastante enlouquecedor. Ela não pode saber de nada. Se ela soubesse, agiria, não é? Então a esqueçam.

No dia seguinte, James, Ralf e Zane foram visitar Hagrid em sua cabana, aparentemente para perguntarem sobre Grope e Prechka. Hagrid estava reconstruindo a carroça que Prechka acidentalmente destruira e estava feliz por uma pausa no serviço. Ele os convidou a entrar e serviu chá e biscoitos enquanto se aquecia próximo ao fogo, Trifino descansando sobre seus pés lambendo de vez em quando a mão abaixada de Hagrid.
- Ah, eles passam por altos e baixos. - disse Hagrid, como se o namoro entre gigantes fosse um curioso mistério. - Durante as férias ficaram brigados por um tempo. Uma discussão de namorados pela carcaça de um alce. Grope queria a cabeça, mas Prechka queria os chifres para fazer jóias.
Ralf parou de soprar o vapor que desprendia de seu chá.
- Ela queria fazer jóias dos chifres do alce?
- Bem, jóias digo eu. - disse Hagrid, erguendo suas palmas enormes. - É uma idéia complicada. Os gigantes usam o mesmo termo para jóias e armas. Acho que é a mesma coisa quando você mede vinte pés de altura. De qualquer forma, eles resolveram esse assunto e agora

estão felizes novamente como deve ser.
- Ela está vivendo nas colinas das montanhas, Hagrid? - perguntou James.
- Claro que está. - disse Hagrid, um pouco repreendedor.
- Ela é uma garota nobre, é Prechka. E Grope passa seu tempo em sua cabana na maior parte do dia. Ele fez um ótimo lugar para pôr o fogão e um galpão com bétulas. Estas coisas levam tempo. O amor dos gigantes é... Bem, é uma coisa delicada, sabe.
Ralf meio que tossiu em seu chá.
- Ei, Hagrid. - disse James, mudando o assunto. - Você está em Hogwarts por um bom tempo. Provavelmente, você conhece muitos segredos da escola e do castelo, não?
Hagrid acomodou-se em sua cadeira.
- Bom, claro. Ninguém conhece os terrenos como eu. Exceto, talvez, Argo Filch.
Comecei como estudante, sim, muito antes de seu pai ter nascido.
James sabia que teria de ser muito cuidadoso.
- Sim, foi o que pensei. Diga-me, Hagrid, se alguém possui algo realmente mágico e quer esconder em algum lugar do castelo...?
Hagrid parou de acariciar Trifino. Lentamente, ele virou sua cabeça de cabelos despenteados em direção a James.
- E posso perguntar o que um aluno primeiranista como você precisa esconder?
- Ah, não eu, Hagrid. - disse James rapidamente. - Outra pessoa. Só estou curioso.
Os olhos negros como besouros de Hagrid cintilaram.
- Sei. E essa outra pessoa, pergunto-me o que deve está tramando escondendo itens sigilosos mágicos aqui e ali...
Ralf tomou um grande e deliberado gole de seu chá. James olhou para a janela, evitando o olhar repentinamente penetrante de Hagrid.

- Ah, você sabe, nada em particular. Só estava curioso...
- Ah, - disse Hagrid, sorrindo ligeiramente e assentindo. - Acho que seu pai, tia Hermione e tio Rony contaram muitas histórias sobre o velho Hagrid. Hagrid costumava deixar escapar alguns detalhes que talvez ele deveria manter em segredo. E são histórias verdadeiras. Posso ser um pouco estúpido, esquecendo o que eu deveria ou não dizer. Talvez você lembre de histórias sobre certo cão chamado Fofo, entre outros, sim? - Hagrid estudou James intencionalmente durante alguns momentos, e então soltou um grande suspiro. - James, meu garoto, eu sou um pouco mais velho do que era. Velhos Guardiões das Chaves não aprendem muito, mas aprendem. Além disso, seu pai insinuou que você poderia se meter em problemas e me pediu para vigiá-lo, assim que ele percebeu que você, eh, pegou *emprestada* a Capa da Invisibilidade e o Mapa do Maroto.
- O quê? - disse James, atônito, virando-se tão rápido que quase acertava seu chá.
Hagrid ergueu as sobrancelhas espessas.
- Oh. Bom, aí tem. Acho que eu não devia ter dito isso a você. - ele franziu o cenho, pensativo, depois pareceu descartar. - Ah, bem, na verdade ele não me disse para *não* mencionar.
- Ele sabe? Já?
- James, - sorriu Hagrid. - seu pai é o chefe do Departamento de Aurores, caso tenha esquecido. Falei sobre isso semana passada aqui mesmo, em frente ao fogo. O fato que o deixou mais curioso foi saber se você conseguiu fazer o mapa funcionar, já que grande parte do castelo foi reconstruída. Ele esqueceu de testar quando estava aqui. E então?
Na aventura de capturar a túnica de Merlim, James havia esquecido completamente o Mapa do Maroto. Mal-humorado, ele contou a Hagrid que já havia tentado.
- Provavelmente, é para o seu bem, você sabe. - disse Hagrid. - Só porque seu pai sabe o pegou, não significa

que ele esteja feliz por isso. E pelo que eu pude entender, sua mãe sequer sabe sobre isso. Se tiver sorte, ela não saberá, embora eu não consiga imaginar que seu pai manterá isso em segredo dela por muito tempo. É melhor você manter seu contrabando longe do que escondê-lo nos terrenos. Acredite em mim, James.
Itens mágicos suspeitos pela escola podem causar mais problema do que vale a pena causar.
No caminho de volta ao castelo, agasalhado contra o frio tempestuoso, Ralf perguntou a James:
- O que ele quis dizer com fazer o mapa funcionar? O que ele faz?
James explicou sobre o Mapa do Maroto a Ralf, sentindo-se vagamente preocupado e nervoso por seu pai já saber sobre ele ter pego o Mapa e a Capa da Invisibilidade. Sabia que seria descoberto certo ou tarde, mas presumia que receberia um berrador ao invés de uma gozação por parte de Hagrid.
Ralf estava interessado no mapa.
- Realmente mostra todos que estão no castelo e onde estão? Isso é extremamente útil! Então, como funciona?
- Você tem de dizer uma frase especial. Papai me contou bastante tempo atrás, mas não consigo lembrar de jeito algum. Vamos tentar uma noite dessas. Agora, não quero pensar nisso.
Ralf assentiu e deixou o assunto. Entraram no castelo pela entrada principal e separaram-se entre escadas que levavam para os sótãos e para os aposentos da Sonserina.
Estava ficando tarde e James achava-se sozinho nos corredores. Era uma noite invernal nublada e sem estrelas. A escuridão se comprimia contra as janelas e sugava a luz das tochas dos corredores. James estremeceu, em parte pelo frio e em parte pela sensação de medo glacial que parecia estar se infiltrando no corredor, preenchendo-o como um espesso nevoeiro que se erguia desde o chão. Apressou o passo,

perguntandose como os corredores estavam tão escuros e vazios. Não estava particularmente tarde e, ainda assim, o ar passava a sensação de silêncio forte como a madrugada, ou ar de uma cripta fechada. Percebeu que estava andando por mais tempo do que o corredor teria permitido. Certamente já deveria ter chegado à passagem com a estátua da bruxa de um olho só naquele instante, de onde ele dobraria à esquerda para a área de recepção que levava às escadas. James se deteve e lançou um olhar de volta ao caminho pelo qual viera. O corredor tinha a mesma aparência de sempre, mas estava, de alguma forma, *incorreto*. Parecia longo demais. As sombras pareciam estar deslocadas, de alguma forma irritando seus olhos. E então, notou que não havia tochas nas paredes. As luzes estavam penduradas no vazio, fantasmagoricamente, perdendo sua cor do amarelo vacilante para o prateado tremeluzente, o brilho esvaindo enquanto ele observava.

O medo percorreu as costas de James, um frio gelado e inegável. Virou-se tencionando correr, mas seus pés falharam quando viu o que estava à frente. O corredor ainda estava ali, mas os pilares transformaram-se em troncos de árvores. As vigas dos tetos abobadados converteram-se em ramos e videiras, com nada depois além do vasto rosto do céu noturno. Até mesmo o padrão do chão de azulejos fundiu-se formando uma rede de raízes e folhas mortas. E então, diante dos olhos de James, a ilusão do corredor escolar evaporou completamente, deixando apenas floresta.

O vento frio passava rapidamente por ele, açoitando sua capa e lançando seus cabelos para trás de suas têmporas como dedos fantasmagóricos. James reconheceu onde estava, embora da última vez que estivera ali, as folhas ainda estivessem nas árvores e os grilos estivessem cantando em coro. Era o bosque que rodeava o lago, próximo à ilha da Fortaleza da Gruta. As árvores gemiam, friccionando seus galhos ao ritmo do

vento, e som era como vozes baixas suspirando enquanto dormiam, envoltas em sonhos febris. James percebeu que estava andando novamente, em direção à orla das árvores, onde os juncos rangiam e golpeavam-se à beira do lago. Um grande bloco escuro erguia-se além, tapando a visão. Quando James se aproximou, aparentemente incapaz de deter seus passos fatigantes, a lua desvelou de um aglomerado de densas nuvens. A ilha da Fortaleza da Gruta revelou-se à luz da lua, e James conteve a respiração no peito. A ilha tinha crescido. A impressão de uma fortaleza secreta estava mais forte que nunca. Era uma monstruosidade gótica adornada com estátuas sinistras e gárgulas de olhar atravessado, tudo brotado, de alguma forma, das vinhas e árvores da ilha. A fauce do dragão da ponte repousava diante dele, e James se forçou a parar ali antes de pôr um pé sobre ela. Lembrou-se dos dentes rangentes de madeira quando tentaram devorar a ele e Zane. À luz prateada do luar, os portões da outra extremidade da ponte estavam bastante visíveis, assim como as palavras do poema. *Quando pela luz da Sulva resplandecer, encontrei a Fortaleza da Gruta.* Os portões estremeceram repentinamente e escancararam-se, revelando escuridão como a contida em uma garganta. Uma voz saiu daquele negrume, clara e bela, pura como uma campainha ressonante.

- Guardião da relíquia, - disse a voz. - seu dever foi satisfeito.

Enquanto James permanecia ali observando, olhando para dentro da escuridão da entrada no outro lado da ponte, uma luz se formou ali. Ela se condensou, solidificou-se, e assumiu uma forma. Era, James reconheceu, a forma suave e brilhante de uma dríade, uma mulher da selva, um espírito de árvore. Contudo, não era o mesmo que James conhecera. Aquele possuía um brilho esverdeado. Este possuía um brilho azul celeste. Ela palpitava levemente. Seus cabelos escorriam

em torno de sua cabeça como se estivessem em uma correnteza de água. Tinha um sorriso tranqüilo e quase amoroso nos lábios e seus olhos enormes e líquidos cintilavam ligeiramente.
- Você cumpriu sua parte. - disse a dríade, sua voz tão sonhadora e hipnótica quanto a voz da outra dríade, senão mais. - Não precisa mais guardar a relíquia. Esse não é o seu fardo. Traga-a para nós. Somos seus guardiões. Nossa é a tarefa, concedida desde o princípio. Alivie-se deste fardo. Traga-nos a relíquia.
James olhou para baixo e viu que, sem perceber, dera um passo sobre a ponte. A garganta do dragão não se fechara sobre ele. Ergueu os olhos e viu que, na verdade, ela havia se erguido um pouco, dando-lhe as boas-vindas. A junção de árvores caídas que formava a mandíbula rangeu levemente.
- Traga-nos a relíquias. - disse a dríade novamente, e ela ergueu seus braços em direção a James como se tencionasse saudá-lo com um abraço. Seus braços eram desumanamente longos, e quase pareciam se esticar até ele pela ponte. Os dedos eram de um azul tão profundo que quase eram púrpuros. Eram longos e surpreendentemente irregulares. James retrocedeu um passo, afastando-se da ponte. Os olhos da dríade mudaram. Brilharam e enrijeceram-se.
- Traga-nos a relíquia. - disse ela mais uma vez, e sua voz mudou também. O tom melodioso desaparecera. - Não lhe pertence. O poder que ela contém é maior que você, maior do que todos vocês. Traga-nos antes que ela o destrua. A relíquia destrói aqueles os quais não precisa, e não precisa mais de você. Traga-nos antes que ela decida usar alguém mais. Traga-nos a relíquias enquanto pode.
Seus braços longos braços estenderam-se ao longo da ponte e James estava certo de que poderia tocá-los se esticasse suas mãos. Retrocedeu ainda mais, enganchando o tornozelo em uma raiz e tropeçando. Ele

virou-se, girando os braços para se apoiar, e caiu contra algo largo e duro. Pressionou as mãos contra essa superfície e empurrou, endireitando-se. Era uma parede. A poucos metros, uma tocha crepitava em seu suporte. James olhou em volta. O corredor de Hogwarts estendia-se diante dele, aquecido e mundano, como se nunca tivesse sumido. Talvez nunca tivesse. Olhou em outra direção. Ali estava a estátua com a bruxa de um olho só. A sensação de medo sumiu, mas James estava certo de que o que acontecera não fora uma visão qualquer. Ainda podia sentir o frio do vento noturno nas dobras de sua capa. Quando baixou os olhos, havia um pouco de lama seca na ponta dos sapatos. Ele estremeceu, então se recompôs e correu o restante do caminho que levava às escadas, a qual subiu de dois em dois degraus até a sala comunal.

A única coisa da qual James tinha certeza era que algo queria que ele desistisse da túnica de Merlim. Só não estava certo de que era algo bom e *conveniente*. Felizmente, a túnica ainda estava guardada na maleta de Jackson no baú de James. Após a experiência de tocar a túnica, James não tinha planos de retirá-la dali novamente até entregá-la ao seu pai e ao Departamento de Aurores quando chegasse o momento oportuno. O momento ainda não era oportuno, mas seria. Em breve. Por outro lado, não estava pretendia entregá-la a qualquer coisa misteriosa, sendo espírito da árvore ou não. Seguro disso, James alcançou a sala comunal da Grifinória e preparou-se para dormir. Mas, muito tempo depois de se acomodar debaixo de seus cobertores, pensou que poderia no vento que soprava de sua janela, a voz sussurrada, implorando interminável e monotonamente: *traga-nos a relíquia... traga-nos a relíquia enquanto pode...* Isso lhe dava calafrios, e quando dormiu, sonhou com aqueles olhos assombrosos e belos e aqueles braços longos com mãos finas e unhas púrpuras irregulares.

Na sexta-feira seguinte, na aula de Herbologia, James divertiu-se em ver que Neville Longbottom retirara o pessegueiro transfigurado da sala de Transfiguração, onde ficara um tanto incômodo, para pôr em uma das estufas.

- Tudo isso de uma banana. - confirmou Neville com James após a aula.

- Sim. Aposto que Ralf estava mais surpreso que qualquer um. Ele estava impressionado, mas, na verdade, não acho que ele conheça seu próprio poder. Alguns sonserinos acham que ele é descendente de alguma antiga família bruxa poderosa. Poderia ser, suponho, já que ele nunca conheceu a mãe.

- Trata-se do tipo de coisa que eles pensariam. - disse Neville com uma sinceridade incomum. - Nascidos trouxa simplesmente podem ser tão poderosos quanto qualquer um de uma velha família sangue-puro. Contudo, alguns preconceitos nunca mudam.

James ergueu os olhos para o pessegueiro, que se tornara um tanto enorme apesar do fato de suas raízes ainda estarem retorcidas sem esperança em torno de uma das mesas da sala de Transfiguração. Ele sabia que Neville estava certo, mas não poderia evitar pensar no olhar estampado no rosto de Ralf no dia que este transfigurou a banana. Ralf nunca mencionara, mas James sentia que o poder de Ralf lhe assustava um pouco.

No dia seguinte, o time de quadribol da Grifinória havia programado uma partida contra os sonserinos. James se sentou na arquibancada da Grifinória com Zane e Sabrina Hildegard. Ralf, com o propósito de manter seus poucos amigos sonserinos, sentou-se na platéia

adornada de verde do outro lado do campo. James fez contato visual com Ralf uma vez e acenou. Ralf acenou de volta, mas cuidadosamente, tendo certeza de que não estava sendo visto por seus colegas de casa veteranos.
Abaixo, no campo, os capitães dos times caminharam até a linha central para encontrarem Cabe Ridcully para ouvirem as regras e apertarem as mãos, uma tradição para a qual ninguém mais prestava atenção. James observou Justino Kennely apertar a mão de Tábita Corsica superficialmente. Mesmo de sua posição vantajosa no alto da arquibancada, James conseguiu ver o sorriso adulador e educado no rosto reconhecidamente belo de Tábita. Então ambos viraram-se e caminharam em direções opostas retornando aos seus lugares abaixo das arquibancadas, deixando Ridcully sozinho com o baú de quadribol.
Zane mastigava alegremente um saco de pipocas que trouxera com ela, tendo convencido de alguma forma um dos elfos domésticos da cozinha prepará-los.
- Será uma excelente partida. - observou ele, olhando a multidão entusiasmada.
- Grifinória contra Sonserina sempre arrasta multidões. - disse Sabrina, alteando a voz acima do barulho. - Nos tempo de minha mãe, todos odiavam a Sonserina porque jogavam sujo. Um cara chamado Milo Bletchley era o capitão do time, e ele foi jogador do Thundelarra Thunderers por alguns anos até ser demitido da liga por usar uma vassoura trucada.
- Uma o quê? - intrometeu-se Zane. - O que é uma vassoura trucada?
James explicou.
- É uma espécie de trapaça onde um buraco é perfurado no centro da vassoura e algo mágico é enroscado dentro, como a costela de um dragão ou um dente de basilisco. Basicamente, transforma a vassoura em uma varinha mágica. Ele estava usado sua vassoura para lançar Feitiços Repelentes e *expelliarmus* modificado, fazendo

com que o time oponente errasse a goles. Era um trapaceiro astuto.
Enquanto falava, o time da Sonserina saia de seu assento aclamado por sua arquibancada. Damian, sentando na cabine de transmissão com sua na garganta, anunciou o time, sua voz ecoando no ar fresco de janeiro.
- Então, - gritou Zane acima das aclamações. - não parece mais que todos odeiam os sonserinos.
Como previsto, houve aplausos dispersos por todas as arquibancadas. Apenas a arquibancada da Grifinória vaiava e assobiava. James deu de ombros.
- Eles não parecem jogar tão sujo quanto costumavam. Mas ainda botam em campo times extremamente fortes. Existe algo enganador neles que não é tão óbvio quanto costumava ser.
- Eu diria o mesmo. - concordou Zane. - Quando jogamos com os sonserinos antes do feriado, foi a partida mais limpa que joguei em todo o ano. Ridcully mal aplicou uma única falta neles. Ainda assim, havia algo um pouco *astuto demais* da parte deles. Ou eles são o grupo desprezível mais sortudo que já montou uma vassoura ou fizeram um pacto com o próprio diabo.
James rilhou os dentes.
Do outro lado do campo, Horácio Slughorn, com as bochechas rosadas e agasalhado numa capa de colarinho de couro e chapéu combinando, acenava uma pequena bandeira da Sonserina em uma vareta e gritava encorajamentos para o time de sua casa. Ralf, sentado duas fileiras abaixo dele, aplaudia obedientemente. James sabia que Ralf não gostava muito de quadribol, apesar da quase estudada atenção que prestava às partidas, e James achava que era porque Ralf, na verdade, nunca poderia escolher um time pelo qual fosse leal. Seus amigos, incluindo Rufo Burton, torciam e assobiavam loucamente.
O time da Grifinória foi o próximo a tomar o campo,

emergindo do local abaixo de sua arquibancada, e os espectadores em torno de James irromperam, pondo-se de pé com um salto como uma só pessoa. James gritou junto a eles, sorrindo empolgado, certo de que os grifinórios venceriam. Ele sapateou e gritou até ficar rouco quando o time circulou o campo, acenando e sorrindo.

Os times voaram, entrando em posição. Após instruir os times a jogarem uma partida limpa e assegurar que todos estavam em posição, Ridcully liberou os balaços e o pomo de ouro e atirou a goles no ar. Os jogadores desmoronaram em um enxame, perseguindo os balaços e brigando pela goles. Noé e Tom Squallus, os dois apanhadores, saíram velozmente atrás do pomo, o qual disparou pelos estandartes da Corvinal e sumiu.

Quase que imediatamente, a diferença entre os dois times se tornou evidente. A Grifinória disputava uma partida resumida, baseando-se inteiramente em movimentos cuidadosamente praticados. Justino Kennely podia ser ouvido gritando jogadas e formações sobre a multidão animada, apontando e fazendo sinais. Os sonserinos, por outro lado, parecia possuir um estilo de jogo agradável, quase misterioso que os levava pelo campo como um cardume. Tábita Corsica não gritava instruções de sua vassoura, e, apesar disso, seus jogadores partiam e reagrupavam-se com a precisão de bailarinos.

Por um momento, enquanto em posse da goles, Tábita mergulhou evitando um balaço e simultaneamente atirou a goles sobre o ombro. A bola formou um arco no ar e foi habilmente capturada por um colega de time que estava voando diretamente abaixo dela em uma direção perpendicular. O mesmo jogador passou a goles através do arco central de gol antes mesmo que o goleiro da Grifinória percebesse que Tábita não estava mais com a bola. James gemeu enquanto os sonserinos se colocavam de pé e gritavam vivas. Justino Kennely pareceu querer

saltar da vassoura para aliviar a frustração. Ainda assim, após uma hora decorrida da partida, o placar marcava cento e trinta a cento e quarenta em favor da Grifinória, tão suficientemente próximos que a liderança mudara cinco vezes.
- Em uma partida como essa tudo depende dos apanhadores. - gritou Sabrina de forma exuberante, sem tirar os olhos dos jogadores. - E Squallus é novo nessa posição desde que Gnoffton terminou ano passado. Noé seria capaz de apertá-lo contra a parede com a própria vassoura.
Com efeito, a multidão emitiu rugido repentino e James viu que Noé estava ao alcance do pomo. Do outro lado do campo, Tom Squallus se curvava em sua vassoura, expondo os dentes no vento frio e apressando-se para deter Noé. Ele lançou-se entre o amontoado de jogadores, mal evitando o balaço golpeado por Justino Kennely. Apesar da velocidade, James estava confiante de que não havia como Squallus superar Noé. Uma linha dourada e um zumbido de pequenas asas estavam próximos da arquibancada da Grifinória, seguido de Noé por uma fração de segundo. Os ocupantes das fileiras dianteiras inclinaram as cabeças, e logo gritaram animados enquanto Noé executava um vôo difícil, mal esquivando a arquibancada e esticando-se sobre sua vassoura, os braços estendidos. Houve um longo momento onde todos prenderam a respiração, quando Noé pareceu estar muito próximo da pequena bola dourada, a distância diminuindo cada vez mais, a mão de Noé tremendo enquanto a esticava. Então, num alvoroço de capas e vassouras, algo mudou. Noé viu-se forçado erguer subitamente sua vassoura, detendo-se em um giro brusco que o fez perder o controle**.** Uma nuvem de sonserinos, liderados por Tábita Corsica, deslizava em frente a ele, provenientes de todas as direções, formando uma parede virtual no ar. Noé deparou-se com um sonserino corpulento e pulou, perdendo o controle

sobre sua vassoura. Ele caiu para o lado, agarrando o cabo da vassoura com uma mão e permanecendo pendurado abaixo dela. A multidão urrou.
Tábita Corsica lançou-se em disparada pela parede de sonserinos, a qual se abriu para ela como um lírio. Sua capa chicoteava atrás dela e James ficou impressionado ao ver que o pomo voava *atrás* dela, à sombra de sua capa. O pomo voava para cima e Tábita o seguia quase instantaneamente, inclinada sobre sua vassoura. De alguma forma, sem sequer olhar, estava sombreando o pomo, marcando-o para Tom Squallus. Ele a viu, inclinou-se, e lançou-se atrás dela. Quando ele apareceu do outro lado, sua mão estava erguida e o pomo brilhava dentro dela. A arquibancada da Sonserina urrou barulhentamente. O jogo estava terminado.
Noé balançava abaixo de sua vassoura, atando um pé sobre o cabo. Esforçava-se para se endireitar exatamente quando Ted e Justino Kennely desceram ao seu lado, conversando e gesticulando. James entendia o sentido do que estavam dizendo mesmo que não pudesse ouvir as palavras através das aclamações e vaias. Algo extremamente estranho acontecera, apesar de, na verdade, os sonserinos não terem cometido nenhuma infração. Na grama do campo, Petra Morganstern, que jogava como artilheira, encurralou Cabe Ridcully e apontava energicamente para Tábita Corsica, que ainda estava sobre sua vassoura, sendo parabenizada por seus colegas de time ao lado de Tom Squallus. Ridcully sacudia a cabeça, incapaz de ou relutante em concordar com as alegações de Petra. Não parecia haver recurso algum para os grifinórios, dado que não poderiam provar que algo ilegal acontecera.
- O que em nome do traseiro branco e balofo de Voldy foi *aquilo*? - disse Damian Damasco, abandonando a cabine de transmissão e unindo-se a James, Zane e Sabrina.
Sabrina balançou a cabeça.
- Foi horripilante! Você viu o que eu vi? Corsica bloqueou

o pomo! Ela nem o tocava, mas voava exatamente ao lado dele, marcando-o até que Squallus pudesse regular sua vassoura.
- Não há regra contra isso? - perguntou Zane enquanto uniam-se à multidão que deixava as arquibancadas.
- Não faz sentido fazer regras contra coisas que são impossíveis. - disse Damian de mal-humor. - Contanto que ela não o tenha tocado, ela é inocente. Ela nem mesmo estava *olhando* o pomo. Eu poderia jurar.

Ralf trotava pelo campo quando James e Zane desciam os últimos degraus.

Ofegante, ele evitou Sabrina e Damian, cujos estados de ânimo estavam piorando.
- Vocês viram aquilo? - perguntou Ralf, esforçando-se para recobrar a respiração. Parecia extremamente agitado.
- Nós vimos *algo,* - disse James. - embora eu não tenha certeza se acredito em meus olhos.
Zane foi menos diplomático.
- Os grifinórios acham que seus camaradas trapacearam de alguma forma. Isso vai afetar as finais também. Parece que agora a Corvinal disputará o torneio contra a Sonserina. Esperava que fosse uma partida entre Grifinória e Corvinal.
- Vocês podem esquecer o maldito torneio de quadribol por um minuto? - disse Ralf, virando-se para encarar os dois à base das arquibancadas. - No caso de terem esquecido, temos coisas mais importantes a pensar.
- Tudo bem, então conte, Ralf. - disse James, tentando não ficar nervoso.
Ralf respirou fundo.
- Você me disse que sou o cara infiltrado, não foi? Então estive vigiando atentamente, procurando por indícios e pistas sobre quem pudesse estar envolvido em toda a conspiração de Merlim, certo?
- E você acha que é hora para discutir isso? - disse Zane, erguendo as sobrancelhas.

- Não, não, está tudo bem. - interrompeu James. - O que você viu, Ralf? Alguma coisa aconteceu na Central Sonserina?
- Não! - disse Ralf com impaciência. - Não na sala comunal ou algo do tipo. Foi exatamente aqui, há poucos minutos atrás! Lembram-se daquilo que deveríamos estar procurando?
- Sim, - disse Zane, ficando interessado. - o cajado de Merlim.
Ralf assentiu de forma significativa. Houve uma aclamação por perto. Os três garotos viraram-se quando os sonserinos deixavam o campo, rodeados por uma multidão de estudantes com cachecóis verdes. Tábita caminhava à frente do grupo, segurando com triunfo a vassoura sobre o ombro.
- Um metro e oitenta ou mais de madeira mágica incomum. - disse Ralf em voz baixa, ainda observando Tábita deixar o campo. - Origens desconhecidas.
- É verdade! - disse James, a compreensão descendo sobre ele. - Tábita disse que sua vassoura era um modelo encomendado, fabricado por um artista trouxa ou algo do tipo! Ela a registrou como artefato trouxa, já que não era um modelo padrão!
- E não há dúvida de que existe algo mágico bastante *incomum* sobre isso. - adicionou Ralf.
James assentiu.
- Vocês estão dizendo o que penso que estão dizendo? - perguntou Zane, incrédulo.
Ralf olhou para ele.
- Faz sentido, não faz? É o esconderijo perfeito! Por isso vim correndo quando o jogo terminou. Queria que vocês dois vissem também, e ver se encaixava.
Zane assobiou assombrado.
- E falávamos de vassouras trucadas! Aí tem, todo esse tempo, Corsica esteve voando por aí sobre o cajado de Merlim!
James não conseguia tirar os olhos de Tábita enquanto

esta chegava ao alto da colina que levava de volta ao castelo. A luz solar invernosa brilhava sobre a extremidade emaranhada da vassoura. Era exatamente o disfarce perfeito para um cabo de madeira altamente mágico de um metro e oitenta. E agora eles sabiam com certeza quem era o terceiro co-conspirador da conspiração de Merlim, o sonserino fizera o perfil com o nome Austramaddux. O coração de James palpitava com excitação e expectativa.

- Então, - disse ele enquanto os três começavam a seguir os sonserinos a uma distância cuidadosa, retornando ao castelo. - como tiraremos o cajado de Merlim de Tábita Corsica?

# - CAPÍTULO 14 -

# A Travessia dos Titãs

O café da manhã seguinte. Ele inclinou -se sobre a mesa, alcançando um  quê? Por que nós precisamos roubar a vassoura dela? - exclamou Ralf ao prato de salsichas. - Vai ser *muito* mais difícil roubá-la do que foi a maleta de Jackson. Garotos não podem entrar nos dormitórios das garotas. Nunca chegaremos perto! Além do mais, de qualquer forma, já temos a túnica. Eles não podem fazer nada sem todas as relíquias.
É o cajado de Merlim, por isso temos de pegá-lo. - respondeu James. - Mesmo sozinho, deve ser um dos

objetos mágicos mais poderosos do mundo. Você viu o que Tábita Corsica fez com ele durante o jogo. E não era apenas ela sombreando o pomo sem sequer olhar. O time inteiro parecia reagir ao cajado de alguma forma, ou ao menos as vassouras o faziam. Sabiam onde estar nos momentos certos. Realmente, é alguma magia poderosa. Até agora, ela está usando o cajado apenas para vencer partidas de quadribol, mas você realmente quer algo como aquilo nas mãos de alguém como ela e o Elemento Progressivo?
Ralf parecia sério. Zane abaixou sua xícara de café e fitou a superfície da mesa.
– Eu não sei... - disse ele.
– O quê? - disse James, com impaciência.
Zane ergueu os olhos.
– Bom, na verdade, parece tão fácil. Digo, primeiro aconteceu que um amigo de Ralf apareceu como porta-rochas no exato momento. Então, não importa como você encare isso, tivemos sorte com o *Visum-ineptio.* Mesmo antes disso tudo, olhe para todas as coincidências que levaram você a descobrir o esconderijo do local onde está o trono de Merlim, desde o vislumbre da rainha do vodu no lago naquela noite ao encontrar o artigo do Profeta Diário sobre a invasão no Ministério. E agora, acontece que descobrimos que a vassoura de Tábita é o cajado de Merlim. Odeio dizer, mas não pode ser uma conspiração tão obscura se um trio de primeiranistas como nós descobrimos tudo.
James fumegou.
– Tudo bem, sim, então tivemos sorte aqui e ali. Nós trabalhamos arduamente e fomos extremamente cuidadosos, também. E, além disso, tudo se encaixa, não é? Só porque as pessoas por trás da trama de Merlim têm sido tão arrogantes em pensar que ninguém poderia pegá-los, não significa que a conspiração não é real. E que tal sobre o que aconteceu quando abrimos a maleta de Jackson? E nem preciso contar a você o que

aconteceu comigo na semana passada!
Ralf saltou, quase derramando seu suco de abóbora. Seus olhos ficaram ferozes durante um segundo, e então se acalmou.
– Semana passada? Quando?
– Na noite que fomos ver Hagrid, depois que deixei você. - respondeu James. Ele descreveu como os corredores de Hogwarts transformaram-se em floresta ao seu redor, sua estranha viagem à ilha da Fortaleza da Gruta, e a figura fantasmagórica misteriosa que o instruíra a levar-lhe a túnica. Zane escutava com entusiasmado interesse, mas o rosto de Ralf estava pálido e inexpressivo.
Quando James terminou, Zane perguntou:
– Você realmente acha que era uma dríade?
James deu de ombros.
– Eu não sei. Com certeza era muito parecida com aquela que vimos na floresta, mas diferente também. Ela *pulsava,* se sabe o que quero dizer. Eu podia senti-la em minha cabeça;
– Talvez foi um sonho. - disse Zane cuidadosamente. - Parece com um.
– Não foi um sonho. Eu estava no corredor indo para a sala comunal. Eu não estava sonâmbulo.
– Só estou dizendo. - disse Zane suavemente, baixando os olhos.
– O quê? - agulhou James. - Você acha que tudo sobre Merlim era sonho, também? Quando desapareci no quarto em frente a vocês e o fantasma de Cedrico me trouxe de volta?
– Claro que não. Ainda assim, parece meio louco. Você estava na floresta ou estava no corredor? Qual era real? Ou nenhum dos dois era real? Digo, você andou pensando sobre isso demais. Talvez...
Ralf estudava seu prato vazio. Ele falou sem erguer a cabeça.
– Não foi um sonho.
James e Zane olharam para Ralf.

– Como você sabe? - perguntou Zane.
Ralf suspirou.
– Porque a mesma coisa aconteceu comigo.
Os olhos de James se arregalaram e ficou boquiaberto.
– Você viu a Fortaleza da Gruta? E a dríade, também? Ralf, por que não disse nada?
– Eu não sabia o que eram! - disse Ralf, erguendo os olhos. - Eu não estava com vocês dois quando vocês saíram para a floresta e encontraram a dríade, lembram? Então semana passada, eu estava a caminho das masmorras indo para os aposentos da Sonserina quando tudo sumiu de repente transformando-se em floresta, assim como você descreveu, James. Vi a ilha e o espírito de árvore, mas não os reconheci. Pensei que ela era um fantasma ou algo do tipo. Ela me disse para levar a relíquia para ela, mas eu estava assustado. Não estou acostumado a ter experiências mágicas estranhas e extracorpóreas ou qualquer coisa. Tentei fugir, mas então, de repente, simplesmente estava do lado de fora da porta da sala comunal da Sonserina. Estava preocupado com minha sanidade, para falar a verdade. Pensei que toda essa coisa de magia estava me deixando maluco. E francamente, estou um pouco aliviado que o mesmo aconteceu a você, também.
– Vejo a razão. - disse Zane, assentindo.
– Mas por que você? - perguntou James. - Você não tem a relíquia. Eu tenho.
Zane curvou sua cabeça e mordeu um canto da boca na expressão de cômica concentração que demonstrava quando estava pensando muito.
– Talvez seja tão simples quanto o fato de Ralf ser um sonserino. Quero dizer, ele estava no debate contra Petra e eu. Seja lá o que for, talvez Ralf seja o elo mais fraco. Talvez porque Ralf pode trair você e roubar a relíquia e então levá-la para a ilha. Não que você faria isso, Ralf. - disse Zane, olhando para Ralf.
– De jeito nenhum. Nunca tocarei aquela coisa. -

concordou Ralf.
– Acho que isso faz sentido. - admitiu James. - Então, por que não você, Zane?
Zane adotou uma expressão angelical, os olhos erguidos em direção ao teto.
– Porque sou tão puro quanto a neve levada pelo vento. E, além disso, nunca mais colocarei meus pés naquela ilha. É assustadora demais para mim.
– Mas mesmo que eu quisesse roubar a túnica, não poderia. - disse Ralf, franzindo o cenho. - Não com o Feitiço de Trancamento de Zane. James é o único que pode abrir o baú.
– Você simplesmente poderia arrastar o baú para fora, suponho. - replicou James.
– Nada pode segurar a força de vontade.
– Felizmente, não há vontade. - disse Ralf seriamente.
Zane empurrou sua xícara de café para longe.
– A dríade, ou o que seja, necessariamente saberia sobre o Feitiço de Trancamento do baú, de qualquer forma. Mas o fato que ocorreu a vocês dois prova claramente que algo quer a túnica, e sabe que a temos. Se não é Jackson ou alguém de seu grupo, então, quem?
– Você lembra do que a dríade verde nos contou? Disse que as árvores estavam despertando, mas muitas delas... como ela colocou? - disse James.
Zane assentiu, relembrando.
– Ela disse que elas estavam “excedidas”, como leite passado da data de validade ou algo do tipo. Em outras palavras, algumas das árvores são perversas. Estão do lado do caos e da guerra. Acha que a dríade azul que apareceu para você e Ralf era uma das perversas tentando parecer boazinha?
– Faz sentido. - disse Ralf. - Ela era bonita e toda sorrisos, mas tive o forte sentimento de que se eu não trouxesse a túnica para ela, aquele sorriso sumiria rapidamente. Aquilo que me assustou. Isso e aqueles dedos. - ele estremeceu.

– Então, isso é maior do que apenas nós e os conspiradores de Merlim. - disse Zane seriamente, - Os espíritos das árvores estão envolvidos. E quem sabe mais, também. Pelo que sabemos, tudo no mundo mágico deve estar tomando um lado.
– De qualquer maneira, - disse James sério. - isso prova que as relíquias são incrivelmente poderosas. Nas mãos erradas, quem sabe que tipo de dano podem causar? Isso é o porquê de termos de tirar o cajado de Tábita.
– Não entendo porque simplesmente não chamamos seu pai aqui. - criticou Ralf. - Lidar com esse tipo de coisa é o trabalho dele, não é?
– Porque eles têm regras a seguir. - respondeu James cansadamente. - Eles teriam de trazer uma equipe de aurores para fazer uma busca nos terrenos. Eles não tirariam a vassoura de Tábita simplesmente por dizermos que se trata do cajado de Merlim, mesmo se entregarmos a túnica. Eles fariam varreduras mágicas, investigando cada fonte de poder incomum. Poderia levar dias. Durante o tempo em que estivessem investigando Tábita, ela já teria retirado a vassoura daqui. Jackson e Delacroix poderiam sentir os problemas e escaparem, também. Inclusive poderiam reunir todos os conspiradores no Vestíbulo e tentar trazer Merlim de volta. Não funcionaria sem a túnica, claro, mas o trono e o cajado estariam perdidos, sob controle de bruxos das trevas.
Ralf suspirou.
– Certo, certo. Estou convencido. Então, tentaremos capturar o cajado de Corsica. Mas isso é tudo, certo? Depois entregamos tudo para seu pai e seus ajudantes. Eles limpam a bagunça e podemos ser os heróis. Seja lá o que for. Certo?
Zane assentiu.
– Sim, estou com você. Pegamos a vassoura e pronto. Certo?
James concordou.

– Então precisamos de um plano. Alguma idéia?
– Não será fácil. - disse Ralf com determinação. - Se tivemos sorte com a maleta de Jackson, então precisaremos de um ato divino desta vez. Os dormitórios da Sonserina são carregados de azarações e Feitiços Anti-Espião que só falta zumbirem. São os aposentos mais duvidosos que já conheci.
– Trapaceiros sempre esperam ser trapaceados. - disse Zane sabiamente. - Mas há uma coisa que estamos esquecendo, e pode ser até mais importante do que capturar o cajado de Merlim.
– O que é mais importante que isso? - perguntou James.
– Conservar a relíquia que temos. - respondeu Zane simplesmente, encontrando os olhos de James. - Alguma coisa lá fora sabe que temos a túnica, e uma vez tentou tirála de você. Não sei que tipo de magia era, mas vocês dois estão bastante convencidos de que foram transportados para a ilha diretamente fora dos corredores de Hogwarts, certo?
James e Ralf trocaram olhares e depois assentiram para Zane.
– Então, - continuou Zane. - se é impossível aparatar nos terrenos de Hogwarts, então foi usada outra forma de magia para levá-los até lá. Deve ser algum tipo de talismã poderoso. Quem garante que não haverá outra tentativa?
Ralf empalideceu.
– Nem tinha pensado nisso.
– Talvez todo o poder se esgotou da primeira vez. - disse James um pouco em dúvida.
– Seria melhor para vocês não acontecer de novo, - disse Zane, olhando de um para outro. - porque da última vez a coisa perguntou de maneira educada. Da próxima vez não será assim.
Uma idéia acertou James e ele estremeceu.
– O que foi? - perguntou Ralf, vendo a expressão no rosto de James mudar.

– Fisio-aparição Remota. - disse James em voz calma. - Foi assim que o Prof. Franklyn chamou o poder de Delacroix projetar uma aparição dela mesma. É diferente da aparatação normal, porque ela apenas envia algo como um fantasma dela mesma, mas a aparição, ainda assim, pode parecer sólida e afetar coisas. Pesquisei sobre isso. O fantasma é uma versão sólida de qualquer material que se tenha em mãos, e então é usado como um fantoche. De alguma maneira, ela usou isso para trazer o trono de Merlim para cá e escondê-lo na ilha sem ser detectado.
Zane ergueu as sobrancelhas.
– Certo. E aí?
– E aí, se foi assim como eu e Ralf fomos enviados para a Fortaleza da Gruta? Ralf, você chamou isso de experiência extracorpórea. E se realmente foi isso? Talvez fomos forçados a ter uma Fisio-aparição Remota! Apenas um espectro de nós mesmos foi para a fortaleza, mas nossos corpos permaneceram nos corredores, como se estivessem...
congelados.
Ralf ficou claramente horrorizado pelo pensamento. Zane parecia pensativo.
– Parece se encaixar. Vocês dois disseram que aconteceu quando estavam sozinhos nos corredores. Não haveria ninguém lá enquanto vocês estavam ali no piloto automático enquanto suas almas, ou o que seja, estavam na Fortaleza da Gruta.
– Mas essa é a especialidade de Delacroix. - disse Ralf, estremecendo. - Vocês acham que, de alguma forma, ela sabe que temos a túnica?
James respondeu.
-Talvez. Ela é escorregadia como uma moréia. Ela deve saber e ainda nem sequer contou a Jackson. Talvez ela queira a glória somente para ela.
– De uma coisa se tem certeza. - avisou Zane. - Não podemos deixar vocês sozinhos. Acho que quem quer

que seja ou o que for que esteja fazendo isso, não quer que o segredo vaze. Isso é o porquê deles esperarem até vocês ficarem sozinhos por alguns minutos. Se nós mantivermos pessoas por perto, então, talvez, não acontecerá novamente.
Ralf ficou branco como uma estátua.
– A menos que haja muito, muito desespero.
– Bom, sim. - concordou Zane. - Sempre há essa possibilidade. Mas, nesse caso, não podemos fazer nada, então vamos apenas esperar para que não chegue a isso.
– Isso me faz sentir muito melhor. - lamentou Ralf.
– Vamos. - disse James, levantando-se da mesa do café da manhã.  Está ficando tarde e os elfos domésticos estão nos observando. Vamos sair daqui antes que alguém perceba que estamos planejando algo.
Os três garotos perambularam pelos terrenos frescos e conversaram sobre outros assuntos durante um tempo, e então, tendo cumprido obrigações relacionadas às suas casas, tomaram caminhos separados durante o resto do dia.

A semana seguinte foi cheia, uma maneira frustrante. Neville Longbottom designou um de seus mais incomuns, mas extremamente exigentes trabalhos. Isso levou James a passar um uma quantia desmedida de tempo na biblioteca, pesquisando os intermináveis usos da planta *espinácea*, um esforço muito mais complicado pelo fato de que cada parte da espinácea**,** das folhas ao caule até as raízes e inclusive suas sementes, possuía um grande número de aplicações, desde curar enfermidades da pele a encerar vassouras. James acabava de adicionar a septuagésima nona entrada em sua lista rabiscada quando Morgana Patonia sentou-se na mesa à frente dele com um pesado suspiro. Morgana,

uma primeiranista da Lufa-Lufa, também tinha Herbologia e trabalhava em seu trabalho sobre a espinácea.
**-** Você precisa listar apenas cinco usos. - declarou Morgana quando viu a lista de James. - Você sabe, não?
**-** Cinco? - disse James fracamente.
Morgana lançou a James um olhar de alegre desdém.
**-** O Prof. Longbottom apenas nos designou que escrevêssemos sobre a espinácea porque é uma das três plantas mais úteis do mundo mágico. Se fossemos escrever sobre cada um de seus usos, acabaríamos fazendo uma enciclopédia, imbecil.
O rosto de James pareceu irritado.
- Eu sabia disso! - disse ele, tencionando aparentar arrogância e petulância. - Apenas esqueci. Você não pode me culpar por ser perfeito, pode?
Morgana riu mansa e dissimulada, obviamente encantada por James ter perdido tanto tempo. James arrumou suas coisas alguns minutos depois e seguiu para a sala comunal da Grifinória, irritado e simultaneamente aliviado. Ao menos seu trabalho estava finalizado. De fato, já que escrevera por volta de vinte e três utilidades da espinácea, provavelmente conseguiria créditos extras. Neville não imaginava que a minuciosidade do trabalho de James, simplesmente, devia-se ao fato de que James não andava dando muita atenção às aulas.
James avistou a professora Delacroix duas vezes nos corredores, e tinha a assombrosa sensação de que ela estava observando-o. Ele nunca vira os olhos dela estarem sobre ele, mas já que ela era cega, isso dificilmente importava. James relembrava da maneira como Delacroix manobrara a tigela com sopa de hibisco com sua feia varinha de aspecto de raiz durante o jantar com os Alma Aleron, sem nunca derramar uma gota. James suspeitara que Delacroix tinha maneiras de ver que não estavam relacionadas com seus olhos inúteis.

De fato, isso poderia explicar como ele notara que a maleta de Jackson estava diferente. O *Visium-ineptio* apenas funcionava com pessoas que viam com seus olhos, não? Ainda assim, ele nunca dissera nada ou sequer parava quando passava por ele. James decidiu que estava simplesmente paranóico. Além disso, como Zane apontou, que diferença fazia? Podia ser ela a única tentando enganar Ralf e James para levar a relíquia para a Fortaleza da Gruta, ou podia ser outra força totalmente distinta. Fosse como fosse tinham que estar atentos a nunca estar sozinhos, e no fim, a fonte da ameaça, de qualquer forma, realmente não importaria.

James começara a perceber o quão difícil era nunca ficar sozinho. Nunca pensaria que, em uma escola do tamanho de Hogwarts, isso seria tão difícil. Agora que prestava atenção, percebeu que ficava sozinho nos terrenos ou nos corredores diversas vezes a cada dia, cruzando os terrenos para chegar à aula de Herbologia de Neville Longbottom ou, simplesmente, quando ele ia ao banheiro no meio da noite. Fazer com que nunca ficasse sozinho mesmo nessas circunstâncias era uma tarefa irritante, mas para a surpresa de James, Zane estava inflexível a respeito disso de uma forma consistente.

- Mesmo tendo capturado a túnica por uma assombrosa cadeia de golpes de sorte, não vou deixá-la escapar de nossas mãos só porque nos descuidamos. - disse ele a James um dia, quando caminhavam em direção às estufas. - É a falta de previsão dos conspiradores de Merlim que está girando a nosso favor. Não farei qualquer favor como esse a eles.

Um dia, James apresentou a Ralf e Zane ao Feitiço de Proteu como meio de comunicação se um acompanhante de emergência for necessário. James pediu três patos de borracha para a Gemialidades Weasley, dando um para Zane e outro para Ralf.

- Com esse feitiço, quando eu apertar o meu pato e ele

emitir um som, os de vocês farão o mesmo. - explicou James, dando um beliscão em seu pato.
- Dá o fora! - os patos grasnaram em uníssono.
- Excelente! - disse Zane, dando um forte beliscão em seu próprio pato, resultando em um coro de insultos alegres. - Então se vocês se encontrarem sozinhos ou precisarem que eu leve vocês ao banheiro, eu apenas buzino isso e vou correndo, certo?
- Ugh! - disse Ralf, encarando seu pato com desgosto. - Odiei isso. É como voltar a ter três anos de idade novamente.
- Ei, se você quer voltar a se encontrar com algum espírito infeliz de árvore novamente... - disse Zane, estremecendo.
- Eu não disse que não faria isso. - respondeu Ralf, irritado. - Apenas odiei isso e pronto.
Zane virou-se para James.
- Então, como saberei qual de vocês grasnou para mim?
James sacou um marcador preto e desenhou um pequeno J na base de seu pato.
- Dêem uma olhada no pato de vocês, agora. Qualquer coisa que façamos a um único pato será mostrada nos demais. Quando ouvirem o grasnado, chequem a base do pato e vejam qual inicial aparece.
- Bem pensado! - disse Zane de forma aprovadora. Ele ergueu seu pato e o beliscou como se estivesse cumprimentando-o.
- Vai comer cocô de fada mordente! - os patos grasnaram alegremente.
- Tudo certo. - disse James, pondo seu próprio pato em sua mochila. - Apenas funcionará se usarmos somente em uma emergência. Entenderam?
- Por que eles simplesmente não guincham? - perguntou Ralf quando guardou o seu pato no bolso.
- Pergunte a um Weasley. - respondeu James sem interesse algum.
No início, ter Zane ou alguém mais por perto o tempo

inteiro era irritante tanto para James quanto para Ralf, mas no fim das contas, James acostumou-se a isso e inclusive começou a gostar. Zane se sentava em uma cadeira no canto do banheiro enquanto James tomava banho, perguntando-lhe sobre pronúncias de feitiços defensivos ou terminologias e restrições da Transfiguração. James descobriu que muitos dos seus colegas de Herbologia, incluindo Morgana Patonia, tinham aula de Feitiços antes de Herbologia. Sabendo disso, James era capaz de correr de sua aula de Transfiguração para a classe de Feitiços e então acompanhar Patonia e seus amigos para as estufas, dessa forma evitando a caminhada solitária pelos terrenos. Ficar constantemente perto das pessoas tornou-se um hábito fácil para James e, conseqüentemente, quase esqueceu que fazia isso. Dentro desse costume, as semanas passaram. A crueza do inverno começou a derreter dentro do frágil calor da primavera. Ainda assim, nem James, Ralf ou Zane apareceram com um plano para conseguir a vassoura de Tábita Corsica. Finalmente, determinaram, apesar de relutantemente, que uma pesquisa de grupo era obrigatória.

- Não estou gostando disso. - disse Ralf enquanto se dirigia à porta da sala comunal da Sonserina com os outros dois. - Não tenho visto mais do que Sonserinos aqui durante meses.

- Não se preocupe com isso, Ralf. - disse Zane, mas sua voz estava menos confiante que o usual. - Temos o mapa mágico de James aqui. Podemos verificá-lo novamente, mas de acordo com ele, a maioria dos seus companheiros sonserinos está fora assistindo o treinamento dos sonserinos para o torneio. Certo, James?

James tinha o Mapa do Maroto desdobrado em suas mãos. Ele o estudava enquanto caminhava.

- Até onde posso dizer, há duas pessoas nos dormitórios

da Sonserina, e nenhuma delas são pessoas com as quais precisamos nos preocupar.
- Tem certeza de que está lendo essa coisa, não é? - perguntou Ralf, encaixando seu anel no olho da escultura de cobra na superfície da porta de madeira. - Da última vez você disse que não conseguia sequer fazê-lo funcionar.
- Bem, está funcionando, não? - respondeu James com impaciência. Na verdade, *estava* preocupado com a exatidão do mapa. Ele lembrara a frase para abrir o mapa e mostrar os terrenos, mas como desconfiara seu pai, o castelo mudara bastante desde que o mapa fora criado por Aluado, Pontas, Almofadinhas e Rabicho. Partes irregulares do mapa estavam completamente apagadas, e cada seção apagada estava marcada com uma nota onde se lia *Requer ser redesenhado. Por favor, contate os Srs. Pontas e Almofadinhas para assistência.* James podia apenas adivinhar que seu avô e Sirius Black haviam sido os artistas chefes que esboçaram o mapa, mas já que ambos estavam mortos há muito tempo, aparentemente não haveria redesenho do mapa para preencher as áreas reconstruídas. Os nomes diminutos que marcavam a localização de todos no campus poderia apenas ser visto movendo-se aqui e ali, mas assim que eles entravam nas áreas em branco, o marcador e o nome sumiam. Felizmente, os aposentos da Sonserina ficavam abaixo do lago e, portanto, havia sido muito pouco danificado na Batalha de Hogwarts (Ralf descobrira que apenas a entrada principal fora destruída durante o cerco). James conseguia ver todos os aposentos e corredores sonserinos no Mapa do Maroto.
A escultura de cobra fez suas perguntas. Ralf anunciou a si mesmo e explicou quem eram James e Zane, e que eram amigos. A cobra de olhos verdes brilhantes examinou Zane e James durante um longo momento, e então destrancou o complicado sistema de ferrolhos e trancas que dava segurança à porta.

Os três garotos não podiam evitar se esconder quando andavam pelo aparentemente deserto salão comunal da Sonserina. A repulsiva luz esverdeada do sol, filtrada pela água do lago acima dos tetos de vidro, preenchia o aposento com sombras turvas. O fogo estava com um brilho vermelho apagado na gigantesca lareira, a qual fora esculpida em mármore para se parecer com a boca aberta de uma serpente.
- Nada como ler um bom livro de frente para a maldição escancarada. - murmurou Zane, passando pela lareira. - Então, onde eles guardam as vassouras, Ralf?
Ralf sacudiu a cabeça.
- Eu já disse a vocês, eu não sei. Só sei que não há um armário comum ou qualquer coisa como os grifinórios ou corvinais. A maioria desses caras não confia um no outro. Todos têm um armário particular com uma chave mágica especial. Além disso, as vassouras não estão aqui agora, estão? Eles a levaram para o campo de quadribol.
- Não estamos aqui para pegá-las agora. - respondeu Zane, espreitando a sala comunal. - Estamos aqui apenas para saber onde eles podem escondê-las.
Mesmo no meio de um dia primaveril, os aposentos da Sonserina eram um caixão de obscuridade verde deslocada.
- *Lumus!* - disse James, iluminando sua varinha e segurando-a no alto. - Esse corredor leva ao dormitório dos garotos, certo Ralf?
- Sim. O dormitório das garotas é do outro lado, acima daquelas escadas.
Zane moveu-se cautelosamente pela mobília do salão comunal, dirigindo-se para as escadas.
- Assalto de peças íntimas no dormitório das garotas. Estou nessa.
- Espere, - disse James com severidade. - poderá estar enfeitiçado, sabe. Nenhum garoto está permitido a entrar nos dormitórios das garotas. Suba lá, e tenha certeza que soará algum tipo de alarme.

Zane se deteve, olhando para James, e então deu as costas para a escadaria.
- Droga. Pensaram em tudo, não?
- Aliás, - disse do outro lado do aposento. - nós chamamos de “roupas de baixo” por aqui.
- Você diz mamão, eu digo papaia... - murmurou Zane.
- Podemos voltar para o porquê de estamos aqui, acima de tudo? - disse James tão alto quanto ousava. - Devemos procurar por meio de chegar à vassoura de Tábita. Mesmo se tudo o que podemos fazer seja descobrir onde ela a guarda.
- Acredite ou não, - disse Zane com exatidão. - era nisso que eu estava pensando. Pelo que sabemos, ela dorme com aquela coisa. Mesmo se ela não dormisse, pode apostar que ela a manteria perto o bastante para protegê-la. Isso significa entrar no dormitório das garotas, não?
James sacudiu a cabeça.
- Impossível. Estou começando a perceber o quanto foi satisfatório para meu pai ter a tia Hermione como parte da turma. Ele podia mandá-la para examinar as coisas. De qualquer forma, estamos emperrados.
Assim que James terminou de falar, um barulho veio da escadaria. Os três garotos congelaram com culpa, olhando em direção às escadas. Houve um arrastar de pés pequenos, e então um elfo doméstico muito pequeno desceu balançando uma cesta de roupas amarrotadas na cabeça. O elfo parou, vendo os três garotos encarando-o.
- Mil perdões, mestres. - disse o elfo, e James podia distinguir pelo timbre de voz que se tratava de uma fêmea. - Apenas coletando a roupa lavada, se não se importam. - seus olhos cheios de bulbos pareciam desconcertados por ter atraído tanta atenção. James percebeu que ela, provavelmente, estava acostumada a ser ignorada, isso se ao menos era vista.
- Sem problemas, senhorita... - disse Zane, fazendo uma reverência e se afastando um passo das escadas.

O elfo não se moveu. Seus olhos seguiram o movimento de Zane com crescente consternação.
- Perdão, mestre?
- Seu nome, senhorita. - respondeu Zane.
- Ah, bem, Figgle, mestre. Eu me desculpo, mestre. Figgle não está acostumada a ver os mestres e mestras falando com ela, mestre. - o elfo pareceu estar quase vibrando de nervosismo.
- Tenho certeza de que isso é verdade, Figgle. - disse Zane com compreensão. - Veja, sou membro de uma organização da qual você já deve ter ouvido falar. Nós chamamos de... hmm... - Zane lançou um olhar arregalado para James. James lembrouse de ter contado a Zane e Ralf sobre a organização de sua tia Hermione para a igualdade dos direitos dos elfos.
James gaguejou.
- Ah, sim. F.A.L.E.. O Fundo de Apoio para a Libertação dos Elfos?
- Sim, isso que ele disse. - disse Zane girando de volta para Figgle, que hesitou. - F.A.L.E. Sem dúvida, já ouviu falar de nós. Ajudamos aqueles que são elfos.
- Figgle nunca ouviu falar, mestre. Nem um pouquinho. Figgle tem muito trabalho a fazer, mestre.
- Esse é exatamente o ponto, minha querida Figgle. Nós do F. A. L. E. estamos trabalhando para diminuir essa quantidade de trabalho. De fato, como uma ação de boa fé, eu gostaria de ajudá-la agora. Por favor, permita que eu a ajude a carregar isso?
Figgle se mostrou absolutamente horrorizada.
- Oh, *não*, mestre. Figgle não poderia! O mestre não deveria zombar de Figgle, senhor!
James podia ver onde Zane estava chegando com essa charada, mas estava em dúvida se isso levaria a algum lugar. Elfos domésticos, especialmente aquele que trabalhavam entre os sonserinos, eram freqüentemente maltratados e enganados por seus mestres. Figgle parecia estar prestes a explodir em lágrimas de tanto

medo.
Zane se ajoelhou, ficando ao nível dos olhos do elfo doméstico que tremia sobre o segundo degrau da escada.
- Figgle, eu não vou machucá-la, nem colocá-la em problemas. Prometo. Nem sou mesmo um sonserino. Sou um corvinal. Você conhece os corvinais?
- Figgle conhece, mestre. Figgle coleta as roupas dos corvinais nas terças e sextasfeiras. Os corvinais usam menos perfume que os sonserinos, mestre. - o elfo tagarelava, mas parecia um pouco mais calmo.
- Eu gostaria de ajudá-la, Figgle. Certamente ainda há mais para carregar. Posso carregar este para você?
Figgle pressionou os lábios com força, obviamente dividida entre o medo de uma brincadeira maldosa e a responsabilidade de fazer o que lhe era pedido. Seus olhos do tamanho de bolas de tênis estudaram Zane, e logo, finalmente, ela assentiu uma vez, rapidamente.
- Excelente, Figgle. Você é um bom elfo. - disse Zane de modo tranqüilizante. - Não há mais roupas lá em cima, há? Vi que você está empilhando-as próximo à porta. Eu as pegarei para você. - ele deu um passo em direção às escadas.
- Oh, não, mestre! Espere! - disse Figgle, erguendo sua mão. A cesta sobre sua cabeça oscilou um pouco e ela firmou-a facilmente. - O mestre quebrará o Encantamento Limitador. Figgle não deve deixar que os outros vejam que ela está sendo ajudada. Figgle saltou levemente os dois últimos degraus e virou-se em direção às escadas. Ela ergueu sua mão e estalou os dedos. Alguma coisa se modificou na entrada. James poderia jurar que alguma coisa como uma luz havia sido desligada, embora a iluminação atual no aposento continuasse a mesma. - Agora o mestre pode subir. Mas, por favor, mestre... - novamente, Figgle parecia torturada pelo medo e a obediência. - Por favor, o mestre não deve tocar em nada exceto a cesta. E então, Figgle

irá levar toda a roupa para os porões. Por favor? - ela parecia estar suplicando para acabar com aquilo e ir embora o mais breve possível.
- Claro. - respondeu Zane, sorrindo. Com a mais leve pausa, ele pôs seu pé sobre o primeiro degrau. Nada aconteceu. - Já volto, pessoal. - disse Zane por cima do ombro, e trotou degraus acima.
James deixou escapar um suspiro e ouviu Ralf fazendo o mesmo. Figgle observou Zane subir a escadaria, e logo olhou com preocupação para James e Ralf, o qual encolheu os ombros e sorriu para ela. Era, pensou James, um sorriso bastante apavorado. Figgle não pareceu notar. Ela caminhou entre a mobília, balançando a cesta com facilidade, e então a inclinou sobre uma larga pilha perto da porta.
- James, - disse Ralf rapidamente. - o mapa.
James assentiu e abriu o Mapa do Maroto novamente. Primeiro olhou em direção à área superior do mapa, onde um grupo de desenhos ilustrava o campo de quadribol e as arquibancadas. Dúzias de nomes se amontoavam ali, a maioria pelas arquibancadas, mas alguns se lançavam pelo campo. A sessão de treinamento da Sonserina ainda continuava, embora parecesse haver menos pessoas sobre vassouras naquele momento. Provavelmente estavam reunidos em algum lugar por perto, conversando sobre táticas ou algo do gênero. Ele deu uma olhada nos nomes que se estendiam entre o campo e as arquibancadas. Ali estavam Squallus, Norbert, Beetlebrick e alguns outros que James não conhecia.
Figgle ergueu suas mãos no mesmo gesto que James vira os elfos domésticos usarem no Salão Principal para reunir as toalhas de mesa. A pilha de roupa se agrupou em uma enorme bola e um enorme lençol embrulhou-se em volta, as quatro pontas se atando no alto. Figgle atirou um punhado de pó cor-de-rosa sobre a enorme bola de roupa e estalou os dedos novamente. A bola de

roupa sumiu, aparentemente para reaparecer nos porões. Ela olhou com nervosismo para as escadas.
- E então? - perguntou Ralf a James em uma voz pressionada e preocupada.
- Não consigo ver Tábita. - respondeu James, tentando manter a voz calma. - Nem Filia Goyle. Até onde posso ver, não estão mais no campo.
- O quê? E então, onde elas estão?
- Não sei. Elas parecem estar fora do mapa agora.
Figgle estava olhando para eles, os olhos arregalados e em alerta. Parecia sentir que alguma coisa estava ainda mais errada do que estava um minuto atrás. James analisou o Mapa do Maroto de maneira penetrante, observando os imensos espaços em branco para ver se Goyle e Corsica apareceriam fora deles. Ele mantinha um olhar atento no ponto em branco à porta dos aposentos da Sonserina.
- Ah, não. - disse ele, os olhos se arregalando. - Elas estão chegando! O que será que estão fazendo aqui agora?
- Livre-se do mapa! - disse Ralf, o rosto tornando-se pálido. - Vamos! Zane! - chamou ele para as escadas. Não houve resposta.
A expressão de Figgle passou de alarme para puro pânico.
- A mestra Corsica está chegando! Figgle fez uma coisa terrível! Figgle será punida! - ela escapuliu para as escadas, estalando os dedos ao passar. Houve uma repentina sensação de mudança, como se uma luz invisível tivesse novamente se acendido, e James soube que o Encantamento Limitador sobre as escadas estava funcionando novamente. Ouviu-se o barulho de passos e vozes abafadas provenientes das escadas assim como da porta frontal da sala comunal. James embrulhou o Mapa do Maroto ruidosamente e o colocou dentro da mochila aberta. Ralf atirou-se sobre o sofá mais próximo, tentando fingir uma cena de vagarosa indolência. As

portas se abriram exatamente quando James recolocou a mochila nos ombros e se virou.
Tábita Corsica e Filia Goyle passaram pela entrada. Seus olhos decaíram sobre James e ambas ficaram em silêncio. Tábita estava usando uma capa esportiva e calça capri preta**,** a vassoura sobre o ombro. Seu cabelo estava amarrado em um rabo de cavalo elegante, e mesmo que estivesse, há alguns minutos atrás, mergulhando pelo campo de quadribol com sua vassoura incomum, parecia tão serena e perfeita quanto uma tulipa. Ela se pronunciou primeiro.
- James Potter. - disse ela suavemente, quase instantaneamente recobrindo-se da surpresa de vê-lo ali.
- Que satisfação vê-lo.
- O que você está fazendo aqui? - exigiu Filia, a expressão tornando-se raivosa.
- Filia, não seja rude. - disse Tábita, movendo-se pelo aposento e passando com rapidez por James. - O Sr. Potter é tão bem-vindo entre nós como estou certa de que somos entre os grifinórios. Se não tivermos boa vontade durante esses tempos difíceis, o que nos resta? Boa tarde, Sr. Deedle.
Ralf resmungou alguma coisa do sofá, parecendo bastante desajeitado e inconfortável. Filia continuava a fitar severamente, a expressão claramente hostil, mas ela permanecia em silêncio.
- É uma pena para o time de quadribol da Grifinória. - bradou Tábita de um canto do aposento enquanto ela pendurava sua capa. - Sempre adoramos uma partida entre a Grifinória e Sonserina no campeonato, não é Ralf? Estou segura de que seus amigos ficam magoados por não estarem lá fora jogando conosco enquanto falamos, James. Por favor, transmita nossas simpatias a eles. A propósito... - Tábita cruzou o aposento novamente, direcionando-se à escadaria que levava para o dormitório feminino. - vi muitos jogadores da Corvinal lá no campo analisando nosso treino. Interessante que

seu amigo, Zane, não estivesse entre eles. Você não o viu, sim? - ela deu um tapinha em sua vassoura preguiçosamente apoiada no chão, observando o rosto de James.
James balançou a cabeça, não ousando falar.
- Hum. - murmurou Tábita com ponderação. - Curioso. Não importa. Venha,
Filia.
James assistiu, horrorizado, enquanto Tábita e Filia comeram a subir os degraus.
Pensou com furor, tentando inventar uma rápida distração, mas nada lhe ocorreu.
- Dê o fora! - um par de vozes abafadas grunhiu de repente.
Tábita e Filia detiveram os passos. Filia, sobre o primeiro degrau, olhava furiosamente ao redor. Tábita, à frente dela, virou-se mais lentamente, um olhar de educada surpresa estampado no rosto.
- Você disse algo? - perguntou ela vagarosamente a James.
James tossiu,
- Ehm, não. Desculpe. Entrou, hã, um pigarro em minha garganta.
Tábita o observou por um longo momento, então lançou sua cabeça ligeiramente para o lado e estreitou os olhos para Ralf. Finalmente, ela afastou-se e desapareceu subindo os degraus restantes com Filia ao encalço, olhando furiosamente para trás. Após alguns instantes, seus passos podiam ser ouvidos acima. Não houve gritos de fúria ou sinais de luta.
- Sua vaca miserável! - grasnaram as vozes abafadas novamente.
- Aquele lunático! - disse Ralf, saltando e agarrando sua mochila. - O que ele está fazendo?
- Vamos! - disse James, disparando em direção à porta. - Se ele ainda estiver lá em cima, não podemos ajudá-lo.
Ambos correram pelo corredor e abriram passo através

de vários corredores aleatórios antes de finalmente pararem. Ofegantes e com o coração golpeando, retiraram seus patos de borracha de suas mochilas, cada um examinando o seu embora fossem idênticos. Uma palavra estava rabiscada na base dos patos em tinta preta: *Lavanderia.*

- Aquele lunático! - disse Ralf novamente, mas estava quase rindo de alívio. - Figgle simplesmente o levou para os porões com as roupas sujas restantes! Eu digo pra deixarmos ele lá.

James sorriu.

- Não, vamos buscá-lo antes que tentem colocá-lo na máquina de lavar. Ele merece isso, mas primeiro, quero saber o que ele descobriu.

Os dois correram para encontrar as lavanderias nos porões. James parou apenas uma vez para perguntar direções a um criado irritantemente observador em uma pintura de um grupo de cavaleiros jantando.

- Eu mal tive dois minutos pra olhar em volta antes que Figgle subisse as escadas como uma bola de canhão. - contou Zane a James e Ralf quando o encontraram nas lavanderias. - Ela lançou uma mão cheia de pó cor-de-rosa em minha direção, e então *puff!* Eu estava aqui embaixo.

Ralf estava olhando apavorado ao redor para os enormes tonéis de cobre e a maquinaria que retinia das máquinas de lavar. Elfos agitavam-se por perto, ignorando os três garotos completamente enquanto se moviam pelo amontoamento que se formava no espaço de trabalho do porão. Dois elfos sobre uma passarela acima dos tonéis atiravam carrinhos de sabão em pó na água espumosa. Flocos brancos preenchiam o ar e grudavam como neve

nos cabelos dos garotos.
- Acreditem, isso tudo perde muito interesse depois de dois minutos ou mais. - disse Zane, tenso. - Especialmente quando a corporação pirulito aqui não deixa você sair. - três elfos agrupavam-se em torno de Zane, olhando-o com óbvia hostilidade.
- Figgle traz um humano para as lavanderias, nós o mantemos até alguém explicar a razão. - disse o elfo mais velho e irritado em uma voz empedrada. - Essa é a política. A interferência de humanos no trabalho dos elfos é contra o Código de Conduta e Práticas de Hogwarts, seção treze, parágrafo seis. Então, quem são vocês dois?
James e Ralf trocaram olhares vazios. Ralf se pronunciou.
- Nós somos... bem, somos amigos dele, não? Viemos buscá-lo de volta.
- Mesmo? - disse o elfo com um olhar penetrante. - Figgle conta uma história sobre esse humano tentar fazer o trabalho dela, ela conta. Ela diz que ele falava do bemestar dos elfos e tais bobagens. Ela estava muito angustiada. Não podem fazer esse tipo de coisa, vocês sabem. Temos um contrato de coalizão com a escola.
- Ele não fará isso novamente. - consolou James. - Ele tinha boas intenções, mas ele é um pouco confuso com essas coisas, não? Sinto muito. Ele saiu de nosso controle por um minuto. Não acontecerá novamente.
Zane fingia-se ofendido, mas permaneceu sabiamente calado. O elfo fez cara feia ponderando e olhando para James, o qual estava acostumado a ver elfos servis e dóceis ou ao menos educadamente grosseiros. Ali, na área do trabalho, as regras pareciam ser bastante diferentes. Os elfos tinham um acordo de coalizão com a escola, o elfo chefe dissera. Isso era quase como se tivessem se sindicalizado, e que uma regra essencial sindicato dos elfos era que apenas elfos trabalhavam. Talvez eles viam isso como segurança de trabalho. James

não tinha certeza se tia Hermione veria isso como uma melhora ou um empecilho.
Finalmente, o elfo chefe resmungou:
- Estou indo contra meus melhores julgamentos, sabem. Vocês estão em período de teste. Qualquer outra interferência no protocolo élfico e os levarei para a direção.
Fizemos um acordo de coalizão, sabem.
- Sim, eu ouvi. - murmurou Zane, revirando os olhos.
- Mas vocês nem mesmo sabem nossos nome. - assinalou Ralf. Como estamos em período de teste se vocês não sabem quem somos nós?
James o acotovelou nas costelas.
O elfo chefe sorriu para seus companheiros, que sorriram de volta um pouco pertubadamente.
- Nós somos elfos. - disse ele simplesmente. - Agora saiam. E esperem que não vejamos vocês novamente.
Os corredores que levavam para fora das lavanderias eram, sem surpresa, pequenos e curtos, com degraus pela metade que forçavam James, Zane e Ralf a andarem cuidadosamente enquanto subiam.
- Não sei se devo parabenizar você ou chutá-lo. - disse Ralf a Zane. - Quase que Corsica e Goyle nos pegam por sua causa.
- Mas eu entrei no dormitório feminino! - assinalou Zane com um sorriso. - Quantas pessoas podem dizer isso?
- Ou queriam dizer? - adicionou James.
- Seja gentil ou não contarei o que encontrei.
- É melhor ser algo bom.
- Não é. - suspirou Zane. - O dormitório feminino possui grandes armários de madeira ao lado de cada cama. Apenas um deles estava aberto, mas dei uma espiada dentro. Vamos simplesmente dizer que não desejo mais saber onde Tábita guarda sua vassoura.
Eles alcançaram uma enorme porta ao fim de um lance de minúsculos degraus. James abriu a porta, agradecido por estar fora do calor e do barulho das lavanderias.

- O que você quer dizer?
- Bom, elas têm guarda-roupas mágicos, obviamente, embora eles não levem a nenhum país das maravilhas. O guarda-roupa que olhei era como se fosse um maquiador e *closet*. Pra falar a verdade, era como se uma botique tivesse sido explodida ali. Alguns eram realmente pretensiosos, mas com um estilo vampiro-gótico. Havia um frasco com creme de sumiço no maquiador, e pelo aspecto, não acho que a parte do sumiço fosse uma metáfora.
- Todas as garotas tinham um armário como esse? - perguntou Ralf.
- Sim, era o que parecia.
James franziu o cenho.
- Nossas chances de entrar no dormitório feminino da Sonserina novamente são zero. E mesmo se pudéssemos, como saberíamos qual é o guarda-roupa de Corsica, e se ao menos conseguiríamos abri-lo?
- Eu *disse* que seria impossível. - lembrou Ralf a James.
- Cheirava como o armário de minha avó, também. - disse Zane.
- Poderia deixar os detalhes de lado? - exclamou James. - É sério. Ainda não sabemos onde é o Vestíbulo da Travessia dos Titãs ou quando Jackson e Delacroix estão planejando reunir os elementos. Pelo que sabemos, poderia ser hoje à noite.
- E daí? - disse Ralf. - Como você disse, eles não podem fazer nada sem todas as relíquias.
Zane suspirou, tornando-se sóbrio.
- Sim, mas se eles tentarem e nada funcionar, então esconderão o resto das relíquias e nunca mais as veremos.
Ralf lançou as mãos para o alto.
- E então? Deve haver outra maneira. Digo, ela tem que tirar a vassoura do guarda-roupa às vezes, certo? Nós a vimos com a vassoura hoje. E se, de alguma forma, pegarmos durante uma partida de quadribol ou algo

assim?
Zane sorriu.
- Gosto disso. Especialmente se pudermos fazer isso quando ela estiver a vários metros de altura no ar.
- Novamente impossível. - disse James em frustração. - Desde os tempos de meu pai, há feitiços de proteção por todo o campo para evitar que outros interfiram na partida. Houve alguns casos onde bruxos das trevas tentaram usar feitiços para machucá-lo ou atirá-lo fora da vassoura. Uma vez, um grupo de dementadores cercou o campo. Desde então, há áreas delimitadas vigiadas por árbitros. Nenhum feitiço pode entrar ou sair.
- O que é um dementador? - perguntou Ralf, os olhos arregalando-se.
- Você não quer saber, Ralf. Acredite em mim.
- Bom, parece que estamos de volta à reta um. - disse Zane de modo sombrio. -
Estou completamente sem idéias.
Ralf parou repentinamente no meio do corredor. Zane bateu com força no garoto enorme, tombando para trás, mas Ralf não pareceu notar. Ele estava fitando com insistência uma das pinturas que se estendiam pelo corredor. James notou que era mesma para a qual pediram instruções de como chegar à lavanderia. O criado extremamente observador no canto de trás da pintura captara a atenção de James antes, mas somente como alguém para quem podiam pedir informações. James tinha quase se acostumado às pinturas aleatórias de personagens vigilantes espalhadas por toda Hogwarts. O criado fitou Ralf com tristeza enquanto os cavaleiros na pintura içavam suas canecas de cerveja e pernas de peru, esbofeteando felizmente um ao outro nas costas parcialmente protegidas por armaduras.
- Ah, ótimo! - disse Zane, esfregando o ombro que batera em Ralf. - É como você fez, James. Agora *Ralf* está obcecado a cada décima quinta pintura. E nem mesmo é

das boas. Vocês dois são os amantes de arte mais estranhos que já conheci.
James aproximou um passo em direção a pintura também, analisando o criado posicionado no fundo sombrio da pintura com um enorme tecido sobre o ombro. A figura deu meio passo para trás, e James teve certeza de que estava tentando se fundir com as sombras do vestíbulo pintado.
- O que houve, Ralf? - ele perguntou.
- Eu já o vi antes. - respondeu Ralf em uma voz distraída.
- Bem, não faz dez minutos que paramos em frente a essa pintura, certo?
- Sim. Parece familiar, mas não consigo lembrar. Ele está diferente agora...
Repentinamente, Ralf ajoelhou-se com uma perna, atirando sua mochila no chão à sua frente. Ele abriu o fecho da mochila e procurou dentro, quase freneticamente, como se preocupado que qualquer inspiração que o golpeava pudesse escapar antes que a confirmasse. Finalmente, apresentou um livro, agarrou-o de forma triunfante, e levantou-se novamente, folheando o livro em direção ao final. Zane e James abarrotaram-se atrás dele, tentando ver sobre os largos ombros de Ralf. James reconheceu o livro. Era o livro antigo de poções que sua mãe e seu pai deram a Ralf no Natal. Enquanto Ralf folheava as paginas, James podia ver as notas e fórmulas que enchiam as margens, estufadas de desenhos rabiscados e diagramas. De repente, Ralf parou de folhear. Ele segurou o livro aberto com ambas as mãos e o ergueu lentamente de modos que ficasse ao nível do criado observador no fundo da pintura. James arfou.
- É o mesmo cara! - disse Zane, apontando.
Sem dúvida, ali, na margem direita de uma das últimas páginas do livro de poções, estava um velho esboço do criado. Era, sem sombra de dúvidas, a mesma figura, com o mesmo nariz de gancho e a mesma postura

chateada e tétrica e encurvada. A versão da pintura afastou-se ligeiramente ao ver o livro, e então cruzou o vestíbulo tão rapidamente quanto poderia sem realmente correr. Ele parou atrás de um dos pilares que se estendiam do lado oposto do aposento pintado. Os cavaleiros na mesa o ignoraram. James, observando com atenção, semicerrou os olhos.
- Eu sabia que era familiar. - disse Ralf com triunfo. - Ele estava em uma posição diferente quando o encontramos pela primeira vez, por isso não o reconheci imediatamente. Agora, ele está exatamente na mesma posição que o desenho no livro. Agora, *isso* é estranho.
- Posso ver? - pediu James. Ralf deu de ombros e passou o livro a James que se inclinou sobre o mesmo e o folheou de trás pra frente. A maioria das margens nas primeiras cem páginas estava cheia de notas e feitiços, rabiscados e reescritos em uma cor diferente, como se o escritor das anotações estivesse refinando seu trabalho. De qualquer forma, pela metade do livro, desenhos e rabiscos começaram a amontoar-se com as notas. Estavam incompletos, mas eram bastante bons. James reconheceu muitos deles. Ali estava um esboço rude da mulher no fundo da pintura da corte do rei. Algumas páginas depois, ele encontrou dois esboços bastante detalhados do bruxo gorducho calvo da pintura do envenenamento de Péracles. Repetidamente, reconheceu os esboços como os personagens das pinturas de toda Hogwarts, as figuras secundárias que observavam James e seus amigos com ávido e descoberto interesse.
- Incrível. - disse James, em uma voz baixa e temerosa. - Percebem que todos esses esboços são de pinturas de toda escola?
Ralf deu uma olhada nos desenhos do livro, e voltou a olhar para a pintura novamente. Ele encolheu os ombros.
- É estranho, mas não tão incrível, é? Digo, o dono desse

livro era provavelmente um estudante daqui, certo? Parece que ele era sonserino, como eu. Essa é a razão por seu pai ter dado o livro para mim. Então, quem quer que ele seja, gostava de arte. Muitos dos amantes de arte desenham das pinturas. Grande coisa.

Zane franziu a sobrancelha enquanto olhava o esboço do criado e sua pintura equivalente, a qual estava escondendo-se próximo dos pilares no fundo.

- Não, não são apenas os esboços. - disse ele, sacudindo a cabeça lentamente. - Estes são os originais ou se parecem tanto que é impossível notar as diferença. Não me pergunte como sei. Apenas sei. Quem quer que tenha esboçado esses desenhos era também um mestre da falsificação... ou era seu artista real.

Ralf pensou a respeito durante um momento, e então sacudiu a cabeça.

- Não faz sentido. Essas pinturas foram feitas em épocas bastante diferentes. De jeito nenhum um cara é responsável por todas elas. Além disso, grande parte dessas pinturas é antiga. Mais antiga que esse livro.

- Isso faz *muito* sentido. - disse James, fechando o livro e olhando para a capa. - Quem quer que seja que tenha pintado não pintou todas as pinturas. Pensem nisso: nenhum desses personagens desenhados é um personagem dominante nas pinturas. Cada um é um desenho totalmente sem importância de alguma paisagem. Quem quer que seja que os desenhou simplesmente *adicionou* os personagens às pinturas existentes.

Zane apertou um canto da boca e ergueu a sobrancelha.

- Porque alguém faria isso? É como grafite, mas ninguém notaria exceto o cara que pintou. Qual é a graça disso?

James também pensava arduamente. Ele assentiu ligeiramente para si, olhando novamente para o livro em suas mãos.

- Acho que tive uma idéia. - disse ele, estreitando os olhos pensativamente. - Nós descobriremos com certeza.

Hoje à noite.

- Vamos, Ralf! - reclamava James em um sussurro grosseiro. - Pare de puxar! Você está levantando. Dá pra ver os pés!
- Não posso evitar. - lamentou Ralf, agachando-se até onde podia. - Eu sei que você disse que seu pai e amigos costumavam fazer isso o tempo todo, mas um *deles* era uma garota, lembra?
- Sim, e ela também não fazia sete refeições por dia. - disse Zane.
Os três arrastaram os pés pelo corredor escurecido, comprimidos sob a Capa da Invisibilidade. Eles encontraram-se na base da escadaria, e fora um momento quando Estevan Metzker, o monitor da Grifinória e irmão de Noé, passara por eles cantando ligeiramente desafinado, não haviam deparado com ninguém. Quando alcançaram o cruzamento próximo da estátua da bruxa de um olho só, James disse para pararem. Os três manobraram desajeitadamente para um canto e James abriu o Mapa do Maroto.
- Não consigo ver, de jeito algum, porque nós três precisamos fazer isso. - reclamou Ralf. - Eu acredito em vocês dois. Vocês poderiam simplesmente me contar amanhã durante o café da manhã.
- Você parecia bastante animado quando planejamos isso, Ralfidilo. - sussurrou Zane. - Você não pode perder a coragem agora.
- Era de dia. E eu não nasci com coragem alguma, para sua informação.
- Psiu! - assobiou James.
Zane inclinou-se sobre o mapa.
- Alguém vindo?
James sacudiu a cabeça.

- Não, parece seguro. Filch está em seu gabinete no andar de baixo. Nem mesmo sei *se* ele dorme, mas ao menos agora, a barra está limpa.
Ralf se endireitou, erguendo a Capa da Invisibilidade a um pé do chão.
- Então, porque estamos debaixo dessa coisa?
- É tradição. - disse James sem tirar os olhos do mapa.
- Além disso, - adicionou Zane. - qual é a graça de ter uma Capa da Invisibilidade se não a usarmos para andarmos invisíveis pelos corredores de vez em quando.
- Não há ninguém para nos ver, de qualquer jeito. - assinalou Ralf.
James os conduziu em direção ao ângulo direito do cruzamento, arrastando os pés. Logo, chegaram à gárgula que guardava a escada que levava para o escritório da diretora. James não podia dizer se a gárgula estava observando seus pés debaixo da capa erguida mesmo que estivesse perfeitamente imóvel. James esperava que a senha não tivesse mudado desde que acompanhara Neville à direção alguns meses atrás. Ele pigarreou e disse em voz baixa:
- Eh, Gallowater?
A gárgula, a qual era relativamente nova, tendo substituído a que fora danificada na Batalha de Hogwarts, mexeu-se ligeiramente, emitindo um som como o de uma porta de mausoléu rangendo.
- É aquele com o verde bosque, céu azul e moldes vermelhos? - perguntou a gárgula em uma voz cuidadosa e calculada. - Não consigo lembrar.
James sussurrou a respeito com Ralf e Zane.
- Bosque verde? Nem mesmo sei o que é isso! É apenas a palavra que Neville usou para entrar!
- Qual seria a resposta, então? - perguntou Zane.
- A gárgula não perguntou nada para ele!
- Acho que é um tartã. - arriscou Ralf. - Minha avó é louca por eles. Apenas diga sim.
- Tem certeza?

- *Claro* que não tenho certeza. Diga não, então! Como vou saber?
James virou-se para a gárgula, a qual parecia estar fitando os sapatos de James. - Eh, sim, claro.
A gárgula revirou os olhos.
- Visitantes afortunados. - a gárgula se endireitou e saltou para o lado, revelando a entrada para a escada espiral. Os três garotos arrastaram os pés até ela e subiram nos degraus inferiores. Assim que estavam posicionados, a escada começou a elevar-se lentamente, levando-os para cima. O átrio do lado de fora do escritório da diretora apareceu diante deles, os quais tropeçaram para o local, xingando e empurrando um ao outro por baixo da capa.
- Chega! - disse Ralf em uma voz irritada. Ele puxou com força a capa, saindo debaixo da mesma, e então deixou escapar um grito agudo. James e Zane retiraram a capa de suas cabeças e olharam em volta com nervosismo, procurando para o que fosse que tivesse assustado Ralf. O fantasma de Cedrico Diggory estava em frente a eles, sorrindo de forma travessa.
- Você realmente tem que parar de fazer isso. - disse Ralf, ofegante.
*Desculpe*, disse Cedrico em sua voz distante. *Pediram que eu estivesse aqui.*
- Quem pediu a você? - indagou James, tentando afastar o aborrecimento na voz. Os fios de cabelo em sua nuca ainda estavam eriçados. - Como alguém saberia que estávamos vindo para cá essa noite?
Cedrico apenas sorriu e então gesticulou em direção à pesada porta que levava para dentro do escritório da diretora. Estava bem fechada.
*Como pensam em entrar?*
James sentiu nos rosto o calor da vergonha.
- Esqueci disso. - ele admitiu. - Está trancada, não é?
Cedrico assentiu.
*Não se preocupe. Essa é razão pela qual estou aqui,*

*acho.*
O fantasma se virou e atravessou a porta sem esforço. Um momento depois, os três garotos ouviram o som da fechadura sendo destrancada. A porta abriu silenciosamente e Cedrico sorriu, saudando-os. James entrou primeiro, e Zane e Ralf ficaram surpresos em vê-lo entrar tão imediatamente. O aposento estava extremamente escurecido, exceto pela luz avermelhada da lareira. James acendeu sua varinha e seguroa no alto.
- Afaste essa coisa de meu rosto, Potter! - disse uma voz baixa. - Você vai acordar os demais com isso, e suspeito que essa pretende ser uma conversa privada.
James abaixou sua varinha novamente e olhou para os demais retratos. Todos dormiam em posições diversas, roncando suavemente.
- Sim, você está certo. - concordou James. - Desculpe.
- Então, percebo você deduziu uma versão da verdade. - disse o retrato de Severo Snape, os olhos negros travados em James. - Diga-me o que você acredita saber.
- Não foi muito uma dedução, na verdade. - admitiu James, olhando para Ralf. - Foi ele. Ele tem o livro.
Snape revirou os olhos.
- Aquele maldito livro tem causado mais problemas do que vale a pena. Eu deveria tê-lo destruído quando tinha chance. Prossiga.
James respirou fundo.
- Bem, eu sabia que alguma coisa estava acontecendo quando notei todos aqueles personagens nas pinturas nos observando. Também sabia que eles pareciam um pouco familiar, mesmo que fossem todas realmente diferentes. Mas acho que eu não teria feito a conexão se Ralf não tivesse mostrado os esboços no livro de poções. Eu sabia que o livro havia pertencido a um sonserino pelo qual meu pai tinha muito respeito, então pensei em você e tudo isso fez sentido. *Você* pintou todos aqueles personagens nas pinturas espalhadas por toda a escola, e cada um deles é um retrato de você, mas em disfarce.

É assim que você nos vigia. Você se espalha através de todas as pinturas. E já que você é o artista original, ninguém mais sequer pode destruir os retratos. Era sua maneira de assegurar que pudesse manter um olho nas coisas, mesmo depois de morto.

Snape estudou James, com a cara feia. Finalmente, ele assentiu levemente.

- Sim, Potter, absolutamente verdade. Poucos sabiam, mas eu tinha uma tendência natural para isso. Ser perito em poções e misturar as tintas encantadas necessárias eram a parte simples. Levou bastante tempo para que eu melhorasse minhas habilidades em desenho para poder modificar as pinturas, mas como qualquer outra arte, a pintura era principalmente uma questão de prática e estudo. Contudo, concordo com você que nunca teria feito a conexão se não fosse por minha arrogância cega em permitir que o livro continuasse a existir. Posso ter sido um gênio, mas orgulho foi a causa da queda de um gênio maior do que eu. No entanto, isso prova ser um esforço bem sucedido. Tenho sido capaz de observar você e o resto das operações escolares com bastante liberdade. Então, diga-me: porque veio até mim agora? Para se exultar de sua sorte?

- Não. - disse James firmemente, e então fez uma pausa. Não queria dizer o que tinha vindo dizer. Temia que Snape risse dele, ou pior, que recusasse o pedido. - Viemos... viemos pedir sua ajuda.

A expressão de Snape não mudou. Ele observou James durante um longo momento.

- Você veio pedir ajuda. - disse ele, como se confirmasse que ouvira James corretamente. James assentiu. Snape estreitou os olhos levemente. - James Potter, eu nunca suspeitaria, mas você finalmente me impressionou. A maior fraqueza de seu pai era a recusa de procurar a ajuda daqueles melhores e mais capacitados que ele. Sempre procurava ajuda no fim, mas geralmente para seu grande, e às vezes último detrimento. Você parece

ter se livrado dessa fraqueza, embora de forma relutante. Se tivesse tomado essa decisão algumas semanas atrás, poderíamos não ter que depender de pura sorte e do bom tempo para salvá-lo de um destino pior do que a morte.
James assentiu novamente.
- Sim, obrigado por isso. Sei que foi você quem enviou Cedrico para ajudar quando fomos abrir a maleta de Jackson.
- Audaz e ignorante, Potter. Deveria saber muito bem, embora eu admito que estaria surpreso se soubesse. A túnica é excessivamente perigosa e você foi estupidamente negligente em guardá-la aqui. Por mais que me custe admitir, você deveria entregá-la imediatamente ao seu pai.
- O que você sabe sobre a conspiração de Merlim, então. - perguntou James animado, ignorando a repreensão.
- Não sei mais do que vocês sabem, infelizmente, exceto pela abundância de conhecimento que acumulei através de meus estudos da lenda e da grande quantidade de tentativas anteriores para facilitar o retorno de Merlino Ambrósio. Posso assegurar que é um estudo que se comprovaria mais útil a vocês do que suas atuais e ridículas tentativas de capturar o cajado de Merlim.
- Porque elas são ridículas? - perguntou Zane, dando um passo mais próximo.
- Ah, o palhaço fala. - ridicularizou Snape em voz baixa. - Sr. Walker, acredito.
- É uma pergunta justa. - disse James, olhando para Zane. - O cajado é provavelmente mais perigoso que a túnica. Não podemos deixá-lo ser controlado por pessoas que acreditam que Voldemort era simplesmente um pobre incompreendido que queria que todos fossem amigos.
- E quem seriam essas pessoas, então, Potter? - perguntou Snape suavemente.
- Bem, Tábita Corsica, em primeiro lugar.

Snape observou James com claro desdém.
- Típico preconceito grifinório.
- Preconceito! - exclamou James. - Qual é a casa que acredita que todos os bruxos nascidos trouxa são mais fracos que os de sangue-puro? Qual a casa que inventou o termo “sangue-ruim”?
- *Nunca* volte a pronunciar essa palavra diante de mim novamente, Potter. - disse Snape perigosamente. - Você acha que fala o que sabe, mas deixe-me poupá-lo de sua ignorância lembrando que o que sabe é tão limitado quanto é parcial. Julgar precipitadamente indivíduos baseando-se em sua casa de origem era um dos maiores erros de seu pai. Esperava que você sobrepujasse isso também, baseado em suas próprias escolhas de companhia. - os olhos negros de Snape lançaram-se sobre Ralf, que se mantinha atrás, observando silenciosamente.
Bem, Ralf é diferente, não é? - disse James frouxamente.
Snape reagiu rapidamente, os olhos ainda sobre o enorme garoto.
- Ele é? Diferente de quê, Potter? O que, precisamente, você acredita que sabe a respeito dos membros da casa do Sr. Deedle? Ou, atrevo-me a perguntar, no próprio Sr. Deedle.
- Eu sei o que a dríade nos contou. - disse James passeando em volta do retrato, sua voz elevando-se em fúria. - Eu sei que existe uma linhagem de Voldemort viva nessas paredes agora mesmo. O sangue dele bate em um coração diferente. O herdeiro de Voldemort está vivo e anda entre nós.
- E o que o faz ter certeza - disse Snape com severidade.
- de que esse herdeiro é um sonserino? *Ou* um homem?
James abriu a boca para responder, e fechou-a novamente. Percebeu que a dríade, na verdade, nunca dissera nenhuma daquelas coisas.
- Bom, apenas... faz sentido.
Snape assentiu, o desdém voltando a se arrastar por seu

rosto.
- Mesmo? Talvez você não aprendeu nada, depois de tudo. - suspirou Snape, e parecia genuinamente desapontado. - O que você veio pedir, Potter? Vejo que você está determinado a seguir sua direção sem levar em consideração o que digo, então vamos acabar com isso.
James se sentiu pequeno diante do retrato do antigo diretor. Zane e Ralf estavam posicionados mais atrás, e James sabia que era coisa sua perguntar. Essa batalha era mais sua do que deles. Sua batalha contra a conspiração de Merlim, sim, porém, o mais importante, sua batalha contra si próprio e sombra de seu pai.
Ele ergueu os olhos para Snape.
- Se não podemos conseguir o cajado de Merlim, preciso ir ao Vestíbulo da Travessia dos Titãs. Preciso pará-los lá, antes que escondam o cajado e o trono para sempre.
James ouviu o movimento de Zane e Ralf atrás dele. Ele virou-se para eles.
- Não pedirei que vocês dois venham, mas estou comprometido. Tenho que tentar detê-los.
Snape suspirou.
- Potter, você é realmente tão imprudente e ridiculamente pretensioso como seu pai. Entregue a túnica. Dê para seu pai ou para a diretora. Eles saberão o que fazer. Eu os aconselharei. É impossível você tomar conta disso sozinho. Você me impressionou uma vez. Tente e faça isso novamente.
- Não. - disse James com convicção. - Se eu contar a eles, Jackson e Delacroix, e quem quer mais que seja, escaparão. Você sabe isso como eu. Então duas das relíquias estarão perdidas para sempre.
- Sem todas as três juntas, o poder das relíquias é rompido.
Mas não destruído. - insistiu James. - Elas ainda são poderosas sozinhas. Não podemos deixar que sejam usadas por aqueles que querem continuar o trabalho de

Voldemort. Não podemos arriscar que caiam nas mãos do herdeiro de Voldemort.
Snape fez uma careta.
- *Se* tal pessoa existe.
- Não vale a pena correr esse risco. - reagiu James. - Onde é o Vestíbulo da Travessia dos Titãs?
- Você não sabe o que está perguntando, Potter. - disse Snape com desprezo.
- Descobriremos de qualquer jeito, James. - disse Zane dando novamente um passo adiante. - Não precisamos que esse monte de tinta nos diga. Temos nos saído bem em tudo até agora. O mesmo vai acontecer novamente.
- Você sobreviveu sob uma sorte duvidosa e pela minha própria interferência. - rosnou Snape. - Não esqueça qual é o seu lugar, garoto.
- É verdade. - disse Ralf. James e Zane viraram para o olharem, surpresos em ouvi-lo falar. Ralf engoliu em seco e continuou. - *Temos* nos saído muito bem até agora. Na verdade, não sei quem é você, Sr. Snape, mas assim como estamos gratos por você ter ajudado quando James colocou a túnica, acho que James está certo. Precisamos tentar detê-los e conseguir as outras relíquias. Você era um sonserino, e você disse que o que dizem a respeito dos sonserinos nem sempre está certo. Bem, uma das coisas que dizem sobre os sonserinos é que sempre cuidamos apenas de nós mesmo. Não quero que isso seja verdade. Estou com James e Zane, mesmo se falharmos. Não importa o que aconteça.
Snape ouviu o repentino discurso de Ralf com um duro olhar e o cenho franzido. Quando Ralf terminou, ele olhou para os três garotos em sucessão, e então soltou um suspiro.
- Estão completamente malucos. - disse ele sem rodeios.
- Essa é uma fantasia destrutiva e sem propósitos.
- Onde fica a Travessia dos Titãs? - perguntou James novamente.
Snape o observou, sacudindo a cabeça minuciosamente.

- Como eu disse, Potter, você não sabe o que está perguntando.
Zane elevou a voz.
- Porque não?
- Porque o Vestíbulo da Travessia dos Titãs não é um *local,* Sr. Walker. Vocês, mais que todos, deveriam ter identificado isso. Se algum de vocês tivesse prestado a mínima atenção para os últimos meses, saberiam. O Vestíbulo da Travessia dos Titãs é um *evento*. Pense nisso durante um momento, Sr. Walker. Travessia dos *Titãs*.
Zane piscou.
- Titãs. - disse ele com ponderação. - Espere um minuto. Era dessa forma que os astrônomos da Idade Média chamavam os signos astrológicos. Os planetas. Eles chamavam de “Titãs”.
Então o *Vestíbulo* da Travessia dos Titãs... - concentrou-se James, e então arregalou os olhos em revelação. - O alinhamento dos planetas! O Vestíbulo da Travessia dos Titãs é quando todos os planetas cruzam um com o outro em suas rotas. Quando eles... formam um vestíbulo!
- O alinhamento dos planetas. - concordou Ralf em uma voz temerosa. - Não é um lugar, mas um momento.
Snape olhou com severidade para os três.
- Trata-se de ambas as coisas. - disse ele resignado. - É o momento em que os planetas se alinham, e é o local onde as três relíquias de Merlino Ambrósio são reunidas. Trata-se de quando e onde o retorno de Merlim pode se realizar apenas. Essa é a condição imposta por Merlim. E a menos que eu esteja enormemente errado, se tencionam ir em frente com esse plano audaz de vocês, possuem menos que uma semana.
Zane estalou os dedos.
- Essa é a razão pela qual a rainha do vodu nos passava tantos exercícios! Para calcular o momento exato do alinhamento! Ela disse que seria uma noite que nunca esqueceríamos, e falava sério! É o momento em que

planejam reunir as relíquias.
- A Fortaleza da Gruta. - sussurrou James. - Eles farão lá. O trono já está lá. - os outros dois garotos assentiram. James sentiu-se ruborizado com medo e animação. Olhou para o retrato de Snape. - Obrigado.
- Não me agradeça. Pegue meu conselho. Se vocês planejam ir em frente com isso, não serei capaz de ajudá-los. Ninguém será. Não sejam tolos.
James se afastou, apagando sua varinha e guardando-a.
- Vamos, vocês dois. Vamos voltar.
Snape observou James consultar o Mapa do Maroto. Não era o primeiro encontro de Snape com o mapa. Certa ocasião, o mapa o insultou de forma bastante atrevida. Tendo certeza de que Filch ainda estava em seu gabinete, os três se amontoaram novamente sob a Capa da Invisibilidade e saíram do escritório da diretora e entraram no átrio. Snape considerou acordar Filch, o qual sabia que estava dormindo em seu gabinete com uma garrafa de uísque de fogo pela metade sobre sua escrivaninha. Um dos auto-retratos de Snape residia em uma pintura assombrosa no gabinete de Filch, e Snape poderia facilmente alertá-lo que três garotos perambulavam pela escola. Relutantemente, decidiu não fazê-lo. Gostasse ou não, tais truques insignificantes não mais lhe proporcionavam prazer. O fantasma de Cedrico Diggory, o qual Snape reconhecera antes que qualquer outro, fechou a porta atrás dos garotos e prendeu a tranca.
- Agradeço, Sr. Diggory. - disse Snape calmamente, em meio aos roncos das outras pinturas. - Sinta-se livre para acompanhá-los de volta aos dormitórios. Ou não. Isso não me importa muito.
Cedrico assentiu para Snape, o qual sabia que o fantasma não gostava de conversar com ele. Algo como a idéia de um fantasma conversar com uma pintura parecia incomodar o garoto. Nada tecnicamente humano, compreendeu Snape. Cedrico se despediu e

atravessou a porta de madeira trancada.
Uma das pinturas parou de roncar.
- Ele não é exatamente como o pai, sim? - disse uma voz mais idosa e pensativa.
Snape se recostou e seu quadro.
- Apenas parece com ele nas piores maneiras. É um Potter.
- Agora quem está julgando precipitadamente? - disse a outra voz com uma centelha de provocação.
- Não é um julgamento precipitado. Eu o observei. Ele é tão arrogante e tolo quanto os outros que sustentam seu último nome. Não finja que não percebe isso.
- Percebi que ele veio pedir sua ajuda.
Snape assentiu com rancor.
- Trata-se de alguém que apenas espera que o instinto tenha uma chance de amadurecer. Ele pediu por ajuda somente quando não possuía mais opções. E você percebeu que ele não seguiu nenhum de meus conselhos.
A voz mais idosa permaneceu em silêncio por um momento, e então perguntou.
- Você contará a Minerva?
- Talvez sim. - disse Snape, considerando. - Talvez não. No momento, farei o que estive fazendo durante todo o tempo. Observarei.
- Então, você acredita que existe uma chance para ele e seus amigos terem êxito?
Snape não respondeu. Um minuto depois, a voz mais idosa falou novamente. - Ele está sendo manipulado.
E não sabe disso.
Snape assentiu.
- Presumo que não há nexo contar a ele.
- Provavelmente tem razão, Severo. Você tem um instinto para tais coisas.
Snape replicou sutilmente.
- Aprendi a *não* discutir com o mestre, Alvo.
- Certamente, Severo. Sem dúvida aprendeu.

# - CAPÍTULO 15 -

# O Espião Trouxa

Martin J. Prescott era jornalista. Sempre pensava na palavra como se esta pudesse trazer benefícios. Para Martin, ser jornalista era mais que um trabalho. Era sua identidade. Não era apenas mais um rosto lendo do *Teleprompter* ou outro nome em um artigo. Era o que os produtores na era das notícias vinte quatro horas chamavam de “uma personalidade”. Ele acentuava as notícias. Ele as enquadrava. Dava-lhes cor. Não de qualquer forma negativa, ou assim pensava firmemente. Simplesmente adicionava aquele traço sutil de talento que transformava as notícias em *Notícias.* Em outras palavras, alguma coisa as pessoas poderiam querer ler ou assistir. Primeiramente, Martin J. Prescott, tinha a aparência adequada. Usava camisas abotoadas com calça *jeans,* e geralmente as mangas de sua camisa pouco dobradas. Se usasse uma gravata, ficava invariavelmente com um estilo impecável, mas isso era

um pouco negligente, o bastante para dizer: *sim, andei trabalhando extremamente duro, mas respeito meus telespectadores o bastante para manter um grau de profissionalismo.* Martin era magro, consideravelmente jovem, com feição astuta e elegante, seu cabelo fabuloso era muito escuro e sempre era carregado pelo vento. Mas, como Martin se orgulhava de dizer para os presentes no ocasional café da manhã no Clube da Imprensa, sua aparência não era o que fazia dele um jornalista. Era sua percepção de pessoas e notícias. Ele sabia como arrolhar um no outro de uma maneira que produzia o maior solavanco emocional.

Mas a última coisa que fazia de Martin J. Prescott um jornalista era o fato de ele amar a história. Diferente dos os outros novatos de alto salário e gabarito que haviam se unido como uma corja de lacaios para vaguear por todos os lugares, colecionando cenas e filmando entrevistas, enquanto eles se reuniam em seus camarins lendo sobre seus índices de audiência, Martin se orgulhava de fazer suas próprias pesquisas e viagens. A verdade era que Martin apreciava a informação, mas o que amava absolutamente era a caça. Ser um membro da imprensa era como ser um caçador, exceto pelo fato de que a mira se fazia com uma câmera e não uma arma. Martin gostava de seguir sua presa por si mesmo. Deleitava-se na perseguição, nas cenas embaçadas por solavancos da câmera de mão, os gritos, as perguntas perfeitamente programadas, a longa vigilância policial da porta traseira de uma sala de audiência ou um quarto de hotel suspeito. Martin fazia isso tudo por si só, freqüentemente sozinho, muitas vezes filmando a si mesmo na ação, fornecendo aos seus espectadores momentos de tirar o fôlego e de alta tensão e confronto. Ninguém mais fazia isso como ele, e isso o tornou famoso.

Como se dizia sobre os melhores jornalistas, Martin possuía um faro para as notícias. Seu faro dizia que a

história que estava perseguindo neste exato momento seria talvez a história de sua vida, caso tivesse sucesso, se pudesse simplesmente propiciar a verdade ou a cena pura. Mesmo agora, encolhido entre os arbustos e ervas daninhas, imundo e suado por dois dias dignos, com o fabuloso cabelo emaranhado e coberto de galhos e folhas, mesmo após todos os empecilhos e fracassos, ainda sentia que esta era a história que fortificaria sua carreira. De fato, quanto mais árduo trabalhasse para isso, mais obstinadamente o perseguia. Mesmo após o fantasma. Mesmo após seu conflito angustiante com a aranha gigante. Martin via os empecilhos como provas de valor. Quanto mais difícil fosse, mais valia correr atrás. Dava-lhe uma satisfação sombria saber que, se simplesmente tivesse contratado um grupo de investigadores para exame, teriam voltado atrás meses atrás, quando primeiramente encontrassem a estranha resistência mágica do local, sem o menor rastro de história. Esse era o tipo de história que podia ser contada apenas por ele. Esse, dizia ele para si próprio com satisfação, era um materialâncora. Sem mais reportagens de campo. Sem mais segmentos de interesse especial. Caso obtivesse sucesso, Martin J. Prescott seria capaz de fazer seu próprio caminho em qualquer redação de jornal importante no país. Mas porque parar ali? Com aquilo em suas mãos, poderia se estabilizar em qualquer lugar no mundo, não?

Mas não, disse a si mesmo. Não se devia pensar em tais coisas agora. Ele tinha um trabalho a fazer. Um trabalho exorbitante que exigia grande perícia e esforço, mas Martin estava satisfeito com o sentimento de que o pior já havia passado. Após meses conspirando e organizando, planejando e observando, finalmente chegara o momento da grande recompensa, do pagamento imediato de todas as apostas. Com a condição de que a última fase da caça não funcionasse exatamente como o planejado, sairia sem nada. Havia

sido incapaz de conseguir algo aproveitável e convincente, exceto pela câmera de vídeo portátil da incrível competição voadora de alguns meses atrás. A câmera teria sido o suficiente, mas inclusive ela se perdera, sacrificada - com relutância - para a gigantesca aranha durante sua fuga pelo bosque. De qualquer forma, isso não o fez residir em seus fracassos. Não, isso não serviria de nada. Tudo iria exatamente como planejado. Teria que ser assim. Ele era Martin J. Prescott.

Ainda agachado à orla da floresta, Martin verificava as conexões de seu celular. A maior parte de seu equipamento de campo se fora completamente desde que adentrou a floresta. Seu mini-computador mal funcionava, e quando funcionavam mostrava algum tipo de comportamento muito estranho. Na noite anterior, tentara usá-lo para acessar o computador de seu escritório quando a tela, de repente, tornou-se completamente rosada e começou a mostrar a letra de uma canção grosseira sobre ouriços. Felizmente, sua câmera e seu celular funcionavam relativamente bem até o incidente com a aranha. Seu telefone era quase tudo o que tinha agora, e apesar do fato de que mostrava na tela uma estranha mistura de números, pontos de exclamação e hieróglifos, parecia estar mantendo alguma conexão. Satisfeito, Martin falou.

- Estou agachado do lado de fora do castelo neste momento, escondido entre os ramos de árvores da floresta que tem sido meu ocasional lar durante esses últimos meses de sofrimento. Até agora, simplesmente observei, tomando cuidado para não incomodar o que deve apenas ser uma simples escola ou uma instalação de hospedagem, apesar das informações de minha fonte. Ainda assim, estou confiante de que, finalmente, chegou a hora da aproximação. Se minhas fontes estiverem erradas, simplesmente me encontrarei com confuso e bem humorado com o âmbito rural escocês. Contudo, se

minhas fontes se provarem corretas, como suspeito, baseado em minhas inexplicáveis experiências até agora, pode ser que eu esteja caminhando até minha própria destruição. Estou de pé agora. Nove horas da manhã, mas não vejo sinal de alguém. Estou deixando a segurança de meu esconderijo. Estou adentrando os terrenos.

Martin arrastou-se cuidadosamente em torno dos limites da cabana desmantelada próxima da floresta. O enorme de cabelos despenteados que ele espiara dentro e em volta da cabana não estava à vista. Martin se endireitou, determinado a ser ousado em sua aproximação inicial. Começou a atravessar o campo impecavelmente aparado entre a cabana e o castelo. Na verdade, ele não acreditava que estava em grave perigo. Tinha a sensação inata de que os maiores perigos estavam atrás dele, naquela horripilante e misteriosa floresta. De fato, acampara nos arredores daquela floresta, do lado oposto ao castelo, onde as árvores pareciam mais normais e havia poucos ruídos preocupantes durante a noite. Ainda assim, suas viagens de ida e volta pelas densas localidades daquela floresta foram estranhas, no mínimo. À exceção da aranha, da qual ele escapara apenas por pura sorte, na verdade não vira qualquer coisa. De certa forma, pensou que melhor era não ter visto. Uma monstruosidade conhecida, como a aranha, era muito mais fácil de aceitar que os fantasmas desconhecidos conjurados pela imaginação de Martin em resposta aos estranhos ruídos que ouvira durantes suas largas caminhadas pelo matagal. Ele sabia que o seguiam. Coisas enormes e malignas o seguiam constantemente escondidas por trás da densidade das árvores. Sabia que o observavam, e também tinha o pressentimento de que, ao contrário da aranha, eles eram inteligentes. Podia ser que eram hostis, mas certamente estavam curiosos. Martin quase ousara chamá-los, exigindo que se revelassem. Finalmente,

relembrando da aranha, decidiu que, apesar de tudo, talvez fosse melhor ter um monstro invisível curioso do que um visível que se sente provocado.

- Como mencionei, o castelo é absolutamente gigantesco. - disse Martin para o pequeno microfone grampeado na roupa. O microfone estava conectado ao telefone em seu cinto. - Viajei bastante neste continente e vi uma grande variedade de castelos, mas nunca havia visto algo tão simultaneamente antigo e ainda assim tão imaculadamente preservado. As janelas, fora aquela pela qual fui forçado a atravessar meses atrás, são belamente resistentes e coloridas. A construção de pedra não mostra uma fissura... - isso não era inteiramente verdade, mas se aproximava da verdade. - É um lindo dia de primavera, felizmente. Claro e relativamente quente. Não estou me escondendo de maneira alguma enquanto me aproximo das enormes portas abertas. Ali... ali parece haver uma reunião à minha direita, em algum tipo de campo. Eu... eu não consigo distinguir, mas parecem estar jogando futebol. Não posso dizer que esperava isso. Eles não parecem estar me dando atenção. Continuo me aproximando dos portões.

Assim que Martin atravessou as portas, finalmente começou a ser notado. Ele divagou, ainda mantendo um percurso estável para diante. Seu objetivo era simplesmente adentrar o castelo o quanto fosse possível. Propositalmente, deixou sua câmera imóvel atrás. Câmeras, em quase todas as circunstâncias, incitavam a resistência. Pessoas com câmeras eram expulsas dos lugares. Alguém simplesmente entrando em um local, andando com confiança e decidido, pode ser alvo de curiosidade, mas eles não paravam com freqüência. Ao menos, não até que fosse tarde demais. O pátio estava salpicado de jovens que se moviam aqui e ali em grupos. Usavam vestes negras sobre camisas brancas e gravatas. Muitos carregavam mochilas e livros. Aqueles mais próximos de Martin viraram para observá-lo,

geralmente sem curiosidade.
- Há... há o que parece ser... estudantes. - disse Martin em voz baixa para o microfone, deslizando entre os estudantes enquanto atravessava o pátio. - Jovens usando túnicas, todos em idade escolar. Parecem surpresos com minha presença, mas não hostis. De fato, enquanto me aproximo agora da entrada do castelo propriamente dito, parece que chamei, praticamente, a atenção de todos. Desculpe-me.
Este último foi dito para Ted Lupin, que acabara de aparecer na entrada com Noé Metzker e Sabrina Hildegard. Os três pararam de conversar instantaneamente quando o estranho homem de camisa branca e gravata solta escorregou entre eles. A pena no cabelo de Sabrina balançou de um lado para o outro quando virou para olhá-lo.
- Com quem ele está falando? - disse Ted.
- E quem diabos é ele? - adicionou Sabrina. O trio dirigiu-se à entrada aberta, observando como o homem andava com cuidado para a entrada do vestíbulo. Os estudantes afastaram dele, imediatamente reconhecendo que aquele homem estava no local errado. Ainda assim, ninguém pareceu particularmente alarmado. Houve, inclusive, algumas risadinhas intrigadas.
Martin continuou a falar para seu microfone.
- Cada vez mais e mais do, por agora, devo chamar de estudantes. Há dúzias deles ao meu redor neste momento. Estou andando por uma espécie de vestíbulo principal. Há... candelabros, grandes entradas. Estátuas. Pinturas. As pinturas... as pinturas... as pinturas... - pela primeira vez, Martin pareceu ficar sem palavras. Esqueceu os estudantes reunidos ao seu redor, observando-o, enquanto ele dava dois passos em direção a uma das enormes pinturas ao longo do salão de entrada. Na pintura, um grupo de bruxos anciões estava agrupado em torno de uma enorme bola de cristal, as

barbas brancas iluminadas pelo brilho do objeto. Um dos bruxos advertiu o homem de camisa branca e gravata que os fitava firmemente. Ele endireitou-se e olhouo com cara feia.
- Seu uniforme está inadequado, jovem! - exclamou o bruxo com severidade. - Está medonho. Atrevo-me a dizer que você tem uma folha em seu cabelo.
- As pinturas... as pinturas estão... - disse Martin, sua voz mais alta que o normal. Tossiu e se recompôs. - As pinturas estão se movendo. Elas são... pela falta de um termo melhor, como filmes pintados, mas vivos. Elas estão... dirigindo-se a mim.
- Dirijo-me a você como um igual, jovem. - disse o bruxo.
- Eu *comando* aqueles que são como você. Saia, seu perverso!
Houve risadas provenientes da multidão de estudantes, porém, também havia uma sensação de crescente nervosismo. Ninguém sequer estava impressionado com as pinturas que se moviam. Aquele homem era um bruxo excêntrico, ou era... bem, era impensável. Um trouxa não podia entrar nos terrenos de Hogwarts. Os estudantes formaram um enorme círculo em volta dele, como se ele fosse um animal levemente perigoso.
- Os estudantes me circundaram - disse Martin, virando-se ao redor, os olhos bastante arregalados. - Contudo, vou tentar romper o círculo. Devo me mover mais para o centro.
Assim que Martin procedeu, o perímetro de estudantes se quebrou facilmente, seguindo-o. Havia resmungos aqui e ali agora. Conversas nervosas o acompanharam, e ele começou a erguer a voz.
- Estou entrando em uma grande câmara. Bastante alta. Estive aqui antes, mas tarde da noite, na escuridão. Sim, esse é o local das escadas móveis. Muito traiçoeiras. O trabalho mecânico aqui é extraordinário, e não há absolutamente nenhum som de maquinaria.
- O que ele quer dizer com maquinaria? - alguém bradou

dentre a multidão de estudantes. - Quem é esse cara, afinal? O que ele faz aqui? - houve um coro de respostas confusas.
Martin prosseguiu, passando pelas escadas, quase gritando agora.
- Minha presença está começando a causar certa resistência. Posso ser detido a qualquer momento. Estou... estou passando das escadas.
Martin virou um canto e deparou-se com um grupo de estudantes jogando Arranques e Brocas em um aposento bem iluminado. Ele parou de repente quando a broca**,** uma goles velha, parou a três centímetros de seu rosto, flutuando e revirando lentamente.
- Ei, idiota, o que acha que está fazendo se intrometendo exatamente no meio da partida? - bradou um dos jogadores, puxando sua varinha e recuperando a goles. - É perigoso. Precisa tomar mais cuidado.
- Coisas... voadoras! - guinchou Martin, endireitando-se e alisando a camisa freneticamente. - Eu... varinhas. Varinhas mágicas autênticas e objetos levitando! Isso é completamente extraordinário! Nunca vi...!
- Ei, - outro dos jogadores de Arranques e Brocas disse com severidade. - quem é esse aí? O que ele quer?
Alguém mais gritou.
- Quem deixou ele entrar? É um trouxa! Tem que ser!
- É o cara do campo de quadribol! O intruso!
A multidão começou a gritar e a se acotovelar. Martin se abaixou passando pelos jogadores de Arranques e Brocas meio que escapando dos perseguidores.
- Estou indo mais adiante. Há corredores por todos os lados. Aqui é... bem, até onde posso dizer, é um corredor de classes de aula. Estou adentrando a primeira...
Ele entrou na primeira sala de aula à direita, seguido por um grupo de alunos confusos gritando. O aposento era largo e silencioso. Os estudantes que assistiam à aula viraram-se em seus assentos, procurando a fonte da interrupção.

- Parece relativamente normal, ao menos superficialmente. - bradou Martin por cima do barulho crescente, examinando o aposento. - Estudantes, livros, um professor que... que... Deus!
Novamente, Martin ergueu a voz, perdendo o controle da mesma. Seus olhos arregalaram-se em choque e ele prendeu a respiração. Sua boca continuava a trabalhar, emitindo sons roucos estridentes. À frente da classe, o fantasmagórico professor Binns, cujo domínio no mundo temporal era tentativo no melhor dos casos, não havia notado ainda a interrupção. Ele continuou a falar com monotonia, sua voz alta tilintando, como o vento em uma garrafa. Finalmente, o professor notou a figura arfante de Martin J. Prescott e parou, franzindo o cenho,
- Quem é este indivíduo, posso saber? - disse Binns, espreitando por cima dos óculos fantasmagóricos.
Por fim, Martin engoliu em seco.
- Um fantaaaaaaaaaaaaaasma! - ele proclamou com tremor, apontando para Binns. Começou a cambalear. Exatamente quando os estudantes próximos da porta foram empurrados rudemente para o lado pelas figuras do professor Longbottom e da diretora McGonagall ladeados por Ted e Sabrina, Martin caiu desmaiado. Ele aterrissou fortemente sobre duas mesas na parte de trás da sala. Os estudantes que as ocupavam lançaram as mãos para o alto, saindo do caminho. Um frasco de tinta caiu ao chão e estilhaçou.
A diretora McGonagall aproximou-se rapidamente do homem e deteve-se a um passo.
- Alguém, por favor, pode me informar quem é este homem? - disse em uma voz estridente. - E o que ele está fazendo desmaiado em minha escola?
James Potter esforçou-se para abrir caminho até a frente da multidão. Olhou para o homem em colapso sobre as duas mesas. Ele suspirou profundamente e disse: - Acho que eu posso, senhora.

Quinze minutos depois, James, McGonagall, Neville Longbottom e Benjamin Franklyn estavam reunidos no escritório da diretora, com Martin Prescott cambaleante entre eles. Martin recuperara a consciência a meio caminho do escritório, e instantaneamente gritou horrorizado ao perceber que estava sendo levitado ao longo do corredor por Neville, o qual, por sua vez, ficara tão assustado pelo grito de Martin que quase o derrubara, mas recuperou-se a tempo de baixar gentilmente o homem ao chão. Com exceção da explicação de James de que o intruso era o mesmo o homem que havia golpeado fazendo-o atravessar o vitral da janela e mais tarde encontrado no campo de quadribol, a viagem até o escritório da diretora progredira com muito pouca conversa. Uma vez que a porta do escritório estava fechada, McGonagall se pronunciou.

- Apenas quero saber quem você é, porque está aqui, e, o mais importante, como conseguiu entrar aqui. - disse ela furiosamente, caminhando com arrogância por trás da escrivaninha, mas permanecendo ereta. - Uma vez que isso esteja resolvido, você será posto para fora daqui, sem o mínimo vislumbre de qualquer coisa que tenha visto aqui, eu lhe prometo isso. Agora fale.

Martin engoliu em seco e olhou para os que estavam reunidos ali. Viu James e fez careta, lembrando-se do rompimento da vidraça e da doentia queda subseqüente. Ele respirou fundo.

- Primeiro, meu nome é Martin J. Prescott. Trabalho para um programa de notícias chamado *Enfoque Interior*. Segundo, - disse ele, retornando seu olhar para a diretora. - sofri lesões nestes terrenos. Não desejo fazer disso uma questão legal, mas vocês devem estar cientes

de que pedir compensação por estas lesões está inteiramente dentro de meus direitos. E, de certo modo, não tenho a impressão de que este estabelecimento está *assegurado,* precisamente.
- Como ousa? - exclamou McGonagall inclinando-se sobre a mesa e encontrando os olhos de Martin. - Você invade este castelo, transgride os limites de onde você não tem nem o direito ou o entendimento para levá-lo... - ela sacudiu a cabeça, e então prosseguiu em voz mais baixa. - Não cederei a ameaças. Obviamente, você é de origem trouxa, então mostrarei uma pequena dose de paciência com você. Responda as minhas perguntas com sinceridade ou ficarei mais do que encantada em recorrer a métodos mais agressivos de interrogatório.
- Ah, - disse Martin, tentando parecer confiante apesar do fato de que tremia visivelmente. - você deve estar se referindo a algo como isso. - ele pôs a mão dentro do bolso de sua camisa e puxou um pequeno frasco. James reconheceu como um dos frascos que vira nas mãos daquele homem quando o encontrou no armário de poções. - Sim. Vejo pelas suas expressões que sabem o que é isto. Eu demorei um tempo para compreender. *Veritaserum,* sem dúvida. Eu pus duas gotas no chá de um colega de trabalho e não consegui fazê-lo calar a boca durante uma hora. Soube de coisas sobre ele que espero viver para esquecer, digo a vocês.
- Você testou uma poção desconhecida em uma pessoa inocente? - interrompeu Franklyn.
- Bem, eu tinha que conhecer os efeitos dela, não? Não creio que duas gotas fariam mal a ninguém. - ele deu de ombros e ergueu o frasco novamente, observando a luz que o atravessava. - Soro da verdade. Se fosse perigoso, dificilmente vocês o manteriam em uma prateleira onde qualquer pessoa poderia obtê-lo.
O rosto de McGonagall empalideceu-se em fúria.
- Dentro dessas paredes, confiamos na disciplina e respeito ao invés de prisões e chaves. Seu amigo tem

sorte por você não ter dado a ele um frasco de ferrão de narguilé ou seiva de *darfa***.**
- Não tente me intimidar. - disse Martin, claramente bastante intimidado a despeito de si mesmo. - Apenas quero lhes mostrar que conheço seus truques. Estive observando e estudando vocês por certo tempo. Vocês não me farão beber nenhuma de suas poções ou farão qualquer lavagem cerebral em mim. Responderei suas perguntas, mas apenas porque espero que respondam algumas das minhas, também.
Neville dedilhou sua varinha.
- Diga-me, por favor. Por que acredita que não o obliviaremos, eliminando todas as suas memórias deste lugar, e atirá-lo na estrada mais próxima?
Martin deu tapinhas no microfone diminuto preso em sua roupa.
- Esta é a razão. Minha voz, e tudo o que vocês dizem, está sendo transmitido através de meu fone para um computador em meu escritório. Tudo está sendo gravado. Em uma pequena torre a pouco menos de três quilômetros daqui, está uma equipe de filmagem e um grupo de especialistas em uma variedade de áreas para quem pedi que me auxiliassem em minha investigação...
- Investigação! - repetiu a diretora, incrédula. - Isso é absoluta e inequivocamente inadmissível!
Martin excedeu a autoridade da diretora.
- Um daqueles indivíduos é um agente da polícia especial britânica.
James sentiu um silêncio evidente descer sobre o aposento à menção da polícia trouxa. Sabia por conversas ouvidas às escondidas entre seu pai e outros oficiais do Ministério que uma coisa era desmemorizar somente uma pessoa ou um grupo, mas as coisas se tornariam extremamente complicadas caso qualquer oficial de agências investigativas trouxas estivesse envolvido.
- Isso paga os altos favores que me devem. - continuou

Martin. - Me custou bastante trazer um bom agente até aqui, mas estou confiante de que este é o tipo de história que requer grandes favores. Não há nenhuma acusação oficial, claro. Trata-se meramente de curiosidade, uma vez que não há nenhum registro de qualquer estabelecimento deste tamanho na zona. O ponto é o seguinte: se eles não receberem uma chamada telefônica minha dentro das próximas duas horas com instruções de como entrar nos terrenos, eles retornarão imediatamente para o escritório, coletarão toda a gravação desta conversa e tudo o que aconteceu a mim até agora, e transmitirão tudo da forma que seja. Pode parecer ridículo para a maioria das pessoas, concordo. Uma escola em um castelo no silêncio do nada ensinando crianças a como trabalhar magia real, varinhas e tudo mais. No entanto, seu segredo será revelado. Seus alunos podem estar aqui, nessa localização secreta, mas eles vão para casa às vezes, não? E estou disposto a apostar que essas casas não estão, de modo algum, tão protegidas quanto este lugar. Haverá investigações. Vocês serão revelados. De um jeito ou de outro.

O rosto da diretora McGonagall estava tão severo e pálido quanto uma lápide. Ela meramente fitou o homem magricela de camisa branca. Franklyn quebrou o silêncio.

- Meu bom senhor, você não consegue entender o que está solicitando. - ele retirou seus óculos e se posicionou de frente para Martin. - Inegavelmente, seu plano resultaria no fechamento desta escola e de outras como esta. Todos os presentes, e muitos, muitos outros, perderiam seu sustento e educação. E o que é mais importante, no que você insiste é na reintrodução de todo o mundo mágico no mundo dos trouxas, estejam os mesmos preparados ou não. E para que finalidade? Não para a melhoria da humanidade, suponho. Não, suponho que suas ambições são mais... míopes. Por favor, pense

antes de dar continuidade. Há forças aqui em funcionamento que você não compreende, embora você possa estar agindo em benefício de algumas delas. Tenho a sensação de que você não se trata de um homem maligno, ou, ao menos, não um homem *tão* maligno ainda. Pense, meu amigo, antes de fazer uma escolha que o condenará aos olhos de gerações.
Martin escutava as palavras de Franklyn, e parecia realmente apreciá-las. Então, como se saindo de um estupor, disse:
- Você é Benjamin Franklyn, não é? - ele sorriu e sacudiu um dedo em direção a Franklyn. - Eu sabia que você parecia familiar! Isso é espantoso! Olha, sei que você não está em posição de discutir isso agora mesmo, mas eu tenho duas palavras para você: entrevista... exclusiva. Pense a respeito, certo?
- Sr. Prescott, - disse a diretora, com a sua voz pedregosa. - você não pode esperar que tomemos uma decisão como essa em questão de minutos. Simplesmente, devemos discutir a respeito.
- De fato. - adicionou Neville. - Mesmo que concordemos como suas condições, você terá que se submeter aos nossos termos. Como isso pode nos beneficiar considerando a clara magnitude do que você pretende, eu não sei ainda. Mas, independente disso, temos de ter algum tempo.
- Como eu disse, - respondeu Martin, parecendo mais confortável agora que acreditava que tinha o controle da situação. - vocês têm duas horas. Bom, noventa e quatro minutos, na verdade.
- Responda-me isso, Sr. Prescott. - disse Franklyn, suspirando. - Como você entrou nos terrenos da escola? Antes de prosseguir com esta charada, devemos saber disso.
Martin suspirou ligeiramente.
- Tem uma cadeira? É uma longa história.
Neville apresentou sua varinha com sutileza. Sem retirar

os olhos de Martin, apontou a varinha para uma cadeira de madeira a um canto e a levitou de uma forma um tanto brusca. A cadeira saiu em disparada, quase sobressaltando Martin. O homem caiu subitamente sobre o assento e a cadeira golpeou o chão com força.
- Continue. - disse Neville, meio que sentando a um canto da escrivaninha da diretora. McGonagall sentou-se em sua cadeira, permanecendo ereta. Franklyn e James continuaram de pé.
- Bem, primeiro recebi a carta me contando sobre este lugar em setembro do ano passado. - disse Martin, inclinando-se para frente e esfregando suas costas enquanto fitava Neville com fúria. - O *Enfoque* oferece cem mil libras como recompensa por prova de atividade paranormal, e o cavaleiro que escreveu a carta parecia pensar que este lugar, Hogwarts, oferecia tal prova em grande quantidade. Para ser honesto, recebemos milhares de cartas por ano vindas de pessoas esperando conseguir a recompensa. Eles incluem tudo de fotos embaçadas pratos de torta atirados a pedaços de torrada com rostos de santos queimados. Na verdade, o *Enfoque* nunca planejou pagar a recompensa. As pessoas gostam de uma boa corrida do inexplicável nas notícias de vez em quando, mas quando se trata de crer, a maioria deles é um bando de cínicos imbecis imagináveis. “Eu, por outro lado, sou o tipo de cara que quer acreditar. Mas, não foi o tom da carta que chamou minha atenção. Foi o pequeno item que o remetente incluiu no envelope. Uma caixinha contendo algo chamado “sapo de chocolate”. Esperava que pudesse ser algum truque inovador, como muitos, então, sendo um curioso, fui em frente e abri. Como previsto, havia um perfeito sapinho de chocolate dentro. Estava para agarrá-lo e dar uma mordida quando a coisa ergueu a cabeça e olhou diretamente para mim. Quase derrubei a caixa. A próxima coisa que sei, é que o sapo saltou da caixa e aterrissou sobre minha mesa. Era um dia quente, e aquela coisa acabara de chegar pelo

correio. E menos mal, porque o bicho já estava um pouco derretido. Deixou pequenas pegadas chocolateadas sobre toda a matéria daquela noite. Três bons saltos, e então o sapo desfaleceu. Temia tocá-lo, mas cinco minutos depois, não se movera ainda. Eu possuía tempo para determinar que se tratava apenas de um sapo normal coberto de chocolate. Alguma piada. Provavelmente, a coisa se sufocara pelo chocolate, e pelo calor contido na caixa. Então, fui em frente, toquei e, sem dúvida, a coisa era somente chocolate. Devo dizer que era um ótimo chocolate."

"Para dizer a verdade, ainda assim, eu poderia ter esquecido de tudo. Não importa o quanto temos a mente aberta, pois mesmos confrontados com algo verdadeiramente inexplicável ainda tendemos a bloquear as velhas crenças. Se não fosse por aquelas pequenas pegadas de chocolate em meus papéis, eu nunca teria resolvido estar aqui. Eu mantive os papéis na base de minha mesa, e cada vez que os via, lembrava do bichinho pulando por ela. Não conseguia tirá-lo da cabeça. Então enviei
um e-mail para o sujeito que o enviou. Belo truque, disse a ele. Mais algum?"

"Ele respondeu de volta no dia seguinte e disse que se eu quisesse realmente ver truques, precisava apenas seguir a pista que ele me enviara. Como previsto, no outro dia, chegou outro pacote. Um pacote pequeno. Continha tudo o que eu precisava para chegar até aqui. Não havia como aqueles incrédulos estúpidos da administração fornecer a mim uma equipe para investigar a origem de um sapo de chocolate saltitante, mesmo se eu mostrasse as pegadas do mesmo. Felizmente, eu dispunha de certo tempo de férias, então decidi fazer tudo por conta própria. Acampar fora me faria bem. Então empacotei minhas próprias câmeras e peguei um trem."

"Chegar aos arredores em geral foi fácil o bastante,

claro. Passei a primeira noite do outro lado da floresta, sabendo pela pista que estava a poucos quilômetros da fonte. No dia seguinte, levantei ao amanhecer. Segui a direção que sabia que deveria seguir, mas sem dúvida, toda vez, eu me encontrava retornando diretamente para o ponto de partida. Nunca parecia que eu estava andando em círculos ou mesmo desviando do curso. Era como se tivesse conseguido chegar ao lado oposto da floresta, mas, de algum modo, o planeta parecia dar voltas sob mim. Tentei usar uma bússola e tudo parecia ir bem, até que, repentinamente, encontrei-me outra vez em meu acampamento e a agulha girava como se tivesse esquecido para que servia."

"Isso continuou durante três sólidos dias. Digo a vocês que estava me sentindo frustrado. Mas também estava determinado, porque algo estava tentando me afastar. Queria saber o que era. Então, no dia seguinte, usei meu pequeno aparato e localizei as coordenadas. Desta vez, no entanto, eu o mantive à minha frente o tempo inteiro, observando aquele pequeno ponto brilhante. Logo, o terreno parecia me forçar a desviar o curso. Eu teria de correr por dentro de um velho riacho com margens bastante íngremes para escalar. Eu desviava apenas para correr por entre galhos caídos das árvores ou por um precipício baixo. Tudo parecia estar empenhado a me fazer desviar do curso. Mas eu insisti. Escalei e corri. Prossegui por espinhos e pela vegetação mais abundante que já vira. Inclusive a gravidade parecia estar trabalhando contra mim. Continuava a sentir que a terra se inclinasse abaixo de mim, tentando me lançar para fora dela. Nada disso estava acontecendo, claro, mas, contudo, era uma terrível sensação. Fiquei nauseado e inexplicavelmente zonzo. Mas prossegui em minha direção, arrastando-me até o fim."

"E então, subitamente, as sensações sumiram. A floresta parecia voltar ao normal, ou ao menos parecia assim naquele trecho de árvores. Prossegui. Dez minutos

depois, encontrei-me, pela primeira vez, à beira da clareira com vista para o castelo. Fiquei deslumbrado, sem ter o que dizer. Mas o que era mais incrível para mim do que o castelo era a cena na qual eu estava quase incluído."

"Ali, não mais de seis metros de mim, estava o homem mais alto que eu já vira. Era quase como um urso grisalho para o qual foi ensinado a andar ereto. Mas, então, ao lado dele... - Pela primeira vez em sua história, Martin pausou. Engoliu em seco, obviamente abalado pela própria lembrança. - Havia algo tão monstruosamente gigantesco que, a princípio, pensei que fosse uma espécie de dinossauro. Tinha quatro pernas, cada uma do tamanho de um pilar. Ergui os olhos e vi o que era, de fato, duas criaturas próximas uma da outra, e ambas tinham forma humana. A cabeça do mais alto ultrapassava o topo das árvores. Nem mesmo conseguia ver o rosto. Arrastei-me até um esconderijo, certo de que tivessem me ouvido, mas parecia não ter sido assim. O menor, o que parecia um urso andante, conversou com os outros dois, os quais responderam, de certa forma. As vozes fizeram o chão vibrar. Então, para meu horror, eles viraram-se e seguiram em minha direção, para dentro da floresta. O pé do maior desceu exatamente ao meu lado, chacoalhando a terra como uma bomba e deixando uma pegada de trinta centímetros de profundidade. Então, foram-se."

Martin soltou um enorme suspiro, obviamente satisfeito com sua maneira de contar a história.

- E isso foi quando eu soube que a havia encontrado. A maior história de minha vida. Possivelmente, a maior deste século. - ele olhou em volta, como se esperasse ser aplaudido.

Há um pequeno detalhe que você não explicou, para minha satisfação. - disse a diretora McGonagall friamente. - Esse artefato que você mencionou. De

alguma forma, ele foi capaz de indicar lhe indicar a escola. Deve saber o que é e como funciona.
Martin ergueu as sobrancelhas, então riu e se endireitou.
- Ah, sim. Aquilo. Agia de forma bastante instável desde que cheguei aqui, mas ao menos mantinha o sinal. Um dispositivo GPS simples. Eh, perdoem-me, por favor. Provavelmente, vocês não estão familiarizados com o termo. É um dispositivo de sistema de posicionamento global. Permite que você localize qualquer ponto na terra dentro de um metro ou mais. Muito útil. Um pouco, eh, de magia *trouxa*, por assim dizer.
James falou pela primeira vez desde que entrara no aposento.
- Mas como você localizou a escola? Como esse artefato poderia saber onde encontrá-la? Ela é inatingível. Não está em mapa algum.
Martin virou-se para olhá-lo, o cenho erguido, aparentemente inseguro se deveria dignar-se de responder a James. Finalmente, vendo que todos no aposento esperavam sua resposta, Martin se pôs de pé.
- Como eu disse, as coordenadas foram enviadas a mim. Foram fornecidas por alguém de dentro. Realmente muito simples.
Martin pôs a mão no bolso de sua calça e retirou algo. James sabia do que se tratava antes mesmo de vê-lo. De alguma forma, sabia o que era mesmo antes de ter perguntado. Seu coração afundou pelo próprio chão.
Martin sacudiu um *videogame* portátil. Era de uma cor diferente do que Ralf possuía, porém, do mesmo tipo. Ele o colocou sem cerimônia sobre a escrivaninha da diretora.
- Transmissão sem fio para competições em tempo real, incluindo capacidade para bate-papo. Um troço bastante padrão. Alguém aqui responde pelo apelido “Austramaddux”?

- Você não pode fazer isso comigo! - exclamou Martin quando Neville o conduziu sem cerimônia para a Sala Precisa, a qual se equipou como uma cela de segurança máxima de janela com barras, uma cama, uma tigela com água e um pedaço de pão em um prato. - Isso é uma prisão ilegal! É uma afronta!
Encare isso como uma investigação de campo. - instruiu Neville, educadamente. - Temos muito para discutir, e depois de suas experiências na floresta, achamos que você gostaria de uma pausa para respirar. Descanse, amigo.
James, o qual estava posicionado no corredor atrás de Neville, não pôde evitar sorrir um pouco. Martin o viu, uma expressão furiosa estampou seu rosto, e empurrou Neville para passar por ele. Neville sacou sua varinha de maneira tão veloz que James mal viu suas vestes se agitarem.
- Eu disse - repetiu Neville com ênfase, sem apontar completamente a varinha para Martin. - para descansar. Amigo.
O sorriso de James hesitou. Nunca ele vira Neville Longbottom tão incandescente. Obviamente, James conhecia as histórias de como Neville cortara a cabeça da serpente de Voldemort, Nagini, mas isso acontecera antes de James ter nascido. Pelo o que recordava de Neville, este se tratava de uma figura amável, de fala mansa e um pouco desajeitada. Neste momento, a mão de Neville que empunhava a varinha estava tão imóvel e resoluta que parecia ser esculpida de mármore. Martin pestanejou em direção a Neville, viu na postura do homem e na expressão de seu rosto algo que não gostava e recuou. A parte de trás de seus joelhos atingiu a cama e sentouse bruscamente. Neville embolsou sua

varinha retrocedeu para o corredor, fechando a porta da Sala Precisa atrás de si. Martin, não mais vendo a varinha, imediatamente saltou e começou a gritar novamente, mas sua voz foi abafada quando a porta se fechou.
- Você sabe que temos masmorras, senhora diretora. - disse Neville em sua voz regular.
Vendo a porta fechada, a diretora McGonagall girou nos calcanhares e desceu o corredor ligeiramente enquanto os outros a seguiam.
- Também temos instrumentos de tortura particularmente antigos, Prof. Longbottom, mas acredito que isso basta por agora. Precisamos mantê-lo até recebermos uma ordem do Ministério da Magia sobre que medidas nós devemos ou não tomar contra o dilema que o Sr. Prescott nos impingiu. Entretanto, Sr, Potter, devo lhe perguntar: sabes alguma coisa a respeito do dispositivo de jogos que, aparentemente, trouxe aquela... *pessoa* para nosso meio?
James engoliu em seco enquanto esforçava-se para manter o passo da diretora. Abriu a boca para responder, mas nada saiu.
- Eh, bem...
Neville apalpou o ombro de James enquanto caminhavam.
- Vimos seu rosto empalidecer como a lua quando Prescott mostrou o dispositivo. Era como se esperasse aquilo. Existe algo que você saiba que possa nos ajudar, James?
James concluiu que não havia propósito em tentar proteger Ralf. De qualquer forma, não era sua culpa.
Meu amigo tem um. Ele é primeiranista como eu, mas é nascido trouxa. Ele não sabia que era perigoso ter o aparelho aqui. Na verdade, nenhum de nós sabia. Inclusive fiquei surpreso por funcionar aqui.
- Ele o usou para se comunicar com alguém na comunidade trouxa? - perguntou Neville rapidamente.

- Não! Até onde eu sei, ele nunca o usou! Assim que ele chegou aqui, os colegas de casa dele o viram e isso lhe pôs em um monte de problemas. São sonserinos, então todos se irritam com dispositivos de falsa magia, e pelo fato de que isso é um insulto aos sangues-puros e tudo mais.
A diretora dobrou um canto, retornando em direção ao seu escritório.
- Suponho que você esteja falando do Sr. Deedle? Sim. Tenho certeza de que ele não é o cérebro desta conspiração em particular, embora este dispositivo pertencente a ele seja. Talvez isso transmita alguma espécie de sinal?
James encolheu os ombros.
- É melhor você perguntar a Ralf sobre isso, ou então para meu outro amigo, Zane. Ele parece saber bastante sobre como essas coisas funcionam. Mas não acho que esse aparelho envie informações por si só. Ralf disse que outra pessoa pegou seu *videogame* portátil e o usou. Achamos que tenha sido outro sonserino. Zane pôde comprovar que alguém passou certo tempo com ele e utilizou o nome Austramaddux. Mas não jogaram no aparelho. Devem ter utilizado apenas para enviar informação. Provavelmente as coordenadas que o cara disse que usou para localizar a escola com aquela coisa chamada GPS.
- Você tem bastante certeza disso, James? - disse Neville, seguindo a diretora de volta ao escritório. - Você considerou que o Sr. Deedle pode ter usado esse artefato nos terrenos escolares e involuntariamente compartilhado informações que não deveria? É possível que essa história sobre o *videogame* portátil seja uma artimanha.
James sacudiu a cabeça firmemente.
- De jeito algum. Não Ralf. Nunca ocorreu a ele, ou qualquer de nós, que aquela coisa poderia ser usada para trazer alguém aqui. Ele só sabia que fez com que

seus colegas sonserinos ficassem furiosos.
- Estamos esquecendo algo importante. - disse McGonagall, deixando-se cair cansadamente sobre sua cadeira. - Mesmo se o Sr. Deedle ou esse desconhecido que tomou emprestado o dispositivo tentasse compartilhar informação sobre esta escola com um trouxa, o Voto do Sigilo os impediria.
O professor Franklyn, que permanecera no escritório da diretora observar o *videogame* portátil, recolocou o artefato sobre a escrivaninha e o encarou, aparentemente incapaz de entender qualquer coisa a respeito do dispositivo.
- Como esse voto funciona, precisamente, Sra. Diretora?
- É bastante objetivo, professor. Cada estudante deve firmar o voto, declarando que não revelarão propositalmente qualquer informação relacionada à existência de Hogwarts a qualquer sujeito ou agência trouxa. Se o fizerem, as propriedades mágicas do voto irão se mobilizar, impedindo qualquer comunicação. Isso pode ter em vista a Azaração Trava-Língua ou qualquer outra maldição que incapacite a habilidade do indivíduo de compartilhar informação. Nesse caso, podemos supor que o usuário do artefato pôde ter sentido fusão de seus dedos ou paralisia das mãos, qualquer coisa que o impedisse de inserir qualquer informação perigosa nesse artefato.
Franklyn estava pensativo.
- Utilizamos meios similares em Alma Aleron. A formulação de palavras do voto devem ser muito específicas, obviamente. Sem lacunas. Ainda assim, é aparente que alguém, de fato, foi capaz de usar um dispositivo para comunicar informação bastante específica sobre essa escola. Suponho que cada um desses dispositivos de jogos está equipado com um rastreador que responde ao mecanismo de posicionamento global do qual o Sr. Prescott nos falou. Ao que tudo indica, seja lá quem utilizou o dispositivo do

Sr. Deedle era capaz de enviar as coordenadas geográficas de um *videogame* portátil a outro. O Sr. Prescott meramente precisou inserir a informação em seu dispositivo GPS e segui-la muito cuidadosamente. Apesar da natureza trouxa óbvia do Sr. Prescott, isso fez dele uma espécie de guardião do segredo casual. Ele pode, se assim desejar, compartilhar o segredo da localização dessa escola com qualquer pessoa que desejar. Se vão ultrapassar a zona de irrastreabilidade da escola é uma outra questão, entretanto. Nem todos são tão persistentes como ele. Isso pode explicar porque ele precisa de nossa ajuda para trazer seus acompanhantes até aqui.

- Obviamente, não podemos permitir que tal coisa venha a acontecer. - disse Neville, olhando para a diretora.

- Não estou inteiramente certa de que podemos impedir isso. - disse ela expressivamente. - Nosso Sr. Prescott é, sem dúvida, um indivíduo extremamente tenaz. Ele já sabe o bastante para nos causar grandes danos. Mesmo se descobríssemos o paradeiro de sua equipe, apagar suas memórias e mandá-los de volta para onde vieram, encontrariam as gravações de tudo o que o Sr. Prescott viu até agora. Inevitavelmente, ele retornaria, e talvez da próxima vez, ocorreria a ele trazer câmeras ao vivo ao invés de apenas um telefone. Não vejo refúgio exceto permitir que ele continue com sua investigação e esperar convencê-lo a não transmiti-la.

Neville sacudiu a cabeça.

- Tenho mais certeza de que podemos convencer os sereianos a viver fora do lago do que convencer esse imbecil ridículo a não transmitir sua grande história.

Franklyn ajustou seus óculos diminutos e olhou para o teto.

- Certamente, existem mais, eh, métodos *substanciais* de tratar com esse tipo de situação, Sra. Diretora. Poderíamos, simplesmente, lançar a Maldição Imperius sobre o Sr. Prescott. Dessa forma, poderíamos fazer com

que o Sr. Prescott removesse sua equipe e, inclusive, acompanhá-lo de volta aos seus gabinetes e ajudá-lo a destruir qualquer coisa que recorde sua visita. Uma vez que isso fosse consumado, poderíamos nos sentir livres para apagar a memória do Sr. Prescott sem temer que repita sua façanha.
McGonagall suspirou.
- Essa não é o tipo de decisão que estamos exatamente autorizados a tomar, e, francamente, fico feliz por isso. O Ministério da Magia foi notificado sobre a situação e asseguro que eles nos instruirão adequadamente como prosseguir dentro de uma hora.
Espero notícias diretamente de seu pai, Sr. Potter, a qualquer momento.
Como se no momento exato, uma voz feminina se pronunciou da lareira.
- Saudações. Este é um comunicado oficial do Ministério da Magia. Posso assegurar que esta é uma reunião segura?
McGonagall se colocou de pé e rodeou sua escrivaninha para ficar diante da lareira.
- Sim. Este que estão comigo são as únicas pessoas conscientes do que está ocorrendo, embora a escola inteira saiba que temos um indivíduo trouxa entre nós. Sua entrada não foi precisamente sutil.
O rosto nas brasas esvoaçantes da lareira da diretora olhou para Neville, James e para o professor Franklyn.
- Sou a subsecretária da Srta. Brenda Sacarhina, co-presidente do Conselho de Relações Internacionais. Estejam prontos para serem contatados. - o rosto sumiu.
James viu o rosto de McGonagall enrijecer quando a subsecretária mencionou a Srta. Sacarhina. Passaram-se apenas alguns segundos antes do rosto empertigado da mulher aparecer na lareira.
- Saudações, Sra. McGonagall, Prof. Franklyn e Prof. Longbottom. E jovem Sr. Potter, claro. - um sorriso lisonjeador surgiu nos lábios de Sacarhina quando falou

a James. O sorriso desapareceu quase tão repentinamente quanto surgiu, como se fosse algo que pudesse apagar e acender como uma luz. - Conversamos sobre a situação que se estende sobre vocês e chegamos a uma conclusão. Como devem supor, estamos preparados para esse tipo de contingência. Por favor, diga ao Sr. Prescott que ele pode contatar seus sócios. Consideramos que não existe saída a não ser permitir que sua investigação prossiga, contudo, ninguém mais está permitido a adentrar os terrenos de Hogwarts até que uma delegação do Ministério chegue para inspecioná-los. Chegaremos amanhã à tarde a qualquer momento, e assumiremos todas as negociações com o Sr. Prescott e sua equipe.

- Srta. Sacarhina, - disse McGonagall. - você está sugerindo que o Ministério pode bem permitir que este homem realize sua investigação e a transmita ao mundo trouxa?

- Lamento, Sra. McGonagall, - disse Sacarhina com doçura. - não pretendia insinuar isso, ou qualquer outra coisa. Você pode descansar tranqüila confiando que estamos preparados para tratar com essa situação, seja qual for o método que escolhamos. Eu odiaria sobrecarregá-la com mais detalhes do que já foi forçada a suportar.

O rosto da diretora ficou rosado.

- Sobrecarregue-me, Srta. Sacarhina, pois posso lhe prometer que o futuro dessa escola e de seus estudantes dificilmente é o tipo de detalhe que estou propensa a dispensar.

Sacarhina sorriu levemente.

- Minha cara Minerva, suspeito que o futuro de Hogwarts, dos estudantes, e de você mesma, está seguro como sempre. Como mencionei, estamos preparados para esse tipo de contingência. O Ministério está preparado.

- Perdoe-me, Srta. Sacarhina, - interrompeu Franklyn,

dando meio passo à frente. - mas pretende que acreditemos que o Ministério da Magia preparou contingências para um repórter investigativo trouxa que penetre a escola de Hogwarts com uma equipe pronta com câmeras e com intenções de transmitir os segredos do mundo mágico para todos os trouxas?
O sorriso complacente de Sacarhina se apertou.
- Acredite, Sr. Franklyn, que o Ministério preparou técnicas de reações emergenciais para lidar com uma variedade de confrontos. Os detalhes não importam.
- Sinto discordar, senhorita. Os detalhes desta ocorrência revelaram uma brecha de segurança particularmente grande que poderia, nesse momento, ser aproveitada por qualquer um, praticamente. Esta escola não pode mais ser considerada segura até que essa brecha seja reparada.
- Cada coisa em seu tempo, professor. Apreciamos sua preocupação, mas asseguro que estamos inteiramente preparados para lidar com o problema em toda sua extensão. Contudo, se sente que sua segurança e de seu pessoal está em risco, talvez poderíamos providenciar sua partida antecipada. Isso nos causaria um grande desapontamento e seria um inconveniente para a escola...
- Minha preocupação, Srta. Sacarhina, - disse Franklyn calmamente, retirando seus óculos. - é pela segurança de todos entre essas paredes, e pela segurança dos mundos mágico e trouxa em geral.
- Outra vez essa hipérbole. - sorriu Sacarhina. - Por favor, tranqüilizem-se todos vocês. Eu, juntamente com o Sr. Recreant, chegaremos amanhã. Nós nos encontraremos com esse Sr. Prescott e estou bastante confiante... positivamente, inclusive... que chegaremos a um acordo mútuo amigável. Não se preocupem mais com isso.
- E meu pai? - perguntou James.
Sacarhina pestanejou, aparentemente perplexa.

- Seu pai, James? O que você quer dizer?
- Bom, você não acha que ele deveria estar aqui juntamente com você e o Sr.
Recreant?
Sacarhina mostrou seu sorriso insinuante novamente.
Por quê? Seu pai é o chefe do Departamento de Aurores, James. Não há magia das trevas envolvida nessa infeliz série de circunstâncias, pelo que sabemos. Não há razão para incomodá-lo com isso.
- Mas ele lidou com esse homem antes. - disse Neville. - Ele e James o viram no campo de quadribol no ano passado e liderou uma busca para tentar capturá-lo.
- E fez um ótimo trabalho. - disse Sacarhina, seu sorriso desaparecendo rapidamente. - Naquele momento, era sua obrigação. Contudo, como devem compreender, é uma questão diplomática. As habilidades do Sr. Potter podem ser variadas, mas a diplomacia não é uma delas. Além disso, o Sr. Potter está atualmente em uma missão e não pode ser incomodado. Nós, contudo, somos especialistas nesse exato tipo de negociação. Eu mesma e o Sr. Recreant arranjaremos outro embaixador para se junta a nós. Ele é especialista em relações mágico-trouxas. Esperamos que ele lidere nossas negociações como o Sr. Prescott e sua equipe, e confiamos plenamente que servirá ambas as partes por igual.
McGonagall acenou sua mão depreciativamente.
- O que faremos com o Sr. Prescott até sua chegada, Srta. Sacarhina?
- Que o mantenha confortável. Permita que ele faça sua chamada telefônica. A partir disso, que haja como queira.
- Certamente, você não quer dizer que permitamos livre acesso a ele à escola. - disse a diretora, como se fosse mais uma declaração que uma questão.
Sacarhina pareceu fazer um gesto de indiferença na lareira.
- Qualquer perigo que ele possa apresentar observando

é certamente menor que o perigo que poderia oferecer caso trouxesse acusações trouxas legais contra nós. Devemos, por enquanto, tratá-lo como um convidado. Além disso, parece que ele já viu muito.
A expressão de McGonagall estava ilegível.
- Muito bem, então. Boa tarde, Srta. Sacarhina. Aguardaremos sua chegada amanhã.
Sacarhina sorriu novamente.
- Sem dúvida. Até lá.
O rosto desapareceu no fogo. A diretora estendeu a mão para pegar seu atiçador e o empurrou cuidadosamente nas brasas por vários segundos, espalhando-as até que não permanecesse nenhum indício do rosto. Ela repôs o atiçador em seu lugar, deu as costas para o fogo, e disse:
- Conversa fiada de burocrático intolerável.
- Ficarei encantado em alojar o Sr. Prescott nos aposentos de Alma Aleron. - disse Franklyn, repondo os óculos. - De qualquer forma, preferiria observá-lo de perto. Suspeito que podemos mantê-lo ocupado o bastante para impedir que cause mais problemas.
Não gosto nada disso. - disse Neville, ainda observando a lareira. - Harry deveria estar aqui. Prescott, obviamente, não é um bruxo das trevas, mas há algo extremamente estranho pelo modo como chegou até aqui. Alguém o conduziu até aqui, e, de alguma maneira, essa pessoa contornou o Voto do Sigilo. Não me importa o que Sacarhina diz, sinto-me melhor tendo um auror decente se ocupando disso.
A diretora abriu a porta.
- Isso está fora de nosso controle. Professor Franklyn, sua idéia é ótima como qualquer outra. Vamos escoltar o Sr. Prescott até os aposentos de Alma Aleron. E apesar do que a Srta. Sacarhina possa acreditar, é preferível que mantivéssemos o Sr. Prescott bastante ocupado pelas próximas vinte e quatro horas. Quanto menos tempo ele tiver para explorar a escola, melhor. Sr. Potter, por favor, sinta-se livre de retornar às suas aulas, e

embora eu suspeite que não posso pedir que fale a respeito de tudo com o Sr. Walker ou Sr. Deedle, ficaria bastante feliz se não falasse a mais ninguém. *Especialmente* a Teddy Lupin ou Noé Metzker.
Quando James seguia os adultos para fora do escritório, uma voz sussurrante, vinda da parede, falou com ele.
- Amanhã será um dia cheio, Potter.
James se deteve e lançou um olhar furtivo para o retrato de Severo Snape, sem estar completamente certo do que ele queria dizer.
- Acho que sim. Ao menos para a diretora e todo mundo.
Os olhos negros de Snape o fitaram.
- Responda-me honestamente, Potter: você ainda está confiando na ilusão de que Tábita Corsica possui o cajado de Merlim?
- Ah, - disse James. - olha, diga o que quiser, mas faz sentido. Nós o tomaremos dela, também, de um jeito ou de outro.
Snape falou rapidamente.
- Não seja tolo, Potter. Entregue o que você tem. Entregue à diretora. Certamente, você sabe o quão perigoso é manter a túnica, especialmente agora.
James pestanejou.
- Por quê? O que acontece agora? Tem alguma coisa a ver com esse tal de Sr.
Prescott?
Snape olhou com desespero para James.
- Você *não* percebe, então. - suspirou ele. - Existe uma boa razão para que seu pai, tolo como ele é, não acompanhar a delegação de amanhã. Mesmo dentro do Ministério da Magia, há membros do Elemento Progressivo, embora eles não se refiram a si mesmos por esse nome. Sacarhina é um deles. Recreant pode ser também, embora não esteja realmente no comando. Ou Sacarhina está se aproveitando de uma coincidência bastante suspeita ou planejou tudo desde o princípio.
- Quê? O que ela planeja? - perguntou James, baixando a

voz e aproximando-se do retrato.
Os detalhes não são importantes. Tudo o que importa é que a menos que você proteja a túnica de Merlim até amanhã, provavelmente tudo estará perdido.
- Mas ela está *protegida.* - respondeu James. - Nós já a capturamos. Você sabe disso. Temos de conseguir o cajado de Merlim agora.
- Esqueça o cajado! - assobiou Snape com fúria. - Você está se permitindo manipular! Se eu tivesse a mais ligeira esperança de que você seria melhor que seu pai, já teria lhe ensinado Oclumência. Quando digo a você para proteger a túnica, significa que você deve entregá-la àqueles que sabem como lidar com ela, não somente escondêla. O inimigo possui as outras duas relíquias. A túnica *deseja* estar junto a elas. Você não será capaz de impedir isso, Potter. Não seja um tolo arrogante como foi seu pai!
James o olhou com uma expressão de fúria.
- Meu pai *nunca* foi arrogante e tolo como você acha que ele era, nem eu. Não tenho que escutar você. Além disso, o alinhamento dos planetas não será amanhã. Será na noite seguinte. O próprio Zane me contou.
Snape sorriu com malícia.
- Tão ingênuos. Por favor, digam-me como o Sr. Walker conseguiu esta informação?
- Ele está no Clube de Constelações. - respondeu James, furioso. - Madame Delacroix andou usando todos no clube para ajudá-la especificar o tempo exato do alinhamento.
- E nunca lhes ocorreu que ela, deliberadamente, teria alterado a informação apenas o suficiente para enganar aqueles tão ignorantes para notar? Ela já sabia o *dia* do alinhamento desde o ano passado. Precisava de ajuda apenas para averiguar a *hora*. Inclusive você percebeu o envolvimento dela na conspiração de Merlim. Você espera que ela desejaria dúzias de estudantes observadores de estrelas formigando os terrenos na

noite exata em que ela planeja escapar para facilitar o retorno do bruxo mais perigoso de todos os tempos?
James sentiu-se envergonhado. Claro que ela não iria querer aquilo. Apenas não tinha pensado a respeito. Abriu a boca para falar, mas não pôde pensar em nada pra dizer. Snape continuou.
- Ela enganou a todos quanto ao dia exato. A Travessia dos Titãs não ocorrerá quinta à noite, mas na quarta-feira. Amanhã, Potter. Você foi ludibriado, e permanece assim. Não há tempo para mais nenhuma ilusão de grandeza. Deve entregar a túnica. Senão, você falhará e nossos inimigos terão êxito em seus planos.
- James? - era Neville. Ele pôs sua cabeça para o interior da entrada do escritório da diretora. - Ao que parece, nós o perdemos. Esqueceu algo?
A mente de James corria a toda velocidade. Olhou palidamente para Neville durante alguns segundos, e finalmente se recompôs.
- Eh, não. Não, desculpe, eu estava apenas... pensando alto.
Neville lançou um olhar para o retrato de Snape, o qual sorriu e cruzou os braços.
Prossiga, Longbottom, e leve o garoto com você. Ele não me serve para nada.
Neville assentiu.
- Venha, James. Você ainda pode assistir suas aulas da tarde se correr. Irei com você e explicarei seu atraso.
James deixou o aposento junto a Neville, somente pensando a respeito do que Snape lhe dissera. Eles tinham apenas um dia, um dia para tomar o cajado de Merlim de Tábita. Um dia antes que a Travessia dos Titãs ocorresse, e o mesmo dia em que Sacarhina viria negociar com Prescott. Enquanto descia as escadas móveis espirais e saiu para o corredor abaixo, ocorreu a James que Snape estava certo sobre um fato: amanhã, sem dúvida, seria um dia bastante cheio.

# - CAPÍTULO 16 -

# O Desastre do Cajado de Merlim

Na manhã seguinte, James, Ralf e Zane entraram no Salão Principal para tomar o café da manhã, e dirigiram-se decididamente para o canto mais afastado da mesa da Grifinória.

- Tem certeza disso? - perguntou Ralf enquanto atravessam o corredor.

- Não poderemos voltar atrás depois disso, você sabe.

James pressionou os lábios, mas não respondeu. Juntaram-se a Noé, Ted e o resto dos Malignos, os quais estavam sentados conspiradoramente num apertado círculo.

- Ah, o grande homem - anunciou Ted quando James se

apertou entre ele e Sabrina. - Estamos fazendo apostas sobre por que você nos pediu para que nos reuníssemos com você durante o café da manhã. Noé acha que você quer se unir oficialmente às fileiras dos Malignos, em cujo caso nós preparamos uma série de dolorosos desafios que você terá que completar. Meu favorito é aquele em que você põe o velho vestido de gala de Sabrina e passeia pela escola cantando o hino de Hogwarts tão alto quanto puder. Há muitos mais, ainda que os desafios de Damian tendem a envolver batidas demais e mostarda para o meu gosto.
James fez uma careta.
- Para ser honesto, o motivo pelo qual pedi que viessem é que Ralf, Zane e eu temos algo a pedir a vocês.
Num gesto louvável, nenhum dos Malignos pareceu se surpreender. Simplesmente inclinaram-se um pouco mais para adiante enquanto continuavam comendo. James não sabia exatamente por onde começar. Tinha-se levantado essa manhã com o simples entendimento de que, sozinhos, ele, Ralf e Zane não poderiam se obter com sucesso com o cajado de Merlim em somente um dia. Não tinham plano algum. O retrato de Snape havia sido de alguma ajuda, mas Snape sequer acreditava que Tábita Corsica tivesse o cajado. Então, a quem podiam recorrer? Agiu seguindo seu primeiro impulso. Podia recorrer ao único grupo de pessoas que era perito na sutil arte do caos e travessuras em toda a escola. Poderia levar tempo demais explicar tudo a Ted e seus companheiros Malignos, e inclusive se ele conseguiria, podia ser que ainda que não concordassem em ajudar, mas esta era sua melhor e última esperança. James suspirou pesadamente e olhou fixamente para seu copo de suco de abóbora.
- Precisamos de ajuda para... para pegar algo *emprestado*.
- Algo *emprestado*? - repetiu Noé, com a boca cheia de torradas. - O quê? Dinheiro? Uma xícara de açúcar? Um corte de cabelo decente? Isso não soa como se você precisasse de nossa ajuda, exatamente.
- Cala a boca, Metzker - disse Ted suavemente. O que você deseja “pegar emprestado” James?

James suspirou fundo e simplesmente soltou o que queria.
- A vassoura de Tábita Corsica.
Damian tossiu em seu suco. Os outros Malignos olharam para James com os olhos arregalados. Todos exceto Ted.
- Para quê? - perguntou Sabrina em voz baixa. - Essa tarde é a final entre a Corvinal e a Sonserina. É isso? Você está tentando arruinar as chances da Sonserina? Admito que há algo altamente suspeito naquela vassoura, mas trapacear não é exatamente o seu estilo, James.
- Não! Não tem nada a ver com o jogo - disse James, e logo gaguejou. - É muito complicado para explicar. E não posso falar de algumas coisas. McGonagall me pediu que não o fizesse.
- Diga-nos o que você pode então. - disse Petra.
-Está bem! Zane, Ralf, me ajudem. Lembrem-me do que eu esquecer. Vai parecer uma loucura, mas lá vai.
Entre os três, explicaram a história inteira da conspiração de Merlim, desde o primeiro vislumbre da sombra de Madame Delacroix no lago, à aventura na Fortaleza da Gruta, terminando com o misterioso confronto de Ralf e James com a horripilante dríade que exigia a túnica de Merlim. Tiveram que voltar atrás então, e explicar como haviam capturado a túnica tirando-a do professor Jackson. James estava preocupado que a história estivesse tão fragmentada que os Malignos não pudessem ser capazes de entendê-la. Ted escutava atenciosamente o tempo inteiro, simplesmente comendo e observando a quem quer que estivesse falando. O resto dos Malignos fazia perguntas esclarecedoras e respondiam com uma mistura de ceticismo, pavor e animação.
-Vocês estiveram trabalhando nesse plano o ano inteiro e só agora nos falam isso? - perguntou Damian, entrecerrando os olhos.
- Como já disse, McGonagall nos advertiu para que não contássemos a ninguém sobre a Fortaleza da Gruta - disse James fervorosamente. - E de qualquer jeito, estávamos preocupados que vocês não acreditassem em todo o resto. Nós mesmos demoramos a acreditar na maior parte.

Durante um tempo, pelo menos. Então, o que acham?
- Estou confusa - disse Sabrina, franzindo o cenho. - a coisa toda parece bastante complicada. Uma coisa é disparar fogos de artifício Weasley durante o debate, mas outra muito diferente é roubar a vassoura de uma das mais proeminentes, e, francamente, pavorosas bruxas da escola. Isso é roubar, isso é o que é.
- Só é roubar se o que dizemos não é verdadeiro - justificou Zane. - Se a vassoura de Tábita é o cajado de Merlim, então realmente não pertence a ela. Não sabemos de quem é, mas não importa, *ela* deve ter roubado de alguém para ela mesma.
Damian não parecia muito convencido.
- Mesmo que ela tenha roubado, nós seríamos os únicos que poderiam saber disso. Se ela nos arrastar ao escritório de McGonagall reclamando que lhe roubamos a vassoura, o que diríamos? Tudo bem porque ela roubou a vassoura de outra pessoa, não sabemos quem, e além disso, a vassoura é realmente o cajado do bruxo mais poderoso de todos os tempos, então estaríamos apenas fazendo um favor ao mundo tirando a vassoura das mãos de Corsica? *Aquilo* voa como uma coruja morta.
- Bem, por que não? – interveio Ralf. - Se é verdade, é verdade.
- E isso vem da boca de um sonserino - disse Noé, com um sorriso ladeado.
- O que isso quer dizer? - disse Ralf, enrijecendo a mandíbula.
James sacudiu a cabeça.
- Está tudo bem, Ralf. Ele está provocando você. A questão é que, mesmo se isso for verdade, não poderíamos provar. Não direi que não entraremos em apuros por isso. Posso apenas dizer que se *for* verdade, então nos levar ao escritório de McGonagall e nos acusar de ladrões será a menor de nossas preocupações. Não posso pedir a nenhum que se envolvam nisso, se não quiser. É arriscado. Podemos nos meter em um monte de problemas. Inclusive podemos fracassar, apesar de nossos melhores esforços.

- Espere um minuto - disse Noé. - é com os Malignos que você está falando.
Petra sentou-se erguida e olhou para o grupo.
- A questão é que se James, Zane e Ralf estiverem errados, saberemos pela manhã. Se ‘pegarmos emprestada’ a vassoura de Corsica, nós podemos devolvê-la, de algum jeito. Provavelmente de forma anônima. Se não houver danos, não haverá punições. Todo mundo pensaria que foi só uma brincadeira de quadribol, não é? Mas, se essa história é verdadeira, e a vassoura é realmente o cajado de Merlim, então ninguém arrastará a ninguém para o escritório da diretora.
- Por que não? - perguntou Sabrina, interessada.
- Porque Tábita seria quem mais entraria em apuros - respondeu Noé com ponderação. - Se ela é parte de alguma grande conspiração Merlim e fracassa com o cajado, se meterá em sérios problemas com seus colegas. Pessoas como esta não tendem a perdoar, sabe. Pode ser que nunca mais a vejamos.
- Não creio que teremos essa sorte - resmungou Petra.
Ted se remexeu.
- Prestem atenção, todos vocês. Tudo isso é muito bom, mas no que a mim concerne, só há uma coisa para decidir. Podemos confiar em James? Não conheço Zane e Ralf muito bem, mas cresci com James. Pode que algumas vezes ser um atrevidinho repugnante, mas sempre tem sido honesto. E, além disso, é filho de meu padrinho. Lembram daquele cara, certo? Estou disposto a aceitar um pouco de risco por ele. Não porque seja da família, mas porque é um Potter. Se ele diz que há uma batalha na qual vale a pena lutar, estou inclinado a acreditar nele.
- Bem dito, colega - disse Noé seriamente, dando tapinhas nas costas de Ted. - E, além disso, não esqueçamos que isso implica no benefício de trapacear Tábita Corsica.
- E talvez afetar o equilíbrio do jogo desta noite - admitiu Sabrina.
- E talvez poderíamos derrubá-la de algum jeito da vassoura quando estiver bem alto! - sorriu Damian de

forma asquerosa.
- Isso digo eu! - exclamou Zane.
- Vocês são todos loucos - disse Petra, censurando. - São tão perversos quanto ela.
- Não queremos *matá-la* - replicou Zane em tom magoado. - Só queremos vê-la aterrorizada despencando alguns metros. Ridcully a levitaria no último momento, assim como Ralfidilo fez com James. Honestamente, você deve achar que somos monstros.
- Estamos todos de acordo, então? - perguntou Ted para o grupo. Todos assentiram e murmuraram em concordância.
- Tudo está maravilhoso e tudo mais - disse Ralf. - mas como vamos fazer?
Ted se recostou e ergueu os olhos para o teto encantado do Salão Principal, acariciando o queixo. Então, sorriu lentamente.
- Alguém sabe como estará o tempo esta tarde?

Era muito pouco o que o grupo precisava fazer para se preparar. Após o almoço, Sabrina e Noé dirigiram-se aos porões para falar com os elfos domésticos. James e Ted, ambos com horário livre pela tarde, passaram algum tempo na biblioteca estudando uma coleção de livros gigantescos sobre feitiços atmosféricos e encantamentos climáticos.
- Esse é o departamento de Petra, é sério - lamentou Ted. - Se ela não estivesse ocupada a tarde toda com Adivinhação e Runas, nos sairíamos muito melhor.
James olhou para suas notas.
- Mas parece que temos o que precisamos, não?
- Eu acho que sim - replicou Ted lentamente, folheando algumas páginas enormes. Um minuto depois, ergueu os olhos para James. - Foi realmente muito difícil para você pedir ajuda, certo?

James olhou para Ted e o encarou, depois afastou o olhar para uma janela próxima.
- Um pouco, sim. Não sabia se poderia explicar. Não tinha certeza se algum de vocês acreditaria.
Ted ergueu a sobrancelha.
- Isso é tudo? - animou.
- Bem... - começou James, e logo se deteve. Ele brincou com sua pena. - Não, acho que não. É só que parecia... parecia algo que eu devesse fazer sozinho. Digo, com a ajuda de Zane e Ralf, é claro. Eles estavam envolvidos desde o começo. Mas assim mesmo. Eu meio que tive a impressão de que nós três seríamos capazes de enfrentar tudo isso. Nós nos sairíamos bem. Era como se... - deteve-se, percebendo o que estava prestes a dizer, surpreso por isso.
- Como o quê? - perguntou Ted.
James suspirou.
- Um fracasso. Como se nós três não pudéssemos ser capazes de fazer sozinhos, nós falharíamos, de algum jeito.
- Os três. Como seu pai, Rony e Hermione, você quer dizer.
James lançou um olhar severo para Ted.
- O quê? Não... não - disse, mas de repente não estava seguro.
- Estava apenas dizendo, - replicou Ted. - Faz sentido. Era como seu pai fazia. Era único arrastando toda a responsabilidade do mundo sem compartilhar a carga com mais ninguém. Ele, Rony e Hermione. Sempre havia muitas pessoas ao redor, prontas e dispostas a ajudar, e algumas vezes o faziam, mas não até que eles se viam forçados a agir. - Ted encolheu os ombros.
- Você soa como o Snape - disse James, mantendo o nível de sua voz. Sentia-se desconfortavelmente vulnerável, de repente.
- Bom, talvez Snape tivesse razão, às vezes - disse Ted suavemente. - mesmo que ele fosse um velhote oleoso e trapaceiro na maioria das vezes.
- Sim, bem, xingue ele - disse James, surpreendido ao sentir um aguilhão de lágrimas. Ele pestanejou para se

desfazer delas. - Ele foi de muita ajuda, certo? Espreitando por aí, trabalhando para ambos os lados, sem nunca deixar claro onde residia realmente sua lealdade até que foi tarde demais. Não se pode culpar realmente a meu pai por não confiar nele, não é? Então eu não confio nele também. Talvez meu pai fez a maior parte das coisas somente com a tia Hermione e o tio Rony. Era tudo o que ele precisava, certo? Eles venceram. Encontrou duas pessoas nas quais podia confiar tudo. Bom, eu as encontrei também. Tenho a Ralf e a Zane. Então talvez achei que podia ser tão bom quanto meu pai. No entanto, não sou. Preciso de alguma ajuda. - Havia mais coisas que James queria dizer, mas se deteve, inseguro se poderia continuar.

Ted olhou para James por um longo e pensativo momento, e em seguida, inclinou-se para frente, descansando os cotovelos sobre a mesa.

- É difícil viver à sombra de seu pai, não é? - disse. James não respondeu. Um momento depois Ted continuou. - Eu não conheci meu pai. Morreu aqui mesmo, nos terrenos da escola. Ele e mamãe, os dois. Estiveram na Batalha de Hogwarts, você sabe. Qualquer um pensaria que é difícil se sentir ressentido com gente à quem nunca se conheceu, mas você pode. Estou ressentido por eles terem morrido. Às vezes me sinto ressentido por eles por estar aqui para começar. Quer dizer, em que estavam pensando? Os dois lançando-se no meio de uma grande batalha, deixando a seu filho sozinho em casa. Você chamaria isso responsabilidade? Claro que não. - Ted olhou pela janela, como James fizera um minuto antes. Depois suspirou. - Ah, bem, na maior parte das vezes, no entanto, estou orgulhoso deles. Alguém disse uma vez que, se você não tem algo pelo que valha a pena morrer, você realmente não viveu. Mamãe e papai tinham algo pelo qual valeu a pena morrer, e eles o fizeram. Eu os perdi, mas a mim ficou uma herança. Uma herança é algo que vale a pena, não é? - ele olhou para James de novo por cima da mesa, procurando seu rosto. James assentiu, inseguro sobre o que dizer. Finalmente Ted encolheu os ombros um pouco. -

A razão de eu ter falado disso, bem, é que meu pai me deixou algo mais.
Ted ficou em silêncio durante quase um minuto, pensando, aparentemente debatendo consigo mesmo. Finalmente, falou de novo.
- Meu pai era um lobisomem. Suponho que é tão simples quanto é. Você não sabia, certo?
James tentou não deixar transparecer, mas estava bastante surpreso. Ele sabia que havia algum segredo a respeito de Remo Lupin, algo que nunca lhe tinham explicado, ou sequer mencionado diretamente. Tudo o que James sabia com certeza era que Lupin fora um grande amigo de Sirius Black e Tiago Potter, e de um homem chamado Pedro Pettigrew, que no final traíra a todos. James sabia que Lupin dera aulas em Hogwarts quando seu pai estava na escola, e que ensinara seu pai a convocar seu Patrono. Fosse qual fosse segredo do passado de Remo Lupin, não podia ter sido nada terrivelmente sério, ponderou James. Pensara que, talvez, o pai de Ted estivera em Azkaban durante um tempo, ou que alguma vez se envolvera com as artes das trevas quando era jovem. Nunca lhe passara pela cabeça que Remo Lupin pudesse ter sido um lobisomem.
Apesar da intenção de James de disfarçar sua surpresa, Ted viu seu rosto e assentiu.
- Sim, que segredo. Seu pai me contou toda a história há alguns anos atrás, quando estava bastante maduro para compreender. Vovó nunca fala disso, nem sequer agora. Acho que ela tem medo. Não tanto pelo que era, mas... bem, pelo que poderia ser.
James estava um pouco apreensivo para perguntar.
- E o que poderia ser, Teddy?
Ted encolheu os ombros.
- Você sabe o que acontece com os lobisomens. Só há duas formas de se tornar um. Você pode ser mordido por um, ou pode nascer assim. Obviamente, ninguém sabe realmente o que acontece quando somente sua mãe ou seu pai é um lobisomem. Seu pai diz que meu pai ficou muito chateado quando descobriu que minha mãe estava grávida. Estava

assustado, sabe? Não queria que seu filho fosse como ele, que crescesse como um excluído, amaldiçoado e odiado. Achava que não devia se ter casado nunca com minha mãe, porque ela queria filhos, mas ele temia lhes passar a maldição. Bem, quando nasci, suponho que todo mundo soltou um grande suspiro de alívio. Era normal. Inclusive tenho o dom de metamorfose herdado de minha mãe. Dizem que sempre a cor do meu cabelo mudava sempre quando era bebê. Isso arrancava muitas gargalhadas, minha avó sempre diz. Ainda hoje posso fazê-lo, e algumas outras coisas também. No entanto não o faço normalmente. Uma vez que você é conhecido por coisas como essa, é difícil que lhe conheçam por muito mais, não sei se você sabe o que quero dizer. Então, suponho que papai morreu se sentindo um pouco melhor por ter tido a mim. Morreu sabendo que eu era normal, mais ou menos. Fico feliz por isso - Ted estava olhando pela janela novamente. Ele respirou fundo, e depois voltou a olhar para James. - Harry me falou de como seu avô Tiago, Sirius Black e Pettigrew costumavam sair com meu pai quando ele mudava, como se transformavam em animais e lhe acompanhavam pelo campo com a lua cheia, protegendo-lhe do mundo e do mundo dele. Inclusive comecei a pensar que era tudo uma espécie de aventura romântica, como os trouxas estúpidos que lêem histórias de lobisomens onde esses são bonitos, sedutores e misteriosos. Quase comecei a *desejar* ter herdado essa coisa do lobisomem depois de tudo. E então... - Ted deteve-se e pareceu lutar consigo mesmo por um momento. Baixou a voz e prosseguiu. - Bem, a questão é que ninguém sabe realmente como funciona essa coisa de lobisomens, certo?

Eu nunca dediquei um segundo para pensar nisso. Mas no ano passado... no ano passado comecei a ter insônia. Não é grande coisa, é? Exceto que não era uma insônia normal. Não podia dormir, mas não porque não estivesse cansado, exatamente. Estava... estava... - ele parou novamente e se recostou em sua cadeira, fitando a parede próxima da janela.

- Ei - disse James, sentindo-se nervoso e envergonhado, ainda que não soubesse bem por quê. - Você não tem que me contar. Esquece. Não tem problema.
- Não - disse Ted, voltando a olhar para James. - Preciso contar a você. Tanto por mim quanto por você. Porque não contei a ninguém ainda, nem sequer à vovó. Acho que se não contar a ninguém, ficarei louco. Veja, eu não conseguia dormir porque estava muito faminto. Estava morrendo de fome! Estava deitado na cama na primeira vez que aconteceu, dizendo a mim mesmo que era apenas uma loucura. Eu havia desfrutado de um bom jantar e tudo, como de costume. Mas não importava o que eu dissesse a mim mesmo, meu estômago continuava me dizendo que queria comida. E não qualquer coisa. Queria carne. Carne crua. Carne, com osso e tudo. Vê onde eu quero chegar?
James entendeu.
- Havia... - começou, e depois teve de pigarrear. - Havia lua cheia?
Ted assentiu sombria e lentamente.
- Finalmente, consegui dormir. Mas, desde então, tem piorado. No final do último ano escolar, finalmente comecei a descer até as cozinhas sob o Salão Principal, onde trabalham os elfos. Têm uma grande despensa de carne lá em baixo. Comecei a... bem, você sabe. Comer. Tende a ser um pouco asqueroso. - Ted encolheu os ombros, depois pareceu descartar a questão. - De qualquer maneira, o ponto é que obviamente não ignorei completamente todo o assunto do lobisomem. Meu pai me proporcionou sua própria sombra para viver dentro dela, não é? Não o culpo por isso. Pelo que sei, isso é o pior que pode ficar. E não é tão ruim. Isso me ajuda a ganhar peso para a temporada de quadribol, ao menos. Mas... dá medo, um pouco. Não sei como lidar com isso ainda. E me assusta que alguém mais descubra a respeito. As pessoas... - Ted engoliu em seco e olhou com dureza para James. - As pessoas não reagem bem aos lobisomens.
James não sabia se concordava ou não. Não porque aquela

declaração fosse falsa, mas porque não estava seguro se Ted precisava que lhe confirmassem isso.
- Aposto que meu pai poderia ajudar você - disse James. - E eu também. Não tenho medo de você, Teddy, ainda que seja um lobisomem. Conheço você minha vida inteira. Talvez poderíamos, sabe, nos arranjar como seu pai e seus amigos faziam . Ele tinha James Potter *dele* para ajudar, e você tem o seu.
Ted sorriu, e foi um enorme e genuíno sorriso.
- Você é uma boa pessoa, James. Odiaria ter que comê-lo. Aprenda a se transformar num cão gigante como Sirius, e talvez ser um lobisomem não seja tão ruim depois de tudo, com você trotando ao meu lado. Mas quase esqueci de por que puxei esse assunto. - Ted inclinou-se para frente, os olhos sérios. - Você está crescendo sobre a sombra de seu pai, assim como eu. Mas não posso escolher ser como meu pai ou não. Você pode. Não é uma maldição, James. Seu pai é um grande homem. Escolha as partes dele que sejam valiosas, e seja assim, se quiser. As outras partes, bem, são de sua escolha, certo? Pegue-as ou deixe-as. Esses são os lugares onde você pode escolher para ser ainda melhor. Seu pai não pedia muita ajuda, certo? Mas não era porque ele não precisava. O fato de você ter pedido ajuda não quer dizer que você é pior que ele. Quer dizer que você aprendeu algo que ele nunca aprendeu. Isso é o que você ser como é, não simplesmente uma cópia de seu pai. Creio que procurar ajuda é muito legal, se quer saber minha opinião. E não apenas porque isso signifique que posso lhe ajudar a ludibriar Tábita Corsica.
James ficou sem fala. Simplesmente ficou olhando para Ted, inseguro do que sentir ou pensar, inseguro se o que Ted estava dizendo era verdade ou não. Só sabia que isso lhe surpreendia e lhe abatia, no bom sentido, ouvir Ted dizer o que tinha dito. Ted fechou o gigantesco livro que tinha á frente com um forte golpe.
- Vamos - disse, pondo-se em pé e recolhendo os livros. - Me ajuda a levar essas coisas à sala comunal para que Petra possa dar uma olhada antes do jogo. Ela terá que me

ajudar com isso ou estamos condenados, com certeza. O jantar é dentro de uma hora, e depois vamos estar bastante ocupados durante o resto da noite, você sabe o que quero dizer.

À tarde da última partida de quadribol da temporada estava fria e nebulosa, coberta por uma cortina de nuvens intranqüilas e cinzentas. Silenciosa e extraordinariamente deprimidos, os Malignos trotavam pelo do túnel detrás da estátua de São Lokimago, o Eternamente Produtivo. Quando alcançaram os degraus que conduziam ao interior do galpão de equipamentos, Ted diminuiu a marcha e avançou na ponta dos pés. Àquela altura, Ridcully provavelmente já havia retirado o baú de quadribol do galpão, mas não fazia nenhum mau ser cauteloso. Ted assomou-se pela entrada, e viu somente algumas estantes empoeiradas e umas poucas vassouras quebradas, e depois acenou para que os outros o seguissem.
- Está limpo. Estaremos seguros aqui, agora que Ridcully se foi. Ele é o único que utiliza o galpão.
Ralf subiu os degraus e olhou cautelosamente em volta. James lembrou que Ralf não estivera na noite em que ele e os Malignos utilizaram aquele túnel secreto para criar o Foguetim.
- É um túnel mágico. Funciona apenas num sentido - sussurrou para Ralf, - nós podemos voltar por ele por que esse é o caminho pelo qual viemos, mas qualquer outro só encontraria o interior do galpão de equipamentos.
- Genial - ofegou Ralf seriamente. - É bom saber.
James, Ralf e Sabrina pressionaram-se contra a parte de trás do galpão para espreitar através da suja e única janela do aposento. O campo de quadribol estava situado após o galpão, e puderam ver claramente três das arquibancadas, já quase cheias de estudantes com

bandeirolas e professores, todos abrigados contra o frio inoportuno. Os times da Corvinal e Sonserina apinhavam-se ao longo dos extremos opostos do campo para observar os seus capitães apertarem as mãos e ouvir o tradicional sermão de Ridcully sobre as regras básicas do jogo.
- Esqueci disso - disse Sabrina em tom baixo. - O aperto de mãos e tudo mais. Esse Zane é um garoto bastante esperto.
James assentiu. Tinha sido idéia de Zane encenar a brincadeira da vassoura durante os momentos inaugurais do jogo, naqueles poucos minutos em que ambos os times saíam de seus vestuários sob a arquibancada para assistir o ritual de abertura. Era uma idéia maravilhosa, porque era o único momento em que as vassouras dos times se separavam de seus donos, deixadas nos vestiários até que os jogadores as recolhiam para seu grande vôo de apresentação.
- Chegou a hora - disse Ted, dando umas palmadinhas no ombro de James. -
Corsica está ali.
James engoliu em seco, sentindo como se um bloco de mármore descesse por sua garganta. Seu coração estava já palpitava. Pegou a Capa da Invisibilidade de sua mochila, abriu-a de uma sacudida e lançou-a sobre sua cabeça e a de Ralf. Quando se aproximaram da porta, Petra sussurrou com a voz áspera:
- Posso ver seus pés, Ralf, agache-se um pouco mais.
Ralf agachou-se mais e James viu como a borda da capa tocava a terra ao redor de seus pés.
- Permaneçam agachados e movam-se com rapidez - instruiu Ted. Ele virou-se e espiou entre as tábuas da porta. O galpão ficava a um canto do campo, exatamente dentro do limite mágico erguido pelos árbitros do jogo. A porta dava para o campo, visível somente pela arquibancada da Sonserina exatamente ao lado.
- Parece estar limpo o bastante - disse Ted, com seu rosto pressionado contra as fissuras da porta. - Vamos esperar que todo mundo esteja olhando para o campo e não para

esse galpão. - com isso, abriu a porta e deu um passo para um lado. James e Ralf arrastaram os pés pela porta e James ouviu a porta se fechar atrás dele.
O vento estava veloz e imprevisível. Movimentava-se rapidamente pelo campo e soprava inquietamente a Capa da Invisibilidade, açoitando-a ao redor das pernas dos garotos.
- Alguém vai ver meus pés - gemeu Ralf.
- Já estamos quase lá - disse James por baixo do barulho da multidão. - Só fique perto e se agache.
Através do tecido transparente da Capa da Invisibilidade, James podia ver a boca escura da entrada do vestuário sonserino. As grandes portas estavam escancaradas, presas às paredes das arquibancadas para evitar que o vento as fechasse. Os jogadores sonserinos estavam alinhados ao longo do campo no extremo da porta, tão próximos que uma palavra ou vibração de seus sapatos poderia ser notada. James conteve o fôlego e resistiu à urgência de correr. Lentamente, os dois garotos passaram junto ao jogador sonserino mais próximo, Tom Squallus, e deslizaram-se no interior da entrada. Dentro, o vento desapareceu e a capa parou de esvoaçar. James deixou escapar sua respiração em um cuidadoso assobio.
- Vamos - sussurrou quase silenciosamente, - não temos muito tempo.
James sabia o que os Malignos tinham planejado, embora ele não fosse ver nada. Zane, que estava assistindo junto a seus companheiros de time da Corvinal na outra extremidade do campo, contou-lhe tudo depois. Quando Tábita e Gennifer Tellus, a capitã da Corvinal, juntaram-se a Ridcully na linha central, um estranho som começou a se formar no alto. Durante todo o dia, o céu estivera carregado e indolente, repleto de nuvens cinzentas, mas agora, quando os espectadores e jogadores olharam para cima, as nuvens começaram a girar em círculos pesados. Havia uma protuberância nas nuvens diretamente sobre o campo, espiralando sobre si mesmo, baixando cada vez mais enquanto a multidão observava. Todos se calaram, e

o som das nuvens no meio desse silêncio era um profundo e vibrante gemido, longo e ameaçador. Somente Zane olhava para o galpão de equipamentos ao canto mais distante do campo. Apenas ele pôde ver as silhuetas de Ted e Petra, agachados nos cantos da pequena janela, com as varinhas erguidas, provocando as formas nebulosas. Ele sorriu, e então, no momento preciso e quando todo o campo estava em silêncio, gritou a plenos pulmões:
- No quadribol não importa o clima, certo, Gennifer?
Houve uma onda de risos nervosos que cruzaram as arquibancadas mais próximas. Gennifer olhou para Zane por um momento, depois voltou a olhar para a protuberância que descia sobre ela. Como qualquer outro Maligno, Ted contou a ela sobre o plano, mas Zane podia ver por seu nervosismo que ela não era uma boa mentirosa. Nem Ridcully nem Tábita Corsica pareciam preparados para se mover. Corsica só olhava para as nuvens, com o cabelo açoitando selvagemmente ao redor de seu rosto, e a varinha visível em sua mão. A expressão de Ridcully parecia de sombria determinação.
- Senhoras e senhores. - a voz de Damian ressoou pelas arquibancadas desde seu lugar na cabine de imprensa. - Parece que estamos experimentando algum tipo de fenômeno atmosférico extremamente localizado. Por favor, permaneçam em seus assentos. Vocês provavelmente estejam a salvo aí. Os que estão no campo, por favor, fiquem onde estão. Os ciclones não podem vê-los se não se moverem.
Entre a multidão, alguém gritou:
- Dinossauros que fazem isso, imbecil!
- É o mesmo conceito - respondeu Damian com sua voz amplificada.
Sabrina e Noé saíram disparados do galpão, agachando-se contra o vento forte.
Correram em direção à diminuta área de concessões na base das arquibancadas da LufaLufa. O balcão estava sendo tripulado por estudantes da Lufa-Lufa, mas a comida estava sendo preparada por elfos numa cozinha na

parte de trás. Noé e Sabrina passaram ao longo da arquibancada e detiveram-se numa porta aberta.
- Ei, pessoal, estão vendo o que está acontecendo ali? - gritou Sabrina sobre o crescente ruído do ciclone. - O tempo está se tornando um tanto descontrolado, não é?
Um elfo com aparência de resmungão na parte de trás da cozinha, baixou seu cachimbo.
- E o que vocês querem que façamos a respeito, hã? Querem que disparemos uma carga de pó tranqüilizante de fada mordente pelos ouvidos, talvez?
- Eu só estava pensando na seção cinqüenta e cinco, parágrafo nove do Acordo de Coalizão dos Elfos de Hogwarts - gritou Noé, apoiando-se na porta. - Diz que os elfos são responsáveis pela segurança dos terrenos em momentos de clima inclemente. Está ficando bastante inclemente lá fora, eu diria. Talvez vocês gostariam que Sabrina e eu fechássemos e trancássemos as portas dos vestiários até que tudo acabe? Vamos lá, Sabrina.
O elfo entulhou seu cachimbo com um nó formado pela tanga que usava e saltou para adiante.
- Está certo! - ele virou-se e gritou para as profundezas da cozinha. - Oê, Pícolo, Crungue, Sid! Temos trabalho a fazer, sim. Em frente.
Os quatro elfos passaram rapidamente por Sabrina e Noé. O elfo resmungão gritava por cima do ombro enquanto avançavam.
- Muito obrigado, mestre e mestra. Agora desfrutem do jogo.
Enquanto os elfos corriam pelo vento em direção às portas dos vestiários, o ciclone finalmente tocara o campo. Golpeou a linha central a três metros à direita de Tábita Corsica, e durante vários momentos, ela o observou, fascinada. Muitas pessoas comentaram do quanto foi impressionante, era indubitavelmente o menor ciclone que já tinham visto. A grama, onde tocava, ondulava violentamente, mas o poder do tornado diminuiu significativamente após trinta metros ou mais, de forma que aqueles nas bancadas se viram relativamente pouco

afetados.
Gennifer virou-se e correu para a linha secundária do campo para se juntar a seu time. Ridcully não pareceu notar. Ainda de pé no centro do campo ao lado dele, Tábita Corsica manuseava sua varinha e olhava ao redor, agora ignorando o ciclone serpentiforme. Ela parecia estar procurando algo.
Nas profundezas do vestiário abaixo da arquibancada sonserina, James e Ralf ouviam o ruído do tornado e o ranger das bancadas quando o vento pressionava contra elas.
- Qual é? - perguntou Ralf enquanto James retirava a capa deles. - Há tantas!
James percorreu a linha de vassouras apoiadas contra os armários. Ali, ao canto mais afastado da porta, uma vassoura estava pendurada no ar como se estivesse esperando que a montassem.
- Tem que ser essa - disse ele, lançando-se em direção a ela. Eles detiveram-se, um a cada lado do objeto. De perto, a vassoura parecia estar vibrando ou zumbindo muito ligeiramente. Um barulho baixo e perturbador provinha da vassoura, audível mesmo sobre o gemido do vento e o ranger das arquibancadas.
- Pegue-a, então, James. Vai em frente, vamos sair daqui.
James estendeu a mão e agarrou a vassoura, mas esta não se moveu. Puxou-a, depois a envolveu com ambas as mãos e puxou-a com força. A vassoura estava tão imóvel que parecia ter sido enterrada na pedra.
- Qual o problema? - gemeu Ralf, olhando para a porta. - Se ainda estivermos aqui quando voltarem...
- Temos a Capa da Invisibilidade, Ralf. Podemos nos esconder - disse James, mas sabia que Ralf estava certo. O vestiário era pequeno e ali não havia maneira óbvia de sair, nem sequer se não poderiam ser vistos. - A vassoura está presa, de algum jeito. Não consigo movê-la.
- Bem - replicou Ralf, gesticulando vagamente. - é uma vassoura. Talvez você devesse montá-la.
James sentiu seu estômago afundar.

- Não vou montar essa coisa, nem mesmo se pudesse movê-la.
- Por que não?
- Não é minha! E não era grande coisa na vassoura até que ganhei minha Thunderstreak, se você não se lembra. Queremos capturar essa coisa, não pulverizá-la contra uma parede comigo em cima.
- Você melhorou bastante desde então! - insistiu Ralf. - Mesmo antes da Thunderstreak, você estava ficando muito melhor. Quase tão bom quanto Zane. Vamos lá! Eu... eu irei atrás e lançarei a capa sobre nós!
James deixou cair as mãos e revirou os olhos.
- Ralf, isso é uma completa loucura.
De repente, um som retumbante ressoou no corredor que conduzia ao campo. Sacudiu as vigas, levantando poeira por todo lado. Ralf e James se sobressaltaram. A voz de Ralf tremia de medo.
- O que foi isso?
- Não sei - replicou James rapidamente, - mas acho que nos estamos ficando sem opções. Ralf, prepare-se.
James passou a perna sobre a vassoura flutuante, que zumbia gentilmente, e segurou o cabo firmemente com ambas as mãos. Lentamente, posou seu peso sobre a vassoura, permitindo que lhe sustentasse.
Um minuto mais cedo, Tábita Corsica, suspeitara de algo. Zane viu que o olhar dela se detinha no galpão. De certa forma, Tábita sabia que o ciclone era suspeito e tinha identificado o único lugar no qual alguém poderia se esconder e lançar feitiços dentro dos limites mágicos do campo de quadribol. Zane estava pronto para saltar para o campo e evitar que ela se aproximasse do galpão. Ele já estava improvisando um plano no qual fingiria trazê-la à segurança. No entanto, ela não se aproximou do galpão. Zane viu-a dar um passo naquela direção, e depois olhar de soslaio para os elfos que fechavam e asseguravam as portas dos vestiários dos times. Tábita girou nos calcanhares e avançou decididamente em direção à porta na base das arquibancadas sonserinas.

Mesmo se Zane corresse com todas as suas forças, mal teria tempo de alcançá-la. Simplesmente ficou na expectativa de que os elfos cumprissem com suas obrigações, apesar do que Tábita dissesse.
Noé e Sabrina tinham seguido os elfos até as portas do vestiário sonserino, observando a distância como as fechavam e colocavam a viga que as assegurava em seu lugar. Sabrina viu Tábita cruzar a com muita rapidez o campo, com o rosto sombrio e a varinha em punho.
- Abram as portas - gritou Tábita, com a voz firme, mas tranqüila. Ela ergueu a varinha, apontando-a para a porta fechada.
- Sinto muito, senhorita - respondeu o elfo resmungão, inclinando-se ligeiramente. - Exigências da coalizão. Essas portas devem permanecer fechadas até que possamos abri-las sem medo de perigo ou dano.
- Abra-as agora ou saia do caminho - gritou Tábita. Já estava a apenas dez metros de distância da porta, e Sabrina via o olhar homicida no rosto de Tábita. Ela abriria inesperadamente as portas com sua varinha e, provavelmente, esmagaria os pobres elfos entre elas e a parede. Obviamente, Tábita adivinhara o que estava acontecendo e sabia que sua vassoura estava em perigo.
- Ei, Corsica! - gritou Sabrina, lançando-se para adiante, tentando colocar-se entre Tábita e as portas. - Você convocou esse ciclone, porque você é muito orgulhosa para perder contra os corvinais?
Os olhos de Tábita fixaram-se em Sabrina, mas sua expressão não mudou. Sua varinha movera-se rapidamente e apontou para Sabrina, que se deteve no ato. Noé saltou para adiante para apartar Sabrina, mas chegou tarde demais. Nenhum dos dois ouviu o feitiço que Tábita pronunciou, mas os dois viram o raio de luz verde saltar de sua varinha. Golpeou Sabrina diretamente no rosto, atirando-a para trás contra Noé. Ambos caíram no chão, seus gritos foram sufocados pelo rugido do vento e da multidão agora atordoada e confusa.
- Senhoras e senhores - ressoou a voz de Damian por cima

do barulho. - por favor, vamos dar um forte aplauso ao Sr. Cabe Ridcully, nosso querido árbitro de quadribol, que nesse momento está tentado acalmar o ciclone com uma espécie de... bem, dança ritualística, pelo que posso ver. - De fato, Ridcully parecia estar dançando ao redor do ciclone enquanto o mesmo girava pelo campo, criando uma espessa nuvem de pó e areia. Ridcully apontava com sua varinha para a extremidade do ciclone, mas cada vez que parecia conseguir fazer uma boa pontaria no mesmo, a extremidade se deslocava, lançando-se para ele e lhe obrigando a se afastar dançando. As pessoas sem dúvida começaram a aclamá-lo, de modo que poucas pessoas notavam o que estava acontecendo na base da arquibancada sonserina.

- Última chance - gritou Tábita para os elfos que guardavam a porta. Estes olharam para Sabrina que ainda estava atirada sobre Noé, as mãos cobrindo o rosto.

- Agora escute, senhora - começou o elfo resmungão, mas foi interrompido pelo raio de luz verde que golpeou as portas fechadas. Os elfos se jogaram para um lado quando a grande viga de madeira que fechava a porta explodiu no meio de uma explosão ensurdecedora e uma chuva de farpas. Tábita não diminuiu o passo enquanto se aproximava da porta. Apontou a varinha mais uma vez, pronta para lançar o feitiço que abriria as postas. Então, de repente, ela parou. Inclinou a cabeça, como se escutasse algo. Noé, esforçando-se para sair debaixo da atordoada Sabrina, ouvia também. Por baixo do som do ciclone e do rugido das arquibancadas, uma única pessoa gritava, e esse grito crescia em volume muito rapidamente.

As portas do vestiário sonserino abriram-se inesperadamente, arrancadas completamente de suas dobradiças, enquanto algo saía como um foguete por entre elas. Noé captou o mais breve dos vislumbres de alguém inclinado sobre uma vassoura que passou ao lado de Tábita Corsica tão rápido que a atirou ao chão. Corsica aterrissou num montão desajeitado a dois metros de

distância. A voz do corredor que gritava se perdeu na distância enquanto a vassoura percorria o campo como um raio, atravessava o tornado, e saía do outro lado.

James segurava a vassoura de Tábita tão fortemente quanto podia. Deixara Ralf para trás, tendo sido impulsionado em uma aceleração violentamente instantânea no momento em que montara na vassoura. Ele sentiu um impacto estrondoso quando a vassoura lançou-se pelo ciclone, então abriu os olhos e deu um forte impulso, tentando ganhar algum controle sobre a vassoura loucamente descontrolada. O campo de quadribol girava de forma nauseante sob ele quando a vassoura respondeu, lutando contra ele, mas incapaz de resistir à força de sua pressão**.** As arquibancadas da Corvinal surgiram ameaçadoras e James se esforçou para subir. Ele passou rugindo sobre a multidão, que se agachou à sua passagem, chapéus e estandartes voando atrás dele. Damian estava gritando algo na cabine, mas James não conseguia ouvi-lo sobre o rugido do vento em seus ouvidos. Arriscou olhar para trás, temendo ter machucado alguém. Não havia lesões evidentes até onde conseguiu ver. Quando se virou para adiante, dirigia-se diretamente para as arquibancadas sonserinas outra vez, de volta para onde tinha vindo. Inclinou-se na direção oposta e puxou a vassoura tão forte como pôde, conduzindo-a em uma violenta e inclinada curva. As arquibancadas sonserinas se afastaram girando. Com uma sensação de triunfo feroz, James percebeu que tinha conseguido algum controle sobre a vassoura. Olhou para adiante para ver aonde sua curva lhe levava e ofegou. Mal teve tempo de abaixar a cabeça antes de ser arremessado pela porta aberta do galpão de equipamentos.

A vassoura parecia se mover como se tivesse mente própria. O objeto passou através do túnel além do galpão e o ar do espaço confinado pressionou-lhe com força contra os tímpanos. Quando atingiu a abertura após o pedestal de Lokimagus, a vassoura virou com tanta força, passando pelo corredor que quase lançou James para longe.

A sensação de velocidade era atordoante enquanto a vassoura percorria os corredores. Felizmente, a maioria dos habitantes da escola estava lá fora no campo de quadribol para o jogo da final, deixando os corredores quase vazios. A vassoura inclinou-se e imergiu no abismo dos vãos das escadas, os quais se lançavam abaixo e em torno das escadarias enquanto balançavam e esquivavam, quase os acertando, obrigando James a se inclinar e se abraçar à vassoura tanto quanto podia. Pirraça estava próximo da base das escadas, aparentemente desenhando bigodes em algumas das estátuas. James o viu pelo canto do olho, então, surpreendentemente, Pirraça estava sentado em frente a James, encarando-o.

- Trapaça maliciosa, garoto Potter, sim! - gritou Pirraça alegremente enquanto a vassoura atirava-se por um estreito corredor de salas de aula. - Estamos tentando criar alguma competição amigável com o velho e querido Pirraça? Ha, ha!

Pirraça agarrou um lustre ao passar e deu voltas ao redor, deixando James e a vassoura mergulharem depois dele. James tentou tomar o controle, mas não serviu de nada. A vassoura estava seguindo seu próprio curso preciso, senão maníaco. Inclinou-se e mergulhou por um lance de escadas que iam para o interior das cozinhas dos elfos. Ao contrário do resto da escola, as cozinhas estavam abarrotadas e agitadas, repletas de elfos que faziam a limpeza após o jantar. A vassoura lançou-se entre as panelas enormes, forçando os elfos a cambalearem como pinos de boliche. Ouviu-se uma dissonância de pratos quebrados e talheres, um barulho que desapareceu em terrível rapidez. A lavanderia foi a próxima, quente e barulhenta, de forma sufocante. A vassoura disparou entre as máquinas de lavar, mergulhando por enormes rodas denteadas e passando sob entradas de enormes êmbolos que se moviam ruidosamente.

James ficou horrorizado ao ver que a vassoura, aparentemente tendo atingido um beco sem saída, dirigia-se diretamente para a parede de pedras, ao final do

aposento.
Ele estava prestes a saltar da vassoura, esperando aterrissar num dos tanques de cobre com água e sabão, quando a vassoura virou ligeiramente para a esquerda, em posição vertical. Havia uma portinhola no teto, e James reconheceu-a como o conduto de roupas. Cerrou os dentes e abraçou-se de novo à vassoura, a qual se lançou para dentro do conduto, num ângulo tão íngreme que James mal podia manter as pernas embrulhadas, e então havia somente escuridão repentina e pressão.
Uma pilha de roupas o encontrou a meio caminho e James balbuciou quando a massa de roupa lhe sufocou. Lutou para se livrar delas, mas não podia se arriscar a soltar a vassoura, a qual mergulhou novamente, e James pôde ver pela mudança de pressão e o frescor do ar que de alguma maneira tinha voltado a sair. Tudo o que podia ver através da massa de roupa era um fraco padrão de luzes tremeluzentes enquanto a vassoura esquivava e saltava. James arriscou-se a soltar uma mão. Agitou violentamente a roupa que estavam em torno dele, finalmente apanhando-as e puxando-as tão forte quanto podia. Livrou-se das roupas, ficando atordoado ao ver uma paisagem ofuscante de luz e vento. Ele teve tempo apenas de reconhecer que de alguma maneira, incrivelmente, a vassoura estava lhe levando de volta ao campo de quadribol. As arquibancadas agigantaram-se em direção a ele. Na base da mais próxima havia uma multidão, muitos se virando para ele, apontando e gritando. Então, de forma instantânea, a vassoura finalmente deixou de se mover. James saiu disparado da vassoura, e pelo o que lhe pareceu bastante tempo, simplesmente cambaleou sem apoio pelo ar. Finalmente, o solo lhe sustentou com um longo e sonoro golpe. Algo em seu braço direito estalou desagradavelmente e quando finalmente se deteve, encontrou-se olhando para uma dúzia de rostos aleatórios.
- Parece que ele ficará bem - disse um deles, olhando para alguém que estava perto.
- Mais do que merece - disse outra pessoa irritada,

franzindo o cenho para ele. - Tentando estragar o jogo roubando a vassoura da capitã. Eu nunca teria imaginado.
- Na realidade, não aconteceu nada - disse outra voz a mais distante. James gemeu e levantou-se se apoiando no cotovelo esquerdo. Seu braço direito palpitava horrivelmente. Tábita Corsica estava em pé a uns sete metros de distância, rodeada por uma multidão de assombrados espectadores. Sua vassoura pairava imóvel ao seu lado, exatamente onde havia parado. Tábita tinha uma mão sobre na vassoura, segurando-a sem dificuldade.
- Certamente podemos perdoar a essa criança por seu entusiasmo de primeiranista, embora eu mesma esteja bastante assombrada pelos extremos a que chegam alguns em nome do quadribol. Na verdade, James, é apenas um jogo. - ela sorriu, mostrando todos os seus dentes.
James derrubou-se de volta sobre a grama, agarrando com força o braço direito. A multidão começou a se separar quando Ridcully apareceu, abrindo caminho aos empurrões. A diretora e os professores Franklyn e Jackson vinham imediatamente atrás. James ouviu Tábita Corsica falando bem alto com seus companheiros de time enquanto dirigia-se de volta ao campo.
- As pessoas pensam que porque foi feita por trouxas, deve ser uma vassoura inferior, como podem ver. Mas magia dela é tão forte quanto a que encontraria em qualquer Thunderstreak, incluindo uma com a opção de Aprimoramento Extra - Gesticular. Esta vassoura *sabe* quem é sua dona. Tudo o que tive que fazer foi convocála. O Sr. Potter dificilmente saberia disso. De certa forma, sinto pena dele. Só estava fazendo o que sabia fazer.
McGonagall agachou-se ao lado de James, com o rosto sério e cheio de consternação.
- Realmente, Potter. Simplesmente não sei o que dizer.
- Ulna quebrada, madame - disse Franklyn, examinando o braço de James através de um estranho aparelho constituído por lentes de diferentes tamanhos e anéis de latão. Ele o dobrou de modo ordenado e o colocou no bolso interior de suas vestes. - Eu sugeriria a ala hospitalar

primeiro e perguntas mais tarde. Temos muito com o que lidar no momento.
- Muito bem - concordou a diretora, sem tirar o olhar de James. - Especialmente antes de supor que a Srta. Sacarhina e o Sr. Recreant estejam aqui em questão de horas. Devo dizer, Potter, que estou extremamente surpreendida por sua atitude. Tentar algo tão infantil nesses momentos. - ela se colocou de pé, afastando-se. - Muito bem, Sr. Jackson, se importaria de escoltar o Sr. Potter até a ala hospitalar, por favor? E, por gentileza, instrua à Madame Curio que o Sr. Potter deve ficar lá durante a noite. - ela fitou James com um olhar severo enquanto Jackson colocava-se de pé de um salto. - Quero saber exatamente onde encontrá-lo quando desejar interrogá-lo. E nada de visitas.
- Não se preocupe, Sra. Diretora - respondeu Jackson, conduzindo James de volta ao castelo.
Caminharam cinco minutos em silêncio, então, quando entraram no pátio e o ruído do campo se desvaneceu, Jackson disse:
- Ainda não saquei qual é a sua, Potter.
A dor do braço de James tinha cedido a uma pulsação cega, mas ainda era bastante incômoda.
- Desculpe, senhor?
- Quero dizer que não compreendi ainda suas intenções - disse Jackson em um tom coloquial. - Obviamente sabe você mais do que um garoto de sua idade deveria saber, e de algum modo não creio que seja simplesmente porque seja o filho do chefe dos aurores do ministério. Primeiro, você tenta roubar minha maleta, e depois esta noite você orquestra essa absurda farsa para roubar a vassoura da Srta. Corsica. E apesar do que todos os demais possam pensar, Potter - ele olhou de soslaio para James enquanto eles entravam no vestíbulo principal, erguendo suas escuras sobrancelhas castanhas, - *eu* sei que você não tinha a intenção de roubá-la para dar a Corvinal mais probabilidades no campeonato.
James pigarreou.

- Não sei do que está você falando.
Jackson não estava lhe dando a mínima atenção.
- Não importa, Potter. Seja o que for que você acha que sabe, seja o que for que você esteja tramando, depois de hoje à noite, não importará nem um pouquinho.
O coração de James saltou num golpe, e depois começou a golpear duramente em seu peito.
- Por quê? - perguntou, com os lábios estranhamente entorpecidos. - O que acontece hoje à noite?
Jackson lhe ignorou. Abriu uma das portas de vidro da ala hospitalar e manteve aberta para James. O aposento era comprido e alto, enfileirado com camas nitidamente feitas. Madame Curio, que por razões óbvias não era fã do quadribol, estava sentada em sua escrivaninha no canto dos fundos, escutando música clássica em seu rádio.
- Madame Curio, provavelmente você conhece o Sr. Potter - disse Jackson, prensando James em direção à ela. - De alguma forma, ele deu um jeito para quebrar o braço no jogo de quadribol, apesar do fato de não ser membro de nenhum dos times.

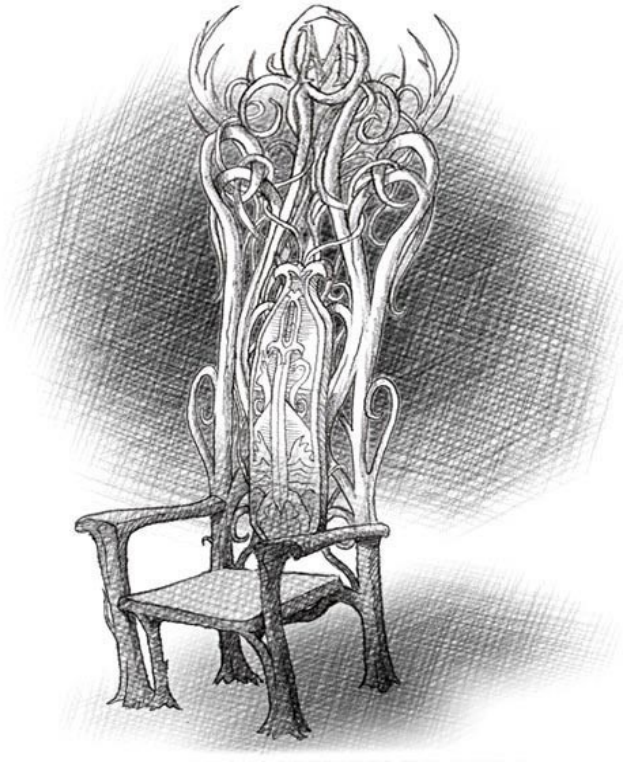
Madame Curio levantou-se e aproximou-se de James, sacudindo a cabeça.

- Delinqüentes. Nunca entenderei o que tem esse esporte que converte os indivíduos normais em homens-de-neanderthal. O que temos aqui? - ela ergueu o braço de James com cautela, tateando o rompimento. Ele assobiou entre os dentes quando ela o encontrou. Ela estalou a língua. - Uma fratura feia, claro. De qualquer forma, poderia ter sido pior, tenho certeza. Vamos consertá-lo num momento.
- Além disso - disse Jackson - a diretora me pediu para lhe pedir que mantenha Sr. Potter aqui durante a noite, madame.
Curio não tirou os olhos de sua inspeção ao braço de James.
- A Esquelesce vai demorar no mínimo até amanhã de manhã para completar seu trabalho, de qualquer maneira. Mesmo assim, é uma pequena lesão. Eu poderia mandálo

para seu quarto com uma tala.
- A diretora deseja interrogar ao Sr. Potter, madame. Ela quer que ele seja mantido sob supervisão até então. Receio que parece que o Sr. Potter é suspeito de estar envolvido num complô muito sério que poderia pôr esta escola em perigo. Eu não deveria dizer mais nada, mas eu em seu lugar colocaria sentinelas nas portas para manter longe as visitas e ao Sr. Potter dentro, pelo menos até amanhã de manhã, eu não consideraria um exagero.
- A diretora não disse isso! - exclamou James, mas sabia que seu protesto não ajudaria. De fato, quando mais protestasse, pior pareceria.
Curio ofegou e se endireitou.
- Isso tem alguma coisa a ver com a invasão daquele homem horrível ontem nas instalações? Ouvi dizer que é uma espécie de jornalista trouxa, e que ainda está aqui! É assim, não é? - ela cobriu a boca com uma mão e olhou de Jackson para James.
- Mais uma vez, eu realmente não deveria dizer nada mais, madame - replicou Jackson. - Além disso, o Sr. Potter poderia acabar sendo exonerado. Veremos em tempo.
Em todo caso - Jackson baixou os olhos para James e havia em seu rosto a mais fraca sugestão de um sorriso no canto de sua boca. - até amanhã então, James.
Ele virou-se e saiu do aposento, fechando a porta cuidadosamente atrás dele.

# - CAPÍTULO 17 -

# A Noite do Regresso



Para seu mérito, Madame Curio não permitiu que as acusações do professor Jackson a influenciasse em seu tratamento em relação a James. Ela examinou a fratura durante vários minutos, tocando e beliscando, e depois colocou cuidadosamente uma tala. Caiu numa rude mas pedante discussão sobre as aflições das lesões de quadribol, mas isso pareceu a James algo que ela havia dito centenas de vezes antes. Sua mente estava em outra coisa, e James não precisava especular sobre o que a preocupava. A invasão de Martin Prescott na escola provocara uma onda de especulação e ansiedade. Sua identidade como repórter de notícias trouxas, e o fato de que estivesse sendo retido nas habitações de Alma Aleron alimentaram uma onda de boatos. Uma nuvem de

intranqüilidade pairava sobre a escola inteira, não aliviada com o anúncio da diretora de que funcionários do Ministério estavam a caminho para negociar com o Sr. Prescott. Enquanto Madame Curio media a dose de Esquelesce, James a pegou olhando-lhe duvidosamente, de cima para baixo.

*Alguém* tinha que ter deixado o intruso entrar, depois de tudo. Porque não este novato primeiranista, filho do auror chefe? James sabia que algumas pessoas - aquelas que acreditavam nas mentiras do Elemento Progressivo - esperariam dele tal façanha.

Mais cedo naquele dia, ouvira uma voz entre um grupo de estudantes dizendo: "*Faz sentido, não? Toda a linha dos aurores se baseia em que a lei do sigilo é nossa única proteção contra os supostos caçadores trouxas de bruxas. Então o eles que fazem? Deixam que esse cara entre aqui e nos assuste, fazendo-nos pensar que há trouxas escondidos na floresta, por trás de cada arbusto, com uma tocha, prontos para nos queimar na fogueira. É ilógico. Digo que lhe permitam fazer a sua história. Isso demonstrará como o Ministério trapaceia por poder*".

- Pronto - disse Madame Curio, endireitando-se. - Tudo terminado. Você sentirá algum formigamento e comichão durante a noite, enquanto que o osso cresce. É perfeitamente normal. Não mexa com a tala. A última coisa que você vai querer é que os ossos cresçam tortos. A solução para isso seria romper o osso novamente e começar desde o começo, e não queremos isso, sem dúvida. Agora, - acenou para a fila de camas. - Escolha aquela que você gostar. Ocuparei-me de que lhe tragam o café da manhã pela manhã. Sinta-se à vontade.

James lançou a sua mochila sobre uma das mesas de cabeceira e subiu para a cama incomumente alta. Era uma cama muito confortável, e por boas razões, todos os colchões da enfermaria haviam sido impregnados de Feitiços de Relaxamento. Os feitiços, no entanto, não haviam afetado aos pensamentos de James, que estavam

obscuros pela frustração e a ansiedade. O professor Jackson admitira que essa noite se tratava de uma noite de suprema importância. Já não era mera especulação. E ali estava James, encravado na enfermaria, simplesmente capturado pela ardilosa interpretação do professor Jackson das instruções da diretora McGonagall. Sozinho pela primeira vez desde a tentativa de roubo da vassoura, James sentiu todo o impacto do que acontecera no campo de quadribol. Parecera um plano maluco desde o princípio, mas não mais que o plano para obter com a maleta do professor Jackson, e *esse* funcionara, não? Tudo havia ido bem, até agora. Era como se uma parede de tijolos invisível os tivesse bloqueado de repente, detendo seu progresso no último instante. Inegavelmente, o cajado de Merlim era a mais poderosa das três relíquias. Agora, Corsica, Jackson e Delacroix provavelmente estavam preparando-se para reunir as relíquias, sem saber que restava a túnica, mas com as duas relíquias mais importantes em posse.

Apesar da sua ansiedade, James tinha começado a vagar para a sonolência sob a influência do colchão enfeitiçado. Agora, se sentou ereto, com o coração batendo com força no peito. O que aconteceria quando Jackson abrisse a sua maleta e encontrasse a capa de Ralf em vez da túnica de Merlim? O Feitiço *Visum-ineptio* se quebraria, não? Jackson veria a maleta pelo o que era. Ele reconheceria, e lembraria daquele dia na aula de Tecnomancia, quando James, Ralf e Zane haviam utilizado a falsa mala para lhe enganar. Ele pensara que haviam falhado, inclusive referira-se a isso enquanto levava James à ala hospitalar. Certamente compreenderia que não falharam. Jackson era esperto. Saberia qual dos garotos possuía a túnica verdadeira. Nem Zane, nem Ralf, mas James. O garoto que ele ainda não havia ‘sacado’. Será Jackson viria à ala hospitalar exigir a túnica? Não, enquanto James pensava, soube que Jackson não iria. Se dirigiria diretamente ao baú de

James no dormitório dos garotos na torre da Grifinória. Provavelmente reclamaria estar procurando pistas sobre o envolvimento de James no inominável e perigoso complô contra Hogwarts. Jackson certamente conseguiria abrir o baú de James, e então recuperaria a túnica. Tudo o que James, Ralf e Zane, e inclusive os Malignos haviam arriscado teria sido em vão. Sem dúvida, tudo estaria acabado, e não havia nada que James pudesse fazer em relação a isso.

James golpeou a mesinha com o punho, cheio de frustração. Madame Curio, que estava sentada em sua escrivaninha ao canto, ofegou e levou uma mão ao peito. Olhou para James, mas não disse nada. James fingiu não vê-la.

Sua mochila escorregara para o lado quando golpeara a mesa com o punho. Resolutamente, apanhou a mochila e a abriu. Retirou seu pergaminho, sua tinta e uma pena. Ele sabia que, em circunstâncias normais, Madame Curio nunca permitiria um paciente ter um pote de tinta aberto sobre seus imaculados lençóis brancos, mas até onde estava informada, abrigava a um indivíduo potencialmente perigoso. Melhor não provocá-lo. James inclinou-se sobre o pergaminho e escreveu rápida e desajeitadamente, com o braço entalado, sem sequer perceber a maneira como sua mão borrava as letras úmidas.

*Querido pai,*

*Sinto muito ter pego o Mapa do Maroto e a Capa da Invisibilidade. Eu sabia que não devia ter feito isso, mas precisava deles, e acho que se você faria o mesmo em meu lugar, então espero que você não esteja muito zangado. Sei que não tenho a mínima de isso ocorrer com a mamãe, mas intercede um pouco, vai?*

*A razão pela qual os peguei foi porque descobri*

*algo verdadeiramente preocupante e horripilante que está acontecendo aqui, na escola. Alguns dos professores americanos estão envolvidos nisso, embora não Franklyn. Ele é legal. O E.P. também está envolvido. Não quero lhe falar disso por carta, mas mesmo que eu me meta num grande problema com você e a mamãe, preciso que você venha. Pode estar aqui amanhã? A Srta. Sacarhina diz que você está numa missão importante e que você não pode ser incomodado, então talvez você não possa, mas tente, certo? É realmente importante e preciso de sua ajuda.*

*Te amo,*
*James*

James dobrou o pergaminho e amarrou-o com um pedaço de corda. Ele não sabia como o enviaria, mas se sentia melhor o tendo escrito. Lembrou como tivera intenção de escrever para o seu pai lhe falando do complô de Merlim quando eles capturaram a túnica, e se recriminou a si próprio por não tê-lo feito logo. Ele pensara, naquele tempo, que suas razões para não contar a seu pai eram viáveis, mas agora que estava aprisionado na enfermaria na noite decisiva da conspiração Merlim, e sabendo que, apesar de tudo, Jackson possivelmente podia recuperar a túnica, parecia estúpido e arrogante que não tivesse escrito a seu pai antes.
Uma idéia o golpeou e vasculhou sua mochila outra vez. Um momento depois, segurava o patinho de borracha Weasley em suas mãos. Ainda havia a mensagem de Zane escrita na parte inferior: *Lavanderia!* James afundou a caneta e o riscou com uma linha. Embaixo, escreveu: *Ala hospitalar: enviem Nobby para a janela oeste*. Assim que terminou, deu ao pato um forte aperto. *Bastardo insignificante*, grasnou.

No canto, Madame Curio se sobressaltou novamente e olhou de forma acusadora para James. Criminoso potencial ou não, claramente pensava que seu comportamento era inconcebivelmente grosseiro.
- Sinto muito, madame - disse James, erguendo o patinho de borracha. - Não fui eu. Foi meu pato.
- Estou vendo - disse ela com óbvia desaprovação. - Talvez seja um bom momento para que me retire por esta noite. Você não, eh, precisará de nada, certo?
James negou com a cabeça.
- Não, madame. Obrigado. De qualquer maneira, meu braço parece estar muito melhor.
- Não mexa nele, como já disse, e você estará recuperado pela manhã, espero.
Ela pôs-se de pé e passou apressadamente por James em direção às portas de vidro. Duas figuras podiam ser vistas através do vidro fumê, e James soube que eram Filia Goyle e Kevin Murdock, ambos gentilmente enviados pelo professor Jackson para vigiar as portas.
Madame Curio abriu as portas e saiu, dando boa noite às sentinelas. A porta fechou-se atrás dela e James ouviu o trinco ser posto em seu lugar. Suspirou com frustração e, em seguida, sobressaltou-se quando seu patinho de borracha grasnou um insulto ao seu lado. James o ergueu e olhou a parte de baixo. Abaixo de sua mensagem havia uma nova linha de letras negras: *Abra a janela: dez minutos*.
James sentiu-se um pouco melhor. Não estivera seguro de que Ralf ou Zane estivessem em posição de ouvir ou responder aos seus patos. De fato, ele não sabia nada do que tinha acontecido com o resto dos Malignos. Estava cautelosamente confiante de que nenhum tivesse sido capturado, embora a situação de Ralf, abandonado no meio do vestiário da Sonserina, provavelmente fosse pior do que qualquer outro. Não obstante, percebeu que inclusive Ralf havia se saído bem dessa. Uma vez que todos tinham visto James saírem disparada do vestiário

montando a vassoura de Tábita, provavelmente a atenção focalizou-se em sua corrida selvagem, e depois em Tábita convocando a sua vassoura, trazendo os dois de volta ao campo. Mais provavelmente, Ralf escapara nesse momento e retornado ao galpão, juntamente com os Malignos.

Ele observava o relógio que sobre a escrivaninha de Madame Curio enquanto os dez minutos tiquetaqueavam. Lutou contra o impulso de ir abrir a janela antes que os dez minutos tivessem passado. Se Madame Curio voltasse e lhe visse em pé junto à janela aberta, suspeitaria de uma traição apesar do fato de a janela estar a dez metros do chão. Finalmente, quando o ponteiro dos minutos tomou seu lugar, marcando oito e quinze, James saltou para fora da cama. Apanhou a carta da mesa e correu rapidamente para a janela mais afastada à direita. A trava cedeu com facilidade e James abriu a janela para a noite fresca e brumosa. O céu finalmente se abriu, revelando um pó prateado de estrelas, mas não havia sinal de Nobby. James inclinou-se sobre a janela, assomando-se ao longo do parapeito, e uma monstruosa forma silenciosa surgiu ameaçadoramente da escuridão aproximando-se dele, apagando as estrelas. Caiu sobre ele pesadamente, cobrindo-lhe, e sacou seu corpo para fora da janela antes que tivesse tempo de gritar pedindo ajuda.

A figura o apertou, deixando-lhe sem ar de forma que o fôlego escapou num silvo. Bem abaixo uma voz disse num sussurro:

- Não tão forte! Você vai esmagar os ossos dele!

James ficou surpreso ao reconhecer a voz de Zane. A mão gigantesca afrouxou-se um pouco e James viu passar metros de giganta enquanto era descido ao solo.

- Bem feito, Prechka! - gritou Zane, dando umas palmadinhas na canela da giganta. Ela rosnou alegremente e abriu a mão, fazendo James girar até o chão entre seus pés enormes.

- Pensava que vocês iriam apenas trazer Nobby! - ofegou James, levantando-se.
- Idéia de Ted - disse Ralf, saindo das sombras de um arbusto próximo. - Ele sabia que você iria querer sair e ver toda essa coisa sobre Merlim, especialmente agora. Ele foi atrás de Grope na hora em que você foi levado por Jackson. Grope encontrou Prechka, que é suficientemente alta para atingir a ala hospitalar e nós estávamos apenas procurando uma forma de conseguir que você se aproximasse da janela quando nos mandou o grasnido. Achamos que tudo correu bem.
- Eu diria - disse James, esfregando as costelas com o calcanhar da palma esquerda, - que é uma sorte que ela seja canhota ou provavelmente eu precisaria de outra dose completa do Esquelesce para meu braço. Ela deu um *apertão*! A propósito, onde está o Teddy?
- Prisão domiciliar na Grifinória, junto com o resto dos Malignos - disse Zane, encolhendo os ombros. - McGonagall sabe que estavam envolvidos no plano para roubar a vassoura, mas ela não pode provar ainda. Provavelmente deixará correr... ela tem sapos maiores para dissecar com Recreant e Sacarhina aqui... mas Jackson teve a idéia de deixar todos os Malignos fora de cena até amanhã, quando todo esse assunto com esse tal de Prescott for resolvido. Teddy foi mandado para a sala comunal da Grifinória na hora em que voltou da floresta com Grope. Todo mundo está lá exceto
Sabrina, que sofreu uma maldição de gigantismo bastante desagradável lançada pela Corsica. O nariz dela está do tamanho de uma bola de futebol. Não se pode fazer nada com aquilo a não ser dormir, aparentemente. Acho que estávamos sob vigilância, só que Jackson acredita que Ralf é tolo demais para estar envolvido no assunto da vassoura e eu tinha o álibi perfeito, estando ali mesmo no campo o tempo todo. Então aqui estamos.
Qual é o plano, James?

James olhou de Zane, Ralf e Prechka, e depois respirou fundo.
- O mesmo de antes. Temos que ir à Fortaleza da Gruta e deter Jackson, Delacroix e a qualquer outro que esteja envolvido. Ainda precisamos capturar o cajado de Merlim, se pudermos, e o que é mais importante, nós temos que escapar para poder testemunhar sobre quem está envolvido.
- Isso, isso - concordou Ralf.
- Mas primeiro - disse James, sustentando no alto a carta que escrevera para seu pai. - Tenho que enviar isso. Eu deveria tê-lo feito há semanas, mas melhor tarde do que nunca. Teddy tinha razão. Se não tivéssemos pedido ajuda aos Malignos, ainda estaria preso lá em cima, na ala hospitalar.
- Se não tivéssemos pedido ajuda aos Malignos você não teria terminado ali em primeiro lugar - resmungou Ralf, mas sem muita convicção.
- Zane - disse James, virando-se para ele e enfiando a carta no bolso. - que horas o alinhamento dos planetas deveria acontecer?
- Às nove e cinqüenta e cinco - respondeu Zane. - Temos apenas uma hora e meia.
James assentiu.
- Me encontrem na orla da floresta perto do lago em quinze minutos. Tragam Prechka se quiser vir.
Zane ergueu os olhos para a escura massa da giganta.
- Não acho que poderíamos nos livrar dela se quiséssemos. Parece que ela gosta de ajudar.
- Excelente. Ralf, você tem a sua varinha?
Ralf sacou sua varinha ridiculamente grande do bolso de trás. A ponta verde limão brilhava de forma estranha na escuridão.
- Não saia de casa sem ela - disse.
- Certo, mantenha a postos. Você está de plantão. Tente se lembrar de tudo o que aprendemos em D.C.AT. e esteja-se pronto para pôr em prática. Então, é isso.

Vamos lá.
James atravessou a toda pressa as sombras dos corredores, tentando se mover ao mesmo tempo rapidamente e sem levantar suspeitas, o que era um desafio e tanto. Ele chegou ao buraco do retrato exatamente quando Estevan Metzker saía.
- James! - disse Estevan, pestanejando em surpresa. - O que você está fazendo aqui? Você não devia estar... - ele se deteve e olhou em volta para os corredores escurecidos. - Entre antes que alguém veja você.
- Obrigado, Estevan - disse James, agachando-se para entrar pelo buraco do retrato.
- Por nada - replicou Estevan. - Agora falo sério. Eu não vi você, e você não me viu. Não faça com que me arrependa disso.
- Arrepender-se do quê? Nada aconteceu.
Estevan saiu para corredor enquanto o retrato da Mulher Gorda fechava-se atrás de James. Os Malignos, exceto Sabrina, estavam reunidos próximos à lareira com aspecto mal-humorado e agitado.
Noé avistou James e sentou-se ereto.
- Vejo que Prechka encontrou a quem procurava.
Os outros se viraram e sorriram maliciosamente.
- O que você faz aqui? - disse Ted, ficando sério. - Ralf e Zane tinham acabado de sair para lhe buscar. Levou-nos a metade da noite planejar tudo após o desastre no campo de quadribol, então está ficando bastante tarde. Você deveria estar indo para a ilha. Quer que vamos com vocês?
- Não, vocês já estão metidos em muitos problemas. Só vim para enviar isso - ergueu a carta. Ted assentiu com aprovação, pressentindo para quem era. - Me encontrarei com Ralf e Zane na floresta em dez minutos.
- Eu quero ir - disse Noé, levantando-se. - Corsica amaldiçoou a Sabrina. Quero retribuir o favor.
James balançou a sua cabeça.
- Vocês três têm um trabalho diferente essa noite, e pode

envolver uma maldição ou duas. Se Ralf, Zane e eu falharmos, Jackson ou algum outro provavelmente aparecerá por aqui procurando a túnica de Merlim. Vocês três tem que protegê-la. Se alguém vier procurá-la vocês tem que detê-lo, não importa como. Odeio pedir isso a vocês, mas...
poderiam fazer isso?
Petra assentiu e olhou para Noé e Ted.
- Não há problema. Mas tanto quanto gostaríamos de ter a oportunidade de nos encarregar daqueles caras, tente não falhar, certo?
James assentiu, e depois se virou e correu escadas acima para os dormitórios dos garotos. O aposento estava escuro e silencioso, exceto por uma vela próxima da porta do banheiro diminuto. Nobby, não tinha o princípio de ficar no corujal e continuava a aparecer na janela de James, estava dormindo em sua gaiola.
- Nobby - sussurrou James com urgência. - tenho uma mensagem para que você entregue ao papai. Sei que é tarde, mas é realmente importante.
O enorme pássaro alçou a cabeça de debaixo da asa e estalou o bico de forma sonolenta. James abriu a porta da gaiola, deixando Nobby saltar sobre a mesa. Quando o bilhete estava atado à pata estendida de Nobby, James abriu a janela.
- E dessa vez, quando voltar, vá para o corujal. Por mais agradável que seja ter você por perto, vai me meter em mais problemas ainda. Certo?
A coruja olhou para James com seus olhos enormes e inescrutáveis, depois saltou do parapeito da janela. Com um golpeio repentino de asas, Nobby lançou-se à escuridão.
James estava prestes a descer as escadas quando seu olhar captou o volume escuro do seu baú. Estava ligeiramente fora de sua posição normal? Sentiu um súbito e frio temor. Talvez Jackson já tivesse a túnica. Talvez tinha checado sua maleta antes de sair para a

Fortaleza da Gruta, só para se assegurar, e tinha descoberto a mudança. Certamente, os Malignos lá embaixo teriam visto Jackson entrar e sair, mas mais uma vez, talvez não. Como James compreendera antes, Jackson era esperto. Talvez se disfarçara, ou talvez pedira a Madame Delacroix que utilizasse sua habilidade de Fisioaparição Remota para simplesmente aparecer no dormitório dos garotos e capturar a túnica diretamente. Novamente, Ted mencionara que Zane e Ralf tinham estado ali, planejando tudo depois do desastre ocorrido no quadribol. James tinha que saber. Agachou-se perto do baú e sacou a varinha. A fechadura abriu-se ao seu comando, e ele remexeu o conteúdo até que encontrasse a maleta enterrada no fundo. Ainda estava ali, mas ligeiramente aberta. James ofegou de medo, então tateou dentro do objeto. Seus dedos encontraram as dobras aveludadas do tecido. Podia até mesmo cheirar a fragrância fantasmagórica de folhas, terra e os ventos vivificantes. Ele deixou escapar um enorme suspiro de alívio.

Com o baú aberto, James perguntou-se se tinha algo que pudesse necessitar em sua aventura na ilha. Olhou ao redor do monte de roupas bagunçadas e utensílios que havia à beira da sua cama. Depois de considerá-lo um momento, apanhou o Mapa do Maroto e a Capa da Invisibilidade. Fechou o baú, utilizando a sua varinha, e então, tendo deixado sua mochila sobre a mesa da enfermaria, enfiou o mapa e a capa numa mochila de couro que sua mãe tinha lhe dado no início do ano. Ele virou-se e desceu as escadas rapidamente, parando apenas para lembrar Noé, Petra e Ted e a respeito dos poderes de Delacroix.

- Não se preocupe - disse Noé, levantando-se de um salto e se dirigindo para as escadas. - Nos revezaremos para vigiar seu baú. Turnos de hora em hora, certo, Teddy?

Ted assentiu. Satisfeito, James passou agachado através do buraco do retrato para ir ao encontro de Ralf e Zane.

Cinco minutos depois, quando saía do pátio para os terrenos, os olhos de James estavam demasiadamente ofuscados pelas luzes interiores para ver claramente na escuridão. Andou com cuidado pela ladeira que ia em direção ao lago até que ouviu Zane assobiar, aparentemente tentando imitar um pássaro. O som vinha de sua esquerda, e enquanto James se virava para lá, finalmente pôde discernir o vulto da giganta em pé à orla da floresta. Zane e Ralf estavam debruçados ali perto.

- Essa foi demais, não foi? - disse Zane, sorrindo. - Eu vi isso num filme de James Bond. Achei que você apreciaria.

- Legal - assentiu James. O frio do ar noturno desceu sobre ele e James sentiu uma sensação selvagem de excitação e medo. Esse era o momento. Não havia como voltar atrás. Agora mesmo sua ausência na ala hospitalar provavelmente estava sendo descoberta. Pode ser que tivessem problemas amanhã, mas se fracassassem agora ainda teria problemas piores por vir. James ergueu os olhos para Prechka.

- Ela vai nos deixar subir em seus ombros? É a única forma de chegar lá a tempo.

Prechka ouviu-lhe. Em resposta, agachou-se, fazendo que a terra se estremecesse quando seus joelhos golpearam a encosta.

- Prechka ajuda - disse ela, tentando evitar que sua voz retumbasse. - Prechka leva os pequeninos. - ela sorriu para James e sua cabeça, agora ao nível de James, era quase tão alta como ele. Zane, Ralf e James subiram por turnos por seu braço e até os grandes ombros caídos da giganta. James precisou que Ralf e Zane lhe ajudassem,

já que seu braço direito entalado quase não lhe servia de nada. Quando Prechka se pôs em pé, foi como montar um elevador até a copa das árvores. Sem uma palavra, a giganta começou a atravessar a floresta. Os ramos superiores das árvores gemiam ocasionalmente no seu caminho quando Prechka as empurrava para um lado como se fossem juncos.
- Como ela sabe aonde tem que ir? - perguntou James baixinho. Ralf encolheu os ombros.
- Grope lhe disse. Não sei como, mas aparentemente é coisa de gigantes. Simplesmente lembram onde têm estado e como chegar. Provavelmente é assim como encontram as cabanas de cada um nas montanhas. Eu não entendi a linguagem de forma alguma, mas parece que ela está muito segura de si mesma.
Montar sobre Prechka foi uma experiência totalmente diferente à de montar sobre Grope. Onde o gigante tinha sido cuidadoso e delicado, a giganta cambaleava e esmagava, seus passos faziam com que seu corpo estremecesse, sacudindo os garotos. James imaginou que era como estar montando em um metrônomo ambulante gigantesco. A floresta passava deslizando, sombria ao ser vista daquela perspectiva estranha e elevada, como se estivesse para alcançar o céu. Depois de um momento,
James deu um puxão na túnica de tecido grosso da giganta
- Pare aqui, Prechka. Estamos quase lá e não quero que nos ouçam chegar, se pudermos evitar.
Prechka estendeu uma mão, detendo-se contra um enorme e nodoso carvalho. Cuidadosamente agachou-se e os garotos saltaram de seus ombros, deslizando por seu braço até o chão.
- Espere aqui, Prechka - disse James ao enorme e desajeito do rosto da giganta. Ela assentiu lenta e seriamente, e se colocou de pé outra vez. James só esperava que ela entendesse seus desejos melhor que

Grope, o qual saíra à procura de comida após apenas alguns minutos quando os levara ali no ano passado.
- Por aqui - disse Zane, apontando. James podia ver o lampejo da luz lunar sobre a água através das árvores. Tão silenciosamente quanto possível, os garotos abriram caminho entre os troncos das árvores e o matagal. Em poucos minutos, emergiram no perímetro do lago. A ilha da Fortaleza da Gruta podia ser vista mais adiante na borda do lago. Erguia-se monstruosamente, tendo se tornado mais gótica e atingido proporções colossais para sua noite decisiva. A ponte de cabeça de dragão estava claramente visível, com a boca escancarada, agradavelmente dando as boas-vindas e ameaçando ao mesmo tempo. James ouviu Ralf engolir em seco. Silenciosamente, dirigiram-se em direção á ponte.
Quando atingiram a abertura da ponte, a lua saiu de trás de uma grande quantidade de nuvens etéreas e a ilha da Fortaleza da Gruta se desvelou completamente sob seu brilho. Já não havia praticamente nenhum indício da selvagem e arbórea natureza da ilha. A ponte de cabeça de dragão era uma cuidadosa escultura de horror, abrindo as mandíbulas diante deles. Em sua garganta, o portão incrustado de vinhas estava com um aspecto tão sólido e ornamentado como se fosse ferro forjado. James podia ler claramente o poema inscrito nelas.
- Está fechado - sussurrou Zane, bastante esperançosamente. - Isso significa alguma coisa?
James sacudiu a cabeça.
- Não sei. Vamos, vamos ver se podemos entrar.
Em fila indiana, os três atravessaram a ponte na ponta dos pés. James, na liderança, viu como a mandíbula superior da ponte se abria mais ainda enquanto se aproximavam do portão, que não rangeu desta vez. O movimento foi silencioso e mínimo, quase imperceptível. Os portões, no entanto, permaneciam firmemente fechados. James fez que ia sacar sua varinha, e então se deteve, sussurrando de dor. Esquecera-se da tala em seu

braço direito fraturado.
- Ralf, você terá de fazer isso - disse James, afastando-se para o lado para que Ralf se adiantasse. - Não consigo usar a varinha. Além disso, você é o gênio dos feitiços.
- O q... o que devo fazer? - gaguejou Ralf, sacando a varinha.
- Só utilize o Feitiço de Destravamento.
- Epa, espere! - disse Zane, erguendo a mão. - A última vez que tentamos quase acabamos sendo devorados pelas árvores, lembram?
- Isso já passou - disse James razoavelmente. - A ilha não estava pronta. Esta noite é a razão da sua existência, acho. Ela nos deixará passar desta vez. Além disso, este aqui é o Ralf. Se alguém pode fazer isso, esse alguém é ele.
Zane fez uma careta, mas não pôde oferecer qualquer argumento. Deu um passo para trás, deixando espaço para Ralf.
Ralf apontou nervosamente com sua varinha para as portas, a mão tremendo. Ele pigarreou.
- Como é? Sempre me esqueço!
- *Alohomora* - sussurrou James encorajadamente. - Ênfase na segunda e a quarta sílaba. Você fez isso um montão de vezes. Não se preocupe.
Ralf endureceu-se, tentando interromper o tremor de seu braço. Respirou fundo e, com a voz trêmula, pronunciou o feitiço.
Imediatamente as vinhas que formavam os portões começaram a se afrouxar. As letras do poema dissolveram-se em cachos e gavinhas, contraindo-se da forma arbórea das portas. Após alguns segundos, as portas abriram-se silenciosamente.
Ralf olhou para trás em direção a James e Zane, com os olhos arregalados e preocupados.
- Bem, funcionou, suponho.
- Eu diria que sim, Ralf - disse Zane, adiantando-se. Os três adentraram cautelosamente a escuridão além dos

portões.
O interior da Fortaleza da Gruta era circular e estava em sua maior parte vazia, rodeada por árvores que tinham crescido até formar pilares, que suportavam um teto grosso em forma de cúpula de ramos e folhas primaverais. O chão era pavimentado de pedra, formando degraus que desciam em direção ao centro. Ali, no mesmo centro, um círculo de terra estava iluminado por um feixe de luz lunar, que atravessava um buraco ao centro da cobertura abobadada. O trono de Merlim estava ao meio desse feixe lunar e, diante dele, recortada contra a luz, de costas para eles, estava Madame Delacroix.
James sentiu-se fraco com o medo. Congelou ali mesmo, e somente de forma distante sentiu a mão de Ralf procurando-lhe às cegas, empurrando-lhe para trás para o interior da sombra de um dos pilares de madeira. James cambaleou um pouco, e depois se agachou atrás da massa de árvore, junto a Ralf e Zane. Cuidadosa e lentamente, James assomou-se, com os olhos abertos e o coração acelerado.
Delacroix não se movera. Ainda estava de costas a eles e ainda olhava imóvel para o trono. O trono de Merlim era alto, de espaldar reto e estreito. Era feito de madeira polida, mas de certa forma era mais delicado do que James esperava. Em sua maior parte era formado por enredadeiras e folhas, retorcidas e emaranhadas. As únicas peças sólidas eram o assento e o centro do espaldar. O trono parecia como se tivesse crescido em vez de ter sido esculpido, como a própria Fortaleza da Gruta. Ninguém mais estava à vista. Aparentemente, Delacroix tinha chegado cedo. James estava se perguntado quanto tempo ela ficaria ali em pé, imóvel, observando o trono, quando se ouviu o som dos passos de alguém mais atrás deles, na ponte de cabeça de dragão. James conteve o fôlego, e sentiu Ralf e Zane agachar-se tanto quanto podiam junto a ele, ocultando-

se entre as ervas que rodeavam os limites da Fortaleza.
A voz de um homem pronunciou em tom baixo uma ordem em algum estranho idioma que James não reconheceu. Soou ao mesmo tempo belo e assustador. Produziuse um som quando os portões de vinhas se despregaram outra vez, e depois passos estalando cavernosamente sobre os degraus de pedra. O professor Jackson surgiu, caminhando resolutamente até o centro da Fortaleza de Gruta, pelas costas de Madame Delacroix.
- Professor Jackson - disse Madame Delacroix, seu forte sotaque tilintou na tigela de pedra que era a Fortaleza. - Você nunca deixa de cumprir as minhas expectativas - disse sem virar.
- Nem você as minhas, madame. Chegou cedo.
- Eu estava saboreando o momento, Teodoro. Tem sido uma longa espera. Estaria tentada a dizer “longa demais”, se acreditasse na casualidade. Não acredito, obviamente. Está destinado a ser desta forma. Fiz o que estava destinada a fazer. Inclusive você realizou a função a qual você estava preordenado realizar.
- Realmente acredita nisso, madame? - perguntou Jackson, detendo-se vários passos atrás de Delacroix. James percebeu que Jackson possuía sua varinha de castanheira em sua mão. - Estou curioso. Eu, como você sabe, não acredito em casualidades tampouco em destino. Acredito em escolhas.
- Não importa em que você acredita, Teodoro, desde que suas escolhas o levem aos fins corretos.
- Tenho a túnica - disse Jackson sem rodeios, abandonando seu fingimento de conversa educada. - Sempre a tive. Você não a tirará de mim. Estou aqui para assegurar isso. Estou aqui para detê-la, Madame, apesar de seus melhores esforços para me afastar.
James quase engasgou. Cobriu a boca com as mãos, contendo-a. Jackson estava ali para detê-la! Mas de que forma? James sentiu uma fria apreensão descer sobre

ele. Próximo a ele, Ralf suspirou quase silenciosamente:
- Ele disse...
- Psiu! - assobiou Zane com urgência. - Escutem!
Delacroix estava emitindo um som estranho e rítmico. Seus ombros chacoalhavam ligeiramente, e James percebeu que ela estava rindo.
- Meu caro, caríssimo Teodoro, nunca tentei impedi-lo. Porque, se a mim não fosse permitida uma simbólica resistência de sua presença nesta viagem, você nunca teria escolhido vir de forma alguma. Sua teimosia e suspeitas são minhas melhores ferramentas. E precisava de você, professor. Precisava do que você tinha, o que você acreditava tão ardentemente proteger.
Jackson enrijeceu-se.
- Acredita que fui tolo o bastante para trazer a túnica comigo esta noite? Então você é mais arrogante do que pensei. Não, a túnica está segura. Está protegida com as melhores azarações e feitiços contra-convocatórios já criados. Sei disso, pois foram criados por mim. Você não a encontrará, como estou certo disso.
Porém, Delacroix gargalhou com mais severidade. Ainda não havia se virado. O feixe de luz iluminando a cadeira parecia se tornar mais intenso, e James percebeu que se tratava da luz acumulada dos planetas. Eles estavam em movimento. A hora do Vestíbulo da Travessia dos Titãs estava próxima.
- Oh, professor, sua confiança me regozija. Com inimigos como você, meu sucesso é saboroso. Acha que eu não sabia desde o começo que você mantinha a túnica de Merlino em sua maleta todo o tempo? Acha que eu não estava agindo para que a túnica fosse entregue a mim a partir do momento em que eu chegasse aqui? Não tive que erguer um só dedo, e mesmo assim a túnica vem até mim espontaneamente nesta exata noite.
Um pensamento horrível passou pela cabeça de James. Lembrou-se do dia da aula de Defesa Contra as Artes das Trevas, quando Jackson seguia Franklyn para dentro

da classe, falando em voz baixa. Madame Delacroix apareceu à porta para dizer a Jackson que sua classe estava lhe esperando. Naquele momento, James baixou os olhos e a maleta se abrira misteriosamente. Era possível que Madame Delacroix tivesse causado aquilo de forma que James olhasse para o que estava dentro? Ela tentou usá-lo de alguma maneira? Lembrou-se de Zane e Ralf dizendo que a captura da túnica tivera sido muito fácil. De alguma forma, fácil demais. Ele estremeceu.
- James - suspirou Ralf com urgência. - você não trouxe a túnica com você, trouxe?
- Claro que não! - respondeu James. - Não sou maluco!
Zane se inclinou para manter sua voz a mais silenciosa possível.
- Então, o que há na mochila?
James sentiu o terror e a fúria misturando-se em seu interior.
- O Mapa do Maroto e a Capa da Invisibilidade!
Ralf alcançou e agarrou com firmeza os ombros de James, virando-o de modo que ficassem cara a cara. A expressão no rosto de Ralf estava pavorosa.
- James, você não está com a Capa da Invisibilidade! - disse asperamente, sua voz estalando. - Eu estou! Você a deixou comigo no vestuário da Sonserina, lembra? Eu a usei para escapar! Está em meu baú, no dormitório dos garotos!
James simplesmente fitou Ralf, petrificado. Abaixo deles, ao centro da Fortaleza da Gruta, Madame Delacroix continuava a tagarelar.
- Sr. James Potter, - chamou ela entre sua risada. - por favor, sinta-se livre para juntar-se a nós. Traga seus amigos se desejar.
James sentiu-se enraizado onde estava. Não desceria para ali, obviamente. Não correria. Sabia agora que possuía a túnica de Merlino dentro de sua mochila, que fora ludibriado para trazê-la consigo, ludibriado para

pensar que se tratava da Capa da Invisibilidade. Agora era o momento de fugir. E já não podia. Ralf o empurrou, insistindo que deveriam ir, mas Zane, do outro lado de James, lentamente se levantou e puxou para fora sua varinha.
- A rainha do vodu acha que é bastante esperta - disse ele com a voz elevada, passando em torno do pilar e apontando a varinha para ela. - Você é tão repugnante quanto maligna. *Estupefaça!*
James engasgou assim que o jato de luz vermelha disparou da varinha de Zane. O feitiço golpeou Madame Delacroix diretamente nas costas e James ficou atento se ela desmoronaria inconsciente. Contudo, ela nem sequer se moveu, e James estava consternado em ver que o jato de luz vermelha passara diretamente por ela, atingira o chão próximo do trono e desapareceu inofensivamente. Delacroix ainda estava rindo quando se virou para encarar Zane.
- Eu, repugnante? - sua risada cessou totalmente quando seu olhar encontrou Zane. Ela não estava mais cega ou velha. Era, de fato, sua versão espectral projetada de si mesma. - Maligna? Talvez, mas somente como um passatempo. - o espectro de Madame Delacroix ergueu uma mão e Zane foi rudemente elevado do chão. Pareceu estar preso ali, como se estivesse engatado. - Se eu realmente fosse maligna, eu lhe mataria agora, não? - ela sorriu para ele, e então se virou, apontando seu braço para o local onde James estava escondido. - Sr. Potter, por favor, é tolice sua opor-se a mim. Você, acima de tudo, é quase meu aprendiz nesse desafio. Traga o Sr. Deedle com você. Vamos todos apreciar o espetáculo, sim?

Jackson virara-se quando Zane se apresentou, observando com uma notável carência de surpresa, sua varinha ainda exposta, mas apontada para baixo. Agora, ele observava James e Ralf posicionados tolamente, como se contra a vontade deles, e começarem a descer

os degraus em direção ao centro da gruta. Seus olhos encontraram os de James, suas sobrancelhas espessas e escuras baixas e furiosas.
- Pare, Potter - disse ele em voz baixa, meio que erguendo sua varinha, apontando em direção ao chão em frente a James e Ralf. Os pés de ambos pararam de se mover, como se de repente estivessem aterrissado em cola.
- Oh, Teodoro, precisa prolongar isso? - suspirou Delacroix. Ela ergueu seu braço em direção a ele e realizou um complicado gesto com os dedos. A varinha de Jackson saltou de sua mão em um movimento rápido como se estivesse amarrada em uma corda fina. Ele tentou arrebatá-la, mas a mesma disparou para longe de seu alcance. Delacroix executou outro gesto com a mão, e a varinha rompeu-se no ar, como se quebrada sobre o joelho. A expressão no rosto de Jackson não mudou, mas ele abaixou lentamente suas mãos, olhando veementemente para os dois pedaços de sua varinha de castanheira. Então, virou-se de volta para Delacroix, seu rosto pálido de fúria, e começou a andar em direção a ela. A mão de Delacroix moveu-se como um relâmpago, pondo-as rapidamente nas dobras de sua roupa e retirando sua horrível varinha de videira entre os dedos.
- Esta pode ser apenas a representação de uma coisa real - disse ela gargalhando. - conjurada da sujeira desse lugar, exatamente como a versão de eu mesma, mas asseguro a você, Teodoro, esta varinha é exatamente tão poderosa quanto penso que ela é. Não me faça destruí-lo.
Jackson cessou sua trajetória, mas seu rosto não se modificou.
- Não posso deixar você prosseguir com isso, Delacroix. Você sabe disso.
- Oh, mas você já deixou! - gargalhou ela, como se estivesse divertindo-se. Apontou sua varinha para Jackson e executou um movimento rápido. Um jato

repugnante de luz laranja disparou da varinha, lançando Jackson violentamente para trás. Ele aterrissou fortemente nos degraus superiores de pedra, grunhindo de dor. Ele esforçou-se para se erguer, e Delacroix revirou os olhos. - Heróis, - disse ela com desdém, e moveu sua varinha novamente. Jackson voou do chão e foi lançado contra um dos pilares de árvore que se estendiam pela gruta. Ele pendeu ali, aparentemente inconsciente.
- E agora, - disse ela, preguiçosamente apontando sua varinha em direção a James e Ralf. - por favor, juntem-se a mim.
Os dois garotos foram erguidos do chão para descer os degraus restantes. Eles declinavam de forma desastrosa aos pés no espaço relvado do térreo da gruta, diretamente de frente para o espectro de Madame Delacroix. Os olhos dela estavam verdes-esmeralda dilacerantes.
- Entreguem-me a túnica. E por favor, não me faça ferir qualquer um dos dois. Apenas pedirei uma vez.
A mochila escorregou do ombro de James e golpeou o chão aos seus pés. Ele olhou para baixo, sentindo-se atordoado e completamente desesperado.
- Por favor, - disse Delacroix, e fez um movimento com a varinha. James caiu sobre os joelhos como se algo extraordinariamente pesado tivesse aterrissado em seus ombros. Sua mão foi posta dentro da bolsa, agarrou a túnica e puxou-a para fora. Ralf esforçou-se para apanhá-la, mas parecia estar preso, incapaz de mover mais do que alguns centímetros em qualquer direção.
- Não, James!
- Não sou eu - disse James desesperadamente.
Os olhos de Delacroix cintilaram em desejo. Ela ergueu uma mão e delicadamente tomou a túnica de James.
- A livre vontade é altamente valorizada - disse ela futilmente.
- Você não vencerá - disse James com fúria. - Você não

possui todas as relíquias. Delacroix desviou os olhos da túnica, encontrando os olhos de James com uma expressão de delicada surpresa.
- Não tenho, Sr. Potter?
Não! - disse James, rangendo os dentes. - Não obtivemos a vassoura. Tábita ainda a tem. Nem mesmo ainda tenho certeza se ela sabe do que se trata, mas não a vejo trazendo-a para você agora, de qualquer maneira. - ele esperava estar certo ao dizer isso. Não via a vassoura à vista em qualquer lugar que fosse, e Tábita certamente não parecia estar presente, ao menos que estivesse escondida, como eles estiveram.
Delacroix riu levemente como se James tivesse acabado de fazer um comentário bastante engraçado em uma festa.
- Aquele era o lugar oculto perfeito, não era Sr. Potter? E a Srta. Corsica é a pessoa perfeita para abrigar isso para mim. O local era tão perfeito que, de fato, você nunca teve uma chance de aprender que era, na verdade, uma ótima mentira. Interessante como possa ser, a vassoura da Srta. Corsica é nada mais que um truque conveniente. Não, assim como a túnica, o cajado de Merlim também encontrou seu caminho até mim esta noite, apesar de tudo o que você possa achar. De fato, ele foi muito bem cuidado.
O belo espectro de Madame Delacroix virou-se para Ralf e ofereceu sua mão.
- Sua varinha, por favor, Sr. Deedle.
- N-não - protestou Ralf, sua voz quase um murmúrio. Ele tentou se afastar.
- Não me faça insistir, Ralf - disse Delacroix, erguendo sua própria varinha em direção a ele.
A mão de Ralf ergueu-se abruptamente e dirigiu-se ao seu bolso de trás. Estremecendo, ele apresentou sua enorme e ridícula varinha. Pela primeira vez, James a viu pelo o que ela era. A varinha não era apenas grossa de forma incomum, talhada a um ponto de uma das

extremidades. Era parte de algo que fora, uma vez, maior, consumido gradualmente pelo tempo, mas ainda assim, como se mostrado repetidas vezes, extrema e inexplicavelmente poderosa. Delacroix estendeu o braço, quase delicadamente, e arrancou o cajado de Merlim da mão de Ralf.

- Não havia sentido em eu me arriscar sozinha em capturar por contrabando tal coisa dentro dos terrenos. Certamente alguém detectaria, caso tivesse em meu poder. Então, providenciei que fosse vendida para você e seu charmoso pai, Sr. Deedle. Eu era o vendedor, de fato, embora em uma aparência diferente. Espero que você tenha apreciado o uso do cajado. Bastante poderoso, não? Oh, mas agora percebo - ela adicionou, virando-se quase arrependidamente. - você achava que era você quem era poderoso, não? Sinto muito, Sr. Deedle. Realmente acha que teria permissão de entrar na Fortaleza se não estivesse com o cajado de Merlim com você? Com certeza, inclusive você pode perceber o humor disso, não? Você, um nascido-trouxa. Por favor, perdoeme. - ela sorriu novamente, leve e maliciosamente.

Então, ela virou-se e começou a cuidadosamente arrumar as relíquias sobre o trono. James e Ralf olharam infelizes um para o outro, e logo James tentou olhar de volta para Zane, que permanecia preso ao pilar de árvore atrás deles, mas a escuridão estava bastante espessa.

Madame Delacroix afastou-se do trono, captando um longo fôlego de expectativa. Ela posicionou-se entre Ralf e James, como se fossem seus colegas.

- Aqui vamos nós. Oh, estou tão satisfeita. Odeio dizer isso, mas tudo saiu exatamente como planejei. Apreciem o espetáculo, jovens amigos. Não posso garantir que Merlino não irá destruí-los ao chegar, mas, certamente, vocês devem achar que não existe preço para presenciar tal coisa.

- Valerá à pena se você for destruída, também - disse James através dos dentes cerrados.
- Quanto veneno - replicou Delacroix, sorrindo. - Não surpreende que você tenha sido um ótimo aprendiz.
A túnica de Merlim fora posta em torno das costas do trono, como se Merlim pudesse simplesmente se vestir com ela quando aparecesse. Uma ponta do cajado de Merlim estava encostada contra a frente do trono. Os feixes de luz lunar e estrelar tornaram-se bastante reluzentes, esboçando uma linha bruxuleante pela escuridão do buraco no teto coberto ao centro da área relvada abaixo. As três relíquias incandesceram na luz brilhante e prateada. A hora da Travessia dos Titãs chegara.
James ouviu algo. Sabia que Madame Delacroix e Ralf ouviram, também. Todos os três viraram suas cabeças, tentando localizar a fonte do barulho. Era baixo e sussurrante, vindo de todas as direções de uma só vez. Era trêmulo e distante, quase como uma nota baixa em centenas de flautas longínquas, mas estava tornando-se mais alto. Madame Delacroix olhou de relance, seu rosto era uma máscara de alegria, mas James estava certo de que, espectro ou não, também havia um resquício de temor no rosto dela. Repentinamente, ela segurou firmemente os braços dos garotos com suas mãos duras.
- Olhem! - ofegou ela.
Gavinhas de névoa despejavam-se entre os pilares da gruta, trazendo o som juntamente a elas. As gavinhas também estavam infiltrando-se nos ramos do teto coberto. Eram tão insubstanciais quanto fumaça, mas moviam-se com inteligência, com crescente velocidade. Serpentearam em direção ao trono, e ali começaram a se acumular. Assim que as gavinhas se uniram, contorceram-se e desmoronaram, formando, a princípio, apenas formas nebulosas, e então se fortalecendo, focalizando-se. Uma seqüência de linhas ligeiramente curvadas e horizontais uniu-se ao centro do trono. Com

um tremor involuntário, James percebeu que se tratavam das costelas de um esqueleto. Uma espinha dorsal surgiu dali, tanto de cima quanto de baixo, conectandose a mais duas formas, o crânio e a bacia. Aquilo, James percebeu, tratava-se de uma aparatação acontecendo de forma lenta. Os átomos de Merlim estavam continuamente se unindo, desafiando a inércia reunida dos séculos. O som que acompanhava a aparatação estava tornando-se mais alto e próximo, elevando-se e tornando-se quase humano.

Ei, rainha do vodu - disse uma voz repentina, diretamente atrás de James, fazendo com que os três se sobressaltassem. - Pense rápido e esquiva isso.

Uma extensão de madeira desceu violentamente sobre a cabeça de Delacroix, desintegrando-se em centenas de pedaços de sujeira úmida. Instantaneamente, o Feitiço do Corpo Preso deixou Ralf e James, o qual girou e viu Zane segurando a extremidade da tora de madeira, recuando da bagunça deixada pelo espectro de Delacroix, que estava esforçando-se para se reconstruir. Dos ombros para cima, Delacroix parecia ser feita inteiramente de pedaços de terra, raízes contorcidas e vermes. As mãos do espectro lançaram-se de maneira descuidada ao pescoço arruinado, tentando forçar os pedaços de terra de volta para a forma.

- Ela esqueceu-se de mim quando Merlim estava se formando! - gritou Zane, recolhendo a tora de madeira e içando-a de volta aos ombros. - Isso aqui caiu do pilar e apenas apanhei a coisa pesada mais próxima que podia encontrar. Peguem a túnica e o cajado! - Zane oscilou a tora de madeira como um bastão de beisebol, retirando um dos braços de Delacroix do ombro, o qual atingiu o chão e desintegrou-se em sujeira e vermes.

James saltou para adiante e apanhou o quanto pôde da túnica de Merlim, erguendo sua mão esquerda através do molde que se formava do bruxo. Ele puxava, mas a túnica se opunha, esforçando-se para manter sua

posição. Enterrando seus tornozelos na terra suave, James puxava com tanto esforço quanto podia. A túnica contorcia-se de volta ao trono, cumprindo o compromisso de que a forma esqueletal se sentasse sobre ela. A forma agarrou os braços do trono e pareceu gritar, fazendo com que o tom de assombro ficasse mais alto. Ralf ofegou e apanhou o cajado, o qual estava crescendo em tamanho no momento em que a figura sobre o trono ganhava solidez. Ele afastou-se com o cajado, segurando-o acima da cabeça.

O espectro de Madame Delacroix parecia estar preso entre tentar se reconstituir e tentar pôr a túnica e o cajado de volta aos seus lugares. Acenava com seu braço restante com selvageria em direção a Ralf, então acenou de forma ameaçadora em direção à túnica nas mãos de James. Zane saltitava atrás do espectro, a tora de madeira erguida, então a abaixou novamente, enterrando-o quase até a cintura da figura que se desintegrava. James olhou em direção ao trono de Merlim e percebeu que a figura ali, a qual se transformou em um esqueleto completo com musculaturas fantasmagóricas aderindo a ele como musgo, se retorcia horrivelmente, começando a novamente se transformar em névoa. O som da aparatação de Merlim transformou-se em um grito de lamento fúnebre.

E então, como se tivesse saído do nada, outra figura estava entre eles. Saíra da escuridão além da Fortaleza da Gruta, movendo-se em uma velocidade feroz. Era a dríade de dedos azuis horrivelmente longos, embora apenas por pouco. Havia algo a mais se movendo dentro da forma, como se a dríade fosse meramente uma roupa. Uma nova voz uniu-se ao lamento fúnebre do semi-formado Merlim.

*Mestre! Não! Não falharei com você! Seu tempo chegou, finalmente!*

A figura se dividiu de algum modo, abandonando

completamente a forma da dríade que simplesmente se transformou em duas enormes garras negras. Elas desceram simultaneamente em direção a James e Ralf, arrebatando de volta a túnica e o cajado e lançando os garotos dispersos nos degraus de pedra. As garras giraram, repondo as relíquias em suas posições, e então se retraíram, resvalando em poeira, como se estivessem exaustas.

A figura sobre o trono estremeceu violentamente, recompondo-se, e as gavinhas de névoa lançaram-se em direção a ela, solidificando-se agora com terrível velocidade. Músculos cresceram dos ossos, camada por camada. Órgãos floresceram dentro do peito e abdômen, formando as veias. O corpo preencheu a túnica, e esta tomou forma sobre ele. A pele cobriu o corpo como orvalho, primeiro como uma fina membrana, mas tornando-se espessa e corada. Os dedos apanharam o cajado, o qual aumentou seu tamanho para quase dois metros, suavemente afilado na base e com uma pesada e nodosa extremidade. Runas percorriam o cajado de cima para baixo, pulsando em uma fraca luz verde.

O barulho do retorno de Merlim determinou-se em um prolongado grito, e o bruxo finalmente perdeu o fôlego, sua cabeça lançou-se para trás, as cordas de seu pescoço firmes como arame. Após um longo momento, arrancou seu primeiro suspiro em centenas de anos, preenchendo seu peito, e abaixou a cabeça.

*Mestre!,* chorou uma voz fantasmagórica. James olhou para a figura sobre o trono e a forma que dividira as garras assombrosas. Era um homenzinho, quase invisível. Ofegava, sua cabeça calva brilhava na fraca luz do luar. *Você retornou! Meu trabalho está completo! Estou livre!*

- Eu retornei - concordou a voz de Merlim. O rosto estava pedregoso, os olhos fixados sobre o fantasma. - Mas que tempo é este para o qual me fez retornar, Austramaddux?

*O... O mundo está pronto para você, Mestre!*, gaguejou o fantasma, sua voz alta e assustada. *Eu... eu esperei até o momento perfeito para sua chegada! O equilíbrio entre os mágicos e não-mágicos está maduro para suas mãos, Mestre! O tempo... o tempo é chegado!*
Merlim fitava o fantasma, sem sequer mover um dedo.
*Por favor, Mestre!,* gritou Austramaddux, caindo sobre os joelhos fantasmagóricos. *Observei por séculos! Meu fardo... meu fardo era maior do que eu podia suportar! Esperei enquanto podia. Apenas ajudei um pouco! Encontrei uma mulher, Mestre! O coração dela estava aberto para mim! Ela compartilhava nossos objetivos, então eu... Eu a encorajei! Eu ajudei, mas apenas um pouco! Um pouco!*
Merlim desviou o olhar de Austramaddux para o espectro de Madame Delacroix, o qual havia se reconstituído em sua maior parte. O espectro se colocou de joelhos, e quando falou, a voz soou como se fosse proveniente de uma boca repleta de terra.
Sou sua serva, Merlino. Eu o convoquei para cumprir o seu destino, para nos liderar contra os vermes trouxas. Estamos preparados para você. O mundo está maduro para você.
- É essa a marionete imunda que é para ser minha fonte de inspiração? - disse Merlim, sua voz baixa, mas quase trovejando com intensidade. - Vamos vê-la como ela é, então, não como ela deseja ser vista.
Delacroix endireitou-se e começou a falar, mas nada saiu. Sua mandíbula funcionava, quase de forma mecânica, e então, sons áridos e de sufocação começaram a emergir de sua garganta. As mãos do espectro lançaram-se para cima, erguendo-se para agarrar o pescoço, então o arranhando com longas unhas de modo que tiras lamacentas começaram a se descascar. A garganta inflou, quase como a de um sapo, e, de repente, o espectro inclinou-se até a cintura, como se fosse vomitar. Os olhos de Merlim resplandeceram em

direção ao espectro e seu cajado brilhou suavemente, as runas propagando-se com seu brilho interno. Finalmente, de forma violenta, o espectro de Madame Delacroix ergueu-se e a mandíbula se alargou, longe dos limites lógicos. Algo surgiu da boca horrivelmente escancarada. Lançou-se para o chão à frente. O corpo do espectro se comprimia enquanto a coisa saia de sua boca. Era quase como se o espectro se revirasse de dentro para fora, esvaziando-se para fora por sua própria boca, até que tudo o que saiu era a coisa que jazia de bruços ao chão, retorcida e horrenda. Era Madame Delacroix como realmente era, de alguma forma transportada de seu remoto local de segurança e vomitada de sua própria forma de marionete. Ela contorceu-se ao chão, como se estivesse com grande dor, sua forma macilenta e ossuda, os olhos revirados, fitando cegamente o teto.

- Austramaddux, você me trouxe para um tempo morto - disse Merlim, sua voz baixa preenchendo a Fortaleza da Gruta com o rugido de centenas de tons. Ele desviou seus olhos da forma patética de Madame Delacroix, retornando para o fantasma amedrontado. - As árvores despertaram para mim, mas estão quase mudas. Inclusive a terra dorme o sono dos séculos. Você me fez retornar por conveniência sua e nada mais. Você era um servo falho quando concordei ensiná-lo, e retornei apenas para perceber a intensidade desse erro. Dispenso você de meus serviços. Vá embora.

Merlim ergueu sua mão livre e segurou-a no ar, a palma aberta, em direção ao fantasma de Austramaddux. O fantasma empalideceu mais ainda e recuou para longe, erguendo suas mãos como se para defender-se de um golpe.

*Não! Não, eu fui fiel! Por favor! Não me dispense!*

*Cumpri minha tarefa! Fui fiel! Nãão!*

A última palavra estendeu-se e elevou-se em tom, subindo a escala enquanto o fantasma parecia recuar.

Por um momento, assumiu a forma da dríade azul, encolhendo-se de medo e desesperada, então começou a perder inteiramente sua forma. Diminuía, e James percebeu que o fantasma se contraía na mesma proporção que Merlim fechava suas mãos, como se o bruxo estivesse comprimindo Austramaddux em seu punho estendido. A última palavra do fantasma vazou dentro de um lamento de horror, reduzindo no momento em que o fantasma colapsava em um brilhante ponto de luz cintilante. Merlim comprimiu seu punho, e então abriu sua mão. O fantasma se desvaneceu, deixando somente o eco de seu grito final.

Finalmente, como se os notasse pela primeira vez, Merlim voltou sua atenção para James, Ralf e Zane. James moveu-se adiante, incerto do que faria, mas em seu coração tendo conhecimento que devia fazer algo. Merlim ergueu sua mão novamente, desta vez em direção a James, que sentiu o mundo se suavizar ao seu redor, obscurecendo. Lutou, tentando resistir ao decrescente esquecimento, mas foi em vão. Não podia lutar contra o poder de Merlim como podia lutar contra um mosquito em um vendaval. O mundo esvoaçou, canalizando-se em um ponto, e o centro do ponto era a mão erguida de Merlim, puxando-o para dentro dela. Havia um olho ao centro da mão, azul cristal. O olho se fechou, e a voz de Merlim disse uma palavra, uma palavra que parecia preencher o negrume onde o mundo uma vez estivera, e aquela palavra era “durma”.

# - CAPÍTULO 18 -

# A Assembléia da Torre

A alvorada era uma fraca linha rosa na linha do horizonte quando James abriu seus olhos. Estava desconfortavelmente estendido sobre a relva da Fortaleza da Gruta, e gelado até os ossos. Gemendo, girou até se sentar e examinou seus arredores. A primeira coisa que notou foi que o trono de Merlim tinha desaparecido.

Não havia mais que uma depressão na relva onde antes havia estado. A segunda coisa que percebeu quando

levantou a cabeça e olhou ao redor foi que a Fortaleza da Gruta já não era um lugar mágico. Na ausência do trono de Merlim, a ilha voltava rapidamente à sua selvagem e arbitrária natureza. A sensação de obsessiva e gótica arquitetura estava se dissipando. Os pássaros cantavam no topo dos ramos das árvores.
- Oh-ohh - gemeu uma voz próxima. - Onde estou? De alguma forma, tenho a terrível sensação de que uma xícara de café e uma lareira não estão prestes a aparecer diante dos meus olhos.
- Zane - disse James, levantando-se cambaleante. - Você está bem? Onde está  Ralf?
- Estou aqui - resmungou Ralf. - Estou fazendo um diagnóstico de todos os meus ossos e funções físicas básicas. Até agora nada alarmante, mas eu preciso de um banheiro ainda mais que São Lokimagus.
James subiu os degraus na penumbra das escadas superiores da Fortaleza. A luz da primeira hora da manhã estava fraca e cinzenta, mal penetrava através dos arbustos e das árvores na ilha. Zane e Ralf subiam depois dele com passo hesitante.
- Merlim se foi - disse James, olhando ao redor. - E não vejo Jackson nem Delacroix também. - ele pisou os pedaços partidos da varinha de Jackson e estremeceu.
- Nos equivocamos com ele, certo? - disse Ralf.
- Nos equivocamos com um montão de coisas - concordou James em voz baixa.
Zane esfregou a parte baixa das costas e gemeu.
- Ei! Não fomos assim tão ruins, considerando tudo. Quase detivemos o regresso de Merlim, graças a um acesso no registro e meus reflexos felinos. - Sua voz parecia oca no eco calmo da Fortaleza, e ele calou-se.
Os três meninos encontraram a abertura que conduzia para a ponte de cabeça de dragão, cortaram as ervas daninhas que tinham crescido tampando o espaço e saíram tropeçando para a alvorada. A ponte tombara parcialmente e já não havia quase nenhuma semelhança

com a aterradora cabeça de dragão. A orla que limitava com a floresta estava lamacenta e molhada, coberta de orvalho da manhã.
- Ei, olhem - disse Ralf, apontando. Havia pegadas na lama fresca e escorregadia.
- Parece que duas pessoas passaram por aqui, se afastando da escola - disse Zane, se inclinando para estudar os negligenciados rastros. - Você acha que um deles era Merlim?
James negou com a cabeça.
- Não. Merlim não levava sapatos. Parecem ser de Delacroix e Jackson. Provavelmente ela foi à frente, e depois ele a seguiu quando se recuperou. Além disso, algo em Merlim me diz que ele não deixa rastros a não ser que lhe convenha.
- Espero que Jackson a quebre ao meio quando a encontrar - disse Zane, mas sem muita convicção.
- Espero que ela não quebre *ele* - contestou Ralf com ar taciturno. - Você viu o que ela fez com a varinha dele.
- Nem me lembre - resmungou James - Não quero pensar nisso.
Ele começou a avançar dirigindo-se, a princípio, para os bosques, onde tinham deixado Prechka, mas sem um verdadeiro destino em mente. Tinha uma suspeita terrível sobre aonde tinha ido Merlim, e ele, James, era responsável por isso.
Duas vezes Delacroix o tinha chamado de ‘seu aprendiz’. Ela lhe influenciara, de alguma maneira, e ele permitira. Participara diretamente no seu plano, trazendo-lhe a túnica. Ela tinha razão. Ela não tivera que levantar nem um dedo. De fato, as coisas não pareceram se resolver muito bem para Delacroix no final, mas isso não significava muito. Um Merlim solitário e pilantra poderia ser ainda mais perigoso que um Merlim aliado com pessoas como as do Elemento Progressivo. Pelo menos eles tentavam trabalhar sob um manto de respeitabilidade. Merlim pertencia à outra época; uma

época mais direta e mortífera.
Um fardo culpa e desespero esmagava James enquanto avançava com passo lento. Zane e Ralf seguiam-lhe silenciosamente.
Prechka tinha ido embora. James não estava realmente surpreso. Suas pegadas estavam gravadas no solo úmido, como as de um dinossauro. Sem uma palavra, os garotos as seguiram, tremendo, molhados pelo orvalho.
Uma névoa enchia os bosques, reduzindo o mundo a um punhado de árvores negras e arbustos empapados. Enquanto caminhavam, o nevoeiro tornou-se luminoso, absorvendo o sol, e finalmente começou a se dissipar. A floresta acordou com o canto dos pássaros, e o perambular de criaturas invisíveis no mato. E então, surpreendentemente, ouviram-se vozes distantes, chamando-os.
- Ei! - disse Zane, detendo-se e escutando. - É o Teddy!
- E a Sabrina! - acrescentou Ralf. - O que vocês estão fazendo aqui? Ei! Aqui!
Os três rapazes detiveram-se e chamaram aos dois Malignos, que responderam com assobios e gritos. Uma forma gigantesca surgiu do nevoeiro movendo-se quase delicadamente entre as árvores.
- Grope! - Zane riu, correndo ao encontro do gigante.
- Rapazes, os três parecem sobras de inferis - gritou Ted dos ombros de Grope. - Vocês passaram a noite toda aqui?
- É uma longa história, mas sim - respondeu Zane. - Versão abreviada: Merlim voltou, a rainha vodu fugiu, e Jackson era um cara legal depois de tudo. Ele está atrás dela enquanto falamos, resultados desconhecidos.
- Há espaço para mais três aí em cima, Grope? - disse Ralf, tremendo. - É que acho que se tiver que dar mais um passo, eu cairei morto.
Grope ajoelhou-se e os três garotos subiram para seus ombros, apinhando-se com Sabrina e Ted. Antes de subir, James flexionou os dedos e o pulso da sua mão

direita. Não sentia dor, e os ossos de seu braço pareciam sólidos e retos. Desatou a entalação e a pôs descuidadamente no bolso.
- Como vocês dois escaparam? - perguntou James para Ted quando este apareceu ao seu lado, arrancando punhados do cabelo ressecado de Grope em procura de apoio. - Achei que todos vocês estavam em prisão domiciliar.
- Isso foi ontem à noite - disse Ted simplesmente. - As coisas tornaram-se bastante díspares na escola desde então. Merlim apareceu no meio da noite, e deixem-me contar; esse sujeito sim que sabe como fazer uma entrada.
- Ele dirigiu Prechka ao pátio e a fez chutar as portas de entrada - explicou Sabrina. - Ele obviamente fala o idioma gigante, e a deixou realmente selvagem. Então, ele desceu e a fez dormir. Ela ainda está lá, roncando ao lado da entrada principal feito o maior monte de roupa suja do mundo.
- Todos nós acordamos quando ouvimos o barulho das portas rompendo - continuou Ted. - Depois disso, estourou um pandemônio. Havia estudantes de pijama correndo por todas as partes tentando descobrir o que estava acontecendo. As pessoas estavam bastante tensas, com o tal Prescott ainda no chão e sem ninguém saber o que ele estava fazendo. E depois ali estava esse sujeito robusto e vestido como uma mistura de druida e Papai Noel, que espreitava pela escola, fazendo dormir as pessoas com apenas um piscar de olhos, batendo seu enorme bastão no chão, caminhando de forma bastante ruidosa de forma que ressoasse por todo o lugar. Então ele viu Pirraça e a coisa mais estranha aconteceu!
- O quê? - perguntou Zane esperançoso. Pirraça lançou uma framboesa nele e se transformou em um abajur, ou algo assim?
- Não! - disse Sabrina - Pirraça se juntou a ele! Não parecia querer, mas o fez, de qualquer forma. Merlim

deteve-se quando viu Pirraça, e depois falou com ele. Nenhum de nós sabia o que ele estava dizendo. Falava numa língua realmente estranha e seleta. Ficamos preocupados que Pirraça fizesse algo estúpido e conseguisse com que ele liquidasse todos com aquele cajado assustador, mas então Pirraça apenas sorriu, e não era um de seus sorrisos habituais. Foi o tipo de sorriso que você vê num elfo doméstico quando o dono é propenso a lhe surrar com uma frigideira quando o vê. Um monte de dentes sem muito humor, sabe? E então Pirraça desceu até o lado de Merlim. Falaram baixo durante alguns segundos, e depois Pirraça marchou, de forma bastante lenta para Merlim segui-lo. Merlim tinha um lugar em mente que queria ir, suponho, e Pirraça o levou até lá.
- Pirraça? - disse Ralf com incredulidade.
- Eu sei - contestou Ted. - Não é normal. Foi quando soubemos que enfrentávamos alguém realmente terrível. Grande parte de nós, os Malignos, já tínhamos adivinhado que se tratava de Merlim, mas isso comprovou.
- Aonde foram? - perguntou James com a voz tranqüila.
- À Torre Sylvven - respondeu Sabrina. - Pelo menos é assim que costumava se chamar. Ninguém a usa mais. Correu o boato de que ele esperava uma “conferência com o Pendragão”, seja lá o que for.
- Isso não me soa bem - disse Zane.
- Não soa bem a ninguém - concordou Ted. - Aparentemente, ele acha que esse “Pendragão” é o rei ou o líder. É alguma espécie de desafio medieval ou algo parecido.
Seja como for, McGonagall reuniu os professores para conversar e negociar com ele, e foi quando ela percebeu que tanto o Prof. Jackson como Delacroix tinham sumido. Então, chegou a notícia de que você tinha desaparecido da ala hospitalar, James. A próxima coisa que soubemos foi que McGonagall nos mandou procurar vocês três. Ela

estava muito ocupada para vir, mas sabia que se alguém podia encontrá-lo, esses éramos nós. Ela parece suspeitar que vocês três poderiam saber algo a respeito dessa “bagunça infernal”, como ela colocou. Velha receosa, não?
Quando Ted terminou de falar, Grope finalmente os tirou do limite da floresta. O castelo resplandecia na brilhante luz matinal, suas janelas reluziam alegremente apesar da confusão que reinava no seu interior. A garagem de Alma Aleron estava tranqüila, as suas portas fechadas e asseguradas. James recordou da diferença de tempo entre Hogwarts e o lado Filadélfia, e soube que as pessoas do outro lado ainda deveriam estar profundamente adormecidas. Quando Grope dobrou o canto do pátio, Ted pediu que os colocasse no chão.
- Bom trabalho, Grope! - disse Sabrina calorosamente, acariciando o enorme ombro do gigante. - Porque não vai descansar com Prechka?
Grope grunhiu em concordância e moveu-se pesadamente para a giganta, que sem dúvida roncava profundamente junto aos degraus do castelo. As sólidas portas de madeira pendiam cada uma de uma dobradiça, forçadas para dentro e destroçadas. O aposento estava misteriosamente vazio e silencioso. Quando entraram, Ralf ofegou e agarrou o braço de James, apontando. Ali, deitados estranhamente no chão próximos à porta, estavam o senhor Recreant e a senhorita Sacarhina. Ambos tinham os olhos abertos e sorriam abertamente para o teto de forma pouco natural. O braço de Sacarhina estava estendido, destacando-se e parecendo pálido à luz da aurora.
- Estão mo... mortos? - gaguejou Ralf.
Ted chutou ligeiramente o pé de Recreant.
- Provavelmente não. Ainda estão quentes e respiram. Só que muito, muito devagar. Tudo indica estavam aqui na entrada quando Merlim chegou. Parece que tentaram dar as boas-vindas e ele os liquidou, de alguma forma.

Ele fez vários estudantes dormirem, mas esses dois ganharam algum tratamento congelante especial. Enfim, tiramos eles do caminho para que as pessoas não passassem por cima deles. - ele encolheu os ombros e guiou-os passando junto às duas figuras debruçadas, para os corredores além das escadas.
- Onde fica a Torre Sylvven? - perguntou James enquanto apressavam-se pelos corredores.
- É a torre mais alta na parte antiga do castelo. A mais estreita também - respondeu Ted, com voz mais sombria do que o habitual. - Não se usa muito, exceto para a astronomia às vezes. É muito alta e perigosa para subir. Petra diz que era uma parte importante do castelo há muito, muito tempo. Cada castelo tinha uma, e era considerado terreno neutro, uma espécie de embaixada universal ou algo assim. As reuniões entre nações e reinos em guerra ocorriam ali, com um rei de um lado e o rei inimigo do outro. Quatro conselheiros eram autorizados a acompanhá-los, mas o resto tinha que esperar lá embaixo. De tempos em tempos, as guerras se decidiam e terminavam ali mesmo, às vezes um líder matava ao outro e lançava o corpo do topo da torre para que todos o vissem.
James sentiu o coração afundar ainda mais.
- Quem está lá em cima com ele, então?
Ted deu de ombros.
- Não sei. Nos mandaram procurar por vocês quando McGonagall ainda estava reunindo todos. Acredito que ela mesma tencionava encontrá-lo. Ela parecia bastante disposta a fazer isso, se quer saber.
Os cinco estudantes atravessaram um amplo e baixo arco, entrando na parte mais antiga e menos utilizada do castelo. Após vários corredores estreitos e curvos, finalmente encontraram pessoas. Estudantes reuniam-se nos corredores, alinhados ao longo das paredes e falando em voz baixa. Finalmente, Ted conduziu-os a uma sala circular com um teto muito alto, na verdade,

tão alto, que se perdia nas escuras e nebulosas alturas da torre. O andar térreo estava repleto de estudantes que resmungavam, nervosos em expectativa. Uma escada bamba de madeira subia em espiral pela garganta da torre. Após uma olhada rápida para cima, Ted começou a subir. James, Zane, Ralf e Sabrina o seguiram.
- McGonagall está lá em cima com... *ele*? - perguntou Ralf. - O quanto, er, ela é *experiente*?
- É a diretora - contestou Sabrina seriamente. - Ela é experiente.
- Assim espero - disse James baixinho.
Subiram o resto do caminho em silêncio. Levou bastante tempo, e James estava visivelmente cansado e dolorido quando atingiu o topo. Ralf ofegava atrás dele, puxando-se com ambas as mãos no grosso corrimão. Contudo, finalmente, a escada abriu-se para uma sala que se encontrava no topo da torre. Era baixa, com pesadas vigas, poeira, e séculos de excrementos de pombos e corujas. Estreitas janelas desfilavam ao longo do perímetro da sala, revelando porções de luz matinal. Havia várias pessoas presentes, ainda que nenhuma delas parecesse ser a diretora ou Merlim.
- James - disse uma voz grossa, e uma mão caiu sobre o seu ombro. - O que vocês estão fazendo aqui? Receio que este lugar não é para você.
- Ele foi convocado, professor Slughorn - disse Sabrina, seguindo os outros para o interior da sala. - A própria diretora pediu que o trouxéssemos, assim como Ralf e Zane.
Eles devem subir imediatamente.
- Subir? - ofegou Ralf. - Ainda há mais o que subir? Não estamos no topo?
- Ah, Sr. Deedle - disse Slughorn, olhando para Ralf. - Sim, receio que há mais, mas só um pouco mais. Está diretamente acima de nós. Você tem certeza sobre tudo isso, senhorita Hildegard? Este, dificilmente, seria lugar

para crianças.
James imaginou que Slughorn parecia um pouco chateado porque se esperava que Ralf, Zane e ele subissem enquanto ele próprio não.
- Você estava na sala quando a diretora nos mandou procurá-los, professor - disse Ted, deixando que uma pitada de severidade se insinuasse em sua voz.
- Eu estava - reconheceu Slughorn, como se o fato demonstrasse pouco.
- Deixe-lhes proceder, Horácio - disse o professor Flitwick de um assento próximo à janela. - Se foram convocados, foram convocados. Não estarão muito mais seguros aqui conosco se aquele selvagem prevalecer.
Slughorn fitou James, e depois, com um esforço de vontade evidente, suavizou sua expressão. Virou-se para Ralf e lhe deu umas palmadinhas firmes no ombro.
- Represente-nos bem, Sr. Deedle.
Ted apontou para uma curta escada de pedra que se projetava do chão de madeira e subia até um alçapão no teto. James, Ralf e Zane aproximaram-se e subiram lentamente os degraus desgastados. O alçapão não estava fechado. James empurrou-o e a luz vazou, cegando-o momentaneamente enquanto subia à superfície.
Era quase exatamente do mesmo tamanho e forma que a Fortaleza da Gruta, construída quase inteiramente de pedra, exceto pelo piso de madeira no centro, do qual o alçapão se abriu. Pilares de mármore rodeavam o lugar, mas não havia teto algum. A luz matinal enchia o topo da torre, brilhando sobre os níveis de pedras em mármore branco. Merlim estava sentado a poucos metros de distância, encarando os três garotos quando emergiram para o vento suave e luz cálida. Seu rosto estava pedregoso e imóvel, apenas os olhos se moveram para encará-los.
- Sr. Potter - a voz da diretora soou calma. - Sr. Walker e Sr. Deedle. Obrigado por unirem-se a nós. Por favor,

coloquem-se à minha esquerda. Ouviremos sua história em breve.
James virou-se enquanto Zane fechava o alçapão. McGonagall estava sentada atrás deles, em frente a Merlim. Ela usava um reluzente vestido vermelho muito mais chamativo e ostentoso do que James jamais a vira usar. Fazia-a parecer mais jovem e terrível, como uma espécie de rainha tirana. As cadeiras em que ela e Merlim se sentavam estavam encravadas na pedra do nível mais baixo, de modo que ambos se olhavam mutuamente através do chão de madeira do centro.
À esquerda de McGonagall, alinhados ao longo da borda do nível mais alto, havia mais quatro assentos esculpidos, embora fossem muito menos ornados. Sentados neles estavam Neville Longbottom, o professor Franklyn, e Harry Potter.
- Papai! - James suspirou, um sorriso de alívio e alegria iluminou seu rosto. Subiu correndo os degraus em direção a seu pai.
- James - disse Harry em voz baixa, com a expressão severa - disseram-me que vocês tinham desaparecido. Estávamos muito preocupados com vocês. Eu mesmo teria saído atrás de vocês, mas recebemos a notícia de que você tinha sido encontrado apenas alguns momentos após minha chegada.
- Como vocês souberam? - perguntou Ralf, franzindo a testa.
Harry permitiu que um sorriso torto percorresse seu rosto e mostrou um patinho de borracha Weasley. Na sua parte inferior, a letra de Ted se destacava: *Nós os encontramos! Estamos indo para aí agora mesmo!*
- Isso aqui é de Petra Morganstern, mas ela disse que pegou a idéia de vocês três. Muito prático.
- Desculpe por eu ter pego o mapa e sua capa, papai - disse James apressadamente. - Sei que não devia ter feito isso. Eu realmente fiz uma confusão.
Merlim está de volta e é tudo culpa minha.

Harry lançou um olhar significativo para as cadeiras no centro do aposento.

- Não seja tão duro consigo mesmo, filho. Teremos muito tempo para falar disso mais tarde. Por hora, acho que temos outros assuntos para abordar.

James virou-se para a diretora e Merlim. Quase os tinha esquecido com o entusiasmo e o alívio de ver o seu pai.

- Verdade. Sinto muito.

Os três garotos permaneceram de pé no nível superior, junto a Harry, Neville e Franklyn. James notou pela primeira vez que o lado oposto estava ocupado por um surpreendente número de aves e criaturas, todos olhando fixamente para Merlim. Havia corujas e pombas, corvos e também alguns falcões, todos colocados no parapeito, sobre os quatro assentos talhados e no chão dos dois primeiros níveis. Sentados desordenadamente entre eles, também observando fixamente o homem barbudo, havia uma grande variedade de criaturas que James reconheceu como animais domésticos. Rãs e ratos se apertavam cuidadosamente entre os pássaros. Inclusive o gato de Zane, Dedinhos, estava ali, sentado mais à frente, seu nariz preto e branco mexendo-se nervosamente.

- O que estava dizendo, professor Longbottom? - disse McGonagall, seu olhar ainda fixado na enorme e imóvel figura de Merlim.

Neville remexeu-se e levantou-se.

- Eu só quero mostrar minha objeção à sua conversa com este… este intruso, que entrou violentamente nesta escola com quem sabe qual nefasto objetivo em mente, falando numa língua que nós, seus antigos amigos e colegas, não conseguimos compreender ou acompanhar. Entre isso e seu, devo admitir, surpreendente traje… bem, certamente você deve saber o que pensamos.

- Peço minhas desculpas, Sr. Longbottom, e ao resto de vocês - disse McGonagall, finalmente afastando seu olhar de Merlim e encontrando os olhos daqueles

reunidos à sua esquerda. - Eu tinha esquecido. Este cavalheiro provém de uma época de formalidade e rituais. Estou encontrando-me com ele como ele espera, com a vestimenta cerimonial de minha posição. Receio que quando nos viu pela primeira vez, ele presumiu que todos nós, incluindo os professores e eu mesma, éramos camponeses que de algum modo tinham conseguido invadir o castelo. Era sumamente inadequado em seu tempo que o Pendragão se apresentasse com uma espécie de saco descolorido que é aquilo com o que ele confundiu nossas roupas. No que se refere à língua…
- Posso falar na língua de seus servos se assim desejar, Madame Pendragão - interrompeu Merlim com sua voz grave e vibrante. - Ainda que eu não saiba por que se digna a lhes falar como iguais quando deveriam ser açoitados por tal insolência.
McGonagall suspirou e fechou os olhos. James tinha a sensação de que este tipo de mal-entendido vinha ocorrendo há algum tempo.
- Estes são meus colegas, não meus subalternos, senhor. Esta é outra época, temo que devo continuar lhe recordando. Não sou o Pendragão de um reino. Sou Pendragão somente de uma pequena porção de terra, a qual está dentro da visão desta torre. Mas sim, por favor, fale de modo que todos possamos lhe entender.
- Como quiser, senhora - respondeu Merlim. - Presumo que seu conselho está totalmente presente, então?
- Sim. James Potter, Ralf Deedle, Zane Walker - disse a diretora, olhando sucessivamente para cada um. - Este homem está alegando ser Merlino Ambrósio, devolvido ao mundo dos homens de uma época sem valor, pela ação combinada de seu aprendiz espectral e outros cinco indivíduos. O que vocês podem nos contar desta história?
James respondeu, explicando, tão bem e tão sinceramente quanto pôde, como as três relíquias de Merlim chegaram a se combinar na ilha da Fortaleza da

Gruta. Foi cuidadoso em declarar, para sua própria vergonha, como o professor Jackson quis proteger a túnica e mantê-la longe da Fortaleza frustrando o plano de Madame Delacroix, mas James sem querer arruinara suas intenções.
- É minha culpa - explicou tristemente. - Ralf e Zane só ajudaram porque eu lhes convenci. Eu queria... - fez uma pausa e engoliu em seco. Queria resolver a situação, eu acho. Mas estraguei tudo. Sinto muito.
O rosto de McGonagall estava sereno, mas ilegível quando James terminou. Ele ficou abatido, mas pouco tempo depois sentiu a mão de seu pai sobre o ombro, quente e forte. Ele suspirou.
Merlim passeou o olhar sobre aqueles ali reunidos e os que estavam junto aos assentos, então inchou o peito lentamente.
- O plano de Austramaddux abusou das intenções de muitos, pelo que vejo; umas boas e outras más. Presumo, no entanto, que após o testemunho deste rapaz não há dúvida sobre minha identidade. Permitam-me repetir, então: fui, aparentemente, alvo de uma horrível campanha de mentiras e difamação. Ao que tudo indica, chegou a ser popularmente aceito que eu era, no meu tempo, uma criatura caprichosa e desonrosa, um homem de alianças egoístas e astúcia infinita. Isso não é mais verdadeiro que a ladainha de virtudes adornadas na história desse vilão Voldemort que você me descreveu. Eu não era mais maligno que uma tempestade. Matei somente quando não havia nenhuma esperança de arrependimento ou escravidão. Cobrei dívidas somente dos que mereciam pagar, e mesmo assim um terço de minha riqueza foi para os pobres e a igreja. Não sou nenhum monstro para ser procurado por estas patéticas criaturas às que vocês gratuitamente chamam de “malignas”, cuja própria maldade é apenas uma vela frente às tochas de iniqüidade que observei em meus tempos.

- Não duvido que você creia nisso - declarou McGonagall, - mas certamente você sabe que as lendas do coração negro do mago mais poderoso do mundo começaram ainda antes que você desse um passo fora de seu próprio tempo, enquanto ainda andava sobre a terra. Muitos viveram lhe temendo.
- Somente aqueles cuja maldade ou ignorância os levaram a esse erro - disse Merlim, com a voz grave. - E ainda nesse caso, eu provavelmente teria os acertado com a varinha em vez de com a espada.
- Pode ser, Merlino, mas você mesmo sabe que se meteu em artes, enquanto tecnicamente permitidas em seu tempo, não eram *muito* permitidas. Você se expôs à correntes de magia que lhe separaram do resto da humanidade; correntes que eram, de fato, mais do que a maioria dos seres humanos poderia tocar e permanecerem lúcidos. Você mudou depois disso. Talvez até se corrompeu com isso. Inclusive você deve ter duvidado de seu próprio julgamento algumas vezes. A moralidade ambígua do Merlino Ambrósio era tão conhecida, quanto sua atitude arrogante para as vidas dos nãomágicos. Legitimamente, suspeitou-se que você poderia se pôr do lado daqueles que desejavam a destruição e a subjugação do reino trouxa. Não posso falar por seu próprio tempo, mas no nosso, os que desejam a guerra com o mundo trouxa são nossos inimigos juramentados. Sua lealdade deve ser decidida antes que possamos permitir que abandone estas paredes.
- Atreve-se a desafiar um nobre como eu? - perguntou Merlim, com voz suave e tranqüila. - E a sugerir que não eu poderia simplesmente eleminá-los da face da terra com um gesto de meu braço, se desejar?
- Atrevo-me a fazer ambas as coisas, e por uma boa razão - disse McGonagall firmemente. - Suas motivações eram duvidosas nos seus tempos, como até mesmo os melhores historiadores acreditam. Você continua sendo

assim nesta época. E quanto a seus poderes, podem ser formidáveis, mas inclusive em sua época, a corrente de que extraia seu poder, diminuía à medida que a terra era subjugada. Não finja que não foi essa sua principal razão para avançar no tempo. Esperava voltar a uma idade em que as correntes da terra estivessem restauradas, quando seu poder seria novamente inesgotável e completo. Mas esta não é essa época. A corrente está agora mais dividida que nunca. O seu poder ainda pode ser grande, e na verdade poderia derrotar aos aqui reunidos, mas você não é em nenhum caso invencível. Escolha cuidadosamente com quem se alia nesta época, Merlino.

O rosto de Merlim permaneceu tão impassível quanto uma pedra enquanto olhava fixamente para a diretora.

Realmente voltei a um tempo de escuridão se a Pendragão acredita que uma simples ameaça de morte poderia afetar as convicções de um mago honorável. Mas vejo que é honesta nas suas razões, mesmo que seus métodos sejam mesquinhos. Nunca assinei alianças com aqueles cujos corações endureceram contra os não-mágicos. Trabalhei para manter o equilíbrio entre os mundos mágico e não-mágico, para impedir que a balança se inclinasse para um ou outro lado, embora ninguém tivesse adivinhado meus objetivos reais. Servi a todos, mas sempre com essa meta em meu coração. A justiça é um mito entre uma humanidade decaída, mas a igualdade de luta pode ser mantida, mesmo que seja apenas um pálido fantasma da verdadeira justiça.

- Você fala bem, Merlino - disse a diretora. - mas não declarou seu objetivo claramente. Você está aqui para nos destruir, ou para trabalhar conosco?

Pela primeira vez, o rosto de Merlim mostrou emoção. Fechou os olhos e apertou os lábios. Sua barba reluzia com o que James pensou ser algum tipo de óleo. De vez em quando, o seu cheiro, selvagem e aromático, flutuava suavemente na brisa do alto da torre.

- Austramaddux merecia o destino que lhe dei, e talvez uma centena de vezes mais, por me devolver a este tempo - ele abriu os olhos outra vez, e olhou para a assembléia. - Eu me aproximo de um castelo da mais sólida construção de que já me testifiquei, cheio de brilhantes pontos de luz solidificados, e ainda não encontrei nenhum sentinela, ou guarda, nem mesmo um servo que prepare meu banho ou qualquer outra exigência de protocolo. Você vem a meu encontro sem reconhecer a minha posição e sem me mostrar reverência, vestida com roupas de palhaços e camponeses, e mesmo assim está cercada por mesas cheias em pratos tão lisos e redondos como planetas. A própria Pendragão não é reverenciada nem servida, mas se veste como seus subordinados com bolsas informais de lona. E depois, acima de tudo, minha honra e lealdade são desafiadas, quando eu próprio me abstenho de exigir tributo por respeito a uma época alheia. Verdadeiramente, minha missão foi reduzida a pó. Não existe época madura para mim.
- Austramaddux pode ter sido egoísta - concordou McGonagall, inclinando-se ligeiramente para frente. - mas talvez não seja um erro que tenha sido devolvido a este tempo, Merlino. Acreditava-se que você lideraria uma rebelião contra o mundo trouxa, mas se as suas afirmações são sinceras, então você pode ter sido trazido aqui por uma providência ainda maior, de modo que pudesse nos ajudar na prevenção de tal tragédia. Inclusive agora, os poderes do caos puseram em marcha acontecimentos que conduzirão a esse fim. Mesmo agora, há um homem entre nós, um homem trouxa. Foi conduzido até aqui pelos agentes da desordem, e burlou nossas maiores defesas usando um tipo de não-magia chamado “tecnologia”. Tem acesso a uma maquinaria chamada “imprensa” através da qual pode tornar conhecidos os segredos do mundo mágico ao resto da humanidade. E é só por mérito desse segredo que o

equilíbrio de poderes existe. Se este homem e seus cúmplices tiverem sucesso, farão um mau uso da nova combinação dos mundos mágico e trouxa. Eles traçarão divisões, procurarão o poder, e mais cedo ou mais tarde, provocarão uma guerra. Você, mais do que ninguém, sabe qual seria o resultado de tal confabulação. Deve nos ajudar. Aqueles que tramam o caos lhe esperam. Deixe-lhes provar o fogo que eles pretendem verter sobre o mundo, Merlino. Ajude-nos.

Merlim permaneceu imóvel por quase um minuto, barba brilhando ao sol. Os animais remexiam-se ligeiramente, movendo os focinhos e arrepiando as penas. Finalmente, Merlim levantou-se, e foi como ver surgir uma montanha desde suas bases. Ele moveu-se com lento e absoluto encanto até que ele ficou totalmente ereto, seu bastão reto ao seu lado, seus penetrantes olhos azuis fixos na diretora.

- Você está certa, senhora - disse Merlim, com a voz retumbante e irritadiça. - Foi meu objetivo egoísta que me levou a abandonar minha própria época apenas para encontrar um tempo em que meu poder seria totalmente restaurado. A arrogância é minha perdição, e isso me estragou. Voltei agora somente para encontrar meu poder despedaçado, muito mais do que estava na minha época. Por favor, perdoe-me, como homem de honra, mas sinto-me tão incapaz quanto pouco disposto para me elevar ao posto que você descreveu para mim. Este não é mais o meu mundo. Talvez vocês prevalecerão sem mim. Talvez não. Não posso ver nenhum futuro para mim neste tempo, além de saber que o sol surgirá amanhã e viajará pelo céu como fez durante os mil anos de minha ausência. Brilhar-se-á sobre a guerra ou sobre a paz, a verdade ou a mentira, eu não sei, mas sei disso: brilhará sobre um mundo que não me conhece, nem eu a ele. Tenho que ir agora, senhora. Desejo a todos que se saiam bem.

Merlim ergueu os braços, segurando o cajado no alto.

Como um só, os pássaros sobre as balaustradas e os assentos se lançaram ao ar. Houve um som ensurdecedor quando centenas de asas bateram. Quando a massa de pássaros se dispersou, voando do cume da torre em todas as direções, não havia nenhum sinal de Merlim.
James olhou fixamente para o local onde o grande mago estivera. Tudo terminara. Não restara nada. Harry virou James e o abraçou.
- Está tudo bem, filho - disse ele.
James não achava que alguma coisa estava bem, mas se alegrou de ouvir as palavras, de qualquer forma. Abraçou seu pai de volta.

- Me pergunto se realmente foi para sempre - ponderou Neville em voz alta.
Não duvido que ele pretendia que acreditássemos nisso - contestou a diretora, levantando-se de sua cadeira sobre a tribuna da torre. - Mas a questão é que não há nenhum lugar para onde ir. Seu servo, Austramaddux, aparentemente, foi banido para o mundo dos mortos, assim Merlino não tem nenhum aprendiz nesta época a quem encarregar seu reaparecimento, caso decida viajar no tempo novamente. Receio que devemos assumir que Merlino está entre nós, para o bem ou para o mal. Sr. Potter, ele pode ser rastreado?
Harry pensou por um momento.
- Difícil, mas não impossível. Provavelmente, ele se refugiará na proteção das florestas, onde o seu poder é mais forte. Sem dúvida, ele tem muitos métodos de sobrevivência e fuga ali, mas um mago de tais capacidades sempre deixará um resíduo mágico perceptível. Acho que se pode localizar, com uma equipe

de aurores e muito tempo. A pergunta é: o que faremos com ele quando o encontrarmos?
- Devemos nos assegurar de suas intenções - disse Franklyn sombrio, aproximando-se da cadeira que Merlim ocupara. - Merlino é uma criatura de mistério e confusão. Apesar das suas palavras sinto que nem ele mesmo confia em suas próprias lealdades. As coisas eram muito mais claras em seus tempos. Vocês não percebem isso também? Ele se sente inseguro nesta época. Não sabe em quem confiar, que objetivo reflete ao seu próprio. Esta situação se agrava pelo fato de que, como você assinalou, diretora, a própria moralidade de Merlim é ambígua na melhor das hipóteses. Ele se refugia agora para examinar seu próprio coração tanto quanto para estudar as facções desta época.
- Realmente acredita mesmo nisso, professor? - perguntou Harry.
Franklyn apresentou o mesmo dispositivo de latão que usara para examinar o braço quebrado de James no campo de quadribol. Olhava irredutivelmente através dele, estudando a cadeira que Merlim ocupara. Assentiu lentamente.
- Sim. Merlim admitiu que o orgulho é sua maior fraqueza. Não pode permitir que vejamos sua própria carência de segurança. Mas não há dúvidas disso. Não sabe qual é a sua posição nesta época porque não sabe qual é sua posição em seu próprio coração, e só agora ele compreende.
- Essas dúvidas não durarão para sempre, no entanto - disse Neville, descendo até o chão de madeira. - Não podemos sentar e esperar até que ele decida qual lado se unir. Seu poder pode estar reduzido, mas apostaria que ainda é inigualável para qualquer bruxo atual. Temos que presumir que está com nossos inimigos até que deixe claro que é nosso aliado.
Harry negou com a cabeça.
- Concordo que pode se sentir inseguro nesta época, mas

não acho que seja mal. Ou, pelo menos, não deliberadamente maligno.
- O que você quer dizer? - interpôs Zane. - Ele foi procurado pelos magos mais malignos durante o último milênio ou mais, certo?

Não pelos *mais* malignos - disse McGonagall com ironia.
- É verdade - concordou Harry. - Só por aqueles que estavam o suficientemente confusos ou corrompidos para acreditar que os seus objetivos eram válidos, de algum modo. Aqueles que sabiam que seus corações eram malvados, aqueles que eram conscientes da sua própria maldade e a abraçavam, nunca o procuraram. Pelo menos, tanto quanto sabemos.
- Por agora será melhor que nos ocupemos de nosso problema mais imediato - disse McGonagall, suspirando.
- Nosso dia mal começou e já temos muito mais para lidar do que podemos. Além disso, quero me livrar deste traje insuportável o mais rapidamente possível.
Franklyn levantou o alçapão e o grupo começou a desfilar escadas abaixo. Os animais que haviam se reunido na plataforma da torre desceram também, perambulando e pulando entre os pés do grupo.
Slughorn e os outros professores estavam reunidos ali embaixo saudando-lhes com as caras preocupadas e um bombardeio de perguntas. Ignorando-os, James seguiu seu pai pela escada de caracol até o andar inferior.
- Como você chegou tão rápido, papai? - perguntou. - Merlim não chegou antes da meia-noite. Como McGonagall conseguiu localizar você tão rápido?
- Não foi a diretora quem me trouxe aqui, James - respondeu Harry, lançando um olhar a seu filho por cima do ombro. - Foi a sua carta. Nobby entregou-a esta manhã, e vim logo que a li. A diretora surpreendeu-se muito quando apareci na chaminé de seu escritório.
- Mas Sacarhina disse que você estava numa missão especial e que você não podia ser incomodado!
Harry sorriu sem humor.
- Foi esse detalhe na sua carta o que me demonstrou que tinha que vir de imediato, James. Não estive fazendo mais que trabalho de escritório toda a semana. Se Sacarhina disse que estava numa missão é só porque queria ter a certeza de que eu não viesse.

- Sim - assentiu James. - O retrato de Snape nos disse que Sacarhina e Recreant não eram confiáveis. Eles estão metidos em tudo isso do Elemento Progressivo.
Harry deteve-se na escada, dirigindo-se para James, Ralf e Zane.
- Tenham cuidado para quem mencionam isso - disse, abaixando sua voz. - O Ministério está sendo assediado ultimamente por gente como Recreant e Sacarhina, ainda que para a maior parte deles é apenas uma maneira de parecer um pouco audaz e moderno. Hermione faz o que pode para combater a propaganda e eliminar aos instigadores, mas é complicado. Recreant é só um instrumento, mas Sacarhina é perigosa. Acho que ela é o cérebro por trás do retorno de Merlim, na verdade.
- O quê? - disse James, diminuindo a sua voz para igualar a de seu pai. - De jeito nenhum. Era a senhora Delacroix que estava na Fortaleza ontem à noite.
Sim, Sacarhina não chegou até ontem à tarde - acrescentou Zane.
A expressão de Harry era grave.
- Sacarhina não é o tipo de pessoa que suja as mãos com o trabalho propriamente dito. Ela precisava de Delacroix para isso, e Delacroix não podia conseguir o Trono de Merlim do Ministério sem Sacarhina ajudando de dentro. Recreant e Sacarhina só estão aqui agora porque alegam “escoltar um perito em relações mágico-trouxa” para lidar com esse tal de Prescott. Não há nenhum perito. Eles esperavam apresentar-se a Merlim, e fazer-lhe passar pelo perito.
- Então nunca tiveram a *intenção* de impedir Prescott de revelar o mundo mágico à imprensa trouxa! - disse Ralf com o rosto pálido. - Sacarhina e Merlim deviam estar trabalhando juntos para se assegurar que Prescott fizesse a história vazar, não?
Harry assentiu.
-Eu acho que sim. Isto não é coincidência. É exatamente

o tipo de coisa que as pessoas como Sacarhina vêm esperando faz muito tempo. A reunificação do mundo trouxa e o mágico é essencial para o seu plano final da guerra total.
- Mas no final resultou que Merlim não está do lado de ninguém mais do que do seu próprio, depois de tudo - disse James. - Isso arruina o plano?
- Não sei - suspirou Harry. - As coisas se puseram em funcionamento e será muito difícil detê-las agora. Pode ser que Sacarhina não precise de Merlim para esta parte do plano.
- O que você tem planejado para deter o Prescott? - perguntou Zane.
- Detê-lo? Supõe-se que nem sequer estou aqui, lembra? Sacarhina é a responsável.
- Mas ela é má! - exclamou James. - Você não pode deixar ela levar a voz de inocente!
- Não vamos fazê-lo, James - disse Harry, colocando uma mão sobre seu ombro, mas endurecendo a voz. - Mas temos que ser muito cuidadosos. Sacarhina tem muita influência no Ministério. Eu não posso desafiá-la. Ela *espera* que eu faça algo precipitado, algo que ela possa usar contra mim. Desejam ver o Departamento de Aurores fechado completamente. Impedir que isso aconteça é uma questão de extrema importância. Ainda maior que proteger o segredo do mundo mágico.
- Então Sacarhina e Delacroix ganham? - disse James, olhando para os olhos de seu pai
- No curto prazo, talvez. Mas não perca a esperança. Neville, a diretora e eu temos alguns truques na manga. Sobreviveremos, não importa o que aconteça com Prescott. A única pergunta agora é saber quem o conduziu até aqui, em primeiro lugar.
- Bem, deve ter sido Sacarhina, não? - sugeriu Zane.
- Não, não pode ser - suspirou James. - Ela assinou o Voto do Sigilo, como qualquer bruxa ou mago. Se ela tivesse tentado dizer alguma coisa a Prescott, até

mesmo por carta, o juramento a teria detido de alguma forma. Além disso, ela não saberia nada sobre como funciona um *videogame portátil*, ou como poderia ser utilizado para conduzir alguém até Hogwarts.
Vozes e passos ressoaram na escada de caracol. A diretora e os professores desciam atrás deles. Harry fez um gesto para os meninos para que lhe seguissem até abaixo.
- É a única parte disso que realmente me confunde - disse Harry enquanto desciam as escadas. - Todos os bruxos estão atados pelo Voto do Sigilo. Qualquer pai trouxa de um estudante está atado por seu próprio contrato de não-divulgação. Isso significa que ninguém que conheça o mundo mágico seria capaz de espalhar o segredo. E, no entanto, obviamente alguém o fez. Tenho a intenção de descobrir quem.
Quando faziam à última curva da escada, a diretora, Neville, e o resto dos professores os alcançaram. McGonagall dirigiu-se aos estudantes que estavam esperando lá embaixo.
- Minhas senhoras e meus senhores, como vocês podem ver regressamos todos inteiros e bem. - ela deteve-se e contemplou a reunião de acima. - Para dissipar rumores e sufocar qualquer temor, tenho intenção de ser direta demais sobre o que aconteceu e ainda está acontecendo aqui hoje. Dois homens irromperam de forma bastante súbita nesses corredores ao longo dos últimos dois dias. O primeiro deles ainda está aqui. Seu nome é Martin Prescott e é um trouxa. Suas intenções são bastante questionáveis, mas posso garantir a vocês que nós, o corpo docente, estamos preparados para…
- Obrigado Minerva - interrompeu uma voz forte e sonora. - De fato, já informei aos estudantes sobre os acontecimentos de hoje. Aprecio o seu rigor, apesar de tudo. Poderia se juntar a nós? - Sacarhina e Recreant emergiram do grupo de alunos e posicionaram-se ao pé da escada. O sorriso de Sacarhina era amplo e brilhante

à poeirenta luz do térreo da torre.
McGonagall olhou-a durante um longo momento, e depois se virou para dirigirse aos estudantes novamente.
- Nesse caso, suponho que todos tenham de assistir às aulas. Seus professores com prazer lhes conduzirão à suas classes. Façamos o que pudermos com o resto do dia, certo?
- Você acha realmente necessário prosseguir com as aulas hoje, Minerva? - disse Sacarhina quando a diretora e o resto do grupo atingiram a base da escada. - É um dia muito incomum.
- Os dias incomuns são os melhores para as aulas, Srta. Sacarhina - respondeu McGonagall, passando pela mulher. - Recordam a todo mundo por que estamos aqui em primeiro lugar. Com licença.
- Harry - disse o Sr. Recreant, sorrindo com um tanto entusiasmado. - Admito, Brenda e eu não esperávamos ver você aqui hoje. Uma questão familiar, certo? - virou seu sorriso para James, e depois também o dirigiu a Ralf e Zane.
Harry sorriu rigidamente.
Estou igualmente surpreendido de ver vocês dois aqui. Não vi nada escrito sobre outra viagem para se juntar com os alunos da Alma Aleron. E tenho feito uma quantidade horrenda de papelada, como sabem.
Sacarhina tomou o braço de Harry, e ele a deixou conduzir para fora da torre, seguindo os últimos alunos.
- Foi muito inesperado - disse ela em tom confidencial. - Uma situação terrível. Seguramente Minerva lhe falou disso? Martin Prescott, um repórter trouxa, justo aqui na escola. De qualquer forma, o Ministério entende que é inevitável, na realidade.
- É mesmo? - disse Harry, detendo-se perto da porta e olhando para Sacarhina. - Então, Loquácio Knapp sabe sobre isso?
- O Ministro é consciente em linhas gerais dos

acontecimentos que têm ocorrido - interveio Recreant. - Tínhamos decidido não incomodá-lo com os detalhes propriamente ditos.
- Então, de fato, ele não sabe que vocês estão aqui? - disse Harry, sorrindo ligeiramente.
- Harry - disse Sacarhina sedosamente. - o fato é que este tipo de situação entra exatamente dentro da jurisdição do Departamento de Relações Internacionais. Você mesmo, obviamente, não requer a assinatura do Ministro para cada pequena manobra do Departamento de Aurores. Também não precisamos de sua aprovação quando se trata da execução de nossos deveres diários. Você tem intenção de ficar aqui o dia todo?
- Pode apostar, Brenda - respondeu Harry calmamente. - Estou curioso para ver o que faz o Departamento de Relações Internacionais no exercício das suas funções cotidianas em tal situação. Além do mais, você certamente irá concordar que uma testemunha externa e *objetiva* poderia acabar sendo proveitosa, caso se produza alguma... investigação?
- Como queira, Sr. Potter - disse Sacarhina, fechando inesperadamente seu sorriso como se fosse um joalheiro. - Tudo terá terminado pelas quatro da tarde. A equipe de Prescott chegará e terá sua visita turística. Afinal, não há forma de evitar considerando os muito engenhosos dispositivos de segurança do Sr. Prescott. Você pode nos acompanhar, mas, por favor, não tente interferir. Não seria bom para você. Mas estou segura de que não tenho que lhe dizer isso, não é?
- Você teve uma boa soneca ao lado das portas? - disse Zane superficialmente quando Sacarhina se afastava.
Ela parou, e depois virou muito lentamente para Zane.
- O que você quer dizer, rapaz? - perguntou.
Harry olhava para Zane com uma mistura de curiosidade e diversão.
- Vocês dois estavam ali para receber Merlim quando ele fez a sua magnífica entrada ontem à noite, mas

aparentemente ele procurava um peixe maior que vocês, não? - continuou Zane. - Ele lançou a vocês dois o velho olhar maligno e lhes congelou imediatamente. Vamos lá, isso deve doer.
O sorriso de Sacarhina apareceu novamente em seu rosto como se fosse sua expressão por defeito quando seu cérebro trabalhava intensamente em alguma outra coisa. Seus olhos se voltaram para Harry.
- Simplesmente não sei com o que você tem enchido as cabeças desses pobres meninos, Sr. Potter, mas realmente não é apropriado para funcionários do Ministério contar tais histórias. Merlim, até parece. - ela sacudiu a cabeça vagamente, depois se virou e atravessou o arco de entrada com o Sr. Recreant seguindo-a nervosamente.
- Com certeza você sabe lidar com as pessoas, Zane - disse Harry, sorrindo abertamente e agitando o cabelo do menino.
- Meu pai diz que é um dom - concordou Zane. - minha mãe diz que é uma maldição. Quem sabe?
- Pareceu como se a Srta. Sacarhina estivesse mais confusa que zangada - refletiu Ralf enquanto andavam pelo corredor abandonando a Torre Sylvven.
- Pode ser - respondeu Harry. - Pode ser que todos aqueles que Merlim adormeceu se esqueçam dele também. Ela pode não ter nenhuma lembrança de sua chegada ontem à noite.
- Então ela ainda espera que  ele apareça quando levar Prescott e sua equipe em seu *tour*?
- Talvez. Embora isso não vá derrubá-la por muito tempo quando ele não aparecer. Provavelmente Merlim está a meio caminho de cruzar a Floresta Proibida, procurando indicações nos espíritos das árvores, agora que parecem ter acordado.
James parou no meio do corredor. Poucos passos depois, Harry parou também e virou-se para olhar o filho. James estava com o rosto pensativo e os olhos arregalados.

De repente, pestanejou e olhou para o pai.
- Tenho que ir para a Floresta Proibida - disse. - Não é tão tarde. Papai, você virá comigo? Zane, Ralf, vocês também?
Harry não fez nenhuma pergunta a seu filho. Estudou o rosto de James durante vários segundos, e depois lançou um olhar para Zane e Ralf. - O que vocês dois acham? Prontos para matar aula?

James caminhava decidido pela floresta, seguido de perto por Harry, Zane e Ralf.
Passou entre as árvores menores na orla, dirigindo-se para o coração mais profundo da floresta, onde as árvores eram grandes e antigas e o sol quase ficava bloqueado pelos ramos da folhagem densa. Durante vários minutos, os quatro caminharam em silêncio, e depois, finalmente, James deteve-se. Virou no ato, erguendo a vista para as silenciosas folhas e ramos que rangiam suavemente. Não havia qualquer outro som. Harry, Zane e Ralf permaneceram a uns sete metros de distância, observando silenciosamente. James fechou os olhos por um instante, pensando, e em seguida, os abriu novamente e falou.
- Sei que muitas não estão acordadas - começou, erguendo os olhos para as árvores ameaçadoras. - e sei que algumas das que estão despertas não estão de nosso lado. Mas aquelas que sim, me ouvirão, e espero que me ajudem. Merlim está aqui em algum lugar. Pode estar muito, muito longe agora, mas mesmo assim, acho que vocês sabem onde ele está. Ele fala com vocês, e aposto que vocês também falam com ele. Sei que os espíritos das árvores podem falar, pois já conhecemos um. Tenho uma mensagem para Merlim.

James fez uma pausa e tomou outro profundo fôlego, não completamente seguro do que queria dizer. Simplesmente lhe ocorrera a idéia de que devia tentar. Delacroix se utilizara dele para ajudar a trazer Merlim ao mundo, apesar dos melhores esforços daqueles que queriam impedir.

O conhecimento de que tinha permitido que lhe usassem era horrível para ele. Todo esse tempo achara que fazia o bem, salvando o mundo do mal, trilhando os passos de seu pai heróico. E, mesmo assim, suas melhores intenções se voltaram contra ele, contra o mundo a que tinha esperado proteger. Tentara fazê-lo sozinho, como teria feito o seu pai, mas falhara. Ajudara ao mal. E agora o mal esperava que ele se rendesse. James não tinha intenção de se render, ainda que talvez agora poderia tentar ajudar de uma forma diferente. Provavelmente era arriscado, completamente desesperado, mas tinha que tentar. Talvez fosse *o seu* destino, depois de tudo.

- Merlim - disse James incertamente. - você disse que Austramaddux se equivocou ao trazê-lo para o nosso tempo. Você disse que tinha sido egoísta, que somente queria se livrar do serviço que ele lhe jurou. Mas a diretora McGonagall acha que está errado. Acha que este é o tempo ao que você mesmo se propôs voltar, porque este mundo precisa de sua ajuda para acabar com uma guerra que poderia destruir todos nós. Bem… Eu sei que só sou um garoto, mas acho que *ambos* estão errados. - James lançou um olhar para o seu pai. Harry encolheu seus ombros ligeiramente e assentiu.

- Ouvi tudo o que você disse, e o que os outros disseram quando foi embora, e acho que foi trazido a este tempo porque *você* precisa de alguma coisa. Você não tem certeza se realmente alguma vez fez bem ou mal. Não sabe se controla seus poderes, ou se eles te controlam. Acho que a verdade é que o mundo realmente *precisa de você* agora, e que você precisa deste mundo, também. É

sua oportunidade... talvez a última oportunidade... de demonstrar que é um mago bom depois de tudo. As pessoas se perguntaram durante séculos se você era bom ou mau, mas, o quem importa o que o resto da história dirá sobre você? Se você sabe em seu próprio coração que fez o correto quando isso realmente importava, então não se importará com o que dizem. Não digo isso porque eu entendo, mas, pelo menos, tento compreender. Você está neste tempo seja qual for a causa, Merlim. Quem quer que lhe trouxe aqui o fez para que resgatasse o mundo, mas... acho que está aqui também para ser resgatado de você mesmo.
James terminou e suspirou.
Ergueu os olhos, esticando o pescoço e fechando os olhos, procurando nas árvores algum sinal de que a sua mensagem tinha sido ouvida, e de que poderia ser entregue.
As folhas simplesmente continuaram assobiando e sussurrando na brisa. Os ramos rangiam silenciosamente. Após um minuto, James colocou as mãos nos bolsos e voltou desconsoladamente para seu pai, Ralf e Zane.
Zane deu uns tapinhas no ombro de James enquanto davam a volta para partir.
- Foi o maior monte de bobagens que jamais ouvi - disse jovialmente. - Mas acho que você fala sério. Gostei, mesmo que nunca chegue aos ouvidos de Merlim.
- Você pensou nisso sozinho? - perguntou Ralf.
James encolheu os seus ombros e sorriu com vergonha.
Harry não disse nada enquanto andavam, mas pôs o braço ao redor dos ombros de James e o manteve ali todo o caminho de volta. James achou que significava que seu pai o aprovava, mesmo se não fosse a maneira que ele próprio teria feito. E então compreendeu, com alegria, que seu pai o aprovava justamente porque *não era* a maneira como ele teria feito. James sorriu e desfrutou desse momento de silenciosa revelação. Talvez

aprender essa verdade... o tipo de verdade que se deve aprender por si próprio, apesar de todas as pessoas que tentam ensiná-lo com meras palavras... fazia que valesse a pena tudo o que tinha acontecido até agora. Só esperava que valesse também depois do que ainda estava por vir.

# - CAPÍTULO 19 -

# Segredos Revelados

Harry acompanhou James, Zane e Ralf a um café da manhã muito tardio nas cozinhas dos elfos domésticos sob o Salão Principal. James percebeu que o elfo doméstico que manejava o enorme fole do fogão era o elfo resmungão que tinha dito aos três que estavam à prova. Olhou-os com óbvia suspeita, mas não disse nada.

Juntaram-se em uma pequena mesa abaixo de uma janela ainda menor e comeram pratos de peixe defumado, torrada e beberam suco de abóbora e chá preto. Finalmente, Harry sugeriu que os garotos descansassem para depois irem tomar banho.

Ainda usavam a roupa que tinham vestido durante a fracassada aventura de vassoura do dia anterior, e estavam definitivamente sujos depois de ter passado a noite na floresta. Além disso, James estava cansado até

os ossos, e decidiu que podia deitar em sua cama por pelo menos dez minutos, com crises escolares ou sem elas.
No caminho para a sala comunal, James decidiu fazer um desvio à ala hospitalar para recolher a sua mochila. Filia Goyle e Murdock já não guardavam as portas, obviamente, mas se surpreendeu ao ver Hagrid encolhido num dos bancos próximos, olhando uma revista grossa chamada *Bestas e Regiões Campestres*. Ele ergueu os olhos, fechando a revista.
- James, que bom ver você - disse calorosamente, aparentemente tentando manter a voz baixa. - Ouvi que vocês tinham voltado sãos e salvos. Estava vendo seu pai, então, eu aposto.
- Sim, acabei de deixá-lo - respondeu James, olhando através das portas entreabertas da ala hospitalar.
- O que você está fazendo aqui, Hagrid?
- Bom, é óbvio, não é? Estou de plantão, isso é o que faço. Ninguém entra ou sai a não ser que seja com autorização da diretora. Ele precisa descansar e se recuperar, depois de tudo pelo que passou.
- Quem? - perguntou James, subitamente interessado. Espiou mais atentamente pela fenda entre as portas.
Havia uma forma ainda deitada numa das camas, mas James não podia imaginar de quem se tratava.
- O Prof. Jackson, claro! - disse Hagrid, ficando de pé e unindo-se a James junto à porta. Aproximou-se da cabeça de James com um olho negro e redondo. - Você não ouviu? Ele apareceu no pátio uma meia hora atrás, com aspecto bastante desagradável - sussurrou. - Causou uma grande comoção quando os estudantes que estavam lá fora o viram. Nós o trouxemos para cá imediatamente e a mim deram a responsabilidade de vigiar as portas enquanto Madame Curio lhe atende.
James ergueu os olhos para Hagrid.
- Ele está ferido?
- Isso foi o que pensamos a princípio - disse Hagrid,

retrocedendo. - Mas Madame Curio diz que ele está bem com exceção de algumas poucas costelas quebradas, algumas queimaduras nos braços, um golpe desagradável na cabeça e quase um milhão de cortes e arranhões. Esteve num duelo, ela diz, um muito longo. Aconteceu durante a noite, ao ar livre na floresta. Isso foi tudo o que ele pôde nos dizer antes de desmaiar.
- Um duelo? - repetiu James, franzindo a testa. - Mas Delacroix quebrou varinha dele!
- Sério? - disse Hagrid, impressionado. - E por que ela faria algo assim?
- O duelo foi contra ela, Hagrid - disse James cansado. - Ele e ela… olhe, eu vou explicar a você mais tarde. Mas eu vi ela quebrar a varinha dele ao meio. Vi os pedaços. Ele deixou-os para trás.
- Beeeem… - disse Hagrid, retomando seu assento e produzindo um longo e doloroso gemido do banco. – Ele é americano, você sabe. Eles gostam de carregar mais de uma varinha. Isso vem de toda aquela tradição do Velho Oeste e tudo mais. Eles as enfiam nas botas e nas mangas e as escondem em bengalas e tudo mais. Todo mundo sabe disso, não é?
James expiou novamente pela fenda das portas da ala hospitalar, mas mesmo assim não pôde distinguir claramente a forma que estava sobre o colchão.
- Sinto muito, professor - disse em silêncio. - mas espero que você tenha dado tudo o que ela merece.
- O que quer, James? - disse Hagrid, olhando-o.
- Só vim pegar minha mochila - respondeu James rapidamente. - Deixei-a ontem à noite.
- Suponho que você não gostaria de vir buscá-la mais tarde, não? - perguntou Hagrid ansiosamente. - Tenho minhas ordens. Ninguém entra ou sai. A diretora acha que quem atacou Jackson talvez venha à procura dele. Não se pode descartar que possa ser aquele louco que finge ser Merlim.
- Foi Delacroix, Hagrid. Mas, sim. Posso voltar mais

tarde. Bom trabalho.
Hagrid assentiu, e depois reabriu a revista sobre seu colo. James virou-se e regressou por onde tinha vindo.

A sala comunal da Grifinória estava vazia. O fogo na grade queimara até sobrar somente brasas vermelhas, mas, de qualquer maneira, fazia calor suficiente lá fora para que o fogo não fosse necessário. De fato, enquanto subia as escadas para os dormitórios, James sentiu uma rajada de ar fresco e frio que passou ao seu lado. Parecia que alguém deixara uma janela aberta lá em cima. Estava se perguntando se deveria fechá-la ou não, quando chegou ao final das escadas e viu Merlim confortavelmente reclinado sobre sua cama.
- Aqui está o meu pequeno conselheiro, afinal - disse Merlim, erguendo o olhar e baixando o livro de texto de Tecnomancia de James.

James olhou a janela aberta ao lado de sua cama, em seguida, concentrou-se em Merlim.
- Você - disse, com a mente ligeiramente desconcertada.
- Você...? - acenou duvidosamente para a janela.
- Se entrei voando pela janela? - disse Merlim, deixando o livro de lado quase reverentemente. - Sobre as asas dos meus irmãos voadores? O que você acha, James Potter?
James fechou a boca, percebendo que era algum tipo de teste. Descartou a sua primeira idéia e procurou outra opção.
Não - respondeu. - Na realidade, não, acho que você abriu a janela, pois gosta do ar.
- Gosto da fragrância do ar, especialmente nesta época do ano - respondeu o mago, olhando para a janela

aberta. - A essência do crescimento e a vida vêm da terra agora, enchendo o céu. Até os não-mágicos podem senti-la. Eles dizem que o “amor” está no ar, na primavera. Aproxima-se o suficiente da verdade, não está errado, mas não é o amor de um homem e uma mulher. É o amor da terra pela raiz, da folha pela luz solar, e sim, da asa pelo ar.
- Mas você *queria* que eu acreditasse que você tinha entrado pela janela, não? - disse James, sentindo-se cautelosamente encorajado.
Merlim sorriu ligeiramente e estudou James.
- Noventa por cento da magia acontece na mente, James Potter. O maior truque de todos é saber o que o seu público espera para ver, e se assegurar de que o vejam.
James aproximou-se da outra cama e sentou nela.
- É disso que você veio falar? Ou você está aqui porque você recebeu minha mensagem?
- Pus-me a par de muitas coisas desde a última vez que você me viu - respondeu o mago. - Movi-me para dentro e para fora, e por todo o lado. Conversei com muitos velhos amigos, reativados com a terra, as bestas e o ar. Encontrei muitas coisas estranhas no bosque, artigos desta era, e aprendi muito sobre os costumes desta época. Estudei vocês, você mesmo e ao seu povo.
James sorriu lentamente, percebendo algo.
- Você nunca partiu! Você desapareceu do alto da torre, você nos fez pensar que tinha ido voando com os pássaros, mas nunca foi a lugar nenhum, certo? Só se tornou invisível!
- Você tem um pouco de talento para ver além do óbvio, James Potter - disse Merlim, com a voz baixa e o rosto impassível. - Mas admitirei que ouvi tudo o que seus professores Franklyn e Longbottom, e a Pendragão, e sim, o seu pai, disseram a meu respeito. Fiquei surpreendido e com raiva de que acreditassem me conhecer dessa maneira. E, no entanto, não sou escravo da arrogância. Eu me perguntava se o que eles

supunham era verdade. Fui, e visitei minhas velhas terras. Viajei por dentro e por fora, aqui e ali. Estudei as profundidades da minha própria alma, como Franklyn supôs que eu deveria. E descobri que havia uma sombra de verdade nas palavras deles. Uma sombra…
Merlim pausou durante um longo momento. James decidiu não dizer nada, senão simplesmente observar o mago. Seu rosto permanecia totalmente imóvel, mas os seus olhos pareciam distantes. Depois de não mais que dois minutos, Merlim falou de novo.
- Mas uma sombra não era suficiente para me trazer de volta ao pântano das hipocrisias e lealdades confusas desta época tenebrosa. Estava longe, explorando, procurando espaço, solo, e terra ininterrupta, afundando-me na profunda linguagem do ar e da chuva, quando apareceu uma nova nota na canção das árvores. Sua mensagem, James Potter.
James ficou surpreso ao ver que finalmente havia emoção no enorme rosto do bruxo. Ele olhava James com simplicidade, e de repente seus olhos se umedeceram. James sentiu vergonha pela crua expressão de angústia do homem. Até sentiu um pouco de culpa por suas próprias palavras, palavras que aparente e inesperadamente, tinham transpassado o grande coração oculto daquele homem. Depois, como se a angústia nunca tivesse estado ali, o enorme e pétreo rosto se recompôs. Não foi questão de disfarçar a emoção, compreendeu James. Simplesmente ele tinha testemunhado o funcionamento das emoções de um homem cuja cultura era totalmente alheia a ele, que o coração estava tão perto da superfície que as emoções profundas podiam inundar o rosto completa e descaradamente, como uma nuvem escurecendo o sol, mas apenas por um instante.
- Portanto, James Potter - disse o bruxo, ficando de pé lentamente, de forma que pareceu preencher o quarto. - Voltei. Estou à sua disposição. Minha alma certamente

quer isso. Aprendi muito deste mundo durante minhas viagens deste dia, e amo pouco dele, mas há um mau presente, ainda que esteja mascarado com duplicidade e normas de comportamento. Talvez superar o mal seja muito menos importante e até mesmo desnudá-lo de sua aparência externa e respeitabilidade.
James sorriu e também se levantou de um salto, sem ter certeza se deveria apertar a mão de Merlim, ou abraçá-lo, ou fazer uma reverência. Decidiu golpear o ar com um punho e proclamar:
- Sim! Eh, obrigado, Merlim. Eh, Merlino. Sr. Ambrósio?
O mago simplesmente sorriu, com seus olhos azul gelo faiscando.
- Então - disse James. - o que faremos? Digo, só temos umas poucas horas antes que Prescott e sua equipe se reúnam para filmar a escola e tudo mais. Acho que tenho que lhe explicar tudo. Puxa, vai levar algum tempo.
- Sou Merlim, James Potter - disse o bruxo, suspirando. - Já aprendi tanto quanto preciso saber deste mundo e do seu funcionamento. Você se surpreenderia bastante, eu creio, se descobrisse o quanto as árvores sabem da sua cultura. O Sr. Prescott não é um problema. Nós simplesmente precisamos de um concílio de aliados que nos ajudem.
- Está bem - disse James, voltando a se deixar cair sobre a cama. - Que tipo de aliados nós precisamos?
Merlim semicerrou os olhos.
- Precisamos de heróis engenhosos e astutos, sem medo de violar as convenções a fim de defender uma aliança maior. As habilidades de batalha não importam. O que precisamos neste momento, James Potter, são patifes com honra.
James assentiu brevemente.
- Conheço o grupo adequado. Patifes com honra. Entendi.
Então, vamos fazer isso, meu jovem conselheiro - disse Merlim, rindo um pouco assustadoramente. - Conduza-

me.
- Então - disse James enquanto guiava Merlim para fora, através do buraco do retrato. - você acha que venceremos?
- Sr. Potter - disse Merlim graciosamente, saindo ao patamar e colocando os punhos nos quadris - Vocês ganharam no momento em que decidi me unir a vocês.
- É o famoso orgulho do Merlim falando? - perguntou James hesitantemente.
- Como já eu disse - respondeu Merlim, virando-se para seguir James com seu passo longo e lento. - Noventa por cento da magia acontece na mente. Os dez por cento restantes, Sr. Potter, é pura e autêntico capricho. Tome nota disso e lhe servirá muito bem.

Após a brilhante e nebulosa neblina da manhã, o dia progrediu para uma névoa de quietude e calor inoportuno. A diretora McGonagall fizera questão de que as aulas continuassem, mesmo durante a visita de Martin J. Prescott e seus acompanhantes, mas apesar da sua ordem, dezenas de estudantes reuniram-se no pátio para testemunhar a chegada da equipe de repórteres trouxas. Próximos à frente do grupo, James e Harry estavam de pé um ao lado do outro. A poucos passos de distância, Tábita Corsica e seus companheiros sonserinos observavam com olhos decididamente brilhantes e ansiosos. No alto das escadas principais a diretora McGonagall estava ladeada pela Srta. Sacarhina e o Sr. Recreant. Martin Prescott, no degrau mais baixo, olhava o seu relógio.
- Tem certeza de que eles poderão passar com os veículos pelo caminho que você descreveu, Srta. Sacarhina? - disse, erguendo a visão para onde ela se

encontrava, e piscando os olhos ante a luz do sol. - Eles conduzirão veículos com *rodas*, como já disse. Você sabe. Rodas. Não há nada parecido com pântanos lamacentos ou pontes com trasgos vivendo debaixo delas ou algo assim, certo?

Sacarhina estava prestes a responder quando o som dos motores dos automóveis se tornou audível na distância. Prescott saltou e virou-se, erguendo o pescoço para captar um vislumbre da sua equipe. James, em pé com seu pai perto da frente da multidão, pensou que a diretora McGonagall estava contendo-se muito bem, considerando tudo. Ela meramente pressionou os lábios fortemente quando os enormes veículos entraram se sacudindo no pátio. Havia dois deles, e James os reconheceu como enormes caminhonetes com tração nas quatro rodas que Zane chamava de “jipes”. O primeiro deteve-se diretamente na frente das escadas. As quatro portas abriram-se e delas começaram a emergir homens, pestanejando perante a forte luz do sol e carregando grandes sacos de couro cobertos de enormes bolsões. Prescott disparou em direção aos homens, chamando-os pelo nome, apontando e gritando ordens.

- Quero luzes e refletores na parte esquerda das escadas, com ângulo para as portas. É ali onde farei o meu comentário final e efetuarei as entrevistas. Ed, você tem as cadeiras? Não? Certo, está bem, faremos em pé. Sentado poderia parecer demasiado, você sabe, *preparado*, de qualquer maneira. Queremos manter a sensação de *exposição* ao vivo o tempo todo. Que câmaras você tem, Vince? Quero a câmara portátil de trinta e cinco milímetros em tudo. Dupla gravação de todas as tomadas, entendido? Editaremos a filmagem aqui e ali com essa sensação de câmara escondida. Perfeito. Onde está Greta com a maquiagem?

A equipe ignorava completamente a assembléia de estudantes, a diretora e os oficiais do Ministério nas escadas. Tudo ao redor das caminhonetes era o tumulto

de homens montando câmeras, unindo cabos elétricos às luzes, anexando microfones a postes altos, e dizendo “Testando” e “Som” em microfones menores para serem preso à camisa de Prescott. James observou que uns poucos indivíduos dentro do grupo não pareciam se preocupar com os preparativos técnicos. Estavam muito mais bem vestidos e pareciam sentir curiosidade pelo castelo e seus terrenos. Um deles, um velho careca com aparência amigável e com um traje a rigor verde brilhante, subiu os degraus em direção à diretora.

- Que alvoroço, não é mesmo? - proclamou, olhando em direção aos veículos. Ele inclinou-se ligeiramente para a diretora. - Rodolfo Finney, detetive da Polícia Especial Britânica. Não completamente aposentado, mas o suficientemente perto para que já não importe. O Sr. Prescott teria me mencionado?Aparentemente, ele fez muita publicidade de minha presença aqui. Entre você e eu, eu suspeito que tinha esperado alguém um pouco mais, eh, inspirador, se você me entende. Então, isso é uma espécie de... escola, sim?

- Sem dúvida, sim, Sr. Finney - disse Sacarhina, estendendo a mão. - Meu nome é Brenda Sacarhina, Chefe do Departamento de Relações Internacionais do Ministério da Magia. Hoje será um dia muito interessante para você, eu suspeito.

- Ministério da Magia. Que incomum - disse Finney, apertando a mão de Sacarhina meio distante. Seu olhar não se afastara da diretora. - E quem seria você, madame?

- Esta é... - replicou Sacarhina, mas McGonagall, longamente acostumada a ignorar ruídos indesejáveis, falou por cima dela.

- Minerva McGonagall, Sr. Finney. Prazer em conhecê-lo. Sou a diretora desta escola.

- Encantado, encantado! - disse Finney, tomando reverentemente a mão de McGonagall e fazendo de novo uma reverência. - Diretora McGonagall, eu estou feliz

em conhecê-la.

Por favor, chame-me de Minerva - disse McGonagall, e James viu que a mais ligeira das dores passava por seu rosto.

- Sem dúvida. E você me chame de Rodolfo, eu insisto. - Finney sorriu para a diretora durante vários segundos, depois pigarreou e ajustou os óculos. Virou-se, examinando o castelo e seus terrenos. - Eu não sabia que havia uma escola nesta área, para dizer a verdade. Especialmente uma tão magnífica como esta. Eu diria, sem medo de me equivocar, que deveria estar inscrita no registro de lugares históricos, Minerva. Como vocês a chamam?

Sacarhina começou a responder, mas dela não saiu nada. Ela emitiu um pequeno ruído, tossiu um pouco, e depois cobriu a sua boca delicadamente com uma mão, com uma leve expressão de perplexidade no rosto.

- Hogwarts, Rodolfo - respondeu McGonagall, sorrindo cuidadosamente. - Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

- Não me diga? - replicou Finney, olhando para ela. - Que fantástico.

- Nós gostamos de pensar que sim.

- Detetive Finney! - disse Prescott de repente, trotando degraus acima, com o rosto coberto por uma massa de maquiagem e papel de seda pendurando do colarinho de sua camisa. - Vejo que conheceu a diretora. A Srta. Sacarhina e o Sr. Recreant estão aqui para guiar-nos durante o passeio, é claro. A diretora só está presente para, eh, dar cor ao assunto, você sabe.

- E desempenha seu papel muito bem, certo? - disse Finney, virando-se para McGonagall com um sorriso.

James viu que a diretora estava se reprimindo de forma muito heróica para não revirar os olhos.

- Já conheceu a Srta. Sacarhina e o Sr. Recreant então? - Prescott abriu caminho aos empurrões, introduzindo-se entre Finney e McGonagall. - Srta. Sacarhina, talvez

poderia contar ao detetive Finney um pouco do que vocês fazem aqui?
Sacarhina sorriu encantadoramente e deu um passo adiante, enroscando seu braço ao de Finney na tentativa de afastá-lo da diretora McGonagall.
- ... - disse Sacarhina. Ela parou, depois fechou a boca e tentou baixar os olhos até os lábios, o que produziu uma expressão muito estranha.
Finney a observava com a testa ligeiramente franzida.
- Você está bem, senhorita?
- A Srta. Sacarhina está apenas ligeiramente afônica pelo clima, detetive Finney - disse Recreant, adotando um sorriso complacente que não conseguia igualar ao sorriso praticado de Sacarhina. - Permita-me. Esta é uma escola de magia, como a diretora já lhe mencionou. É, de fato, uma escola para bruxas e bruxos. Nós... - A seguinte palavra de Recreant pareceu se atolar na sua garganta. Ficou de pé com sua boca aberta, olhando para Finney e parecendo bastante com um peixe se asfixiando. Após um longo e incômodo momento, fechou a boca. Tentou sorrir de novo, mostrando seus dentes longos e desiguais.
A testa de Finney continuava franzida. Livrou-se do braço de Sacarhina e olhou tanto para ela como para Recreant.
- Sim? Digam-me então, o que está acontecendo? Estão *ambos* doentes?
Prescott estava quase pulando de um pé para outro.
- Talvez deveríamos simplesmente começar a visita, vamos? Obviamente, eu já sei andar um pouco pelo castelo. Poderemos começar tão cedo como... tão cedo como... - Ele percebeu que ainda tinha papéis presos ao colarinho de sua camisa. Tirou e os enfiou nos bolsos das suas calças. - Srta. Sacarhina, você mencionou que outra pessoa viria? Um especialista em explicar as coisas aos não iniciados? Talvez este seria um bom momento para apresentar essa pessoa?

Sacarhina inclinou a cabeça para diante, com os olhos ligeiramente saltados e a boca aberta. Após alguns segundos de tenso silêncio, a diretora pigarreou e gesticulou para o pátio aberto.
- Suspeito que ele já esteja aqui. Você sabe que o Sr. Hubert tende a se atrasar algumas vezes. Esse pobre homem perderá a sua própria cabeça um dia destes. Enfim, é um gênio à sua própria maneira, não é verdade, Brenda?
Ainda boquiaberta, Sacarhina virou para seguir a mão de McGonagall que apontava para alguma coisa. Outro veículo estava adentrando o pátio. Era antigo, seu motor tamborilava e cuspia uma pálida fumaça azul. Finney franziu um pouco a testa enquanto o via tamborilar lentamente pelo pátio. Sacarhina e Recreant observavam o veículo com expressões iguais de pura perplexidade e repugnância. A multidão de estudantes reunidos perto das escadas retrocedeu enquanto o veículo chiava até parar na frente do primeiro jipe, apontando para ele. O motor tossiu, engasgou, e depois morreu, lentamente.
- Isso é um Ford Anglia, não é? - disse Finney. - Eu não via um destes há décadas! Estou surpreso que ainda funcione.
- Oh, nosso Sr. Hubert é muito bom com os motores, Rodolfo - disse McGonagall graciosamente. - Ele é quase um bruxo, na realidade.
A porta do condutor abriu-se com um chiado e uma figura saiu dela. Era muito grande, tanto que o carro subiu perceptivelmente sobre seus amortecedores quando desceu. O homem se aproximou das escadas, sorrindo um pouco distraidamente.
Ele tinha um longo cabelo loiro prateado e uma barba correspondente, ambos compensados por um gigantesco óculos negro de tartaruga. O cabelo do homem estava recolhido para trás num rabo de cavalo elegante e quase formal.
- O Sr. Terêncio Hubert - disse McGonagall,

apresentando o homem. - Reitor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Bem-vindo, Senhor. Venha conhecer nossos convidados.
O Sr. Hubert sorriu e depois olhou de soslaio à porta do passageiro do Anglia que se abriu com um chiado.
- Espero que vocês não se importem - disse o Sr. Hubert, ajustando os seus óculos. - Trouxe comigo a minha esposa. Diga olá a todos, minha querida.
James conteve a sua respiração quando Madame Delacroix saiu desastradamente do carro, rindo lenta e deliberadamente.
- Olá - disse com uma voz estranhamente monótona.
Hubert sorriu vagamente para ela.
- É um docinho, não acham? Bem, então, vamos começar?
Sacarhina tossiu, seus olhos abriram-se de forma alarmante quando observou Delacroix se unir ao Sr. Hubert na frente do Anglia. Empurrou Recreant com o seu cotovelo, mas este estava tão mudo quanto ela.
- Reitor? - disse Prescott, olhando de Hubert para McGonagall. Não existe um reitor! Desde quando há um reitor?
- Peço desculpas, senhor. - disse Hubert, subindo as escadas com Delacroix ao seu lado, a qual sorria um pouco freneticamente. - Estive fora semana passada. Negócios em Montreal, Canadá, em todos os lugares possíveis. Um maravilhoso depósito de distribuição o que eles têm ali. Vocês sabem, aqui só utilizamos fornecimentos mágicos da mais alta qualidade, naturalmente. Inspeciono todos os nossos materiais pessoalmente antes de encarregar qualquer coisa. Oh, mas eu não devia dizer mais nada, é claro. Ei, ei! - Hubert tocou um lado do nariz com o dedo indicador, sorrindo conspiradoramente para Prescott.
O rosto de Prescott estava cheio de suspeita. Olhou fixamente para Hubert, depois para Madame Delacroix. Finalmente, levantou as mãos e fechou os olhos.

- Tudo bem, quem se importa. Sr. Hubert, se será você o nosso guia, então nos guie. - ele lançou um olhar por cima do ombro para a equipe de filmagem, gesticulando ferozmente com as sobrancelhas, e depois seguiu Hubert pelas portas enormes abertas. - Reitor Hubert, poderia dizer a nós e a nossos telespectadores o que vocês fazem aqui na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts?
- Claro! - disse Hubert, virando ao chegar ao centro do vestíbulo de entrada. - Nós ensinamos magia! Somos, de fato, a principal escola de artes mágicas da Europa. - Hubert pareceu perceber a câmera pela primeira vez. Sorriu um pouco nervosamente. - Os estudantes, eh, vêm dos lugares mais longínquos do continente, e ainda de mais distante, para aprender a antiga arte dos místicos mestres da magia. Para adquirir, absorver, e, eh, adentrar-se, por assim dizer, nas artes secretas da adivinhação, iluminação, prestidigitação, e, eh, etecetera, etecetera.
Prescott estava lançava um olhar duro para Hubert, suas bochechas corando.
- Entendo. Sim, então você admite vocês ensinam *magia autêntica* nestas paredes?
- Ah, sem dúvida, jovem. Por que eu iria negar isso?
Então você não nega - disse Prescott com voz ligeiramente estridente. - que estas pinturas, alinhadas neste exato aposento, são pinturas mágicas que se *movem*? - ele gesticulou exageradamente para as paredes.
O cinegrafista virou e aproximou-se tão rápida e tranqüilamente quanto pôde de um grupo de pinturas que estavam junto à porta. O operador do microfone de longo alcance baixou seu aparelho, até estar seguro de que capturava a resposta de Hubert.
- Pinturas que se m… movem? - disse Hubert com a voz distraída. - Oh, hmm… sim. Bem, suspeito que se poderia dizer que se movem. Porque essas pinturas, não importa em que lugar estejam, seus olhos estão sempre

sobre você. - Hubert levantou misteriosamente as mãos, animando-se com o assunto. - Elas parecem, de fato, seguir você *onde quer que vá*!
O cinegrafista afastou o olho do visor e franziu a testa para Prescott. O rosto de Prescott se tornou sombrio.
- Isso não é o que eu quis dizer. Faça com que se movam! Você sabe que podem fazer isso! Você! - ele virou nos calcanhares e apontou para McGonagall. **-** Você teve uma conversa com um retrato em seu escritório ontem mesmo! Eu vi! Eu ouvi a pintura falar!
McGonagall adotou uma expressão tão comicamente surpresa que James, que estava em pé na porta, com o resto dos estudantes reunidos, teve que reprimir um riso.
- Não posso imaginar a que se refere, senhor - respondeu a diretora.
- Vejamos, deixe a dama fora disto, me entendeu? - disse Finney brutalmente, dando meio passo para se colocar diante da diretora, que era uma cabeça mais alta que ele. - Simplesmente continue com sua investigação toda-poderosa, Prescott, e terminemos com isso.
Prescott ficou constrangido durante alguns segundos, em seguida, se recompôs.
- Ceeeerto. Esqueçamos as pinturas que se movem. Sou um tonto. - ele virou-se para Hubert. - Presumo que as aulas estão atualmente em curso, Sr. Hubert?
- Hmm? - disse Hubert, como se sobressaltado. - Em curso? Bem, eu... eu... suponho que sim. Eu não esperava…
- Você não esperava que nos interessasse em presenciá-las, não é? - interrompeu Prescott. - Pois nos interessa. Nossa audiência tem o direito de saber o que está acontecendo aqui exatamente, bem… embaixo… dos... nossos… narizes.
- Audiência? - repetiu Hubert, voltando-se para a câmera. - Isto é, eh, *ao vivo*. É isso?
Prescott deixou cair a sua cabeça para frente e meio que

se curvou.
- Não, Sr. Hubert. Não é. Ninguém lhe contou como funciona? Gravamos, editamos, transmitimos. Srta. Sacarhina, você entende tudo, estou certo? - ele olhou de soslaio a Sacarhina, que sorriu e estendeu os braços. Desenhou com a boca umas poucas palavras e depois gesticulou vagamente para a sua garganta. Recreant alargou o seu sorriso um pouco mais. Sua testa estava molhada de suor.
- Ótimo - murmurou Prescott. - Vejamos. Maravilha. Vamos continuar. - ele se endireitou e olhou novamente furioso para Hubert. - Sim, a nossa audiência gostaria muito de ver o que acontece nessas, assim chamadas, “salas de aulas“, senhor reitor. Por favor, mostre-nos o caminho.
Hubert virou-se para Delacroix.
- O que acha, querida? Adivinhação ou Levitação?
- Ambas *são* igualmente impressionantes, meu querido. - disse Delacroix, pronunciando as palavras de forma muito desajeitada. Ela parecia querer dizer mais, mas apesar dos movimentos das suas mandíbulas, seus lábios permaneciam hermeticamente fechados.
- Minha esposa é estrangeira, como vocês podem ver - disse Hubert se desculpando. - Mas faz o melhor que ela pode.
- As salas de aula, por favor, Sr. Hubert - insistiu Prescott. - Você não pode manter a imprensa afastada, senhor.
- Não, não, claro que não. De fato, nós apreciamos a publicidade - disse Hubert, virando-se para conduzir à equipe pelo corredor. - Mesmo com o prestígio que temos, algumas vezes é difícil manter a cabeça fora da água. A magia é, bem, um estudo *especializado*, para dizer o mínimo. Apenas certo tipo de indivíduo tem a paciência e a graça de aprendê-la. Ah, aqui estamos nós. Adivinhação.
Prescott avançou rapidamente para a porta aberta da

sala de aula, seguido por sua equipe de filmagem e o operador do microfone de longo alcance tropeçando para manter o passo. Finney se manteve no final do grupo, tão perto da diretora McGonagall quanto pôde. Harry e James, encabeçando a multidão de estudantes curiosos, aproximaram-se da porta para assistir.

- Aqui nossos alunos aprendem a antiga arte da predição do futuro - disse Hubert orgulhosamente. Uma dúzia de estudantes estava espalhada pela sala, olhando sombriamente os objetos que estavam em frente a eles sobre as mesas. Na frente da turma, como respondendo a um sinal, a professora Trelawney ergueu os braços, produzindo um tilintar musical com as várias pulseiras de seus braços.

- Procurem, estudantes! - gritou com sua voz mais mística. - Olhem profundamente, profundamente no rosto do onisciente cosmo, representado no turbilhão de padrões e desenhos do infinito! Encontrem os seus destinos!

- Folhas de chá! - disse Finney alegremente. - Minha própria mãe costumava ler a sorte nas folhas de chá para os turistas! Isso nos manteve nos momentos mais difíceis, por aqueles tempos. Perfeitamente pitoresco, manter estas tradições vivas.

- Tradições, bã! - disse Trelawney, levantando-se de seu assento e girando dramaticamente suas ligeiras roupas. - Procuramos a natureza implícita da perfeita verdade nas folhas, senhor. Passado, presente, futuro, todos unidos para aqueles que têm os olhos para vê-lo!

- Isso, exatamente! Era o que minha mãe também costumava dizer! - riu Finney.

É assim que predizem o futuro? - disse Prescott, olhando com desgosto dentro de uma das xícaras dos estudantes.

- Isto é ridículo. Onde estão as bolas de cristais? Onde está a fumaça espiral e as visões fantasmagóricas?

- Bom, eh, nós também temos essas coisas, Sr. Prescott - disse Hubert. - Certo, querida?

- Adivinhação Avançada. Segundo semestre. Duzentas libras a taxa de laboratório - replicou Delacroix de forma mecânica.
- Cobre as bolas de cristal - disse Hubert escondendo os lábios atrás da mão erguida. - Essas coisas não são baratas. Mandamos fazer especialmente na China. Cristal autêntico e tudo mais. Claro que os alunos levam para casa ao final do ano escolar. São uma espécie de lembrança.
- Acho que mencionou Levitação antes! - disse Prescott, andando para fora da sala de aula. Sua comitiva prosseguiu rapidamente, correndo e desenrolando mais cabos elétricos.
- Certamente, sim. Um elemento básico das artes mágicas - respondeu Hubert, seguindo Prescott através do corredor e para o interior de outra sala de aula. - Combinamos esta aula com Prestidigitação Básica. Sim, bem aqui.
Zane estava no centro da sala de aula com uma varinha na mão. Uma dúzia de outros estudantes estava sentada ao longo da parede, observando com assombro enquanto busto de Godrico Gryffindor flutuava e balançava pela sala de aula, aparentemente aos comandos da varinha agitada por Zane. Houve um suspiro de assombro por parte da equipe de Prescott. O cinegrafista se agachou lentamente, ampliando o *zoom* sobre a ação.
- Ahá! - disse Prescott com excitação. - Magia autêntica! Realizada por crianças!
- Tal como prometi - disse Hubert orgulhosamente. - O Sr. Walker aqui está entre os melhores da sua classe. Sr. Walter, a propósito, em qual ano você está?
-No primeiro, senhor - disse Zane, sorrindo felizmente.
- Habilidade excelente, rapaz - replicou Hubert. - Porque não tenta um giro?
Os estudantes aplaudiram educadamente quando o busto se ergueu e lentamente girou no ar. Então, de repente, desabou, caindo sobre um colchão que fora

colocado ao centro do piso.
- Oh, que pena, Sr. Walker. Chegou perto. - repreendeu Hubert.
- Não foi minha culpa! - chorou Zane. - Foram meus assistentes! Teddy, seu idiota, você puxou quando devia erguer! Quantas vezes tenho que explicar?
- Ei! - contestou Ted, saindo ruidosamente de um armário na parte traseira da sala de aula. Ele segurava um punhado de fios na mão, os quais serpenteavam até uma série de roldanas amarradas do teto ao armário. - Você quer vir aqui atrás e fazer esses controles funcionarem na escuridão? Hein? Além disso, Noé é quem teve a culpa. Foi lento com a roldana de cruz.
Do fundo do armário uma voz gritou com raiva.
O quê? Acabou! Quero estar no palco na próxima vez! Já estou cansado deste papel de “assistente”! Quero usar o chapéu!
- Ninguém está de chapéu, Noé! - disse Zane, revirando os olhos.
- Bem, *alguém* tem que pôr o chapéu! - gritou Noé, seu rosto apareceu na porta do armário. - Como alguém vai saber quem é o mago e quem é o assistente?
- Rapazes, rapazes - apaziguou Hubert, erguendo as mãos. - Só temos um chapéu por sala de aula, e a Srta. Morganstern está utilizando para praticar o truque do coelho.
Sr. Prescott, Sr. Finney, gostariam de ver o truque do coelho?
- Oh, sim - disse Finney alegremente.
- Não! - gritou Prescott.
Tábita Corsica abriu caminho aos empurrões para frente do grupo de estudantes aglomerados na porta. Seu rosto estava vermelho de fúria.
- Sr. Prescott - começou. - Você…
Hubert se virou lentamente para encarar Tábita.
- Este não é o melhor momento para autógrafos, Srta. Corsica.

- Eu não estou aqui para lhe pedir um autógrafo, "*reitor*"... - cuspiu Tábita, erguendo o braço para apontar para Hubert. Havia um pequeno bloco de anotações e uma caneta em suas mãos. Ela parou no meio da frase, olhando fixamente os dois objetos. A capa do bloco era rosa e tinha a palavra *autógrafos* escrita em branco nela.
- Haverá tempo suficiente mais tarde para esse tipo de coisas, Srta. Corsica. Mas tenho a certeza que o Sr. Prescott se sente lisonjeado pelo seu, eh, interesse.
- Reitor Hubert? - interveio Petra, aproximando-se com um chapéu preto de copa que estava colocado sobre uma mesa ridiculamente brilhante. - Acho que há algo errado com o Sr. Wiffles. Os coelhos normalmente ficam deitados de costas assim?
- Agora não, Srta. Morganstern - disse Hubert, acenando com a mão com desdém. - Sr. Prescott, acha que você vai gostar de ver nosso truque de cortar ao meio?
Mas Prescott fora embora, passando a pernadas junto à subitamente silenciosa Tábita Corsica e descendo corredor abaixo. A equipe se apressou aos esbarrões, com dificuldades em alcançá-lo enquanto ele enfiava a cabeça em cada sala. No fim do corredor, lançou um grito abafado de triunfo e indicou à sua equipe que se juntassem a ele na sala de aula mais distante.
- Aqui! - gritou Prescott, gesticulando freneticamente com seu braço direito. A equipe entrou no aposento, seguidos pelos estudantes curiosos, que estavam começando a sorrir. - Bem na frente de seus olhos! Um *professor fantasma*! Assegure-se de obter uma boa filmagem disso, Vince! Prova da vida após a morte!
Dessa vez não houve nenhum suspiro de surpresa. Vince se aproximou, focalizando cuidadosamente com uma mão.
- Ah, sim. Professor Binns - disse Hubert alegremente. - Diga olá a estas amáveis pessoas.
O professor Binns piscou como uma coruja e percorreu a

multidão com o olhar.
Saudações - disse com sua voz fina e distante.
- É apenas uma projeção na fumaça - anunciou Vince, o cinegrafista.
- Bem - disse Hubert, ficando um pouco na defensiva. - Não era para ser visto tão de perto. Normalmente os estudantes estão muito longe dele. Cria uma agradável sensação de mistério e de sobrenatural, na realidade.
Ralf era um dos estudantes sentados na sala de aula. Ele se dirigiu ao cinegrafista com uma nota de aborrecimento.
- Você está arruinando o efeito, sabe? Não tem que chegar e estragar para todo mundo.
- Saudações - disse Binns de novo, olhando para a multidão.
- Impossível! - gritou Prescott furiosamente, avançando até frente da sala de aula. - É um fantasma! Eu sei que é!
- É uma projeção, Martin - disse Vince, baixando a câmera. - Já vi isso antes. Nem sequer é muito boa. Você pode ouvir o projetor funcionando. Está logo ali, debaixo da mesa. E você vê aqui? Uma máquina de gelo seco. Faz a fumaça.
Finney pigarreou junto à porta.
- Isso está cada vez mais embaraçoso, Sr. Prescott.
- Saudações - disse o professor Binns.
Prescott virou furioso. Obviamente estava se enrolando demais.
- Não! - gritou. - Tudo isso é uma montagem! É culpa *dele*! Você está tentando enganar a todos! - ele apontou para Hubert.
- Bem, isso é o que fazemos aqui - disse Hubert, sorrindo educadamente. - Estamos no negócio dos truques. Embora preferimos o termo “ilusão”, se não se importa.
- É maaaaagia - disse Delacroix de repente, de forma um pouco estúpida. Ela mostrou um sorriso horripilante.
- Sei o que todos vocês estão tentando fazer aqui - disse

Prescott, ainda apontando para Hubert, e depois para McGonagall e até Sacarhina e Recreant, que agitavam as cabeças vigorosamente. - Vocês estão tentando me fazer passar por louco! Bem, meu público me conhece melhor que isso, assim como meus parceiros. Vocês não podem esconder tudo! O que aconteceu com as escadas móveis? Ou os gigantes? Hum? Ou...? - Prescott se deteve, com o dedo ainda no meio do ar. Seus olhos se desfocaram por um instante, e depois riu maliciosamente. - Já sei exatamente o que eu preciso. Justamente o que preciso, de fato. Vince, Eddie, e o resto de vocês, venham comigo.

Hubert seguiu-os enquanto a equipe tropeçava e empurrava através da multidão de estudantes.

- Aonde você vai, Sr. Prescott? Eu sou o seu guia, no caso de você não se lembrar. Eu lhe mostrarei qualquer coisa que desejar.

- Sim? - disse Prescott, voltando a se virar para Hubert. Os estudantes curiosos afastaram-se deixando caminho para ele e sua equipe, de forma que Prescott se virou para olhá-los, de um lado a outro. - Você me mostraria... - ele fez uma pausa dramática e ergueu a cabeça. - a Garagem?

- A... - começou Hubert. Ele pestanejou, e depois olhou de soslaio para a professora McGonagall.

De repente, James sentiu a mão de Harry se apertar sobre seu ombro. Algo corria mau.

- A Garagem? - repetiu Hubert, como se não estivesse familiarizado com a palavra.

O sorriso de Prescott cresceu de forma predatória.

- Ahá! Vocês não estavam preparados para isso, certo? Sim, dei uma longa olhada pelos arredores enquanto todos estavam tão ocupados esta manhã. Andei aqui e ali e obtive uma maravilhosa visão do conjunto! Há uma Garagem - disse, virando-se para a câmera. - que penetra o tecido do espaço e do tempo, criando um portal mágico entre este lugar e outro a milhares de

quilômetros de distância! América, se me permite ser tão audaz para escolher! Vi ela pessoalmente. Olhei dentro da estrutura e cheirei o ar desse lugar distante. Vi o amanhecer dessa terra, enquanto o sol aqui estava alto, acima do horizonte. Não havia truque, nem ilusão. Esta gente quer nos fazer acreditar que são meros ilusionistas, enquanto eu mantenho, já que testemunhei com os meus próprios olhos, que são mestres numa forma de magia que é pura e simplesmente sobrenatural. Agora vou provar! - Com um floreio, Prescott deu a volta e afastou-se marchando, partindo para o saguão de entrada.

Harry se colocou ao lado de Hubert, mas ele não pôde captar a sua atenção.

- Sr. Prescott! - gritava Hubert sobre o som da agora agitada multidão. - Realmente devo insistir que me permita… Sr. Prescott! Isto é altamente irregular!

Prescott conduziu a sua equipe pelo saguão de entrada e cruzando o pátio. A multidão de estudantes aumentara consideravelmente, e o ruído de seu passo se tornara muito alto. Todo mundo já tinha visto o exterior da Garagem de Alma Aleron, mas muito poucos estiveram dentro ou visto o que ela alojava. O balbucio de preocupação e curiosidade era um rugido surdo.

- Isso pode ser ruim, James - disse Harry, mantendo a voz abaixo do nível de ruído da multidão.

- O que podemos fazer?

Harry somente sacudiu a sua cabeça, observando Prescott dobrar o canto, guiando o grupo até um conjunto de barracas que se erguiam ao lado do lago. Ele deu a volta, enquadrado contra as paredes de lona. Sua equipe se colocou em posição, baixando o microfone de longo alcance até ele e ajustando grandes guarda-chuvas brancos para refletir a luz do sol sobre seu rosto sombreado. Prescott se virou ligeiramente, mostrando o seu melhor perfil à câmera enquanto Vince se agachava lentamente, focalizando. Foi, James teve que admitir, um

momento muito dramático.
Senhoras e senhores - começou Prescott, alçando a sua voz natural de orador. - Minha equipe e eu, e todos vocês, fomos vítimas de um elaborado engano. Esta não é uma simples escola de jogos de mãos e truques de cartas. Não. Eu testemunhei dentro destas paredes magias verdadeiras das mais surpreendentes e arrepiantes variedades. Vi fantasmas e testemunhei autênticas levitações. Observei como aparecem portas magicamente no que antes foram paredes de rocha sólida. Vi bestas e gigantes que assustam a mente. Hoje, fomos tratados como tontos, fraudados por um grupo de bruxos e bruxas... sim, pessoas realmente mágicas... que pensam que podem nos enganar com truques baratos. Mas agora revelarei a verdade sobre este lugar. Por trás desta lona há uma estranha forma de magia que irá lhes comover e os surpreenderá. Quando a verdade for revelada, o Sr. Rodolfo Finney, detetive da Polícia Especial Britânica, irá querer fazer uma investigação em grande escala neste estabelecimento, com a ajuda das agências policiais de toda Europa. Após hoje, senhoras e senhores, nossas vidas nunca voltarão a serem as mesmas. Após hoje, estaremos vivendo num mundo onde saberemos, sem dúvida alguma, que as bruxas e os bruxos são reais, e que eles caminham entre nós.
Prescott fez uma pausa, deixando que a suas palavras ressoassem sobre a surpreendida multidão. Então se virou para a zona onde McGonagall, Hubert, Sacarhina e Recreant estavam reunidos. Finney permanecia perto da diretora, franzindo ligeiramente a testa, com os olhos abertos.
- Sr. Hubert - chamou Prescott - Você abriria estas portas para nós? Esta é sua última oportunidade de fazer a coisa certa.
A expressão de Hubert era grave. Olhava muito diretamente para Prescott.
- Devo avisá-lo contra esta linha de ação, Sr. Prescott.

- Você abre ou eu abro.
- Arruinará tudo, senhor - disse Hubert. Junto a ele, Delacroix estava sorrindo de forma ainda mais maníaca.
- Não arruinarei mais que o seu segredo, Sr. Hubert. O mundo deve saber o que há por trás dessas portas de lona.
Hubert parecia petrificado. Pareceu que ele não iria fazê-lo. E então, adiantou-se, abaixando a cabeça. Ouviu-se um longo suspiro coletivo da multidão. Prescott se colocou a um lado, olhando de maneira triunfante para a câmera enquanto abria. Hubert se aproximou da barraca e parou na frente dela. Suspirou profundamente, e depois estendeu a mão para cima, retirando as tiras de lona presas com um nó que sustentavam o amplo cortinado da porta da barraca fechada. Ele virou a cabeça para olhar Prescott. Após uma terrível pausa, puxou. O nó desfez-se e as lonas abriram-se, desenrolando-se como bandeiras, bofeteando os lados da ampla abertura da tenda. A multidão ofegou e, em seguida, produziu-se um longo e perplexo silêncio.
James aproximou-se. Imediatamente percebeu o que era. O interior da barraca estava um tanto escuro, mas ele pôde ver que os veículos voadores tinham desaparecido. A maior parte do interior da barraca estava escurecida por uma forma longa e oblíqua. Umas poucas pessoas perto da frente da multidão começaram a rir, e depois, uma onda de gargalhadas percorreu a multidão.
- Bem, terminou tudo - disse Hubert, ainda olhando para Prescott. - Arruinou o segredo. E isto pretendia ser nosso grande final. Devo dizer, senhor, que você não é, em absoluto, divertido. - Hubert finalmente deu um passo para trás, retirando-se do caminho para que a equipe de filmagem pudesse ver diretamente o interior. Pequenas luzes coloridas de Natal cintilavam em seqüência em torno de um grande disco voador de papel pardo. Umas letras negras estavam pintadas a um lado, claramente visíveis entre a cintilação das luzes.

- Odeio ter que dizer isso, Sr. Lupin - disse Hubert, voltando-se para Ted. - Mas você soletrou errada a palavra ‘foguete’. Isso foi terrivelmente embaraçoso.

# - CAPÍTULO 20 -

# A História do Traidor

Mas eu os vi! - dizia Prescott insistentemente, sua voz ficava mais rouca enquanto seguia Vince entre os jipes. - Gigantes! Um deles era tão alto quanto três árvores! Ele deixou pegadas do tamanho de... do tamanho de...! – ele gesticulou desesperadamente com os braços. Ignorando-lhe, Vince guardou sua câmera numa mala revestida com espuma.

- Ficou como um tolo, Sr. Prescott - disse o detetive Finney, limpando seus óculos com sua gravata. - Não piore.

Prescott girou-se para o homem maior, com os olhos descontrolados.

- Você teria que investigar este estabelecimento, detetive! Isso não está certo! Eles enganaram a todos!

- Se eu abrisse alguma investigação, Sr. Prescott - disse Finney suavemente. - seria sobre você e seus métodos. Você tinha autorização para entrar nestes terrenos em primeiro lugar?
- O quê? Você está louco? - alfinetou Prescott. Parou e se recompôs. - É claro. Como já tinha dito, me informaram do que estava acontecendo aqui. Alguém de dentro me conduziu até aqui.
- E comprovou as bases dessa pessoa?
- Bem - disse Prescott. - o sapo de chocolate era muito convincente. Na realidade não...
- Perdoe. Você disse “sapo de chocolate”? - perguntou Finney, cerrando os olhos.
- Eu... eh, bom. A questão é, que sim, minha fonte estava bastante segura de que algo estranho estava acontecendo aqui.
- Que aqui, de fato, ensinavam magia?
- Sim. Eh, não! Não truques! Magia autêntica! Com monstros e gigantes e... e...
portas que se desvanecem e carros voadores!
- E o sapo de chocolate confirmou tudo isso, certo?
Prescott abriu a boca para responder, e depois se deteve. Endireitou-se a toda estatura, furioso e indignado.
- Está zombando de mim.
- Você está tornando difícil que eu não o faça, senhor. Você estaria disposto a me deixar falar com essa sua fonte?
Prescott pareceu animar-se.
- Sim! De fato, farei isso! Combinei com a Srta. Sacarhina para que ele viesse também. Será justo... - ele olhou em volta, enrugando a testa.
- Você combinou com a Srta. Sacarhina? - perguntou Finney, olhando para os degraus da parte alta do pátio. Grande parte do corpo docente da escola, juntamente com um bom número de estudantes, estava assistindo com interesse como o grupo recolhia trabalhosamente

seu equipamento. Nem a Srta. Sacarhina nem o Sr. Recreant estavam à vista. - Ela conhece esta sua fonte, então?
- Conhece, certamente - disse Prescott, ainda olhando para multidão. - Onde ele está?
- Ele veio com a sua equipe? - perguntou Finney, olhando ao redor. - Não lembro de ter reconhecido.
- Estava ali. Um cara calado e excêntrico. Ele tem um tique nervoso na sobrancelha direita.
- Ah, ele - Finney assentiu a cabeça. - Imaginei que ele fosse um pouco estranho. Gostaria muito de ter umas palavras com ele.
- Eu também - concordou Prescott toscamente.
No alto dos degraus, o Sr. Hubert tinha-se virado para a diretora McGonagall, Neville, e Harry Potter.
- Creio que podemos confiar que nossos amigos arrumem a partida deles a partir daqui. Sra. Diretora, acho que nós temos uns poucos assuntos pendentes para nos ocupar?
McGonagall assentiu, depois se virou e conduziu o grupo para dentro. Harry sorriu para James.
- Venha conosco, James. Ralf e Zane, vocês também.
Tem certeza? - perguntou Ralf, olhando a diretora enquanto esta percorria o corredor a passo largo.
- O Sr. Hubert pediu especificamente que vocês três nos acompanhassem - respondeu Harry.
- É bom ter amigos nas altas esferas, hein? - disse Zane alegremente.
- Bem - disse a diretora enquanto entravam no silêncio vazio do Salão Principal. - correu tão bem como podia se esperar, embora o Sr. Ambrósio tenha se excedido um pouco com seu Encantamento Amoroso. O Sr. Finney *insistiu* que me juntasse a ele para jantar na próxima vez que eu for para Londres.
- Uma oferta que creio, deveria aceitar, madame - replicou Merlim, tirando os gigantes óculos de moldura tartaruga e sacudindo o cabelo para soltar o rabo de

cavalo do “Sr. Hubert”. - Enfeiticei-o com o encantamento mais ligeiro possível. Como eu poderia adivinhar que o detetive Finney teria uma atração natural pelas mulheres altas, fortes e belas?
- Que desaforo - respondeu McGonagall. - acho que você está caçoando, senhor...
James falou:
- Mas como você sabia da Garagem, Merlim? Pensei, com toda certeza, que estávamos perdidos!
Merlim olhou por cima do ombro.
- Não sabia da Garagem, James Potter. Isso estava além do conhecimento das árvores, ao contrário do veículo Anglia e Madame Delacroix. A improvisação, no entanto, sempre foi um dos meus maiores talentos.
- Mas como levou o Foguetim até lá? - perguntou Ralf. - Isso foi absolutamente brilhante!
- As árvores sabiam *disso*, no entanto, igualmente, eu sabia - replicou Merlim. - Foi simplesmente questão de incentivar uma mudança de localizações.
Zane sorriu.
- Assim, os carros de Alma Aleron estão naquele velho celeiro no campo?
- Isso fará algum bem a eles, espero - assentiu Merlim.
O grupo avançou determinadamente pelo Salão Principal e subiu os degraus do estrado. McGonagall abriu uma porta na parede do fundo e conduziu aos outros para uma grande antecâmara com chão de pedra e uma chaminé escura. Sacarhina e Recreant estavam ali, sentados junto a uma terceira pessoa que James não reconheceu.
- Isso é uma atrocidade, diretora - disse Recreant, saltando sobre seus pés. - Em primeiro lugar, traz esta... *pessoa* que usurpa a nossa autoridade, e depois tem a ousadia de nos submeter a uma Azaração *Trava-Língua*!
- Cale a boca, Trenton - disse Sacarhina, revirando os olhos. Recreant piscou, ferido, mas fechou sua boca. Ele olhou de Sacarhina para a diretora.

- Sábio conselho, se é que alguma vez ouvi algum - concordou Harry, se adiantando. - E suspeito que o Ministro, de fato, será informado disso.
Não fizemos nada de errado, Sr. Potter, você sabe. - disse Sacarhina, olhando as unhas indolentemente. - Sr. Ambrósio, aparentemente, você assegurou o segredo do mundo mágico. Tudo deu certo.
Harry assentiu com a cabeça.
- Alegro-me de que você se sinta assim, Brenda, ainda que eu ache interessante você já conhecer o verdadeiro nome do "Sr. Hubert". Sem dúvida não haverá nenhum vínculo que possa se provar e que conecte você com ele, e com a desafortunada Madame Delacroix. Contudo, o que está acontecendo com seu amigo aqui?
Toda a atenção se dirigiu ao homem sentado na cadeira entre Sacarhina e Recreant. Era pequeno, gorducho, com cabelo negro e fino e um tique na sobrancelha esquerda. Ele encolheu-se perante o olhar de todos os ocupantes da sala.
Ralf, que foi o último a entrar, abriu caminho aos empurrões entre Merlim e o professor Longbottom, com a testa franzida pelo desconcerto.
- Papai? - disse, franzindo a testa. O que *você* está fazendo aqui?
O homem fez uma careta miserável e cobriu o rosto com as mãos. Merlim olhou Ralf, com o longo e pedregoso rosto taciturno. Ele colocou uma mão sobre o ombro do garoto.
- Este homem diz que seu nome é Dênis Deedle. Receio que você o reconhece.
- O que ele *está* fazendo aqui? - perguntou Neville.
- Penso que o seu papel nesta trama é muito evidente - replicou a diretora, suspirando. - É o responsável de conduzir o Sr. Prescott até nós.
- O quê? - disse Ralf, disparando para McGonagall. - Por que está dizendo isso? É terrível!
- Ele veio com a equipe do Sr. Prescott - disse Harry

tranqüilamente. - Estava tentando passar despercebido. Talvez o preocupasse que você lhe reconhecesse, Ralf. Depois, quando tudo acabasse, já não importaria, é claro. Mas de qualquer forma, as coisas não ocorreram como ele esperava.
- Isso é ridículo - insistiu Ralf. - Papai é um trouxa! Assinou o contrato de confidencialidade trouxa, certo? Ele não faria isso, mesmo se pudesse! Não sei o que ele está fazendo aqui, mas não é o que todos pensam!
Merlim ainda tinha sua mão no ombro de Ralf. Deu-lhe umas palmadinhas lentamente.
- Talvez então deveria perguntar para ele você mesmo, Sr. Deedle.
Ralf ergueu os olhos para o enorme bruxo, com seu rosto tenso de raiva e trepidação. Olhou para o resto dos ocupantes do aposento, um a um, terminando em seu pai.
- Certo, então. Papai, por que você está aqui?
Dênis Deedle ainda tinha as mãos sobre o rosto. Durante vários segundos, não se moveu. Finalmente, respirou profundamente e se recostou, deixando cair as mãos. Ele olhou Ralf por um longo momento, e depois para todos os que compunham a assembléia.
- De acordo. Sim, - disse, tendo-se recomposto. - eu contei ao Prescott. Enviei-lhe o sapo de chocolate e o videogame portátil. Tinha o utilizado para me comunicar com alguém na escola, alguém que utilizou o nome de Austramaddux. Tendo feito isso, eu sabia que Prescott poderia localizar a escola com o seu GPS.
O rosto de Ralf estava congelado entre a descrença e a miséria.
- Mas por que, papai? Por que você fez algo assim?
- Oh, Ralf. Sinto muito. Sei que isso parece ruim para você - disse Dênis. - Mas tudo é muito... muito complicado. O programa de Prescott, *Enfoque Interior*, oferece dinheiro por uma prova do sobrenatural. Bem, as coisas não vão muito bem, filho. Tenho procurado

trabalho desde que fui demitido, mas tem sido difícil. Precisávamos do dinheiro. Achei que o sapo de chocolate seria suficiente. Juro! Mas Prescott queria mais. Sabia que tinha que lhe mostrar algo realmente surpreendente assim que... - interrompeu-se, olhando nervosamente ao redor outra vez.
- Mas você nunca viu o dinheiro - disse Merlim com sua voz baixa e retumbante. - E essa não era a questão principal, não é?
As sobrancelhas de Dênis trabalhavam furiosamente quando ergueu o olhar para Merlim, aparentemente lutando com o que devia dizer. Junto a ele, Sacarhina pigarreou de maneira significativa. Dênis olhou-a fixamente, afastando os olhos de Merlim.
- O dinheiro, - disse inseguro. - Prescott disse que o teríamos quando o programa fosse transmitido. Ele prometeu.
- Mas agora não haverá programa - disse Merlim tranqüilamente.
- Você pensou que valeria a pena vender todo o mundo mágico só para nos ajudar a sobreviver um tempo, papai? - disse Ralf, sua voz não era acusadora, senão verdadeiramente inquisitiva. O coração de James se quebrou ao ouvir o desapontamento na voz do amigo.
- Não, filho! - respondeu Dênis, mas depois afastou o olhar. - Não achei que fosse ameaçar todo o mundo mágico. Quero dizer, é só um estúpido programa de TV. Além disso... - ele deteve-se, mastigando as palavras, lutando consigo mesmo.
- Além disso o quê? - perguntou Merlim calmamente.
Dênis voltou a olhar para Merlim, com o rosto tenso, a sobrancelha direita saltando.
- Além disso, o que o mundo mágico tem feito por mim? – expeliu, para depois cobrir o rosto com as mãos novamente. Tomou uma respiração profunda e trêmula. - Deixar-me sozinho, isso é o que tem feito. Deslocado e abandonado, como uma espécie de... Uma espécie de

mutante sem valor! Despojado do meu nome e minha família, abandonado por meus próprios pais porque não era como eles! Fui até mesmo proibido de voltar a me comunicar com eles. Eles disseram que seria adotado no mundo trouxa, ao qual eu pertencia. Eles disseram que seria feliz ali. Suponho que eu mostrei a eles, não é? Não queriam que eu arruinasse a sua reputação no mundo mágico. Bem, por que eu deveria me preocupar pelo segredo do mundo mágico?
O rosto de Ralf era uma máscara de infeliz consternação.
- Do que você está falando, papai? Você não é um bruxo. O vovô e a vovó morreram antes que eu nascesse. Você surpreendeu-se tanto quanto eu quando chegou a carta de Hogwarts.
Dênis tentou sorrir para o filho.
- Quase tinha esquecido meu próprio passado, Ralf. Tinha passado tanto tempo, e eu tinha tentado tão arduamente enterrá-lo. Sou um aborto, filho. Seus avôs e seu tio eram bruxas e bruxos, mas eu não nasci com seus poderes. Criaram-me durante tanto tempo quanto possível, mas eles odiavam minha natureza. Quando tinha idade suficiente e ficou claro que eu não tinha nenhuma habilidade mágica, não puderam suportar isso. Ocultaram-me do resto do mundo mágico. Eu era seu asqueroso segredo. Mas eles não podiam me ocultar para sempre. Finalmente, quando fiz doze anos, me enviaram para longe. Fui para um orfanato trouxa, sob a pretensão de que meus pais tinham morrido num acidente. Fizeram-me jurar que nunca lhes mencionaria e nunca tentaria lhes procurar. Minha mãe estava... estava triste. Ela chorava e escondia o rosto. Mas meu pai foi duro. Ela não pôde lhe convencer. Ele contratou os serviços de um condutor trouxa que nos levou para o orfanato. Minha mãe ficou no carro enquanto meu pai me levava para dentro. Ela tentou me abraçar, me dizer adeus, mas meu pai não deixou. Ele disse que seria o

melhor para ambos. Efetuou modificações de memória nos trabalhadores do orfanato. Ele os fez acreditar que o Estado tinha me deixado lá depois da morte de meus pais. Eles me deram uma cama e um conjunto de roupas, e então meu pai se foi. Nunca voltei a vê-los.
Os olhos de Dênis Deedle não tinham abandonado ainda o rosto do filho quando Merlim falou.
- Você sofreu muito, Sr. Deedle. Acredito que Deedle não é seu verdadeiro sobrenome, certo?
- Não. Meu pai inventou para mim - disse Dênis brandamente. - Eu o odeio.
- Qual é o seu sobrenome, senhor?
- Dolohov - respondeu o pai de Ralf, com voz cada vez mais distante, quase morta. - Meu nome é Dêniston Gilles Dolohov. Filho de Maximillion e Whilhelmina Dolohov. Meio irmão mais novo de Antônio.
Houve um momento de gelado silêncio e, em seguida, McGonagall falou.
- Sr. Dolohov, compreende que pelo que fez poderia ser enviado para Azkaban?
Dênis piscou, como se saindo de um transe.
- O quê? Não, não, claro que não. Prometeram a mim que nada do que eu faria seria contra a lei.
Sacarhina tossiu ligeiramente.
Talvez, Sr. Deedle, preferiria evitar responder mais perguntas até que seu representante legal esteja presente.
- Por quê? - disse Dênis, olhando-a alarmado. - Estou envolvido em algum problema? Você disse...
- Seria para o seu bem, senhor - interrompeu Sacarhina.
- Você disse que estava fazendo um favor ao mundo! - exclamou Dênis, pondo-se em pé. Olhou para Harry. - Ela me prometeu que cuidariam de mim, mesmo se Prescott e seu pessoal não entregassem o dinheiro! Você disse que isto era mais importante do que dinheiro! Quando os ajudei...
- *Sente-se*, Sr. Deedle! - disse Sacarhina, com a voz

hostil.
- Não me chame assim! Odeio esse nome! - Dênis retrocedeu para longe dela, voltando a olhar para Harry. - Eles me disseram que estava tudo bem que eu falasse com Prescott! Eu lhes contei o que estava pensando em fazer. Eu sabia que tinha que comprová-lo com o Ministério. Eles disseram que o contrato que eu tinha assinado não era vinculativo porque eu não era um trouxa. E abandonei o mundo mágico antes de ser velho o suficiente para assinar o Voto do Sigilo Mágico, assim eu não estava violando nenhuma lei. Ela prometeu-me que estava tudo bem! Ela disse que era pelo bem de todos e que eu seria um herói!
- Srta. Sacarhina, - disse Harry, puxando a varinha, mas sem brandi-la completamente. - o que você tem a dizer em resposta às acusações deste homem?
- Não tenho absolutamente nada a dizer - replicou ela tranqüila. - Ele está claramente maluco. Ninguém vai acreditar em uma palavra de tal pessoa.
- Sr. Recreant? - disse Harry, virando-se para o homem estupefato. - Você concorda com a avaliação da Srta. Sacarhina?
Os olhos de Recreant moviam-se como moscas, voando de cá para lá entre Sacarhina e Harry.
- Eu... - começou, e depois baixou os olhos e a voz. - Gostaria de ter a oportunidade de discutir isto longe da Srta. Sacarhina.
- Sr. Recreant, como sua superior, lhe proíbo...
- Você não proibirá nada, madame - disse Neville severamente, sacando sua própria varinha de sua veste.
- Em nome da imunidade diplomática, devo insistir... - começou Sacarhina, mas deteve-se quando Harry apontou a varinha para ela.
- Em nome do Ministério de Magia e do Departamento de Aurores - disse. - coloco-a, Srta. Brenda Sacarhina, sob custódia por tentativa de violação da seção dois do Código Internacional dos Segredos Mágicos e por roubo

de propriedade do Ministério da Magia.
Sacarhina tentou sorrir, mas foi uma tentativa relativamente fraca.
- Você não pode provar nada, Sr. Potter. Este é um jogo estúpido e perigoso o qual você está jogando. Só advertirei uma vez que se retire.
Você deveria ter pensado duas vezes antes de conspirar com as pessoas que a menosprezam, Srta. Sacarhina - disse Merlim, sorrindo com pesar. - Eu tive uma agradável e esclarecedora conversa com Madame Delacroix quando a encontrei na floresta. Ela tinha muito a dizer sobre você, receio, e pouco disso poderia se considerar lisonjeiro.
Neville estava dirigindo o Sr. Recreant para fora da sala, com a diretora seguindo-
o. Harry gesticulou com sua varinha.
- Vamos, Srta. Sacarhina. Tito Hardcastle a espera para escoltá-la de volta ao Ministério, e a paciência não é uma de suas melhores caraterísticas.
O rosto de Sacarhina empalideceu quando compreendeu que não tinha outra opção senão a rendição. Sem dúvida ela tinha uma defesa muito bem preparada, pensou James enquanto a via sair da sala com seu pai. Pessoas como ela sempre tinham várias formas de cobrir suas pistas. Ainda assim, a coisa não parecia ir bem para Brenda Sacarhina. Quando a porta que conduzia ao Salão Principal se abriu, James viu Tito Hardcastle sorrindo alegremente, com sua varinha apontando cuidadosamente para o chão.
James ficou sozinho com Merlim, Zane, Ralf e Dênis Dolohov. Dênis olhou para seu filho e, em seguida, tocou o seu ombro.
- Sinto muito, Ralf. Realmente. Eu estava... confuso.
- Você deveria ter me contado, papai - disse Ralf, deixando cair os olhos.
Dênis assentiu.
Após um momento, lançou o olhar para Merlim.

- Serei enviado para a prisão mágica? - perguntou, tentando manter a voz firme. - Eu... irei pacificamente, suponho.
- De alguma maneira suspeito que não, Sr. Dolohov - disse Merlim, virando-se para conduzir o grupo para fora da antecâmara. Ele abriu a porta que conduzia ao Salão Principal. - Mas suas ações resultaram em um dilema. Aparentemente, a segurança desta escola, por mais forte que possa ser, não está preparada para enfrentar a moderna tecnologia trouxa. Talvez você tenha alguma idéia sobre como melhorá-la?
Dênis franziu a testa.
- O que você sugere? Vocês querem minha *ajuda*?
Merlim encolheu os ombros.
- Simplesmente admito uma coincidência bastante curiosa. Você precisa de um trabalho e nós de uma revisão do nosso programa de segurança. Como bruxo que convenientemente há de ser um perito em tecnologia trouxa, você parece excepcionalmente qualificado para servir nesta finalidade.
Dênis sorriu com alívio.
- Pensarei nisso, senhor.
Não estou em posição de fazer nenhuma oferta em nome desta escola, naturalmente - disse Merlim, atravessando o Salão Principal com sua longa e exigente passada. - Mas conheço a diretora. Verei o que posso fazer.
- Então - disse James, seguindo Ralf e Zane até o Salão Principal. - resulta que no final você tem uns sólidos antecedentes mágicos depois de tudo, Ralf, ainda que sejam um bando de cruéis sangues-puros sem coração. Não que isso importe, na realidade, mas isso explica você ser um Sonserino.
- Talvez - disse Ralf em voz baixa. - Isso é muito para que eu entenda num só dia. De qualquer forma, nada daquela magia era minha. Foi o cajado.
Merlim deteve-se perto das escadas, e virou-se lentamente. Olhou para Ralf de forma especulativa.

- Foi você o guardião do meu cajado?
- Sim - respondeu Ralf abatido. - Evitei que matasse alguém, suponho. Mas não o suficiente.
- Não dê ouvidos a ele - disse Zane. - Foi espetacular com ele. Salvou a vida de James uma vez. Também fez crescer um pessegueiro de uma banana! Também queimou uma parte do cabelo da Vitória em D.C.A.T.! Todos pensamos em fazer isso de vez em quando só para calá-la.
Merlim aproximou-se de Ralf. James estava seguro de que o bruxo não carregava o cajado momentos antes, mas quando se agachou até se ajoelhar diante de Ralf, o sustentava na sua mão direita. As runas que o percorriam estavam escuras, mas James lembrou como tinham pulsado com uma luz verde na noite anterior.
- Sr. Deedle... ou eu deveria chamar-lhe de Sr. Dolohov? - disse Merlim.
- Estou acostumado com Deedle - respondeu Ralf, olhando para seu pai. - Não sei se estou pronto para ser um Dolohov ainda. Sinto muito, papai.
Dênis mostrou um pequeno sorriso compreensivo.
- Sr. Deedle então - disse Merlim. - Não é qualquer mago que poderia ter honrado a responsabilidade do cajado. Você deve ter ouvido dizer que a varinha escolhe ao mago, e é verdade. Madame Delacroix achou que você era simplesmente uma simples ferramenta que levaria até ela o cajado, mas estava errada. O cajado escolheu-lhe. Um mago menor teria sido incapaz até mesmo de brandi-lo, menos ainda de usá-lo. Mas você, sem saber, submeteu o cajado ao seu poder. Você não tinha idéia da sua força, e mesmo assim o manejou. Ele lhe obedeceu, e essa é a marca de um mago com um muito, muito elevado potencial. Parte deste cajado pertence-lhe agora, Sr. Deedle. Posso sentir. Eu sabia que uma porção já não era minha, mas não sabia a quem pertencia. Agora eu sei.
Merlim baixou seu cajado, de forma que ficou estendido

sobre seus joelhos. Fechou os olhos e tateou toda a extensão, sua mão mal tocava a madeira. Uma fraca luz verde movia-se no interior das runas, tremeluzindo. Merlim fechou a mão ao redor da parte baixa, no extremo mais pontiagudo do cajado, então, com uma única torção, partiu os últimos trinta centímetros. Ele abriu os olhos de novo, e ofereceu o pedaço de madeira a Ralf.
- Você tem, penso eu, necessidade de uma varinha, Sr. Deedle.
Ralf tomou o pedaço de madeira da mão de Merlim. Quando o fez, a madeira se transformou em sua varinha outra vez, ainda ridiculamente gorda e atarracada, com a ponta pintada de verde limão. Ralf sorriu, girando-a entre suas mãos.
- Eu não esperaria que ela seja tão poderosa como era antes, claro - disse Merlim, colocando seu cajado em pé outra vez e utilizando-o para se levantar novamente. O cajado era notavelmente mais curto agora. - Mas suspeito que ainda será capaz de fazer coisas excepcionais com ela.
- Obrigado - disse Ralf com seriedade.
- Não me agradeça - disse Merlim, alçando uma sobrancelha. - É sua, Sr. Deedle. Você o fez assim.
- Assim o mago dá ao leão covarde sua coragem - disse Zane, sorrindo. - Quando James consegue um pouco de cérebro?
Merlim ergueu sua sobrancelha um pouco mais, olhando de Zane para James.
- Não dê atenção a ele - disse James, sorrindo e conduzindo o grupo para as escadas. - É coisa de trouxa. Não entenderíamos.
- Vamos lá! - gritou Ralf, subindo as escadas às pressas. - Quero mostrar ao Teddy e ao resto dos Malignos que recuperei minha varinha! Tábita Corsica pode *ficar* com a estúpida vassoura dela.
Os três garotos subiram correndo as escadas móveis,

seguidos a passos mais serenos por Merlim e o recém renascido Dênis Dolohov.

- Ele vai ficar bem com aquela coisa? - perguntou Dênis a Merlim, franzindo um pouco a testa.

Merlim simplesmente sorriu e fez ressoar seu cajado contra o chão enquanto subia. Despercebidamente, um raio de faíscas verde limão saiu disparado do extremo, redemoinhando e resplandecendo como vaga-lumes aos seus passos.

# - CAPÍTULO 21 -

# O Presente da Caixa Verde

As últimas semanas do ano escolar passaram diante de James como um borrão, extraordinariamente livres de perigo mortal e de aventuras, mas no entanto envolvidas com o estresse, não muito menor, das tarefas, exames finais e práticas de varinhas, todos os quais foram relativamente bem-vindos após a Travessia dos Titãs. Ninguém ficou muito surpreso que a Lufa-Lufa ganhasse a Taça das Casas, sendo a única casa que tinha evitado as grandes reduções de pontos por estar envolvidas nas diversas atividades da conspiração de Merlim. Somente a travessura da vassoura tinha custado à Corvinal e Grifinória cinqüenta pontos cada uma.

Na manhã do último dia letivo, James estava colocando seus livros e vestes escolares extras no baú quando Noé subiu as escadas como um tufão chamando por ele. - Rony Weasley está na chaminé. Ele quer falar com você.

James sorriu.

- Excelente! Diga que já vou!
- James, cuidado! - gritou tio Rony um minuto mais tarde quando James tropeçou enquanto descia as escadas, ainda dando um nó em sua gravata. - Todo respeitável e tudo mais. Teve um bom ano, não é? James assentiu.
Eu suponho que sim. Certamente serei aprovado, depois de tudo. Passei toda a noite de segunda-feira me preparando para o teste prático de Defesa Contra as Artes das Trevas de Franklyn, depois tive a mais horrível sensação de que tinha esquecido tudo cinco minutos antes do teste.
- Não me refiro às suas obrigações escolares, seu bobão - disse o rosto na fogueira, com um sorriso ladeado. - Seu pai me contou tudo sobre a conspiração Merlim que você descobriu.
- Sim, bem... - disse James timidamente - Foi tudo muito emocionante por um tempo, mas foi estranho. Cinco semanas de tarefas escolares e, de repente, parece como se tudo tivesse acontecido com outra pessoa.
- É assim que funciona - assentiu Rony. - As partes chatas da vida cobrem sua memória e deslocam as partes emocionantes até que delas só restem pequenos *flashes.* É assim que o cérebro se comporta com as coisas, suponho. E falando disso, como vai o Prof. Jackson?
James revirou os olhos.
- Nada pode manter o velho Cara de Pedra fora de cena por muito tempo. Na verdade, ele não ficou ferido no duelo com Delacroix, ainda que sua varinha de reposição não fosse tão poderosa quanto a que foi quebrada por ela. Aparentemente, ela a perseguiu pela floresta por horas e finalmente encurralou-a numa clareira. Disse que a tinha pego, mas ela tinha feito uma armadilha, chamando a suas amigas náiades e dríades para que lutassem junto com ela. As árvores o atacaram por trás, deixando-o inconsciente. Foi assim que ele conseguiu aquela ferida enorme na testa. Mesmo assim, voltou de

novo às aulas um dia depois que Prescott foi embora, e desde então tem jogado fogo em Zane e em mim.
Rony arqueou uma sobrancelha.
- Na realidade não pode culpá-lo, suponho.
- Devolvemos sua mala e pedimos desculpas e tudo. Quero dizer, sei que arruinamos sua luta de toda uma vida para proteger a túnica e impedir o regresso do mago mais perigoso de todos os tempos e tudo isso, mas vamos lá! Merlim provou ser bom. Delacroix foi enviada para os Estados Unidos para ser submetida a julgamento nos tribunais mágicos da América. No final tudo correu bem, não é?
- Tudo o que posso dizer é que se eu fosse ele, desejaria para você aranhas em suas gavetas durante o resto da sua vida - resmungou Rony. - Mas isso seria ruim para *mim*... Minha mente tende a ir por esses cursos.
- Honestamente, tio Rony. Eu queria corrigir as coisas. Gostava do Prof. Jackson no princípio.
- Com o risco de soar como um adulto responsável, James, as ações têm conseqüências. Pedir perdão é ótimo, mas “sinto muito” não é uma palavra mágica. Não só estragou os planos de Jackson, deu uma facada em seu orgulho. Você foi capaz de enganá-lo. Na sua mente, você o fez ficar como um bobo. É difícil que um cara como ele supere algo assim. Francamente, você não pode culpá-lo, não é?
- Acho que não - concordou James mal-humorado. - Pelo menos, ele não nos reprovou em Tecnomancia. Embora por pouco.
- Bom menino. Ainda assim, não vá se complicar muito em suas aulas. Você tem uma reputação a manter.
- Ou a destroçar - zombou a voz de Noé próxima.
- Ouvi isso, Metzker - disse Rony severamente. - É uma orgulhosa tradição Potter passar raspando de ano. Iniciada pelo primeiro James Potter. Também, olha quem fala, Senhor Maligno.
- Obtive boas notas neste ano, em geral - disse Noé com

exatidão.
Rony sorriu novamente.
- Graças a sua amiga Petra, sem dúvida. Ela é para vocês Malignos o que Hermione foi para Harry e para mim. Espera. Sua tia gostaria de cumprimentá-lo, James.
O rosto entre as brasas perdeu-se de vista. Um momento depois, o sorriso agradável e o cabelo perpetuamente encrespado de Hermione tomaram forma.
- James, você está muito bonito - disse com orgulho. - Não dê ouvidos ao seu tio. Ele estudava muitíssimo e preocupava-se tanto com suas notas quanto o restante.
- Isso não é verdade! - gritou uma voz amortecida desde as profundezas da lareira.
Hermione fez uma careta.
- Bom, *quase* quanto - reconheceu. - De qualquer maneira, sua mãe e seu pai ficarão muito orgulhosos de você, igual seu tio e eu. Oh, mal posso acreditar como o tempo passa depressa. Parece como se ainda ontem estivéssemos aí - suspirou, olhando ao redor da sala comunal. - Parece quase exatamente igual. Teremos que ter tempo para uma visita no próximo ano. Vai ser agradável ver de novo esse velho lugar. - Mesmo entre as brasas, os olhos de tia Hermione brilhavam um pouco. Piscou, e depois voltou a olhar para James. - A propósito, James, Rony tem falado com seu pai, você sabe, e os dois queriam perguntar uma coisa a você. Eu acreditei, contudo, que seria melhor que alguém que não fosse um deles começasse o assunto, francamente, os dois ficaram tão estúpidos a respeito que poderiam influenciar a sua resposta.
- O que foi? - perguntou James ajoelhando-se em frente à chaminé.
- Não se ajoelhe - repreendeu Hermione automaticamente. - Você irá sujar as calças de cinzas. É sobre a diretora. Ela está planejando se aposentar, você sabia?
James não sabia.

- Sério? Mas... o que ela fará então?
Hermione dirigiu-lhe um olhar que dizia que acabava de se lembrar quantos anos ele tinha.
Minerva McGonagall tem toda uma vida fora das paredes de Hogwarts, James, por mais que custe a você acreditar. Inclusive, fiquei sabendo, ela aceitou a proposta do Sr. Finney para jantar em Londres.
- Sério? - uivou James.
- Sério? - interveio Noé quase simultaneamente do sofá, levantando o olhar de seu livro. Hermione revirou os olhos.
- Foi um encontro estritamente profissional, posso lhes assegurar. Efetuou algumas pequenas alterações na memória do Sr. Finney, na realidade não fez esquecer sua visita, mas a alterou. Tudo foi parte da agenda do Sr. Dolohov para "limpar", como ele o chama, o registro de segurança da escola... Contudo - acrescentou Hermione, baixando um pouco a voz, - ela falou muito bem do Sr. Finney. Seria muito agradável pensar que ela possa encontrar um, eh, *companheiro*. Afinal...
- Hermione! - A voz de Rony surgiu de novo das profundezas da chaminé.
- Em todo o caso - disse Hermione, ficando séria. - Sim, a diretora planeja se aposentar, talvez até mesmo neste verão, considerando que encontre um substituto adequado. O mais provável é que continue ensinando Transfiguração e ajudando o novo diretor, quem quer que seja ele ou ela. Alguns tinham sugerido Neville Longbottom, mas o Ministro considera ele muito jovem para ocupar o cargo, o que é singelamente estúpido, mas os políticos ainda são tão...
- Merlim! - exclamou James - Vocês estão pensando em pedir que ele seja o novo diretor!
Um grito de alegre triunfo emanou das profundezas da chaminé. Hermione franziu a testa.
- Podem me deixar fora disto, muito obrigada. Tudo é idéia de seu pai e de seu tio. Mas posso ver que você

está tão louco quanto eles.
- Mas, como ele pode ser o diretor? - perguntou Noé, pulando para fora do sofá e agachando-se na frente da lareira. - Sinto muito - acrescentou rapidamente. - Não pude evitar ouvir tudo!
- Sério? - replicou Hermione um pouco ironicamente. - Nossa, e eu que tinha acreditado que estava devidamente concentrado no livro texto de Aritmancia. Que tonta eu sou. No entanto, mantenham isso em segredo, os dois. Oh! Mas o que estou dizendo? Rony, melhor você explicar isto. - Suspirou e soprou uma mexa de cabelo afastando-o do seu rosto num gesto que em James evocou suas primeiras lembranças da tia Hermione. Ela dirigiu-lhe um sorriso confuso. - James, tenha uma boa viagem. Nos veremos em uma semana. Rosa e Hugo mandam cumprimentos e pedem que lhes compre alguns docinhos de caldeirão no trem. Bom dia, Noé.

Hermione desapareceu das brasas e o rosto do tio Rony apareceu novamente.

- Excelente idéia, hein? - declarou, olhando de Noé para James entusiasticamente.
Mas, como? - perguntou Noé de novo. - Quero dizer, esse cara era o mago mais potencialmente perigoso da história do planeta há umas semanas, não é? E agora vocês acham que o Ministério vai colocá-lo à frente de um bando de crianças?
- Não sem um monte de supervisão - disse Rony rapidamente. - Obviamente pensamos muito nisso. - É aí que entram McGonagall e Neville. Eles o vigiarão e ajudarão, como uma espécie de conselho de diretores. McGonagall concorda, apesar de que nós tivemos que forçá-la um pouco. Basicamente tinha medo de ela acabar fazendo todo o trabalho, e Merlim obter o crédito. Pode acontecer, também, suponho, mas seu pai e eu não pensamos assim. Merlim parece ser o tipo de homem nascido para mandar, sabem?

- Sim - concordou James. - Mas, mesmo assim, provém de uma época em que mandar significava dizer às pessoas qual guilhotina tinha a cauda mais curta. Não posso imaginar que o Ministério iria concordar em colocá-lo no cargo de Hogwarts.
- Merlim é surpreendentemente rápido aprendendo, James - disse Rony com seriedade. - Tem rondado por todo o Ministério, conhecendo pessoas e tendo grandes e longas discussões sobre a forma como as coisas funcionam atualmente. Ele está aquecendo o panorama, tenho que admitir isso!
- Então por que não o colocam lá fora, em algum lugar? - perguntou Noé. - Quero dizer, o bruxo mais famoso em todo mundo e tudo isso. Qualquer pessoa pensaria que ele estaria na fila para Ministro da Magia, para dizer o mínimo.
Rony riu um pouco maliciosamente.
- Eu suponho que vocês são jovens demais para compreender as conseqüências das palavras “sobre qualificado e inexperiente”. Basicamente, nenhum departamento quer isso. Um cara como Merlim não trabalha bem atrás de uma escrivaninha, para começar. E é provável que qualquer chefe de departamento que o contrate não seria chefe do departamento por muito tempo depois de fazê-lo.
- Você quer dizer que ele assumiria o controle, certo? - confirmou James.
- Assumiria o controle, para dizer o mínimo. Ele é um pouco imprevisível. Claro, provavelmente ele é o bruxo mais poderoso vivo hoje, mas com um oco de mil anos na sua experiência de trabalho. Não importa quão rápido ele se ponha em dia lhes garanto que ele ficaria mal no tapete vermelho no mundo do Ministério. Seu *pai* mal pode suportar isso, James. Pense no que seria enfrentar um cara que pode banir seus inimigos para o mundo dos mortos com um único olhar. A questão é que o Ministério está procurando um lugar “adequado” para colocar o

velho. Algum lugar suficientemente proeminente para um bruxo de seu nível, mas o suficientemente longe para que não seja uma ameaça para ninguém, metaforicamente falando. Ou, talvez *nem* tão metaforicamente falando. Nunca se sabe.
- E daí resulta que Hogwarts está precisando de um novo diretor - disse Noé, sorrindo. E então? - disse Rony, encontrando o sorriso de Noé. - Parece um pouco perfeito demais, não é?
- Mesmo que o Ministério esteja de acordo com isso, você acha que ele aceitará? - perguntou James.
Na lareira, Rony pareceu encolher os ombros.
- Quem pode dizer? Ninguém perguntou ainda. Mas as coisas mais importantes devem ser completadas primeiro - Rony ficou sério e estudou James. - Você o conhece melhor que ninguém, sobrinho. Você estava lá quando ele retornou do passado. Você foi quem falou com ele para que ele voltasse e ajudasse Hogwarts e o mundo mágico. O que você acha? Você acha que poderia ser um bom diretor? Você acha que deveríamos perguntar a ele?
Noé se recostou contra a base do sofá, estudando James e aguardando sua resposta. James sabia que devia pensar nisso, mas já sabia a sua resposta. Merlim era um homem complicado, e não exatamente o que qualquer chamaria de "bom", não no sentido em que fora Alvo Dumbledore, ou mesmo Minerva McGonagall. Mas James sabia algo: Merlim *queria* ser bom. Era difícil dizer se era melhor ter um diretor que fosse bom por natureza, ou um que fosse bom porque tinha que tentar ser assim todos os dias, mas James tinha idade suficiente para saber que se tratava de um risco que valia a pena correr. Além disso, a parte *Maligna* de James sussurrou, "*poderia ser divertido ter um diretor que exile alguém como Tábita Corsica às trevas com apenas um piscar de olhos*".
- Peçam a ele, - disse James, assentindo uma vez,

enfaticamente. - Se o Ministério aceitar, peçam isso a ele. E espero que aceite.
- Uhu! - uivou Noé, lançando suas mãos no ar.
- Mantenham isso em segredo por enquanto - disse Rony severamente. - Se uma palavra sobre isso escapar antes que seu pai e Hermione arranjem as coisas no Ministério, poderia estragar tudo. Entenderam?
Noé assentiu. James sorriu em acordo.
- Seu pai recuperou a capa e o mapa, não? - perguntou Rony para James mudando de assunto.
- Sim. E aparentemente vou ser castigado quando voltar. Duas semanas sem a minha vassoura.
Rony estalou a língua.
- Justo quando você estava começando a melhorar muito, pelo que ouvi. Ah, bom. Você sabe que seu pai tem que manter as aparências castigando você e tudo mais, mas ele está orgulhoso de você. Estou lhe falando.
O sorriso de James cresceu e suas bochechas se ruborizaram.
- Não que eu tentaria de novo, veja bem - disse Rony, enquanto seu sorriso se desvanecia. - Uma vez é um fascínio. Se você fizer algo assim de novo, provavelmente Gina decidirá lhe alfabetizar no porão de casa. Estou lhe dizendo, sua mãe não é alguém que se possa trapacear, James.
Depois, naquela tarde, James encontrou-se com Zane e Ralf do lado de fora da escola enquanto os Alma Alerons reuniam-se para embarcarem. Enquanto observavam, os três veículos voadores foram conduzidos para fora da Garagem e depois, a Garagem foi desarmada e colocada dentro do porta-malas do Dodge Hornet.
- Há algo profundo e místico em tudo isso, mas não consigo entender - disse Zane com ponderação.
- O quê? Numa Garagem do tamanho de uma casa sendo embalada em poucos minutos?
- Não. Na forma como o Prof. Franklyn se torna mais e mais popular entre as garotas quanto mais sua partida

se aproxima.
Era verdade. Franklyn era muito popular entre as damas, desde as mais velhas até as meninas mais jovens, que riam estupidamente quando ele passava do seu lado, tocando gentilmente cada uma na cabeça. As únicas mulheres sobre as que não parecia ter efeito eram a diretora e Vitória, que afirmava achar que ele era um velho charlatão presunçoso. Ted explicara que uma das vantagens de ser velho era ser livre para flertar com qualquer garota, porque nenhuma delas o levava suficientemente a sério para se sentir ofendida.
Zane achou isso extremamente instrutivo.
- Quando for velho, vou flertar assim - disse melancolicamente.
- Ele nem sequer flerta - disse James, entrecerrando os olhos. - Ele apenas sorri para elas e age de forma tímida, como sempre.
- Aquilo só demonstra que você *sabe* como flertar.
Ralf revirou os olhos.
- Estou surpreso que você não esteja tomando notas.
- Ele deveria se oferecer para dar uma aula - disse Zane seriamente, observando Franklyn se inclinar e beijar a mão de Petra Morganstern como despedida. Petra sorriu e olhou para ele de soslaio, ruborizando-se um pouco. Quando Franklyn se endireitou, ela se inclinou para frente e deu-lhe um beijo recatado na bochecha.
- Senhoras e Senhores de Hogwarts - disse Franklyn, virando para se dirigir à multidão. - Foi um grande prazer para nós lhes servir neste ano. Foi, como eu sabia que seria, um ano notavelmente instrutivo para todos nós. Consolidamos a nossa disposição de trabalhar com a comunidade mágica européia para manter a justiça e igualdade em todo o mundo, não apenas para o mundo mágico, mas para toda a humanidade - ele esquadrinhou a multidão, sorrindo e, em seguida, tirou seus óculos e suspirou. - Estamos, eu suspeito, no início de tempos desafiadores. Sopram ventos de mudança. Em ambos os

lados do oceano enfrentamos forças que sacudirão os alicerces da nossa cultura. Mas nós nos tornamos amigos, vocês e nós, e permaneceremos unidos, não importa o que possa vir. Eu estive por aqui muito tempo, e posso dizer com algum grau de confiança que essa mudança *sempre* esteve no ar. O desafio para os homens bons não está em impedir a mudança, mas em moldar o futuro, para que possa beneficiar, em vez de destruir. Após este ano, estou indubitavelmente confiante de que poderemos ter êxito neste embate.

Houve uma rodada de aplausos, apesar de James a senti-la um pouco superficial. Nem todos naquela multidão concordavam com Franklyn, e nem todos pelos mesmos motivos. Ainda assim, foi um bom discurso, e James alegrava-se de que Franklyn o tivesse feito. Enquanto a multidão ainda estava ovacionando, Franklyn subiu no Fusca, saudando uma vez mais da porta aberta.

Alguém deu um tapainha em James no ombro. James virou e depois teve que olhar para cima. O professor Jackson estava em pé atrás dele. Alto e vestido de preto, Jackson parecia mais imponente que nunca. Olhava para baixo com o nariz erguido e as densas sobrancelhas baixas.

- Pensei que você poderia querer conservar isso - disse Jackson. James percebeu que o homem segurava uma pequena caixa de madeira. Jackson observou-a, sustentada entre suas mãos e depois entregou ao James.

- Foi encontrada nos aposentos de Madame Delacroix. Acho que pertence a você mais do que a ninguém. Disponha dela de acordo com suas necessidades.

James segurou a caixa, que era surpreendentemente leve. Era de uma estranha cor esverdeada, coberta de profundas talhas decorativas. Ele lembrou-se das trepadeiras da porta da Fortaleza da Gruta. Levantou o olhar para perguntar ao professor Jackson o que era, mas o homem já cruzava a passo largo o pátio para o Stutz Dragonfly. Ele parou quando chegou ao veículo e

depois virou, levantando uma mão para a assembléia, com seu rosto de pedra, como dizia seu apelido. A multidão aclamou, uma ovação muito mais longa e duradoura que a que Franklyn tinha recebido. Surpreendentemente, Jackson tinha-se tornado o favorito de Hogwarts, não tanto por sua fama de carrancudo, mas por causa de sua conduta.
Uma vez que Jackson estava a bordo do veículo, o resto do grupo embarcou rapidamente. Os delegados de capas cinzas do Departamento Americano de Administração Mágica tinham chegado de Londres um dia antes para se reunirem com seus colegas para a viagem de volta aos Estados Unidos. Eles adentraram os veículos, fazendo gestos de despedida com a cabeça para o grupo. Os últimos foram os motoristas, que acomodaram o enorme monte de malas nos bagageiros, aparentemente sem fundo, dos veículos, e depois subiram nos assentos dianteiros para dirigir.
As asas despregaram-se dos veículos suavemente, com delicadeza, e começaram a açoitar o ar. O Dodge Hornet decolou. Com um rangido de molas e um chiar de metal, levantou-se no ar, girando lentamente. O Stutz Dragonfly e o Fusca Volkswagen seguiram-lhe, o baixo zumbido de suas asas sacudiu o ar, fazendo ondular a grama do pátio. Depois, com graça e velocidade súbitas, flutuaram, levantando-se, com a frente inclinada para o chão. Em menos de um minuto o ruído de sua partida tinha-se perdido entre as últimas rajadas de vento que sopravam ao longo das colinas.
Ralf, Zane, e James esparramaram-se sobre um banco perto da entrada do pátio.
- O que há na caixa que Jackson lhe deu? - perguntou Ralf, estudando-a curiosamente.
- Se eu fosse você, nem sequer abriria - advertiu Zane - Você lembra o que ele disse sobre fazer nossas vidas “interessantes”? É o tipo de cara que espera até o momento de partir para obter a vingança sobre você.

Assim, ele não está por perto quando o problema começa - Zane golpeou com um dedo o lado da sua cabeça, sabiamente.
James franziu a testa e sacudiu a cabeça lentamente. Estudou a caixa que repousava no seu colo. Tinha um trinco metálico na parte da frente que mantinha a tampa fechada. Sem dizer nada, girou o trinco e ergueu a tampa. Zane e Ralf inclinaramse para frente, esticando seus pescoços para ver. O interior da caixa estava forrado com um veludo roxo. Havia um objeto dentro, situado sobre um pedaço de pergaminho dobrado.
- Não entendo - disse Ralf, voltando a recostar-se. - É um boneco.
James pegou e sustentou-o no alto. Certamente, era uma pequena figura, toscamente fabricada de tecido e barbante, com botões desiguais como olhos.
Zane deu uma olhada com rosto sério.
- É... é você, James.
Efetivamente. A figura tinha uma notável semelhança. O fio preto da cabeça fazia uma boa representação do cabelo revolto de James. Inclusive a forma da cabeça, a linha da boca costurada, e a colocação dos olhos de botão formavam um pavoroso retrato.
James estremeceu.
- É um boneco vodu - disse. Ele lembrou do bilhete dentro da caixa. Os três garotos inclinaram-se para lê-lo quando James o desenrolou.

*Senhor Potter,*

*Certamente você reconhecerá este objeto. Não houve tempo neste ano no plano de estudos de Tecnomancia para discutir a antiga arte das Representações Harmônicas, mas suspeito que você compreende o que significa. Isto foi encontrado nos aposentos de Madame Delacroix. Após uma breve discussão entre a diretora e os*

*retratos de Severo Snape e Alvo Dumbledore – os quais, você deveria saber, são muito interessados em você – foi decidido que você poderia se beneficiar em saber como Madame Delacroix utilizou este objeto contra você. Na realidade, a elegância da sua manipulação é bastante impressionante. Este boneco estava colocado ao lado da figura, muito maior, do seu pai, Harry Potter. Do outro lado havia uma vela. Parece evidente que ela mantinha a vela acesa o tempo todo. Fica claro que, o resultado, Sr. Potter, era que o seu boneco sempre estava na sombra da figura de seu pai.*
*Há sempre um grão de verdade nas manipulações da arte vodu. Delacroix sabia que você lutaria legitimamente com as expectativas do seu lendário pai. A lição que deve aprender disto, Sr. Potter, é que as emoções não são más, mas devem ser examinadas. Conhece-te a si mesmo. Os sentimentos sempre parecem válidos, mas podem nos confundir. E podem, como você viu, ser utilizados contra nós mesmos. Repito, como seu professor e homem mais velho que você, conheça os seus sentimentos. Domine-os ou o eles dominarão você.*

*Teodoro Hirshall Jackson*

- Opa! - suspirou Ralf. - Não a chamávamos “a rainha do vodu” por nada!
Zane perguntou.
- O que você vai fazer com ele, James? Quero dizer, se você o destruir, você será destruído de alguma forma?
James encarou a pequena e pouco atraente caricatura de si mesmo.
- Creio que não - respondeu pensativamente. - Não acho que Jackson tivesse me dado isso nesse caso. Acho que

ele só quis que lembrasse o que aconteceu. E tentar assegurar-se de que nunca aconteça novamente.
- E? - repetiu Zane - O que você vai fazer com isso?
James se levantou, enfiando o boneco no bolso da sua calça.
- Não sei. Acho que o guardarei. Pelo menos durante um tempo.
Com isso, os três garotos vagaram sem rumo para a escola, decididos a fazer o mínimo possível no seu último dia de aula.
Mais tarde naquela noite, incapaz de dormir pela emoção da partida do dia seguinte, James saiu da cama. Deslizou escadas abaixo para a sala comunal, com a esperança de que alguém mais pudesse estar acordado para um jogo de xadrez de bruxo ou até mesmo de Arranques e Brocas. Pelo brilho das brasas, a sala parecia estar vazia. Enquanto dava a volta para sair, algo atrapalhou a visão de James e ele observou de novo. O fantasma de Cedrico Diggory estava sentado perto do fogo. Sua forma prateada ainda era transparente, mas notavelmente mais sólida que a última vez que ele o tinha visto.
Eu estava tentando pensar num nome para mim - disse Cedrico, sorrindo quando James se lançou sobre um sofá próximo.
- Você já tem um nome, não é? - respondeu James.
- Bem, não um nome fantasmagórico apropriado. Não como “Nick Quase Sem Cabeça” ou “Barão Sangrento”. Preciso de algo com estilo.
James considerou.
- Que tal “O Caçador de Trouxas Irritantes”?
- É um pouco longo.
- Bem, você pode melhorá-lo?
- Eu estava pensando... é melhor você não rir - disse o fantasma, lançando a James um olhar severo. - Estava pensando em algo como “O Espectro do Silêncio”.
- Hum - respondeu James cuidadosamente. - Mas você

não é silencioso. De fato, você parece muito melhor agora. Sua voz já não soa como se vinda do Grande Além.
- Sim - concordou Cedrico. - estou um pouco mais... aqui, de certa forma. Agora, sou tão fantasmagórico quanto o resto dos fantasmas da escola. Ainda que eu estive em silêncio durante muito tempo, não?
- Suponho que sim. Mas mesmo assim, com um nome como “O Espectro do Silêncio” - disse James sem convicção - será difícil combinar se você vai andar por aí conversando com as pessoas o tempo todo.
- Talvez eu poderia me mostrar meditando e calado um bom tempo - refletiu Cedrico. - Simplesmente flutuaria por aí parecendo mal-humorado e outras coisas assim. E então, quando passarem do meu lado, as pessoas sussurram entre elas, “Ei, lá vai ele! O Espectro do Silêncio!”.
James encolheu os ombros.
- Vale a pena tentar. Suponho que você tem todo o verão para praticar a melancolia silenciosa.
- Suponho que sim.
James endireitou-se repentinamente.
- Então, você acha que vai ser o novo fantasma da Grifinória? - perguntou. - Quero dizer, como Nick Quase Sem Cabeça se foi para... onde quer que vão os fantasmas, nossa Casa não tem mais fantasma.
Cedrico pensou um momento.
- Na realidade, eu acho que não. Sinto muito. Eu era um lufano, lembra?
James se entortou novamente.
- Sim. Esqueci.
Passaram uns minutos e então, Cedrico falou de novo.
- Foi algo ótimo o que você fez, sair e chamar Merlim para que regressasse e nos ajudasse quando ele parecia ter ido para sempre.
James levantou a cabeça e olhou para o fantasma. Ele franziu a testa um pouco.

- Isso? Bem, na realidade foi só um golpe de sorte. Foi minha culpa que Merlim fosse trazido para este tempo. Eu achava que estava fazendo um grande favor ao mundo, interpondo-me no caminho do malvado plano de Delacroix e Jackson. E resultou que ela me usou o tempo todo e que Jackson era na realidade um bom homem.
- E daí?! - argumentou Cedrico. - Você aprendeu algo, então, não aprendeu?
- Eu não sei - disse James automaticamente. Pensou durante um momento e depois acrescentou: - Sim, acho que sim.
- Em algum aspecto você e seu pai são iguais, James - disse Cedrico.
James riu um pouco sem humor.
- Não vejo como. Tudo o que eu aprendi é que minha maneira de fazer as coisas não é como a do papai. Se tento fazer da maneira dele, tudo dá errado. Se tento fazer da minha maneira, poderia até ajudar, se as coisas se solucionarem por pura sorte. O caminho do meu pai foi ser um herói. Meu caminho é o caminho do gerente. Meu melhor talento é pedir ajuda.
- Não, James - disse Cedrico, inclinando-se para frente para olhar James diretamente nos olhos. - seu melhor talento é inspirar as pessoas que *queiram* ajudar. Você acha que isso não é importante? O mundo precisa de pessoas como você, porque a maioria das pessoas lá fora não tem a coragem ou a paixão ou a direção para serem heróis. *Querem* ser, mas precisam de alguém para dizer-lhes *porque*, e lhes mostre *como* fazê-lo. Você tem um dom, James. Seu pai foi um herói porque ele era o menino que sobreviveu. Ele tinha um destino. Não foi um caminho fácil para ele, mas era um caminho *óbvio*. Havia Harry e havia Voldemort. Ele sabia onde estava e o que tinha que fazer, mesmo se isso o matasse. Você, no entanto... é um herói porque escolheu ser isso, todos os dias. E você tem talento para encorajar outros para que escolham também.

James encarou os carvões enegrecidos do fogo.
- Eu não sou um herói.
Cedrico sorriu e se recostou de novo.
- Você pensa isso só porque acha que os heróis sempre ganham. Confie em mim desta vez, James. Um herói não é definido por ganhar. Muitos heróis morrem no esforço. A maioria deles nunca obtém nenhum reconhecimento. Não, um herói é só alguém que faz o correto quando seria muito, muito mais fácil não fazer nada.
James virou-se para olhar o fantasma, com um sorriso torto.
- Talvez devêssemos chamá-lo de “O Espectro da Bobeira”.
- Ha, ha - riu-se o fantasma.
James levantou-se de novo.
- Obrigado, Cedrico. Isso... ajuda.
Cedrico assentiu. James voltou para as escadas, mas deteve-se com o pé no degrau inferior.
- Mas existe algo que ainda me incomoda, Cedrico. Talvez você saiba algo a respeito, sendo um fantasma e tudo mais.
- Talvez. Diga.
- A dríade da floresta disse que existe um herdeiro de Voldemort. Ela disse que essa pessoa estava viva e muito perto, aqui nos terrenos da escola.
Cedrico assentiu lentamente.
- Eu estava lá quando você contou para o Snape.
- Bem, quem quer que seja, acho que foi quem pegou o videogame portátil de Ralf e usou o nome de Austramaddux. Se não fosse por isso, nada disso teria acontecido.
Quem quer que seja tem que ter trabalhado com a Srta. Sacarhina desde o princípio.
Cedrico desviou o olhar para longe, olhando através de uma janela próxima.
- Você acha que sabe quem é?
- Tábita Corsica - disse James redondamente. - Eu achei

que poderia ser ela depois de falar com Snape e *ainda* continuo pensando que pode ser ela. Certo, a vassoura dela não era o cajado de Merlim. No entanto, há algo horripilante na vassoura dela. E *nela*, no todo.
Cedrico se levantou e caminhou através da cadeira, aparentemente sem perceber que o fazia.
- Senti algo, James. Eu admito. Sinto a sensação que Aquele-Que-Não-Deve-SerNomeado está aqui ainda. Que perdura dentro destas paredes. É como um cheiro, como algo rançoso e fétido... e sombrio, de alguma forma. Talvez seja mais sensível para isso que os outros fantasmas. Afinal de contas, ele foi o responsável pela minha morte.
- Sim - disse James tranqüilamente. - Nunca esqueci.
- Mas James, as coisas raramente são tão óbvias como gostaríamos de pensar que são. No mundo real, pelo menos em nossos tempos se não nos de Merlim, o mal tem muitas máscaras, é confuso. Você tem que ter muito cuidado. Às vezes, até mesmo as boas pessoas podem parecer más. Muitos de nós, incluindo o seu pai, cometemos esse erro com o Prof. Snape.
- Como eu - admitiu James, - com o professor Jackson.
Cedrico assentiu.
- Mas eu teria jurado que Tábita estava envolvida em todo o assunto da conspiração de Merlim. Você acha que seja verdadeira a história de Tábita e sua vassoura?
Cedrico observou James durante um longo momento, estudando-o.
- Você nunca imaginou que a vassoura poderia ser exatamente aquilo que ela diz que é?
- O quê? - ofegou James - Um “artefato trouxa”? Isso é só uma artimanha que ela tirou da cartola, não é?
Cedrico encolheu os ombros, mas pareceu mais o encolhimento de ombros de alguém que sabe mais do que tem intenção de dizer.
- As pessoas mais tenebrosas nem sempre são as que se inclinam para o mal, James. Às vezes, a pessoa mais

tenebrosa é a que confunde suas próprias mentiras com a verdade.
James piscou.
- Você quer dizer que… Tábita Corsica *acredita* em todas as coisas que disse no debate? Que Voldemort realmente era um bom rapaz? Que foi espezinhado pelo Ministério e a classe mágica dirigente porque não podiam deixar que ele desafiasse o estado atual? Ela não pode acreditar *realmente* nisso, não?
Cedrico voltou a olhar James, e depois suspirou.
- Honestamente, eu não sei. Mas sei que muitas pessoas acreditam. E ela parece ser muito sincera a esse respeito. Essa vassoura pode ter alguma magia tenebrosa em seu interior, mas isso não é nada comparado com a magia escura que alguém pode convocar se o seu coração é desonesto o suficiente para contorcer uma mentira até tornála algo que acreditam que é verdade.
Enquanto James colocava-se silenciosamente em sua cama, sua mente voava. Nem sequer tinha considerado que Tábita Corsica pudesse acreditar nas coisas que dizia. Ele assumira que ela apoiava a propaganda do Elemento Progressivo porque aceitava e aprovava plenamente os seus objetivos finais malignos. Por um momento, ele sentiu vagamente pena dela. Era terrível pensar que alguém como ela pudesse pensar que estava moralmente certa, e que ele, James Potter, e seu pai, eram os malvados. Era quase impensável, mas não totalmente. Lá fora, a lua estava cheia e brilhante. James adormeceu com os seus raios sobre o rosto, pálidos e frios, e a testa ainda ligeiramente franzida.
No dia seguinte, James, Zane, e Ralf avançavam com o Expresso de Hogwarts para a plataforma nove e três quartos. Os pais de Zane estavam lá, junto com sua irmã menor, Greer, que olhava a gigante locomotiva carmesim com assoberbado assombro. Em pé, perto deles, James avistou sua mãe e seu pai encorajando Alvo e Lílian para

que fossem com eles. Ele sorriu e acenou. Parecia como se tivesse passado apenas uma semana desde que ele os tinha visto do trem enquanto este se afastava da estação, levando-o junto com a incerteza de seu primeiro ano em Hogwarts. Agora estava em casa de novo. Hogwarts era maravilhosa, pensou consigo mesmo, mas estava feliz de voltar para casa depois de tudo. No próximo ano estaria acompanhado de Alvo no trem, levando seu irmão para *seu* primeiro ano. Ele importunaria Alvo interminavelmente sobre qual Casa pertenceria. De fato, esse seria o seu projeto de verão. Mas não se preocupava a esse respeito. Mesmo que Alvo não fosse um Grifinório iria gostar dele. James sabia que se Alvo fosse enviado para outra Casa que não fosse a sua se sentiria, inclusive, um pouco ciumento. Mas só um pouco.

Quando se uniu à fila para sair do trem, James acabou atrás de Ted. Percebeu que Ted estava segurando a mão de Vitória.

- Você irá causar um montão de problemas, sabe? - disse James, sorrindo.

- É uma tarefa difícil, ser tão controverso - disse Ted humildemente. - mas todos temos nossos problemas para suportar.

- Meus pais não devem nos verr juntos - ordenou Vitória.

- Teddy Lupin, não estragueê tudo. Você sabe que não aprovarríam. Mantenha sua boca fechada. Você tambê, James.

- O sotaque dela é muito mais proeminente quando fica mandona, né? - perguntou Ted para James.

James sorriu. Era verdade.

Ele parou na porta aberta do trem, olhando para a plataforma. Através da multidão de estudantes que regressavam, os barulhentos porteiros e os gritos dos familiares, viu Zane atolado no mútuo abraço de sua bela mãe loira e alta, e seu orgulhoso pai. Sua irmã foi absorvida para o abraço, aparentemente contra a sua

vontade, feliz de ver de novo seu irmão, mas ainda fascinada pelo trem carmesim. Ralf encontrou-se com seu pai na plataforma com um abraço um tanto sóbrio, ambos sorriam um pouco timidamente. Ralf jogou um olhar para trás e James o saudou.
- Papai diz que passaremos o verão em Londres! Poderei ir visitar você!
- Excelente! - gritou James felizmente em resposta.
E então, enquanto descia, James viu a sua própria família procurando-o. Naquele momento antes que o tivessem avistado, James saboreou sua própria felicidade. Estava, sem dúvida, em casa. Correu para eles, apalpando o bolso de sua calça para ter certeza de que o pequeno boneco de Madame Delacroix estava ali ainda. Provavelmente não significava nada, mas não doía ser precavido. Não fazia nenhum dano em absoluto.
- James! - gritou Alvo, que o viu primeiro – Você nos trouxe algo? Você prometeu!
- O que eu sou? O Papai Noel? - respondeu James, rindo enquanto Alvo e Lilian quase o derrubavam.
- Você prometeu! Você nos prometeu varinhas de alcaçuz do carrinho!
- E bolos de caldeirão para Rosa e Hugo - acrescentou Harry, sorrindo.
- Opa, as notícias voam. Certo! Eu trouxe coisas para todos! - admitiu James. Esvaziou os bolsos, enchendo as mãos de Alvo e Lilian de guloseimas. Pegou o boneco vodu no final e todos olharam um pouco intrigados.
- O que diabos é isso, James? - disse Gina, abraçando-o e depois estudando o objeto nas mãos do seu filho. - Ele parece... bem, você!
O rosto de James rompeu-se num sorriso.
- É para você, mamãe. Pensei que você gostaria de guardá-lo para quando eu for à escola no próximo ano. Sabe, para você se lembrar de mim.
Gina olhou-o com curiosidade, e depois jogou um olhar para Harry. Ele encolheu os ombros e sorriu.

- Bem, é um pouco estranho, mas bem - disse ela, pegando o boneco. - Se eu abraçá-lo, você sentirá?

James encolheu os ombros, demonstrando desinteresse enquanto a família começava a abrir caminho para o terminal principal.

- Eu não sei. Tanto faz. É... você sabe, suponho que vale a pena tentar.

Gina assentiu, sorrindo e lançando um olhar para Harry. Ela faria uma tentativa.

***FIM***

## Prezado Leitor,

Muitíssimo obrigado por ter cedido algum tempo para ler este conto. Para mim é infinitamente surpreendente que o que começou como um pequeno exercício de escrita para eu mesmo, minha família e alguns amigos, já tenha se tornado quase um fenômeno mundial.

A última vez que chequei, mais de um quarto de milhão de pessoas tinham lido James Potter e a Travessia dos Titãs, e esse número está aumentando a cada dia. Na última recontagem, havia seis traduções em andamento, feitas espontaneamente pelos leitores. Disseram-me que essa quantidade de leitores é bastante incomum no mundo das *fan fictions* (um termo que eu nem sequer tinha conhecimento quando comecei esta história), assim me sinto honrado por sua generosa atenção.

Dizem que a pessoa mais criativa é a que melhor esconde suas fontes. No entanto, no caso desta história, a fonte de inspiração é tão descaradamente evidente que pensei em citar algumas outras que contribuíram com esta história. Primeiro e acima de tudo, supostamente, esta história não existiria sem os mundos e personagens extraordinariamente elaboradas pela senhora J.K. Rowling. Conheço alguns leitores deste livro que, de fato, não leram nenhum dos relatos originais de Harry Potter (pelo menos, meus pais) e lhes encorajo fervorosamente que leiam esses livros em primeiro lugar. Enfim, além da senhora Rowling, esta história está profundamente influenciada por outros dois autores ingleses.

Os leitores de C.S. Lewis reconhecerão grande parte do personagem e a história geral de Merlino Ambrósio. Em muitos sentidos, o Merlim da minha história é uma revisão do fascinante livro do Sr. Lewis, *Aquela Força*

*Medonha*, que é o terceiro livro de sua *Trilogia Espacial*. Eu li que a senhora Rowling encontrou inspiração para suas histórias no clássico do Sr. Lewis, *As Crônicas de Nárnia*, de maneira que pensei ser procedente incluir em JPTT elementos de outra das suas maravilhosas histórias.

Como tem sido apontado por membros do fórum oficial de JPTT, também encontrei fonte de inspiração nas agradáveis histórias da série *Discworld*, do senhor Terry Pratchett. A ele particularmente, temos que agradecer o conceito geral da Tecnomancia (mesmo que ele faça muito melhor). Também "peguei emprestado", com o devido respeito, alguns dos nomes de seus personagens. Para os amantes da fantasia e o humor inteligente, faltam-me as palavras para recomendar o sublime trabalho do senhor Pratchett como se merece.

Sinto-me bastante indulgente, mesmo só por citá-lo, mas tenho recebido milhares de mensagens de correio eletrônico e comentários no fórum, fazendo todas elas a mesma pergunta: **Terá uma continuação?** Como qualquer leitor pode ver, o final desta história deixa algumas questões importantes para responder: Merlim concorda em ser o novo diretor? Como ficam James, Harry, Ted e os outros, e a nefasta história familiar de Ralph? O que acontece com o Elemento Progressivo e seu plano para ressuscitar a memória e os objetivos de "Lord Tom Riddle"? E o mais importante, quem é o misterioso descendente de Voldemort, e como esta pessoa se tornou tal?

Refleti profundamente sobre esta questão e escrevi um blog bastante longo a respeito disso no fórum de JPTT, mas a resposta curta é sim, pretendo escrever uma seqüência, ainda que não uma série completa de sete livros de James Potter. Há muitos argumentos na

contramão de escrever uma seqüência, um dos mais importantes é que é muito difícil encontrar tempo para escrever um romance que não pode, pela sua concepção, obter qualquer compensação econômica. Por esse motivo, decidi que meu próximo livro será totalmente uma criação original, que publicarei, - se for possível e digno disso -, com fins lucrativos. Depois disso, me concentrarei de novo no mundo de James, Zane, Ralph, Tábita e os outros para um segundo livro de James Potter.

**Finalmente, alguns agradecimentos:**

Agradeço à senhora Rowling por entreter tão intensamente a todos, que a muitos inspirou a pôr a caneta no papel por nossa conta.

Agradeço minha esposa e filhos, que foram o primeiro público desta história e quem me animaram para que pusesse a disposição de todos vocês.

Agradeço ao Mugglenet.com por rejeitar esta história três vezes. Se não tivesse acontecido assim, muito provavelmente eu não teria criado o site que conquistou tanta atenção a este conto.

Agradeço a todos os meus novos amigos do Fórum “Grotto Keep”. Seu estímulo e constante crítica construtiva fizeram esta história muito mais poderosa no final do que o foi num princípio.

Agradeço à Kaldi's Coffeehouse, Kirkwood, MO, onde escrevi a maior parte deste relato. Cada vez que Zane desfrutava de uma fumegante bebida matinal, sei que estava pensando em vocês.

*G. Norman Lippert*
*St. Louis, Missouri*
*27 - Dezembro - 2007*

*George Norman Lippert começou desenhando e escrevendo histórias por diversão aos três anos (ou, pelo menos, diz sua mãe) e só recentemente descobriu que algumas pessoas realmente lhe pagariam para fazer essas coisas. A sua esposa gostaria muito que algum dia pagassem George também por escrever, assim ao menos poderiam arrumar sua desmoronada casa e evitariam que o escritório de George caísse num gigantesco escoadouro de Missouri.*

*De qualquer forma, George tem intenção de continuar escrevendo histórias por diversão.*

*Enquanto seu escritório continuar sobre terra firme.*

*George vive com sua esposa e dois filhos em St. Louis. Missouri.*

## Considerações dos Tradutores

Gostaríamos de iniciar agradecendo ao autor, que concedeu a esta equipe o direito de tradução e divulgação de sua obra. Sintetizamos que por ser uma obra sem fim lucrativo, a sua tradução também seguiu esta diretriz. Nenhuma outra equipe possui o direito de tradução da obra para a língua portuguesa. Também aproveitamos para parabenizar *George Norman Lippert* pelo excelente exemplar.

A organização considerou colocar todos que aceitaram contribuir conosco aqui. No entanto, houve traduções indignas de se parabenizar. Entendemos que em muitos casos as pessoas agiram de boa fé, pretendendo ajudar de alguma forma, no entanto, na incapacidade de deduzir quem o fez, e quem apenas quis atrapalhar, decidimos excluir destes créditos os responsáveis por traduções duvidosas. Desta forma pedimos humildemente que os bem intencionados que foram privados de receber os merecidos créditos por conta de pessoas mal intencionadas, nos perdoem.

Esclarecida a exclusividade do direito de tradução para esta equipe e a decisão de excluir alguns nomes do grupo de tradutores, partimos para os créditos:

Primeiramente ao **Sr. Ronald Bautista**, venezuelano, nosso muito obrigado por estabelecer contato com G. Norman Lippert, conquistando o direito de tradução para esta equipe. Também devemos agradecer por sua incansável colaboração nas traduções e por fazer parte da organização.

Agradecemos aos **Srs. Raul Nogueira** e **Igor Alves (Kiko[1])** que estiveram à frente da .mafia dos livros. colaborando de todas as formas possíveis para a

realização deste trabalho, sendo responsáveis inclusive por traduções e correções.

Aos **Srs. Felipe Teixeira** (que traduziu os nomes e termos específicos e foi o leitor final do livro) e **Josüel Muniz (Josh Baconi)**, que forneceram todo o apoio da Armada Tradutora. Neste caso devemos reconhecer o empenho e dedicação de Josh, que trabalhou excepcionalmente, também ajudando nas traduções e adaptações sem nunca desistir. Apesar das várias dificuldades, nossos agradecimentos.

A **Srta. Lílian Coelho** e a **Srta. Débora Cristina** (a qual também foi leitora final do livro) são, também, dignas de nossos agradecimentos por sua valiosa colaboração corrigindo capítulos.

Agradecemos também por mais essa prova de superação, esperamos que essa equipe LLL, Divisão Luso-Brasileira: *ML-AT-HI-PN-LLL © 2008** permaneça unida para outras traduções, permitindo assim, que outras histórias sejam levadas a todos os países de língua portuguesa.

Agradecemos as ofensas recebidas de algumas pessoas que não nomearemos aqui, pois elas nos permitiram bons risos...

Sem dúvida está concluído um trabalho do qual devemos nos orgulhar, uma prova de que unidos, povos irmãos, de línguas irmãs, podem se ajudar realizando um belíssimo trabalho de equipe.

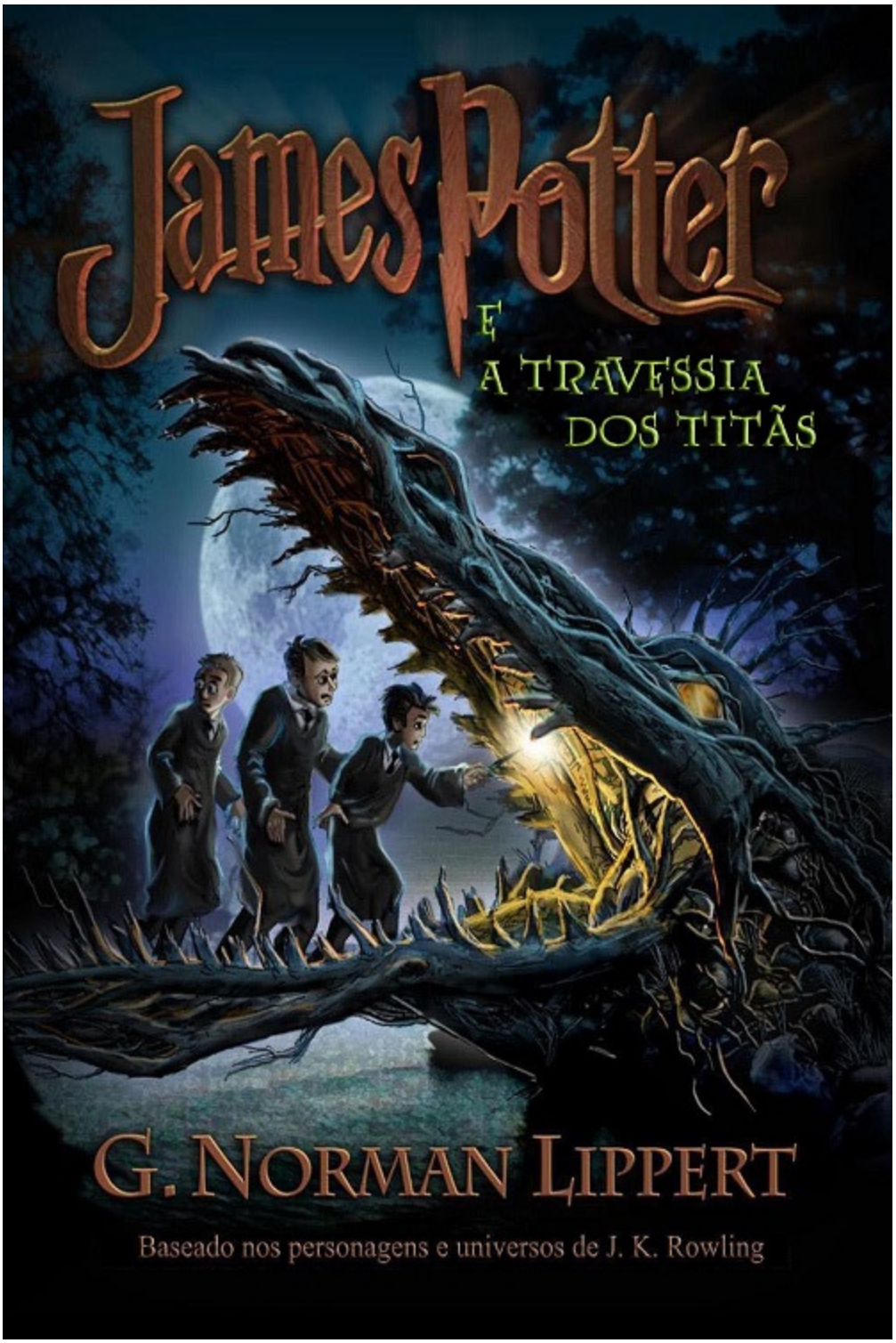
Finalizo com os mais belos votos a todos os colaboradores.

Em nome da organização,

# Kiko[1] . mafia dos livros .

* . mafia dos livros . / Armada Tradutora / HP Imagens / PotterNews / LLL

**Formatação/Conversão ePub: feita por**:
Reliquia
**Traduzido para o português por:** LLL


James Potter
E
A TRAVESSIA
DOS TITÃS
G. NORMAN LIPPERT
Baseado nos personagens e universos de J. K. Rowling